



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

RENAN KOIS GUIMARÃES

**HISTÓRIA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO BRASILEIRA:
A MULTIPLICIDADE TEMÁTICA COMO GUIA HISTORIOGRÁFICO**

Londrina
2024

RENAN KOIS GUIMARÃES

**HISTÓRIA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO BRASILEIRA:
A MULTIPLICIDADE TEMÁTICA COMO GUIA HISTORIOGRÁFICO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Análise do Comportamento.

Área de concentração: Análise do Comportamento

Orientadora: Profa. Dra. Camila Muchon de Melo

Coorientador: Prof. Dr. Bruno Angelo Strapasson

Londrina
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

G963h Guimarães, Renan Kois.

História da Análise do Comportamento brasileira : a multiplicidade temática como guia historiográfico / Renan Kois Guimarães. - Londrina, 2024.

386 f. : il.

Orientador: Camila Muchon de Melo. Coorientador: Bruno Angelo Strapasson.

Tese (Doutorado em Análise do Comportamento) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, 2024.

Inclui bibliografia.

1. Guia temático - Tese. 2. Historiografia - Tese. 3. História da Análise do Comportamento no Brasil - Tese. I. Melo, Camila Muchon de. II. Strapasson, Bruno Angelo. III. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento. IV. Título.

CDU 159.9

RENAN KOIS GUIMARÃES

**HISTÓRIA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO BRASILEIRA:
A MULTIPLICIDADE TEMÁTICA COMO GUIA HISTORIOGRÁFICO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Análise do Comportamento.

Área de concentração: Análise do Comportamento

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Camila Muchon de Melo
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Rodrigo Lopes Miranda
Universidade Católica Dom Bosco - UCDB

Prof. Dr. Robson Nascimento da Cruz
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Profa. Dra. Nádia Kienen
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Henrique Mesquita Pompermaier
Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM

Londrina, 13 de setembro de 2024

Agradecimentos

Nomear a importância de diferentes pessoas que participaram da construção de uma tese abre espaço para esquecimentos, mas este também é um espaço em que se pode criar memórias. Certamente muitas pessoas precisariam ser citadas aqui, mas como saber até que ponto da história se deve voltar para começar os agradecimentos a quem fez parte das contingências da construção desta tese?

Começo agradecendo à CAPES, que possibilitou que eu dedicasse tempo e esforços na confecção deste trabalho.

Agradeço também aos amigos, que de forma mais direta ou indireta, perto ou longe, dialogaram, leram, esperaram, riram, apoiaram. Obrigado Isadora, Carlos, Eduardo, Debora, Lucas, Heitor, Jenifer, Andressa, Denisse, Silvio e Thanara.

Um agradecimento especial ao Marcelo, que desde a graduação foi meu ponto de apoio tanto pessoal quanto acadêmico. Obrigado pelas leituras, conversas e paciência.

Em quesitos acadêmicos, agradeço aos membros da banca pela leitura cuidadosa e pelas indicações valiosas. À Nádia, que acompanhou as minhas bancas desde o mestrado, obrigado pelas discussões metodológicas que enriqueceram não somente os trabalhos, mas também o meu repertório de pesquisador. Ao Henrique, que é uma inspiração desde a graduação, obrigado pelas preciosas contribuições filosóficas. Ao Rodrigo, obrigado por todas as contribuições a este trabalho, mas obrigado, sobretudo, pelas contribuições à História da Psicologia, você é uma referência para mim (em vários sentidos). Ao Robson, tive o prazer de ter contato com você desde a graduação, obrigado por todo o carinho e disponibilidade, você tem grande participação no meu interesse por esta área. Por fim, agradeço ao Saulo, a maior de todas as inspirações. Poderia dizer que infelizmente ele não pôde fazer parte da banca de defesa, mas prefiro ser grato por ter tido o prazer da sua participação na qualificação desta tese.

Aos orientadores, agradeço primeiramente à Camila, que aceitou me orientar e deu o apoio e suporte para que eu conseguisse finalizar este trabalho. Obrigado por acreditar que eu podia realizar esta pesquisa. Ao Bruno, agradeço as sugestões, os questionamentos, os caminhos indicados. Você foi fundamental na construção da visão histórica desta tese.

A ilusão de uma vida acadêmica apartada da vida pessoal se esvaiu (ou talvez, deveria ter se esvaído) há muito. Nesse sentido, não posso deixar de agradecer às pessoas mais próximas, e que tiveram muita compreensão com as irritações, com a pressa, com a ausência. Muito obrigado família, Dona Júlia e Seu Renato, Carol e Je, Ju e Matheus, Nanci, Maurílio, Marco, André, Murillo e Cris.

Deixei para o fim a pessoa mais importante de todas. Aqui cometerei os maiores esquecimentos, pois eu precisaria de muito para contemplar tudo que você impactou neste trabalho. Agradeço à Caroline Preste Villa, minha esposa, por toda a paciência e companheirismo. Você é diretamente responsável por uma parte incalculável desta tese, desde os aspectos burocráticos mais banais (como conferir para ver se eu não troquei a letra e pelo a no meu próprio nome); passando por leituras incansáveis, no meio de uma tarde de trabalho, de um texto muitas vezes confuso; por tolerar almoços que muito mais pareciam cafés da tarde. Obrigado por todo o suporte e acolhimento.

GUIMARÃES, Renan Kois. **História da Análise do Comportamento brasileira: A multiplicidade temática como guia historiográfico.** 2024. 386 páginas. Tese (Pós-Graduação em Análise do Comportamento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

Resumo

A compreensão da História da Análise do Comportamento por meio dos objetos investigados é uma proposição dentre diversas outras possibilidades de análise historiográfica. Tendo isso em vista, o objetivo desta tese foi defender a multiplicidade temática como diretriz historiográfica para a Análise do Comportamento. Para tanto, dois capítulos foram formulados. O primeiro deles, de caráter metodológico, apresenta um *Guia Temático* para a produção e leitura de textos históricos analítico-comportamentais, composto por 11 categorias temáticas, sendo elas *História de Pessoas*, *História de Conceitos*, *História de Instituições*, *História de Disciplinas*, *História de Tópicos de Pesquisa*, *História de Eventos*, *História de Processos Sociais*, *História de Métodos*, *História de Aparatos*, *História de Textos* e *História de Debates*. No segundo capítulo, com um caráter mais prático, o *Guia Temático* foi aplicado a uma amostra da literatura, tendo o objetivo de caracterizar a literatura sobre a história da Análise do Comportamento brasileira em diferentes temáticas e discutir as implicações dessa multiplicidade como diretriz historiográfica. Como resultado, uma narrativa é apresentada nesse capítulo, organizada por meio das temáticas delimitadas no capítulo anterior. A análise da historiografia contempla uma diversidade de objetos mencionados, sendo alguns deles investigados de forma mais específica, enquanto outros são apenas citados tangencialmente. As categorias temáticas mais sobressalentes foram *Histórias de Pessoas*, *Histórias de Tópicos de Pesquisa*, *Histórias de Instituições*, *Histórias de Disciplinas* e *Histórias de Métodos*. Das pessoas mais biografadas, ressaltam-se Carolina Marstuscelli Bori, João Cláudio Todorov e Fred Simmons Keller. Além disso, um tema recorrente é a *História de Eventos*, sobretudo direcionado à institucionalização da área na década de 1960, contemplando principalmente o *Curso de Keller em 1961* e o *Plano de Brasília*. A partir dos resultados obtidos, concluiu-se que a multiplicidade temática possibilita uma compreensão mais ampla da história da Análise do Comportamento brasileira.

Palavras-chave: Guia Temático. Historiografia. História da Análise do Comportamento no Brasil.

GUIMARÃES, Renan Kois. **History of Brazilian Behavior Analysis: Thematic multiplicity as a historiographical guideline.** 2024. 386 pages. Thesis (Pós-Graduação em Análise do Comportamento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

Abstract

The understanding of the History of Behavior Analysis through the objects investigated is one proposition among several possibilities for historiographical analysis. Considering this, the objective of this thesis was to advocate for thematic multiplicity as a historiographical guideline for Behavior Analysis. To achieve this, two chapters were developed. The first chapter, methodological in nature, presents a Thematic Guide for the production and reading of historical texts in behavior analysis, comprising 11 thematic categories: History of People, History of Concepts, History of Institutions, History of Disciplines, History of Research Topics, History of Events, History of Social Processes, History of Methods, History of Apparatuses, History of Texts, and History of Debates. In the second chapter, with a more practical approach, the Thematic Guide was applied to a sample of literature, aiming to characterize the literature on the history of Brazilian Behavior Analysis across different themes and to discuss the implications of this multiplicity as a historiographical guideline. As a result, a narrative is presented in this chapter, organized according to the themes outlined in the previous chapter. The historiographical analysis encompasses a diversity of mentioned objects, with some being investigated more specifically, while others are only tangentially cited. The most prominent thematic categories were Histories of People, Histories of Research Topics, Histories of Institutions, Histories of Disciplines, and Histories of Methods. Among the most biographed individuals, Carolina Marstuscelli Bori, João Cláudio Todorov, and Fred Simmons Keller stand out. Additionally, a recurring theme is the History of Events, particularly focused on the institutionalization of the field in the 1960s, mainly covering Keller's Course in 1961 and the Brasília Plan. Based on the results obtained, it was concluded that thematic multiplicity allows for a broader understanding of the history of Brazilian Behavior Analysis.

Key words: Thematic Guide. Historiography. History of Behavior Analysis in Brazil.

Sumário

Apresentação.....	9
Introdução.....	10
Objetivos.....	23
Geral.....	23
Específicos.....	23
Capítulo I: Um Guia Temático para Leitura e Produção de Textos em História da Análise do Comportamento.....	24
Apresentação do Capítulo I.....	25
Um Guia Temático para Leitura e Produção de Textos em História da Análise do Comportamento.....	26
Contextualizando o Guia Temático.....	29
Análise do Comportamento como Escola Psicológica.....	33
História de Pessoas.....	36
História de Conceitos.....	37
História de Instituições.....	39
História de Disciplinas.....	41
História de Tópicos de Pesquisa.....	43
História de Eventos.....	46
História de Processos Sociais.....	46
História de Métodos.....	48
História de Aparatos.....	49
História de Textos.....	50
História de Debates.....	51
Considerações Finais.....	53
Referências.....	55
Capítulo II: Uma História Ampliada da Análise do Comportamento Brasileira.....	73
Apresentação do Capítulo II.....	74
Método.....	75
Natureza das Fontes.....	75
<i>Periódicos Especializados.....</i>	<i>75</i>
<i>Livros.....</i>	<i>75</i>
<i>Outros.....</i>	<i>76</i>
Procedimento.....	76
<i>Etapa 1: Delimitação de Palavras-Chave.....</i>	<i>76</i>
<i>Etapa 2: Definição dos Critérios de Inclusão e Exclusão.....</i>	<i>77</i>
Critérios de Inclusão.....	77
Critérios de Exclusão.....	79
<i>Etapa 3: Busca e Organização das Publicações.....</i>	<i>79</i>
<i>Etapa 4: Seleção das Publicações.....</i>	<i>80</i>
<i>Etapa 5: Análises dos Textos.....</i>	<i>81</i>
Algumas Considerações sobre o Método.....	82
Uma História Ampliada da Análise do Comportamento no Brasil.....	84
Histórias de Pessoas.....	84
<i>Fred Simmons Keller (1899-1996).....</i>	<i>94</i>
<i>Frances Keller (1912-2018).....</i>	<i>102</i>
<i>Carolina Martuscelli Bori (1924-2004).....</i>	<i>104</i>
<i>Rodolpho Azzi (1927-1993).....</i>	<i>125</i>

<i>Outras Pessoas</i>	134
Histórias de Conceitos	139
Histórias de Instituições	142
<i>Universidades, Departamentos, Programas e Laboratórios</i>	147
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.....	147
<i>Universidade de São Paulo</i>	148
<i>FFCL-Rio Claro</i>	151
<i>Outras FFCLs</i>	153
Universidade de Brasília.....	154
Outras Universidades.....	160
<i>Associações e Sociedades</i>	162
<i>Periódicos</i>	166
<i>Grupos de Estudo/Trabalho/Pesquisa</i>	169
<i>Institutos</i>	170
Histórias de Disciplinas	171
<i>Análise Experimental do Comportamento</i>	172
<i>Análise Aplicada do Comportamento</i>	176
<i>Análise Teórica do Comportamento</i>	185
Histórias de Tópicos de Pesquisa	186
<i>Comportamento Verbal</i>	187
<i>Controle Aversivo</i>	188
<i>Equivalência de Estímulos</i>	190
<i>Estudos Culturais</i>	191
<i>Programação de Ensino</i>	193
Histórias de Eventos	202
<i>Curso de Keller em 1961</i>	203
<i>Plano de Brasília</i>	210
<i>Outros Eventos</i>	218
Histórias de Processos Sociais	219
<i>Ditadura Militar</i>	227
Histórias de Métodos	239
Histórias de Aparatos	243
Histórias de Textos	250
Histórias de Debates	253
Multiplicidade Temática como Diretriz Historiográfica	254
Considerações Finais	272
Referências	277
Apêndices	283
Apêndice A.....	284
Apêndice B.....	293
Apêndice C.....	308
Apêndice D.....	309

Apresentação

Este trabalho se caracteriza na intersecção entre a Historiografia e a História da Análise do Comportamento brasileira. Nesse sentido, leitores e leitoras encontrarão tanto reflexões acerca das práticas historiográficas quanto a apresentação de seus produtos. Para tanto, esta tese é composta por dois capítulos. No primeiro, que tem um caráter metodológico, encontra-se o *Guia Temático*, que foi adaptado, ampliado e atualizado a partir do *guia de leitura* de textos históricos confeccionado por S. R. Coleman. Nesse capítulo, 11 categorias temáticas foram definidas. O segundo capítulo foi formulado a partir do levantamento bibliográfico de narrativas sobre a história da Análise do Comportamento no Brasil. Para tanto, uma sessão de método foi apresentada, seguida da exposição do conteúdo encontrado na historiografia da área. A organização desse conteúdo foi realizada seguindo o *Guia Temático*. Por fim, foram debatidas algumas implicações da utilização do *Guia*, bem como defendida a multiplicidade temática como diretriz historiográfica para a História da Análise do Comportamento no Brasil. Ressalta-se que, embora os capítulos sejam complementares, eles se sustentam por si mesmos. No entanto, a leitura do primeiro capítulo é essencial para uma compreensão mais completa do segundo capítulo.

Introdução

O interesse acerca dos acontecimentos passados está presente em diferentes civilizações, sendo que esses eventos são denominados, muitas vezes, de *história*. Um indício da importância da história para os seres humanos é a presença de diferentes expressões populares na linguagem do senso comum, por exemplo, “a história dirá quem está do lado certo”, “quem não sabe de onde vem, não sabe para onde vai”, “aprenda com o passado, mas não viva dele” ou “alguém à frente de seu tempo”.

Além dessa noção leiga sobre os fenômenos passados, que muitas vezes reflete uma visão simplista e superficial desse campo de estudo, diferentes formas de se conceber a *história* foram formuladas ao longo dos séculos, desde as tradições orais das sociedades antigas até as produções acadêmicas contemporâneas¹. As diferentes proposições sobre o conhecimento do passado se relacionam, se contradizem, concordam e se modificam até os dias atuais, culminando no campo de conhecimento tradicionalmente conhecido como *História*.

Como um termo polissêmico, *história* pode ser compreendida como (i) discurso/narrativa histórica, (ii) conjunto de situações passadas, (iii) disciplina acadêmica e (iv) ciência (Ferrater Mora, 1994/2005). A primeira acepção, discurso/narrativa histórica, não será tomada nesta tese como sinônimo de *história*, mas sim como o produto do comportamento de historiadores(as) (Martins, 2004). Nesse contexto, utilizaremos *história* na sua segunda acepção, um conjunto de situações passadas, fenômenos que ocorreram em um determinado tempo e espaço (Cruz, 2006; Morris et al., 1995). Em relação às duas últimas

¹ Ainda que a História Oral também seja um campo da História Contemporânea (Crescentino & Vitón, 2020; Ferreira, 2002; Moraes, 1994).

acepções, a *História*, como área do conhecimento, seja acadêmica ou científica², será grafada com letra maiúscula.

Também como um termo polissêmico, um segundo conceito a ser elucidado é *historiografia*. Analisando etimologicamente, a palavra é composta por *história* e *grafia*, o que nos levaria ao entendimento do conceito como a “escrita da história” (Goodwin, 2005; Morris et al., 1995). Nesse sentido, a *historiografia* seria os produtos das práticas dos historiadores, ou então, a “história escrita”. De acordo com Martins (2004),

Pode-se chamar de “historiografia” a produção dos historiadores, para diferenciá-la da “história” – entendida como um conjunto de situações e acontecimentos pertencentes a uma época e a uma região – que é o objeto de estudo dos historiadores.... A história não é constituída por frases e livros e sim por um encadeamento de atividades humanas ocorridas ao longo do tempo. A historiografia, por outro lado, é o produto primário da atividade dos historiadores. Ela é constituída essencialmente por textos escritos. Ela reflete sobre os acontecimentos históricos, mas agrega-lhe um caráter discursivo novo. Ela procura desvendar aspectos da história, mas não é uma mera descrição da realidade histórica. (p. 1)

A *historiografia* é produto então de práticas historiográficas, que buscam organizar dados, resquícios e vestígios históricos, de forma a produzir uma narrativa sobre um determinado fenômeno. Segundo Brožek e Massimi (2001), “este relato fornece a interpretação, uma tentativa de explicação” (p. 76). Em uma primeira acepção, a *historiografia* é composta pelos discursos produzidos por meio de métodos para coleta e organização de dados, da seleção de materiais autênticos e importantes, da análise crítica das fontes, que sintetizem os elementos encontrados em uma narrativa logicamente consistente, sem contradições internas (Goodwin, 2005; Morris et al., 1995).

² Uma discussão aprofundada acerca da cientificidade do conhecimento histórico pode ser encontrada em Le Goff (1990/2013).

Entretanto, *Historiografia* é mais do que os escritos acerca da história, pois também pode ser compreendida como uma disciplina que busca refletir sobre a História. Nas palavras de Cruz (2006),

Historiografia é, então, a escrita da história, mas ela não é apenas isso. A historiografia é uma disciplina preocupada com a pesquisa histórica em si; em como fazer a coleta de dados; quais os critérios de escolha dos dados; como analisar; qual orientação teórica utilizar. (p. 163)

A *Historiografia*, como disciplina, se preocupa com questões epistemológicas, ontológicas, metodológicas, axiológicas, éticas e políticas relacionadas à História (Ferrater Mora, 1994/2005; Morris et al., 1995)³. Dessa forma, ela é a atividade reflexiva acerca do fazer historiográfico, dos processos de produção, escrita e interpretação dos fenômenos passados. Nesta tese, quando referente às *narrativas históricas* produzidas, *historiografia* será utilizado em letra minúscula; já quando referir-se à *disciplina*, o termo será grafado como *Historiografia*, com letra maiúscula.

Com o advento da História no século XIX como área do conhecimento independente, a compreensão de que a História tem por função investigar as diferentes formas de constituição do passado começou a ser aplicada também à própria área, explicitando a historicidade do próprio conhecimento histórico. É a partir dessa concepção que Guimarães (2003) defende que a *Historiografia* consiste na “investigação sistemática acerca das condições de emergência dos diferentes discursos sobre o passado, pressupõe como condição primeira reconhecer a historicidade do próprio ato de escrita da História, reconhecendo-o como inscrito num tempo e lugar” (p. 23). Certeau (1970) ainda nos diz que nessa perspectiva

³ A disciplina que se ocupa do debate sobre visões de mundo e de ser humano, questionamentos ontológicos, epistemológicos e metodológicos também são denominados na literatura especializada por uma pluralidade de termos, como “Filosofia da História”, “História da História”, “História da Historiografia”, “Meta-Historiografia” etc. (Martins, 2004).

histórica da própria área “há uma historicidade da história que implica o movimento que liga uma prática interpretativa a uma práxis social” (p. 484).

A *Historiografia* se dedica então a examinar os métodos, objetivos, objetos, teorias, paradigmas, correntes, escolas, abordagens e as práticas utilizadas pelos historiadores; os critérios de seleção e análise das fontes históricas; como são formuladas as narrativas históricas; como as interpretações de fenômenos passados são influenciados por fatores ideológicos, políticos, econômicos, culturais e sociais. Além disso, também se preocupa com a reflexão crítica sobre a própria prática da escrita da história, questionando a objetividade, os vieses e as limitações do trabalho histórico. Fruto dessas discussões, convenções metodológicas são estabelecidas em uma comunidade verbal, na qual regras para a conduta do historiador são estipuladas (Abrantes, 2002).

Dentre os diferentes interesses da História está a ciência. Nas palavras de Godói (2019),

existe um campo da História, nem sempre reconhecido ou valorizado por alguns historiadores, chamado “História das Ciências”. Neste campo, o historiador tem como objeto o conhecimento científico, buscando compreender historicamente acontecimentos que marcaram a Ciência e analisá-los, no seu tempo, como fenômenos sociais, econômicos e culturais. (p. 51)

Tendo em vista que essa prática reflexiva acerca das produções históricas afetou a área como um todo, as formas como são entendidas e produzidas as narrativas sobre o passado das ciências também passaram a ser debatidas. A *Historiografia da Ciência*⁴ busca então deixar de lado uma visão ingênua de seu objeto de estudo para compreender melhor como as teorias científicas são moldadas historicamente por seus contextos sociais (Kuhn, 1962/2018).

⁴ Embora esteja no singular, esta tese compreenderá a ciência no âmbito da pluralidade epistemológica e metodológica, não a reduzindo a um único modelo de ciência natural.

Dentre os debates historiográficos no âmbito das ciências, acompanhados também na Psicologia, são discutidas questões como a natureza das fontes históricas (i.e., primárias e secundárias); a noção de evolução da história (i.e., *prig* e *whig*); a referência temporal adotada pelo historiador (i.e., historicismo e presentismo); a fonte de mudança histórica (i.e., *Zeitgeist* e Grandes Homens); e o foco de interpretação do fenômeno histórico (i.e., externalismo e internalismo) (Brock, 2017; Furumoto, 1989; Goodwin, 2005; Lovett, 2006; Morris et al., 1990; Watrin, 2017).

As discussões historiográficas, em última instância, estão relacionadas aos próprios objetivos e funções de Histórias das Ciências. Ao buscar razões para os estudos históricos no âmbito da Psicologia, Wertheimer (1980/1998) explicita algumas justificativas que sustentam essa prática. Começando por considerações mais individuais, o autor relata que “o estudo da história de sua ciência pode ajudar a tornar o cientista uma pessoa completa” e “proporcionar uma saudável dose de humildade” (p. 29).

Isso se dá na medida em que as narrativas históricas apresentam “o que já foi feito” ao longo do tempo, fomentam “novos exemplos, demonstrações ou ilustrações”, além de servir como “fonte de novas ideias de pesquisa” (Wertheimer, 1980/1998, p. 27). Decorrente disso, é por meio de estudos históricos que podemos demarcar temporalmente os nossos objetos de investigação e evitar a confusão entre “velhas visões e antigos fatos com os novos” (p. 28). Nesse sentido, podemos compreender o valor heurístico das práticas historiográficas.

Wertheimer (1980/1998) também sinaliza a possibilidade da História da Psicologia nos indicar “solução de problemas atuais”, assim como “evitar os erros cometidos no passado” (p. 27). Ainda que os problemas passados e presentes não sejam idênticos, uma vez que os fenômenos sociais são singulares e dinâmicos, as narrativas históricas sobre uma área do conhecimento podem indicar problemas em procedimentos; supostos eticamente questionáveis; divergências conceituais etc.

Segundo o autor, além desses motivos, a História da Psicologia pode cumprir um papel ainda mais complexo. Para tanto, os debates realizados no âmbito da Historiografia se fazem essenciais para que as narrativas históricas possam desempenhar essa função. Para Wertheimer (1980/1998), as análises históricas podem elucidar “quais são as questões fundamentais” para uma matriz psicológica, propiciar uma “redescoberta de grandes ideias do passado” (p. 33) e “ajudar a integrar um campo de surpreendente diversidade” (p. 35).

Contudo, a mais importante função da História da Ciência está na explicitação daquilo que não é verbalizado, apresentando os “elementos não-rationais determinantes” de uma ciência (Wertheimer, 1980/1998, p. 34). Tais elementos podem ser entendidos como contingências sutis que não são explícitas aos participantes de uma comunidade científica em seu próprio tempo histórico, como os processos sociais complexos.

Dessa forma, o principal objetivo da História da Ciência é a evidenciação de fatores culturais, políticos, econômicos, lógicos, intelectuais, sociais e pessoais que afetam o desenvolvimento de uma disciplina acadêmica e como tais fatores impactam os métodos, pressupostos e valores de uma ciência, ainda que seus praticantes não tenham consciência de tais influências. Nesse sentido, para além da busca pelos “acontecimentos que marcaram a Ciência”, como descrito por Godói (2019, p. 51), a função das Histórias das Ciências é elucidar as contingências que moldaram a Ciência ao longo do tempo, sejam elas reconhecidas como *marcantes* pela comunidade verbal ou não.

As narrativas históricas nos permitem então “tomar consciência do contexto social em que trabalhamos, e nos tornar menos sujeitos à sua influência irracional” (Wertheimer, 1980/1998, p. 39). Para isso, a História da Psicologia, como disciplina, precisa estabelecer uma relação próxima com a Historiografia por meio da discussão dos métodos e pressupostos utilizados nas construções de suas narrativas.

Especificamente na Análise do Comportamento, há pouco diálogo entre as produções históricas e a literatura historiográfica. Enquanto existe uma quantidade significativa de narrativas sobre a história da Análise do Comportamento, os debates historiográficos acerca de questões ontológicas, epistemológicas e metodológicas ainda são incipientes (e.g., Andery et al., 2000; Cruz, 2006, Morris et al., 1990, 1995, 2022; Strapasson et al., 2024).

Essa discrepância entre História e Historiografia da Análise do Comportamento nos possibilita questionar, por exemplo, os parâmetros historiográficos que estão sendo utilizados na construção das narrativas históricas da área. Embora o termo *história* esteja completamente inserido no léxico analítico-comportamental (e.g., história ontogenética; história de vida de um indivíduo; história de reforçamento; história comportamental etc.), o conceito tem pouca ou nenhuma intersecção com os debates historiográficos, incluindo a própria Historiografia da Análise do Comportamento.

Na contramão desse movimento, esta tese compreende que o diálogo com a Historiografia é essencial para a História da Análise do Comportamento. Nesse contexto, debates historiográficos analítico-comportamentais podem nos ajudar a explicitar os processos de construção da nossa ciência, bem como elucidar a concepção de ciência ensinada na literatura da área. De acordo com Forato et al. (2011), “a concepção que se tem sobre a ciência estará sempre refletida, explícita ou implicitamente, em todas as iniciativas educacionais que digam respeito à ciência, desde a seleção e abordagem de conteúdos, até as metodologias educacionais utilizadas” (p. 30).

Pressupor que o nosso próprio conhecimento analítico-comportamental, com sua compreensão histórica dos fenômenos, é suficiente para o ensino e a pesquisa em História da Análise do Comportamento parece implicar justamente em uma visão ingênua e leiga do assunto. Nesse sentido, decisões como a disponibilização de disciplinas em História da Análise do Comportamento, sem a ampliação de debates historiográficos, ou até mesmo a

ausência dessas disciplinas, podem refletir algumas das concepções que a área tem sobre o que é ciência, história e, no limite, sobre ela mesma. Como retratado nos dizeres de Watson (1966):

Nenhum de nós pode escapar da história. Cada indivíduo possui uma atitude em relação à história, independentemente de sua visão ser baseada ou não em conhecimento adequado. Nossa imagem do passado influencia nossas decisões presentes. A história não pode ser negada; a escolha está entre torná-la um determinante consciente de nosso comportamento como psicólogos, ou permitir que ela nos influencie inconscientemente. Não há outra alternativa. (p. 64)

Debates historiográficos podem, então, nos auxiliar a olhar não somente para a forma como tradicionalmente é contada a história da área, mas repensar o próprio ensino da Análise do Comportamento (e.g., necessidade do Laboratório Operante como prática didática). A ausência de reflexões e explicitações acerca das nossas compreensões historiográficas pode acarretar ainda em narrativas que subjazem visões incompatíveis com os próprios pressupostos analítico-comportamentais. Essa incompatibilidade pode se dar, por exemplo, por meio das narrativas históricas que enfatizam a importância dos Grandes Homens ou analisam apenas ideias, sem relacioná-los aos contextos históricos que os produziram.

Wertheimer (1980/1998) ainda ressalta que, muitas vezes, as Histórias das Ciências replicam o modelo tradicional utilizado pelas escolas, tantas vezes criticados pelos próprios analistas do comportamento: “‘história’ muitas vezes nada mais é que uma entediante e desconexa concatenação de nomes, datas, e fatos não relacionados entre si, que deverão ser memorizados para uma prova e imediatamente esquecidas – com um suspiro de alívio” (p. 21).

Nesse sentido, um dos papéis da Historiografia é apresentar opções para que historiadores possam construir narrativas que conectem as diversas datas, nomes, instituições,

eventos, processos, debates etc., contextualizando-os em seu próprio tempo e espaço, além de mostrar a relação desses diferentes fenômenos e os seus impactos históricos. Também é função da Historiografia questionar os métodos vigentes no ensino de História da Psicologia, propiciando uma compreensão relacional dos fenômenos históricos.

Essa visão relacionista complementa, então, a defesa de que a principal função da Histórias das Ciências é a explicitação das contingências passadas relacionadas a determinada prática científica. Uma compreensão de tais conjunturas se torna mais ampla na medida em que ela contempla não apenas um fenômeno exclusivamente, mas toda a rede de relações estabelecida entre ele e outros fenômenos. Segundo Araujo (2021), “caberia à história, ao lado de outros ofícios humanos, fornecer alguma forma de inteligibilidade da própria experiência, uma inteligibilidade bem distante do ideal positivista ainda dominante no início do século passado” (p. 9). De um ponto de vista comportamentalista radical, essa inteligibilidade só pode ser alcançada por meio da compreensão de relações funcionais que um fenômeno estabelece com outros⁵.

Assim, para além das questões historiográficas tradicionais já mencionados (e.g., fontes, noção de evolução, foco de interpretação etc.), essa compreensão relacionista abre espaço para debates historiográficos voltados aos *objetos* que são historiografados. É nesse cenário que esta tese se localiza, dentro de um debate sobre práticas historiográficas que têm como objeto as ciências, mais especificamente, a Análise do Comportamento. Não quaisquer questões historiográficas, mas aspectos relativos aos objetos examinados pela historiografia da área e as formas como são apresentados. Nesse caso, os *objetos* ou *fenômenos* podem ser entendidos também como *temáticas* abordadas pelas narrativas históricas.

⁵ “Nunca é demais lembrar que, nos bastidores da ciência, acontecem muito mais coisas importantes para o seu desenvolvimento do que contam as narrativas impessoais dos manuais introdutórios, eivadas de abstrações e racionalizações que muito se distanciam da realidade vivida pelos cientistas em sua vida pessoal e profissional” (Araujo, 2021, p. 10).

Dessa forma, o objetivo desta tese é defender a multiplicidade temática como diretriz historiográfica para a História da Análise do Comportamento, sendo composta por dois capítulos. O primeiro capítulo é composto por um *Guia Temático* para a leitura e produção de textos históricos analítico-comportamentais. O *Guia* apresentado tem como base o material historiográfico formulado por S. R. Coleman, tendo sido adaptado, ampliado e atualizado para contemplar a Análise do Comportamento como objeto de estudo histórico.

Sem a pretensão de sistematizar toda a historiografia sobre a Análise do Comportamento brasileira, o segundo capítulo consiste na caracterização da literatura nas diferentes temáticas propostas no *Guia Temático*. Esse capítulo busca demonstrar a utilidade e viabilidade do material proposto no primeiro capítulo. Além disso, também objetiva discutir as implicações da multiplicidade temática como diretriz historiográfica.

Referências

- Abrantes, P. (2002). Problemas metodológicos em historiografia da ciência. In W. J. Silva Filho (Ed.), *Epistemologia e ensino de ciências* (pp. 51-91). Arcádia.
- Andery, M. A. P. A., Micheletto, N., & Sério, T. M. A. P. (2000). Pesquisa histórica em Análise do Comportamento. *Temas em Psicologia da SBP*, 8(2), 137-142.
- Brock, A. C. (2017). The new history of psychology: Some (different) answers to Lovett's five questions. *History of Psychology*, 20(2), 195-217. <https://doi.org/10.1037/hop0000036>
- Brožek, J., & Massimi, M. (2001). Curso de introdução à historiografia da psicologia: Apontamentos para um curso breve. *Memorandum*, 1, 72-78. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6818>
- Certeau, M. (1970). Faire de l'histoire. *Recherches de Science Religieuse*, LVIII, 481-520.
- Crescentino, D. S., & Vitón, G. (2020). Historia del tiempo presente: La triple frontera entre pasado, presente y futuro. Un análisis desde la historia oral y los marcos normativos. *História da Historiografia*, 13(33), 273-308. <https://doi.org/10.15848/hh.v13i33.1529>
- Cruz, R. N. (2006). História e historiografia da ciência: Considerações para pesquisa histórica em Análise do Comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(2), 161-178. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v8i2.98>
- Ferrater Mora, J. (2005). *Dicionário de filosofia* (Quatro tomos). Edições Loyola. (Original publicado em 1994)
- Ferreira, M. M. (2002). História, tempo presente e história oral. *Topoi*, 3, 314-332. <https://doi.org/10.1590/2237-101X003006013>
- Ferreira, A. B. H. (2010). *Dicionário Aurélio de língua portuguesa* (5ª ed.). Positivo.

- Forato, T. C. M., Pietrocola, M., & Martins, R. A. (2011). Historiografia e natureza da ciência na sala de aula. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, 28(1). <https://doi.org/10.5007/2175-7941.2011v28n1p27>
- Furumoto, L. (1989). The New History of Psychology. In I. S. Cohen (Ed.), *The G. Stanley Hall lecture series* (Vol. 9, pp. 9-34). American Psychological Association.
- Godói, B. R. (2019). A História das Ciências como um campo historiográfico: Debate e discussões teóricas. *Temporalidades: Revista de História*, 11(3), 50-60. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/15969>
- Goodwin, C. J. (2005). Introdução à história da psicologia. In C. J. Goodwin, *História da Psicologia Moderna* (pp. 17-42). Cultrix.
- Guimarães, M. L. S. (2003). A cultura histórico oitocentista: A constituição de uma memória disciplinar. In Org. S. J. Pesavento et al. (Ed.), *História cultural: Experiências de pesquisa* (pp. 9-36). Editora da UFRGS.
- Kuhn, T. S. (2018). *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução por Beatriz Viana Boeira & Nelson Boeira. Perspectivas. (Originalmente publicado em 1962)
- Le Goff, J. (2013). *História e memória* (7ª ed.) Editora da Unicamp. (Originalmente publicado em 1990)
- Lovett, B. J. (2006). The new history of psychology: A review and critique. In *History of Psychology* (Vol. 9, Issue 1, pp. 17-39). <https://doi.org/10.1037/1093-4510.9.1.17>
- Martins, R. A. (2004). Ciência versus historiografia: Os diferentes níveis discursivos nas obras sobre história da ciência. In *Escrevendo a história da ciência: Tendências, propostas e discussões historiográficas* (pp. 115-147). Editora Livraria da Física.
- Moraes, M. (1994). *História oral*. Diadorim Editora.
- Morris, E. K. (2022). Teaching a course on the history of behavior analysis. *Perspectives on Behavior Science*, 45(4), 775-808. <https://doi.org/10.1007/s40614-022-00357-8>

- Morris, E. K., Todd, J. T., Midgley, B. D., Schneider, S. M., & Johnson, L. M. (1995). Some Historiography of Behavior Analysis and some Behavior Analysis of Historiography. In J. T. Todd & E. K. Morris (Eds.), *Modern Perspectives on B. F. Skinner and Contemporary Behaviorism* (pp. 195-216). Lawrence Erlbaum Associates.
- Morris, E. K., Todd, J. T., Midgley, B. D., Schneider, S. M., & Johnson, L. M. (1990). The history of Behavior Analysis: Some historiography and a bibliography. *The Behavior Analyst, 13*(2), 131-158. <https://doi.org/10.1007/BF03392530>
- Strapasson, B. A., Micheletto, N., & Carvalho Neto, M. B. (2024). Pesquisas históricas. In C. Laurenti & C. E. Lopes (Orgs.), *Pesquisas teóricas em Análise do Comportamento* (pp. 99-126). Instituto Par.
- Watrin, J. P. (2017). The “new history of psychology” and the uses and abuses of dichotomies. *Theory and Psychology, 27*(1), 69-86. <https://doi.org/10.1177/0959354316685450>
- Watson, R. I. (1966). The role and use of history in the psychology curriculum. *Journal of the History of the Behavioral Sciences, 2*, 64-69. [https://doi.org/10.1002/1520-6696\(196601\)2:1<64::AID-JHBS2300020108>3.0.CO;2-U](https://doi.org/10.1002/1520-6696(196601)2:1<64::AID-JHBS2300020108>3.0.CO;2-U)
- Wertheimer, M. (1998). Pesquisa histórica – Por quê? In J. Brožek & M. Massimi (Orgs.), *Historiografia da Psicologia moderna* (pp. 21-41). Edições Loyola. (Trabalho original publicado em 1980)

Objetivos

Geral:

- Defender a multiplicidade temática como diretriz historiográfica para a História da Análise do Comportamento

Específicos:

- Adaptar um Guia Temático para produção e leitura de textos históricos analítico-comportamentais

- Caracterizar a literatura sobre a história da Análise do Comportamento brasileira em diferentes categorias temáticas

- Avaliar as implicações da multiplicidade temática como diretriz historiográfica

Capítulo I:

Um Guia Temático para a Leitura e Produção de Textos em História da Análise do Comportamento

Apresentação do Capítulo I

O material que será apresentado neste primeiro capítulo já foi veiculado na revista *Behavior & Philosophy*, volume 51 (i.e., Guimarães & Melo, 2023). Nesse sentido, o texto aqui apresentado foi mantido sem grandes alterações em relação ao conteúdo do material publicado, consistindo no manuscrito original antes de sua tradução para a língua inglesa. Entretanto, a ordem de apresentação de algumas categorias foi alterada, buscando simetria com a apresentação das categorias que será realizada no capítulo subsequente. Este capítulo tem por objetivo adaptar um *Guia Temático* para leitura e produção de textos históricos analítico-comportamentais, tendo sido adaptado, ampliado e atualizado a partir do material produzido e utilizado por S. R. Coleman para a análise da literatura sobre História da Psicologia. Além da contextualização da Análise do Comportamento como Escola psicológica, são apresentadas 11 categorias temáticas, sendo elas *História de Pessoas*, *História de Conceitos*, *História de Instituições*, *História de Disciplinas*, *História de Tópicos de Pesquisa*, *História de Eventos*, *História de Processos Sociais*, *História de Métodos*, *História de Aparatos*, *História de Textos* e *História de Debates*. Assim, este *Guia* busca auxiliar os interessados na História da Análise do Comportamento, definindo e delimitando diferentes objetos de estudo dessa área. Também pode fomentar a produção historiográfica indicando novos problemas de pesquisa, mostrando a ausência de certos fenômenos e/ou a incipiência de estudos historiográficos acerca deles, além de servir de suporte para interessados na história da Análise do Comportamento em identificar as interrelações entre fenômenos e dos limites históricos de um texto. Por fim, ressalta-se que o *Guia Temático* se propõe a ser uma ferramenta. Como tal, não tem a pretensão de estabelecer uma caracterização definitiva, mas definições que possam servir como controle de estímulos aos(as) leitores(as) e pesquisadores(as), tornando discriminativos temas que poderiam passar despercebidos.

Um Guia Temático para a Leitura e Produção de Textos em História da Análise do Comportamento

A Historiografia, além de contemplar as narrativas históricas produzidas acerca de um determinado episódio, também é uma disciplina que busca discutir questões axiológicas, epistemológicas, ontológicas e metodológicas acerca das transformações de um fenômeno ao longo do tempo (Ferrater Mora, 1994/2004; Morris et al., 1995). No contexto científico, a Historiografia pode descrever o desenvolvimento de uma área do conhecimento, a transformação de conceitos, a trajetória de indivíduos, o estabelecimento de uma teoria etc. Não apenas relata o passado, mas propõe reflexões acerca da forma como se construirão essas narrativas, métodos de coleta e pressupostos para a interpretação de um acontecimento (Brožek & Massimi, 2001; Martins, 2004).

Na Psicologia, as discussões historiográficas ganharam força sobretudo a partir da publicação de *The new history of Psychology* por Furumoto (1989), texto no qual a autora discorre sobre a natureza das fontes históricas (i.e., primárias e secundárias); a noção de evolução da história (i.e., *prig* e *whig*); a referência temporal adotada pelo historiador (i.e., historicismo e presentismo); a fonte de mudança histórica (i.e., *Zeitgeist* e Grandes Homens); e o foco de interpretação do fenômeno histórico (i.e., externalismo e internalismo). Esses diversos aspectos historiográficos continuam sendo utilizados como parâmetros nos debates da Historiografia da Psicologia até os dias atuais (cf. Araujo, 2016; Brock, 2017; Campos, 1998; Coleman et al., 1993; Cruz, 2006; Goodwin, 2005; Hothersall & Lovett, 2022; Lovett, 2006; Morris et al., 1990, 1995, 2022a; Watrin, 2017; Wertheimer, 1998; Woodward, 1998).

Além desses debates, a escrita da história da Psicologia também foi afetada pelo advento da tecnologia, visto que a capacidade de armazenamento e o acesso aos vestígios históricos aumentaram consideravelmente se comparado aos séculos passados. Como consequência dessa evolução, ampliou-se a possibilidade de uma análise histórica quantitativa

(Le Goff, 1990/2013). Denominada por alguns autores como *historiometria*, essa abordagem busca mensurar, sobretudo por meio de critérios quantitativos, as modificações do fenômeno ao longo do tempo agrupando informações, por exemplo, sobre a quantidade de publicações acerca de um determinado assunto; características dos textos ou dos autores; datas; referências; instituições etc. (Simonton, 1998, 1999). Poderia ser contextualizada ainda como *cientometria*, definida como “o estudo da mensuração e quantificação do progresso científico, estando a pesquisa baseada em indicadores bibliométricos” (Silva & Bianchi, 2001, p. 5).

Um exemplo é a coletânea de textos publicada por Coleman (1991) e Coleman et al. (1992a, 1992b, 1993, 1994), que analisou a literatura de História da Psicologia por meio de critérios como o número de páginas dedicadas a um autor (e.g., Freud, Skinner, Piaget) e características demográficas e sociais (e.g., local de publicação, língua, gênero). Dentre os diferentes parâmetros utilizados para a análise da literatura historiográfica da Psicologia, Coleman et al. (1993, 1994) propõem uma categorização das obras historiográficas dividida em 14 temas (e.g., *Conceptual History*, *Institutional History*, *Movement*, *Person-Oriented Article*, *School of Psychology* etc.).

Tais categorias são apresentadas por Coleman et al. (1993, 1994) como uma forma de estabelecer um panorama da literatura sobre História da Psicologia, possibilitando uma melhor compreensão de como esses diferentes temas estão sendo relacionados. Ademais, uma análise quantitativa baseada em categorias pode auxiliar uma comunidade científica a entender quais temas ainda são incipientes nos estudos históricos da área, mas também pode ser um indicador da ausência ou da pouca quantidade desses objetos de estudo (e.g., o baixo número de associações, periódicos, universidades etc. promoveria um baixo número de publicações sobre *História de Instituições*).

É importante ressaltar que a ausência de textos específicos acerca de um determinado tema não implica necessariamente que o fenômeno correspondente não ocorre, visto que a

ocorrência de estudos históricos pode estar mais relacionada aos interesses dos historiadores do que à ocorrência do objeto de investigação em si. Entretanto, ainda que seja uma correlação que deve ser analisada cuidadosamente, a divisão em categorias temáticas indica, ao menos, a incipiência de textos históricos acerca de um tema, abrindo espaço para a investigação sobre a ocorrência dos fenômenos.

Um panorama da literatura historiográfica ainda pode servir de base para análises que interrelacionem outros critérios (e.g., discussões sobre a fonte de mudança histórica; o foco de interpretação do fenômeno histórico). Coleman et al. (1993) expõem a propensão de alguns temas serem abordados de maneiras específicas. Por exemplo, *Histórias de Conceitos* tendem a uma interpretação internalista, enquanto *Histórias de Processos Sociais* são escritas mais frequentemente por um viés externalista.

Considerando que as análises dessas interrelações propostas por Coleman et al. (1993, 1994) foram desenvolvidas em uma outra época e para um contexto amplo da Psicologia, parece ser importante uma atualização e contextualização dessa proposição a áreas do conhecimento psicológico mais específicas. Assim, a conceituação de temas recorrentes na História da Psicologia parece ser de fundamental importância. Essa definição poderia subsidiar, por exemplo, pesquisas que investiguem quais temáticas são mais presentistas; se a *História de Pessoas* e de *Processos Sociais* são explicadas por meio do *Zeitgeist* ou prevalece um viés de Grandes Homens.

Tendo em vista o debate historiográfico psicológico, que tradicionalmente se orienta pelas questões propostas por Furumoto (1989), este texto apresentará uma possibilidade de análise complementar aos critérios já debatidos pelos historiógrafos (i.e., presentismo, internalismo, fontes etc.). Esta proposição não é excludente, discordante ou melhor, mas complementar ao debate estabelecido na área.

Ademais, sendo um *Guia* que define e delimita categorias temáticas presentes nas narrativas históricas, as conceituações apresentadas neste capítulo podem contribuir na identificação de fenômenos recorrentes e relevantes em uma determinada área. Mais especificamente, este trabalho contextualizará essas categorias à Análise do Comportamento.

Considerando que os fenômenos podem variar entre as diferentes Escolas de Psicologia (e.g., os tópicos de pesquisas abordados, os principais personagens científicos, as Universidades etc.), as categorias temáticas podem ser melhor compreendidas se relacionadas a uma Escola em particular. Além disso, uma categorização mais específica pode auxiliar em um melhor entendimento da própria Escola psicológica do que uma categorização geral.

Dessa forma, este capítulo tem por objetivo apresentar um *Guia Temático* para leitura e produção de textos históricos analítico-comportamentais, que pode ser utilizado por pesquisadores como base de análise de textos e guia para novos problemas de pesquisa, e também pode servir de suporte para novos leitores de História da Análise do Comportamento na identificação das interrelações entre fenômenos, dos limites históricos de um texto etc. Vale ressaltar que o *Guia Temático* que será apresentado é uma adaptação do *guia de leitura*⁶ formulado por S. R. Coleman para a análise da literatura sobre História da Psicologia. No presente texto, a adaptação se dará, sobretudo, por meio da transformação dos exemplos utilizados por Coleman, na redução do escopo e na contextualização das categorias à Análise do Comportamento.

Contextualizando o Guia Temático

Stephen Coleman, Philip Cola e Sandra Webster analisaram diferentes temáticas abordadas na História da Psicologia com o amparo de um *guia de leitura* (Coleman et al.,

⁶ Buscando minimizar possíveis confusões, o material original utilizado por Coleman et al. (1993, 1994) será denominado de *guia de leitura*, *guia original* ou *guia* de Coleman, marcados com letra minúscula. Já a adaptação apresentada neste manuscrito será grafada com letra maiúscula, ou seja, *Guia Temático*.

1993, 1994). Contudo, ainda que tenha sido mencionado, esse *guia original* não foi publicado na íntegra (cf. Coleman et al., 1993, 1994). No primeiro artigo, os autores dizem que “ao ler uma publicação, o leitor [Coleman, Cola e Webster] utilizava um guia de dez páginas contendo critérios para julgamentos e definição das categorias a serem empregadas” (Coleman et al., 1993, p. 255), e complementam explicitando que tais categorias eram história “*biográfica, institucional, disciplinar, história de uma escola psicológica, história das ideias etc.*” (p. 255).

Já no segundo texto, os autores dizem que “os três leitores [autores do texto] usaram um guia de nove páginas contendo critérios para julgamentos e definições das 14 categorias de assuntos que deveriam ser empregadas” (Coleman et al., 1994, p. 692). Apesar dessas nove páginas não terem sido disponibilizadas na íntegra⁷, os autores descrevem brevemente tais categorias:

As 14 categorias em ordem alfabética foram *aparato* ou outro dispositivo físico, incluindo um teste mental; tratamento *biográfico* de uma pessoa específica (ou grupo de pessoas), apresentada não como um herói cujas obras são de interesse primário, mas sim em uma narrativa orientada para a pessoa que se concentra em características individuais ou desenvolvimento; um *conceito*; uma *disciplina* completa, como a psicologia experimental, ou apenas uma *especialidade de pesquisa*, como a psicologia da leitura; um *evento* como a fundação do laboratório de Leipzig, incluindo relações como a de Freud e Jung; uma *instituição* como a American Psychological Association (APA), um departamento, universidade ou laboratório; um *problema ou questão* como o problema mente-corpo; um *movimento social ou intelectual*, como o movimento de estudos infantis; uma *qualidade* como a eminência estimada de psicólogos notáveis; uma *publicação*, geralmente um material impresso como um livro, um artigo, uma

⁷ É importante notar que no primeiro texto os autores mencionam um *guia* de dez páginas e no segundo um *guia* de nove páginas (cf. Coleman et al., 1993, 1994).

revista (a menos que a revista seja tratada como uma instituição social), ou mesmo um filme comercial (e.g., Lück, 1985) ou manuscrito; uma *escola de psicologia*, de psiquiatria ou de outra disciplina; uma *técnica ou metodologia* como introspecção, análise de variância ou procedimento psicanalítico; e uma *teoria ou hipótese*. (pp. 692-693)

Ainda que essa descrição nos dê boas pistas de como essas categorias foram definidas, muitas nuances de cada tema não foram contempladas nessa caracterização. Assim, buscando ampliar a compreensão acerca dessas categorias propostas por Coleman et al. (1993, 1994), o professor Coleman foi contatado via e-mail e prontamente disponibilizou uma cópia do *guia original*.

Resgatando o argumento de que a Historiografia está para além da escrita da história, contemplando também a reflexão sobre o seu próprio fazer, gostaríamos de enfatizar a importância do acesso a esse material⁸, que possibilitou, ainda que atualizado e adaptado, sua publicação. Tendo em vista que ele foi utilizado como base para as análises de Coleman et al. (1993, 1994), compreendemos que este *guia de leitura* também pode auxiliar outros pesquisadores.

Compreendendo que o objetivo da coletânea publicada por Coleman e colaboradores foi analisar a literatura da História da Psicologia como um todo, algumas adaptações foram realizadas para contemplar a Análise do Comportamento contemporânea de forma mais precisa, sendo que as alterações realizadas foram explicitadas neste manuscrito. Algumas categorias foram renomeadas, por exemplo, *Movimento Social e Intelectual* para *História de Processos Sociais*; *Livro, Periódico e Artigo* para *História de Textos*. Outros temas foram realocados como subtópicos de temas maiores, por exemplo, a *História de uma*

⁸ O manuscrito original pode ser encontrado no Apêndice A.

*Qualidade/Característica*⁹ para a *História de Pessoas* ou *História de Processos Sociais*. A categoria *História de uma Escola de Psicologia* foi excluída, com base no escopo deste manuscrito e na compreensão de que os outros temas abordam justamente a história de uma Escola específica, no caso, a Análise do Comportamento. Por fim, algumas categorias também foram ampliadas, contemplando novos subtópicos, por exemplo, a *História de Instituições*.

Este *Guia Temático* apresentará, então, 11 categorias temáticas, sendo elas: *História de Pessoas*, *História de Conceitos*, *História de Instituições*, *História de Disciplinas*, *História de Tópicos de Pesquisa*, *História de Eventos*, *História de Processos Sociais*, *História de Métodos*, *História de Aparatos*, *História de Textos* e *História de Debates*. Compreendendo que uma categoria é um recorte do texto, algumas delas podem ter intersecções com outras, possibilitando a classificação de um mesmo texto de diferentes formas (e.g., *História de Tópicos de Pesquisa* e *História de Disciplinas*; *História de Conceitos* e *História de Tópicos de Pesquisa*; *História de Eventos* e *História de Instituições* etc.).

Assim, mesmo que um texto possa narrar todas as categorias definidas nesta tese, Coleman et al. (1993, 1994) sugerem que uma hierarquização possa ser realizada para a classificação dessas categorias. De acordo com os autores, os temas abordados nos textos podem ser classificados de acordo com a sua relevância para o manuscrito, o tema mais explorado pelo material analisado pode ser definido como *primário*; e os temas menos explorados como *secundário*, *terciário* e assim por diante¹⁰.

Ainda que a descrição de critérios rígidos para a definição de um tema como *primário*, *secundário* e *terciário* seja um trabalho árduo, alguns indicativos da centralidade de um tema

⁹ No *guia original*, Coleman define uma *característica* ou *qualidade* como “a property of a group or person, particularly if measurable”.

¹⁰ É importante ressaltar que essa divisão entre tema *primário*, *secundário* etc. não se refere aos mesmos problemas explorados pela Historiografia em relação às fontes históricas (i.e., fontes primárias, fontes secundárias).

no texto podem ser levantados, como a presença de uma palavra relacionada a um tema no título, palavras-chave, resumo, no corpo do texto ou no título de um tópico. Via de regra, quando um tema é apresentado no título, nas palavras-chave, no resumo ou no título de tópico do texto, respectivamente, esse assunto tende a ser explorado de forma mais abrangente do que quando aparece apenas no corpo do texto. Contudo, outros critérios podem ser adotados, como o número de páginas, linhas ou palavras relacionadas a um tema específico (Coleman, 1991; Zusne, 1985; Zusne & Dailey, 1982).

Análise do Comportamento como Escola Psicológica

No *guia de leitura* de Coleman, o tópico mais amplo apresentado foi “Escola de Psicologia”. Contudo, tendo em vista os objetivos desta tese, a *História de uma Escola de Psicologia* não será concebida como uma categoria equivalente à *História de Pessoas*, *História de Disciplina*, *História de Instituições* etc., visto que todas as categorias apresentadas narram, em algum sentido, a história da Análise do Comportamento. Assim, este tópico irá contextualizar a Análise do Comportamento como uma Escola de Psicologia.

A Análise do Comportamento se configura como uma Escola de Psicologia¹¹ por contemplar diversos conceitos (e.g., reforçamento, controle, comportamento), distintos tópicos de pesquisa (e.g., PSI, resistência à mudança, ciências culturo-comportamentais), métodos (e.g., delineamento de sujeito único), além de que essa Escola de Psicologia não se restringe a um único autor (e.g., B. F. Skinner), implicando em uma comunidade verbal científica comprometida com os tópicos de pesquisa, procedimentos, métodos e conceitos supracitados (Cruz, 2013, 2019). Nas palavras de Tourinho (2006),

¹¹ No *guia original*, Coleman intitulou uma subcategoria de “School of Psychology” como “Radical Behaviorism” e não como “Behavior Analysis”. Porém, compreendemos que o Comportamentalismo Radical é a filosofia da ciência intitulada Análise do Comportamento (Skinner, 1974/1976), sendo essa ciência do comportamento uma Escola psicológica.

A análise do comportamento constitui uma subárea do conhecimento da psicologia no Brasil, no sentido de que constitui uma referência em torno da qual se organizam os esforços de uma comunidade de pesquisadores para a produção de conhecimento, a edição de publicações especializadas e a promoção de eventos para a comunicação e difusão de conhecimento novo. A “análise do comportamento” constitui, portanto, uma referência para a identidade de uma comunidade de pesquisadores que funcionam como interlocutores uns dos outros. (p. 233)¹²

Coleman aponta no *guia de leitura* que o que define uma Escola de Psicologia é justamente a participação de *vários* indivíduos na constituição e promoção dessa Escola. Assim, além da complexidade entre a rede conceitual, uma Escola psicológica também é definida por seu caráter social. Defender que uma Escola psicológica é composta por uma comunidade científica implica dizer que tal comunidade compartilha não somente conceitos, técnicas, métodos de pesquisa, mas também defende certos compromissos filosóficos, éticos e políticos.

No caso da Análise do Comportamento, a comunidade científica estabelece modelos e regras de como se fazer essa ciência¹³ (e.g., Skinner, 1956). É pouco provável, por exemplo, que a comunidade analítico-comportamental aceitasse um artigo defendendo um mentalismo metafísico como pressuposto filosófico da Análise do Comportamento. Essas regras estabelecidas por uma comunidade verbal controlam o comportamento do pesquisador, do estudante, do profissional etc., que faz parte dessa Escola de Psicologia.

Além disso, uma Escola de Psicologia também tem um caráter institucional. A comunidade analítico-comportamental possui, por exemplo, periódicos especializados na área

¹² Vale ressaltar que essa configuração social da Análise do Comportamento descrita por Tourinho (2006) pode ser generalizada para outros países.

¹³ O processo de construção de uma comunidade científica e a elaboração de regras, algumas vezes mais formalizadas (e.g., regras de submissão em um periódico), pode ser visto com mais detalhes em Cruz (2016, 2019).

(e.g., *Acta Comportamentalia*; *Behavior and Social Issues*; *Journal of Applied Behavior Analysis*; *Journal of Experimental Analysis of Behavior*; *Perspectivas em Análise do Comportamento*; *Perspectives on Behavior Science*; *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*; *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*); associações/sociedades analítico-comportamentais (e.g., Associação Brasileira de Ciências do Comportamento; Associação de Modificação do Comportamento; *Association for Behavior Analysis International*; *UK Society for Behaviour Analysis*; *Society for the Experimental Analysis of Behavior*); programas de pós-graduação em Análise do Comportamento (e.g., Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento da Universidade Estadual e Londrina; Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento; Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará; *Simmons University's Master's in Behavior Analysis Program*; *Sr. Cloud State University's Applied Behavior Analysis Program*). Assim, essa configuração social da Análise do Comportamento parece permitir classificá-la como uma Escola psicológica, na medida em que existe(m) comunidade(s) científica(s) que buscam promover o ensino e a pesquisa nessa área, embora a própria demarcação do que é Análise do Comportamento é uma questão longe de estar resolvida (Zilio, 2019).

Dessa forma, a História da Análise do Comportamento pode ser narrada examinando historicamente *conceitos, tópicos de pesquisa, métodos, instituições, pessoas* etc. Essas narrativas podem ser apresentadas de maneira mais geral, abordando a Análise do Comportamento como um todo (e.g., Goodall, 1972; Skinner, 1980; Todorov & Hanna, 2010), mas também podem descrever as influências históricas de uma Escola psicológica (e.g., Burnham, 1968; Day, 1998; Michael, 2004). Tendo em vista a contextualização da Análise do Comportamento como uma Escola de Psicologia, as categorias adaptadas do *guia original* de Coleman serão apresentadas a seguir.

História de Pessoas¹⁴

Como definido no dicionário, biografia significa: “descrição ou história de vida de uma pessoa” (Ferreira, 2010, p. 317). Nesse sentido, um texto que narra *História de Pessoas* nos relata características ou qualidades de uma pessoa, assim como acontecimentos, situações pontuais ou trajetórias em sua vida. Esse relato acerca de um indivíduo pode ser produzido pela própria pessoa, caracterizando-a como uma autobiografia (e.g., Skinner, 1967, 1976, 1979, 1983), pode narrar a vida informal de um cientista (e.g., Bjork, 1997), mas também o cotidiano acadêmico, as relações com orientandos e outros colegas etc. (e.g., Cruz, 2019).

De acordo com o *guia original*, textos que narram *História de Pessoas* podem ser identificados por destacarem o nome da pessoa que será objeto de estudo, usualmente no título ou no resumo (e.g., Fowler, 1990; Malott, 2022; Moore, 2005a, 2005b, 2005c; Ribes-Iñesta, 2022; Smith & Morris, 2015). Esses textos são veiculados, algumas vezes, de forma isolada em um periódico (e.g., Assis et al., 2005; Hunziker, 2015; Keller, 1981; Smith & Morris, 2004); mas é expressiva a quantidade de textos sobre *História de Pessoas* que são publicadas de forma conjunta, como em uma chamada de publicação em função do falecimento de um importante membro de uma comunidade científica (e.g., Murray Sidman: *Journal of Experimental Analysis of Behavior*, 2021, v.115, n.1; Carolina Bori: *Psicologia USP*, 1998, v.9, n.1; João Cláudio Todorov: *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 2022, v.18, n.1).

Ademais, além das publicações em periódicos, outras formas de narrativa biográfica são possíveis, tal como em formato de livro. Nesse sentido, algumas biografias podem adotar uma abordagem mais literária e ficcional (Gilbert, 2016; Hartley, 1991), enquanto outras podem assumir um caráter acadêmico (e.g., Bjork, 1997; Cruz, 2019; Richelle, 1993/2016;

¹⁴ Originalmente “*Person-oriented article*”.

Smith & Woodward, 1996). Além disso, obituários, notícias, homenagens são fontes que apresentam um caráter memorial. De acordo com Pereira (2000),

quando se trata de reconstituir a trajetória de alguém já falecido, temos de nos contentar com a documentação escrita e os depoentes que se encontram disponíveis, sem falar que nem sempre temos a sorte de nos depararmos com ricos arquivos pessoais. (p. 118)

História de Conceitos¹⁵

Uma primeira discussão em relação a essa categoria deve ser levantada referente ao próprio termo que acompanha a palavra *História* no título. O *guia original* apresenta dois nomes para essa categoria: “História Conceitual” e “História de uma ideia”. Contudo, ambos os termos se referem a movimentos historiográficos distintos e críticos um ao outro (Barros, 2007; Gomes, 2014). Nesse contexto, a escolha do termo utilizado para nomear a categoria se justifica pelo próprio léxico da comunidade verbal analítico-comportamental, e não por afinidades com um ou outro movimento historiográfico e seus métodos específicos (e.g., as diretrizes de submissão de periódicos como o *Behavior and Social Issues* ou o *Perspective on Behavior Science* que publicam análises/estudos conceituais). Além disso, esforços para a sistematização de métodos de pesquisa conceitual já vêm sendo realizados pela comunidade analítico-comportamental (e.g., Dittrich et al., 2024; Lopes et al., 2016; Tourinho, 1999).

Laurenti e Lopes (2016) descreveram quatro níveis de análise que podem ser utilizados na investigação e análise de um conceito. Uma primeira forma de analisar um conceito poderia ser o (i) *nível semântico*, buscando elucidar o(s) significado(s), ou regras de uso, de um conceito em relação a um contexto específico (e.g., qual a definição skinneriana de comportamento na obra de 1938?). Uma segunda maneira de análise é o (ii) *nível sistêmico*,

¹⁵ Originalmente “*Conceptual history / History of an idea*”.

que consiste na demonstração de como um conceito está relacionado a outros conceitos, teorias etc. (e.g., como o conceito de contracontrole está relacionado com conceitos como controle, punição, fuga e esquiva?). Uma terceira forma para analisar um conceito é o (iii) *nível filosófico*, que busca estabelecer relações entre um conceito e categorias da Filosofia, como os compromissos filosóficos, epistemológicos, éticos e políticos (e.g., a ética skinneriana tem mais afinidade com qual teoria ética?).

Por fim, uma quarta maneira de analisar um conceito é o (iv) *nível histórico*. Essa análise advém da compreensão de que um conceito deve ser contextualizado a uma época e a uma cultura. Uma análise histórico-conceitual busca narrar a evolução de um conceito ao longo do tempo (Laurenti & Lopes, 2016). Com o objetivo de construir uma narrativa histórica acerca de um conceito, o pesquisador “faz perguntas contextuais e procura respostas na história *intelectual e cultural* do texto” (Abib, 2005, p. 54). Em outras palavras, o historiador pode buscar aspectos intelectuais (e.g., lógicos, argumentativos etc.) que influenciaram no desenvolvimento de um conceito (e.g., Coleman, 1981; Iversen, 1992; Micheletto, 1995; Moore, 1985; Santos, 2017; Schneider & Morris, 1987; Skinner 1938; Zuriff, 1985), mas também pode buscar explicações em um contexto social que afetou esse conceito (e.g., Cruz, 2010; Rutherford, 2003, 2009).

Dessa forma, a investigação histórico-conceitual será entendida tanto como um nível de análise de uma pesquisa conceitual quanto como um tipo de pesquisa histórica. Vale ressaltar que a pesquisa histórico-conceitual, como todo tipo de história, tem como ponto de partida a compreensão temporal do fenômeno, nesse caso, o conceito. Assim, a principal diferenciação de uma pesquisa conceitual histórica para outros níveis de análise é a necessidade de contextualização do conceito em um período histórico específico. Para além da mera menção cronológica, é fundamental que essa contextualização histórica aborde, por

exemplo, a forma como conjunturas sociais, econômicas, políticas, éticas; influências filosóficas, pessoais etc. se relacionaram com um conceito.

História de Instituições¹⁶

Seguindo a definição do *guia de leitura* de Coleman, uma *História de Instituições* narra acontecimentos relacionados a uma instituição. Na Análise do Comportamento, o conceito de *instituição* parece ter certa sobreposição com o conceito de *agência de controle* (cf. Skinner, 1953/1965)¹⁷. Definindo agências controladoras, Souza (2018) afirma que “agências controladoras, ou instituições, são subdivisões geralmente mais organizadas do grupo que controlam melhor o comportamento das pessoas por manipularem variáveis como o dinheiro, força militar, prêmios ou recompensas e ameaças sobrenaturais” (p. 34).

Nesse sentido, uma *História de Instituições* irá narrar a formação, transformação, desaparecimento etc., de um grupo específico analítico-comportamental. Não quaisquer grupos, mas aqueles que apresentam uma alta organização e formalização. Assim, esse tipo de história traz aspectos organizacionais em sua narrativa, como o apontamento de cargos (e.g., presidente, chefe de departamento, tesoureiro, coordenador etc.), conseqüentemente, alguma forma de hierarquização. Alguns exemplos de instituição são:

(i) *Universidades/Departamentos/Programas/Laboratórios* (e.g., *Columbia University*; Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento da Universidade Estadual de Londrina; *Department of Applied Behavioral Science of University of Kansas*; *Department of Behavior Analysis of University of North Texas*; *Harvard University*; Universidade de São Paulo; Universidade de Brasília);

¹⁶ Originalmente “*Institutional history*”.

¹⁷ Embora a diferenciação desses conceitos esteja além do escopo deste manuscrito, uma possibilidade de diferenciação entre esses conceitos pode se dar no enfoque sobre as práticas de controle exercidas por uma agência (i.e., governo, religião, economia, educação e psicoterapia), enquanto a instituição apresenta uma materialidade (e.g., Estado brasileiro, Igreja católica, Bolsa de valores de Nova York, Harvard University, *ABA Institute*).

(ii) *Associações/Sociedades* (e.g., Associação Brasileira de Ciências do Comportamento; *Association for Behavior Analysis International*; *European Association for Behaviour Analysis*; *Society for the Experimental Analysis of Behavior*; Divisão 25 da APA);

(iii) *Periódicos* (e.g., *Acta Comportamentalia*; *Behavior and Social Issues*; *Journal of Applied Behavior Analysis*; *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*; *Perspectivas em Análise do Comportamento*; *Perspectives on Behavior Science*; *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*; *The Analysis of Verbal Behavior*);

(iv) *Grupos de Estudo/Trabalho/Pesquisa* (Grupo de Interesse em História da Análise do Comportamento da ABPMC; Laboratório de Estudos em História da Análise do Comportamento - LEHAC);

(v) *Institutos* (e.g., *ABA Institute Inc.*; *Global Institute for Behavior Analysis*; Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento; Instituto Par).

História de Instituições podem apresentar a importância de uma instituição como contexto para a realização de eventos, pesquisas, ensino etc. (e.g., Guedes et al., 2008); contextualizam historicamente a institucionalização de uma Universidade, associação, periódicos, departamento etc. (e.g., Baer, 1993; Cândido, 2017b; Laties, 1987; Lovitt, 1993; Michael, 1993; Morris et al., 2001; Hawkins et al., 1993); as mudanças ocorridas nas estruturas hierárquicas de uma instituição, as modificações de diretrizes de publicação de um periódico etc. (e.g., Kerbauy, 2001; Morris et al., 2017); e também podem esboçar panoramas sobre a história de publicação de um periódico (e.g., Laties, 2008, 2013; Keiner et al., 2020; Williams & Buskist, 1983).

História de Disciplinas¹⁸

Para definir o que é uma *disciplina*, é necessário estabelecer qual será o recorte utilizado. Por exemplo, a Análise do Comportamento pode ser considerada uma disciplina da Psicologia. Contudo, compreendendo a Análise do Comportamento como uma Escola de Psicologia, uma disciplina será menor que a área como um todo. Nesse sentido, a Análise do Comportamento como uma Escola psicológica é composta por diferentes disciplinas (e.g., Análise Aplicada do Comportamento; Análise Experimental do Comportamento; Análise Teórica do Comportamento).

Buscando definir uma disciplina, o *guia* de Coleman apresenta o exemplo da Análise do Comportamento [*Behavior Analysis*] como uma *disciplina* da Escola psicológica Comportamentalismo Radical [*Radical Behaviorism*]. Entretanto, como explorado no tópico de contextualização da Análise do Comportamento como uma Escola de Psicologia, esta tese compreenderá a Análise do Comportamento como uma Escola psicológica e o Comportamentalismo Radical como a parte que apresenta os compromissos filosóficos dessa Escola, e essa alteração torna possível a compreensão do Comportamentalismo Radical como uma *disciplina* da Análise do Comportamento.

Uma disciplina é menos organizada, e ligada a menos instituições do que uma Escola de Psicologia que, por sua vez, é composta por diferentes disciplinas e relacionada a diversas instituições. Ainda assim, uma disciplina tem um grau de organização e formalização que são demarcados, por exemplo, pela presença de disciplinas acadêmicas; periódicos que publicam pesquisas relacionadas à disciplina; congressos que abordam a temática da disciplina etc. Nesse sentido, esse caráter organizacional de uma disciplina acarreta em uma abertura para a sobreposição entre categorias, no caso, com a *História de Instituições*. Não obstante, uma disciplina não se reduz a uma instituição.

¹⁸ Originalmente “*Discipline*”.

Um exemplo analítico-comportamental pode ser pensando em relação à Análise Experimental do Comportamento, que possui periódico especializado (e.g., *Journal of Experimental Analysis of Behavior*) e disciplinas com esse nome em diversos cursos de Psicologia, como pode ser visto na narrativa apresentada por Cirino et al. (2010). Também pode ser mencionado o Comportamentalismo Radical como disciplina, representado por periódicos como *Behavior and Philosophy* ou *The Behavior Analyst/Perspectives on Behavior Science*. Além de outras disciplinas, por exemplo, a Terapia Comportamental que foi abordada historicamente por diferentes autores (e.g., Leonardi & Cândido, 2022; Morris, 2022b) ou a Análise Aplicada do Comportamento (e.g., Johnston et al., 2017; Lovitt, 1993; Morris & Peterson, 2022).

Alguns outros exemplos explorados no *guia de leitura* parecem aproximar a definição de Coleman com a concepção de disciplina apresentada aqui: Psicologia Experimental, Psicoacústica, Psicofarmacologia etc. Esses exemplos parecem convergir com a compreensão de que uma disciplina tem um caráter acadêmico e laços institucionais.

Por fim, um último apontamento deve ser feito em relação à utilização do termo *História de Disciplinas* e não *História Disciplinar*. Duas justificativas para essa alteração podem ser levantadas: primeiramente, o termo *disciplinar* é filosoficamente carregado, implicando em compromissos que estão para além do escopo desta tese (cf. Foucault, 2012a, 2012b; Oliveira & Heuser, 2017; Pogrebinschi, 2004); e em segundo lugar, o termo também é entendido comumente como sinônimo de ensinar, normalmente associado com um controle rígido e aversivo.

Nesse sentido, se analisarmos todas as categorias apresentadas nesta tese, a função desses diferentes temas abordados na História da Análise do Comportamento, em algum nível, é justamente ensinar os membros de uma comunidade científica quais são os principais conceitos, instituições, disciplinas, pessoas, métodos etc., que constituem a área (Kuhn,

1962/2018). Em última instância, todos os temas aqui descritos teriam alguma *função disciplinar*, no sentido de ensinar e treinar os novos membros da comunidade acerca do seu passado, das regras seguidas pela comunidade, dos principais representantes, da forma como os conceitos devem ser utilizados, com quais áreas foram estabelecidas fronteiras etc.

Assim, justifica-se a utilização de *História de Disciplinas* à medida que um texto deve ser categorizado dessa forma quando contextualizar historicamente uma disciplina, ou narrar a evolução dela ao longo do tempo (e.g., Morris, 2004). Em outras palavras, o foco não está na função do texto histórico (i.e., ensinar), mas em seu conteúdo (i.e., sobre o que está sendo ensinado).

História de Tópicos de Pesquisa¹⁹

No *guia original*, Coleman explicita a proximidade entre a categoria *História de Disciplinas* e a *História de Tópicos de Pesquisa*. De acordo com a diferenciação proposta pelo autor, um *tópico de pesquisa* é menos abrangente do que uma *disciplina*. Contudo, podemos questionar em que sentido está sendo compreendida essa amplitude, uma vez que o tema investigado por um tópico de pesquisa pode ser contemplado por mais de uma disciplina, além de ser um tema de interface entre diferentes ciências. Assim, entendemos que seria mais pertinente a afirmação de que um tópico de pesquisa é menos *institucionalizado*.

Definindo esta categoria, um tópico de pesquisa está comprometido com um determinado fenômeno, que é demarcado pelo tema que o tópico se propõe a estudar. Coleman, no *guia de leitura*, parece estabelecer um caráter empírico ao tópico de pesquisa, buscando diferenciar a *História de Tópicos de Pesquisa* da *História de Conceitos*. Contudo, entendendo que existem tópicos teóricos de pesquisa, esta tese não reduzirá este tipo de história apenas às investigações empíricas, entendendo que um tópico de pesquisa se

¹⁹ Originalmente “*Research topic*”.

caracteriza por seu objeto de estudo e não pela natureza da pesquisa realizada (i.e., teórica, empírica, básica ou aplicada).

Não somente pelo objeto de estudo, a *História de Tópicos de Pesquisa* explora as relações de um objeto de estudo específico, muitas vezes sintetizado em um conceito, com pessoas que estudaram aquele fenômeno, com instituições que fomentaram estudos sobre o tema etc., sempre apresentando os aspectos temporais dessas relações. Vale ressaltar que muitas vezes um tópico de pesquisa é vinculado a um autor específico (e.g., Jack Michael e as operações estabelecidas; Murray Sidman e a equivalência de estímulos; Howard Rachlin e o autocontrole; Sigrid Glenn e a metacontingência). Contudo, a participação de outros autores parece ser justamente um dos critérios para a definição do que é um tópico de pesquisa.

Ainda que haja uma sobreposição entre esta e outras categorias, a *História de Tópicos de Pesquisa* narra as diferentes interrelações estabelecidas ao longo do tempo para investigar um objeto de estudo específico. Dessa forma, textos que tratem única e exclusivamente das modificações de um conceito, por exemplo, devem ser classificados como *História de Conceitos*, mas se essa história narrar a forma como pesquisas interrelacionadas acerca de um tema se desenvolveram, esse texto poderá ser classificado como a *História de Tópicos de Pesquisa*. Assim, esse tipo de história tem um tema central; composto por pesquisas que estabelecem relações entre si, argumentando, contradizendo, corroborando; além de poder ser abordado por diferentes naturezas metodológicas (e.g., empiricamente, teoricamente; com foco mais aplicado, com enfoque mais básico etc.).

Nesse sentido, a *História de Tópicos de Pesquisa* analítico-comportamental poderia narrar o contexto histórico de surgimento e desenvolvimento, por exemplo, da equivalência de estímulos; do controle aversivo; do comportamento verbal; do comportamento governado por regras; da resistência à mudança; dos estudos culturo-comportamentais; da modificação

comportamental [*Behavior Modification*]; das investigações sobre o Transtorno do Espectro Autista²⁰ etc. (e.g., Kazdin, 1978; Larsson, 2013; Sidman, 1994; Vaughan, 1989).

Vale ressaltar que um *tópico de pesquisa* pode evoluir ao longo do tempo, seja extinguindo-se por falta de novas pesquisas, seja se organizando e se transformando em uma *disciplina* ou até mesmo dando origem a novos tópicos de pesquisa. Um exemplo é o Sistema Personalizado de Ensino (PSI)/Programação de Ensino. Atualmente, no Brasil, esse tópico de pesquisa é mais propriamente intitulado Programação de Condições para Desenvolvimento de Comportamento (PCDC), podendo ser compreendido como uma evolução do PSI/Programação de Ensino (cf. Kienen et al., 2013; Matos, 1998).

Dessa forma, um *tópico de pesquisa* deve ser entendido como um fenômeno dinâmico, que pode se fortalecer ao longo do tempo com a participação de mais membros de uma comunidade, aumentando o interesse por tal objeto de estudo, como o PSI (e.g., Akera, 2017; Cândido, 2017a; Kienen et al., 2013; Kienen et al., 2021; Matos, 1998); mas também pode ficar esquecido no tempo por diversas razões, como questões de eficiência, ética, política etc. (e.g., *Project Pigeon, Modificação do Comportamento*).

Assim, é essencial ressaltar que a análise de uma narrativa como *História de Tópicos de Pesquisa* deve ser realizada de forma contextual, levando em conta quão organizado era um *tópico de pesquisa* em determinado período do tempo. Essa averiguação pode ser feita por meio de pesquisas bibliográficas que busquem levantar a quantidade de publicações acerca de um fenômeno em um período do tempo específico; o início, a continuidade ou a extinção de pesquisas sobre um determinado tema etc.

²⁰ No caso do TEA, por exemplo, os textos históricos sobre esse fenômeno certamente terão uma sobreposição com a *História de Disciplinas* (i.e., *Applied Behavior Analysis*).

História de Eventos²¹

Pesquisas históricas que examinam acontecimentos particulares delimitados no tempo podem ser classificadas como *História de Eventos*. Em contraponto ao *evento*, está o *processo*, cujo caráter é mutável, de um fenômeno em continuidade, em devir (Ferrater Mora, 1994/2004). A categorização de um *evento* passa então pela possibilidade de uma demarcação temporal bem estabelecida. Nesse sentido, um *evento* pode ser contextualizado no tempo, tendo uma data de início e fim. Dessa forma, mesmo um curso com a duração de um ano, por exemplo, pode ser compreendido nesta categoria.

Alguns exemplos de *eventos* são encontros, congressos, simpósios etc. (e.g., *Culturo-Behavior Science for a better World; 2nd Conference of the European Association for Behaviour Analysis; 30th Annual Convention of Association for Behavior Analysis International; the 2018 meeting of the Association for Behavior Analysis International*), sejam eles analisados de forma individual ou como uma série de eventos (e.g., *history of annual Convention of ABAI*).

História de Processos Sociais²²

Na definição da categoria, o *guia de leitura* apresenta o termo “movimento”. Contudo, compreendemos que tal vocábulo poderia levar o leitor à compreensão equivocada desta categoria como “movimento social”. Tendo em vista que o termo é carregado de significado (Montaño & Doriguetto, 2017; Nunes, 2014), normalmente associado a movimentos de enfrentamento compostos por minorias sociais, como o feminismo, as lutas raciais, o movimento LGBTQIA+ etc., o título desta categoria foi alterado para *processo social*. Ainda que os movimentos sociais sejam contemplados nesta categoria, defendemos que um *processo social* é mais amplo do que *movimento social* compreendido dessa forma.

²¹ Originalmente “*Event*”.

²² Originalmente “*Movement*”.

Justificando essa alteração, a denominação da categoria como *História de Processos Sociais* explicita tanto a natureza *processual* do fenômeno quanto indica a sua especificidade *social*. Nesse sentido, diferentemente do evento, um *processo social* normalmente não pode ser demarcado no tempo de forma tão precisa. Tendo um caráter mutável, esse *processo* pode ter ganhado ou perdido força ao longo do tempo, bem como se extinguido. Além disso, a característica *social* desta categoria tem por função explicitar as relações entre fenômenos sociais externos à ciência e à Análise do Comportamento. Dessa forma, optou-se pela utilização do termo *processo* em detrimento de *movimento*. Alguns exemplos desses processos são a luta antimanicomial; a ditadura militar e subsequente processo de redemocratização; as Guerras; o Movimento Hippie; a Proibição alcoólica nos Estados Unidos da América; as lutas de minorias sociais etc.

Histórias desse tipo podem narrar, por exemplo, como o processo de ditadura militar brasileiro interferiu diretamente na estrutura organizacional da Análise do Comportamento (e.g., Guedes et al., 2008). Também pode abordar questões intimamente ligadas a outros temas. Por exemplo, uma *História de Processos Sociais* que examine os debates sobre especismo e direitos dos animais está diretamente relacionada com a *História de Disciplinas* e a *História de Métodos* (e.g., Cirino et al., 2010; Gotti et al., 2021). Esta categoria também pode abordar historicamente a participação de um grupo minoritário na Análise do Comportamento (e.g., Keller, 1998; Ruiz, 1995; Simon et al., 2007), as formas de tratamento de uma população específica ao longo da história (e.g., Morris et al., 2021) e a presença de debates sociais na literatura da área ao longo do tempo (e.g., Silva et al., 2022).

História de Métodos²³

Na literatura especializada, *método* é compreendido como “o caminho percorrido” para se obter determinado resultado (Ferrater Mora, 1994/2004). Nesse sentido, o produto obtido ao final desse caminho não é fruto da sorte, mas do controle de contingências realizado pelo(a) pesquisador(a). Assim, o *método* pode ser composto por procedimentos, sujeitos/participantes, instrumentos, natureza das fontes etc. Embora os instrumentos, por exemplo, façam parte do método, esses objetos serão tratados especificamente dentro da *História de Aparatos*.

No contexto científico, os textos costumam apresentar o método em uma seção específica, além de muitos autores também discutirem os motivos pela adoção de um ou outro caminho. Embora exista uma diversidade metodológica²⁴, “o que se aceita chamar de método científico é a *forma crítica de produzir o conhecimento científico*” (Kochê, 2011, p. 35).

Com essa definição, a *História de Métodos* apresentará como um *método* evoluiu ao longo do tempo. Para tanto, a *História de Métodos* narra o desenvolvimento das estratégias adotadas pelos pesquisadores, a ordem de manipulação de variáveis, a forma de tratamento e escolha do(s) sujeito(s)/indivíduo(s) da pesquisa, debates acerca da funcionalidade de um controle experimental, procedimentos com sujeitos/indivíduos específicos (e.g., abelhas), a transformação na forma como as fontes são classificadas e analisadas etc.

A *História de Métodos* pode ter como foco diversos tipos de método (e.g., método indutivo, hipotético-dedutivo, experimental; delineamento de sujeito único ou grupo; procedimentos de interpretação de texto; procedimento de decomposição de comportamentos etc.). Nesse âmbito, este tipo de narrativa apresenta como as discussões sobre a natureza das fontes, participantes, procedimentos etc. se desenvolveram ao longo do tempo em uma ciência (e.g., Cirino, 2010; Dixon et al., 2012; Gotti et al., 2021; Skinner, 1956).

²³ Originalmente “*Methodology or procedure*”.

²⁴ (Ferrater Mora, 1994/2004, pp. 1962-1965).

História de Aparatos²⁵

Seguindo a definição do *guia* de Coleman, *aparato* será entendido como instrumentos, ferramentas e testes psicológicos (i.e., objetos). De acordo com o autor, a principal característica de um aparato é ser um instrumento físico ou virtual, diferenciando-o de método (e.g., análises estatísticas, procedimentos experimentais, de interpretação e de categorização etc.). Para a Análise do Comportamento, que tem a sua história vinculada à utilização de diferentes aparatos (e.g., Caixa de Skinner, registrador cumulativo), a *História de Aparatos* pode apresentar as contingências que favoreceram tais práticas. Além disso, conforme Miranda e Cirino (2016) explicitam, a forma como esses aparatos são utilizados mudam conforme o contexto:

Diferentes comunidades científicas conformaram usos diversificados para cada objeto e, também, para o laboratório. Nesta direção, podemos delinear como membros de uma mesma comunidade significam diferentemente os objetos que compõem aquele grupo. A título de exemplo, constatamos como dois membros da comunidade de analistas do comportamento, de países diferentes, significam objetos diversos de maneira similar. (p. 113)

A *História de Aparatos* analítico-comportamentais pode explicitar contingências históricas presentes na construção de uma ferramenta como a Caixa de Skinner (e.g., Coleman, 1996), a máquina de ensinar (e.g., Benjamim, 1988; Watters, 2023), o *Air Crib/Baby Tender* (e.g., Rutherford, 2003), o registrador cumulativo [*cumulative recorder*] (e.g., Asano & Lattal, 2008; Lattal, 2004). Também pode, entre outras coisas, explorar condições sociais que levaram à adaptação de um aparato, como uma gaiola de pombos

²⁵ Originalmente “*Apparatus*”.

adaptada como Caixa de Skinner (e.g., Fernandes, 2015; Gotti et al., 2021; Kerbauy, 1996; Matos, 1998; Todorov & Hanna, 2010).

História de Textos²⁶

No *guia original*, esta categoria é denominada “Livro ou Periódico ou Artigo”. Uma modificação foi realizada neste tema, optando pela escolha do termo *texto* em detrimento das expressões apresentadas no *guia de leitura*. Tal opção buscou enfatizar o tipo de material que será analisado: o material escrito. Dessa forma, *texto* contempla tanto os *livros* quanto os *artigos* contidos no título original. Contudo, esta tese compreende que a história de um periódico deve ser categorizada como um tipo de *História de Instituições* (e.g., Catania, 2008; Lattal, 2008; Laties, 2008; Martins, 2016) pois, como já mencionado, um periódico científico apresenta organização, hierarquização etc., que o enquadra como um tipo de instituição.

Ademais, como apontado no *guia de leitura*, este tipo de história não tem como objeto de análise apenas *materiais publicados* (e.g., livros, artigos etc.), mas também *manuscritos não publicados* (e.g., cartas, anotações etc.). Dessa forma, o termo *texto* abarca uma ampla gama de materiais escritos.

Este tipo de história tem como objetivo narrar o impacto de um texto em uma área do conhecimento, seja contextualizando esse efeito em sua própria época; mostrando os impactos ao longo do tempo até os dias atuais; analisando o contexto histórico de produção e recepção de um livro; narrando as influências históricas do texto; contextualizando a obra em datas comemorativas etc. (e.g., Catania, 2003; Cruz, 2010; Knapp, 1986; Morris, 2013; Pilgrim, 2003; Rutherford, 2000, 2003).

Para exemplificar, um texto cujo foco é a análise histórica do conceito de *liberdade* (Skinner, 1971/2002) deve ser classificado como *História de Conceitos*. Para ser

²⁶ Originalmente “*Book or journal or article*”.

compreendido como *História de Textos*, esse material deve explorar, por exemplo, como a publicação do livro *Beyond Freedom and Dignity* de Skinner (1971/2002) repercutiu na comunidade analítico-comportamental, quais as influências sociais na confecção dessa obra, o impacto da obra na sociedade etc. (e.g., Cruz, 2010; Rutherford, 2000, 2003).

História de Debates²⁷

Um *debate* se caracteriza por uma discussão com posturas distintas acerca de um determinado tema. Coleman defende no *guia original* que é justamente esse desacordo entre os posicionamentos que caracterizam o debate. A incompatibilidade entre visões acerca de um mesmo fenômeno pode se dar em diferentes campos: questões filosóficas (e.g., determinismo *versus* indeterminismo²⁸; inatismo *versus* ambientalismo); questões metodológicas (e.g., indutivismo *versus* dedutivismo; delineamento de sujeito único *versus* delineamento de grupo); posicionamentos acerca de um conceito (e.g., simetria *versus* assimetria da punição em relação ao reforçamento).

Números especiais em periódicos com o objetivo de discutir um conceito, método etc. (e.g., debates sobre uma proposta de Glenn e Mallot sobre complexidade comportamental na *Behavior and Social Issues*, v.13, n.2; o conceito de comportamento na *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, v.9, n.1/2), e coletâneas nas quais existem interlocutores questionando o autor de um texto, com a possibilidade de réplica e tréplica (e.g., Skinner, 1984), também podem ser consideradas como *debates*. As ciências, de forma geral, estabelecem muitos dos seus debates acadêmicos por meio da publicação de artigos, sendo que uma grande parte destas histórias irão narrar discussões apresentadas por meio de textos. Contudo, a *História de Debates* não está interessada no texto em si, mas na oposição de propostas em relação a um fenômeno e o impacto histórico dessa discordância.

²⁷ Originalmente “*Issue / debate / argument*”.

²⁸ (cf. Laurenti, 2009; Rodrigues & Strapasson, 2019; Strapasson & Dittrich, 2011; Tarui et al., 2022).

Além disso, com o advento da tecnologia, este tipo de história também pode contemplar discussões que aconteceram para além de textos (e.g., gravações de áudio/vídeo de um congresso no qual houve um embate de proposições acerca de um fenômeno analítico-comportamental). Assim, para que uma narrativa seja considerada uma *História de Debates*, esse material deve versar sobre os impactos históricos dessas diferentes proposições para uma área do conhecimento, para a sociedade; contextualizar historicamente as influências de cada uma dessas posturas distintas etc.

O *guia de leitura* também atribui um caráter temporal a esta categoria, acentuando que tal oposição de posicionamentos deve se manter no tempo. A continuidade de um debate no tempo não será um critério isolado de análise, mas convergirá com a compreensão do impacto histórico que um debate tem na área, por exemplo, simetria *versus* assimetria (e.g., Mayer, 2009; Santos, 2017), inato *versus* aprendido (e.g., Boakes, 1983; Herrnstein, 1972), os debates entre N. Chomsky e B. F. Skinner (e.g., Andresen, 1991; Palmer, 2006; Richelle et al., 1976; Virués-Ortega, 2006) ou o diálogo entre T. N. Whitehead e B. F. Skinner sobre linguagem (e.g., Claus, 2007).

Considerações Finais

Foram apresentadas 11 categorias temáticas recorrentes na História da Análise do Comportamento. Como constructo teórico, tais categorias não são parâmetros definitivos de conceituação. Dessa forma, outras proposições podem complementar ou contrapor as categorias aqui apresentadas, assim como este *Guia Temático* teve como ponto de partida a categorização proposta por Coleman no *guia original*.

Vale ressaltar também que os temas propostos aqui fazem interface com outras áreas do conhecimento e não são objetos de análise exclusivos da Historiografia. Análises *conceituais*, *institucionais*, de *processos sociais* etc. podem ser realizadas por meio de critérios historiográficos, mas também filosóficos, psicológicos, sociológicos, antropológicos, econômicos, organizacionais etc. A pluralidade de formas para analisar um conceito, por exemplo, explicita a linha tênue, e muitas vezes turbulenta entre História e Filosofia da Ciência (Araujo, 2016, 2017; Hill & Kral, 2003; Martins, 2004; Nickles, 1995; Pinnick & Gale, 200; Teo, 2013).

Com base nas definições propostas, pesquisas que se amparem nessas conceituações temáticas podem analisar a literatura historiográfica analítico-comportamental a fim de estabelecer um panorama histórico da área. Essas investigações podem indicar quem são personagens relevantes na evolução de uma ciência, contribuindo para a desmistificação do *grande cientista* ao expor as contingências que vigoravam na vida dessa pessoa (e.g., por meio da *História de Pessoas*); indicar importantes periódicos, universidades, associações etc., auxiliando que os membros da comunidade científica encontrem programas de pós-graduação e materiais especializados (e.g., por meio da *História de Instituições*, *de Textos* ou *de Debates*); favorecendo o debate acerca de discussões sociais contemporâneas na área (e.g., por meio da *História de Processos Sociais*).

As categorias apresentadas nesta tese ainda podem ser relacionadas ao debate historiográfico mais amplo estabelecido na Historiografia da Psicologia desde o final da década de 1980. Nesse sentido, investigações sobre a fonte de mudança histórica (i.e., Grandes Homens e *Zeitgeist*) poderiam analisar qual dessas concepções é predominante em um determinado tema (e.g., *História de Pessoas, de Processos Sociais* etc.); qual a referência temporal (i.e., historicismo e presentismo) adotada pelos historiadores ao investigar um tema (e.g., *História de Processos Sociais, de Aparatos, de Debates* etc.); qual o foco de interpretação do fenômeno histórico (i.e., externalismo e internalismo) predominante em um tema (e.g., *História de Instituições, de Conceitos, de Disciplinas* etc.).

Ademais, entendemos que a proposição de categorias temáticas apresenta certas limitações. Primeiramente, as categorias aqui apresentadas não devem ser tomadas de forma rígida e inflexível, ignorando as nuances e complexidades apresentadas nos textos históricos. Em segundo lugar, com o advento das mídias digitais, por exemplo, eventos, debates, apresentações de conceitos etc., podem ser realizados virtualmente (e.g., videoconferência), abrindo espaço para uma categoria que analise outras formas de narrativas que estão para além da *História de Textos*.

Por fim, partindo do ponto que categorias são recortes de análise, compreendemos que um mesmo texto pode abordar mais de uma temática, sendo que muitas vezes narra histórias que não são explicitadas (e.g., não são conceitos presentes no título, palavras-chave etc.). Nesse sentido, este *Guia Temático* pode possibilitar ao leitor de obras históricas analítico-comportamentais compreender outros tipos de história que possam estar sendo contadas e que não foram anunciadas pelo historiador. Este *Guia Temático* auxilia então uma compreensão histórica da área, salientando temas ainda incipientes, a presença ou a ausência de alguns objetos de estudos históricos, indicando caminhos para pesquisas que busquem preencher essas lacunas.

Referências

- Akera, A. (2017). Bringing radical behaviorism to revolutionary Brazil and back: Fred Keller's Personalized System of Instruction and Cold War engineering education. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 53(4), 364-382. <https://doi.org/10.1002/jhbs.21871>
- Andresen, J. (1991). Skinner and Chomsky 30 years later. Or: The return of the repressed. *The Behavior Analyst*, 14(1), 49. <https://doi.org/10.1007/BF03392552>
- Araujo, S. F. (2016). A investigação histórica de teorias e conceitos psicológicos: Breves considerações metodológicas. In C. Laurenti, C. E. Lopes & S. F. Araujo (Orgs.), *Pesquisa teórica em psicologia: Aspectos filosóficos e metodológicos* (pp. 125-146). Hogrefe.
- Araujo, S. F. (2016). Toward a philosophical history of psychology: An alternative path for the future. *Theory and Psychology*, 27(1), 87-107. <https://doi.org/10.1177/0959354316656062>
- Asano, T., & Lattal, K. A. (2008). Historical note on cumulative recorders manufactured in Japan. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 90(1), 125-129. <https://doi.org/10.1901/jeab.2008.90-125>
- Assis, F. R. P., Delitti, M., & Lima, M. V. O. (2005). Homenagem a Maria Amélia Matos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7(1), 1-3. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v7i1.37>
- Baer, D. M. (1993). A brief, selective history of the Department of Human Development and Family Life at the University of Kansas: The early years. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 26, 569-572. <https://doi.org/10.1901/jaba.1993.26-569>

- Barros, J. D'A. (2007). História das Ideias: Em torno de um domínio historiográfico. *Locus: Revista de História*, 13(1), 199-209.
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20661>.
- Benjamin, L. (1988). A history of teaching machines. *American Psychologist*, 43, 703-712.
<https://doi.org/10.1037/0003-066X.43.9.703>
- Bjork, D. W. (1997). *B. F. Skinner: A life*. American Psychological Association.
<https://doi.org/10.1037/10130-000>
- Boakes, R. A. (1983). Behaviorism and the nature-nurture controversy. In G. C. L. Davey (Ed.), *Animal models of human behavior* (pp. 15-35). Wiley.
- Brock, A. C. (2017). The new history of psychology: Some (different) answers to Lovett's five questions. *History of psychology*, 20(2), 195-217.
<https://doi.org/10.1037/hop0000036>
- Brožek, J., & Massimi, M. (2001). Curso de introdução à historiografia da psicologia: Apontamentos para um curso breve. *Memorandum*, 1, 72-78.
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6818>
- Burnham, J. C. (1968). On the origins of behaviorism. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 4, 143-151. [https://doi.org/10.1002/1520-6696\(196804\)4:2<143::AID-JHBS2300040207>3.0.CO;2-%23](https://doi.org/10.1002/1520-6696(196804)4:2<143::AID-JHBS2300040207>3.0.CO;2-%23)
- Campos, R. H. F. (1998). Introdução à historiografia da Psicologia. In J. Brožek & M. Massimi (Orgs.), *Historiografia da Psicologia moderna* (pp. 15-19). Edições Loyola.
- Cândido, G. V. (2017a). Novas perspectivas para a história do Sistema Personalizado de Ensino: seus fundadores. *Memorandum*, 33, 51-67.
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6651>

- Cândido, G. V. (2017b). Introdução da Análise do Comportamento no Brasil: A cadeira de Psicologia de Rio Claro (1962-1963). *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 8(1), 135-143. <https://doi.org/10.18761/pac.2016.027>
- Catania, A. C. (2003). B. F. Skinner's Science and Human Behavior: Its antecedents and its consequences. *Journal of Experimental Analysis of Behavior*, 80, 313-320. <https://doi.org/10.1901/jeab.2003.80-313>
- Catania, A. C. (2008). The Journal of the Experimental Analysis of Behavior at fifty and one hundred. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 89(1), 111-118. <https://doi.org/10.1901/jeab.2008.89-95>
- Cirino, S. D., Miranda, R. L., Gonçalves, A. L., Miranda, J. J., Vieira, R. D., & Nascimento, S. S. (2010). Refletindo sobre o laboratório didático de Análise do Comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 1(1), 15-27. <https://doi.org/10.18761/perspectivas.v1i1.17>
- Claus, C. K. (2007). B. F. Skinner and T. N. Whitehead: A brief encounter, research similarities, hawthorne revisited, what next? *The Behavior Analyst*, 30, 79-86. <https://doi.org/10.1007/BF03392147>
- Coleman, S. R. (1981). Historical context and systematic functions of the concept of the operant. *Behaviorism*, 9, 207-226. <http://www.jstor.org/stable/27758985>
- Coleman, S. R. (1991). Contributions to the History of Psychology: LXXX. The hyperbolic structure of eminence updated, 1975-1986. *Psychological Reports*, 68, 1067-1070. <https://doi.org/10.2466/PR0.68.4.1067-1070>
- Coleman, S. R. (1996). Skinner's progress during the 1930s: Reflexes, operants, and apparatuses. In L. D. Smith & W. R. Woodward (Eds.), *B. F. Skinner and behaviorism in American culture* (pp. 110-127). Lehigh University Press.

- Coleman, S. R., Cola, P., & Webster, S. (1992a). Characteristics of the system of production of history-of-psychology literature, 1975-1986. *International Journal of Psychology*, 27(1), 110-124. <https://doi.org/10.1080/00207599208246870>
- Coleman, S. R., Cola, P., & Webster, S. (1992b). Contributions to psychohistory: XX. Ethnocentricity in the recent history-psychology literature. *O Psychological Reports*, 71, 1267-1271. <https://doi.org/10.2466/pr0.1992.71.3f.1267>
- Coleman, S. R., Cola, P., & Webster, S. (1993). Empirical assessment of methodology in the history-of-psychology literature, 1975-1986. *The American Journal of Psychology*, 106(2), 253-272. <https://doi.org/10.2307/1423171>
- Coleman, S. R., Cola, P., & Webster, S. (1994). Contributions to the history of psychology: XCVIII. Topical content of history-of-psychology literature, 1975-1986. *Psychological Reports*, 74, 691-701. <https://doi.org/10.2466/pr0.1994.74.2.691>
- Cruz, R. N. (2006). História e historiografia da ciência: Considerações para pesquisa histórica em Análise do Comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(2), 161-178. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v8i2.98>
- Cruz, R. N. (2010). Possíveis relações entre o contexto histórico e a recepção do Behaviorismo Radical. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(3), 478-491. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000300004>
- Cruz, R. N. (2013). *B. F. Skinner e a vida científica: Uma história da organização social da Análise do Comportamento* [Tese de doutorado]. Universidade Federal de Minas Gerais. Repositório UFMG. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B33MTM>
- Cruz, R. N. (2016). A fundação do JEAB e o isolamento histórica da Análise do Comportamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(3), 1-9. <https://doi.org/10.1590/0102-3772E323215>
- Cruz, R. N. (2019). *B. F. Skinner: Uma biografia do cotidiano científico*. Artesã.

- Day, W. F. (1998). The historical antecedents of contemporary behaviorism. In R. W. Rieber & K. Salzinger (Eds.), *Psychology: Theoretical-historical perspectives* (pp. 301-352). American Psychological Association.
- Dittrich, A., Melo, C. M., Rocha, C. A. A., & Hunziker, M. H. L. (2024). Pesquisas sobre conceitos. In C. Laurenti & C. E. Lopes (Orgs.), *Pesquisas teóricas em análise do comportamento* (pp. 79-98). Editora Paradigma.
- Dixon, D. R., Tarbox, J., & Vogel, T. (2012). A brief history of functional analysis and applied behavior analysis. In J. L. Matson (Ed.), *Functional assessment for challenging behaviors* (pp. 3-24). Springer. https://doi.org/10.1007/978-1-4614-3037-7_2
- Fernandes, D. M., Perallis, C. G., & Pezzato, F. A. (2015). Creativity, Brazilian “jeitinho,” and cultural practices: A behavioral analysis. *Behavior Analysis: Research and Practice*, 15(1), 28-35. <https://doi.org/10.1037/h0101067>
- Ferrater Mora, J. (2004). *Dicionário de filosofia*. Edições Loyola. (Original publicado em 1994)
- Ferreira, A. B. H. (2010). *Dicionário Aurélio de língua portuguesa* (5ª ed.). Positivo.
- Foucault, M. (2012a). *Microfísica do poder*. Graal. (Original publicado em 1978)
- Foucault, M. (2012b). *Vigiar e punir*. Petrópolis. (Original publicado em 1975)
- Fowler, R. D. (Ed.). (1990). In memoriam: Burrhus Frederic Skinner, 1904–1990. *American Psychologist*, 45(11), 1203-1204. <https://doi.org/10.1037/h0090812>
- Furumoto, L. (1989). The new history of Psychology. In I. S. Cohen (Ed.), *The G. Stanley Hall lecture series* (Vol. 9, pp. 9-34). American Psychological Association.
- Gilbert, R. (2016). *Skinner's quest*. Borden House Press.
- Gomes, D. C. S. (2014). *História das Ideias na ciência: Horizontes de uma pesquisa historiográfica* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Minas Gerais.

- Repositório UFMG. https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-9KSGCX/1/disserta_o_completa.pdf
- Goodall, K. (1972). Shapers at work. *Psychology Today*, 6(6), 53-62. https://siudesign.org/index_htm_files/psycho-today-nov-1972-high-rez.pdf
- Goodwin, C. J. (2005). *História da psicologia moderna*. Cultrix.
- Gotti, E. S., Argondizzi, J. G. F., Oliveira, E. A., Siqueira, D. I., & Ormelesi, M. F. (2021). Breve histórico das práticas experimentais no laboratório didático: Percalços e inovações. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 23, 1-35. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v23i1.1653>
- Guedes, M. C., Cândido, G. V., Belloti, A. C., Carvalho, J. C., Giolo, C. C., Vieira, M. C., Matheus, N. M., Miguel, R. R., & Gurgel, T. G. (2008). A introdução da Análise do Comportamento no Brasil: Vicissitudes. *Behaviors: Ciência Básica e Ciência Aplicada*, 12, 41-57.
- Hartley, M. (1991). *Breaking the silence*. Signet.
- Hawkins, R. P., Chase, P. N., & Scotti, J. R. (1993). Applied behavior analysis at West Virginia University: A brief history. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 26(4), 573-582. <https://doi.org/10.1901/jaba.1993.26-573>
- Herrnstein, R. J. (1972). Nature as nurture: Behaviorism and the instinct doctrine. *Behaviorism*, 1, 23-52. <https://www.jstor.org/stable/27758791>
- Hothersall, D., & Lovett, B. J. (2022). *History of psychology*. Cambridge University Press. (5ed).
- Hunziker, M. H. L. (2015). Obituário: Elenice Aparecida de Moraes Ferrari. *Acta Comportamentalia*, 23(2), 101-102. <https://www.redalyc.org/pdf/2745/274538523001.pdf>

- Iversen, I. H. (1992). Skinner's early research: From reflexology to operant conditioning. *American Psychologist*, 47, 1318-1328. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.47.11.1318>
- Johnston, J. M., Carr, J. E., & Mellichamp, F. H. (2017). A history of the professional credentialing of applied behavior analysts. *The Behavior Analyst*, 40, 523-538. <https://doi.org/10.1007/s40614-017-0106-9>
- Kazdin, A. E. (1978). *History of behavior modification: Experimental foundations of contemporary research*. University Park Press.
- Keiner, S. A., Marinho, V. D., & Malerbi, F. E. K. (2020). Revisão sistemática dos estudos experimentais publicados na "Perspectivas em Análise do Comportamento" de 2010 a 2018. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 11(2), 206-219. <https://doi.org/10.18761/pac.2020.v11.n2.07>
- Keller, F. S. (1981). Charles Bohris Ferster: An appreciation. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 36(3), 299-301. <https://doi.org/10.1901/jeab.1981.36-299>
- Keller, F. S. (1988). Mulheres analistas do comportamento no Brasil (passado e presente). *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 4(1), 43-46. <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/17033>
- Kerbaux, R. R. (2001). ABPMC-dez anos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 3(2), 67-69. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v3i2.136>
- Kienen, N., Kubo, O. M., & Botomé, S. P. (2013). Ensino programado e programação de condições para o desenvolvimento de comportamentos: Alguns aspectos no desenvolvimento de um campo de atuação do psicólogo. *Acta Comportamentalia*, 21(4), 481-494. <https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/43611>
- Kienen, N., Panosso, M. G., Nery, A. G. S., Waku, I., & Carmo, J. S. (2021). Contextualização sobre a Programação de Condições para Desenvolvimento de

- Comportamentos (PCDC): Uma experiência brasileira. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 12(2), 360-390. <https://doi.org/10.18761/pac.2021.jul110>
- Knapp, T. J. (1986). Contributions to psychohistory: XI. The Behavior of Organisms and the Principles of Behavior: Note on a technique of historical analysis. *Psychological Reports*, 59, 1293-1294. <https://doi.org/10.2466/pr0.1986.59.3.1293>
- Köche, J. C. (2011). *Fundamentos de metodologia científica: Teoria da ciência e iniciação à pesquisa*. Editora Vozes.
- Kuhn, T. S. (2018). *A estrutura das revoluções científicas* (B. V. Boeira & N. Boeira, Trans.). Perspectivas. (Original publicado em 1962)
- Larsson, E. V. (2013). Is applied behavior analysis (ABA) and early intensive behavioral intervention (EIBI) an effective treatment for autism? A cumulative history of impartial independent reviews. *Autism*, 27(1), 168-179. <https://www.behavior.org/resources/649.pdf>
- Latties, V. G. (1987). Society for the Experimental Analysis of Behavior: The first 30 years (1958-1987). *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 48(3), 495-512. <https://doi.org/10.1901/jeab.1987.48-495>
- Latties, V. G. (2013). The Journal of the Experimental Analysis of Behavior at fifty. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 89(1), 95-109. <https://doi.org/10.1901/jeab.2008.89-95>
- Lattal, K. A. (2004). Steps and pips in the history of the cumulative recorder. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 82(3), 329-355. <https://doi.org/10.1901/jeab.2004.82-329>
- Laurenti, C. (2008). Determinismo, probabilidade e Análise do Comportamento. *Temas em Psicologia*, 16(2), 171-183.

- Laurenti, C. (2009). *Determinismo, indeterminismo e behaviorismo radical* [Tese de doutorado]. Universidade Federal de São Carlos. Repositório Institucional UFSCar. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/4760?show=full>
- Laurenti, C., Lopes, C. E., & Araujo, S. F. (2016). *Pesquisa teórica em Psicologia: Aspectos filosóficos e metodológicos*. Hogrefe.
- Le Goff, J. (2013). *História e Memória* (7ª ed.) Editora da Unicamp. (Originalmente publicado em 1990)
- Leonardi, J. L., & Cândido, G. V. (2022). The history of behavior therapy in Brazil and its relationship with the three waves. In *Behavior therapy: First, second, and third waves* (pp. 723-741). Springer International Publishing.
- Lopes, C. E. & Laurenti, C. (2016). Metodologia da pesquisa conceitual em psicologia. In C. Laurenti, C. E. Lopes & S. F. Araujo (Orgs.), *Pesquisa teórica em psicologia: Aspectos filosóficos e metodológicos* (pp. 41-69). Hogrefe.
- Lovett, B. J. (2006). The new history of psychology: A review and critique. *History of Psychology*, 9(1), 17-39. <https://doi.org/10.1037/1093-4510.9.1.17>
- Lovitt, T. C. (1993). A brief history of applied behavior analysis at the University of Washington. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 26(4), 563. <https://doi.org/10.1901/jaba.1993.26-563>
- Malott, M. E. (2022). Behavior Analysis ambassador: In honor of João Claudio Todorov. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 71-75. <https://doi.org/10.18542/rebac.v18i1.12698>
- Martins, I. A. (2016). Por uma história da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC): Uma revisão de suas publicações [Dissertação de mestrado]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Repositório PUCSP. <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/19388>

- Martins, R. A. (2004). Ciência versus historiografia: Os diferentes níveis discursivos nas obras sobre história da ciência. In *Escrevendo a história da ciência: Tendências, propostas e discussões historiográficas* (pp. 115-147). Editora Livraria da Física.
- Matos, M. A. (1998). Contingências para a Análise do Comportamento no Brasil. *Psicologia USP*, 9(1), 89-100. <https://doi.org/10.1590/S0103-65641998000100014>
- Mayer, P. C. M. (2009). *Duas definições comportamentais de punição: História, conceitos e implicações* [Dissertação de mestrado]. Universidade Estadual de Londrina. <http://www.uel.br/pos/pgac/wp-content/uploads/2014/03/Duas-defini%C3%A7%C3%B5es-comportamentais-de-puni%C3%A7%C3%A3o-hist%C3%B3ria-conceitos-e-implica%C3%A7%C3%B5es.pdf>
- Michael, J. (1993). A brief overview of the history of Western Michigan University's behavioral programs. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 26(4), 587. <https://doi.org/10.1901/jaba.1993.26-587>
- Michael, J. (2004). Historical antecedents of behavior analysis. In J. Michael (Ed.) *Concepts and principles of behavior analysis and verbal behavior analysis* (pp. 93-104). Society for the Advancement of Behavior Analysis.
- Micheletto, N. (1995). *Uma questão de consequências: A elaboração da proposta metodológica de Skinner* [Tese de doutorado]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Repositório PUCSP. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17329>
- Montaño, C., & Doriguetto, M. L. (2017). *Estado, classe e movimento social*. Cortez.
- Moore, J. (1985). Some historical and conceptual relations among logical positivism, operationism, and behaviorism. *The Behavior Analyst*, 8(1), 53-63. <https://doi.org/10.1007/BF03391912>

- Moore, J. (2005a). Some historical and conceptual background to the development of B. F. Skinner's radical behaviorism - Part 1. *The Journal of Mind and Behavior*, 26(1/2), 65-93. <https://www.jstor.org/stable/43854053>
- Moore, J. (2005b). Some historical and conceptual background to the development of B. F. Skinner's radical behaviorism - Part 2. *The Journal of Mind and Behavior*, 26(1/2), 95-123. <https://www.jstor.org/stable/43854054>
- Moore, J. (2005c). Some historical and conceptual background to the development of B. F. Skinner's radical behaviorism - Part 3. *The Journal of Mind and Behavior*, 26(3), 137-160. <https://www.jstor.org/stable/43854451>
- Morris, C., & Peterson, S. M. (2022). Teaching the History of Applied Behavior Analysis. *Perspectives on Behavior Science*, 1-18. <https://doi.org/10.1007/s40614-022-00354-x>
- Morris, C., Goetz, D. B., & Gabriele-Black, K. (2021). The treatment of LGBTQ+ individuals in behavior-analytic publications: A historical review. *Behavior Analysis in Practice*, 14(4), 1179-1190. <https://doi.org/10.1007/s40617-020-00546-4>
- Morris, E. K. (2013). The legacy of John B. Watson's behaviorist manifesto for applied behavior analysis. *Revista Mexicana de Análisis de la Conducta*, 39(2), 156-179. <https://doi.org/10.5514/rmac.v39.i2.63923>
- Morris, E. K. (2022a). Teaching a course on the history of behavior analysis. *Perspectives on Behavior Science*, 45(4), 775-808. <https://doi.org/10.1007/s40614-022-00357-8>
- Morris, E. K. (2022b). What is first-wave behavior therapy? In W. O'Donohue & A. Masuda (Eds.), *Behavior Therapy: First, Second, and Third Waves* (pp. 83-107). Springer International Publishing.
- Morris, E. K., Baer, D. M., Favell, J. E., Glenn, S. S., Hineline, P. N., Malott, M. E., & Michael, J. (2001). Some reflections on 25 years of the Association for Behavior

- Analysis: Past, present, and future. *The Behavior Analyst*, 24, 125-146.
<https://doi.org/10.1007/BF03392025>
- Morris, E. K., Todd, J. T., Midgley, B. D., Schneider, S. M., & Johnson, L. M. (1990). The history of Behavior Analysis: Some historiography and a bibliography. *The Behavior Analyst*, 13(2), 131-158. <https://doi.org/10.1007/BF03392530>
- Morris, E. K., Todd, J. T., Midgley, B. D., Schneider, S. M., & Johnson, L. M. (1995). Some Historiography of Behavior Analysis and some Behavior Analysis of Historiography. In J. T. Todd & E. K. Morris (Eds.), *Modern Perspectives on B. F. Skinner and Contemporary Behaviorism* (pp. 195-216). Lawrence Erlbaum Associates.
- Nickles, T. (1995). The philosophy of science and the history of science. *Osiris*, 10, 139-163.
<http://www.journals.uchicago.edu/t-and-c>
- Nunes, C. (2014). O conceito de movimento social em debate dos anos 60 até à atualidade. *Sociologia, problemas e práticas*, 75, 131-147. <https://doi.org/10.7458/SPP2014753579>
- Oliveira, E. A. S., & Heuser, E. M. D. (2017). O dispositivo disciplinar nos estudos de Michel Foucault. *Aufklärung: Revista de Filosofia*, 4(2), 91-106.
<https://doi.org/10.18012/arf.2016.32658>
- Palmer, D. C. (2006). On Chomsky's appraisal of Skinner's Verbal Behavior: A half century of misunderstanding. *The Behavior Analyst*, 29, 253-267.
<https://doi.org/10.1007/BF03392134>
- Pereira, L. M. L. (2000). Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *História Oral*, 3, 117-127. <https://doi.org/10.51880/ho.v3i0.26>
- Pilgrim, C. (2003). Science and Human Behavior at fifty. *Journal of Experimental Analysis of Behavior*, 80, 329-340.

- Pinnick, C., & Gale, G. (2000). Philosophy of science and history of science: A troubling interaction. *Journal for General Philosophy of Science*, 31(1), 109-125. <https://doi.org/10.1023/A:1008353021407>
- Pogrebinschi, T. (2004). Foucault, para além do poder disciplinar e do biopoder. *Lua Nova: Revista de cultura e política*, 179-201. <https://doi.org/10.1590/S0102-64452004000300008>
- Ribes-Iñesta, E. (2022). Joao Claudio Todorov: Remembrances. *Revista Brasileira de Análise Do Comportamento*, 18(1), 95-96. <https://doi.org/10.18542/rebac.v18i1.12708>
- Richelle, M. N. (2016). *B. F. Skinner: A reappraisal*. Routledge. (Originalmente publicado em 1993)
- Richelle, M., Foster, W. S., & Rondal, J. A. (1976). Formal analysis and functional analysis of verbal behavior: Notes on the debate between Chomsky and Skinner. *Behaviorism*, 4(2), 209-221. <https://www.jstor.org/stable/27758868>
- Richter, M. (1987). Begriffsgeschichte and the History of Ideas. *Journal of the History of Ideas*, 48(2), 247-263. <https://doi.org/10.2307/2709557>
- Rodrigues, N. B., & Strapasson, B. A. (2019). Reflexões sobre a discussão do (in)determinismo na Análise do Comportamento brasileira. *Acta Comportamentalia*, 27(4), 497-510. <https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/72028>
- Ruiz, M. R. (1995). B. F. Skinner's radical behaviorism: Historical misconstructions and grounds for feminist reconstructions. *Women of Psychology Quarterly*, 19, 161-179. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1995.tb00285.x>
- Rutherford, A. (2000). Radical Behaviorism and psychology's public: B. F. Skinner in the popular press, 1934-1990. *History of Psychology*, 3(4), 371-395. <https://doi.org/10.1037/1093-4510.3.4.371>

- Rutherford, A. (2003). B. F. Skinner's technology of behavior in American life: From consumer culture to counterculture. *Journal of History of the Behavioral Sciences*, 39(1), 1-23. <https://doi.org/10.1002/jhbs.10090>
- Rutherford, A. (2009). *Beyond the box: B. F. Skinner's technology of behavior from laboratory to life, 1950s-1970*. University of Toronto Press.
- Santos, B. C. (2017). *O conceito de punição na obra de B. F. Skinner: Uma análise histórico-conceitual (1930-1990)* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Pará]. Repositório UFPA. <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/10471>
- Schneider, S. M., & Morris, E. K. (1987). A history of the term radical behaviorism: From Watson to Skinner. *The Behavior Analyst*, 10, 27-39. <https://doi.org/10.1007/BF03392404>
- Sidman, M. (1994). *Equivalence relations and behavior: A research story*. Authors Cooperative.
- Silva, J. A. D., & Bianchi, M. D. L. P. (2001). Cientometria: A métrica da ciência. *Paidéia*, 11, 5-10. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2001000200002>
- Silva, T. S., Flandoli, B. R. G. X., & Mizael, T. M. (2022). Questões raciais na análise do comportamento: Uma análise preliminar sobre a baixa produção da área. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Ed. Especial*(Estresse de Minorias), 371-385. <https://doi.org/10.18761/VEEM.0077.out21>
- Simon, J. L., Morris, E. K., & Smith, N. G. (2007). Trends in women's participation at the meetings of the Association for Behavior Analysis: 1975-2005. *The Behavior Analyst*, 30, 181-196. <https://doi.org/10.1007/BF03392154>
- Simonton, D. K. (1998). Historiometric methods in Social Psychology. *European Review of Social Psychology*, 9(1), 267-293. <https://doi.org/10.1080/14792779843000108>

- Simonton, D. K. (1999). Creativity from a historiometric perspective. In R. J. Sternberg (Ed.), *Handbook of creativity* (pp. 116-133). Cambridge University Press.
- Skinner, B. F. (1950). Are theories of learning necessary? *Psychological Review*, *57*, 193-216.
<https://doi.org/10.1037/h0054367>
- Skinner, B. F. (1956). A case history in scientific method. *American Psychologist*, *11*(5), 221-233. <https://doi.org/10.1037/h0047662>
- Skinner, B. F. (1967). B. F. Skinner. In E. G. Boring & G. Lindzey (Eds.), *A history of psychology in autobiography* (Vol. 5, pp. 385-413). Appleton-Century-Crofts. <https://doi.org/10.1037/11579-014>
- Skinner, B. F. (1976). *About Behaviorism*. Vintage Books. (Original publicado em 1974)
- Skinner, B. F. (1976). *Particulars of my life: Part one of an autobiography*. Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1979). *The shaping of a behaviorist: Part two of an autobiography*. Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1980). The experimental analysis of behavior: A history. In R. W. Rieber & K. Salzinger (Eds.), *Psychology: Theoretical-historical perspectives* (pp. 191-202). Academic Press.
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, *213*(4507), 501-504.
- Skinner, B. F. (1983). *A matter of consequences: Part three of an autobiography*. Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1984). Skinner: Canonical papers. *Behavioural and Brain Sciences*, *7*, 473-701.
- Skinner, B. F. (2002). *Beyond freedom and dignity*. Hackett Publishing Company. (Original publicado em 1971)
- Smith, L. D., & Woodward, W. R. (1996). *B. F. Skinner and behaviorism in American culture*. Lehigh University Press.

- Smith, N. G., & Morris, E. K. (2004). A tribute to BF Skinner at 100: His awards and honors. *European Journal of Behavior Analysis*, 5(2), 121-128. <https://doi.org/10.1080/15021149.2004.11434238>
- Souza, F. H. S. (2018). Uma análise conceitual das agências controladoras e sua relação com a sobrevivência das culturas [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Londrina]. Repositório UEL. <http://www.uel.br/pos/pgac/wp-content/uploads/2018/12/Uma-an%C3%A1lise-conceitual-das-ag%C3%A2ncias-controladoras-e-sua-rela%C3%A7%C3%A3o-com-a-sobreviv%C3%A2ncia-das-culturas.pdf>
- Tarui, M. S., Farias, V. C., Dittrich, A., & Strapasson, B. A. (2022). O comportamento é determinado? O que pensam os analistas do comportamento brasileiros. *Acta Comportamentalia*, 30(2), 323-339. <https://revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/82677>
- Teo, T. (2013). Agnotology in the dialectics of the history and philosophy of psychology. *Theory & Psychology*, 23(6), 840-851. <https://doi.org/10.1177/0959354313504838>
- Todorov, J. C., & Hanna, E. S. (2010). Análise do Comportamento no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(n. especial), 143-153. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000500013>
- Tourinho, E. Z. (1999). Estudos conceituais na Análise do Comportamento. *Temas em Psicologia*, 7(3), 213-222. <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v7n3/v7n3a03.pdf>
- Tourinho, E. Z. (2006). Organização e representação da comunidade científica em Análise do Comportamento no Brasil. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(2), 232-236. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v8i2.104>

- Vaughan, M. (1989). Rule-governed behavior in behavior analysis: A theoretical and experimental history. In S. C. Hayes (Ed.), *Rule-governed behavior: Cognition, contingencies, and instructional control* (pp. 97-118). Plenum Press.
- Virués-Ortega, J. (2006). The case against BF Skinner 45 years later: An encounter with N. Chomsky. *The Behavior Analyst*, 29, 243-251. <https://doi.org/10.1007/BF03392133>
- Watrin, J. P. (2017). The “new history of psychology” and the uses and abuses of dichotomies. *Theory and Psychology*, 27(1), 69-86. <https://doi.org/10.1177/0959354316685450>
- Watters, A. (2023). *Teaching machines: The history of personalized learning*. MIT Press.
- Wertheimer, M. (1998). Pesquisa histórica – Por quê? In J. Brožek & M. Massimi (Orgs.), *Historiografia da psicologia moderna* (pp. 21-41). Edições Loyola.
- Williams, R. A., & Buskist, W.F. (1983). Twenty-five years of JEAB: A survey of selected demo-graphic characteristics related to publication trends. *The Behavior Analyst*, 6, 161-165. <https://doi.org/10.1007/BF03392395>
- Woodward, W. R. (1998). Ruma a uma historiografia crítica da Psicologia. In J. Brožek & M. Massimi (Orgs.), *Historiografia da psicologia moderna* (pp. 61-87). Edições Loyola.
- Zilio, D. (2019). O que nos torna analistas do comportamento? A teoria como elemento integrador. *Acta Comportamental*, 27(2), 233-247. <https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/69862>
- Zuriff, G. E. (1985). Behaviorism: A conceptual reconstruction. In *Behaviorism: A conceptual reconstruction*. Columbia University Press.
- Zusne, L. (1985) Contributions to the history of psychology: XXXVIII. The hyperbolic structure of eminence. *Psychological Reports*, 57, 1213-1214. <https://doi.org/10.2466/pr0.1985.57.3f.1213>

Zusne, L., & Dailey, D. P. (1982) History of texts as measuring instruments of eminence in psychology. *Revista de Historia de la Psicología*, 3, 7-42.

Capítulo II:

Uma História Ampliada da Análise do Comportamento Brasileira

Apresentação do Capítulo II

Este capítulo consiste na aplicação do *Guia Temático* apresentado no primeiro capítulo. Para tanto, uma amostra da literatura foi selecionada para análise. Tendo em vista a amplitude de cada uma das categorias, ressalta-se que nenhuma das temáticas foi investigada exaustivamente, pois o exame de cada um desses temas, e em muitos casos de um único objeto específico dentro dessas temáticas, necessitaria de um trabalho que os examinasse exclusivamente (e.g., a tese de Gabriel Vieira Cândido que tem como foco central Carolina Bori ou de Robson Nascimento da Cruz sobre B. F. Skinner). Por fim, este capítulo não tem a pretensão de recontar a história da Análise do Comportamento no Brasil, esgotando toda a historiografia da área, mas verificar a pertinência do *Guia Temático* tanto para a leitura quanto para a produção de narrativas históricas. Nesse sentido, o capítulo apresentará uma sessão de método, seguida por uma narrativa ordenada pelo *Guia*, chegando ao tópico de discussão sobre as implicações dessa proposição.

Método

Natureza das Fontes

As fontes primárias utilizadas para caracterizar a literatura sobre a história da Análise do Comportamento brasileira em diferentes temáticas consistiram em fontes escritas e publicadas em periódicos e livros didáticos ou de divulgação científica. Para tanto, foram escolhidos periódicos e livros analítico-comportamentais ou de áreas afins que têm relevância histórica para a Análise do Comportamento brasileira.

Periódicos Especializados

Foram selecionadas para as buscas as principais revistas analítico-comportamentais que publicam em língua portuguesa (*Acta Comportamentalia; Perspectivas em Análise do Comportamento; Revista Brasileira de Análise do Comportamento; Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*) ou que tenham relevância histórica para a Análise do Comportamento brasileira (*Psicologia: Teoria e Pesquisa; Psicologia USP*). Além dessas, também foram analisados os periódicos especializados na área, mas que já não são mais veiculados, como os *Cadernos de Análise do Comportamento* (1981-1985) e a revista *Modificação do Comportamento: Pesquisa e Aplicação* (1976-1977). Para além dos artigos publicados, também foram analisados os editoriais e apresentações veiculados nesses periódicos.

Livros

Tendo em vista a importância de livros didáticos e de divulgação científica para uma área do conhecimento, duas coletâneas de livros foram escolhidas como base de busca: *Comportamento em Foco* e *Sobre Comportamento e Cognição*, compreendendo que narrativas sobre a história da própria área também foram veiculadas em tais livros. Vale

ressaltar que o livro eletrônico *Comportamento em Foco* veicula materiais referentes às apresentações realizadas nos Encontros da Associação Brasileira de Ciências do Comportamento (ABPMC) e é uma continuação da coleção *Sobre Comportamento e Cognição* (ABPMC, n. d.).

Outros

Em razão do distanciamento da Análise do Comportamento de outras escolas psicológicas no contexto brasileiro (Strapasson et al., 2017), compreende-se que as publicações sobre a história da Análise do Comportamento brasileira tendem a ser veiculadas em periódicos e coletâneas especializadas na área. Ainda que grande parte das narrativas possam estar publicadas nas fontes previamente selecionadas, buscou-se alcançar também textos publicados em outras fontes. Para tanto, critérios de seleção como a análise de referências foram estabelecidos, não limitando completamente as buscas às fontes previamente selecionadas. Destaca-se que as fontes classificadas nesta categoria não diferem em natureza dos materiais supracitados, pois também são fontes escritas e publicadas, não contemplando, por exemplo, fontes orais, iconográficas, monumentais etc. Nesse sentido, as *Outras* fontes também estão veiculadas em periódicos e livros, mas que não foram pré-selecionados. Os materiais aqui classificados então foram resgatados a partir da leitura do título das referências dos textos encontrados nos periódicos e livros pré-selecionados.

Procedimento

O procedimento desta pesquisa foi composto por cinco etapas, sendo elas:

Etapas 1: Delimitação de Palavras-Chave

Na primeira etapa, palavras-chave foram delimitadas para orientar a seleção dos materiais. Foram selecionados termos compostos pelo radical *hist* (e.g., história,

historiografia, histórico, historicidade, historicizar). Tendo em vista que uma narrativa histórica pode ser formulada sem a utilização de termos com esse radical, outros conceitos diretamente relacionados à definição de história foram selecionados (e.g., tempo, passado, cronologia, recordação, lembrança, memória), assim como termos frequentemente utilizados nesse tipo de obra (e.g., narrativa, origem, desenvolvimento, evolução, transformação, difusão, institucionalização, pioneirismo, legado, trajetória, tradição). Não se restringindo apenas a palavras, a marcação numérica de períodos temporais também foi um critério selecionado (e.g., datas, décadas).

É importante ressaltar que tais termos não foram tratados como *descritores* que deveriam aparecer obrigatoriamente nos textos, mas como palavras orientadoras que mostram uma tentativa de descrição de fenômenos passados. Nesse sentido, os termos pré-selecionados serviram como uma orientação de leitura, com o objetivo de auxiliar, não de impor restrições rígidas. Essa abordagem visou uma adaptação a nuances contextuais das narrativas sobre o passado, compreendendo a dificuldade de estabelecer termos precisos para definir um texto como histórico.

Etapa 2: Definição dos Critérios de Inclusão e Exclusão

Na segunda etapa os seguintes critérios de inclusão e exclusão foram definidos:

Critérios de Inclusão.

O conjunto de critérios de inclusão pode ser dividido em duas categorias: critérios que buscam estabelecer o caráter histórico do material selecionado e critérios que indiquem que a narrativa apresentada pelo texto é sobre um fenômeno analítico-comportamental brasileiro. Nesse sentido, os materiais veiculados em livros e periódicos analítico-comportamentais (e.g., *Acta Comportamentalia*, *Cadernos de Análise do Comportamento*, *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, *Perspectivas em Análise do Comportamento*, *Sobre*

Comportamento e Cognição) foram analisados sob os critérios referentes ao caráter histórico e ao escopo brasileiro; enquanto os materiais publicados em periódicos afins passaram por todo o conjunto de critérios, ou seja, ser histórico, além de analítico-comportamental e versar sobre o Brasil.

O principal critério utilizado foi a *autointitulação* do texto como histórico e analítico-comportamental, seja no *título, resumo, palavras-chave* ou *tópico* no corpo do texto. Quando autointitulado como um texto histórico, os critérios relacionados à Análise do Comportamento foram utilizados, quando autointitulado como um texto analítico-comportamental, os critérios relativos à história foram empregados. Quando autointitulado um texto sobre a “história da Análise do Comportamento”, o critério utilizado foi a contextualização dessa narrativa ao Brasil.

Ainda que um texto não se autointitulasse como histórico, um outro critério de inclusão estabelecido foi a utilização das palavras-chave relacionadas à história apresentadas na primeira etapa. Além do caráter histórico, o texto também precisava versar sobre a Análise do Comportamento brasileira, sendo um critério a presença de termos característicos da área (e.g., nomes próprios de pessoas, instituições; conceitos etc.).

Trabalhos que examinaram a produção brasileira, por exemplo, analisando periódicos nacionais ou autores brasileiros analistas do comportamento, de forma quantitativa, foram incluídos. Para tanto, o material deveria apresentar uma análise temporal do fenômeno investigado (e.g., uma narrativa sobre a evolução de um conceito na literatura nacional; representações gráficas temporais com a frequência de publicações etc.).

Vale ressaltar que, na definição dos critérios de inclusão, optou-se por não estabelecer parâmetros quantitativos, como, por exemplo, o número de aparições de um termo. Ademais, ainda que possam ser exceções, entende-se que narrativas que versem sobre a história da Análise do Comportamento no Brasil podem também ter sido publicadas em outras línguas.

Portanto, textos em português, inglês e espanhol foram incluídos. Por fim, o critério de delimitação temporal para a inclusão foi estabelecido a partir do *Curso de Keller*, sem demarcação final. Com isso, foram incluídos textos entre 1961 até a última data de busca.

Critérios de Exclusão.

Foram excluídos os textos que não analisaram fenômenos da Análise do Comportamento de maneira contextualizada ao tempo e/ou ao Brasil. Os materiais que apresentaram palavras-chave selecionadas de forma não condizente com o seu uso historiográfico também foram excluídos. Por fim, ao compreendermos que termos com o radical *hist* são frequentes no léxico analítico-comportamental, devido à própria concepção explicativa histórica defendida pelo Comportamentalismo Radical, textos que utilizavam termos com o radical *hist* apenas de forma não historiográfica foram excluídos. Como exemplo, o termo *história* apareceu seguido por *comportamental*, *experimental*, *filogenética*, *ontogenética*, *ambiental*, *evolutiva*, *psiquiátrica*, de *reforçamento*, de *aquisição*, de *vida*, do *cliente*, da *pessoa*, de *abandono*, de *punição*; bem como foi utilizado no sentido ficcional (e.g., histórias infantis, histórias criativas, ler/contar histórias).

Etapa 3: Busca e Organização das Publicações

As buscas foram realizadas entre o segundo semestre de 2022 e o primeiro semestre de 2023, tendo sido atualizada em 17 de novembro de 2023. Foi feito o *download* dos textos selecionados, e o material foi arquivado em pastas nomeadas com o nome do periódico ou coletânea de livros no gerenciador de referências *Mendeley*.

Etapa 4: Seleção das Publicações

Primeiramente, a seleção dos materiais foi realizada por meio da leitura do título, resumo e palavras-chave de todos os artigos disponíveis virtualmente nos sites dos periódicos ou nos arquivos digitais das coletâneas de livros selecionados. Ao averiguar que o fenômeno analisado pelo texto tinha relação com Análise do Comportamento brasileira e a possibilidade da apresentação de uma análise temporal sobre o tema, o recurso de busca no interior do documento (e.g., *ctrl+f*) foi utilizado.

Foi selecionada uma palavra do título para o teste em cada artigo. Se a busca resultasse na localização da palavra, novas buscas eram conduzidas usando as palavras-chave delimitadas na primeira etapa. Foi realizada a leitura do parágrafo que continha o termo, e quando necessário, outros parágrafos eram analisados para proporcionar uma contextualização mais abrangente do conceito em análise. Quando o recurso de busca não encontrava a palavra do título escolhida para teste, o texto era lido na íntegra e selecionado ou excluído. A seleção ou exclusão dos textos ocorreu com base nessa leitura preliminar, seguindo os critérios estabelecidos na segunda etapa.

O primeiro termo utilizado para a busca nos textos foi o radical *hist.* Quando o termo foi utilizado no título, resumo, palavras-chave e/ou tópicos do texto e foi empregado de forma historiograficamente condizente, buscou-se por termos relacionados à Análise do Comportamento e Brasil. Para além do recurso de busca, o processo de seleção também averiguou a presença de representações gráficas que descreviam temporalmente um fenômeno.

Após a seleção de artigos e capítulos de livros, todas as referências utilizadas pelo material selecionado foram examinadas com o intuito de encontrar outros textos sobre a história da Análise do Comportamento brasileira que não estivessem veiculados nos periódicos e livros previamente delimitados. Para tanto, a análise dos títulos das referências

buscou pelos termos estabelecidos na primeira etapa. Após a seleção a partir dos títulos, foram utilizados nesses textos os mesmos critérios de inclusão e exclusão já descritos.

Etapa 5: Análise dos Textos

A análise dos textos selecionados partiu da sistematização do material por meio de tabelas. As tabelas requisitavam dados como o *veículo de publicação* do texto selecionado (i.e., nome do periódico, livro); *data de publicação*; *ordem de autoria*; e se era um texto *autointitulado histórico* e/ou *revisão bibliográfica*. Além disso, o principal instrumento de análise dos textos foi o guia de leitura apresentado no Capítulo 1, em que constam os critérios de categorização utilizados.

Seguindo a lógica da seleção dos materiais, a sistematização dos textos nas 11 categorias temáticas descritas no primeiro capítulo teve como critério o tema enunciado no título, resumo, palavras-chave e/ou tópico no corpo do texto. Quando temas distintos foram apresentados nesses campos, utilizou-se a princípio o título como critério principal, seguido das palavras-chave, resumo e, por fim, tópico do texto. Em caso de textos selecionados a partir do tópico, o tema apresentado nesse campo foi o principal critério para sistematização do material nas categorias temáticas.

Após a categorização dos textos pelas temáticas abordadas (Apêndice B), análises quantitativas foram conduzidas a partir de tabelas que relacionavam informações referentes às autointitulações, revisões bibliográficas e datas de publicação com os temas. Esses dados auxiliaram na compreensão de algumas nuances das narrativas, como a quantidade de textos sobre uma temática específica; além da composição de um gráfico que mostra a frequência acumulada de textos ao longo dos anos (Apêndice C).

Ademais, análises acerca do conteúdo dos textos também foram realizadas em função do guia de leitura. Para tanto, foi atribuída, arbitrariamente, a cada uma das categorias uma

cor distinta: amarelo para *Histórias de Pessoas*; verde escuro para *Histórias de Conceitos*; verde claro para *Histórias de Instituições*; vermelho para *Histórias de Disciplinas*; azul claro para *Histórias de Tópicos de Pesquisa*; rosa para *Histórias de Eventos*; roxo para *Histórias de Processos Sociais*; azul escuro para *Histórias de Métodos*; cinza claro para *Histórias de Aparatos*; alaranjado para *Histórias de Textos*; e cinza escuro para *Histórias de Debates*.

No processo de leitura dos textos, a ferramenta *destacar texto* (i.e., grifar) foi utilizada para sinalizar quais partes do texto versavam sobre cada uma das diferentes categorias temáticas. Dessa forma, foi possível visualizar de que maneira diferentes temáticas perpassam os textos, permitindo uma análise detalhada dessas categorias e suas intersecções. Para além da linha narrativa principal, apresentada no título, palavras-chave etc., a leitura integral do texto possibilitou a emergência de histórias sobre temáticas secundárias, assim como o estabelecimento de relações entre tais categorias.

Conjuntamente à leitura do texto e à indicação das cores, um arquivo de texto também foi utilizado. Dividido entre as categorias temáticas, esse arquivo foi utilizado para anotar detalhes de como essas temáticas apareceram nos textos. Nesse sentido, o arquivo serviu tanto como um resumo de transcrição do material selecionado quanto como um bloco de anotações do próprio pesquisador, com relações entre categorias, análises historiográficas de como as temáticas estavam sendo narradas, inconsistências entre as narrativas etc. (Apêndice D). Após a leitura e sistematização dos textos, uma síntese narrativa foi elaborada com base no arquivo de texto acima descrito.

Algumas Considerações sobre o Método

Compreendendo que levantamentos de literatura são normalmente realizados por meio de bases de dados, este tópico tem por objetivo justificar a utilização de outros recursos para a busca das fontes. A opção pela busca diretamente nos periódicos e coletâneas, em detrimento

de bases de dados, deu-se por diversos motivos. Ainda que essa escolha possa limitar o escopo de busca, entende-se que as bases de dados também apresentam limitações, por exemplo, lacunas na cobertura de periódicos e problemas de indexação de descritores. Além disso, a busca por descritores impõe um caráter demasiadamente restritivo ao procedimento, uma vez que os descritores selecionados devem aparecer exatamente como buscados. Nesse sentido, a utilização dos radicais das palavras (e.g., *hist*) não garante a recuperação de materiais que apresentem apenas outros termos relacionados (e.g., passado, memória).

Vale ressaltar ainda que as buscas diretas também permitiram que os textos fossem analisados não somente a partir de seus conteúdos, mas também estabelecer relações com outros textos do mesmo periódico ou coletânea (e.g., um volume ou número especial para tratar sobre um tema específico; os editoriais). Além disso, essa análise direta proporcionou o refinamento do próprio procedimento de busca e seleção do texto (e.g., aprimoramento das palavras-chave).

Uma História Ampliada da Análise do Comportamento no Brasil

Tendo como ponto de partida o *Guia Temático* apresentado anteriormente, um dos objetivos deste capítulo é caracterizar a literatura sobre a história da Análise do Comportamento brasileira em diferentes categorias temáticas e avaliar as implicações da multiplicidade temática como diretriz historiográfica. Com base no procedimento de seleção, foram selecionados 243 textos, apresentados no Apêndice B. Os textos foram ordenados por meio dos periódicos e coletâneas previamente escolhidos e também dispostos na categoria *Outros*, referente aos materiais encontrados por meio da leitura das referências dos textos selecionados.

A partir da sistematização, leitura e análise dos textos dispostos no Apêndice B, este capítulo apresentará o conteúdo narrado nos textos selecionados na perspectiva das categorias temáticas. Além disso, apresentará algumas análises bibliométricas, como a quantidade de citações sobre uma determinada temática, e também historiográficas. Os subtópicos com cada uma das categorias serão distribuídos seguindo a mesma ordem na qual foram apresentadas no capítulo anterior.

Histórias de Pessoas

Como apresentado no *Guia Temático*, esta categoria aborda a trajetória de indivíduos, suas características pessoais e personalidade. Além disso, descreve relações de uma pessoa com outros indivíduos e instituições; aborda suas temáticas e procedimentos de pesquisa; debate suas ideias; contextualiza a participação de um indivíduo em processos sociais, na confecção e tradução de textos etc.

As *Histórias de Pessoas* podem ser contadas de muitas formas distintas, mais amplas até do que o escopo desta tese abarca, como por meio de fontes orais, vídeos, imagens etc. Com o enfoque em textos escritos e publicados, as *Histórias de Pessoas* são narradas em

relatos em primeira ou terceira pessoa, ou seja, um relato sobre si mesmo (i.e., autobiografia) ou sobre outrem (i.e., biografia). Esse relato pode ainda ser intermediado por um entrevistador/pesquisador, seja ele com foco na história do próprio entrevistado ou na vida de outra pessoa.

Essas narrativas podem assumir um caráter mais descritivo, que busca relatar a trajetória, ou partes dela, de uma pessoa e analisá-la historiograficamente. Essa descrição também pode apresentar traços memoriais, como em um contexto de homenagem ao biografado, seja um tributo ainda em vida ou póstumo. Nesse segundo sentido, a literatura pode apresentar obituários, notas de falecimento, homenagens póstumas²⁹ etc.

Esta temática foi identificada como principal linha narrativa em uma quantidade expressiva dos textos selecionados, aproximadamente 52,7%. Essas narrativas históricas irão passar, em algum nível, pela história de pessoas, seja com um foco no próprio indivíduo, seja estabelecendo relações dessa pessoa com outras temáticas. Nesse sentido, *Histórias de Pessoas* nos permitem entender não apenas o indivíduo, mas também as relações que ele estabelece com o mundo, sobretudo, o seu ambiente social. De acordo com Pereira (2000), “a biografia individual, em todas as suas modalidades, abre amplas possibilidades para compreender melhor as diferentes mediações entre as evoluções estruturais e as trajetórias individuais” (p. 122).

Alguns autores defendem que *História de Pessoas*, como as biografias e autobiografias, ampliam as possibilidades do conhecimento de diversas relações científicas que não são explicitadas tradicionalmente em outras formas narrativas (Araujo, 2021; Cruz, 2016, 2019).

²⁹ Na literatura analisada, as *notícias de falecimento e obituários* tendem a ser materiais mais breves, com um caráter informativo. Já as *homenagens póstumas* abordam com mais detalhes aspectos da vida do homenageado. O relato subsequente irá utilizar os termos pelos quais os próprios textos se designam.

Nunca é demais lembrar que, nos bastidores da ciência, acontecem muito mais coisas importantes para o seu desenvolvimento do que contam as narrativas impessoais dos manuais introdutórios, eivadas de abstrações e racionalizações que muito se distanciam da realidade vivida pelos cientistas em sua vida pessoal e profissional. (Araujo, 2021, p. 10)

Para além das minúcias e do conhecimento tácito da vida acadêmica, as *Histórias de Pessoas*, assim como todo tipo de narrativa histórica, também têm uma *função*. Para Pereira (2000), esse tipo de história teria um *papel pedagógico*, de situar a pessoa biografada “em relação às normas de vida e ao sistema de valores da sociedade e vai se tornar um exemplo particular de realização do ideal social” (p. 121).

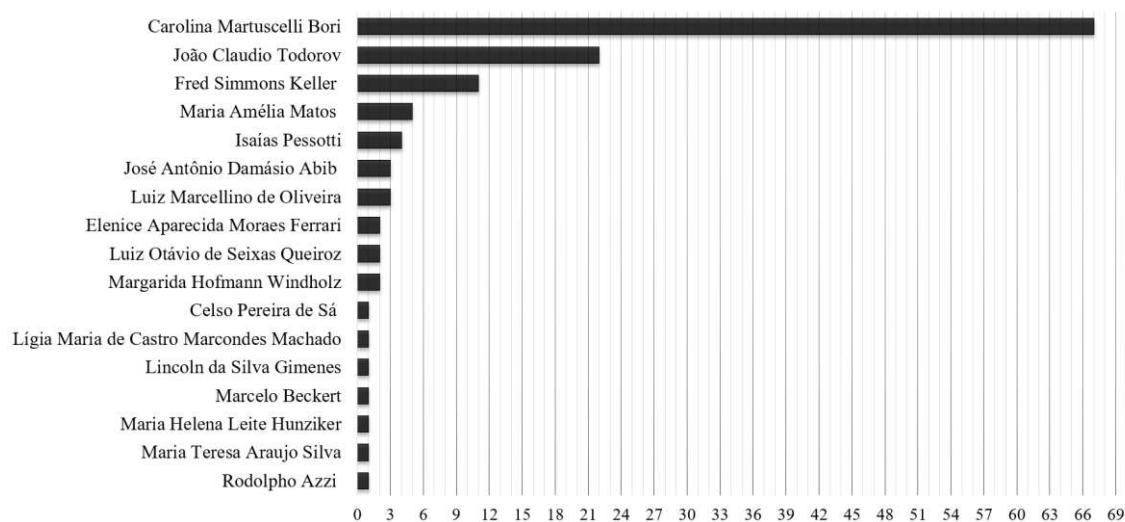
Quando analisamos essas histórias, contextualizando-as em áreas do conhecimento científico, como a Análise do Comportamento, a sua função seria a de dar modelo à comunidade acadêmica. As histórias dos indivíduos biografados serviriam como referência no trato com outras pessoas, orientandos e pares acadêmicos; como exemplo de envolvimento nas políticas e práticas científicas; como parâmetro de rigor, originalidade, inventividade, assertividade, persistência etc. Nas palavras de Cruz et al. (2021):

Nessa perspectiva, supõe-se que um livro sobre a vida daqueles que desempenharam papel especial na formação da Análise do Comportamento brasileira ... engloba muito mais do que apenas a curiosidade histórica e a compreensão intelectual dos trabalhos desses sujeitos, mas propicia acesso a diversificadas e ricas experiências de vida capazes de encorajar cada leitora e cada leitor a pensar sobre sua própria história acadêmica e pessoal, seja como analista do comportamento, seja como pesquisador da história da Psicologia, seja como pessoa interessada na vida daqueles que contribuíram para a instauração de uma nova ciência no Brasil. (p. 26)

Dessa forma, tendo em vista que os indivíduos que têm suas histórias contadas são tratados como um modelo para a comunidade que o biografou, uma questão que emerge é: quem são as pessoas que participaram da história da Análise no Comportamento no Brasil e têm suas vidas, ou partes delas, narradas? Em outras palavras, quem são as pessoas tratadas como modelo para a comunidade analítico-comportamental brasileira?

Para responder essas questões, a estratégia de identificação da linha narrativa principal de um texto foi utilizada. Essa identificação buscou por nomes próprios explicitados no título, palavras-chave, resumo e tópicos. Para classificar textos que apresentaram mais de uma temática no mesmo campo (e.g., título), foi utilizada a leitura integral do texto e identificação da temática principal ou a contextualização do texto em um âmbito maior, como é o caso das coletâneas sobre uma pessoa. Nesses casos, um texto publicado em uma chamada especial ou como um tópico de homenagem a um indivíduo foram tratados como *História de Pessoas* (e.g., Carolina Bori, Isaías Pessotti, João Cláudio Todorov, José Antônio Damásio Abib).

Assim, a Figura 1 apresenta o resultado dessa análise, tendo 128 textos dispostos nesta categoria. As três pessoas com mais histórias biográficas publicadas são Carolina Martuscelli Bori (67), aproximadamente 52% das *Histórias de Pessoas*; João Cláudio Todorov (22), aproximadamente 17%; e Fred Simmons Keller (11), equivalente à 7% do total de textos desta categoria. Somando a quantidade de narrativas sobre essas três pessoas, temos aproximadamente 76% do total das *Histórias de Pessoas*. Outras pessoas com ao menos duas publicações sobre suas histórias são Maria Amélia Matos (5), Isaías Pessotti (4), José Antônio Damásio Abib (3), Luiz Marcellino de Oliveira (3), Elenice Aparecida Moraes Ferrari (2), Luiz Otávio de Seixas Queiroz (2) e Margarida Hofmann Windholz (2).

Figura 1*Quantidade de Narrativas que Focalizam Pessoas*

Para compreender esse dado se faz necessário explicitar que a forma como a literatura foi selecionada pode afetar esse resultado diretamente, sobretudo em relação à Carolina Bori. Esse número especial da revista em homenagem à Carolina Bori, de 1998, teve como editora convidada Maria Amélia Matos, e foi dividido nesta pesquisa em 58 diferentes fontes – 51 artigos e sete apresentações e introduções aos tópicos.

De acordo com Carvalho et al. (1998a), na apresentação desse número, a edição foi organizada em duas partes: a primeira consistindo em um “conjunto de depoimentos individuais de membros da comunidade acadêmica e outros colegas” (p. 20); enquanto a segunda parte teve como foco a produção acadêmica, o impacto no desenvolvimento científico etc. A decisão de incluir todos os textos que compuseram a homenagem realizada pela *Psicologia USP* (v.9, n.1), selecionando individualmente a apresentação (i.e., Carvalho et

al., 1998a) e as seis introduções dos tópicos (i.e., Carvalho et al., 1998b, 1998d, 1998e, 1998f, 1998g, 1998i) aumentou o número de textos categorizados como *História de Pessoas*, tendo um impacto quantitativo nos resultados.

Além desse volume, outras fontes foram selecionadas em outros veículos de publicação. Os outros nove textos que apresentam narrativas em que Carolina Bori é o principal tema são compostos por uma entrevista que ela concedeu à Maria Amélia Matos (i.e., Bori, 1998)³⁰. Outras seis publicações apresentam um caráter memorial, de homenagem, devido ao seu falecimento em 2004 (i.e., Feitosa, 2005, 2007; Guedes, 2004a, 2004b; Kerbauy, 2004; Souza, 2005). Por fim, dois textos são análises historiográficas da obra da autora, com o enfoque nas décadas de 1950 e 1960 (i.e., Cândido & Massimi, 2012, 2016).

A segunda pessoa com mais narrativas contando aspectos de sua trajetória é João Cláudio Todorov. Um dos textos selecionados foi publicado na *RBTC*, como homenagem, em decorrência de seu falecimento no final de 2021 (i.e., De-Farias et al., 2021). Os outros 21 textos selecionados foram publicados na *ReBAC*, em 2022 (v.18, n.1), também sob o controle dessa fatalidade. No editorial, Hanna et al. (2022) contextualizam o material:

A proposta inicial era incluir temas que mostrassem suas contribuições como pesquisador, e em atividades voltadas para o coletivo e a organização da ciência, em conselhos, sindicatos, associações científicas, gestão em universidades, formação de pesquisadores, alunos e grupos de pesquisa. (p. 8)

Dentre os 11 materiais selecionados sobre Fred Simmons Keller, a maioria deles segue o mesmo padrão de homenagem póstuma descrito acima. O principal repositório desses materiais é o volume da *Psicologia: Teoria e Pesquisa* (v.12, n.1, n.2, n.3), publicado em

³⁰ Ainda que a entrevista tenha sido publicada em 1998, mesma data da homenagem da *Psicologia USP*, não há indícios nos materiais que estabeleçam uma relação direta com a publicação do periódico. Uma investigação mais aprofundada poderia buscar por tais relações, uma vez que tanto Carolina Bori quanto Maria Amélia Matos são personagens centrais nesses textos.

1996, que traz seções especiais, de acordo com a editora, em “tributo a Keller” (Zannon, 1996).

Além do editorial (i.e., Zannon, 1996), três artigos foram recuperados do primeiro número (i.e., Gorayeb, 1996; Keller, 1996a; Pessotti, 1996); três do segundo número (i.e., Guilhardi & Madi, 1996; Keller, 1996c; Matos, 1996); e quatro artigos da Seção Especial do terceiro número (i.e., Bori, 1996; Keller, 1996b; Kerbauy, 1996b; Zannon, & Bori, 1996). Desses materiais selecionados, os dois artigos escritos por Keller (1996b, 1996c) não foram analisados nesta categoria temática, pois foram classificados como *História de Tópicos de Pesquisa: Programação de Ensino*.

Além dos textos encontrados nesse volume da *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, outros materiais foram encontrados, também em caráter de homenagem à Fred Keller (i.e., Kerbauy, 1996a; Todorov, 1996, 2003a). Destaca-se que esses outros materiais foram publicados em importantes veículos nacionais e internacionais de comunicação científica, tais como a coletânea *Sobre Comportamento e Cognição*, os periódicos *Psicologia USP* e o *Journal of the Experimental Analysis of Behavior* (JEAB).

Foram encontrados cinco textos categorizados como *Histórias de Pessoas* que versam sobre Maria Amélia Matos. Como nos casos anteriores, essas narrativas foram produzidas após o seu falecimento. A bibliografia selecionada é composta de uma nota de falecimento (i.e., Tomanari, 2005), publicada na *Psicologia: Teoria e Pesquisa*; duas homenagens contíguas ao acontecimento (i.e., Andery & Sérgio, 2005; Assis et al., 2005), respectivamente na *Behaviors* e *RBTCC*; e dois textos no dossiê de apresentação em homenagem à Maria Amélia Matos na *Psicologia USP* (v.21, n.2), em 2010 (i.e., Sérgio & Micheletto, 2010; Tomanari & Debert, 2010).

Duas pessoas cujas trajetórias são narradas e divergem das homenagens póstumas são Isaiás Pessotti e José Antônio Damásio Abib. Ambos os casos são homenagens realizadas

ainda em vida, respectivamente na *ReBAC* e *PAC*. Tomadas as devidas proporções, a Seção e Número Especial apresentam um padrão semelhante a homenagem à Carolina Bori, veiculado em 1998 na *Psicologia USP*.

A Seção Especial, *Homenagem aos 90 anos de Isaias Pessotti*, publicada na *ReBAC* (v.19, n.2) é composta por cinco textos, dos quais todos foram selecionados, mas somente três foram classificados como *História de Pessoas* (i.e., Lopes, 2023; Moraes, 2023; Pompermaier, 2023). Além disso, outra homenagem a Isaias Pessotti também foi selecionada (i.e., Otero, 2006).

Outro Número Especial, que também não tem um caráter póstumo, é a *Homenagem ao Prof. José Antônio Damásio Abib*, veiculado pela *PAC* em 2023, que apresenta 13 textos, sendo que a maior parte deles não traz um viés histórico. Assim, foram selecionados três textos, dentre eles o editorial e a apresentação (i.e., De Rose & Galvão, 2023; Laurenti & Lopes, 2023; Silveira, 2023).

Em relação à Luiz Marcellino de Oliveira, três narrativas foram selecionadas. Um dos materiais conta a sua “contribuição pioneira” para diferentes áreas da Análise do Comportamento (i.e., Ferrari, 2014). Em outro texto, por meio de uma análise documental do arquivo pessoal de Luiz Marcellino, Peron et al. (2015) narram a história desse analista do comportamento em relação a instituições, métodos de ensino e contribuições aplicadas. O último texto, em um caráter de homenagem póstuma, embora não utilize tais termos, é contíguo ao seu falecimento em 2008 (i.e., Almeida, 2007). Contudo, a edição da *ReBAC* (v.3, n. 2) é datada de 2007, mesmo o próprio material dizendo que o aceite do artigo aconteceu em 30 de setembro de 2008.

Esse desencontro de datas também ocorre em relação à Margarida Hofmann Windholz (Maggi). Um dos textos selecionados, intitulado de *obituário*, está alocado no site da *ReBAC* no volume 13, número 1, datado como 2017. Contudo, o próprio texto data o falecimento de

Margarida Windholz em 2018 (Fagundes, 2017a). O outro material selecionado é a transcrição de uma saudação à Margarida Windholz, na abertura do XXV Encontro da ABPMC, realizado em 2016 (i.e., Fagundes, 2017b).

Olhando para as outras *Histórias de Pessoas* selecionadas, as homenagens póstumas voltam a ser uma das principais formas narrativas utilizadas. Os textos sobre Elenice Aparecida de Moraes Ferrari são um *obituário* (i.e., Hunziker, 2015) e uma homenagem póstuma em função de seu falecimento (i.e., Batista & Moraes, 2015). Também em um memorial póstumo, Luiz Otávio de Seixas Queiroz é apresentado como um “pioneiro” da Análise do Comportamento brasileira (i.e., Batista et al., 2015). Outros autores que também foram homenageados com memoriais foram Lígia Maria de Castro Marcondes Machado (i.e., Medeiros, 1999), Lincoln da Silva Gimenes (i.e., Todorov, 2016) e Marcelo Beckert (i.e., Silva, 2005).

A identificação da principal linha narrativa do texto, nesse caso, uma pessoa cuja trajetória está sendo contada, pode nos dar um vislumbre de quem são os principais modelos da comunidade analítico-comportamental brasileira. Entretanto, a análise quantitativa a partir dessa estratégia pode dar a compreensão equivocada que apenas essas pessoas descritas acima tiveram suas vidas narradas. Olhando mais detalhadamente para as mais diversas categorias temáticas, podemos encontrar menções a muitos indivíduos, ainda que essas pessoas sejam partes tangenciais dessas narrativas.

Dessa forma, a leitura integral dos textos nos permite compreender linhas narrativas secundárias. A identificação dessas narrativas tangenciais possibilita a elucidação de quais outros indivíduos são mencionados na literatura sobre a história da Análise do Comportamento brasileira, além de possibilitar o estabelecimento de relações entre essas pessoas e outras temáticas.

Por exemplo, uma fonte cuja temática principal é a *História de Textos* pode apresentar a importância histórica de indivíduos que confeccionaram esse material ou que estiveram envolvidos na tradução e adaptação dele. Outro exemplo é a apresentação do papel de um ou mais indivíduos em uma instituição. Ainda que a linha narrativa principal busque apresentar uma *História de Instituições*, pessoas proeminentes na política institucional podem ser evidenciadas como figuras importantes para aquela história.

Como descrito na etapa 5 do método, a partir da leitura e marcação com as cores previamente atribuídas à literatura selecionada, bem como o auxílio de um bloco de notas, as diferentes pessoas mencionadas foram sendo identificadas. Essa identificação também foi feita em relação ao conteúdo narrado. Dessa forma, a sequência deste tópico irá apresentar as pessoas mencionadas nos diversos textos, independentemente de como ele foi categorizado por sua linha narrativa principal.

É importante ressaltar que muitos dos textos selecionados e analisados são fontes primárias, produzidas por pessoas que tiveram contato direto com os indivíduos cujas histórias estão sendo narradas, assim como muitos dos autores também participaram dessa história. Os subtópicos que serão apresentados têm por objetivo sistematizar os conteúdos expostos acerca dos mais diversos participantes do desenvolvimento da Análise do Comportamento no Brasil.

Essa sistematização nos permite reconhecer importantes personagens históricos, ainda que os seus nomes não estejam marcados nos títulos dos artigos. Também possibilita uma compreensão das concordâncias entre os textos, bem como dos desencontros de informações e inconsistências apresentadas sobre uma pessoa.

Tendo em vista que os objetivos deste trabalho não se limitam a uma única categoria, e compreendendo que uma análise minuciosa de uma categoria, sobretudo da *História de Pessoas*, consistiria em um trabalho por si só, será apresentado um pequeno recorte da

literatura. Assim, esta apresentação não objetiva esgotar o que a literatura apresenta sobre pessoas que participaram da história da Análise do Comportamento no Brasil. Dessa forma, foram elencados quatro pessoas como exemplos, que serão apresentadas em subtópicos intitulados com o nome da pessoa cuja trajetória foi contada. Para além dos indivíduos tomados como exemplos, outras pessoas que tiveram suas histórias contadas podem ser encontradas na Lista 2 e no Apêndice D.

Fred Simmons Keller (1899-1996)

Podemos encontrar na literatura geral sobre a história da Análise do Comportamento diferentes sujeitos participando da sua construção teórica e metodológica. Cruz (2019), por exemplo, ressalta a importância de Fred Keller para a área, retratando-o como um dos principais responsáveis pela propagação da teoria skinneriana. Não somente nos Estados Unidos da América, Fred Keller é tomado como um emissário da Análise do Comportamento. Nas palavras de Cruz (2019), “Keller ocupa posição central como responsável pelo processo de aceitação, sobrevivência e propagação da ciência skinneriana” (p. 129).

Buscando a inteligibilidade das informações apresentadas nos diferentes textos que abordam a trajetória de Fred Keller relacionada ao Brasil, a descrição da literatura acerca do autor percorrerá alguns cenários. Começando por aspectos pessoais apresentados; passando pelos eventos relacionados ao *Curso de Keller em 1961* e ao *Plano de Brasília*; algumas atividades realizadas por ele no país; o seu impacto em traduções realizadas; e finalizando com a sua importância para a comunidade acadêmica brasileira, sobretudo analítico-comportamental.

Fred S. Keller é retratado na literatura selecionada como o fundador da Análise do Comportamento no Brasil (e.g., Hübner & Starling, 2019; Moraes, 2023; Moraes & Rolim, 2022; Vasconcelos et al., 2022; Vilarés & Azoubel, 2023). De acordo com Andery e Sérgio

(2005): “podemos dizer que a história da análise do comportamento tem um marco inicial: a presença no país de Fred Keller, no início da década de 60 (primeiro na Universidade de São Paulo e mais tarde na Universidade de Brasília)” (p. 29). Nessa perspectiva, Windholz (1998) atribuiu à Fred Keller a *paternidade* da Análise Experimental do Comportamento no país.

Assim, o surgimento da área no Brasil teria como seu primeiro personagem histórico um estadunidense. Entretanto, alguns autores defendem que, mesmo que figurativamente, “Fred se tornou brasileiro” (Todorov, 1996, p. 8), ou ainda, “Fred Keller se fez, e assim se considerava, também brasileiro” (Zannon, 1996, p. iii).

As histórias que abordam esses aspectos acerca da nacionalidade podem parecer, a princípio, recursos retóricos para convencer o leitor da importância de um estrangeiro para a área. Mas, além disso, nos permite compreender que essa atribuição de nacionalidade também está relacionada a como Fred Keller buscou se aproximar da cultura brasileira (e.g., Bori, 1996; Frances, 2001; Keller, 1987, 1996a; Kerbauy, 1996a; Todorov, 1996).

Esse acultramento fica retratado, por exemplo, nas palavras de Kerbauy (1996a), que diz: “o participar e o viver no Brasil foram demonstrados não somente no aprendizado da língua, pois falava português, mas no ler Guimarães Rosa, Jorge Amado e mesmo Machado de Assis” (pp. 226-227)³¹. O próprio Keller (1996a) relata: “Descobrimos cafezinho, feijoada, cuscuz, Brahma chopes, e caipirinha. Fizemos muitos erros na língua, como hoje – *móveis* não são *movies*, *sanduíche misto* não é *sanduíche combinado*, e *assistir* não significa *ajudar*” (p. 8).

Muitas são as características descritas sobre Keller, desde a anúncio de sua proximidade como amigo e colaborador de B. F. Skinner (e.g., Fagundes, 2017b; Miranda & Cirino, 2010b; Miranda & Strapasson, 2023; Todorov, 2003b), até a sua caracterização como uma pessoa extrovertida (Bori, 1996) e carismática (e.g., Fagundes, 2017a). Podemos

³¹ Keller (1996a) inclusive, cita Quincas Borba no encerramento de seu discurso.

encontrar também narrativas que abordam aspectos de sua vida pessoal e profissional durante a estada no Brasil (e.g., Keller, 1987; Kerbaudy, 1996a).

Dos aspectos pessoais abordados, a característica mais marcante descrita é a sua capacidade comunicativa, em diferentes níveis e com diferentes pessoas. Conforme Bori (2001), “estes efeitos foram concomitantes e interligados e indiscutivelmente se deveram à inquestionável habilidade de ensino do Professor Keller” (p. 303). Segundo Fagundes (2017a), “Keller era carismático, fator que favoreceu seu papel de principal assentador das bases e divulgador da Análise Comportamental (AC), entre os estudiosos da Psicologia, no Brasil” (p. 86).

Algumas das pessoas que estabeleceram relações com ele durante a década de 1960, o descrevem como mais do que um professor, e sim um mestre, um guia, um sábio e um amigo (Pessoti, 1996). Como figura de linguagem, Windholz (1998) atribui a Fred Keller até mesmo um caráter místico: “fomos envolvidos pelo feitiço [*magic spell*] que Keller exerceu sobre todo o grupo” (p. 239). Podemos resumir, então, que muitas histórias o tratam como “o lendário Keller” (Kerbaudy, 1996a, p. 241).

Essa concepção de Fred Keller como o fundador da Análise do Comportamento no Brasil está difundida em uma grande quantidade de textos selecionados (e.g., Almeida, 2007; Alves et al., 2019, 2020; Andery & Sérgio, 2005; Batista et al., 2005; Borges, 1998; Bori, 1996, 2001; Cândido, 2017, 2017b; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Carvalho et al., 1998f; Cianca et al., 2020; Cirino, 2001; Cirino et al., 2010; Cunha, 1998; Engelmann, 1998; Fagundes, 2017a, 2017b; Feitosa, 2005; Ferrari, 2014; Frances, 2001; Gotti et al., 2021; Guedes, 1998; Guedes, et al., 2006, 2008; Guilhardi & Madi, 1996; Hanna et al., 2022; Hübner & Starling, 2019; Jardim, 1998; Keller, 1987, 1996b, 1996c, 1999, 2001; Kerbaudy, 1996a, 1996b, 1998; Kienen et al., 2021; Leonardi, 2015; Marinho, 2020; Matos, 1996, 1998b; Mejias, 1997, 1998; Miranda et al., 2011; Moraes & Rolim, 2022; Moreira, 2004,

2022b; Nale, 1998; Pessotti, 1996; Psicologia: Ciência e Profissão, 2010; Rafihi-Ferreira et al., 2016; Ribes-Iñesta, 2022; Rocha e Silva, 1998; Silva et al., 2022; Souza Júnior et al., 2018; Teixeira, 2005; Todorov, 1996, 2003; Todorov & Hanna, 2010; Todorov et al., 2009; Tomanari, 2001, 2005; Torres et al., 2020; Vasconcelos et al., 2022; Villani, 1998; Windholz, 1998; Zannon & Bori, 1996; Zannon et al., 1996). Contudo, muitas dessas narrativas apenas mencionam a presença de Keller no Brasil durante o início da década de 1960 como marco inaugural da área no país, mas não exploram esses eventos.

Por outro lado, alguns textos narram com mais detalhes diferentes aspectos da sua trajetória no Brasil. Mais especificamente, esse início é datado no começo da década de 1960, no primeiro curso que Fred Keller ministrou aqui, em 1961 (e.g., Batista et al., 2005; Bori, 1996; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Cirino, 2001; Feitosa, 2005; Guedes et al., 2006; Guilhardi & Madi, 1996; Hanna et al., 2022; Mejias, 1997; Kerbauy, 1996a; Matos, 1996, 1998b; Todorov, 1996; Tomanari, 2005).

É importante ressaltar que esse *Primeiro Curso* é retratado em alguns textos não somente como *um* dos marcos desse início, mas *o* começo. Nas palavras de Bori (2001), “a história da Análise do Comportamento em nosso país começou com as aulas do professor Keller, na Universidade de São Paulo” (Bori, 2001, p. 302). Consonante com essa afirmação, Matos (1998b)³² diz, “o exercício da Análise do Comportamento no Brasil iniciou-se em 1961 com as aulas do Prof. Keller na Universidade de São Paulo” (p. 89). Nesse ponto se interseccionam a *História de Pessoas: Fred Simmons Keller* e a *História de Eventos: Curso de Keller em 1961*.

Tendo em vista que Fred Keller é um estrangeiro, a viabilização da sua vinda ao Brasil necessitou de uma logística complexa, com o envolvimento de diferentes pessoas e

³² Um texto semelhante a esse foi publicado por Matos (1996). Os textos são praticamente o mesmo, quase que na íntegra, com poucos parágrafos adicionados ou retirados. Além disso, o texto publicado em 1996 apresenta algumas fotos e cópias de documentos. A escolha pelas citações dos textos de Matos (1998b) se deu por ser uma obra mais difundida e citada nos textos sobre a história analítico-comportamental brasileira.

instituições. Dessa forma, alguns textos exploram políticas institucionais envolvidas nessa primeira vinda e estada dele e de sua esposa no país, como a participação do diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo, Paulo Sawaya, no convite realizado; a recepção dos “Kellers” por autoridades acadêmicas etc. (e.g., Carvalho et al., 1998f; Cirino et al., 2012; Engelmann, 1998; Frances, 2001; Fagundes, 2017b; Matos, 1996, 1998b; Miranda & Cirino, 2010b).

Outras narrativas explicitam os impactos de Fred Keller na prática laboratorial e de experimentação no país. A montagem do *Laboratório de Condicionamento Operante da USP* é contada com mais detalhes, como a rotina de Keller no laboratório; os instrumentos, ferramentas, materiais de estudo trazidos por ele ao Brasil etc. (e.g., Bori, 1996; Miranda & Cirino, 2010b; Tomanari, 2001). Em homenagem, esse laboratório foi renomeado para *Laboratório F. S. Keller de Estudos do Comportamento Operante* (Tomanari, 2001).

A importância histórica desse laboratório está para além de sua materialidade (e.g., caixas operantes, equipamentos), pois caracteriza a fundação de uma prática experimental embasada em princípios da Análise Experimental do Comportamento. Mais uma vez, a *História de Pessoas* perpassa outras temáticas, como a *História de Métodos: Laboratório Operante*, ou a *História de Disciplinas: Análise Experimental do Comportamento*.

Mais relacionado à Fred Keller, Bori (1996) narra um pouco de como era a rotina de Keller durante essa sua primeira vinda ao Brasil:

Chegava ao seu escritório, todos os dias da semana, às oito horas da manhã, e ali permanecia o dia todo, treinando seus auxiliares e acompanhando o progresso dos alunos. Essa atitude de respeito que ele demonstrava com seu trabalho e com seus alunos estabeleceu um padrão que mudou profundamente o ensino de psicologia no Brasil. Os resultados tiveram um efeito duradouro. (p. 189)

Essas relações de ensino mencionadas são exploradas, por exemplo, quando Matos (1996, 1998b) descreve a proximidade que Keller estabeleceu com seus alunos durante aquele curso:

A velha gangue [*old gang*] como éramos chamados pelo Prof. Keller estava formada: Rodolpho [Azzi], Carolina [Bori], eu [Maria Amélia Matos], Maria Inés [Rocha e Silva] e Dora [Selma Fix Ventura] (embora eu tenha minhas dúvidas se o Prof. Keller não incluiria também o Seu Chico da cantina como um membro honorário). (1998b, p. 92)

Esse trecho, sobretudo no parêntese, reitera algumas das características pessoais de Keller descritas por outras pessoas, como o carisma e a extroversão. Além disso, mostra que não é somente com outras temáticas que uma *História de Pessoas* irá se interseccionar, mas também com outras *Histórias de Pessoas*. Matos (1996) explicita mais desse evento, mostrando também um Fred Keller que buscou se aculturar dos costumes e linguagem brasileira. Em suas palavras:

Suas aulas eram em inglês, pinceladas aqui e ali com frases chave em português, que ele praticava com um de nós. Um resumo escrito das aulas era preparado por ele (com auxílio do Rodolpho e do Jorge Amado) em português, para distribuição aos alunos. (p. 109).

Um outro tópico abordado em sua trajetória no Brasil está diretamente ligado à *História de Eventos: Plano de Brasília* e *História de Tópicos de Pesquisa: Programação de Ensino*. Muitos textos apresentam Fred Keller como uma das figuras centrais do desenvolvimento do *Personalised System of Instruction* (PSI), também conhecido como “Plano Keller”³³, e que teve como uma de suas primeiras aplicações a Universidade de Brasília (e.g., Almeida, 2007; Batista et al., 2005; Borges, 1998; Bori, 1996; Cândido, 2017b;

³³ As diferenças desses conceitos serão exploradas em suas respectivas categorias.

Cianca et al., 2020; Cunha, 1998; Feitosa, 2007; Ferrari, 2014; Hanna et al., 2022; Keller, 1987, 1996a, 1996b, 1999, 2001; Kerbauy, 1996a, 1998; Kienen et al., 2010; Marinho, 2020; Mejias, 1997, 1998; Moreira, 2004, 2022b; Nale, 1998; Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2010; Rocha e Silva, 1998; Shull, 2022; Teixeira, 2005; Todorov et al., 2009).

Dentre os diferentes relatos sobre a participação de Fred Keller nos acontecimentos de Brasília, alguns textos o mencionam como um mentor intelectual de uma nova concepção de ensino. Outras narrativas retratam a sua participação ativa em um “experimento pioneiro” na UnB (e.g., Villani, 1998, p. 141) e na aceitação de um “convite-desafio” para construir um Departamento de Psicologia inovador em Brasília (e.g., Kerbauy, 1996a, p. 236). Também podemos encontrar mais detalhadamente um relato de Keller (1987), com base nas anotações de seu diário, sobre o período que passou no Brasil em 1964.

Dentre as curiosidades relatadas por Keller (1987), uma delas se refere às tentativas de ministrar aulas em português. Em suas palavras: “hoje comecei a dar aulas – a minha primeira tentativa na língua portuguesa” (p. 202). Esse excerto é corroborado por Kerbauy (1996a), que diz que Fred Keller se esforçava para se comunicar em nossa língua.

Como não pode deixar de ser mencionado, os impactos da ditadura militar também afetaram Fred Keller. Mesmo que indiretamente, a intervenção na UnB atingiu diretamente o projeto que havia sido concebido (i.e., *Plano de Brasília*), bem como afetou pessoas próximas à Keller, “como aluno [*sic*] de doutorado da *Arizona State University* em 1965 acompanhei pessoalmente a angústia de Keller com o que se passava na UnB naquele fatídico segundo semestre” (Kerbauy, 1996a, p. 236). Esse sentimento fica retratado também em uma passagem narrada por Keller (1987) em seu diário: “muita conversa política que nós não entendemos, e não queremos entender. Estou aqui só como professor. O trabalho com o equipamento não avança. Dizem que alguns professores e alunos estão presos em Brasília”

(Keller, 1987, p. 200). Aqui, podemos observar a intersecção entre *História de Pessoas* e *História de Processos Sociais: Ditadura Militar*.

Vale ressaltar também que a literatura apresenta brevemente a participação de Fred Keller em outros eventos, como a presença em reuniões e encontros científicos na década de 1960, como a XIII Reunião Anual SBPC (1961 - Poços de Caldas) e a XVI Reunião Anual (1964 - Ribeirão Preto), além de sua presença na 24ª Reunião Anual da SBPC (1972 – São Paulo) (e.g., Guilhardi & Madi, 1996; Zannon & Bori, 1996). Essa informação indica que Fred Keller esteve no Brasil mais do que duas vezes. A literatura apresenta vagamente algumas menções a outras visitas do autor, mas não estabelecem datas.

Outros impactos da participação de Fred Keller na história da Análise do Comportamento brasileira também podem ser vistos por meio de alguns produtos de seu comportamento verbal, conduzindo-nos a outro encontro entre categorias, nesse caso, com a *História de Textos*. Dois livros do autor, publicados antes de sua vinda ao Brasil, são mencionados como importantes condições para o desenvolvimento da área no país.

O primeiro deles, mencionado por Carvalho et al. (1998f), é *The Definition of Psychology: An Introduction to Psychological Systems* (Keller, 1937). Já o segundo, *The Principles of Psychology: A Systematic Text in the Science of Behavior* (Keller & Schoenfeld, 1950), é descrito tendo um impacto maior, pois foi utilizado de base para a formação dos primeiros analistas do comportamento brasileiros (e.g., Cândido & Massimi, 2012; Guedes et al., 2006; Keller, 1987; Kerbauy, 1998; Matos, 1996, 1998b; Mejias, 1997; Todorov & Hanna, 2010).

Dos materiais didáticos produzidos por Fred Keller no Brasil, destaca-se a publicação de um dicionário de terminologia operante, cujo objetivo era traduzir conceitos analítico-comportamentais para o português (Guedes et al., 2006; Miranda & Strapasson, 2023; Todorov, 2003a; Todorov & Hanna, 2010). Intitulado *Suggested Portuguese translations of*

expressions in operant conditioning, o texto foi publicado em 1963, no *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, e teve Keller como o último dos cinco autores. Além desses textos, uma discussão mais detalhada de sua obra, para além das implicações no Brasil, pode ser vista em Kerbauy (1996b).

Ainda que seja difícil dimensionar a importância de Fred Keller para a Análise do Comportamento brasileira, podemos vislumbrar alguns indícios dessa relevância por meio das diversas homenagens que ele recebeu. Zannon (1996) descreve algumas instituições que o homenagearam, desde aquelas de fato analítico-comportamentais (e.g., Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental na década de 1990), mas também àquelas ligadas à área de forma mais ampla (e.g., SBPC nas décadas de 1960 e 1970; Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto/Sociedade Brasileira de Psicologia na década de 1980). A deferência com que Keller é tratado também fica representada pelo título de *Professor Honoris Causa* concedido pela Universidade de Brasília, em 1987 (Kerbauy, 1996a; Todorov, 2003a; Zannon, 1996). Essas últimas temáticas abordadas nos mostram mais uma intersecção, agora com as *Histórias de Instituições*.

Frances Keller (1912-2018)

A segunda pessoa é também uma estadunidense, Frances Keller, esposa de Fred Keller. A presença de Frances Keller se justifica não apenas pela sua influência em Fred Keller, seu marido, mas também por ter sido contingência para outras pessoas, alunos e professores, diretamente ligados ao início da área no país.

Embora não tenha sido uma analista do comportamento, alguns textos explicitam a sua relevância para o desenvolvimento da área. Um exemplo dessa importância fica marcado na utilização do termo “Kellers” para se referirem ao casal (e.g., Bori, 1996; Hanna et al., 2022; Keller, 1996a; Matos, 1996, 1998b; Todorov, 1996), ou então Gorayeb (1996) que diz: “tenho

que falar do casal Fred e Frances, *da família Keller*” (p. 3). Retratados também por Hanna et al. (2022) como “os inseparáveis Fred e ‘Dona Frances’” (p. 1).

Podemos encontrar passagens que mostram como “Dona” Frances, como uma grande parte da literatura a nomeia, esteve presente e participou da institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil (e.g., Bori, 1996; Carvalho et al., 1998f; Gorayeb, 1996; Guilhardi & Madi, 1996; Hanna et al., 2022; Kerbauy, 1996a; Matos, 1996, 1998b; Todorov, 1996; Zannon, 1996). Frances (2001), por exemplo, relata com mais detalhes a primeira visita que o casal fez ao Brasil em 1961, enquanto Keller (1987) e Matos (1996, 1998b) apresentam relatos permeados pela presença de Dona Frances, com foco no período que ficaram no Brasil em 1964.

Bori (1996), ao falar sobre o casal, reforça a imagem dos Kellers como pessoas abertas à cultura brasileira, e também apresenta uma companheira presente nesse percurso:

Os Kellers falavam nossa língua, liam nossos romances, apreciavam nossa música, aprendiam a preparar nossas bebidas (das quais gostavam especialmente), comiam nossa comida e viajavam muito pelo Brasil para dar discursos inspiradores e discutir planos para novos cursos e laboratórios. (p. 189)

Ressalta-se que, no trecho supracitado, Bori (1996) atribui *aos Kellers* essas diversas características e ações, implicando que Frances Keller estava, ao menos, presente nesses contextos, viagens, planejamentos, cursos etc. Essa presença fica marcada no relato de Matos (1998b): “o Prof. Keller chega ao Brasil acompanhado de Mrs. Frances Keller, que se tornaria a indispensável Dona Frances, grande amiga de todos nós e a fortaleza do Prof. Keller” (p. 89).

No editorial do volume em tributo à Keller, as palavras de Zannon (1996) também retratam essa disponibilidade de Dona Frances, marcando a sua importância:

Um agradecimento especial é devido a Dona Frances Keller, que acolheu carinhosamente nossa sugestão desta homenagem. Ainda agora ela mantém sua posição de colaboradora discreta. Os brasileiros também aprenderam lições que ela propiciava, como um modelo, de presença e atenção cuidadosa, de muito bom humor, em apoio ao bem estar do seu companheiro e ao conforto daqueles amigos e alunos que se aproximavam do Professor. (p. iv)

Essa compreensão pode ser ainda expandida ao tomarmos as palavras de Keller (1987): “Da. Frances começou a ensinar um curso informal de conversação em inglês, a pedido dos bolsistas” (p. 203). Tendo em vista que, naquele momento, a Análise Experimental do Comportamento tinha seus principais materiais didáticos publicados em inglês, podemos compreender que Frances Keller está implicada diretamente no desenvolvimento da área, merecendo este subtópico e não sendo apenas mencionada como uma curiosidade em nota de rodapé.

Carolina Martuscelli Bori (1924-2004)

A primeira brasileira de fato a ser apresentada nesta tese é Carolina Bori. O seu impacto pode ser visto não apenas na quantidade de textos que tomam algum aspecto da sua trajetória como linha narrativa principal, além de um volume de um periódico quase que completamente dedicado à sua homenagem, mas também no fato de ser, entre todas as categorias, uma das temáticas mais mencionadas pelos textos.

Da mesma forma como Keller foi apresentado, uma divisão será realizada quanto aos assuntos abordados. Para tanto, Carolina Bori será contextualizada de forma geral, passando por características pessoais, por uma parte de sua história pregressa; pelo seu papel na regulamentação da Psicologia no Brasil; sua participação em cursos pioneiros em Análise do Comportamento, como a FFCL-Rio Claro, a USP e a UnB; seus impactos em algumas áreas

de estudo, como a Programação de Ensino; a sua participação em diferentes instituições ligadas à Psicologia e à Análise do Comportamento; seu papel na difusão da área para outros locais fora dos grandes centros urbanos e capitais, além da formação de analistas do comportamento; sua atuação política; e alguns de seus legados.

Mesmo não levando em conta os textos que compõem o volume da *Psicologia USP*, há uma quantidade expressiva de textos que mencionam Carolina Bori, retratando a sua importância para a Análise do Comportamento brasileira (e.g., Almeida, 2007; Alves, et al., 2020; Batista et al., 2005; Cândido, 2017a, 2017b; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Cianca et al., 2020; De Rose & Galvão, 2023; Feitosa, 2005, 2007; Ferrari, 2014; Frances, 2001; Gonçalves et al., 2020; Gotti et al., 2021; Guedes, 2004a, 2004b, 2022; Guedes et al., 2006, 2008; Hübner, 2006; Keller, 1987, 1988, 1996b, 1996c, 1999, 2001; Kerbauy, 1996, 2004; Kienen et al., 2021; Kubo, 2005; Lima, 1997; Marinho, 2020; Mejias, 1997; Moraes & Rolim, 2022; Moreira, 2004, 2022b; Nascimento & Henklain, 2020; Psicologia: Ciência e Profissão, 2010; Rafihi-Ferreira et al., 2016; Silva et al., 2022; Sobral, 2022; Souza Júnior et al., 2018; Souza, 2005; Teixeira, 2005; Todorov, 1996, 2003; Todorov & Hanna, 2010; Todorov et al., 2009; Torres et al., 2020; Vasconcelos et al., 2022).

Podemos retomar a alegoria parental utilizada por Windholz (1998) como um retrato dessa importância: “se falamos com carinho do Professor Keller como ‘pai’ da Análise Experimental do Comportamento no Brasil, o papel de ‘mãe’, sem dúvida alguma, pertence a Carolina Bori” (p. 237). Os cuidados com essa *recém-nascida* área são representados por Matos (1998b):

Desde o princípio Carolina foi a grande benéfica presença intermediando contatos com a administração, conseguindo as condições para a liberação de equipamentos e livros na alfândega, verbas para material de custeio e/ou compra de equipamento, levando os Kellers pelo Brasil afora para apresentações em congressos, participação breve em

cursos, ministração de conferências, participação em debates e, de modo geral, espalhando os princípios e o método da Análise Experimental do Comportamento no Brasil. (p. 91)

A relevância de Carolina Bori, estampada nos excertos supracitados, nos leva novamente à discussão sobre quem são as principais pessoas tomadas como modelos acadêmico-científicos da área no país. De acordo com Todorov e Hanna (2010), “a formação básica do psicólogo brasileiro sofreu grande influência da atuação de Carolina Bori” (p. 148).

Seguramente, Carolina Bori é retratada pela literatura como o principal exemplo de pessoa a ser seguido na história da Análise do Comportamento brasileira, quiçá na Psicologia. Essa afirmação se sustenta na quantidade de narrativas que exploram suas características pessoais, no trato com outrem, no empenho acadêmico, na atuação política etc. Muitos são os textos que versam sobre qualidades pessoais de Carolina Bori (e.g., Carvalho et al., 1998e; Freire-Maia, 1998; Goldemberg, 1998; Kerbauy, 2004; Magaldi, 1998; Pessotti, 1998; Souza, 2005; Velho, 1998), sendo consistentemente descrita como uma pessoa exigente, intitulada por Cunha (1998) como a “Dama de Ferro do Instituto de Psicologia” (p. 59). Contudo, muitas outras facetas dela são evidenciadas. Como caracterizada por Carvalho et al. (1998b), Carolina Bori tinha “múltiplas presenças: como pesquisadora, educadora, cientista e, sobretudo, exercendo atividade de liderança” (p. 131). Buscando manter ao máximo a pluralidade das narrativas, optou-se pela apresentação de vários excertos retirados dos textos para retratar a forma como Carolina é apresentada.

Pessotti (1998) utiliza alguns adjetivos para descrevê-la: “respeitável, porque digna, leal, competente... competência de liderar, mas implica também lealdade, coerência e, muitas vezes, coragem” (pp. 243-244). Com a mesma lógica narrativa, mas em outro prisma, Windholz (1998) diz: “Carolina é a lógica, a racionalidade, a clareza, a reflexão, a precisão.

Nem é preciso conhecê-la. Basta analisar sua letra: organizada, precisa, clara, assertiva, apesar da contenção controlada, original e... emotiva” (Windholz, 1998, pp. 239-240).

Outras narrativas explicitam aspectos éticos e morais, como a sua constante preocupação com as “grandes questões sociais brasileiras” (Carvalho et al., 1998b, p. 131), buscando construir uma Psicologia norteada “com base em critérios de relevância social” (E. T. O. Tassara, 1998, p. 153). Representação corroborada por Patitucci (1998), que descreve: “o comprometimento irrestrito de Dona Carolina com os problemas político-sociais de nosso país, principalmente aqueles que afetam a pesquisa científica e o ensino de ciências” (p. 247). Também representada por Magaldi (1998) como:

Uma figura extraordinariamente íntegra, dona de seus pensamentos, que jamais se curvou voluntariamente a qualquer situação que não considerasse ética. Uma pessoa delicada, mas nem um pouco frágil, uma mulher altiva, mas nem um pouco arrogante, uma professora interessada em fazer de cada aluno um profissional consciente. (p. 82)

Outra de suas características, descritas por Pessotti (1998), foi a sua lealdade e identificação institucional: “os interesses institucionais do ‘seu’ departamento, ou instituto ou faculdade, são assumidos quase como interesses pessoais... ela ‘briga’ pelos projetos de seu departamento ou instituto” (p. 243).

Essa qualidade parece estar diretamente atrelada ao seu papel como professora, caracterizado por Rocha e Silva (1998) como “sua ampla visão das questões ligadas ao ensino, sua dedicação às causas da educação” (p. 157). Essa preocupação com aspectos educacionais também fica marcada nas palavras de Guedes (2004b): “acima de tudo, Carolina Bori era uma Professora. E porque era uma grande Professora, deixa discípulos” (p. 192). Como fica explicitado na citação, Carolina Bori não era apenas uma professora, mas um *modelo* de professora. Sobre isso, Villani (1998) também diz:

O comportamento da Professora Carolina pode ser considerado como um notável exemplo de competência dialógica, caracterizada por uma disponibilidade para receber o outro, um esforço para entrar e compreender o campo do outro, uma atenção para escutar o discurso do outro, um cuidado para não desviar o processo do outro e, finalmente, uma capacidade para questionar e orientar o trabalho do outro. (p. 143)

Ademais, essa descrição da Professora Carolina não se restringe à atribuição de adjetivos, que muitas vezes podem parecer vagos e de difícil operacionalização, mas também são explicitadas ações da sua prática pedagógica. Podemos ver exemplos em Windholz (1998), “ela indica caminhos, interroga, dá sugestões. O trabalho fica com você!” (p. 238)”, e também em Souza (1998): “ela não falava muito, não fornecia respostas prontas nem simples” (p. 121).

Carolina Bori também é representada como um modelo de atuação política, tanto no âmbito da política acadêmica quanto na esfera macropolítica. No campo da política científico-institucional, Windholz (1998) nos apresenta indícios dessa atividade:

É só vê-la atuando numa reunião científica, num debate. Lógica, racional, exprimindo-se com clareza, capaz de pôr ordem na multitude de ideias calorosamente colocadas..., mas também com paixão, emoção, assertividade, envolvimento total na sua atuação. Em todos os cargos honrosos e de destaque que ocupou, e foram tantos, sempre o fez com a mesma racionalidade e paixão, envolvimento, dedicação. Responsável pela formação qualitativa, além de quantitativa, de um contingente imenso de professores e pesquisadores, para mim Carolina é representante brilhante e ímpar da ciência no Brasil!. (p. 240)

No domínio da macropolítica, a postura de Carolina é marcada sobretudo em relação à ditadura militar (1964-1985), que afetou diretamente a Análise do Comportamento brasileira e, evidentemente, ela própria. Conforme Feitosa (2005), “foi uma crítica ferrenha do regime

político militar e uma incansável defensora da democracia e dos direitos humanos” (p. 267).

Ou ainda, como retrata Velho (1998),

Carolina encarna admiravelmente o papel de intelectual humanista cuja atividade é inseparável de uma visão ética de mundo. Sua atuação no período do regime militar foi sempre uma referência de ponderação e firmeza. Nos anos que se seguiram, manteve uma postura de democrata independente, voltada para a atividade científica, mas jamais desligada da questão social. (p. 217)

Para compreender melhor Carolina Bori como esse modelo descrito até então, é necessário contextualizar a sua *história pregressa*, antes mesmo da vinda de Keller ao Brasil em 1961. Isso porque, diferentemente de outros importantes personagens como João Cláudio Todorov e Maria Amélia Matos, Carolina já era uma professora, com um histórico de atuação em Psicologia, antes mesmo da década de 1960.

Graduou-se em Pedagogia em 1947 pela Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de São Paulo. Foi contratada pela USP, em 1948, como Professora Assistente de Annita de Castilho e Marcondes Cabral no curso de Filosofia, além de também ter sido professora no curso de Pedagogia ainda na década de 1950 (Engelmann, 1998; Cândido & Massimi, 2012; Carvalho et al., 1998a, 1998c, 1998g; Feitosa, 2005; Guedes, 2004b; Souza, 2005).

As narrativas apresentam que, nessa época, Carolina Bori já se interessava por Psicologia Experimental, estudando Teoria da *Gestalt* (e.g., Cândido, 2017a; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Cunha, 1998; Feitosa, 2005, 2007; Kerbauy, 1998; Marinho, 2020; Souza, 2005) e Psicologia Social (e.g., Kerbauy, 1998). Para além desse contato no início de seus estudos em Psicologia com Kurt Lewin, parte da literatura retrata Carolina como uma defensora da pluralidade epistemológica dentro da área. Barros (1998), por exemplo, diz que:

Em nenhum momento presenciei a Professora Carolina se pronunciar contra o ensino da psicanálise e nem contra qualquer dos docentes dessa área, como é as vezes sugerido. Ao contrário, Carolina se posicionou por um ensino que deixasse claro de um lado a abordagem das ciências humanas e de outro aquela mais fundamentada na metodologia das ciências biológicas. Dentro dessa perspectiva Carolina favoreceu a presença do ensino da psicanálise, como uma matéria introdutória, nos primeiros anos do curso. (p. 80)

Corroborando essa perspectiva, alguns autores retratam uma Carolina Bori mais *psicóloga experimental*, do que *analista do comportamento*. Kerbauy (2004), por exemplo, afirma: “considero que Carolina defendia a psicologia experimental e não somente a análise do comportamento” (Kerbauy, 2004, p. 160). Consonante a essa afirmação, Engelmann (1998) diz que “de modo bem diferente de outras pessoas de orientação operante, o interesse principal de Carolina era ... por toda a psicologia experimental, e não apenas na teoria de Skinner.... Em primeiro lugar, ela é psicóloga” (p. 64).

Contudo, o próprio autor explicita que “dentro das diversas correntes teóricas, prefere a do behaviorismo radical” (Engelmann, 1998, p. 64). Essa preferência também é reiterada na descrição da trajetória acadêmica inicial de Carolina: “inicialmente gestaltista, mudou sua orientação teórica na psicologia. Tornou-se behaviorista operante. Achou que a explicação skinneriana era melhor para o avanço da psicologia científica” (p. 62).

Quando descrito por outras analistas do comportamento, temos um retrato de Carolina um pouco mais veemente em relação ao seu posicionamento epistemológico: “a atuação fundamental de Carolina Bori é em Análise do Comportamento: ela marcou e foi marcada por essa área de investigação profundamente” (Carvalho et al., 1998i, p. 21). Deve-se notar que a assertividade dessa afirmação não contradiz, necessariamente, a postura de pluralidade epistemológica.

Uma última curiosidade ainda sobre a sua *história pregressa*, apresentada somente em um dos textos analisados, é que a primeira experiência de Carolina Bori com a Análise do Comportamento não foi por meio de Fred Keller, no *Curso de Keller* em 1961. De acordo com Feitosa (2005), Carolina teve contato com a obra de Skinner ainda em 1948, mas só “veio a intensificar seu contato com o behaviorismo com a primeira vinda de Fred Keller ao Brasil em 1961” (p. 265).

Além da atuação como professora na USP até o final da década de 1950, Carolina Bori foi convidada a criar e coordenar a Cadeira de Psicologia Educacional no curso de Pedagogia na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras em Rio Claro (Cândido 2017a; Cândido & Massimi, 2012; Carvalho et al., 1998a; Feitosa, 2005; Mejias, 1998). Cândido (2017a) e Moraes (2023) ressaltam ainda que todos os assistentes de Carolina Bori haviam sido seus alunos na USP (i.e., Geraldina Witter, Isaías Pessoti e Nilce Mejias). Juntamente a Carolina, esses assistentes, que mais tarde viriam a participar da institucionalização da área no país, já são parte do ambiente universitário mesmo antes do *Curso de Keller* em 1961.

Quando relacionada diretamente à Análise do Comportamento, a presença de Carolina é marcada em seu momento mais inicial em território brasileiro, na recepção dos Kellers ainda no aeroporto por uma comitiva da universidade, dentre as quais ela estava (e.g., Carvalho et al., 1998f; Frances, 2001; Keller, 1988; Matos, 1996, 1998b). Ao descrever este primeiro encontro, Keller (1988) se refere a ela como uma “psicóloga educacional” (p. 43).

A participação de Carolina Bori no *Curso de Keller* é apresentada por diferentes vieses. Uma parte da literatura atribui a ela a função de *assistente* de Keller (e.g., Hanna et al., 2022; Rafihi-Ferreira et al., 2016; Rocha e Silva, 1998; Silva et al., 2022; Todorov, 1996; Todorov & Hanna, 2010; Torres et al., 2020; Windholz, 1998). Algumas narrativas reiteram ainda que, durante o curso, Carolina já era uma *professora*, embora não fique claro se ela exerceu essa função (e.g., Fagundes, 2017a, 2017b; Fernandes et al., 2015; Keller, 1996a;

Windholz, 1998). Contudo, mesmo que ocupasse o cargo de professora há mais de 10 anos, tanto Keller (1988) quanto Matos (1998b) retratam uma pessoa dedicada ao estudo, tendo frequentado todas as aulas do curso e realizado todos os experimentos planejados. Nesse contexto, a participação de Carolina fica marcada também por sua presença na chamada “*old gang*”, juntamente a outros alunos (Matos, 1996, 1998b).

Concomitantemente a sua participação no curso de 1961 na USP, Carolina era a titular da Cadeira de Psicologia da FFCL-Rio Claro, onde cria-se o primeiro laboratório de Análise Experimental do Comportamento no Brasil³⁴ (Guedes et al., 2006; Rafihi-Ferreira, 2016). Este laboratório foi equipado com instrumentos como caixas de condicionamento operante, produzidas em território nacional, tendo todo esse processo o envolvimento direto de Carolina (Cândido, 2017a; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Matos, 1996, 1998b).

Ainda em Rio Claro, tanto os interesses educacionais de Professora Carolina quanto a teoria operante skinneriana com a qual teve contato durante o *Curso de Keller* estão presentes, marcando uma primeira aplicação da Análise do Comportamento no país, não apenas em conteúdo, mas também como método de ensino. Essa compreensão do ensino da Análise Experimental do Comportamento, seguindo os próprios princípios operantes, que teve um de seus inícios na FFCL-Rio Claro, se desenvolve e culmina no *Plano de Brasília*.

O encontro que ocorre durante os anos de 1961 e 1962 na USP, sobretudo entre dois brasileiros (i.e., Carolina Bori e Rodolpho Azzi) e dois estadunidenses (i.e., Fred Keller e John Gilmour Sherman) proporcionou o estabelecimento de relações entre essas pessoas, mesmo após Keller voltar aos Estados Unidos da América. Nesse sentido, podemos ver aqui também a intersecção da *História de Pessoas* com a *História de Eventos: Plano de Brasília*, e também com a *História de Tópicos de Pesquisa: Programação de Ensino*, contextualizada ao Brasil.

³⁴ Alguns autores defendem que o primeiro laboratório foi montado na USP (cf. Bori, 1996; Cirino et al., 2012; Tomanari, 2001).

Sendo um dos eventos mais citados na historiografia analítico-comportamental brasileira, o *Plano de Brasília* é retratado na literatura por dois aspectos. De um lado, um caráter narrativo mais institucional, focalizando políticas institucionais, o caráter departamental da nova Universidade. De outro lado, uma perspectiva metodológica, explorando as disciplinas programadas, a noção de ensino e aprendizagem adotada, a lógica da formação etc. O papel de Carolina Bori nesse evento é fundamental e mencionado em praticamente todos os textos analisados que abordam esse tema, independentemente do enfoque que o texto tome (e.g., Almeida, 2007; Batista et al., 2005; Cândido, 2017b; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Cianca et al., 2020; Cunha, 1998; De Farias et al., 2021; Feitosa, 2007; Ferrari, 2014; Guedes, 2022; Guedes et al., 2008; Hanna et al., 2022; Keller, 1987, 1996a, 1996b, 1996c, 1988, 1999, 2001; Kerbauy, 1996a, 1998, 2004; Malott, 2022; Marinho, 2020; Mejias, 1997, 1998; Moraes, 2023; Moreira, 2004, 2022b; Nale, 1998; Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2010; Rocha e Silva, 1998; Soares, 1998; Teixeira, 2005; Todorov, 1996; Todorov et al., 2009).

A importância de Carolina Bori nesse evento se caracteriza, sobretudo, nas narrativas que enfocam o convite feito por Darcy Ribeiro para ela construir um Departamento de Psicologia na Universidade de Brasília (e.g., Cândido & Massimi, 2012, 2016; Keller, 1988, 1996c, 2001; Kerbauy, 1998a; Matos, 1996, 1998a, 1998b; Vasconcelos et al., 2022; Villani, 1998). Vale ressaltar que, enquanto alguns textos contemplam Fred Keller no convite, outros marcam Carolina como o ponto focal do projeto psicológico daquela Universidade (e.g., Keller, 1988, 1996c). Nas palavras de Cândido e Massimi (2012), “em 1962, Darcy Ribeiro convidou Carolina Bori para elaborar e dar início ao Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB), na recente capital brasileira. Bori, por sua vez, estendeu o convite a Rodolpho Azzi, Gil Sherman e Keller” (p. 249). Ou ainda, segundo Guedes (2022), “sua ida a Brasília fora escolha pessoal de Darcy Ribeiro” (p. 92).

A complexidade do projeto pode ser melhor contemplada olhando para a *História de Eventos: Plano de Brasília* e para a *História de Tópicos de Pesquisa: Programação de Ensino*. Relacionado à Carolina Bori, salienta-se o caráter desafiador dessa tarefa (e.g., Cândido & Massimi, 2016; Guedes, 2022; Keller, 2001; Matos, 1996, 1998b; Vasconcelos et al., 2022), retratado por Villani (1998) como um “experimento pioneiro” (p. 141), e por Kerbauy (1996a) como um “convite-desafio” (p. 236) recebido por Carolina. Matos (1998a) amplia esse papel, afirmando que Carolina assessorou também a idealização da estrutura dos cursos da Universidade.

O planejamento do curso de Brasília ocorreu ao longo dos primeiros anos da década de 1960, desde o recebimento do convite até à realização de viagens internacionais que Carolina Bori e Rodolpho Azzi fizeram aos Estados Unidos da América para encontrar Fred Keller e Gil Sherman (Keller, 1987, 1996a, 1996c, 2001; Todorov & Hanna, 2010; Todorov et al., 2009). Vale salientar também que, embora as quatro pessoas citadas sejam os principais personagens apresentados, muitos outros indivíduos participaram também desse evento.

Com o golpe militar em 1964, e a decorrente intervenção militar na Universidade de Brasília, o projeto nascente de uma universidade modelo se abalou, e junto com ela o Departamento de Psicologia. Carolina Bori, assim como outros analistas do comportamento, desligou-se da UnB e voltou então para a USP (Keller, 1988), sendo uma das tantas pessoas afetadas pela *Interrupção da Universidade*³⁵.

Ainda que breve, a participação de Carolina é reconhecida institucionalmente, sendo ela um dos membros do *Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília* (Borges, 1998; Feitosa, 2005; Souza, 2005). Recebeu também o título de *Doutora Honoris Causa* pela UnB em 2000 (Feitosa, 2005, 2007), sendo a primeira mulher a ser agraciada com tal honraria (Feitosa, 2005).

³⁵ Salmeron, R. (2012). *A Universidade Interrompida: Brasília, 1864-1965* (2ª ed.) Editora UnB.

Como fruto das interações que ocorreram no planejamento e implementação do *Plano de Brasília* temos uma importante área para a Análise do Comportamento, a *Programação de Ensino*, que teve Carolina Bori como uma de suas criadoras, tendo promovido a sua expansão e difusão (Cândido & Massimi, 2016; Carvalho et al., 1998h, 1998i; Feitosa, 2007; Keller, 1987; Kienen et al., 2021; Kubo, 2005; Nale, 1998; Pacheco Filho, 1998; Souza, 2005).

Parte da literatura contextualiza ainda que a evolução da Programação de Ensino no Brasil toma rumos diferentes da evolução em outros países, por exemplo, nos Estados Unidos da América. As particularidades do próprio país, como as condições materiais, de financiamentos e de estrutura, mas também as subjetividades dos indivíduos participantes de um evento são idiosincrasias importantes nesse desenvolvimento. Dessa forma, Carolina Bori é retratada como responsável direta pelo desenvolvimento de uma Programação de Ensino tipicamente brasileira (e.g., Cândido & Massimi, 2016; Carvalho et al., 1998h; Cianca et al., 2020; Kienen et al., 2021; Kubo, 2005; Matos, 1998a; Nale, 1998; Pacheco Filho, 1998; Teixeira, 2005).

As aplicações desse sistema de ensino baseada em princípios operantes extrapolaram as fronteiras não somente da Análise do Comportamento, mas também da Psicologia. Sob influência direta de Carolina Bori, parte da literatura descreve a construção de programas de ensino, de graduação e pós-graduação, baseados na Programação de Ensino, aplicados a cursos como Administração Rural, Agricultura, Arquitetura, Biologia, Economia, Engenharia, Física, Matemática, Química e Zootecnia (e.g., Guedes, 2004b; Keller, 2001; Matos, 1998b; Nale, 1998; Pacca, 1998; Pacheco Filho, 1998; Rocha e Silva, 1998; Soares, 1998; Tunes & Simão, 1998; Villani, 1998).

O impacto de Carolina Bori é narrado então por meio da sua importância na difusão da Análise do Comportamento. Não apenas por sua participação direta no planejamento e implementação de cursos que contemplavam a Análise Experimental do Comportamento em

diferentes estados brasileiros, Carolina também impactou a disseminação da área por meio da sua atuação como educadora.

Como nos diz Nale (1998), essa influência está presente desde os primórdios da área no país: “se pegarmos o fio condutor vamos quase sempre chegar a Carolina, já que na grande maioria das vezes são trabalhos de seus orientandos ou de orientandos desses” (p. 289). Esse retrato é corroborado também por Silva et al. (2022), que afirmam: “a professora Carolina M. Bori foi um nome bastante importante para a área ... além de ter sido uma das pioneiras da área no país, foi também a primeira orientadora de doutorado da área” (pp. 378-379).

A magnitude desses trabalhos pode ser contemplada nos textos do volume especial da *Psicologia USP*. De acordo com Carvalho et al. (1998h),

ao longo de seus 28 anos de atividades na pós-graduação, Carolina orientou 51 dissertações de mestrado e 53 teses de doutorado – uma média surpreendente de 3,7 trabalhos por ano! ... o maior volume de teses e dissertações orientadas por Carolina Bori concentrou-se no período de 1969 a 1982. (p. 269)

Dessas orientações, a grande maioria delas aconteceu na USP. Nas palavras de Carvalho et al. (1998i), “apenas na Universidade de São Paulo, 49 dissertações de Mestrado e 47 teses de Doutorado” (p. 20). Vale ressaltar também que, embora a maioria dessas orientações tenham acontecido sob uma perspectiva analítico-comportamental, Carolina orientou trabalhos em diferentes abordagens psicológicas (Guedes, 2004b).

Ainda que a literatura apresente uma Carolina Bori aberta ao diálogo psicológico, a sua atuação acadêmica é marcada pela defesa das práticas experimentais em Psicologia. Segundo Rocha e Silva (1998), “o ensino e a pesquisa básica muito devem a Carolina M. Bori” (p. 157), e Kerbauy (1998) explicita essa presença no “desenvolvimento da Psicologia Experimental e de outros laboratórios” (p. 105). Olhando para a relação entre as categorias temáticas, podemos encontrar aqui, ao menos, a intersecção entre a *História de Pessoas*, a

História de Disciplinas: Análise Experimental do Comportamento e a *História de Métodos: Laboratório Operante*.

A implementação desses laboratórios que permitiram o desenvolvimento de práticas experimentais, contemplando também a *História de Aparatos: Caixas Experimentais*, é apresentada tendo a participação de Carolina Bori como fundamental (e.g., Cândido & Massimi, 2016; Carvalho et al., 1998i; Todorov & Hanna, 2010). Conforme Gonçalves et al., (2020), “a influência de Carolina Bori, responsável pela implementação das práticas na década de 1960 ..., parece ter colocado a presença de laboratórios como um dos itens importantes na infraestrutura do curso de psicologia” (Gonçalves et al., 2020, p. 82).

Embora não verse especificamente sobre a Análise Experimental do Comportamento, essa implementação de laboratórios é fundamental para o desenvolvimento da área no país, uma vez que o laboratório animal operante é uma prática histórica de ensino e pesquisa da Análise do Comportamento (Cirino, 2001; Miranda & Cirino, 2010b). Nesse sentido, alguns textos evidenciam não somente Carolina Bori como condição para a criação de laboratórios, para a experimentação ou para a pesquisa básica, mas a sua importância especificamente para a Análise Experimental do Comportamento no Brasil (e.g., Cândido & Massimi, 2012; Carvalho et al., 1998a, 1998i; Kerbauy, 1998; Matos, 1996, 1998a, 1998b; Miranda & Cirino, 2010b; Rocha e Silva, 1998; Todorov & Hanna, 2010). Nas palavras de Windholz (1998), “[Carolina Bori] sedimentou e consolidou o ensino da Análise Experimental do Comportamento no Brasil, criando e promovendo condições para seu desenvolvimento” (p. 239).

Podemos identificar na literatura essa pluralidade entre uma Carolina Bori retratada como promotora da Análise do Comportamento, mas também da Psicologia e, por que não, da ciência. Essa imagem fica marcada também quando olhamos para a sua participação na *História de Instituições*. A sua atuação institucional mostra como a sua participação na

história da Psicologia brasileira vai além das suas práticas como analista do comportamento, como na sua participação na criação do periódico *Psicologia* (De Rose & Galvão, 2023).

As menções a sua presença podem ser encontradas nas mais diversas *Associações*, *Institutos* e *Sociedades*. Alguns exemplos são a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)³⁶; a Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP), anteriormente Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto (SPRP); a Associação de Modificação do Comportamento (AMC); a Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação (ANPEPP); o Centro Nacional de Formação Profissional (CENAFOR); o Instituto Brasileiro de Educação, Cultura e Ciência (IBECC) (e.g., Cândido & Massimi, 2012; Candotti, 1998; Carvalho et al., 1998c, 1998d, 1998f; Cunha, 1998; Feitosa, 2005; Freire-Maia, 1998; Goldemberg, 1998; Guedes, 1998, 2004a, 2004b; Keller, 1988; Kerbauy, 2004; Krieger, 1998; Lavras, 1998; Magalhães, 1998; Malavasi, 1998; Matos, 1996, 1998b; Ormastroni, 1998; Pacheco Filho, 1998; Queiroz Neto, 1998; Queiroz, 1998; Sala, 1998; Soares, 1998; Souza, 2005; Velho, 1998).

A permeabilidade de Carolina Bori nas *Histórias Institucionais* também pode ser vista nos diversos relatos que mencionam a sua importância para diferentes instituições universitárias. Uma das formas de contemplar esse reconhecimento é por meio dos relatos que apresentam os diversos títulos honoríficos recebidos, como o título de *Doutora Honoris Causa* pela UnB (Feitosa, 2005, 2007), e o título de Professora Emérita pela USP (Carvalho et al., 1998i; Patitucci, 1998; Souza, 2005; Mello, 1998).

Além das honrarias formais, esse impacto também pode ser encontrado nos relatos sobre a sua pessoa em interface com diferentes Universidades. Pacheco Filho (1998), por exemplo, apresentam uma Carolina Bori que é “professora dos professores” da PUC-SP (p. 163), e Marinho (2020) a retrata como a introdutora da Análise do Comportamento no curso de Psicologia dessa instituição em 1966.

³⁶ Essa relação está até mesmo estampada no título do texto de Freire-Maia (1998): “Carolina SBPC Bori”.

Alguns textos buscam ainda explicitar essa importância de fora dos dois grandes centros urbanos brasileiros relacionados ao início da institucionalização da área no país (i.e., São Paulo e Brasília). Alves et al. (2020) e Jardim (1998), por exemplo, narram o impacto de Carolina na introdução da Análise Experimental do Comportamento em Minas Gerais. Moraes (1998) descreve a presença de Carolina no Nordeste, ministrando cursos na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe em 1967 e na UFBA na década de 1970. Carvalho e Moraes (1998) reiteram ainda que a própria criação do curso de Psicologia da UFBA “contou desde cedo com a inestimável e relevante participação da Professora Carolina Martuscelli Bori” (p. 109).

Outras narrativas versam sobre a importância de Carolina Bori para a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) (e.g., Carvalho et al., 1998a, 1998h; Feitosa, 2005; Matos, 1996, 1998a, 1998b; Rafihi-Ferreira et al., 2016; Souza, 1998); para a Universidade de São Paulo, *campus* Ribeirão Preto (USP-RP) (Rafihi-Ferreira et al., 2016; Todorov & Hanna, 2010); e para a Universidade Federal do Pará (UFPA) (e.g., Carvalho et al., 1998h; Feitosa, 2005; Matos, 1996, 1998a, 1998b; Micheletto et al., 2004).

Mesmo com a sua relevância para tantos centros de formação de analistas do comportamento no Brasil, a literatura marca a relevância de Carolina, sobretudo, na Universidade de São Paulo (USP) (e.g., Ades, 1998; Carvalho et al., 1998a, 1998h; Rocha e Silva, 1998). Nas palavras de Souza (2005), “a Psicologia era sua paixão e a USP, sua casa” (p. 2). No mesmo sentido, E. T. O. Tassara (1998), ao falar sobre o Departamento de Psicologia Experimental da USP, alega que “a Professora Carolina era àquela época, por assim dizer, a alma do local. Sua presença física e espiritual, fazia-se sentir fortemente como uma aura de luz e respeito, envolvendo uma imagem já lendária” (p. 153).

Até aqui, percebe-se a importância de Carolina Bori não somente para a Análise do Comportamento, mas para a Psicologia como um todo. Compreendendo a primeira como

parte integrante da segunda, justifica-se a escolha pela apresentação da sua participação na área como um todo. Essa relevância pode ser encontrada também nos diversos relatos sobre a *História de Processos Sociais: Regulamentação da Psicologia*, que narram a participação de Carolina Bori nesse processo (e.g., Borges, 2022; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Feitosa, 2005, 2007; Kerbauy, 2004; Matos, 1998a; Souza, 2005; Tomanari, 2005; Torres et al., 2020; Windholz, 1998).

Tendo sido decretada pela Lei nº 4.119/1962, a *Regulamentação da Psicologia* no Brasil é fruto de um movimento que envolveu diferentes pessoas. Descrito por Borges (2022), esse processo pode ser compreendido como um “movimento pró reconhecimento da profissão no País. Esse movimento colocou em disputa dois polos centrais no desenvolvimento da psicologia no Brasil, Rio e São Paulo, e contou com a participação dos estudantes universitários” (p. 108).

O papel de Carolina nesse processo é marcado então por Matos (1998a), que diz: “Carolina Bori liderou um movimento de rejeição da proposta do Rio de Janeiro e de aprovação do estatuto que, ainda hoje, regulamenta o exercício profissional do psicólogo no Brasil” (Matos, 1998a, p. 68).

Para além do embate de propostas, a sua participação também é marcada na literatura pelo seu papel de liderança. Souza (2005) ressalta que Carolina Bori presidiu a comissão que elaborou o projeto de lei. Ao lembrar sobre Carolina, Windholz (1998) diz, “ela foi um dos membros da Comissão de Cinco que discutiu e elaborou o projeto da Lei do Psicólogo e lutou, junto com outros, pela sua aprovação” (p. 238). A dimensão de sua importância fica ainda estampada no fato de ser de Carolina Bori o *registro número um* no Conselho de Psicologia no Brasil (Kerbauy, 2004).

Uma outra temática na qual a literatura narra a participação de Carolina Bori é a *História de Processos Sociais: Reforma Universitária*, tendo como resultado a Lei da

Reforma Universitária, promulgada em 1968 (Ades, 1998; Guedes et al., 2006). Dentre os textos que descrevem os contextos históricos da época, sociais, políticos, institucionais etc., estão aqueles que versam sobre a participação de Carolina (e.g., Ades, 1998; Cunha, 1998; Feitosa, 2005).

Do seu papel em tal processo, o aspecto mais marcante é a defesa de uma estrutura universitária *departamental* em detrimento das *cátedras*. Conforme Ades (1998), “Carolina defendia a ideia de departamento e, através desta ideia, a renovação do ensino da psicologia” (p. 74). Em consonância, Cunha (1998) diz: “realmente advogou a defesa da transformação da Universidade, no sentido de ser mais democrática, organizada em departamentos” (p. 56).

É necessário contextualizar essa defesa pela democracia no campo científico no tempo histórico, ou seja, em plena ditadura militar no país. De forma geral, Carolina Bori é apresentada pela literatura sobre a *História de Processos Sociais: Ditadura Militar*, tendo uma postura de embate e oposição (e.g., Candotti, 1998; Feitosa, 2005; Queiroz Neto, 1998; Salzano, 1998; Velho, 1998). Candotti (1998) exemplifica a conduta de Carolina: “lembro de Carolina em 76 na Reunião Anual de Brasília, com uma moção nas mãos pedindo o fim do AI-5” (p. 211). Outro indício dessa postura de resistência é apontado por Feitosa e Mulholland (2022), que falam sobre como Carolina Bori foi beneficiada com a anistia, fruto de iniciativas de reintegração que ocorreu na UnB durante o processo de redemocratização do país. Segundo os autores, esse processo de anistia afetou no total 276 pessoas.

Embora pouco frequente, há também na literatura a apresentação de dissonâncias acerca dessa postura combativa. Por exemplo, enquanto Candotti (1998) retrata uma Carolina Bori contestadora, Goldemberg (1998), ainda que esteja se descrevendo, diz também sobre Carolina:

Sempre acreditei que a SBPC deveria se manter fora de disputas políticas e não aderir à tentação - popular na época - de criticar tudo e a todos... Carolina Bori me apoiou

irrestritamente no esforço de trazer a SBPC para seu leito natural, que é de uma associação de cientistas e não de cidadãos, para os quais já havia espaço nos partidos políticos e outras organizações. (p. 199)

Contemplando essa Carolina Bori nas suas diferentes facetas, encaminhamo-nos ao final de sua trajetória. Guedes (2004b) relata que, em 1994, Carolina foi aposentada compulsoriamente – ou o que ela chamou de “expulsória”. Nas palavras da autora, “aposentadoria compulsória – sistema segundo o qual a USP automaticamente elimina do quadro de ativos um dos seus quando do septuagésimo aniversário” (p. 190).

Podemos observar, até aqui, a dimensão de Carolina Bori para a Análise do Comportamento brasileira. Para além da sua atuação direta, alguns produtos de seu comportamento verbal também foram e continuam sendo fundamentais para o desenvolvimento da área. Um exemplo são as diversas traduções de livros para a formação de alunos que Carolina participou diretamente ou coordenou (Kerbauy, 2004). Dos principais materiais citados na literatura, destacam-se duas traduções realizadas em colaboração com Rodolpho Azzi. A literatura indica que uma dessas traduções foi o manual de Keller e Schoenfeld, originalmente publicado em 1950, *The Principles of Psychology: A Systematic Text in the Science of Behavior* (e.g., Cândido & Massimi, 2012; Guedes et al., 2006; Kerbauy, 1998); a outra é o livro *Complex Human Behavior: A Systematic Extension of Learning Principles*, de Staats e Staats (e.g., Kerbauy, 1998).

Ainda que não seja a tradução de um material específico, o texto, que tem a participação de Carolina, publicado como um dicionário de inglês-português, *Suggested Portuguese translations of expressions in operant conditioning* (Azzi et al., 1963), sugere a tradução de termos operantes para a língua portuguesa. Esse material, assim com os livros de fato traduzidos, cumprem uma função didática primordial no início do desenvolvimento da Análise do Comportamento no país (Guedes et al., 2006; Todorov, 2003a; Todorov & Hanna,

2010). Vale ressaltar também a participação de Carolina Bori, ainda que indireta, na tradução de *Ciência e Comportamento Humano*, pela solicitação à Todorov da adaptação do material à língua portuguesa (Cândido & Massimi, 2016). A incursão por tais materiais nos leva a intersecção entre a *História de Pessoas* e algumas *Histórias de Textos*.

Por fim, ressalta-se que, somente considerando o volume especial da *Psicologia USP*, são apresentadas mais de 300 páginas sobre Carolina Bori, redigidas por pessoas que conviveram diretamente com ela. Reitera-se então a impossibilidade deste relato sobre Carolina Bori contemplá-la em toda a complexidade apresentada na literatura. Sendo assim, o objetivo destes subtópicos é o de sistematizar as informações descritas, explicitando aspectos que sobressaltam as narrativas, aproximações e distanciamentos, congruências e incoerências, relacionado tais elementos com a Análise do Comportamento.

Nesse sentido, esse volume referido acima pode ser tomado como um grande repositório de memórias sobre Carolina Bori. Nas palavras de Carvalho et al. (1998b):

A organização de uma coletânea de depoimentos sobre Carolina Bori constitui uma das possíveis maneiras de se conduzir o leitor a representar sua biografia, levando-o a navegar pelos ambientes acadêmicos, científicos e educacionais desta nação. Assim, a leitura desta sequência de fragmentos de memória. (p. 131)

Mas esse acervo de memória vai além de contextos científico-acadêmicos, abordando relações interpessoais estabelecidas com Carolina nos mais diversos ambientes (e.g., Ab'Saber, 1998; Almeida, 1998; Barros, 1998; Krieger, 1998; Lagoa, 1998; Malavasi, 1998; Mello, 1998; Menezes, 1998; Ormastroni, 1998; Pardo, 1998; Queiroz, 1998; Sala, 1998). Como explicitado por Carvalho et al. (1998i):

Embora tenham sido solicitados a discorrer principalmente sobre um aspecto particular de sua interação com Carolina, a maior parte dos depoentes não resistiu à tentação de

se estender também sobre as qualidades pessoais dessa interação e sobre outros aspectos da atuação de Carolina. (p. 20)

Como defendido por Feitosa (2007), “tornaram este fascículo material de referência” (p. 25). Justamente pelos textos apresentados nesse volume estarem presentes como *fontes históricas* em muitas das histórias narradas sobre a Análise do Comportamento no Brasil, optou-se por encerrar a descrição de Carolina Bori recorrendo a passagens desse material para reiterar a dificuldade de contemplar toda essa história:

É tão extensa e diversificada a atuação de Carolina Bori, foram tantas as suas formas de militância em favor da psicologia, da ciência, da educação e da sociedade, que não foi nada fácil organizar um documento que representasse de forma minimamente adequada a amplitude e relevância de suas contribuições. (Carvalho et al., 1998i, p. 19)

Salienta-se também a importância de outros materiais que não foram contemplados nesta tese, como o *Memorial Carolina Bori*³⁷, organizado pela SBPC, em função dos 100 anos que ela completaria em 2024. Esse memorial apresenta uma representação gráfica da *genealogia acadêmica de Carolina M. Bori*; informações sobre sua trajetória pessoal e acadêmica; depoimentos; a bibliografia produzida por e sobre Carolina Bori; além de diversos documentos, como fotos, vídeos e outros textos. Vale mencionar também a edição especial do *Jornal da Ciência*, também publicado pela SBPC, que celebra o centenário de Carolina (Ano XXXVIII, nº 807, 2024).

Para além desses materiais concentrados nesses memoriais, outros detalhes da sua trajetória podem ser acessados em listas com os cargos assumidos, uma “súmula do currículo” e outras atividades desempenhadas por Carolina podem ser vistos em publicações isoladas (e.g., Feitosa, 2007; Kerbauy, 2004). Uma obra comentada de Carolina Bori também pode ser

³⁷ <https://memorialcarolinabori.sbpcnet.org.br/>

encontrada, na qual Cândido (2020) lista e comenta 67 documentos que Carolina produziu ao longo da vida.

Além disso, ainda que não tenha sido contemplada no escopo deste trabalho, a tese de doutorado de Cândido (2014), que toma como ponto de partida a biografia científica de Carolina Bori para analisar o desenvolvimento da Psicologia e da ciência no país, é uma análise historiográfica essencial para a compreensão mais detalhada dessa trajetória.

A abrangência da atuação de Carolina Bori nos mostra as interseccionalidades de tantas temáticas. Aqui, a *História de Pessoas* se encontra também com a *História de Instituições: FFCL-Rio Claro*; com a *História de Disciplinas: Análise Experimental do Comportamento*; com a *História de Eventos: Curso de Keller em 1961*; com a *História de Aparatos: Caixas Experimentais*; com a *História de Métodos: Laboratório Operante*; com a *História de Processos Sociais: Ditadura Militar*; com a *Histórias de Textos: Ciência e Comportamento Humano*, dentre muitas outras temáticas possíveis.

Rodolpho Azzi (1927-1993)

Seguindo o padrão de apresentação das pessoas biografadas, o itinerário deste subtópico irá partir de uma contextualização geral de Rodolpho Azzi. Para tanto, será abordada brevemente sua história pregressa; a participação no *Curso de Keller* em 1961; a sua implicação no *Plano de Brasília*, tendo como foco, sobretudo, as consequências do regime militar; e a sua importância na produção de materiais escritos em língua portuguesa ainda na gênese da *Análise do Comportamento* no Brasil.

Retomando o viés quantitativo, que analisou a linha narrativa principal do texto, somente um texto foi identificado tendo Rodolpho Azzi como tema central. Esse texto foi publicado pelo periódico *Psicologia: Ciência e Profissão*, veiculado pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), em uma seção intitulada “Homenageado”. Sem autoria, o texto será citado,

então, pelo nome do próprio periódico (i.e., *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2010). Diferentemente das outras homenagens, não há uma contextualização das contingências que promoveram a publicação de tal material.

Embora apenas esse texto selecionado tenha Rodolpho Azzi como tema central, a sua presença fica marcada, ainda que tangencialmente, em muitos textos analisados (e.g., Almeida, 2007; Alves et al., 2020; Batista et al., 2005; Borges, 1998; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Cândido, 2017a, 2017b; Carvalho et al., 1998f; Cianca et al., 2020; Cunha, 1998; Ferrari, 2014; Frances, 2001; Gotti et al., 2021; Guedes, 2022; Guedes et al., 2006, 2008; Keller, 1987, 1996a, 1996b, 1996c, 1999, 2001; Kerbauy, 1996, 1998; Kienen et al., 2021; Lima, 1997; Marinho, 2020; Matos, 1996, 1998b; Mejias, 1997, 1998; Moraes & Rolim, 2022; Moreira, 2004; Nale, 1998; *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2010; Rafihi-Ferreira et al., 2016; Rocha e Silva, 1998; Silva et al., 2022; Souza Júnior et al., 2018; Stamirowski, 1998; Teixeira, 2005; Todorov, 1996; Todorov & Hanna, 2010; Todorov et al., 2009; Torres et al., 2020).

A sua importância fica retratada, por exemplo, por *Psicologia: Ciência e Profissão* (2010), que o descreve como um “intelectual com relevantes contribuições para a Psicologia brasileira.... É ainda hoje lembrado por seu legado ao ensino da Psicologia e por sua atuação na formação de expressivos representantes da Psicologia experimental” (p. 228). Especificamente para a área, essa homenagem o retrata “entre os precursores da análise do comportamento no Brasil” (p. 228).

Tendo em vista a importância de Fred Keller para a *Análise do Comportamento* brasileira e de B. F. Skinner para a área como um todo, uma passagem específica da autobiografia escrita por Skinner (1983) é citada por dois textos selecionados, que explicitam a importância de Rodolpho Azzi para a *Análise do Comportamento no Brasil*. Elucidando tal passagem, *Psicologia: Ciência e Profissão* (2010) diz que “na autobiografia de Skinner,

encontra-se transcrito trecho de uma carta de Keller para Skinner, na qual o primeiro menciona que Rodolpho talvez fosse o pupilo mais brilhante que ele já teria tido” (p. 228). Kerbauy (1996a), por sua vez, traduz tal trecho: “talvez o mais brilhante aluno que tive. Ele é o guia espiritual para um novo grupo de aproximadamente 6 jovens promissores que encontraram uma nova razão de viver no nosso estilo de Teoria do Reforço” (Kerbauy, 1996a, p. 244)³⁸.

Ainda que muitos textos abordem tangencialmente acerca da relevância de Rodolpho Azzi para a Análise do Comportamento no Brasil, a ausência de *Histórias de Pessoas* que contemplem especificamente a sua trajetória precisa ser investigada com cuidado, buscando compreender a incipiência de narrativas e fontes históricas que versem a seu respeito. Sobretudo se mantivermos em vista a importância atribuída por Keller à Rodolpho, como um *guia espiritual* de um grupo de brasileiros interessados na teoria operante, e até mesmo do próprio Skinner publicar isso em sua autobiografia, trabalhos que busquem analisar essa lacuna podem trazer contribuições para a área. Afinal, como Cândido (2017b) afirma, “sua história é pouco conhecida” (p. 53).

Para dimensionar o papel de Rodolpho Azzi na Análise do Comportamento brasileira, podemos começar explicitando que, assim como Carolina Bori, ele já era um professor universitário quando Fred Keller veio ministrar o *Curso* no Brasil em 1961 (Fagundes, 2017b; Mejias, 1997; Windholz, 1998). O papel de Rodolpho nos trâmites institucionais da vinda dos Kellers ao Brasil é apresentado na literatura de forma superficial, mas Cândido (2017b) e Matos (1996, 1998b) relatam que Rodolpho já tinha tido contato com a obra de Fred Keller antes mesmo desse evento começar a ser organizado. De acordo com a autora, Rodolpho teve contato com o livro publicado por Keller (1937), *The Definition of Psychology: An Introduction to Psychological Systems*, e

³⁸ Citação original de Skinner (1983, p. 231), “*Matter of consequences*”.

encantado com o livro e com suas ideias, Rodolpho traduzira extensos trechos que usava em suas aulas. Sabedora do fato a Profa. Carolina, quando consultada pelo Prof. Sawaya, indicara sem hesitar o nome de Rodolpho para o cargo de primeiro assistente. (Matos, 1998b, p. 91)

Ou ainda, nas palavras de Gotti et al. (2021):

Mas Carolina Bori quando consultada por Sawaya, sabia de alguém que tinha prévio contato com os textos de Keller, e que havia traduzido trechos de *The Definition of Psychology: an introduction to psychological systems*, de Keller (1937/1970), para uso em suas aulas de Psicologia Educacional na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, no interior de São Paulo (Matos, 1998). Essa pessoa era o professor Rodolpho Azzi, um dos poucos a ter contato com o pensamento skinneriano no Brasil antes de 1961. (p. 16)

A relevância de Rodolpho Azzi para o *Curso de Keller em 1961* fica marcada por essa função de *assistente* (e.g., Frances, 2001; Guedes, 2022; Guedes et al., 2006; Keller, 1996a, 1996c, 1999; Matos, 1996, 1998b; Psicologia: Ciência e Profissão, 2010; Rafihi-Ferreira et al., 2016; Rocha e Silva, 1998; Silva et al., 2022; Todorov, 1996; Torres et al., 2020). Vale ressaltar que o termo apresentado para designar o papel não só de Rodolpho Azzi, mas também de Carolina Bori e Maria Amélia Matos, não é consistentemente utilizado na literatura analisada. Alguns textos utilizam o termo *monitores* (e.g., Guedes, et al., 2006), outros tratam como *assistentes* (e.g., Guedes, 2022; Miranda & Cirino, 2010b; Torres et al., 2020) e alguns enfatizam ainda a função com a utilização de o *primeiro* assistente (e.g., Keller, 1996a; Matos, 1996, 1998b), *professor* assistente (e.g., Todorov, 1996) ou apenas *professor* (e.g., Fernandes et al., 2015).

Como atribuição, Matos (1996, 1998b) relata que parte das atividades que os alunos deveriam realizar consistiam em discutir detalhadamente o livro *Principies of Psychology: A Systematic Text in the Science of Behavior* com Rodolpho. Conforme Matos (1998b),

Durante este primeiro semestre nossas atividades no laboratório consistiam em ler aceleradamente todo o material disponível; discutir detalhadamente, em geral com o Rodolpho, o livro *Principies of Psychology* (ou, como o chamávamos o “K&S”), de Keller e Schoenfeld (1950) realizar todas as experiências de laboratório possíveis com o equipamento existente; montar tabelas e gráficos com os resultados dos exercícios; e discutir esses resultados com o Prof. Keller. (pp. 91-92)

Matos (1996) detalha que “Rodolpho dava plantão para atender os alunos que quisessem discutir ou aprofundar os textos e resolver dúvidas” (p. 109). Além do encargo como debatedor de ideias, Rodolpho também exerceu uma função prática no estabelecimento de condições para a Análise Experimental do Comportamento no país. No relato de Matos (1998b): “Rodolpho havia improvisado um pequeno laboratório didático com quatro ou cinco unidades de ‘caixas de Skinner’, e que na verdade funcionava muito bem” (p. 92). Entre assistentes e alunos, Bori (1996) e Matos (1996, 1998b) mencionam que alguns dos participantes desse curso eram referidos por Fred Keller como parte da “velha gangue” [*old gang*].

Outro indício do importante papel que ele tinha nesse evento pode ser encontrado em uma nota de rodapé em Guedes et al. (2006), que relatam que Rodolpho Azzi foi preparado por Fred Keller para ajudar no segundo semestre do curso de Análise Experimental do Comportamento, que aconteceria no ano de 1962. Matos (1998b) detalha: “em 1962, durante o primeiro semestre Rodolpho e eu enfrentamos sozinhos o curso de Psicologia Experimental: Rodolpho com a parte teórica e eu com a parte prática” (p. 93).

Mantendo em vista a intersecção entre diferentes temáticas, podemos observar até aqui a relação entre a *História de Pessoas*, *História de Eventos: Curso de Keller em 1961*, *História de Disciplinas: Análise Experimental do Comportamento*, *História de Aparatos: Caixas Experimentais*. Ainda sobre as temáticas, uma diferenciação se faz necessária. Embora os textos analisados não façam essa distinção, utilizando de forma intercambiável termos como “PSI”, “Programação de Ensino”, “Plano de Brasília” e “Plano Keller”, esta tese irá explorar tais narrativas dividindo-as como *evento* e *tópico de pesquisa*.

A partir da definição apresentada no *Guia Temático*, compreende-se que narrativas que apresentam aspectos relacionados a organização e planejamento do evento, aqui intitulado *Plano de Brasília*, será tratada como *História de Eventos: Plano de Brasília*. Por outro lado, as narrativas que versam sobre aspectos teóricos e metodológicos da concepção de ensino empregada na experiência implementada na UnB serão tratadas como *História de Tópicos de Pesquisa: Programação de Ensino*.

Muitos dos textos analisados mencionam a participação de Rodolpho Azzi tanto na implementação do Departamento de Psicologia na UnB quanto nos detalhes teórico-metodológicos da Programação de Ensino no Brasil (e.g., Almeida, 2007; Batista et al., 2005; Borges, 1998; Cândido, 2017b; Cândido & Massimi, 2012; Carvalho et al., 1998f; Cianca et al., 2020; Cunha, 1998; Ferrari, 2014; Guedes, 2022; Guedes et al., 2008; Keller, 1987, 1996^a, 1996^b, 1996^c, 2001; Kerbauy, 1996a, 1998; Kienen et al., 2010; Marinho, 2020; Mejias, 1997, 1998; Moreira, 2004; Nale, 1998; Teixeira, 2005; Todorov, 1996; Todorov et al., 2009). Contudo, ressalta-se que alguns textos não mencionam todos as quatro pessoas envolvidas. Se, por um lado, Fred Keller e Carolina Bori estão presentes em praticamente todos os textos que mencionam a *História de Tópicos de Pesquisa: Programação de Ensino* e/ou a *História de Eventos: Plano de Brasília*, por outro, alguns textos que citam nominalmente esses

responsáveis, deixam de mencionar Rodolpho Azzi (e.g., Hanna et al., 2022; Malott, 2022; Moreira, 2022b³⁹; Shull, 2022).

Ainda assim, Rodolpho é mencionado em muitos textos, como parte integrante desse evento. De acordo com Cândido e Massimi (2012), ao receber o convite para a construção do Departamento de Psicologia na UnB, Carolina Bori estendeu a solicitação a Fred Keller, Gil Sherman e Rodolpho Azzi. Detalhes mais específicos sobre a participação de cada uma dessas pessoas na concepção e execução do *Plano de Brasília* são descritos brevemente e descentralizadamente na literatura.

Nesses excertos, podemos encontrar algumas pistas das funções atribuídas à Rodolpho. Segundo Guedes (2022), ele seria um dos encarregados, juntamente com Maria Amélia Matos, pelo *Ensino no Plano de Brasília*; que ainda contava com outras áreas como a *Pesquisa*, a *Divulgação* e a *Aplicação*. Essa incumbência é marcada também nas palavras de Keller (2001), que relata:

A forma e o conteúdo do primeiro curso foram preparados, principalmente por Rodolfo [sic], de acordo com nosso plano inicial; no período letivo seguinte, ele foi oferecido a 50 ou 60 estudantes do primeiro ano de Psicologia da Universidade...
Havia 12 experimentos no curso de Rodolfo [sic]. (p. 463)

Mesmo que as nuances das funções e encargos dos envolvidos no *Plano de Brasília* sejam pouco exploradas, Guedes (2022) menciona brevemente o protagonismo e importância de Rodolpho Azzi para esse evento. Nas palavras da autora, “Rodolpho Azzi, mais um da equipe de Bori (na verdade o principal, conforme descobri em pesquisa sobre a recepção de Keller no Brasil)” (p. 91).

³⁹ No caso desse texto, Moreira (2022b) versa, sobretudo, acerca da *História de Tópicos de Pesquisa: Programação de Ensino*. Rodolpho Azzi é mencionado duas vezes, porém somente dentro de uma citação direta. Esse texto foi utilizado aqui como exemplo, pois, no corpo do texto, enfatiza: “No início da década de 1960 o Sistema Personalizado de Instrução (PSI) foi usado pela primeira vez na Universidade de Brasília sob a liderança de Fred Keller e Carolina Bori” (p. 5).

Como já mencionada ao explorar as histórias de Fred Keller e Carolina Bori, a *História de Eventos: Plano de Brasília* e a *História de Processos Sociais: Ditadura Militar* se entrelaçam. A intervenção militar na UnB impactou diretamente a Análise do Comportamento, que estava surgindo no Departamento de Psicologia daquela Universidade. Embora muitos dos textos selecionados mencionem a intervenção militar na UnB e as demissões arbitrárias que ocorreram, poucos explicitam quais foram de fato tais ingerências.

Alguns desses impactos já foram descritos nas histórias de Fred Keller e Carolina Bori. Contudo, é provável que Rodolpho Azzi seja a pessoa mais afetada por esse processo social. Alguns textos contextualizam a demissão em massa de mais de 200 professores e que isso impactou a Análise do Comportamento, mas não nomeiam quem foram essas pessoas (e.g., Zannon & Bori, 1996). É justamente olhando para essas demissões que conseguimos compreender melhor como a intervenção militar afetou a área, ainda embrionária no país.

Dentre os tantos demitidos em 1965 estava Rodolpho Azzi, que teve sua carreira universitária interrompida por motivos políticos (Cândido, 2017b; Cândido & Massimi, 2016; Gotti et al., 2021; Guedes et al., 2006; Psicologia: Ciência e Profissão, 2010; Miranda & Strapasson, 2023; Todorov, 1996, 2003b; Todorov & Hanna, 2010). Segundo Psicologia: Ciência e Profissão (2010), “teve sua carreira universitária interrompida pelo regime militar em decorrência de suas convicções e militância políticas... Em 1965, foi sumariamente demitido da UnB e posteriormente preso” (p. 228). Com mais detalhes, Guedes et al. (2006) relatam:

Cabe lembrar que Rodolfo Azzi (então Professor Assistente) está entre os nove professores que tiveram seus contratos rescindidos pelo Reitor, em 1965, ao tomar “todas as medidas” que considerou “necessárias à reabertura dos cursos e à normalidade da vida universitária, afetada pela greve iniciada por professores e instrutores...” (Salmerón, op. cit., p. 231), deflagrada em solidariedade aos

Coordenadores dos Institutos Centrais, que se demitiam “por uma questão de dignidade” (p. 211), após o Reitor *pro-tempora* expulsar em 1964, “por conveniência da administração” (p. 171), esses nove primeiros professores. (p. 21)

Como ressaltado por *Psicologia: Ciência e Profissão* (2010), Rodolpho não foi apenas demitido, mas também foi preso: “sua vida seguiu rumos de trabalho menos organizados após dois períodos de prisão ocorridos na década de 70, sob o regime militar” (p. 228). Pode-se ver nesse excerto que a perseguição política a Rodolpho continuou após os acontecimentos relacionados ao *Plano de Brasília*. Tal afirmação é reiterada por Cândido e Massimi (2016), que dizem que “no período do Regime Militar, devido a posições políticas, [Rodolpho] passou por dois períodos de prisão” (p. 34).

Ainda mais escassamente são detalhados os motivos dessa perseguição. Contudo, dois trechos dão mais pistas da postura política e ideológica que Rodolpho Azzi seguia. De acordo com Matos (1998b), antes mesmo do contato com a Análise Experimental do Comportamento no *Curso de Keller*, Rodolpho “lecionava Psicologia Educacional na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto (interior de São Paulo), onde pregava a revolução” (p. 91). Todorov (1996) conta outro fator de muita importância para a compreensão dessa perseguição: “Rodolpho Azzi, então membro do Partido Comunista Brasileiro” (p. 7).

Ressalta-se que esses acontecimentos deixaram marcas duradouras em Rodolpho Azzi (*Psicologia: Ciência e Profissão*, 2010). Essas consequências também podem fazer parte da explicação dessa incipiência de narrativas acerca de Rodolpho Azzi, sobretudo a sua trajetória a partir dos acontecimentos de 1965. Embora a sua relação com a Análise do Comportamento tenha sido interrompida prematuramente, as contribuições de Rodolpho perduraram e foram condições fundamentais para o desenvolvimento da área.

Assim, a última temática apresentada, que perpassa a história de Rodolpho Azzi, será a *História de Textos*. Segundo Keller (1987), Rodolpho foi o responsável pelas traduções que

auxiliaram o ensino da Análise Experimental do Comportamento no Brasil, no início da década de 1960. Reiterado por *Psicologia: Ciência e Profissão* (2010): “foi um dos principais tradutores das obras de B. F. Skinner e de Fred Keller” (p. 228).

A literatura ressalta ainda a participação de Rodolpho no texto publicado em 1963, *Suggested Portuguese translations of expressions in operant conditioning*, que teve Rodolpho Azzi como primeiro autor (e.g., Guedes et al., 2006; Miranda & Strapasson, 2023; Todorov, 2003a; Todorov & Hanna, 2010). Além dessa publicação, a literatura também apresenta traduções de materiais estrangeiros, como *Princípios de Psicologia*, de Keller e Schoenfeld; *Ciência e Comportamento Humano*, *Comportamento Verbal* e *Tecnologia de Ensino*, de Skinner; e *Comportamento Humano Complexo*, de Staats e Staats (e.g., Cândido, 2017b; Guedes et al., 2006; Kerbauy, 1998; Lopes & Laurenti, 2023; Matos, 1996; Stamirowski, 1998; Todorov, 1996).

Um último aspecto a ser explicitado é a discrepância na grafia no nome. Quase que em sua totalidade, Rodolpho é mencionado pelos textos utilizando *ph* (i.e., Rodolpho). Contudo, é possível encontrar ao menos três textos que grafam o nome com a letra *f* (i.e., Rodolfo) (e.g., Guedes et al., 2006; Keller, 1987, 1996a, 2001). Embora seja uma divergência simples, para fins de pesquisa, por exemplo, essa pluralidade de grafias deve ser contemplada ao delimitar descritores de busca.

Outras Pessoas

Devido à limitação de tempo para a realização desta tese, *Histórias de outras Pessoas* que foram mencionadas consistentemente pelos textos analisados não serão descritas aqui de forma mais detalhada. Ademais, a sistematização das informações sobre esses indivíduos pode ser vista no Apêndice D. Para fins de conhecimento, a Lista 2 apresenta o nome dessas outras pessoas que participaram da Análise do Comportamento no Brasil e tiveram suas

trajetórias, ou partes delas, narradas pela literatura. Evitando uma atribuição de importância pela ordem de apresentação, a tabela apresenta os nomes em ordem alfabética.

Lista 2

Algumas Pessoas Mencionadas na Historiografia da Análise do Comportamento Brasileira

Alcides Gadotti

Anamália Araújo de Carvalho

Andrés Aguirre

Celso Pereira de Sá (1941-2016)

César Ades (1943-2012)

Charles Ferster (1922-1981)

Darcy Ribeiro (1922-1997)

Deisy das Graças de Souza

Denis Zamignani

Dora Selma Fix Ventura (1939-)

Elenice Aparecida de Moraes Ferrari (1946-2015)

Garry Martin

Geraldina Porto Witter (1934-2014)

Hélio José Guilhardi

Helvécio Pereira

Herma Brigitte Drachenberg⁴⁰

Ione Scarpelli Pereira

Isaías Pessotti (1933-2024)

João Bosco Jardim

⁴⁰ Anteriormente, Herma Brigitte Bauermeister (Cândido, 2017a).

João Cláudio Todorov (1941-2021)
John Gilmour Sherman (1931-2006)
José Antonio Damásio Abib
Julio Cesar Coelho de Rose
Lígia Maria de Castro Marcondes Machado
Lincoln da Silva Gimenes (1958-2016)
Luiz Marcellino de Oliveira (1939-2008)
Luiz Otávio de Seixas Queiroz (1938-2003)
Marcelo Beckert
Margarida Hofmann Windholz (Maggi) (1926-2018)
Maria Amélia Matos (1939-2005)
Maria do Carmo Guedes
Maria Helena Leite Hunziker
Maria Ignez Rocha e Silva
Maria José Esteves de Vasconcellos
Maria Lucia Ferrara
Maria Martha Hübner
Maria Teresa Araujo (e) Silva
Maria Tereza de Araújo Menezes
Mario Arturo Alberto Guidi
Murray Sidman (1923-2019)
Myrthes Rodrigues Prado (1919-1966)
Nilce Pinheiro Mejias (1924-1998)
Paulo Sawaya (1903-1995)

Rachel Rodrigues Kerbaux (1934-2015)

Ricardo Gorayeb

Robert Berryman (1921-1982)

Roberto Alves Banaco

Sandra Cury

Sérgio Vasconcelos de Luna

Silvio Paulo Botomé

Sônia dos Santos Castanheira

Theresa de Lemos Mettel

Vera Konigsberger

Vera Otero

Salienta-se ainda que essa lista contempla brasileiros (e.g., Mario Guidi, Isaiás Pessotti) e estrangeiros que estiveram de passagem ou moraram no Brasil (e.g., Gil Sherman, Margarida Windholz); bem como analistas do comportamento (e.g., Maria Amélia Matos, Luiz Otávio de Seixas Queiroz) e profissionais que, mesmo de fora da área, foram essenciais para o seu desenvolvimento (e.g., Paulo Sawaya, Darcy Ribeiro).

É necessário também explicitar que a análise realizada nesta tese buscou contextualizar as narrativas levando em consideração todas as categorias temáticas. Com essa abrangência na leitura, apenas os nomes que se repetiram foram elencados para análise mais detalhada. Além disso, a abrangência de escopo pode ter favorecido que pessoas importantes tenham passado despercebidas pelo pesquisador durante as leituras. Dessa forma, uma análise mais sistemática, que tenha apenas uma temática como foco, nesse caso, a *História de Pessoas*, poderia categorizar de forma mais precisa todas as menções a nomes próprios, tanto de forma quantitativa quanto sob um aspecto qualitativo.

Além disso, as decisões metodológicas adotadas nesta tese, como a escolha dos periódicos e livros, podem ter restringido o escopo de busca, não contemplando importantes pessoas para a área. Um exemplo a ser mencionado é o da coleção *História da Análise do Comportamento no Brasil em Autobiografias*. Os dois primeiros volumes foram organizados por Bruno Angelo Strapasson, Alexandre Dittrich e Robson Nascimento da Cruz, tendo o primeiro volume sido publicado em 2021 e o segundo em 2022. Já o terceiro volume conta com a organização dos dois primeiros organizadores dos volumes anteriores, também tendo sido publicado em 2022.

Visto às limitações de tempo para a leitura e análise desse material no escopo desta tese, ao mesmo tempo reconhecendo a importância de uma coletânea que reúna histórias contadas por diferentes analistas do comportamento sobre suas trajetórias, a Lista 3 apresenta uma lista com os nomes de cada uma das pessoas autobiografadas nos três volumes⁴¹. A disposição dos nomes representa a sequência nos quais os capítulos são apresentados nos livros. Evidencia-se que algumas das pessoas nomeadas nessa Lista 3 também estão presentes na Lista 2, enquanto outras pessoas aparecem apenas em uma delas.

Lista 3

Autoras(es) de Capítulos Autobiográficos

Volume 1

João Cláudio Todorov

Antonio Bento Alves de Moraes

Jaíde Aparecida Regra

Sérgio Vasconcelos de Luna

⁴¹ Todos os três volumes apresentam índices remissivos que contemplam outras tantas pessoas mencionadas nas autobiografias.

Alice Maria de Carvalho Delitti

Hélio José Guilhardi

José Antônio Damásio Abib

Kester Carrara

Volume 2

Vera Regina Lignelli Otero

Olavo de Faria Galvão

Sílvio Paulo Botomé

Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

Maria Helena Leite Hunziker

Sonia Beatriz Meyer

Maura Alves Nunes Gongora

Heloisa Helena Nunes Sant'Anna

Volume 3

Yara Kuperstein Ingberman

Paula Inez Cunha Gomide

Verônica Bender Haydu

Nilza Micheletto

Maria de Lourdes Rodrigues da Fonseca Passos

Ana Lucia Alcântara de Oliveira Ulian

Maria Martha Costa Hübner

Histórias de Conceitos

Seguindo a definição do *Guia Temático*, a *História de Conceitos* estabelece uma narrativa acerca das definições e significados de um termo, abordando o seu surgimento e/ou

sua evolução no tempo e no espaço. Tendo em vista que o objetivo desta tese é analisar como a história da Análise do Comportamento brasileira é narrada, textos que se enquadram como *História de Conceitos*, mas não contextualizam esse conceito ao Brasil, não foram selecionados.

Como exemplo, a tese de doutoramento de Sérgio (1990), cujo objetivo foi “identificar algumas características da transição do conceito de reflexo para o conceito de operante”, não seria selecionada. Embora realize uma análise no tempo em relação à evolução do conceito de comportamento, não há uma delimitação espacial desse desenvolvimento, por exemplo, localizando-o no Brasil. Outro exemplo seria a tese de Santos (2017), que aborda historicamente o conceito de punição na obra de B. F. Skinner, mas não o circunscreve ao nosso país.

Abordadas as exclusões, os textos selecionados que versam sobre *História de Conceitos* deveriam apresentar o surgimento, produção e/ou a evolução de um conceito no tempo, delimitando-a ao Brasil. Essas narrativas poderiam, por exemplo, mostrar a diminuição ou aumento da utilização de um conceito ao longo dos anos; as mudanças de acepção apresentadas na literatura; as particularidades de uma definição; as instituições que promoveram estudos sobre um conceito etc.

Em relação à categorização dos textos nas linhas principais, para ser classificado como *História de Conceitos*, o material deveria apresentar a contextualização temporal e espacial focalizando especificamente a *definição* de um conceito. Assim, os textos que abordam, para além do conceito em si (e.g., Programação de Ensino, equivalência de estímulos), aspectos práticos, como questões metodológicas relacionados a sua aplicação, foram classificados como *História de Tópicos de Pesquisa*.

Dos textos selecionados, apenas dois foram categorizados, por meio da linha narrativa principal, como *História de Conceitos* (i.e., Alves et al., 2022; Santos & Pereira, 2016).

Desses textos, o primeiro, de Alves et al. (2022), aborda historicamente os conceitos de controle e contracontrole social, contextualizando-os ao Brasil por meio das obras de James G. Holland e Celso Pereira de Sá.

Alguns outros textos versam, mesmo que de maneira tangencial, sobre a importância desses dois autores para a Análise do Comportamento brasileira. Em relação à James Holland, Santos et al. (2016) mostram alguns dos impactos dele na forma como o conceito de contracontrole é estudado no Brasil. Já Alves e Miranda (2022) abordam a importância de Celso Pereira de Sá no estudo tanto do conceito de controle quanto contracontrole social, e indicam também a importância de um produto desses estudos: a *Cartilha de Contracontrole Social*⁴² (Alves & Miranda, 2022; Alves et al., 2022).

O segundo texto selecionado nesta categoria aborda como o conceito de punição vem sendo estudado historicamente no Brasil (i.e., Santos & Pereira, 2016). De acordo com os autores, o primeiro texto encontrado sobre o conceito de punição no país é datado de 1978, tendo um pequeno aumento a partir dos anos 1996, com um crescimento ainda maior após 2006. Além disso, evidenciam que o conceito é estudado em diversas instituições, a saber: PUC-GO, PUC-SP, UEL, UFPA, UnB e USP.

Assim como na categoria anterior, evidencia-se que as decisões metodológicas afetaram diretamente estes resultados. A utilização do *Guia Temático*, de forma mais restrita, poderia focalizar apenas a *História de Conceitos*. Essa opção promoveria um controle de estímulos maior, auxiliando o pesquisador a identificar mais conceitos que possam estar sendo historicamente descritos, para além dos identificados nesta tese.

Além disso, com um objetivo um pouco diferente, trabalhos que focalizem a *História de Conceitos* poderiam abordar os materiais que versam historicamente sobre conceitos de

⁴² “A *Cartilha de contracontrole social* compôs parte da pesquisa de doutoramento de Sá em 1985 a qual se consistiu por um instrumento de educação popular de resistência à ditadura militar baseado nos princípios da Análise do Comportamento” (Alves & Miranda, 2022, p. 8).

forma mais geral, não apenas aqueles que os contextualizam ao Brasil. Essa ressalva se faz importante, uma vez que existem diversas produções brasileiras sobre *História de Conceitos*, mas que não foram contempladas nos critérios de inclusão desta pesquisa.

Histórias de Instituições

Como definida no *Guia Temático*, a *História de Instituições* conta a trajetória de um grupo altamente organizado e formalizado, por exemplo, em leis ou estatutos. Essas instituições foram subcategorizadas em (i) *Universidades e seus Departamentos, Programas e Laboratórios*; as (ii) *Associações e Sociedades*; (iii) os *Periódicos Científicos*; os (iv) *Grupos de Estudo/Trabalho/Pesquisa*; e ainda (v) os *Institutos*.

Ressalta-se que essa subdivisão foi estabelecida tendo em vista a organização institucional científica, sobretudo, brasileira. Nesse sentido, a primeira subcategoria é demarcada por seu caráter de *Instituição de Ensino Superior* (IES), seja de uma forma mais ampla (e.g., Universidade) ou então em organizações mais restritas nesse contexto (e.g., Departamento, Laboratório).

O caráter institucional da segunda subcategoria não tem uma relação necessária com as Instituições de Ensino Superior. As *Associações e Sociedades* científicas foram delimitadas por sua função: ser contexto para o debate de ideias e difusão da ciência, sobretudo, organizando eventos, coletâneas de livros etc.

A terceira subdivisão contempla os *Periódicos Científicos*, que podem estar atrelados à Universidades ou Associações/Sociedades. Contudo, o seu caráter de divulgação científica impressa e seriada parece divergir, em alguns aspectos, da divulgação científica proposta pelas instituições que compõem a segunda subcategoria, justificando estar em uma subcategoria apartada das outras.

A quarta subcategoria, os *Grupos de Estudo/Trabalho/Pesquisa*, refere-se à organização de pessoas que não se restringem a uma única Instituição de Ensino Superior (e.g., duas ou mais Universidades/Programas de Pós-Graduação). Muitas vezes, esses Grupos também estão associados a outras instituições educacionais, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP).

A última subcategoria é a que apresenta mais dificuldades de definição. Essa subcategoria foi delineada tendo em vista que, no Brasil, algumas organizações privadas que se intitulam como *institutos* foram, e continuam sendo, importantes para a área (e.g., Instituto Par, Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento). Nesse sentido, não se enquadrando nas outras subcategorias, os *Institutos* foram tratados como um subtópico próprio. Para a sua delimitação, também foi utilizado o critério acerca do caráter aplicado desses institutos, seja no âmbito da formação de profissionais ou no atendimento clínico com viés analítico-comportamental. Ademais, a utilização do termo *instituto* pode gerar certa confusão, por exemplo, com o *Instituto de Psicologia* da USP (IP-USP) ou o *Instituto de Psicologia* da UnB (IP-UnB). Nos casos desses Institutos, o caráter aplicado está presente, mas, tendo em vista o seu vínculo com uma Instituição de Ensino Superior, eles foram classificados na primeira subcategoria.

Para começar uma análise mais detalhada das *Histórias de Instituições*, faz-se necessário o exame de um termo recorrente nas narrativas sobre a história da Análise do Comportamento no Brasil: a *institucionalização*. Derivado do mesmo radical de *instituições*, ambos os conceitos são utilizados na literatura selecionada com diferentes acepções. Nesse sentido, a história da institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil não será tratada como sinônimo de *História de Instituições*.

Em alguns casos, esses conceitos se sobrepõem, como em Guedes et al. (2007) que narram a importância da ABPMC para a institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil. Outro exemplo é Torres et al. (2020), que focalizam de fato uma instituição em sua narrativa sobre a institucionalização da área no país, a Associação de Modificação do Comportamento (AMC).

Contudo, os próprios autores explicitam a abrangência de temáticas abordadas pelo conceito de *institucionalização*:

No Brasil, a história da área é extensamente discutida, principalmente no que se refere aos seus anos iniciais de *institucionalização* [*ênfase adicionada*]. Os temas estudados são variados, como *os primeiros cursos de Análise do Comportamento* [*ênfase adicionada*] (Cândido, 2017a; Cirino, Miranda & Cruz, 2012; Cirino, Miranda & Souza Júnior, 2012; Guedes et al., 2006; Matos, 1998; Miranda, 2010; Todorov, 2006; Todorov & Hanna, 2010), *a aplicação na educação* [*ênfase adicionada*] (Akerá, 2017; Cândido, 2017b; Nale, 1998; Souza Júnior, Miranda & Cirino, 2018), *a contribuição de personagens* [*ênfase adicionada*] (Cândido & Massimi, 2016; Peron, Nogueira, Cândido, & Massimi, 2015; Tomanari, 2005) e *a circulação da Análise do Comportamento em diferentes estados* [*ênfase adicionada*] (Souza, 2011; Val, 2013). (Torres et al., 2020, p. 3)

Nesse trecho, os autores explicitam que a *institucionalização* da área pode ser narrada por meio de outras temáticas que não apenas a *História de Instituições*, mas também a *História de Eventos*, a *História de Tópicos de Pesquisa*, a *História de Pessoas* etc. No caso da temática abordada nesta categoria, a *História de Instituições* também compõe a institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil, narrando esses movimentos, mas concentrando-se no desenvolvimento de *instituições*.

Para além da sobreposição entre os conceitos, apresenta-se também uma aceção mais ampla da *institucionalização* (e.g., Cândido, 2017b; Guedes et al., 2006; Torres et al., 2020), na qual o conceito assume um sentido de *surgimento* e *desenvolvimento* da Análise do Comportamento no país. Dessa forma, a definição de *institucionalização* adotada nesta tese será a proposta por Guedes et al. (2006):

Contrariando a ideia de institucionalização apenas como burocratização e conservação, o termo foi assumido com a ideia de afirmação de movimentos de algum modo bem sucedidos, por sua vez ponto de partida para novos movimentos que, como os anteriores, apenas a história subsequente permite analisar. (p. 17)

Uma última ressalva em relação ao conceito de *institucionalização* é que o seu radical parece indicar que o *surgimento* e o *desenvolvimento* de uma área do conhecimento científico pressupõem, em algum nível, a necessidade da organização e formalização de grupos que se interessem por essa ciência. Nesse sentido, mesmo que as narrativas sobre a institucionalização da área no país não sejam tratadas como sinônimos de *História de Instituições*, o conceito de *institucionalização* mostra, ao menos, a importância que as *instituições* têm para a área.

Essa relevância das instituições científicas, que gera tensão entre a História, Filosofia e a Sociologia das Ciências, se tornou mais presente nas histórias científicas a partir da segunda metade do século XX (Dantes, 2001). Nas palavras da autora, passou-se a entender que “as instituições científicas desempenham um papel fundamental na implementação de práticas e conhecimentos científicos e seu estudo pode ser esclarecedor sobre os diferentes fatores presentes neste processo” (p. 14).

Esse papel pode ser narrado na *História de Instituições* por meio da descrição das formas organizacionais adotadas por uma ciência; pela explicitação de suas políticas acadêmico-científicas e de seus financiamentos de pesquisas; e também pelas condições

materiais relacionadas às instituições, como salas de aula, laboratórios, banheiros, ferramentas, instrumentos, salários etc. De acordo com Dantes (2001), “a conceituação de ciência, como uma prática concreta, remete o historiador aos cientistas – homens e mulheres, sujeitos de um determinado espaço-tempo social – e também aos espaços institucionais que sediam suas práticas” (p. 15).

Nas narrativas sobre as *Histórias de Instituições* relacionadas à Análise do Comportamento no Brasil é ressaltada a importância de diferentes instituições no surgimento e desenvolvimento da área. Olhando para as linhas narrativas principais, a bibliografia selecionada versou sobre *Universidades/Departamentos/Programas/Laboratórios* (e.g., Andery, 2004; Andery et al., 2005; Cândido, 2017a; Cury, 1997; Felício et al., 2009; Guedes et al., 2005; Marinho, 2020; Micheletto et al., 2004; Silva, 2021; Tomanari, 2001); *Associações/Sociedades* (e.g., Botomé, 2006, 2017; Guedes et al., 2007; Hübner, 2006; Kerbauy, 2001; Torres et al., 2020; Windholz, 2017); *Periódicos* (e.g., Amaral, 2009; Cirino, 2006; Martone, 2010; Ramozzi-Chiarottino, 2016; Strapasson et al., 2017); *Grupos de Estudo/Trabalho/Pesquisa* (e.g., Martinelli et al., 2006; Souza et al., 2018); e até mesmo um texto que buscou estabelecer um panorama geral das instituições analítico-comportamentais do país (i.e., Tourinho, 2006).

Salienta-se algumas características desses materiais. Primeiramente, alguns deles são *editoriais* que narram a história do próprio periódico, por exemplo, para contextualizar um volume especial. Outros materiais narram de forma mais extensa a história dos próprios periódicos ou instituições relacionadas a eles, ou analisam historicamente a quantidade de textos publicados; as mudanças nas publicações de um periódico, de um Programa de Pós-Graduação etc. Além disso, vários desses materiais foram publicados em datas comemorativas relacionadas a uma instituição (e.g., 10 anos da criação do periódico, 25 anos da fundação de uma Associação).

Como apresentado no início da descrição desta categoria, ela foi dividida em outras cinco subcategorias (i.e., Universidades, Associações/Sociedades, Periódicos, Grupos de Estudo/Trabalho/Pesquisa, Institutos). Nesse sentido, a descrição subsequente apresentará as nuances narradas na literatura selecionada acerca das instituições, independentemente de qual é a linha narrativa principal do texto, seguindo tal subcategorização.

Universidades, Departamentos, Programas e Laboratórios

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

Começando pelas Universidades, e outras organizações intrinsecamente relacionadas a ela, como os Departamentos, Programas de Pós-Graduação e Laboratórios, uma primeira instituição a ser ressaltada poderia ser a Universidade de São Paulo, uma vez que ela foi contexto para a realização do *Curso de Keller*. Contudo, uma análise histórica dessa instituição nos leva a identificá-la como Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras (FFCL)⁴³. Essa relação fica marcada no próprio site da FFLCH, quando afirma que a FFCL “nasceu com a Universidade de São Paulo e, até certo momento de sua história, com ela se confunde” (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, n. d.).

Dentre a literatura selecionada, alguns textos exploram algumas nuances da FFCL, mostrando o contexto institucional que, mesmo antes do *Primeiro Curso de Keller*, já estava presente e possibilitou a realização do curso. Além disso, mostram também como a FFCL está intrinsecamente relacionada com o surgimento da Análise do Comportamento no país, por exemplo, na formação universitária de vários dos primeiros analistas do comportamento (e.g., Carolina Bori, Isaías Pessotti, Rodolpho Azzi). Ao descreverem a FFCL, Carvalho et al. (1998g) dizem:

⁴³ “Originalmente *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras* (FFCL), ... fundada em 25/01/1934. Organismo de articulação e reflexão, a Faculdade assumiu estrategicamente o significado de lugar onde o conhecimento pode ser elaborado dentro de uma perspectiva de unificação dos interesses sociais” (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, n. d.).

Fundada em 1934, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo foi calcada no modelo europeu, marcado por humanismo e progressismo e pela abertura de espaço para as ciências humanas a partir de uma formação fortemente filosófica. (p. 31)

Esse incentivo a uma educação filosófica fica marcado pela presença de filósofos de formação no início da institucionalização da Análise do Comportamento no país, por exemplo, a participação de Rodolpho Azzi e Isaías Pessotti. O fomento ao desenvolvimento das ciências humanas também fica explicitado na presença de Disciplinas e Cadeiras de Psicologia nessa instituição, dentro de cursos como a Pedagogia e a Filosofia.

Outro contexto importante que a FFCL estabeleceu foi o incentivo às práticas experimentais (Guedes et al., 2006). A própria realização do *Curso de Keller* marca o incentivo dessas práticas. Nas palavras de Guedes et al. (2006), “projeto do então diretor da FFCL da USP de incrementar a pesquisa experimental em todas as áreas de conhecimento de sua faculdade (tanto é que estudantes de biologia vão frequentar também o curso de Keller em 1961)” (p. 22).

Universidade de São Paulo

Em uma acepção que sobrepõe a história da FFCL e da USP, Guedes et al. (2008) e Todorov e Hanna (2010), por exemplo, explicitam a importância da instituição na criação do curso de graduação em Psicologia em 1958. Conforme Engelmann (1998): “em 1958, entrava a primeira turma. Seus professores eram os então docentes da Cadeira de Psicologia Educacional, ligada ao curso de Pedagogia, e da Cadeira de Psicologia, ligada ao curso de Filosofia” (p. 61). Aqui, a *História de Instituições* precisa ser contextualizada em interface com a *História de Eventos: Curso de Keller*, no sentido de que o curso aconteceu em uma instituição que estava formando a sua primeira turma em Psicologia.

Diversos textos apresentam a importância da FFCL-USP nesse *Curso de Keller* (e.g., Ades, 1998; Bori, 2001; Carvalho et al., 1998f; Engelmann, 1998; Fagundes, 2017b; Frances, 2001; Guedes et al., 2006; Kienen et al., 2021; Leonardi, 2015; Matos, 1996, 1998a, 1998b; Silva et al., 2022; Todorov & Hanna, 2010). Tanto Bori (2001) quanto Matos (1998b), em excertos já mencionados, ressaltam a relevância dessa instituição ao atribuírem que o início da Análise do Comportamento no Brasil se deu na Universidade de São Paulo.

Para além da FFCL-USP como contexto no qual esse primeiro evento ocorreu, alguns textos também abordam as modificações pelas quais a instituição passou, afetando a Psicologia e a Análise do Comportamento, remetendo a *História de Processos Sociais: Reforma Universitária* (e.g., Ades, 1998; Barros, 1988; Carvalho et al., 1998a; Cunha, 1998; Engelmann, 1998; Feitosa, 2005; Guedes et al., 2006; Magaldi, 1998). Como exposto no site da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (n.d.):

Após vinte e cinco anos de existência, observa-se em sua história uma primeira transformação, pois com a "*Reforma Universitária*" de 1960/70, os antigos cursos de *Física, Química, Matemática, Estatística, Biociências, Geociências, Psicologia e Pedagogia* separaram-se da FFCL para se constituírem em Institutos e/ou Faculdades autônomas.

De acordo com Engelmann (1998), é justamente essa mudança na organização universitária que coloca fim na FFCL. Em suas palavras, “dentro da Reforma Universitária, a Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras deixava de existir” (p. 63). Tendo em vista esse excerto, propõe-se a separação entre a utilização de FFCL-USP e apenas USP, compreendendo que tal separação pode auxiliar o leitor a se localizar no tempo, compreendendo sob qual política universitária a instituição estava submetida (e.g., Cadeiras, Departamentos, Institutos).

Sobretudo após a departamentalização da USP, em detrimento das Cadeiras universitárias, além de destacar o importante papel de Carolina Bori nesse processo da *Reforma Universitária*, a literatura a retrata como uma das integrantes fundamentais do *Departamento de Psicologia Experimental*. Conforme E. T. O. Tassara (1998), Carolina era “a alma do local” (p. 153). Essa relação entre Carolina Bori e a USP fica marcada também nas palavras de Todorov e Hanna (2010):

A partir de 1970, de volta a São Paulo, Carolina Bori comanda, na Universidade de São Paulo, o maior centro de formação em análise do comportamento, na Universidade de São Paulo (incluindo o campus de Ribeirão Preto), até os anos 90. (p. 148)

Não apenas no nível de graduação, a relevância de Carolina Bori também é apontada no âmbito da pós-graduação (e.g., Carvalho et al., 1998a, 1998h). Esse *Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental* (PSE) é retratado por Matos (1996, 1998b) como uma sólida pós-graduação Análise do Comportamento, desde 1970⁴⁴. Bori (2001) afirma que foi entre as décadas de 1980 e 1990 que houve o fortalecimento dessa pós-graduação (Bori, 2001). Para além de Carolina, também são explicitados os importantes papéis de Maria Amélia Matos e Margarida Windholz na formação de mestres e doutores em Análise do Comportamento nesse Programa de Pós-Graduação (PPG) (e.g., e.g., Fagundes, 2017b; Sérgio & Micheletto, 2010; Tomanari & Debert, 2010).

Por fim, alguns textos abordam a história do *Laboratório de Condicionamento Operante* da USP, criado em 1961 para o *Curso de Keller*, e que serviu de contexto para a formação de muitos analistas do comportamento que ali passaram ao longo das décadas (e.g., Almeida, 2007; Tomanari, 2001). Ressalta-se aqui outras intersecções além das exploradas no

⁴⁴ Alguns textos apresentam o termo “bedesiano” para se referirem a esses alunos de pós-graduação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental (PSE). Nas palavras de Matos (1998b): “analistas do comportamento ‘bedesianos’ ... que passaram pela pós-graduação em psicologia Experimental quando esta era ministrada no Famoso Bloco 10, sede do Departamento de Psicologia Experimental da USP” (p. 95).

decorrer desta subcategoria. Elas são referentes à *História de Instituições: Universidade de São Paulo*, mas também a temáticas como a *História de Métodos: Laboratório Operante* e a *História de Aparatos: Caixas Operantes*.

Sumariza-se então alguns dos pontos apresentados na literatura em relação à *Universidade de São Paulo*. São eles: a importância do *Departamento de Psicologia Experimental* (e.g., Carvalho et al., 1998h; Rocha e Silva, 1998); do *Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental* (PSE) (e.g., Bori, 2001; Fagundes, 2017b; Matos, 1996, 1998b; Micheletto et al., 2004; Sérgio & Micheletto, 2010; Tomanari & Debert, 2010); do *Instituto de Psicologia da USP* (IP-USP) (e.g., Ramozzi-Chiarottino, 2016); e do *Laboratório de Condicionamento Operante* da USP, hoje *Laboratório F. S. Keller* (e.g., Almeida, 2007; Tomanari, 2001).

FFCL-Rio Claro

Ainda no tocante às Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, elas podem ser contextualizadas também no âmbito da *História de Processos Sociais: Cenário de Desenvolvimento Educacional*. A própria criação da FFCL-USP, em 1934, retrata a preocupação com o desenvolvimento da educação superior, ao menos no Estado de São Paulo. Esse fomento também fica marcado, para além da FFCL-USP, pela abertura e manutenção de outras sedes, com o intuito de expandir a educação superior para além da capital do estado. Segundo Cândido (2017a), “as FFCLs foram criadas pelo governo do estado de São Paulo em 1957. Muito devido ao grande crescimento populacional e à consequente dificuldade de acesso ao ensino, 16 cidades receberam estes institutos isolados” (p. 138).

Um desses casos é a FFCL-Rio Claro⁴⁵. Diferentes textos abordam a sua importância para a Análise do Comportamento no Brasil (e.g., Batista et al., 2005; Cândido, 2017a, 2017b;

⁴⁵ Atualmente Unesp.

Cândido & Massimi, 2012, 2016; Carvalho et al., 1998a; Cirino et al., 2012; Drachenberg, 1998; Guedes et al., 2006; Matos, 1996, 1998b; Mejias, 1998; Moraes, 2023; Moraes et al., 2012; Pessotti, 1998; Rafihi-Ferreira, 2016; Vilarés & Azoubel, 2023). A *História de Instituições: FFCL-Rio Claro* começa a ser retratada como parte da Análise do Comportamento sobretudo em sua interface com a *História de Pessoas: Carolina Martuscelli Bori*.

Isso porque, antes mesmo do *Curso de Keller*, em 1961, Carolina Bori já ocupava a Cadeira de Psicologia Educacional, no curso de Pedagogia da FFCL-Rio Claro (Cândido, 2017a, 2017b; Cândido & Massimi, 2012; Carvalho et al., 1998a; Drachenberg, 1998; Guedes et al., 2006; Matos, 1996, 1998b; Mejias, 1998; Rafihi-Ferreira, 2016). A literatura narra que, após o contato com a Análise Experimental do Comportamento no *Curso*, sob a supervisão de Carolina, implementou-se na FFCL-Rio Claro o primeiro laboratório de AEC no Brasil (Guedes et al., 2006; Hübner & Starling, 2019; Rafihi-Ferreira, 2016), com caixas de condicionamento operante feitas no Brasil (Cândido & Massimi, 2012, 2016). Além disso, Todorov e Hanna (2010) falam sobre a metodologia de ensino lá aplicada:

Um protótipo do PSI foi desenvolvido por Isaias Pessotti e Herma Drachenberg na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro, em 1962, sob a supervisão de Carolina Bori, a partir de suas discussões com Fred Keller sobre a nova modalidade de ensino. (p. 147)

Além de Carolina Bori, outras *Histórias de Pessoas* também se interseccionam com a FFCL-Rio Claro. É possível encontrar na literatura descrições sobre a contratação dessas pessoas, o papel exercido por elas na instituição, a importância deles para a implementação da Análise Experimental do Comportamento na FFCL-Rio Claro. As pessoas mais citadas são Geraldina Witter, Isaias Pessotti e Nilce Mejias (e.g., Cândido, 2017a; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Guedes et al., 2006; Hübner & Starling, 2019; Mejias, 1997, 1998; Moraes, 2023;

Moraes et al., 2012; Pessotti, 1998; Todorov & Hanna, 2010; Vilares & Azoubel, 2023); além desses, Luiz Otávio de Seixas Queiroz (e.g., Batista et al., 2005) e Herma Brigitte Drachenberg (e.g., Moraes, 2023; Todorov & Hanna, 2010) também são mencionados.

Ainda que a maioria das histórias sobre a FFCL-Rio Claro seja narrada tangencialmente em textos que abordam em sua linha narrativa principal outras temáticas, um dos textos selecionados teve como objeto de estudo a Cadeira de Psicologia de Rio Claro, entre 1962 e 1963 (i.e., Cândido, 2017a). Apresentando a contribuição dessa instituição, sobretudo pela Cadeira de Psicologia, para a Análise do Comportamento brasileira, o autor realiza uma análise historiográfica na qual apresenta outras temáticas que perpassam a *História de Instituições: FFCL-Rio Claro*, como a *História de Pessoas*, a *História de Disciplinas: Análise Experimental do Comportamento*, a *História de Aparatos: Caixas Operantes*, a *História de Métodos: Laboratório Operante*, a *História de Linhas de Pesquisa: Programação de Ensino*, entre outras. Tal análise apresenta também fontes iconográficas, como fotos de câmaras experimentais e Caixas de Skinner adaptadas, além de um excerto de uma carta de Carolina Bori à Fred Keller, enviada no ano de 1962.

Outras FFCLs

Além das FFCLs já mencionadas, outras Sedes também são retratadas na literatura. Sem muitos detalhes, por exemplo, alguns textos mencionam a FFCL-São José do Rio Preto (Cândido, 2017b; Guedes et al., 2006, 2008). Outras duas Sedes aludidas na literatura são a FFCL-São Bento (e.g., Guedes et al., 2006; Kerbauy, 1996a; Mejias, 1997) e a FFCL-*Sedes Sapientiae* (e.g., Alves et al., 2019, 2020; Guedes et al., 2006; Leonardi, 2015; Mejias, 1997; Rafihi-Ferreira, 2016), ambas localizadas em São Paulo, sendo a segunda a mais citada delas. A importância dessas duas Sedes está no fato de que a PUC-SP é fruto de sua unificação. Nas palavras de Mejias (1997), “o *Sedes Sapientiae* e a Faculdade de Filosofia Ciência e Letras

São Bento se fundiram, transformando-se na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo” (p. 10). Além dessas, a FFCL-Ribeirão Preto também é mencionada como importante contexto para o desenvolvimento da Análise do Comportamento no Brasil (e.g., Carvalho & Moraes, 1998; Ferrari, 2014).

Universidade de Brasília

Das *Histórias de Instituições*, a Universidade que tem a sua história narrada mais detalhadamente é a Universidade de Brasília. Embora nenhum dos materiais selecionados tenha sido categorizado tendo como linha narrativa principal a história da Universidade, o termo *UnB* aparece em dois títulos, tendo Carolina Bori e João Cláudio Todorov como pontos focais dos textos; e *Brasília* está grafado em seis títulos, sendo elas narrativas sobre a *História de Pessoas*, a *História de Eventos: Plano de Brasília* ou a *História de Linhas de Pesquisa: Programação de Ensino*.

A Universidade de Brasília e a Universidade de São Paulo são tratadas na literatura como as duas grandes Instituições de Ensino Superior responsáveis pela institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil. Assim com a *História de Instituições: Universidade de São Paulo* está ligada à *História de Eventos: Curso de Keller*, a *História de Instituições: Universidade de Brasília* está diretamente relacionada à *História de Eventos: Plano de Brasília*.

Essa importância fica marcada nas tantas narrativas, dentre as mais diferentes temáticas, que perpassam a história da UnB como contexto para a Análise do Comportamento (e.g., Almeida, 2007; Batista et al., 2005 ; Borges, 1998; Bori, 1996, 2001; Cândido, 2017a, 2017b; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Carvalho et al., 1998a; Cianca et al., 2020; Cirino, 2001; Cunha, 1998; De Rose, & Galvão, 2023; Drachenberg, 1998; Feitosa, 2005, 2007; Feitosa, & Mulholland, 2022; Gotti et al., 2021; Guedes, 1998, 2022; Guedes et al., 2006,

2008; Hanna et al., 2022; Keller, 1996c, 1999, 2001; Kerbauy, 1996, 1998; Kienen et al., 2021; Lopes & Laurenti, 2023; Malott, 2022; Marinho, 2020; Matos, 1998a, 1998b; Mejias, 1997, 1998; Moraes, 1998; Moreira, 2004, 2022b; Pessotti, 1998; Rafihi-Ferreira et al., 2016; Rocha e Silva, 1998; Salzano, 1998; Silva et al., 2022; Soares, 1998; Sobral, 2022; Souza Júnior et al., 2018; Souza, 2005; Todorov, 1996, 2003; Todorov & Hanna, 2010; Todorov et al., 2009; Torres et al., 2020; Vasconcelos et al., 2022; Villani, 1998; Zannon, 1996).

Algumas narrativas, por exemplo, contextualizam historicamente a Universidade de Brasília na própria criação da nova capital brasileira. Segundo Todorov (1996), “uma nova universidade foi planejada para Brasília. Como parte de um grandioso plano para o Brasil, a nova capital deveria ser uma ruptura com o passado, uma ponta de lança para o desenvolvimento de vastas áreas do interior brasileiro” (p. 7).

Na esteira dessa descrição, encontram-se na literatura diferentes retratos da UnB como universidade modelo, um centro de formação “revolucionário e moderno” (Vasconcelos et al., 2022, p. 17), e ainda como um “experimento pioneiro” (Villani, 1998, p. 131). Essa caracterização fica marcada também em Cunha (1998): “Universidade revolucionária, a Universidade de Brasília, orientada pela concepção de Darcy Ribeiro de uma universidade reformada, com um curso básico para todos os cursos e depois com matérias diferenciadas” (p. 56).

Outras narrativas apresentam o importante papel de Darcy Ribeiro na concepção e liderança da UnB, como é o caso de Carvalho et al. (1998a), que dizem, “Universidade de Brasília, a universidade sonhada como centro de excelência de ensino e pesquisa por Darcy Ribeiro” (p. 42). Ainda nas palavras de Borges (1998),

O projeto da UnB, liderado pelo Prof. Darcy Ribeiro, congregou intelectuais das mais diversas áreas do conhecimento que tomaram para si a difícil tarefa de pensar uma

universidade, que nasceria como universidade, que ousaria ser singular e inovadora. Assim nasceu a UnB, organizada por área do conhecimento, sem cátedras. (p. 103)

O destaque dado aqui a Darcy Ribeiro tem primeiramente a função de explicitar, mais uma vez, a interseccionalidade entre as temáticas, nesse caso a *História de Instituições* e a *História de Pessoas*. Em segundo lugar, salientar que a história da Análise do Comportamento também tem a participação histórica de pessoas que não foram analistas do comportamento. Nesse caso, Darcy Ribeiro foi parte das contingências institucionais que favoreceram o desenvolvimento da Análise do Comportamento na UnB.

Para além do papel institucional desempenhado por Darcy Ribeiro, os excertos apresentados também dão pistas sobre a forma como a Universidade de Brasília é caracterizada pela literatura. Abordando os diversos adjetivos encontrados na literatura, é possível sintetizar a representação da UnB como uma Universidade *modelo*.

Essa apresentação da UnB é importante para compreender parte da retórica da própria história da Análise do Comportamento no Brasil. Isso porque caracterizá-la como uma instituição *pioneira, ousada, singular, inovadora, moderna, revolucionária, centro de excelência*, é pano de fundo para as narrativas acerca da criação de um curso de Psicologia baseado na Análise Experimental do Comportamento.

De acordo com Todorov e Hanna (2010), “o primeiro centro de formação de analistas do comportamento foi a Universidade de Brasília” (p. 148). Ou então, nos dizeres de De Rose e Galvão (2023), “o curso de psicologia da UnB era o único curso do Brasil inteiramente voltado pra essa abordagem, a análise experimental do comportamento” (p. 103). Em algum sentido, o retrato da UnB como um *modelo* universitário fortalece a concepção de que a Análise do Comportamento foi escolhida para ser a linha teórica, epistemológica e metodológica, de uma Universidade *revolucionária e exemplar*.

Mais precisamente, a escolha não foi a Análise Experimental do Comportamento, mas sim Carolina Bori – se é que dá pra separar, nesse momento histórico, esses fenômenos. Nas palavras de Keller (2001), “em 1962, Darcy Ribeiro, antropólogo social e educador, uma figura de destaque na Universidade de Brasília, desde o seu início, convidou Carolina Martuscelli Bori para chefiar o novo Departamento de Psicologia daquela instituição” (p. 462). Tal solicitação, de acordo com Matos (1996, 1998b), seria para estruturar um curso “modelo para os demais cursos em Ciências Humanas naquela Universidade” (1998b, p. 94). Por isso, Kerbauy (1998a) denomina tal episódio como um “convite-desafio” (p. 236).

A descrição dos passos tomados para a concepção e implementação do Departamento de Psicologia na Universidade de Brasília, desde as interações entre pessoas, os cargos e atribuições, passando pela organização das disciplinas e os conteúdos ministrados, chegando até a concepção de ensino concebida nessas relações é narrada mais detalhadamente pela *História de Eventos: Plano de Brasília* e também pela *História de Linhas de Pesquisa: Programação de Ensino*. Nesta categoria, busca-se apresentar alguns dos aspectos institucionais retratados na literatura analisada sobre a UnB e a sua relação com a Análise do Comportamento.

Essa estreita relação entre a Universidade de Brasília e a Programação de Ensino fica representada, por exemplo, em Moreira (2022b), que apresenta a UnB como a instituição na qual o PSI foi implementado pela primeira vez⁴⁶. Para além de ter sido um dos espaços institucionais profícuos para a implementação da Programação de Ensino, a relação entre essas temáticas vai para além do próprio campo da Psicologia. Segundo Borges (1998), “as experiências de ensino individualizado foram implantadas em Brasília não só nas disciplinas

⁴⁶ Embora alguns textos defendam que um protótipo do PSI já havia sido desenvolvido na FFCL-Rio Claro, além de afirmarem que o primeiro curso de ensino programado, ministrado por Carolina Bori, também foi realizado nessa instituição (cf. Cândido, 2017a; Moraes, 2023; Moreira, 2022b; Todorov & Hanna, 2010).

de conteúdo psicológico. A experiência de ensino de Física com o Método Keller produziu as primeiras dissertações do mestrado em Física da UnB” (p. 103).

Ainda sobre esses primeiros anos da Análise do Comportamento na Universidade de Brasília, um tema que se intersecciona com essa *História de Instituições* é a *História de Processos Sociais: Ditadura Militar*. Os impactos do regime militar na UnB são narrados em diversos textos (e.g., Borges, 1998; De Rose & Galvão, 2023; Feitosa & Mulholland, 2022; Guedes et al., 2006; Moraes, 1998; Pessotti, 1998; Salzano, 1998; Soares, 1998; Todorov & Hanna, 2010).

As implicações dessa intervenção são apresentadas nos mais diversos aspectos. Algumas narrativas adotam um viés mais trágico, por exemplo, “o sonho de Darcy Ribeiro de tornar a Universidade de Brasília algo único fracassou” (Salzano, 1998, p. 193). Esse cenário fica explícito também no relato de Borges (1998), que diz: a “[Universidade de Brasília] soube reagir à brutalidade do regime militar que tentou destruí-la de todas as formas, tanto pela ocupação armada de seu campus, como pela expulsão de professores e a nomeação de um militar para dirigi-la” (p. 103).

Outros relatos, mesmo que contemplem a coerção presente naquele momento histórico, parecem manter certo otimismo. Nas palavras de De Rose e Galvão (2023):

A UnB tinha sido um experimento educacional revolucionário, que foi depois contido pela truculência da ditadura militar. Mas é provável que alguma coisa da UnB inicial ainda persistisse em alguns nichos, e que a psicologia fosse um desses nichos. (p. 104)

Pessotti (1998), por sua vez, retrata esses acontecimentos de uma perspectiva de luta e enfrentamento na UnB, focalizando sobretudo o Departamento de Psicologia. Em seus dizeres:

A decisão de montar um Departamento de Psicologia modelar em Brasília, em plena ditadura, sabendo que, se não ousasse então, talvez nunca mais se poderia fazê-lo. A

organização desse departamento na Universidade de Brasília foi uma demonstração cabal de competência e ética: de autêntica chefia, como a defini acima. Mais ainda, quando foi preciso defender a obra começada, e o nosso ideal de Universidade e liberdade de pensamento, durante o cerco militar e a desativação da UnB. (Pessotti, 1998, p. 244)

A interferência militar que afetou a Universidade, sobretudo entre 1964 e 1965, atingiu diretamente a Análise do Comportamento, uma vez que dentre os professores demitidos estava Rodolpho Azzi (Gotti et al., 2021; Guedes et al., 2006, 2008; Psicologia: Ciência e Profissão, 2010; Todorov & Hanna, 2010). Segundo Guedes et al. (2008),

Cabe citar que, na primeira crise da UnB, quando foram expulsos os primeiros professores, fazia parte da lista o Professor Rodolfo Azzi. Não é, pois, de estranhar que neste momento todos os brasileiros da equipe de Carolina Bori peçam demissão. (p. 50)

Vale ressaltar também que embora o maior enfoque dos relatos sobre as intervenções do governo militar na UnB contemple o período inicial da ditadura, algumas narrativas explicitam que essas ingerências continuaram acontecendo até a redemocratização do país. Feitosa e Mulholland (2022), por exemplo, dizem que durante a década de 1970 a Universidade teve como Reitor um militar, que interferia diretamente na política institucional, escolhendo e preterindo chefes de departamento.

A *História de Instituições: Universidade de Brasília* também perpassa a *História de Pessoas*. Partindo da perspectiva institucional, uma das possíveis análises dessa intersecção pode ser feita por meio das narrativas que apresentam os reconhecimentos institucionais. Por exemplo, a apresentação de pessoas as quais foram atribuídos títulos como o de *Professor* ou *Doutor Honoris Causa*, como Fred Keller (e.g., Kerbauy, 1996a; Souza, 2005; Zannon, 1996), João Cláudio Todorov (Feitosa & Mulholland, 2022; Hanna et al., 2022) e Carolina

Bori (e.g., Feitosa, 2005), que também é retratada como membro do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília (e.g., Borges, 1998; Souza, 2005).

Por fim, um último aspecto que fica marcado na literatura sobre a história da Universidade de Brasília que está relacionada à Análise do Comportamento, Matos (1996, 1998b) ressalta a importância da criação, em 1974, da pós-graduação em Análise do Comportamento na Universidade. Já Bori (2001) indica que foi entre as décadas de 1980 e 1990 que houve o fortalecimento da pós-graduação com ênfase na área, sendo a UnB parte das contingências que promoveram essa consolidação.

Outras Universidades

Dado o escopo desta pesquisa, que não objetiva realizar uma análise detalhada e integral de todas as instituições citadas no material selecionado, serão descritas brevemente algumas outras instituições mencionadas na literatura sobre a história da Análise do Comportamento no Brasil. Essas Universidades serão elencadas, bem como serão exemplificados os textos que versam sobre a *História de Instituições*, por ordem alfabética.

Encontramos histórias cujas linhas narrativas principais versam sobre as instituições que serão descritas, mas essas narrativas são encontradas sobretudo tangencialmente nas histórias escritas sobre outras temáticas. Esses recortes institucionais são descritos acerca da formação de Departamentos de Psicologia com um enfoque analítico-comportamental; da criação de Programas de Pós-Graduação; da promoção de cursos e disciplinas sobre diferentes dimensões da Análise do Comportamento (i.e., Teórica, Básica e Aplicada); e da consolidação de Linhas de Pesquisa.

Dentre as Universidades retratadas, estão a *Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais* (e.g., Jardim, 1998); a *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo* (PUC-SP) (e.g., Andery, 2004; Andery et al., 2005; Bori, 2001; Cury, 1997; Guedes et al., 2006; Marinho,

2020; Matos, 1996, 1998b; Mejias, 1997; Micheletto et al., 2004; Pacheco Filho, 1998; Queiroz et al., 1976; Rafihi-Ferreira, 2016; Tomanari, 2005; Torres et al., 2020); a *Universidade Católica de Campinas* (e.g., Batista et al., 2005; Guedes et al., 2006; Guilhardi, 2003; Hunziker, 2005; Leonardi, 2015; Mejias, 1997; Torres et al., 2020); e a *Universidade Católica de Goiás* (e.g., Bori, 2001; De-Farias et al., 2021; Malott, 2022; Moreira, 2022b).

Outras Universidades públicas, Estaduais ou Federais, também foram pautadas na literatura, por exemplo, a *Universidade Estadual de Londrina* (UEL) (e.g., Bori, 2001; Carvalho et al., 1998h; Cianca et al., 2020; De Rose & Galvão, 2023; Lopes et al., 2008; Matos, 1996, 1998b); a *Universidade Federal da Bahia* (UFBA) (e.g., Barbosa et al., 2017; Carvalho & Moraes, 1998; Feitosa, 2005; Moraes, 1998; Silva, 2021; Tomanari, 2005); a *Universidade Federal do Ceará* (UFC) (e.g., Barbosa et al., 2017); a *Universidade Federal do Maranhão* (UFMA) (e.g., Barbosa et al., 2017); a *Universidade Federal de Minas Gerais* (UFMG) (e.g., Alves et al., 2019, 2020; Cirino et al., 2012; Bori, 2001; Cirino et al., 2012; Jardim, 1998; Miranda & Cirino, 2010a; Miranda & Strapasson, 2023; Polanco & Miranda, 2014); a *Universidade Federal do Pará* (UFPA) (e.g., Bori, 2001; Feitosa, 2005; Guedes et al., 2006; Hanna et al., 2022; Matos, 1996, 1998a, 1998b); a *Universidade Federal do Paraná* (UFPR) (e.g., Cianca et al., 2020); a *Universidade Federal de Santa Catarina* (UFSC) (e.g., Cianca et al., 2020; Nascimento & Henklain, 2020); e a *Universidade Federal de São Carlos* (UFSCar) (e.g., Bori, 2001; Carvalho et al., 1998a, 1998h; Cianca et al., 2020; De Rose & Galvão, 2023; Feitosa, 2005; Matos, 1996, 1998a, 1998b; Nale, 1998; Rafihi-Ferreira, 2016; Souza, 1998).

Ressalta-se que, embora essas Universidades sejam heterogêneas, desde a sua distribuição geográfica por diversas regiões brasileiras, até diversidade de linhas de pesquisas tanto em aspectos metodológicos quanto no interesse por diferentes temáticas, a literatura apresenta uma característica comum a todas essas instituições. Sobretudo no tocante à

institucionalização da área, uma figura presente na introdução e desenvolvimento da Análise do Comportamento nessas diferentes Universidades é Carolina Bori (e.g., Alves et al., 2020; Carvalho & Moraes, 1998; Carvalho et al., 1998a; Feitosa, 2005; Jardim, 1998; Matos, 1996, 1998a, 1998b; Moraes, 1998; Pacheco Filho, 1998; Rafihi-Ferreira, 2016; Souza, 1998). Dessa análise emerge, mais uma vez, uma intersecção entre a *História de Instituições* e a *História de Pessoas*.

Associações e Sociedades

Além do papel fundamental que as Instituições de Ensino Superior têm no fomento da Análise do Comportamento no Brasil, as Associações e Sociedades também são parte importante dessas condições. Ao analisar as funções das Associações e Sociedades Científicas na Psicologia brasileira, Witter (2007) defende a importância dessas instituições ao fomentarem o desenvolvimento da Psicologia tanto como ciência quanto como profissão. Nas palavras da autora:

Para atingir suas metas e cumprir os objetivos esperados, as Associações Científicas precisam cumprir vários *papéis*. O principal papel é de estímulo à produção científica para o qual usualmente recorre à promoção de eventos, concursos, constituição de grupos de pesquisa, organização de redes sociais entre seus sócios e colaboração com os sistemas de informação da área. Outro papel é o da divulgação científica feita via eventos, manutenção de bancos de dados e publicações. (p. 6)

Assim como nas *Histórias de Pessoas*, a literatura também apresenta instituições que não estão diretamente ligadas à Análise do Comportamento, por exemplo, com um enfoque científico amplo ou na Psicologia. Essas Associações/Sociedades se fazem importantes na medida em que algumas delas existiam antes mesmo da Regulamentação da Psicologia, tendo fomentado o desenvolvimento da área, como é o caso da Sociedade de Psicologia de São

Paulo⁴⁷, criada em 1945 (Custódio, 2016); e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, criada em 1948 (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, n. d.).

A *Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência* (SBPC) é citada em muitas das narrativas sobre a história da Análise do Comportamento no Brasil (e.g., Hübner & Starling, 2019; Feitosa, 2005; Freire-Maia, 1998; Guedes, 2004a, 2004b; Nale, 1998; Zannon, 1996; Zannon & Bori, 1996). Os textos enunciam as homenagens prestadas pela Sociedade a analistas do comportamento, bem como os papéis desempenhados por alguns deles dentro da instituição⁴⁸; também se narra sobre reuniões, encontros e congressos nos quais uma porcentagem expressiva de trabalhos analítico-comportamentais foi apresentada. Dentre esses recortes, a SBPC aparece sobretudo em narrativas sobre Carolina Bori e o seu papel na instituição, promovendo não somente a Análise do Comportamento, mas a Psicologia e a ciência (e.g., Cândido & Massimi, 2012; Carvalho et al., 1998c, 1998d, 1998f; Cunha, 1998; Pacheco Filho, 1998; Keller, 1988; Kerbauy, 2004; Goldemberg, 1998; Guedes, 2004a, 2004b; Feitosa, 2005; Krieger, 1998; Lavras, 1998; Magalhães, 1998; Soares, 1998; Malavasi, 1998; Queiroz, 1998; Queiroz Neto, 1998; Candotti, 1998; Sala, 1998; Velho, 1998).

Outra instituição que não é exclusivamente analítico-comportamental, mas é retratada na literatura com um importante papel na história da Análise do Comportamento brasileira é a *Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto* (SPRP), atual *Sociedade Brasileira de Psicologia* (SBP). A sua relevância é marcada desde a sua criação, seja pela participação de analistas do comportamento na sua fundação ou em cargos administrativos ao longo dos anos, mas também na promoção de encontros, reuniões e congressos nos quais a Análise do Comportamento estava presente (e.g., Carvalho et al., 1998c; Feitosa, 2005; Gorayeb, 2022; Guedes et al., 2006; Hunziker, 2022; Landeira-Fernandez & Cruz, 2022; Matos, 1998b;

⁴⁷ Atual *Associação de Psicologia de São Paulo*.

⁴⁸ Ressalta-se a inconsistência na literatura quanto ao período em que Carolina Bori ocupou a presidência da SBPC, entre 1985-1989 ou 1986-1989 (cf. Feitosa, 2005; Guedes 2004a, 2004b).

Moraes & Rolim, 2022; Nale, 1998; Rafihi-Ferreira, 2016; Todorov & Hanna, 2010; Torres et al., 2020). Mais uma dessas instituições com enfoque amplo é a *Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia* (ANPEPP), que é retratada na intersecção com Carolina Bori, que foi a sua fundadora e primeira presidente (1984-1986) (Carvalho et al., 1998c; Feitosa, 2005).

Das instituições com enfoque analítico-comportamental, duas têm a sua história narrada com mais detalhes. Considerando a cronologia, a primeira Associação na área foi a *Associação de Modificação do Comportamento* (AMC) (1974-1984) (Batista et al., 2005; Guedes et al., 2006; Hübner & Starling, 2019). Especificamente sobre esta instituição, uma *História de Instituições* na qual a apresentação histórica da AMC é tomada como linha narrativa principal foi realizada por Torres et al. (2020). Além dela, diversos textos abordam, ainda que tangencialmente, a AMC como uma importante instituição que fomentou o desenvolvimento da área, sobretudo da Análise Aplicada do Comportamento (e.g., Batista et al., 2005; Cury, 1997; Feitosa, 2005; Guedes et al., 2006; Hübner & Starling, 2019; Lima, 1997; Matos, 1996, 1998b; Mejias, 1997; Rafihi-Ferreira, 2016).

Salienta-se que algumas inconsistências foram encontradas na literatura, por exemplo, Batista et al. (2005) datam a criação da AMC em 1975, enquanto os outros textos estabelecem 1974 como a data de fundação. Além disso, Feitosa (2005) diz que Carolina Bori foi presidente da Associação quando ela ainda não havia sido criada: “foi ainda presidente da Associação de Modificação do Comportamento, de 1969 a 1973” (Feitosa, 2005, p. 265).

Ainda que tenha encerrado as atividades como AMC, ela não foi completamente extinta, tendo se transformado em *Associação Brasileira de Análise do Comportamento* (ABAC). Embora tangencialmente, alguns textos narram essa transformação (e.g., Guedes et al., 2006; Rafihi-Ferreira, 2016; Torres et al., 2020). Ressalta-se ainda que não fica explícito em que medida essa transição é de fato uma continuação ou quais as rupturas nesse processo.

De acordo com Matos (1998b), “a Associação de Modificação do Comportamento mudou seus objetivos e seu nome para Sociedade Brasileira de Análise do Comportamento, mas, por razões que não cabem aqui discutir, desapareceu” (p. 98). Rafihi-Ferreira et al. (2016) ainda dizem:

Posteriormente, no ano de 1985, buscando ampliar e continuar os trabalhos da AMC e com o objetivo de abarcar as contribuições da Análise do Comportamento tanto em nível de pesquisa básica como aplicada, a proposta da associação foi reafirmada passando de uma sociedade local (São Paulo) para nacional, surgindo a Associação Brasileira de Análise do Comportamento (ABAC). (pp. 187-188)

Outra Associação analítico-comportamental apresentada como importante condição para a história da área é a *Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental*⁴⁹ (ABPMC). A sua importância fica marcada na sua apresentação, por brasileiros e estrangeiros, como a maior [*largest*] Associação de Análise do Comportamento no Brasil (e.g., Guedes et al., 2006, p. 24; Malott, 2022, p. 72), tratada por Vasconcelos et al. (2022) como “ABA-Brasil” (p. 19).

Essa relevância pode ser dimensionada também pela quantidade de narrativas sobre *História de Instituições* cujo principal objeto de análise foi o papel histórico da ABPMC (e.g., Botomé, 2006, 2017; Kerbauy, 2001; Koeke, 2007; Guedes et al., 2007; Hübner & Starling, 2019; Windholz, 2017). Para além desses textos, muitos aspectos institucionais da ABPMC são narrados de forma tangencial. Tais aspectos contemplam a estrutura hierárquica e quem a ocupou ao longo do tempo; as relações com outras instituições, como a *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva* (RBTCC) e a coletânea *Sobre Comportamento e Cognição*; as posições éticas defendidas pela instituição frente a problemas sociais; os encontros, congressos e eventos realizados; as homenagens realizadas etc. (e.g., Amaral,

⁴⁹ Atual Associação Brasileira de Ciências do Comportamento.

2009; Botomé, 2006; Gonçalves et al., 2020; Guedes et al., 2006, 2007; Guilhardi & Madi, 1996; Kerbauy, 2001; Malott, 2022; Rafihi-Ferreira, 2016; Todorov & Hanna, 2010; Vasconcelos et al., 2022; Zamignani & Rocha, 2022; Windholz, 2017; Zannon, 1996).

Periódicos

Ainda que as Associações e Sociedades tenham uma função de divulgação científica, sobretudo por meio da promoção de encontros, congressos, reuniões etc., essa função fica ainda mais marcada nos Periódicos Científicos. De acordo com Miranda e Pereira (1996), a função dos periódicos é a “comunicação do conhecimento e a de comunicação entre os pares da comunidade científica” (p. 375).

Dentre as *Histórias de Instituições* que contemplam as revistas científicas, narra-se suas trajetórias de diferentes formas. A literatura aborda os contextos de surgimento dos periódicos; as estruturas hierárquicas e os seus ocupantes ao longo dos anos; os enfoques de publicação (e.g., trabalhos teóricos, básicos e aplicados); as modificações nos projetos editoriais; as relações com outras instituições (e.g., Universidades, Associações); o seu impacto nacional e internacional; as temáticas estudadas; o aumento ou diminuição na quantidade de publicações etc.

A apresentação desses periódicos será realizada seguindo a ordem de suas respectivas fundações. Assim, a primeira instituição apresentada será a *Modificação do Comportamento: Pesquisa e Aplicação* (1976-1977), o primeiro periódico específico da Análise do Comportamento no Brasil (Guedes et al., 2006). A história desse periódico se intersecciona também com a *História de Instituições: AMC*, uma vez que era editada pela AMC (Mejias, 1997; Matos, 1996, 1998b; Torres et al., 2020).

De suas características, a mais marcada na literatura é o caráter aplicado dos estudos publicados. Nas palavras de Torres et al. (2020):

Notou-se que o conjunto de autores que publicava na *Modificação de Comportamento: Pesquisa e Aplicação* parecia se preocupar, predominantemente, com temas educacionais, com destaque para a diminuição de frequência de comportamentos inadequados. Para tanto, o foco esteve no desempenho acadêmico.... Os trabalhos foram, majoritariamente, do tipo experimental e todos apresentaram natureza aplicada. (p. 11)

Assim como a própria Associação a qual estava vinculada, o periódico também encerrou suas atividades⁵⁰, mas não sem deixar frutos. Algumas narrativas marcam a sua transformação em outra publicação, os *Cadernos de Análise do Comportamento* (1981-1985) (e.g., Martone et al., 2010; Matos, 1998b), sendo considerado o segundo periódico específico da Análise do Comportamento no Brasil (Guedes et al., 2006). Da mesma forma como são apresentadas as transformações entre instituições (i.e., AMC e ABAC), também não fica explicitado quais são as rupturas e continuidades na transição entre o periódico *Modificação do Comportamento* para *Cadernos de Análise do Comportamento*. Ao descrever o perfil de ambos os periódicos, Guedes et al. (2006) dizem:

Nos dois, a presença de artigos que relatam pesquisa básica é quase ausente, o que poderia revelar projetos editoriais voltados às duas ‘novidades’ do período: a pesquisa de intervenção (não esquecer que a primeira Associação na área, em 1974, se chamou *Modificação do Comportamento*) e a pesquisa teórico-conceitual – com alta frequência especialmente nos *Cadernos* – pode resultar de projeto que privilegia a divulgação, aos interessados, de material estrangeiro traduzido. (p. 23)

Essa caracterização dessas revistas explicita as contingências vigentes naquele momento histórico da década de 1970. Uma delas é o interesse por uma área emergente na

⁵⁰ Salienta-se a inconsistência apresentada na literatura em relação ao período de funcionamento do periódico (cf. Martone et al., 2010; Matos, 1998b; Torres et al., 2020).

Análise do Comportamento brasileira, a aplicação dos princípios estudados até então em laboratório.

Embora não seja propriamente um periódico, a coletânea *Sobre Comportamento e Cognição*, organizada inicialmente em 1997, foi agrupada nesta subcategoria, uma vez que os seus propósitos são os mesmos dos periódicos. Como relatado por Matos (1999), no prefácio do primeiro volume, “a coleção reúne trabalhos apresentados durante os Encontros da ABPMC ... no sentido de divulgar a produção científica de pesquisadores, clínicos e educadores que trabalham com (e que, por isso, se beneficiam da) ciência do comportamento exposta nessa série” (p. iii). A importância dessa série de livros é ressaltada por alguns autores, principalmente em sua interface com a *História de Instituições: ABPMC* (e.g., Guedes et al., 2006; Martone et al., 2010; Rafihi-Ferreira, 2016; Todorov & Hanna, 2010).

Dos periódicos mais recentes, o desenvolvimento da *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva* (RBTCC), criada em 1999, é narrado por alguns autores (e.g., Amaral, 2009; Cirino, 2006; Hübner & Starling, 2019; Martone et al., 2010; Rafihi-Ferreira et al., 2016; Todorov & Hanna, 2010). Explicita-se, por exemplo, a importância de Rachel Kerbauy na fundação do periódico (e.g., Martone et al., 2010; Rafihi-Ferreira, 2016; Todorov & Hanna, 2010) e também o impacto da revista no cenário nacional (e.g., Cirino, 2006). Nas palavras do autor, “podemos afirmar, com toda segurança, que desde seus primeiros números a RBTCC se configura como um dos principais veículos de publicação em Análise do Comportamento no Brasil” (Cirino, 2006, p. i).

A literatura também apresenta diferentes recortes sobre a história da *Revista Brasileira de Análise do Comportamento* (ReBAC), criada em 2005. A sua importância fica marcada nas palavras de Curiel et al. (2021): “a Revista Brasileira de Análise do Comportamento (ReBAC)⁵¹ ... é outro importante periódico analítico-comportamental com sede fora dos

⁵¹ No original o termo utilizado foi *Brazilian Journal of Behavior Analysis* (BJBA).

Estados Unidos” (p. 265). A literatura apresenta ainda o papel de João Cláudio Todorov na sua fundação e desenvolvimento, por exemplo, ocupando cargos administrativos (e.g., Guedes, 2022; Hanna et al., 2022; Rafihi-Ferreira, 2016; Todorov & Hanna, 2010); analisa os principais autores e autoras que publicaram artigos no periódico (e.g., Curiel et al., 2021); explicitam a proposta inicial da revista e descreveram algumas relações institucionais, como a UFPA (e.g., Hanna et al., 2022).

O último dos periódicos especializados em Análise do Comportamento brasileiros é a *Revista Perspectivas em Análise do Comportamento (PAC)*, criada em 2010. Talvez por ser a mais recente, a sua história é ainda pouco contada, aparecendo tangencialmente em textos que versam sobre outras temáticas (e.g., Martone et al., 2010; Rafihi-Ferreira, 2016; Todorov & Hanna, 2010). Salienta-se ainda a relação entre tal revista e o Instituto Par (e.g., Todorov & Hanna, 2010).

Outros periódicos ainda são mencionados brevemente na literatura. Embora a *Acta Comportamentalia* não seja brasileira, tem a sua importância retratada para a área no Brasil (e.g., Rafihi-Ferreira, 2016; Todorov & Hanna, 2010). Outros periódicos não especializados em Análise do Comportamento também são mencionados em sua interface com a área, como: *Psicologia*⁵²; *Psicologia USP*; *Psicologia: Reflexão e Crítica*; *Psicologia: Teoria e Pesquisa*; *Temas em Psicologia* (e.g., De Rose & Galvão, 2023; Matos, 1996, 1998b; Rafihi-Ferreira, 2016; Souza, 2005; Todorov & Hanna, 2010).

Grupos de Estudo/Trabalho/Pesquisa

De forma geral, os Grupos de Estudo/Trabalho/Pesquisa aparecem nas narrativas de forma bastante difusa, sendo citados ao contar a *História de Pessoas*, as *Histórias de outras*

⁵² “Na Linha do Tempo para a ACB, a revista *Psicologia* aparece como específica – apenas porque todo o seu Conselho Editorial era formado por analistas do comportamento. Trata-se, entretanto, de periódico aberto a todas as áreas e os autores são, na maior parte, professores do Departamento de Psicologia Experimental da USP” (Guedes et al., 2006, p. 23).

Instituições etc. Os Grupos identificados na literatura foram: *Análise Comportamental de Processos Simbólicos* (e.g., Todorov & Hanna, 2010; Tourinho, 2006); *Comportamento Verbal e Produção de Tecnologias de Intervenção e de Prevenção em Psicologia e Educação* (e.g., Todorov & Hanna, 2010); *Grupo de Estudos e Difusão da Análise do Comportamento* (GEDAC), (e.g., Souza et al., 2018); *Grupo de Estudos em Análise do Comportamento* (GEAC) (e.g., Barbosa et al., 2017); *Grupo de Interesse Especial em OBM* (GIE) (e.g., Nascimento & Henklain, 2020); *Grupo de Pesquisa em Análise do Comportamento* (GPAC) (e.g., Barbosa et al., 2017); *Investigações Conceituais e Aplicadas em Análise do Comportamento* (e.g., Todorov & Hanna, 2010; Tourinho, 2006); *Núcleo de Estudos em Análise do Comportamento e Prática Cultural* (ACPC) (e.g., Martinelli et al., 2022); e *Think Tank on Cultural Studies* (TTCS) (e.g., Hanna et al., 2022; Malott, 2022; Todorov et al., 2021; Vasconcelos et al., 2022). Embora o último Grupo não seja exclusivamente brasileiro, a sua história é narrada contemplando a grande participação de analistas do comportamento brasileiros, como João Cláudio Todorov, e tendo inclusive o seu primeiro encontro acontecendo no Brasil (Vasconcelos et al., 2022).

Institutos

A última subcategoria das instituições, os Institutos, assim como os Grupos, têm suas histórias narradas em textos com outros objetivos que não analisar os próprios institutos. As narrativas abordam alguns institutos que, embora não sejam analítico-comportamentais, foram fundamentais para a área. Um desses exemplos é o *Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura* (IBECC), criado no Brasil em 1946 (Abrantes & Azevedo, 2010). Na literatura, o papel do instituto é apresentado em intersecção com a *História de Pessoas*, sobretudo relacionada à Carolina Bori, e também a *História de Aparatos: Caixas Operantes*, vista a participação da instituição firmando convênios que permitissem a construção de aparatos para

a utilização no ensino da Análise do Comportamento (e.g., Carvalho et al., 1998d; Drachenberg, 1998; Guedes, 1998; Matos, 1996, 1998b; Souza, 2005).

Dos institutos analítico-comportamentais brasileiros, os papéis de dois deles são mencionados pela literatura analisada. O primeiro é o *Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento* (IBAC), citado brevemente em interface com o TTCS (e.g., Malott, 2022; Vasconcelos et al., 2022). O outro é o *Instituto de Análise do Comportamento* de Campinas, aparecendo também em alguns textos como *Clínica do Comportamento* ou *Clínica de Modificação do Comportamento*, tendo como seu fundador Luiz Otávio de Seixas Queiroz (e.g., Bori, 2001; Cury, 1997; Guilhardi, 2003; Leonardi, 2015; Mejias, 1997).

Histórias de Disciplinas

Como demarcado no *Guia Temático*, as Disciplinas não são tão formalizadas quanto as Instituições, ainda que também seja possível encontrar nelas algum nível de organização e burocratização. Contextualizadas à Análise do Comportamento, esta categoria aborda três grandes campos de atuação na área: a *Análise Experimental do Comportamento*, a *Análise Aplicada do Comportamento* e a *Análise Teórica do Comportamento*⁵³.

Estabelecendo um critério cronológico para a apresentação dessas disciplinas, essa ordem é relativa também à quantidade de narrativas sobre esta temática, partindo da disciplina com mais informações e chegando a com menos narrativas sobre o seu surgimento e desenvolvimento. Dessa forma, a primeira disciplina a ser descrita será a Análise Experimental do Comportamento.

⁵³ A própria divisão em áreas, seja em relação a sua função (e.g., pesquisa e aplicação), em método de pesquisa (e.g., básica, teórica, aplicada) etc., gera um longo debate na Análise do Comportamento (cf. Carvalho Neto, 2002; Hayes, 1978; Moore & Cooper, 2002; Strapasson et al., 2013; Tourinho, 1999, 2003; Tourinho & Sérgio, 2010; Zilio, 2019).

Análise Experimental do Comportamento

A descrição da disciplina Análise Experimental do Comportamento (AEC) se confunde em certa medida com a própria história da Análise do Comportamento, uma vez que esse último termo só passou a ser usado a partir da década de 1960. Até aquele momento, a Escola de Psicologia era tratada como “Análise Experimental do Comportamento” ou “Behaviorismo skinneriano” e seus seguidores como “condicionadores operantes” (Cruz, 2019).

Das diferentes intersecções que emergem na análise desta categoria, a primeira a ser ressaltada é *História de Pessoas*. Embora muitas pessoas são mencionadas como importantes figuras para a área, elas normalmente são descritas brevemente (e.g., Isaías Pessotti, João Cláudio Todorov, Luiz Marcellino de Oliveira, Maria Amélia Matos, Rachel Kerbauy). Contudo, o papel de duas pessoas é ressaltado quando se narra a história da Análise Experimental do Comportamento no Brasil: Fred Keller (e.g. Cirino et al., 2010; Gonçalves et al., 2020; Kerbauy, 1996a; Tomanari, 2001; Windholz, 1998) e de Carolina Bori (e.g., Cândido & Massimi, 2012; Carvalho et al., 1998a; Kerbauy, 1998; Matos, 1996, 1998a, 1998b; Rocha e Silva, 1998; Windholz, 1998).

Além disso, as narrativas sobre a AEC no Brasil também aparecem interseccionadas com a *História da Instituições*, descrevendo, por exemplo, instituições que fomentaram práticas experimentais com enfoque na teoria operante. São contadas a introdução e o desenvolvimento de tais práticas nessas instituições. As narrativas abordam a *Associação de Modificação do Comportamento* (AMC) (e.g., Torres et al., 2020); a *FFCL-Ribeirão Preto* (e.g., Ferrari, 2014); a *FFCL-Rio Claro* (e.g., Cândido, 2017a; Cândido & Massimi, 2012; Guedes et al., 2006; Pessotti, 1998); a *FFCL-Sedes Sapientiae* (e.g., Alves et al., 2019; Kerbauy, 1996a); a *PUC-Campinas* (e.g., Batista et al., 2005; Guilhardi, 2003); a *PUC-SP* (e.g., Andery, 2004; Andery et al., 2005; Marinho, 2020; Guilhardi, 2003; Queiroz et al.,

1976); a *UFBA* (e.g., Carvalho & Moraes, 1998; Silva, 2021); a *UFMG* (e.g., Alves et al., 2019, 2020; Cirino et al., 2012; Jardim, 1998; Miranda & Cirino, 2010a; Polanco & Miranda, 2014); a *UnB* (e.g., Cândido, 2017a; De Rose & Galvão, 2023); e a *USP* (e.g., Tomanari, 2005; Tomanari & Debert, 2010).

Uma das categorias que mais se sobrepõe a esta temática é a *História de Métodos: Laboratório Operante*. A interface entre a Análise Experimental do Comportamento e o Laboratório Didático Operante se dá na medida em que as práticas laboratoriais com animais cumpriram, além do papel na pesquisa científica, funções didático-pedagógicas para o ensino da disciplina (Cândido & Massimi, 2016; Cirino, 2001; Cirino et al., 2010; Fernandes et al., 2015; Gonçalves et al., 2020; Lopes et al., 2008; Miranda & Cirino, 2010a, 2010b; Miranda et al., 2011; Patitucci, 1998; Strapasson & De Luca, 2021; Straehl, 2021; Todorov & Hanna, 2010). Nas palavras de Cirino et al. (2010):

Percebe-se, dessa maneira, que o uso do laboratório experimental tornou-se uma tradição no ensino de psicologia e, particularmente, no ensino de análise do comportamento, sendo que em tal abordagem o laboratório animal operante passou a ser quase sua “marca registrada”. (p. 16)

As narrativas sobre o desenvolvimento dessa prática experimental contemplam diversos aspectos. Com diferentes recortes temporais, mais iniciais ou contemporâneos, as narrativas abordam aspectos da AEC em diferentes instituições; a predominância desse tipo de pesquisa em diferentes momentos; a interface com a *História de Aparatos* etc. (e.g., Alves et al., 2019; Cândido & Massimi, 2016; Cianca et al., 2020; Cirino, 2001; Cirino et al., 2010; Gonçalves et al., 2020; Guedes et al., 2006; Matos, 1998b; Miranda & Cirino, 2010a, 2010b; Patitucci, 1998; Stamirowski, 1998; Strapasson & De Luca, 2021; Todorov & Hanna, 2010).

Relacionado ao seu caráter mais burocrático, algumas narrativas descrevem brevemente aspectos sobre como a Análise Experimental do Comportamento foi formalizada

no *Curso de Keller* e no *Plano de Brasília*, em uma disciplina programada de AEC (e.g., Guedes et al., 2006; Matos, 1996, 1998b; Todorov & Hanna, 2010). Em relação ao *Plano de Brasília*, a literatura apresenta mais detalhes sobre as disciplinas experimentais concebidas para esse projeto.

Tendo sido o curso de Psicologia da UnB criado com ênfase na Análise Experimental do Comportamento, Guedes (2022) diz que Carolina Bori acreditava na experimentação como a base para a ciência e, por isso, o curso tinha no seu início atividades laboratoriais planejadas, “um laboratório como a primeira etapa de qualquer curso” (p. 91). Para tanto, duas disciplinas foram programadas, intituladas *Introdução à Análise Experimental do Comportamento* (IAEC), divididas em duas partes (e.g., Gotti et al., 2021; Hübner & Starling, 2019; Keller, 1996a, 2001; Lopes & Laurenti, 2023; Moraes, 2023; Todorov, 2003b). Como reiterado por Keller (2001), haviam 12 experimentos programados por Rodolpho Azzi para essa introdução à Análise do Comportamento no curso. De acordo com Todorov e Hanna (2010):

A introdução dos alunos à análise experimental do comportamento foi planejada como um curso de dois semestres. O primeiro semestre (IAEC 1) era basicamente o curso como originalmente planejado por Keller e Schoenfeld na Universidade de Columbia, usando o livro *Princípios de Psicologia* como texto.... O segundo semestre do curso introdutório, o IAEC 2, incluía apenas leituras, demonstrações e experimentos relacionados ao comportamento humano, com traduções para o português de alguns dos primeiros (e agora clássicos) trabalhos de análise experimental do comportamento humano. (p. 147)

Contudo, como já mencionado, o *Plano de Brasília* foi atingindo diretamente pela intervenção militar na UnB, tendo também a Análise Experimental do Comportamento sofrido as consequências. Conforme Todorov e Hanna (2010),

O grupo originalmente liderado por Fred Keller e Carolina Bori se dissolveu, mas o IAEC 1, o semestre introdutório para o qual o PSI foi desenvolvido, sobreviveu. Hoje em quase todos os cursos de psicologia no Brasil há alguma versão dele. (p. 147)

Nesse sentido, podemos compreender que, assim como a *História de Pessoas* serve de *modelo* para a comunidade científica, as disciplinas de Análise Experimental do Comportamento planejadas para o *Plano de Brasília*, conforme o trecho supracitado, também foram referência para a difusão e implementação de outras disciplinas de AEC. Ressalta-se ainda que, embora a intervenção militar tenha afetado não somente a disciplina, mas o curso e a Universidade como um todo, algumas narrativas marcam a presença constante da AEC no curso de Psicologia da UnB.

De Rose e Galvão (2023), por exemplo, dizem que Robert Berryman⁵⁴ ajudou a criar um ambiente experimental propício na UnB, mesmo após a demissão em massa dos professores em 1965. Nesse sentido, mesmo com todas as perseguições sofridas por alguns dos primeiros analistas do comportamento nesse contexto histórico e institucional, a Análise Experimental do Comportamento conseguiu se estabelecer na UnB. Nas palavras dos autores, “o curso de psicologia da UnB era o único curso do Brasil inteiramente voltado pra essa abordagem, a análise experimental do comportamento” (p. 103) e ainda complementam dizendo que a UnB oferecia na década de 1970 “uma disciplina de “Psicologia Geral e Experimental, com 10 câmaras experimentais para estudo de comportamento operante” (p. 103).

Para além da intersecção desta temática com a *História de Instituições: UnB*, um último ponto a ser destacado é o encontro entre a Análise Experimental do Comportamento e

⁵⁴ Robert Berryman (1921-1982) foi um estadunidense, ex-aluno de Fred Keller, convidado a visitar a UnB (Keller, 1987). Ele é retratado em alguns textos como o *único* professor do Departamento de Psicologia que permaneceu na UnB após as demissões em 1965 (e.g., De Rose & Galvão, 2023; Gotti et al., 2021; Todorov & Hanna, 2010). Guedes et al. (2008) trazem luz a essa questão, ressaltando o importante papel que ele desempenhou na Universidade: “e o Departamento de Psicologia só não é fechado porque o professor Robert Berryman, um estadunidense que viera para trabalhar com a equipe, fica na cidade e passa a comandar o curso de Psicologia” (p. 50).

a *História de Tópicos de Pesquisa: Programação de Ensino*. Patitucci (1998) ressalta essa relação ao dizer: “uma técnica de ensino ... coerente com a metodologia e os princípios da Análise Experimental do Comportamento” (p. 248). Definida como uma tecnologia de ensino com base nos princípios operantes (Nale, 1998; Patitucci, 1998; Rocha e Silva, 1998; Todorov, 2003b), alguns autores destacam a importância dessa concepção de ensino para o ensino não só da AEC, mas também de toda Psicologia Experimental nas décadas de 1960 e 1970 (e.g., Nale, 1998).

Assim como na *História de Pessoas*, se faz necessário mencionar uma obra que não foi abordada no escopo deste trabalho, mas é uma importante narrativa para a história da AEC no Brasil. Intitulada *60 anos de Análise Experimental do Comportamento no Brasil* (Botomé, 2022), a obra poderia ser classificada como a *História de Disciplinas: AEC*, uma vez que estabelece no título a AEC como a temática que conduzirá a narrativa.

Análise Aplicada do Comportamento

A segunda subcategoria a ser descrita será a Análise Aplicada do Comportamento, uma vez que ela emerge da primeira. Em certa medida, tais histórias se sobrepõem, sendo difícil uma demarcação exata entre tais fenômenos. Vilares e Azoubel (2023), ao dissertarem sobre Isaías Pessotti, expõem tal sobreposição:

Dentre os trabalhos realizados por ele nessa época, encontra-se um que envolveu a transposição dos princípios da AEC para a aplicação num período em que a área hoje conhecida como Análise do Comportamento Aplicada ainda não havia sido apresentada formalmente (p. 246)

Antes da descrição desta subcategoria se faz necessária uma elucidação acerca do termo escolhido. Visto as diversas possibilidades de nomenclatura, por exemplo, Análise do Comportamento Aplicada ou Análise Comportamental Aplicada, a escolha pela utilização de

Análise Aplicada do Comportamento se deu pela busca por uma simetria na descrição das três disciplinas, variando entre *experimental*, *aplicada* e *teórica*.

Outra dificuldade é a abreviação desta subcategoria, sendo referida como Análise do Comportamento Aplicada (ACA) ou o seu cognato em língua inglesa *Applied Behavior Analysis* (ABA). A confusão conceitual fica marcada, sobretudo, na utilização de *ABA*. Nas palavras de Borba (2024),

Ainda que no Brasil haja frequentemente a associação do termo ABA à análise do comportamento aplicada ao desenvolvimento atípico, em especial o transtorno do espectro autista, destacamos que o termo se volta para o campo de produção do conhecimento que se dedica à pesquisa e aplicação dos conceitos analítico-comportamentais à solução de problemas humanos, incluindo aqui também a clínica-analítico-comportamental, análise aplicada às organizações (*Organizational Behavior Management - OBM*), atuação junto a escolas, esporte, e assim por diante. (p. 81)

Nesse sentido, evitando a identificação das *práticas aplicadas* da Análise do Comportamento com o campo de atuação focado no Transtorno do Espectro Autista, tal termo será evitado (i.e., ABA). Assim, a abreviação utilizada para denominar esta subcategoria seguirá a utilização da sigla em língua portuguesa, ainda que em ordem diferente da escolhida para nomear o subtópico (i.e., ACA).

Um outro aspecto a ser analisado em relação à nomenclatura desta subcategoria é a utilização de outros termos que demarcam as práticas aplicadas em outras épocas. Esse é o caso do termo *Modificação do Comportamento*, utilizado na literatura para falar da aplicação de princípios comportamentais operantes à resolução de problemas humanos complexos (e.g., Alves et al., 2020; Ardila, 1982; Batista et al., 2005; Cury, 1997; Fagundes, 2017a, 2017b; Guedes et al., 2006; Guilhardi, 2003; Leonardi, 2015; Mejias, 1997; Moraes et al., 2012; Pacheco Filho, 1998; Queiroz et al., 1976; Rafihi-Ferreira et al., 2016; Torres et al., 2020).

Embora não tenham sido encontradas narrativas que explorassem as diferenças entre os termos, compreende-se aqui que, de forma geral, a utilização de *Modificação do Comportamento* se refere a práticas aplicadas mais longínquas na história da área, ainda em suas duas primeiras décadas, enquanto a utilização de *Análise Aplicada do Comportamento* trata de práticas mais recentes.

Nesse sentido, as narrativas que abordam as práticas sob a égide da *Modificação do Comportamento* nem sempre distinguem o contexto de aplicação, enquanto a utilização de *Análise Aplicada do Comportamento* normalmente vem acompanhada de seu contexto, como a Educação, a Clínica, o Hospital, a Organização etc. Dessa forma, como a própria literatura não esclarece as utilizações dos termos, a descrição irá buscar manter os conceitos utilizados pelos próprios textos.

Como indicado por Guedes et al. (2006), foi entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970 que a Análise Experimental do Comportamento começou a investigar e intervir em questões aplicadas. Dentre as principais pessoas que promoveram a *Modificação do Comportamento* no Brasil, são citadas Hélio Guilhardi (e.g., Alves et al., 2020; Cury, 1997; Guilhardi, 2003; Hübner & Starling, 2019; Leonardi, 2015); Isaías Pessotti (e.g., Vilares & Azoubel, 2023); Luiz Otávio de Seixas Queiroz (e.g., Alves et al., 2020; Batista et al., 2005; Guedes et al., 2006; Leonardi & Cândido, 2022; Mejias, 1997; Moraes et al., 2012); Margarida Windholz (e.g., Fagundes, 2017a, 2017b; Moraes et al., 2012; Windholz, 2017); Maria do Carmo Guedes (e.g., Guilhardi, 2003; Pacheco Filho, 1997); Nilce Mejias (e.g., Mejias, 1997); Rachel Kerbauy (e.g., Cury, 1997; Guedes et al., 2006; Hübner & Starling, 2019; Leonardi & Cândido, 2022; Mejias, 1997; Moraes et al., 2012).

Em relação às disciplinas elaboradas, são mencionados uma turma de especialização de *Modificação do Comportamento* da FFCL-*Sedes Sapientiae*/PUC-SP (e.g., Batista et al., 2005; Cury, 1998; Hübner & Starling, 2019; Leonardi & Cândido, 2022; Mejias, 1997;

Pacheco Filho, 1998); um curso voltado à pesquisa aplicada na Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) (e.g., Batista et al., 2005; Guedes et al., 2006); além de uma disciplina no Programa de Pós-Graduação da USP, intitulada Modificação do Comportamento (Fagundes, 2017b).

O desenvolvimento da Análise Aplicada do Comportamento, ou da Modificação do Comportamento, é narrado a partir de duas principais perspectivas: a *Análise do Comportamento Aplicada à Clínica* e a *Análise do Comportamento Aplicada à Educação*, ainda que possam ser encontrados, em menor escala, relatos sobre o desenvolvimento da área em relação às Organizações. Salienta-se, de antemão, que a aplicação do *Guia Temático* nesta tese não teve por objetivo analisar de forma minuciosa nenhuma categoria em particular. Dessa forma, muitas das complexidades das narrativas, sobretudo acerca da história da Análise do Comportamento clínica, serão brevemente descritas.

A história da Análise do Comportamento em contexto clínico no Brasil é narrada com a utilização de diferentes conceitos, por exemplo, *clínica/terapia analítico-comportamental* (e.g., Leonardi, 2015; Rafihi-Ferreira et al., 2016); *terapia comportamental* (e.g., Alves et al., 2020; Ardila, 1982; Leonardi, 2015; Rafihi-Ferreira et al., 2016); *terapia analítico-funcional* (e.g., Leonardi, 2015); *terapia por contingências de reforçamento* (e.g., Leonardi, 2015); *análise do comportamento/comportamental clínica* (e.g., Leonardi, 2015; Rafihi-Ferreira et al., 2016). Nas palavras de Leonardi (2015), “é possível encontrar na literatura, tanto nacional quanto internacional, nomes como *modificação do comportamento, análise do comportamento aplicada, terapia cognitivo-comportamental, terapia comportamental-cognitiva, psicoterapia analítica funcional, terapia de aceitação e compromisso, terapia de ativação comportamental, terapia comportamental dialética*” (p. 121).

É importante explicitar que parte dessa literatura que versa sobre a história das terapias comportamentais, muitas vezes, utilizam sem ressalvas termos que são tradicionalmente

antagônicos aos princípios da Análise Experimental do Comportamento ou aos pressupostos estabelecidos pela Análise Teórica do Comportamento, como é o caso do termo *cognitivo*⁵⁵. Conforme Alves et al. (2020),

Tais resultados sugerem indícios da coexistência de duas formas de apropriação das Terapias Comportamentais no Brasil: a) Uma, com pouca preocupação a se afiliar teoricamente a alguma escola psicológica, abraçando o ecletismo técnico em prol da eficiência na prática clínica e; b) outra, compromissada com o Behaviorismo Radical de Skinner e com a aplicabilidade de suas postulações na esfera clínica. (p. 386)

Ressalta-se, então, que a utilização de um “termo guarda-chuva” (i.e., *terapia comportamental*) abrange práticas embasadas em diferentes *Behaviorismos*, para além das ideias defendidas pelo Comportamentalismo Radical e B. F. Skinner. Tendo em vista essa abrangência, as narrativas sobre a história da Terapia Comportamental seriam contadas tradicionalmente a partir da alegoria das *Ondas Terapêuticas* (Alves et al., 2020; Leonardi, 2015; Leonardi & Cândido, 2022; Rafihi-Ferreira, 2016; Rodrigues & De Luca, 2019).

Contudo, a influência das ideias skinnerianas, de acordo com a literatura, é o que marca ao menos uma parte da Análise do Comportamento Aplicada à Clínica no Brasil, diferenciando-a de seu desenvolvimento nos Estados Unidos da América e impossibilitando a aplicação dessa metáfora marítima (e.g., Alves et al., 2020; Casas & Luna, 2018; Leonardi, 2015; Rodrigues & De Luca, 2019). Nas palavras de Leonardi (2015), “a história das terapias comportamentais no Brasil seguiu um percurso diferente em relação ao desenvolvimento dos modelos terapêuticos de origem internacional” (p. 126). Em consonância, Leonardi e Cândido (2022) dizem,

⁵⁵ Contudo, questões sobre as compatibilidades e incompatibilidades entre a Análise do Comportamento e o cognitivismo estão para além do escopo desta pesquisa. De fato, essa problemática acerca da história da Análise do Comportamento Clínica não pode ser respondida apenas pela História, mas sim em sua interface com a Filosofia, uma vez que algumas questões, como os seus limites epistemológicos, devem ser debatidas nesse segundo campo do conhecimento (Abib, 1993; Araujo, 2016).

Em conclusão, a metáfora das três ondas não representa o desenvolvimento da terapia comportamental no Brasil. Por outro lado, as terapias comportamentais da terceira onda influenciaram a construção do modelo brasileiro de terapia comportamental (TAC) que, do ponto de vista conceitual, é fortemente fundamentado na análise do comportamento e no behaviorismo radical e, do ponto de vista prático, está aberta a novos desenvolvimentos de diferentes terapias comportamentais. (p. 736)

Nomeando e delimitando essa prática tipicamente brasileira, Leonardi (2015) afirma que “o último quarto do século XX testemunhou a criação e o desenvolvimento de uma prática clínica exclusivamente brasileira, chamada (atualmente) de *terapia analítico-comportamental* (TAC)” (p. 121). Cassas e Luna (2018), em concordância com tal preposição, dizem: “a terapia que se praticava no Brasil, então, teve uma história singular, e foi apenas em 2001 que apareceu uma referência a uma expressão específica para designar esse tipo de intervenção brasileira: terapia analítico-comportamental (TAC)” (p. 75).

Como mencionado, essa peculiaridade tem como base a orientação comportamentalista radical que guiou tal prática. Nas palavras de Leonardi (2015), “deve-se destacar que o termo criado no Brasil para identificar a terapia comportamental de base behaviorista radical – *terapia analítico-funcional* – é desconhecido no resto do mundo” (p. 127). Não somente ao Brasil, Ardila (1982) contextualiza a terapia comportamental à América Latina, diferenciando tal desenvolvimento do processo estadunidense.

Por fim, a literatura menciona, ainda que brevemente, mais alguns nomes de brasileiros e estrangeiros que afetaram a Análise do Comportamento Aplicada à Clínica no Brasil. Dentre os brasileiros são mencionados Diana Laloni, Edwiges Ferreira de Mattos Silves, Fátima Conte, Hélio José Guilhardi, Jaíde Regras, Mally Delitti, Maria Luisa Guedes, Miriam Marinotti, Regina Christina Wielenska, Roberto Alves Banaco, Sonia Beatriz Meyer, Vera Otero, Vera Raposo do Amaral, Yara Ingberman (e.g., Hübner & Starling, 2019;

Leonardi, 2015; Rafihi-Ferreira, 2016). Dentre os estrangeiros, estão Arnold Lazarus, Garry Martin, Montrose Wolf, Charles Ferster, Donald Baer e Luc Vandenberghe⁵⁶ (e.g., Alves et al., 2020; Cury, 1997; Leonardi & Cândido, 2022; Mejias, 1997; Moraes et al., 2012; Rafihi-Ferreira, 2016; Torres et al., 2020).

Mais inequívoco é a utilização dos termos relacionados às práticas aplicadas educacionais. A literatura apresenta a Análise do Comportamento Aplicada à Educação com gênese ainda na institucionalização da área no Brasil. Segundo Matos (1998b), “essas duas primeiras e fortes condições iniciais marcaram a prática da Análise do Comportamento no Brasil pelos próximos quinze anos: pesquisa básica com animais e pesquisa aplicada, voltada para o ensino” (p. 96).

A literatura apresenta que o interesse na aplicação educacional da Análise do Comportamento está voltado para o próprio ensino dos conceitos e práticas analítico-comportamentais desde a sua institucionalização no Brasil (e.g., Bori, 2001; Nale, 1998; Matos, 1998b; Zannon & Bori, 1996). Essa compreensão fica clara também na sua intersecção com a *História de Tópicos de Pesquisa: Programação de Ensino*. Apresentado por Nale (1998), a Programação de Ensino pode ser entendida como uma área de aplicação da Análise Experimental do Comportamento.

Contudo, como apresentado por Torres et al. (2020), a disciplina de Análise Aplicada do Comportamento, que visa intervir em aspectos educacionais, vai além das discussões acerca de métodos de ensino analítico-comportamentais, buscando intervir em problemas complexos no contexto educacional. De acordo com os autores, “apesar da grande preocupação com problemas educacionais, o que se observa é o debate de temas que vão além daqueles ligados aos métodos de ensino, como no *Personalized System of Instruction*, ensino programado” (p. 11) e ainda que “apesar de haver um grande número de artigos sobre

⁵⁶ Embora não nascido no Brasil, mora e atua no país há muitos anos.

educação, aqueles publicados nessa revista [Modificação do Comportamento: Pesquisa e Aplicação] não mais focavam o método de ensino em si, mas incluíam problemas individuais que interferiam na aprendizagem” (p. 9).

Na intersecção com a *História de Pessoas*, o principal nome ressaltado pela literatura no âmbito da Análise do Comportamento Aplicada à Educação é o de Margarida Windholz (e.g., Fagundes, 2017a, 2017b; Moraes et al., 2012; Windholz, 1998, 2017). A sua presença é ainda mais ressaltada na sua atuação pioneira em Educação Especial, sobretudo na atuação em uma escola com tais propósitos (Fagundes, 2017a, 2017b). Segundo Windholz (2017), a Escola da Carminha, “primeira escola, que pretendia se guiar pelas propostas da Análise Comportamental, aplicando-as a um grupo de crianças e jovens com déficits moderados a severos de desenvolvimento” (p. 176).

Essa participação também é explicitada no relato de Fagundes (2017b), que narra a importância de Margarida Windholz na formalização da disciplina em um PPG. Em suas palavras,

Em 1977, [Margarida Windholz] foi cofundadora e ministrou cursos no que se tornou o Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, na Universidade Federal de São Carlos, que foi o primeiro, e, até 2004, era o único existente no País, totalmente voltado para essa área. (p. 169)

Esse PPG é mencionado por outros textos, que reiteram a sua importância para o desenvolvimento da Análise do Comportamento Aplicada à Educação Especial (e.g., Fagundes, 2017b; Feitosa, 2005; Mattos, 1996, 1998a, 1998b; Souza, 1998). É justamente essa intersecção de categoria com a *História de Instituições* que fica mais marcada nesta subcategoria. Nicolino e Zanotto (2011), por exemplo, caracterizam os trabalhos realizados na Análise do Comportamento na área da educação em periódicos brasileiros entre 1961 e 2006.

Olhando para os dois primeiros periódicos específicos da área, Guedes et al. (2006) explicita, por meio da quantidade de publicações, o interesse na aplicação dos princípios comportamentais. Consonantemente, Torres et al. (2020) dizem: “a apreciação dos temas tratados em *Modificação do Comportamento: Pesquisa e Aplicação* aponta a Educação como uma grande área de interesse, dando continuidade ao que se vinha diligenciando em *Análise do Comportamento*, no país, naquela época” (Torres et al., 2020, p. 10).

Outras instituições mencionadas na promoção de práticas educacionais analítico-comportamentais são a ABPMC e a SBP, além de IES como a UEL, UFSCar e a UFPA (e.g., Henklain & Carmo, 2011). Além delas, Pacheco Filho (1998) menciona o CENAFOR como uma importante instituição que promoveu uma série de projetos que desenvolveram tecnologias comportamentais baseadas na AEC.

Sendo o único texto encontrado com uma linha narrativa que objetivasse contar a evolução da *Análise do Comportamento Aplicada às Organizações*, *Organizational Behavior Management* (OBM), Nascimento e Henklain (2020) relatam os primeiros estudos desenvolvidos na área no Brasil explicitando a importância de Silvio Paulo Botomé. Os autores também evidenciam a relação entre a OBM e a Programação de Ensino.

Nascimento e Henklain (2020) também relacionam a área com a *História de Instituições*, relatando sobre a criação do Grupo de Interesse Especial em OBM, criado em 2010 nos Encontros Anuais da ABPMC, e da primeira linha de pesquisa criada no Brasil. Em suas palavras, “primeira linha de pesquisa em ACO [Análise do Comportamento nas Organizações] foi concebida em um programa de Pós-graduação no Brasil específica em *Análise do Comportamento em Organizações, Trabalho e Aprendizagem* na Universidade Federal de Santa Catarina” (pp. 165-166).

Por fim, evidencia-se que tanto no âmbito da clínica quanto da educação, a relação dessas disciplinas com algumas instituições fica explicitada até mesmo em seus nomes.

Exemplos desses casos são a Associação de Modificação do Comportamento e o periódico Modificação do Comportamento: Pesquisa e Aplicação; a Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental e a Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva.

Além disso, por meio da análise das linhas narrativas principais podemos identificar os termos e fenômenos focalizados com mais detalhes pela literatura. São narrados o desenvolvimento da Modificação no Comportamento no contexto brasileiro (e.g., Mejias, 1997); a concepção de uma especialização na área (e.g., Queiroz et al., 1976); e o primeiro relato publicado no Brasil de uma intervenção comportamental (e.g., Vilares & Azoubel, 2023). Nesse âmbito ainda mais geral, encontramos também um resumo sobre a Análise Aplicada do Comportamento no país (e.g., Moraes et al., 2012).

Das linhas narrativas principais sobre este subtópico, o maior enfoque encontrado na literatura foi relativo à clínica/terapia comportamental (e.g., Alves et al., 2020; Casas & Luna, 2018; Leonardi, 2015; Leonardi & Cândido, 2022; Rafihi-Ferreira, 2016; Rodrigue & De Luca, 2019). As narrativas abordam aspectos históricos da área contextualizada ao Brasil por diferentes vieses, sendo alguns deles mais críticos em relação às narrativas históricas tradicionais sobre a história da Análise do Comportamento Aplicada à Clínica.

Análise Teórica do Comportamento

A última das subcategorias é a Análise Teórica do Comportamento que, dentre as disciplinas aqui descritas, é a que tem menos narrativas contando o seu desenvolvimento. A literatura apresenta a importância histórica dos Cadernos de Análise do Comportamento na promoção de práticas teóricas (e.g., Guedes et al., 2006).

A maior característica encontrada na literatura que versa sobre a Análise Teórica do Comportamento é o seu viés narrativo em intersecção com a *História de Pessoas*. Tomanari

(2005) menciona a contribuição de Maria Amélia Matos para as reflexões teóricas da Análise do Comportamento brasileira. Já Moraes e Rolim (2022) ressaltam o importante papel de João Cláudio Todorov para a área:

João Cláudio não se eximiu de pensar teoricamente a realidade, bem como, de provocar pesquisadores, colegas e a comunidade científica. Os artigos teóricos sobre controle aversivo, pelo menos considerados assim nesse texto, são exemplos da preocupação do professor-pesquisador com relação à sistematização não apenas dos dados, mas com a própria teoria comportamental. (p. 52)

Por fim, José Antônio Damásio Abib é mencionado como um promotor da Filosofia do Comportamentalismo (e.g., De Rose & Galvão, 2023; Laurenti & Lopes, 2023; Silveira, 2023). Nas palavras de De Rose e Galvão (2023), “foi aí que o já então Abib orientou vários alunos brilhantes que, junto com o mestre, promoveram um grande crescimento na reflexão filosófica sobre Behaviorismo” (p. 105).

É necessário salientar que os aspectos mais formais e burocráticos, como a Análise Teórica do Comportamento se organiza nas IES, as ementas e referências bibliográficas que são base das disciplinas etc. não são detalhados na literatura. Dessa forma, das três disciplinas apresentadas, o relato sobre a história da Análise Teórica do Comportamento brasileira é o mais incipientes.

Histórias de Tópicos de Pesquisa

Delineada no *Guia Temático*, a *História de Tópicos de Pesquisa* é definida pelo seu fenômeno de interesse, por uma *temática*. Este tipo de história descreve um tema para além de suas demarcações conceituais, contemplando também aspectos empíricos, metodológicos, sociais etc. Na medida em que há uma certa constância nos estudos desse fenômeno, alguns

desses tópicos se constituem com a formação de *linhas de pesquisa* em Programas de Pós-Graduação, Grupos de Estudo/Trabalho/Pesquisa etc.

Dentre a literatura selecionada, as *História de Tópicos de Pesquisa* mencionam diferentes fenômenos. Os principais deles são *Comportamento Verbal*; *Controle Aversivo*; *Equivalência de Estímulos*; *Estudos Culturais*; e *Programação de Ensino*. Tais tópicos de pesquisa serão apresentados nessa ordem. A apresentação desses tópicos de pesquisa em subcategorias não significa que apenas eles tenham seus desenvolvimentos narrados, mas que eles foram destacados por mais textos.

Uma das características desta categoria é a presença de muitos trabalhos que se configuram como revisões bibliográficas (e.g., De Paula & Haydu, 2010; Cianca et al., 2020; Fidalgo & Banaco, 2014; Fuma et al., 2009; Martins & Leite, 2016; Oliveira Júnior, 2021; Santos & Pereira, 2015). Essas análises narram o desenvolvimento dos tópicos de pesquisa com base em um tipo de material específico: as fontes escritas publicadas.

Ainda que esse tipo de pesquisa esteja presente nesta categoria, encontram-se também narrativas que se embasam em outros métodos, como o relato em primeira pessoa acerca do tema, entrevista com outrem etc. Assim como em outras temáticas, verifica-se a presença de textos cujas linhas narrativas principais contam o desenvolvimento do tópico de pesquisa, como as *habilidades sociais* (e.g., Fumo et al., 2009), bem como relatos tangenciais sobre esses fenômenos permeiam várias das outras temáticas, como o *autocontrole* (e.g., De-Farias et al., 2021; Mejias, 1997).

Comportamento Verbal

A história do desenvolvimento do estudo do *comportamento verbal* no Brasil se dá na intersecção com as *Histórias de Pessoas*. Algumas narrativas apresentam a importância de Carolina Bori nos estudos dos relatos verbais (e.g., Carvalho et al., 1998h, 1998i). Fidalgo e

Banaco (2014) mostram que essa relevância se dá também pela importância de Carolina na formação de pesquisadores nessa área, sendo a primeira dissertação de mestrado sobre o tema orientado por ela em 1969. Além disso, até 1979, os seis trabalhos encontrados sobre o tema foram todos orientados por Carolina Bori na USP.

As narrativas exploram ainda o aumento na quantidade de estudos durante a década de 1980, sobretudo pela participação de Rachel Kerbauy (Fidalgo & Banaco, 2014) e Maria Amélia Matos (Fidalgo & Banaco, 2014; Tomanari, 2005; Tomanari & Debert, 2010) como orientadoras nessa temática. Outros importantes orientadores mencionados brevemente são, “Deisy das Graças Sousa, Emmanuel Tourinho, Maria Amália Andery, Roberto Banaco, Maria Amélia Matos, Antônio Ribeiro e Júlio de Rose” (Fidalgo & Banaco, 2014, p. 354). Destaca-se também a importância de Maria Amélia Matos (e.g., Tomanari, 2005; Tomanari & Debert, 2010), Carla Paracampo e Luiz Carlos Albuquerque no estudo de comportamento governado por regras no Brasil (e.g., Tomanari & Debert, 2010).

Dentre as instituições relacionadas ao estudo do comportamento verbal, Fidalgo e Banaco (2014) explicitam que as instituições com maior vínculo com as publicações sobre o tema são a PUC-SP, a UCG, a UEL, a UFPA, a UFSCar, a UnB e a USP. De acordo com os autores, durante a década de 1990, as orientações de trabalhos acerca do comportamento verbal aumentaram na UFPA, UFSCar e UnB.

Controle Aversivo

Assim como a subcategoria anterior, uma parte considerável do desenvolvimento dos estudos sobre controle aversivo no país é narrada tangencialmente, em narrativas sobre outras categorias temáticas, por exemplo, nas *Histórias de Pessoas*. Nesse sentido, os aspectos relacionados ao controle aversivo são abordados por meio de quem os estudou, suas contribuições teóricas e metodológicas, publicações, orientações etc.

Uma primeira pessoa evidenciada pela literatura no estudo do tema é Maria Amélia Matos (e.g., Keller, 1988; Santos & Pereira, 2015; Sérgio & Micheletto, 2010; Tomanari, 2005; Tomanari & Debert, 2010). Essa importância fica marcada, por exemplo, na sistematização dos seus materiais de estudo. Nas palavras de Sérgio e Micheletto (2010), “organizamos todo esse material, separando os textos por ano e classificando-os segundo o assunto tratado. Esse trabalho produziu o que chamamos de Arquivo Maria Amélia e revelou que 152 textos eram sobre controle aversivo” (p. 242).

A relevância de Maria Amélia Matos também se dá no seu papel como formadora, uma vez que duas das pessoas que mais orientaram trabalhos em controle aversivo, foram orientandas dela. São elas Maria Lucia Dantas Ferrara e Maria Helena Leite Hunziker (Hunziker, 2022; Sérgio & Micheletto, 2010). Além delas, são mencionados os papéis de Tereza Maria Pires Sérgio e Nilza Micheletto no estudo do controle aversivo no Brasil (e.g., Tomanari & Debert, 2010; Sérgio & Micheletto, 2010).

Além dessas, João Cláudio Todorov é mencionado como uma das principais referências no estudo do controle aversivo no país. É narrado tanto o seu papel como pesquisador quanto como professor/orientador (e.g., Hanna et al., 2022; Hunziker, 2022; Landeira-Fernandez & Cruz, 2022; Moraes & Rolim, 2022). De acordo com Todorov e Hanna (2010), “a USP-RP foi, no final da década de 60 e início da década de 70 do século passado, um centro de pesquisa em controle aversivo liderado por J. C. Todorov” (p. 149).

Tendo o controle aversivo no Brasil como principal objeto de análise, Santos e Pereira (2015) mencionam alguns dos autores que mais publicaram sobre o tema. São eles Carolina Bori; João Cláudio Todorov; Josele Abreu Rodrigues; Marcus Bentes de Carvalho Neto; Maria Amélia Matos; Maria Helena Leite Hunziker; Maria Teresa Araújo Silva; Maura A. N. Gongora; Roberto Banaco; e Tereza Maria A. P. Sérgio. Dentre as instituições, estão a PUC-SP, a UEL, a UFPA, a UnB, a USP e a USP-RP. Os autores ainda realizam uma análise por

décadas da produção sobre o tema: *quantidade; teses ou dissertações; instituições; viés de estudo* (e.g., incontrolabilidade, punição, esquiva, supressão condicionada); e *procedimentos* (i.e., humanos e não humanos) (Santos & Pereira, 2015).

Duas informações que, a princípio parecem conflitantes, são a exposição sobre o aumento de pesquisas teórico-conceituais sobre o tema a partir de 2007 (Santos & Pereira, 2015), enquanto Moraes e Rolim (2022) dizem que “os estudos sobre controle aversivo sofreram uma diminuição durante os últimos anos do século XX” (p. 52). Contudo, a compreensão das práticas de pesquisa sobre o tema, que são tradicionalmente experimentais e com a utilização de animais não-humanos, podem elucidar essas afirmações.

Em intersecção com a *História de Métodos: Laboratório Operante* e com a *História de Processos Sociais: Movimento de Direitos dos Animais*, os debates acerca da utilização de animais não somente no ensino, mas também na pesquisa, estabeleceram novas condições para essa temática. Dessa forma, as dificuldades relatadas na literatura para o estudo do controle aversivo no Brasil (e.g., Moraes & Rolim, 2022; Sérgio & Micheletto, 2010) podem ter gerado a necessidade de mudanças das práticas de estudo do controle aversivo, aumentando o número de análises teóricas.

Equivalência de Estímulos

Uma revisão bibliográfica sobre a equivalência de estímulos mostra alguns aspectos bibliométricos deste tópico de pesquisa. De Paula e Haydu (2010) apresentam um aumento na produção brasileira sobre o tema a partir do final da década de 1990, tendo seu ápice, até o momento pesquisa, em 2004. Também analisam os periódicos que mais publicaram sobre o tema, sendo eles Estudos de Psicologia (Natal), seguido por Interação em Psicologia e Psicologia: Teoria e Pesquisa. Os congressos que mais tiveram publicações sobre o tema foram a ABPMC e a SBP. Já as Universidades com mais publicações vinculadas a elas foram

UFSCar, a UFPA e a UEL, respectivamente. Em consonância com essa afirmação, Todorov e Hanna (2010) também apresentam a importância histórica da UFSCar e da UEL no estudo do tema. Além disso, contemplaram teses e dissertações e verificaram que muitas delas não resultam em publicação, bem como analisaram algumas características das pesquisas sobre o tema (e.g., a faixa etária dos participantes, as temáticas ensinadas) (De Paula & Haydu, 2010).

Além dessa, outras narrativas abordam o desenvolvimento deste tópico de pesquisa, ainda que de forma tangencial. Por exemplo, Tomanari (2005) e Tomanari e Debert (2010) ressaltam a importância de Maria Amélia Matos no estudo da equivalência de estímulos no Brasil. Por fim, em mais uma intersecção com a *História de Pessoas*, por meio da importância de Murray Sidman no desenvolvimento do modelo de equivalências de estímulos, alguns textos apresentam o seu papel também na difusão desse modelo e promoção de um ambiente de pesquisa sobre essa temática no Brasil. Nas palavras de Bori (2001), “especialmente importantes foram os seis meses de estadia do Professor Murray Sidman, na Universidade de São Paulo; ele nos abriu toda uma nova área de pesquisa” (p. 303). Em concordância, Todorov e Hanna (2010) dizem:

As visitas de Murray Sidman nos anos 80 e 90 do século passado às universidades brasileiras e a divulgação da relação entre comportamento simbólico e seu modelo sobre equivalência de estímulos (Sidman & Tailby, 1982) modificaram o perfil da pesquisa no Brasil. (p. 149)

Estudos Culturais

Tendo em vista a multiplicidade de termos utilizados para designar fenômenos do terceiro nível de variação e seleção, optou-se pela denominação desta subcategoria como *estudos culturais*. Na literatura, o desenvolvimento deste tópico de pesquisa vem acompanhado de outros termos, sobretudo *metacontingências* (e.g., Albuquerque & Lemos,

2022; Glenn, 2022; Hanna et al., 2022; Malott, 2022; Todorov & Hanna, 2010; Vasconcelos et al., 2022). Observa-se a utilização de outros termos como *ciências culturo-comportamentais* [*Culturo Behavior Science*] (e.g., Glenn, 2022; Malott, 2022; Vasconcelos et al., 2022); *práticas culturais* (e.g., Albuquerque & Lemos, 2022; Vasconcelos et al., 2022). Além disso, narram aplicações pautadas nesses estudos culturais, como a análise de leis e documentos por meio do conceito de metacontingência (e.g., Albuquerque & Lemos, 2022; Hanna et al., 2022; Malott, 2022; Vasconcelos et al., 2022).

Todorov e Hanna (2010) explicitam a importância do conceito de *metacontingência* nos estudos culturais, e apresentam aspectos da interrelação entre pessoas e instituições importantes para a consolidação do tópico de pesquisa. Nas palavras dos autores,

Por exemplo, uma nova rede multi-institucional se formou nos últimos anos com o objetivo de desenvolver conceitualmente, descrever e estudar empiricamente práticas culturais, tendo como base os conceitos de metacontingência e macrocomportamentos. O grupo é composto por pesquisadores da PUC-SP, UFPA, UnB e *University of North Texas* (USA) (p. 150)

Outras instituições mencionadas com um importante papel nos estudos culturais são a PUC-SP, UFPA, UnB (Martins & Leite, 2016) e PUC-GO (Malott, 2022). Em relação ao estudo do tópico ao longo do tempo, Martins e Leite (2016) indicam um aumento nas publicações sobre o tema a partir de 2008 no Brasil. Por fim, destaca-se a intersecção das narrativas sobre a história dos estudos sobre cultura no Brasil com a *História de Pessoas: João Cláudio Todorov*, uma vez que ele é a principal pessoa citada na literatura como fundamental na área (e.g., Albuquerque & Lemos, 2022; De-Farias et al., 2021; Glenn, 2022; Hanna et al., 2022; Pessotti, 2022; Malott, 2022; Moraes & Rolim, 2022; Todorov & Hanna, 2010; Vasconcelos et al., 2022).

Programação de Ensino

A história da Programação de Ensino no Brasil é narrada na interface com outras categorias. Para além da intersecção com a *História de Pessoas*, duas temáticas que perpassam esta subcategoria são a *História de Disciplinas: Análise Aplicada do Comportamento à Educação* e a *História de Eventos: Plano de Brasília*. Relacionada à primeira temática, a Programação de Ensino se caracteriza justamente por ser uma tecnologia do comportamento voltada à Educação. Segundo Kienen et al. (2021), “Uma das contribuições da Análise do Comportamento (AC) para a Educação é conhecida como Programação de Ensino” (p. 372).

A separação entre as temáticas se deu por meio do enfoque narrativo apresentado. Quando contextualizado a uma concepção de ensino, com conceitos e métodos específicos, ligados a um grupo de pessoas que defendiam ideias específicas sobre o processo de ensino/aprendizagem, o conteúdo foi categorizado como *História de Tópicos de Pesquisa: Programação de Ensino*. Em relação ao Plano de Brasília, a diferenciação com a Programação de Ensino se deu com a materialidade que a narrativa trouxe como enfoque. Quando abordadas questões teóricas, metodológicas, evolução da nomenclatura da linha de pesquisa, a narrativa foi tratada como a história da Programação de Ensino.

Dentre as fontes analisadas, uma das temáticas que mais apareceram nas narrativas foi a história da Programação de Ensino (e.g., Ades, 1998; Akera, 2017; Almeida, 2007; Batista et al., 2005; Borges, 1998; Bori, 1974, 1996, 2001; Cândido, 2017a, 2017b; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Carvalho et al., 1998f, 1998h, 1998i; Cianca et al., 2020; Cunha, 1998; Drachenberg, 1998; Feitosa, 2007; Ferrari, 2014; Gotti et al., 2021; Guedes, 1998, 2022; Guedes et al., 2006, 2008; Guilhardi, 2003; Hanna et al., 2022; Jardim, 1998; Keller, 1974, 1987, 1988, 1996a, 1996b, 1996c, 1999, 2001; Kerbauy, 1996a, 1998; Kienen et al., 2021;

Kubo, 2005; Malott, 2022; Marinho, 2020; Marinho & Guedes, 2021; Matos, 1998a, 1998b; Mejias, 1997, 1998; Mendes et al., 2021; Miranda & Cirino, 2010b; Moreira, 2004, 2022b; Nale, 1998; Nascimento & Henklain, 2020; Pacheco Filho, 1998; Patitucci, 1998; Psicologia: Ciência e Profissão, 2010; Rocha e Silva, 1998; Shull, 2022; Silva et al., 2022; Souza, 2005; Souza Júnior et al., 2018; Stamirowski, 1998; Teixeira, 2005; Todorov, 1996, 2003a, 2003b; Todorov & Hanna, 2010; Todorov et al., 2009; Villani, 1998; Zannon, 1996; Zannon & Bori, 1996).

Além de ser um dos temas mais mencionados, mesmo que brevemente, a literatura que aborda o desenvolvimento da Programação de Ensino no Brasil como linha narrativa principal também é consideravelmente numerosa (e.g., Bori 1974; Cianca et al., 2020; Keller, 1974, 1996b, 1996c, 1999, 2001; Kienen et al., 2021; Kubo, 2005; Marinho & Guedes, 2021; Mendes et al., 2021; Moreira, 2004, 2022b; Nale, 1998; Souza Júnior et al., 2018; Teixeira, 2005; Todorov et al., 2009). Contudo, para compreender essa quantidade de narrativas, alguns pontos referentes à nomenclatura adotada para esta subcategoria devem ser ressaltados.

A escolha por *Programação de Ensino*, sem dúvidas, não é inequívoca. Na literatura, diferentes recortes narrativos são apresentados sobre o fenômeno, nomeados por uma pluralidade de termos. Alguns exemplos são: *Análise de Contingências em Programação de Ensino* (e.g., Kienen et al., 2021; Matos, 1998a; Teixeira, 2005); *Análise e Programação de Condições de Ensino* (e.g., Kienen et al., 2021); *Curso Programado Individualizado* (e.g., Jardim, 1998; Kubo, 2005); *Ensino Programado Individualizado* (e.g., Pacheco Filho, 1998; Moraes, 2023); *Instrução Programada (IP)* (e.g., Keller, 1987; Kienen et al., 2021; Souza Júnior et al., 2018); *Planejamento de Curso Individualizado* (e.g., Cândido, 2017b); *Programação de Condições de Desenvolvimento de Comportamentos (PCDC)* (e.g., Cianca et al., 2020; Kienen et al., 2021; Mendes et al., 2021; Nale, 1998); *Programação de Condições de Ensino* (Nale, 1998); *Programação de Ensino Individualizado* (e.g., Patitucci, 1998;

Villani, 1998; Souza, 2005); *Sistema de Ensino Personalizado* (e.g., Teixeira, 2005); *Sistema de Ensino Programado Individualizado* (e.g., Ades, 1998); *Sistema Personalizado de Ensino* (e.g., Cianca et al., 2020; Kienen et al., 2021; Marinho & Guedes, 2021; Mendes et al., 2021; Miranda & Cirino, 2010b; Moreira, 2022b; Nale, 1998; Souza Júnior et al., 2018; Todorov et al., 2009); *Sistema Personalizado de Instrução* (e.g., Moreira, 2004, 2022b) *Personalized System of Instruction* (PSI) (e.g., Bori, 1974; Cândido, 2017b; Cianca et al., 2020; Keller, 1974, 1996b, 1996c, 1999, 2001; Kienen et al., 2021; Kubo, 2005; Marinho e Guedes, 2021; Souza Júnior et al., 2018; Teixeira, 2005; Todorov, 2003b; Todorov et al., 2009); e até mesmo identificado a uma única pessoa, como *Método Keller* (e.g., Borges, 1998; Carvalho et al., 1998f; Matos, 1996, 1998b; Villani, 1998) ou *Plano Keller* (e.g., Malott, 2022; Nale, 1998; Keller, 1996b; Moreira, 2022b; Todorov, 1996; Todorov et al., 2009).

Essa multiplicidade conceitual representa diferentes recortes temporais (e.g., no início da institucionalização no Brasil ou a contemporaneidade) e/ou geográficos (e.g., Sul, Sudeste, Nordeste). Nesse sentido, a utilização de diversos termos pode representar a existência de diferentes comunidades que abordam esse tema, com práticas de pesquisa distintas, concepções do fenômeno particulares etc. Contudo, realizar uma genealogia da Programação de Ensino no Brasil, buscando compreender tais diferenciações, não está no escopo deste trabalho.

Dessa forma, busca-se contemplar, sob a égide da *Programação de Ensino*, essa pluralidade de conceitos. Ademais, a preferência por tal termo em detrimento de, por exemplo, *Personalized System of Instruction* (PSI) ou a sua tradução mais comum *Sistema Personalizado de Ensino*, busca marcar o caráter eminentemente brasileiro no desenvolvimento deste tópico de pesquisa. Tal decisão tem amparo em Kienen et al. (2021), que dizem: “surgiu no Brasil, a Análise de Contingências em Programação de Ensino, mais comumente conhecida como Programação de Ensino, proposta por Bori” (Kienen et al., 2021,

p. 374). Sendo assim, a utilização de *Programação de Ensino* buscará abordar o tópico de pesquisa como um todo, contextualizado ao Brasil.

Em relação a seus fundadores, a literatura apresenta, de forma geral, quatro participantes: Carolina Bori, Fred Keller, Gilmour Sherman e Rodolpho Azzi (e.g., Almeida, 2007; Batista et al., 2005; Borges, 1998; Bori, 1996; Cândido, 2017b; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Carvalho et al., 1998h, 1998i; Cianca et al., 2020; Cunha, 1998; Feitosa, 2007; Ferrari, 2014; Guedes, 2022; Guedes et al., 2008; Hanna et al., 2022; Keller, 1987, 1996a, 1996b, 1996c, 1999, 2001; Kerbauy, 1996a, 1998; Kienen et al., 2010, 2021; Kubo, 2005; Marinho, 2020; Mejias, 1997, 1998; Miranda & Cirino, 2010b; Moreira, 2004, 2022b; Nale, 1998; Pacheco Filho, 1998; *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2010; Rocha e Silva, 1998; Souza, 2005; Shull, 2022; Teixeira, 2005; Todorov, 1996; Todorov & Hanna, 2010; Todorov et al., 2009). Contudo, ressaltas-se que nem todas as narrativas apresentam essas quatro pessoas. Encontram-se alguns textos que não mencionam a participação de alguns deles, sobretudo, de Rodolpho Azzi e Gil Sherman (e.g., Cunha, 1998; Guedes, 2022; Hanna et al., 2022; Malott, 2022; Moreira, 2022b; Shull, 2022). Já em relação as duas outras pessoas, algumas narrativas apresentam Carolina Bori como principal representante do PSI, enquanto outras tomam Fred Keller como ponto fundamental, outras ainda expressam a liderança que ambos exerceram (e.g., Guedes, 2022; Moreira, 2022b).

Determinar o início de qualquer fenômeno histórico é uma decisão arbitrária. Nesse caso, para além da questão temporal, há também um quesito geográfico. Diferentemente de outros tópicos de pesquisa (e.g., equivalência de estímulos, controle aversivo), que têm claramente o seu início em um território não brasileiro, a Programação de Ensino tem a sua gênese *também* no Brasil.

Como adotado de forma geral pela literatura que aborda o início do PSI, diversos autores demarcam o seu início em 1963, quando Carolina Bori e Rodolpho Azzi viajaram até

os Estados Unidos da América e encontraram Fred Keller e Gil Sherman (e.g., Bori, 1996; Keller, 1996a, 1996c, 2001; Todorov, 1996, 2003b; Todorov & Hanna, 2010; Todorov et al., 2009). De acordo com Cândido (2017b), “o PSI foi pensado pela primeira vez em 1963 por Carolina Bori, Fred S. Keller, Gilmour Sherman e Rodolpho Azzi como parte do planejamento de um novo Departamento de Psicologia na Universidade de Brasília” (p. 53). Nas palavras de Keller (2001):

Concordei em participar do grupo durante o ano de 1964, último ano antes de minha aposentadoria de Colúmbia, e eles três decidiram vir aos Estados Unidos, em 1963, para comprar livros e equipamentos de laboratório e para discutir o futuro programa para a UnB. Foi durante essa visita que nós quatro concordamos, depois de muita discussão, em introduzir um método de instrução revolucionário no Departamento de Psicologia de Brasília - um método que refletisse melhor os novos desenvolvimentos na ciência do Comportamento. (p. 462)

As passagens na literatura sobre tal viagem são diversas. Outros exemplos são Todorov e Hanna (2010) que afirmam que “o PSI foi, a seguir, completamente desenvolvido pelos quatro autores que discutiram em Nova Iorque a ideia original (Gil Sherman, Keller, Carolina Martuscelli Bori e Rodolpho Azzi)” (p. 147). Um excerto de Keller (1987), no qual ressalta-se a pluralidade conceitual mencionada anteriormente, diz: “ao fim daquela visita, nasceu um método novo de ensinar, hoje conhecido em toda a parte como instrução programada” (p. 198).

Contudo, algumas inconsistências nessas datas são encontradas, como em Keller (1999), que diz: “essa história começou em 1962, quando dois psicólogos brasileiros, juntamente com dois psicólogos norte-americanos, tentaram organizar um Departamento de Psicologia na Universidade de Brasília” (p. 10). Keller (1974), no título de um texto, marca a comemoração de 10 anos de PSI, ou seja, estabelecendo o seu início em 1964, na sua primeira

aplicação na UnB. Independentemente da data exata de início, as narrativas apresentam em comum a concepção de que tal viagem tinha um propósito de conceber um Departamento de Psicologia na UnB, tornando clara a intersecção com a *História de Eventos: Plano de Brasília* e também a própria *História de Instituições: UnB*.

Outra dissonância que aparece, agora no âmbito aplicado, é acerca do primeiro curso ministrado no Brasil. Nas palavras de Moraes (2023), “o primeiro curso de ensino programado foi dado por Carolina em Rio Claro, e não em Brasília” (p. 260). Para além dos debates sobre as datas e locais em que a Programação de Ensino tenha surgido pela primeira vez, podemos encontrar algo em comum nas narrativas: a presença de pessoas e instituições brasileiras na elaboração e desenvolvimento da área. Presença que é explicitada antes mesmo da utilização do termo *Personalized System of Instruction* (PSI), empregado por Fred Keller pela primeira vez em 1968 (Cândido, 2017b). Nesse sentido, a história do PSI é narrada com a participação brasileira em diversos âmbitos, desde a sua gênese. Talvez por isso Keller (1996b) tenha dito que, “em suas origens, é meio-brasileiro” (p. 193)⁵⁷.

Para além da demarcação do seu início, a literatura também aborda a importância do contexto brasileiro para o desenvolvimento de características particulares na Programação de Ensino ensinada, pesquisada e aplicada no país. Nesse sentido, narra-se a *evolução* deste tópico de pesquisa, assumindo que o contexto brasileiro estabeleceu contingências idiossincráticas que promoveram uma prática em Programação de Ensino diferente daquela exercida em outros contextos, como nos Estados Unidos da América (e.g., Cândido, 2017b; Carvalho et al., 1998f; Cianca et al., 2020; Keller, 1987; Kienen et al., 2021; Matos, 1998a, 1998b; Nale, 1998; Teixeira, 2005). A compreensão dessas diferenças promovidas no desenvolvimento da área no contexto brasileiro pode ser entendida como a *indigenização* do conhecimento, definida como “análise das formas de recepção e circulação dos

⁵⁷ Entretanto, essa importância brasileira muitas vezes é negligenciada por narrativas escritas por estrangeiros.

conhecimentos psicológicos em relação às condições de cada localidade” (Souza Júnior et al., 2018, p. 450).

Dessas condições fundamentais para um desenvolvimento particular da Programação de Ensino no Brasil, as narrativas destacam Carolina Bori como a principal delas. Cândido (2017b), por exemplo, explora as diferenças entre as concepções da *Programação de Ensino* brasileiras e o *Personalized System of Instruction* (PSI) estabelecido nos Estados Unidos da América, mostrando como as contribuições de Carolina Bori e Fred Keller, respectivamente, influenciaram o desenvolvimento da área em seus países. De acordo com o autor, “destacam-se que o *Personalized System of Instruction* teria sido a proposta de Keller, nos Estados Unidos, enquanto que, no Brasil, teria surgido a ‘Programação de Ensino’ ... ou a ‘Análise de Contingências em Programação de Ensino’” (p. 64). Consonante, Teixeira (2005) fala sobre as “diferenças entre a proposição do PSI e o trabalho desenvolvido por Bori, usando a expressão Análise de Contingências em Programação de Ensino (ACPE) para designá-lo” (p. 11).

Essa diferença fica marcada também nas palavras de Cianca et al. (2020): “a partir da sua utilização, surgiram algumas variações nesse método, como consequência de questionamentos de Carolina Bori a respeito de limitações presentes no PSI” (p. 116). Também em Matos (1998b), que afirma: “A proposta de Brasília resultou, nos Estados Unidos, no PSI *The Personalised System of Instruction* (Keller & Sherman, 1974) e, no Brasil, na Análise de Contingências em Programação de Ensino (Bori, 1974)” (p. 95). Ou ainda, conforme Keller (1987), “Dona Carolina tornou-se uma ponta de lança de um movimento educacional na América Latina, e o Gil e eu espalhamos as notícias nos Estados Unidos” (p. 205).

Encontramos ainda outros relatos que, destacando a participação dos brasileiros, diz: “Carolina e Rodolpho foram cocriadores do PSI (*Personalized System of Instruction*), também

conhecido como Método Keller e, posteriormente desenvolvido, com as contribuições pessoais de Carolina, como Programação de Ensino” (Carvalho et al., 1998f). Além de Matos (1998a), que menciona essa evolução: “Sistema Personalizado de Ensino (PSI) um novo e inteiramente diferente rumo: A Análise de Contingências na Programação de Ensino” (p. 70).

A principal diferença, retratada na literatura, nos rumos tomados por este tópico de pesquisa no contexto brasileiro se deu, sobretudo, pelo enfoque nos processos de ensino. Nas palavras de Kienen et al. (2021), “a ênfase da Programação de Ensino passa a ser não apenas na transformação de cursos tradicionais em cursos programados individualizados, mas em todo o processo envolvido no desenvolvimento de comportamento” (Kienen et al., 2021, p. 374).

Assim como o desenvolvimento da *Programação de Ensino* pode ser narrado a partir da *Instrução Programada* (e.g., Keller, 1999; Kienen et al., 2021; Souza Júnior et al., 2018), alguns autores defendem a evolução da própria *Programação de Ensino*, primeiro para a *Análise e Programação de Condições de Ensino* e, posteriormente, para a *Programação de Condições de Desenvolvimento de Comportamentos* (PCDC) (e.g., Cianca et al., 2020; Kienen et al., 2021). De acordo com Kienen et al. (2021), “a história de desenvolvimento de uma proposta brasileira de programação de ensino, originalmente desenvolvida por Carolina Bori, também conhecida como Análise e Programação de Condições de Ensino e, posteriormente, conhecida mais amplamente como PCDC” (p. 373).

Assim como fica retratado nesses excertos, a participação de Carolina Bori foi fundamental para o desenvolvimento da área no Brasil. Contudo, a literatura não restringe a participação de Carolina apenas ao território brasileiro, mas também versa sobre os seus impactos na área como um todo, bem como a sua participação na promoção da expansão e difusão da área (e.g., Cândido & Massimi, 2016; Kubo, 2005; Nale, 1998; Pacheco Filho, 1998; Souza, 2005).

Exemplos dessa importância podem ser encontrados nas narrativas que apresentam os diversos trabalhos que ela orientou nesta temática (e.g., Carvalho et al., 1998h, 1998i). Nas palavras de Nale (1998), “em grande parte, essa permanência de trabalhos de programação de ensino e o fato de muitos estudos significativos terem-se desenvolvido deve-se à influência de Carolina” (p. 295). Para além dos quatro principais autores mencionados como responsáveis pela concepção do PSI, uma outra pessoa também é citada como um grande divulgador da Programação de Ensino não somente no Brasil, mas em toda a América Latina: Silvio Paulo Botomé (e.g., Souza, 2005).

Uma outra intersecção entre categorias temáticas que fica evidenciada na história deste tópico de pesquisa é a relação intrínseca que a Programação de Ensino tem com a Análise Experimental do Comportamento (e.g., Drachenberg, 1998; Ferrari, 2014; Matos, 1998a; Nale, 1998; Patitucci, 1998; Stamirowski, 1998). Segundo Patitucci (1998), “[Programação de ensino] uma técnica de ensino que fosse, mais do que as disponíveis até então, coerente com a metodologia e os princípios da Análise Experimental do Comportamento” (p. 248).

Essa relação estreita entre Programação de Ensino e AEC fica ainda mais marcada pela importância da primeira na expansão da segunda no Brasil (Bori, 2001; Nale, 1998; Zannon & Bori, 1996). De acordo com Cianca et al. (2020) e Nale (1998), nas décadas de 1960 e 1970, o principal método no ensino de Psicologia Experimental era a Programação de Ensino. Nesse caso, embora a Psicologia Experimental seja mais ampla do que a Análise do Comportamento, tais termos se sobrepõem (Lopes et al., 2008). Segundo Matos (1998b),

Gradualmente o ensino de Psicologia Experimental tomou-se quase que sinônimo de ensino de Análise Experimental do Comportamento e espalhou-se por todo o país; o Sistema Individualizado de Ensino tomou-se a maneira tradicional de ensinar nestes cursos e muitos estudos foram realizados por orientandos de Carolina para investigar aspectos específicos dessa técnica. (p. 96)

Essa equiparação entre Psicologia Experimental e Análise Experimental do Comportamento no Brasil também pode ser vista em Tomanari (2001). Em suas palavras, “foi o primeiro Laboratório do país no qual estudava-se, experimentalmente, princípios do comportamento. A Psicologia Experimental brasileira nasceu naquele instante” (p. 71)⁵⁸.

Para além dos impactos institucionais da UnB na formulação e implementação da Programação de Ensino, Cianca et al. (2020) mencionam algumas Universidades importantes no estudo do tema na história recente. Sobretudo relacionado à PCDC, os autores mencionam a UEL, a UFSC e a UFSCar como três importantes instituições em que grupos se organizam e investigam este tópico de pesquisa.

Por fim, para além da própria Psicologia, a Programação de ensino impactou outras área do conhecimento. Na literatura são mencionados diferentes cursos que foram construídos com base nessa tecnologia educacional, como em Administração Rural, Agricultura, Arquitetura, Biologia, Economia, Engenharia, Física, Matemática, Química e Zootecnia (e.g., Borges, 1998; Keller, 1996b; Matos, 1998b; Nale, 1998; Pacca, 1998; Pacheco Filho, 1998; Rocha e Silva, 1998; Soares, 1998; Tunes & Simão, 1998; Villani, 1998; Zannon, 1996). Como exemplo, nas palavras de Borges (1998), “a experiência de ensino de Física com o Método Keller produziu as primeiras dissertações do mestrado em Física da UnB” (Borges, 1998, p. 103). Além da implementação da Programação de Ensino no Centro Nacional de Formação Profissional (CENAFOR) (Nale, 1998; Matos, 1998b; Pacheco Filho, 1998).

Histórias de Eventos

Conforme definida no *Guia Temático*, a *História de Eventos* versa sobre recortes temporais mais bem delimitados, examinando acontecimentos circunscritos a determinado tempo e espaço. Dentre os diferentes eventos abordados, apresenta-se Congressos, Reuniões,

⁵⁸ Antes do *Curso de Keller* em 1961 na USP, já existia Psicologia Experimental no país, como os estudos da Teoria da Gestalt mencionados na *História de Pessoas: Carolina Bori* mostram.

Encontros que aconteceram ao longo das décadas. Mas são dois os eventos explorados com mais detalhes: o *Primeiro Curso de Keller no Brasil* e o *Plano de Brasília*. Ambos são fenômenos centrais no que se intitula *institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil*.

Curso de Keller em 1961

As menções, mesmo que breves, acerca desse *Curso de Keller em 1961* são vastas na literatura (e.g., Alves et al., , 2019, 2020; Batista et al., 2005; Bori, 1996, 2001; Cândido, 2017a, 2017b; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Carvalho et al., 1998f; Cirino, 2001; Engelmann, 1998; Fagundes, 2017a, 2017b; Feitosa, 2005; Fernandes et a., 2015; Frances, 2001; Gotti et al., 2021; Guedes et al., 2006, 2008; Guilhardi & Madi, 1996; Hanna et al., 2022; Hunziker, 1998; Keller, 1996a, 2001; Kerbauy, 1996; Kienen et al., 2021; Leonardi, 2015; Matos, 1996, 1998b; Mejias, 1997; Miranda & Strapasson, 2023; Moraes, 2023; Psicologia: Ciência e Profissão, 2010; Rafihi-Ferreira et al., 2016; Silva et al., 2022; Souza Júnior et al., 2018; Todorov, 2003a; Todorov & Hanna, 2010; Tomanari, 2001; Tomanari & Debert, 2010; Torres et al., 2020; Vilares & Azoubel, 2023; Windholz, 1998). Também são numerosos os relatos sobre esses acontecimentos de pessoas que os vivenciaram (e.g., Bori, 1996; Frances, 2001; Keller, 1996a, 2001; Matos, 1996, 1998b).

Como apontado por Cândido e Massimi (2012), até o início da década de 1960, o Behaviorismo e, por consequência, a Análise do Comportamento, não eram teorias difundidas na Psicologia brasileira. De acordo com os autores, “até essa época, pouco se sabia sobre behaviorismo, análise do comportamento ou análise experimental do comportamento no Brasil” (p. 249). Corroborando essa afirmação, Kerbauy (1996a) diz que “quando veio ao Brasil [Fred Keller], em 1961, praticamente ninguém conhecia sua obra e poucos o trabalho behaviorista” (p. 228).

Nesse sentido, as afirmações de que Fred Keller inaugura os estudos sobre o comportamento operante no Brasil parecem se fortalecer. Como exemplo, Matos (1996) diz que “o exercício da Análise do Comportamento no Brasil iniciou-se em 1961 com as aulas do Prof. Keller na Universidade de São Paulo” (Matos, 1998b, p. 89). Ou então, nas palavras de Bori (2001), “a história da Análise do Comportamento em nosso país começou com as aulas do professor Keller, na Universidade de São Paulo” (p. 302).

Os excertos utilizam o termo *aula* para se referir às práticas estabelecidas por Fred Keller enquanto esteve no Brasil, em 1961. Encontra-se na literatura também a utilização do termo *curso* ou *cursos*. A opção por *Curso de Keller em 1961* se deu por ser a forma de apresentação mais comum que aparece na literatura.

Embora os trechos apresentados demarquem esse início nas aulas ministradas por Fred Keller, algumas narrativas apresentam aspectos históricos importantes que possibilitaram o acontecimento deste evento. Primeiramente, Myrthes Rodrigues do Prado⁵⁹ é mencionada como a brasileira que frequentou as aulas de Keller na *Columbia University* em 1959, tendo um papel fundamental no convite que posteriormente seria realizado⁶⁰ (e.g., Gotti et al., 2021; Hübner & Starling, 2019; Matos, 1996, 1998b; Marinho, 2020; Miranda & Cirino, 2010b; Miranda & Strapasson, 2023). Outras narrativas apresentam o convite realizado pelo então Diretor da FFCL-USP para Fred Keller vir ao Brasil como professor visitante⁶¹ (e.g., Cândido, 2017b; Cirino et al., 2012; Carvalho et al., 1998f; Engelmann, 1998; Fagundes, 2017a, 2017b; Frances, 2001; Gotti et al., 2021; Guedes et al., 2006, 2008; Kerbauy, 1996a;

⁵⁹ Ressalta-se que há discrepância entre a grafia do nome: Mirtes e Myrthes, sendo a segunda forma a mais comum (cf. Hübner & Starling, 2019; Matos, 1996, 1998b; Marinho, 2020; Miranda & Cirino, 2010b).

⁶⁰ “Ainda sobre o convite feito por Sawaya a Keller, aponta-se que Otto Klineberg, organizador do livro em que foi publicado ‘A Psicologia Animal’, também era professor na Columbia University no mesmo período em que Keller trabalhava nesta instituição... Assim, não apenas a indicação de Myrthes Prado teria pesado na decisão de Sawaya em convidar Keller” (Miranda & Cirino, 2010b, p. 81).

⁶¹ Miranda e Cirino (2010b) falam mais especificamente sobre o “convite de Sawaya para que ele ocupasse uma cadeira de Psicologia Experimental” (p. 81).

Matos 1996, 1998b; Todorov, 2003a). Em alguns relatos, podemos encontrar descrições desse início de contato. Conforme Todorov (2003),

Era uma viagem que tinha tudo para não acontecer. O primeiro contato foi informal, feito por pessoa sem qualquer ligação com a universidade. O contato foi seguido e mantido pelo Diretor da FFCL [Paulo Sawaya], sem participação de professores do Curso de Psicologia. (p. 17)

Guedes et al. (2006) explicitam que tal contato não foi especificamente com o intuito de introduzir a Análise do Comportamento no país, mas sim a Psicologia Experimental. Por um acaso, Fred Keller era um divulgador da Análise Experimental do Comportamento. De acordo com os autores, “projeto do então diretor da FFCL da USP de incrementar a pesquisa experimental em todas as áreas de conhecimento de sua faculdade (tanto é que estudantes de biologia vão frequentar também o curso de Keller em 1961)” (p. 22). Mais uma vez, salienta-se o papel de pessoas que não foram analistas do comportamento no desenvolvimento da área.

Além disso, diversos textos exploram o contexto amplo na formalização desse convite, contemplando a interface, por exemplo, com a *História de Processos Sociais: Cenário de Desenvolvimento Educacional*. Além da criação e difusão das FFCLs (e.g., Souza Júnior et al., 2018; Todorov & Hanna, 2010), são mencionadas parcerias entre o governo brasileiro e estadunidense (e.g., Souza Júnior et al., 2018), mas sobretudo o financiamento do *Programa Fulbright*⁶² (e.g., Fagundes, 2017a; Frances, 2001; Kerbauy, 1996a; Miranda & Cirino, 2010b; Miranda & Strapasson, 2023; Todorov, 1996, 2003a, 2003b; Todorov & Hanna, 2010). Nesse contexto de promoção educacional, os Kellers chegam no Brasil em 1961.

Como mencionado, embora tomado como *Curso*, no singular, Fred Keller ministrou mais de uma disciplina nesse tempo que esteve no Brasil pela primeira vez. Dentre as

⁶² Também nomeado na literatura como *Fundação* ou *Comissão*, em inglês *Fulbright Scholar* (e.g., Miranda & Cirino, 2010b; Todorov, 1996), é definido em seu site como “o programa Fulbright está presente no Brasil desde 1957, promovendo o entendimento mútuo entre brasileiros e norte-americanos” (Programa Fulbright, n.d.).

disciplinas estavam *Psicologia Comparada e Animal*, *História da Psicologia e Psicologia Experimental* (Guedes et al., 2006; Matos, 1996, 1998b), sendo que as duas primeiras foram ofertadas no primeiro semestre, enquanto a última foi ministrada no segundo semestre. Nas palavras de Guedes et al. (2006), “no 1º semestre: Psicologia Comparada e História da Psicologia, enquanto preparava Rodolpho Azzi e Maria Amélia Matos para o segundo semestre, para ajudá-lo no primeiro curso programado de AEC” (p. 22). Caracterizando cada uma das disciplinas, Matos (1998b) as descreve:

Em suas aulas de Psicologia Comparada e Animal discutia o conceito de comportamento animal, as mudanças ocorridas nesse conceito ao longo da evolução da própria Psicologia, como essas mudanças dependiam da interação da Psicologia com outras ciências/com a Filosofia/com a própria concepção de Homem. Mais importante, nos mostrava os métodos decorrentes destas posições e os estudos realizados com esses métodos, fazendo-nos discutir suas dificuldades de avanços. A disciplina de História da Psicologia na realidade era um estudo sobre a história do reflexo. Após passar rapidamente por Platão e Aristóteles, ele se detinha longamente em Descartes, sua grande paixão, e terminava com os estudos dos grandes fisiólogos ingleses dos séculos XVIII e XIX. Somente na disciplina de Psicologia Experimental, já no segundo semestre, ele mencionaria Pavlov, Watson, Skinner e, a contragosto, Thorndike. (p. 90)

Nesse sentido, não fica claro na literatura quando a menção ao *Curso de Keller* se refere ao conjunto de disciplinas ou especificamente à disciplina experimental. Como exemplo: “em abril de 1961, um novo curso começou a ser oferecido por Fred S. Keller, um professor norte-americano recém-chegado à USP” (Cândido & Massimi, 2012, p. 249).

Voltado propriamente à Análise Experimental do Comportamento, a disciplina de *Psicologia Experimental* tem destaque nas narrativas que versam sobre este evento. De acordo com Todorov e Hanna (2010),

Na USP, Keller ensinou o primeiro curso de análise do comportamento da América Latina, na disciplina *Psicologia Experimental*, oferecida no terceiro ano da graduação. Esse curso tinha o objetivo de dar aos problemas da psicologia moderna um tratamento experimental do ponto de vista da teoria do reforçamento. (p. 147)

Realizado no Departamento de Fisiologia (Engelmann, 1998; Guedes et al., 2006; Kerbauy, 1996a; Matos, 1996, 1998b; Miranda & Cirino, 2010b; Rafihi-Ferreira, 2016; Todorov, 2003a; Todorov & Hanna, 2010), a literatura apresenta algumas condições para a realização do *Curso*, como a montagem do primeiro laboratório de Condicionamento Operante do país⁶³ (e.g., Bori, 1996; Cirino et al., 2012; Tomanari, 2001). Nas palavras de Todorov e Hanna (2010), “trabalhando no Departamento de Fisiologia da faculdade por falta de laboratório no Departamento de Psicologia, sem equipamentos adequados e em precárias condições, Keller conseguiu ensinar com exercícios práticos” (p. 147).

Os detalhes dos acontecimentos, tanto do curso e aspectos teóricos, metodológicos e práticos quanto das relações interpessoais, são narrados por diferentes participantes desse evento. Keller (1996a), por exemplo, descreve algumas das condições materiais disponíveis: “tínhamos uma sala de aula e um escritório com um telefone, três carteiras, e uma estante de livros. Não precisávamos de mais nada” (p. 8).

Em relação às aulas, Matos (1998b) descreve: “as aulas eram expositivas, em inglês, e extremamente difíceis de acompanhar, tanto pela língua como pelo tema, mas principalmente pela ausência de material bibliográfico” (p. 90). Com uma visão parecida, Bori (1996) narra: “suas aulas eram em inglês, com algumas frases em português espalhadas (geralmente, as

⁶³ Alguns autores defendem que o primeiro laboratório foi montado na FFCL-Rio Claro (cf. Guedes et al., 2006; Hübner & Starling, 2019; Rafihi-Ferreira, 2016).

piadas). Mas ele certificou-se absolutamente de que todas as suas apostilas e guias de estudo estivessem em português” (p. 189).

Assim como em outras categorias, uma temática que perpassa essas narrativas é a *História de Pessoas*. Muitas pessoas são mencionadas em relação a esse evento, algumas aparecem consistentemente (e.g., Fred Keller, Carolina Bori, Dora Fix Ventura, Rodolpho Azzi), enquanto outras são mencionadas esparsamente (e.g., Carlos Prósperi, Maria Helena Raimo, Marília Ancona Lopez). Além disso, o número de pessoas mencionadas é inexato (cf. Bori, 1996; Keller, 1996a; Matos 1996). Fagundes (2017b) cita “uma dezena de outros alunos” (p. 86). Já Bori (1996) relata: “dentro de um mês ele iniciou as aulas para um grupo de quinze alunos e três professores universitários” (p. 189). Os três professores a quem a autora se refere são possivelmente Fred Keller, ela própria, Carolina Bori e Rodolpho Azzi.

Possivelmente porque a pluralidade na utilização de termos distintos para descrever as funções que cada pessoa exerceu no evento tornam alguns aspectos da narrativa confusos e inconsistentes. Alguns textos, por exemplo, retratam Carolina Bori e/ou Rodolpho Azzi como *professores* no curso de 1961 (e.g., Fagundes, 2017a, 2017b; Keller, 1996a; Todorov, 1996; Windholz, 1998). Embora, de fato, ambos já fossem professores enquanto participaram do *Curso de Keller*, questionamentos que surgem são se eles exerceram o papel de professor(a) naquele curso ou se a utilização do termo *professor* tem como função hierarquizar-los em relação aos outros participantes que ainda estavam na graduação.

Essa multiplicidade de conceitos utilizados também pode ser vista na descrição do papel exercido por Rodolpho Azzi e Maria Amélia Matos⁶⁴, que era uma das alunas que participavam do *Curso*. Algumas narrativas os apresentam como *assistentes* (e.g., Frances, 2001; Guedes, 2022; Guedes et al., 2006; Keller, 1988, 1996a, 1996c, 1999, 2001; Matos, 1996, 1998b; Miranda & Cirino, 2010b; Psicologia: Ciência e Profissão, 2010; Rafihi-Ferreira

⁶⁴ Fernandes et al. (2015) atribuem à Maria Amélia Matos a função de *professora* (p. 31).

et al., 2016; Rocha e Silva, 1998; Silva et al., 2022; Todorov, 1996; Torres et al., 2020) ou como *monitores* (e.g., Guedes et al., 2006). Outros textos mencionam a função de Carolina Bori como *assistente* (e.g., Hanna et al., 2022; Rafihi-Ferreira et al., 2016; Rocha e Silva, 1998; Silva et al., 2022; Todorov, 1996; Todorov & Hanna, 2010; Torres et al., 2020; Windholz, 1998) ou *professora* (e.g., Fernandes et al., 2015).

O relato de Keller (1996a) também apresenta o grupo que participou das atividades de uma forma incerta. Em suas palavras,

Um grupo coesivo gradualmente tomou forma. Incluía Dra. Carolina Martuscelli Bori (já Professora na Faculdade), Rodolfo Azzi (o meu primeiro assistente), Maria Amélia Matos (a minha segunda), Dora S. R. Fix, Mário Guidi, Isaias Pessotti, Maria-Inês Rocha e Silva, Margarida Windholz e poucos outros que juntavam-se à turma de vez em quando. (p. 8)

Keller (1996a) se refere a essas pessoas como *gang*, uma parte do grupo que participou do *Curso*. Contudo, Matos (1996, 1998b), ao falar sobre a *old gang*, não menciona Mario Guidi, Isaias Pessotti e Margarida Windholz. Engelmann (1998) descreve que o *Curso de Keller* foi ofertado para os alunos e alunas do 3º e 4º ano do curso de Psicologia da USP. Dentre as alunas que estavam mais adiantadas no curso, que entraram na primeira turma em 1958, são mencionadas Dora Fix Ventura, Maria Amélia Matos, Maria Ignez Rocha e Silva e Margarida Windholz (e.g., Fagundes, 2017a, 2017b; Fernandes et al., 2015; Keller, 1996a; Windholz, 1998; Todorov, 1996). Os alunos de outras turmas citados são Carlos Prósperi, João Cláudio Todorov, Luís Otávio de Seixas Queiroz, Maria Helena Raimo, Marília Ancona Lopez e Mario Guidi (e.g., Batista et al., 2005; Fagundes, 2017b; Fernandes et al., 2015; Keller, 1996a; Matos, 1996; Todorov, 1996; Windholz, 1998).

Outra pessoa mencionada é Isaias Pessotti (e.g., Keller, 1996a; Matos, 1996; Moraes, 2023; Pessotti, 1996; Vilares & Azoubel, 2023). Nas palavras de Vilares e Azoubel (2023),

“Isaias Pessotti foi um dos alunos do primeiro curso de análise do comportamento no Brasil, em 1961” (p. 245) e ainda “neste curso, Keller introduziu os alunos aos conceitos e pressupostos da análise do comportamento por meio de seminários e também os treinou no uso de caixas de Skinner, na ocasião feitas manualmente pelo próprio Pessotti” (p. 246). Matos (1996), por sua vez, retrata esse papel da seguinte forma: “vez ou outra um professor de Rio Claro, Isaias Pessotti, vinha discutir com o Professor Keller sobre suas ideias de pesquisa e, então, participava saborosamente” (p. 109).

Plano de Brasília

Diversos recortes sobre o *Plano de Brasília* já foram descritos até aqui, por exemplo, em interfaces com as *Histórias de Pessoas*, as *Histórias de Instituições: UnB*, as *Histórias de Disciplinas: AEC*, as *Histórias de Tópicos de Pesquisa: Programação de Ensino*. Em relação ao título deste subtópico, diversos termos também são apresentados pela literatura para se referir a esse evento, por exemplo, *Plano Keller* e *Plano de Brasília* (e.g., Cândido, 2017b; Gotti et al., 2021; Keller, 1996b, 2001; Kerbauy, 1996a; Malott, 2022; Moreira, 2022b; Nale, 1998; Todorov, 1996).

A escolha pela segunda forma se deu pela demarcação geográfica apresentada nessa expressão, explicitando a sua importância para a história da Análise do Comportamento no Brasil. Além disso, essa decisão busca um termo mais cronologicamente alinhado com a utilização da literatura. Segundo Kerbauy (1996a), “Keller batizou o projeto de Plano Brasília. O mundo hoje, o conhece como Plano Keller” (p. 236).

Além de ser mencionado pela sua importância na institucionalização da área no país, o Plano de Brasília é mencionado, mesmo que tangencialmente, por muitas narrativas que analisam diferentes temáticas, em diversos períodos históricos (e.g., Almeida, 2007; Batista et al. 2005; Borges, 1998; Cândido, 2017a, 2017b; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Carvalho

et al., 1998a, 1998f; Cianca et al., 2020; Cunha, 1998; De-Farias et al. 2021; Drachenberg, 1998; Feitosa, 2005; Feitosa & Mulholland, 2022; Ferrari, 2014; Gotti et al., 2021; Guedes, 2022; Guedes et al., 2008; Guilhardi Madi, 1996; Hanna et al., 2022; Keller, 1987, 1996a, 1996b, 1996c, 1999, 2001; Kerbauy, R. R. (1996a, 1998; Kienen et al., 2021; Lopes & Laurenti, 2023; Malott, 2022; Marinho, 2020; Matos, 1996, 1998b; Mejias, 1998; Miranda & Cirno, 2010b; Miranda & Strapasson, 2023; Moraes, 2023; Moraes & Rolim, 2022; Moreira, 2022b; Psicologia: Ciência e Profissão, 2010; Rafihi-Ferreira et al., 2016; Silva et al., 2022; Souza Júnior et al., 2018; Todorov, 1996, 2003; Todorov & Hanna, 2010 Torres et al., 2020; Zannon & Bori, 1996).

A *História de Eventos: Plano de Brasília* é um outro viés da *História de Tópicos de Pesquisa: Programação de Ensino*. Se, por um lado, essa segunda temática aborda a gênese de uma tecnologia de ensino baseada na Análise Experimental do Comportamento, a história do Plano de Brasília retrata aspectos práticos dessa idealização. Nesse sentido, o início dessas duas histórias se sobrepõe, mas enquanto as histórias sobre a Programação de Ensino narram o seu desenvolvimento até os dias atuais, a literatura que aborda o Plano de Brasília tem uma demarcação temporal. Miranda e Cirino (2010b), por exemplo, atribuem a este evento uma data de início e fim. Ao intitular um subtópico como: “O Segundo Momento da Análise do Comportamento (1963-1965): a Universidade de Brasília” (p. 85), fica explícito que tal evento se encerrou no ano de 1965.

Contudo, ainda que esse evento seja circunscrito no tempo, essa demarcação não é inequívoca, sobretudo o seu início. Assim como mencionado em relação ao PSI, o recorte temporal acerca do Plano de Brasília também pode ter sua gênese narrada a partir de diferentes momentos. Algumas narrativas enfatizam o convite de Darcy Ribeiro a Carolina Bori, e depois estendido aos outros integrantes (e.g., Cândido & Massimi, 2012, 2016; Keller, 1987, 1988, 1996c, 1999, 2001; Kerbauy, 1998a; Matos, 1996, 1998a, 1998b; Vasconcelos

et al., 2022; Villani, 1998). Um relato de Keller (1996a) contempla aspectos da formalização e do teor desse convite. Em suas palavras,

De repente recebi três cartas do Brasil de Dona Carolina, Gil Sherman, e Rodolfo. A mensagem era simples: faça o favor de acompanhar-nos na formação dum departamento de psicologia na Universidade nova de Brasília. Nós temos um convite do Reitor e gostamos muito da ideia do projeto. Grande amplitude de ação está garantida. É uma oportunidade rara para fazer alguma coisa importante no desenvolvimento duma ciência do comportamento no Brasil. (p. 8)

Outros abordam a viagem realizada pelos brasileiros aos Estados Unidos da América para comprar equipamentos, livros e debater a concepção do curso (e.g., Bori, 1996; Keller, 1987, 1996a, 1996c, 2001; Todorov, 1996; Todorov & Hanna, 2010; Todorov et al., 2009). Conforme Keller (1996a), “não hesitei muito antes de aceitar o convite. Os meus colegas vieram à Nova Iorque para comprar equipamento, coletar livros, solicitar conselhos, e, ao fim, preparar um curso introdutório para a UnB” (p. 8).

O Plano de Brasília é contextualizado também dentro da própria concepção da nova Universidade. Assim como a UnB fora concebida para ser um projeto revolucionário e moderno, o Plano de Brasília contemplava um Departamento de Psicologia inovador, um modelo a ser seguido (e.g., Borges, 1998; Cândido & Massimi, 2012; Carvalho et al., 1998a; Cunha, 1998; Matos, 1998b; Todorov, 1996; Vasconcelos et al., 2022; Villani, 1998). A magnitude de tal projeto fica explicitada nas palavras de Guedes (2022):

Descobri que Bori ... pensava bem grande: devia pensar num campo disciplinar completo para o Departamento de Psicologia na UnB. Além de começar ao mesmo tempo Graduação, Mestrado e Doutorado (exigência de Darcy Ribeiro, agora Coordenador da Implantação da UnB, para que pesquisa fosse ensinada desde a graduação). (p. 91)

Em uma passagem breve, Guedes (2022) apresenta parte da estrutura planejada, destacando o papel central de Carolina Bori na tomada de decisão. Segundo a autora, o Plano de Brasília contemplava quatro aspectos: a *pesquisa*, o *ensino*, a *divulgação* e a *aplicação*. Em suas palavras,

Para isso, Bori recrutara pessoal para as quatro etapas indispensáveis. Na ordem: Pesquisa, (para Bori, um Laboratório como primeira etapa de qualquer curso, e Dora Ventura Fix já prevista); Ensino (a começar de Rodolpho e Maria Amélia Matos, assistentes de Keller em 61); e Geraldina Witter (que chegou a ir, mesmo “rebaixada” à Instrutora); e Divulgação (primeiras traduções e publicações). A inclusão de Luiz Otávio, mais um bom recém-formado, me mostrou que a Aplicação estava já prevista. (p. 91)

Nesse excerto podemos observar mais uma intersecção de categoriais, agora com a *História de Pessoas*. Para além dos quatro membros iniciais (i.e., Carolina Bori, Fred Keller, Rodolpho Azzi e Gil Sherman), a literatura menciona diversas pessoas que participaram da implementação do Plano de Brasília. São mencionados como ajudantes ou integrantes da equipe de Carolina Bori: Dora Fix Ventura, Geraldina Witter, Herma Drachenberg, Isaías Pessotti, João Cláudio Todorov, Luiz Marcelino de Oliveira, Luiz Otávio de Seixas Queiroz, Maria Amélia Matos, Mario Guidi e Rachel Kerbauy (e.g., Borges, 1998; De-Farias et al., 2021; Keller, 1996a; 2001; Guedes, 2022; Moraes, 2023; Moraes & Rolim, 2022; Moreira, 2022b). Essas pessoas são caracterizadas, de forma geral, como os alunos que vieram da USP (e.g., Drachenberg, 1998).

Alguns deles, como João Cláudio Todorov e Mario Guidi são mencionados como *alunos* (e.g., Cunha, 1998; Keller, 1996a); ou alunos de mestrado (e.g., Hanna et al., 2022). Dessa segunda forma também é tratado Luiz Marcellino de Oliveira (e.g., Keller, 1996a). Dentre as funções descritas, um aspecto que deve ser ressaltado é a utilização vaga do termo

professor para descrever a atuação de algumas pessoas neste evento. Malott (2022), por exemplo, atribui a João Cláudio o papel de “professor assistente” (p. 72). Similarmente, Moraes (2023) afirma que Carolina Bori convidou Isaías Pessotti para ser professor na UnB em 1965⁶⁵. Contudo, Guedes (2022) aborda alguns aspectos institucionais que podem implicar na utilização de tal termo. Segundo a autora,

É preciso dizer também algo muito importante sobre o projeto de Anísio Teixeira: que no início se contratasse apenas “Instrutores”, reservando o cargo de “Professor” para mais tarde, depois da aprovação do Projeto da UnB no Senado e estando mais adiantada a construção da UnB. (p. 91)

Mesmo que não tenha uma padronização na atribuição de termos para descrever as funções exercidas pelas pessoas que participaram da implementação do Plano de Brasília, as diversas menções a essas pessoas caracteriza um pouco da importância que esses indivíduos tiveram nesse evento. Por exemplo, Moraes (2023) diz que Rodolpho Azzi encarregou Isaías Pessotti do curso de IAEC2. Essa relevância fica marcada também em outros relatos sobre a estruturação do curso, a divisão das disciplinas, os experimentos programados etc. Keller (1996a), por exemplo, narra algumas dessas funções:

Nossa Coordenadora, Dona Carolina, um departamento era estabelecido, com um laboratório, um viveiro, uma biblioteca, salas de aulas, e escritórios para todo o pessoal. O Mário montou uma oficina mecânica e começou a construção de um aparelho novo. Um curso introdutório era planejado pelo Rodolfo. (p. 9)

Ou então, em outra passagem, descreve propriamente o curso supracitado:

A forma e o conteúdo do primeiro curso foram preparados, principalmente por Rodolfo [sic], de acordo com nosso plano inicial; no período letivo seguinte, ele foi

⁶⁵ Embora exista uma inconsistência na utilização da nomenclatura, parece plausível afirmar que o emprego do termo *professor* se refere mais à função social exercida por essas pessoas do que ao cargo específico no plano de carreira da instituição.

oferecido a 50 ou 60 estudantes do primeiro ano de Psicologia da Universidade...

Havia [sic] 12 experimentos no curso de Rodolfo [sic]. (Keller, 2001, p. 463)

Citando textos publicados em 1964 e 1965, no qual Fred Keller, Carolina Bori, Rodolpho Azzi e Isaías Pessotti apresentam a concepção da estrutura do curso⁶⁶, Cândido (2017b) o descreve: “havia planejado 9 aulas, 16 demonstrações, 15 experimentos, 9 seminários e a exigência de 50 a 100 horas de leitura.... A frequência em aulas e demonstrações era optativa, mas o aproveitamento do aluno deveria ser integral” (p. 56). Tomando tais materiais como base, o autor caracteriza a estrutura do curso planejado de forma geral. Em suas palavras:

Os alunos passariam por um novo modelo de curso que buscava, primeiro, a melhoria da qualidade de ensino. Buscavam a ampliação e a diversificação do repertório de comportamentos dos alunos a partir da utilização dos processos de aprendizagem descritos em laboratório: aproximações sucessivas, encadeamento, diferenciação e reforçamento imediato foram os citados. Uma segunda marca do curso era a preocupação de seus idealizadores em eliminar os eventos aversivos comuns nos métodos tradicionais, facilitando, assim, a emissão do comportamento a ser reforçado. Pretendeu-se, ainda, que não só o professor apresentasse todo o programa, mas que o estudante também aprendesse todo o conteúdo. (Cândido, 2017b, p. 56)

Esse planejamento tomou como base princípios comportamentais já propostos na literatura sobre processos de ensino e aprendizagem (Bori, 1974). Nas palavras de Cândido (2017b), “a estrutura do curso seguiu, basicamente, a organização dos livros *Princípios de*

⁶⁶ Azzi, R. (1965, agosto). A personal course: second report. Trabalho apresentado no Encontro da American Psychological Association, Chicago, Estados Unidos.

Bori, C. M. & Azzi, R. (1964). Uma experiência no ensino de psicologia. *Jornal Brasileiro de Psicologia*, 1(2), 105-110.

Bori, C. M., Pessotti, I. & Azzi, R. (1965). Um curso moderno de psicologia. *Ciência e Cultura*, 17(2), 219.

Keller, F. S., Bori, C. M., & Azzi, R. (1964). Um curso moderno de psicologia. *Ciência e Cultura*, 16(4), 397-399.

psicologia, de Keller e Schoenfeld e *A Análise do Comportamento* de Holland e Skinner” (p. 57).

Para além dos aspectos da idealização do Plano de Brasília, Cândido (2017b) apresenta em sua narrativa dados sobre como tal implementação se sucedeu. Segundo o autor “em agosto de 1964, se iniciou o curso de Brasília, com cerca de 60 alunos” (pp. 56-57). Uma descrição ainda mais detalhada pode ser encontrada no texto, abordando os alunos que concluíram o curso – concebendo-o em um ritmo individualizado. Em suas palavras,

Os 20 alunos que concluíram o curso até o fim do primeiro semestre passaram por um exame com 5 perguntas “tradicionais”, 33 itens de escolha múltipla e 26 itens de “simples alternativa”. Houve 75% de acerto nas questões tratadas experimentalmente, 50% de acerto em questões teóricas e de 10 a 30% de acerto em questões teóricas que exigiam alguma extrapolação do assunto tratado teoricamente. Estes resultados pareceram promissores, ainda considerando a inscrição de 130 alunos para o próximo semestre e comentários favoráveis dos alunos que concluíram o curso principalmente os relacionados à “experimento pessoal que o aluno conduz no laboratório”. (p. 57)

Consonante a essa narrativa, Guedes et al. (2008) dizem:

No segundo semestre de 1964, é oferecida a disciplina Introdução à Análise Experimental do Comportamento (IAEC), com 60 alunos, sendo apenas 13 do curso de graduação em psicologia que se inaugura, as demais vagas ocupadas por estudantes de outros cursos. (p. 49)

Os resultados da implementação do Plano de Brasília são narrados então por Cândido (2017b) da seguinte forma:

O curso que ofereceram em Brasília foi organizado de maneira a eliminar cinco aspectos presentes na educação brasileira: 1) a pouca importância de calendários e cronogramas, foi substituída pela regularidade de cursos das 8h às 13h, com outras

atividades (como exercícios de laboratório) podendo ser realizadas quando o estudante achar melhor; 2) o efeito punitivo dos exames foram eliminados por uma avaliação progressiva, individual e informal; 3) aulas “chatas e cansativas” foram substituídas por aulas gravadas que o aluno poderia interromper e retornar de onde parou, quando quisesse; 4) não eram estipulados prazos para os alunos concluírem as disciplinas e; 5) para eliminar a relação dos estudantes com o laboratório como “showroom” (p. 4), buscaram tornar o laboratório como parte da rotina dos alunos. (p. 57)

Outros detalhes sobre os acontecimentos durante a implementação do Plano de Brasília podem ser vistos a partir de pontos de vistas pessoais, em um caráter autobiográfico (e.g., Frances, 2001; Keller, 1987). Esses detalhes também ficam marcados em outras narrativas, como Kerbauy (1996a) que, ao narrar sobre esse período, diz que Fred Keller ministrou aulas em português em 1964.

Contudo, a demarcação do fim do Plano de Brasília se dá de forma trágica. Com o golpe militar de 1964, o curso ofertado pelo Departamento de Psicologia, que teve início em agosto do mesmo ano, foi interrompido em 1965 pela ingerência militar na UnB (Almeida, 2007; Batista et al., 2005; Cândido & Massimi; Cunha, 1998; Cianca et al., 2020; Feitosa & Mulholland, 2022; Todorov & Hanna, 2010; Zannon & Bori, 1996).

A maior parte da literatura aborda vagamente as consequências da intervenção militar, focando sobretudo em aspectos institucionais, que afetaram a Universidade de Brasília como um todo. Por exemplo, nas palavras de Ferrari (2014),

Uma das vítimas institucionais desse estado político de restrição à liberdade foi o colapso da recém-nascida Universidade de Brasília, quando em 1965 houve a demissão da grande maioria dos professores e pesquisadores. Este manifesto contra a interferência política abusiva na universidade teve um impacto muito elevado como uma interrupção abrupta das estratégias educativas e científicas desenhadas para o curso de Psicologia

daquela universidade, bem como das carreiras pessoais, dos planos de vida e familiares de muitos investigadores, professores e estudantes. (p. 102)

Contudo, algumas narrativas apresentam não somente aspectos institucionais mais amplos, mas também consequências diretas dessa interferência no Plano de Brasília. O principal impacto se deu pelas diversas demissões ocorridas. Guedes (2022) cita Isaías Pessoti e Maria Helena, que eram *instrutores*. Contudo, o problema ao qual a literatura mais destaca é a demissão de Rodolpho Azzi (e.g., Cândido, 2017b; Cândido & Massimi, 2016; Gotti et al., 2021; Guedes et al., 2006, 2008; Psicologia: Ciência e Profissão, 2010; Todorov, 1996; Todorov & Hanna, 2010). Em grande medida, a magnitude de tal demissão pode ter relação com a postura ideológica de Rodolpho, mencionada por Matos (1998b) e Todorov (1996).

A demissão de nove professores e o decorrente pedido de demissão em massa de quase 200 professores marcam o fim do Plano de Brasília. Os integrantes da equipe liderada por Carolina Bori se espalharam em diferentes regiões brasileiras, dando início ao processo de difusão da Análise do Comportamento pelo país. Tal fenômeno também é intitulado como a *Díspora da Análise do Comportamento* (e.g., Gotti et al., 2021; Guedes, 2022; Guedes et al., 2006, 2008; Miranda & Strapasson, 2023; Todorov & Hanna, 2010). Assim como a demarcação de seu início se sobrepõe à história de outras temáticas, a delimitação de seu fim também. Nesse caso, a intersecção se dá com a *História de Pessoas: Rodolpho Azzi* e com a *História de Processos Sociais: Ditadura Militar*.

Outros Eventos

Para além desses dois principais eventos ocorridos no início da década de 1960, a literatura aborda diversos outros eventos pontuais. São mencionados diversos cursos de Modificação do Comportamento ofertados sobretudo na década de 1970, tendo como principais organizadores Hélio Guilhardi, Luiz Octávio de Seixas Queiroz, Maria Amália

Andery, Maria do Carmo Guedes e Rachel Kerbauy (Alves et al., 2020; Cury, 1997; Guilhardi, 2003; Mejias, 1997; Rafihi-Ferreira, 2016; Torres et al., 2020). Alguns deles são: *Curso de Modificação do Comportamento* na USP (n.d.), ministrado por Thereza Mettel (e.g., Rafihi-Ferreira, 2016); *Curso de Análise Experimental do Comportamento Aplicada* (1969), na Universidade Católica de Campinas, organizado por Luiz Otávio de Seixas Queiroz (e.g., Mejias, 1997; Torres et al., 2020); *Cursos de Modificação do Comportamento* na USP e PUC-SP (1973/1973), ministrados por Gary Martin, Donald Baer e Charles Ferster (e.g., Alves et al., 2020; Cury, 1997; Guedes et al., 2006; Guilhardi, 2003; Mejias, 1997; Torres et al., 2020); *Curso de Análise Aplicada do Comportamento* (1975) (Alves et al., 2019, 2020; Guedes et al., 2006; Torres et al., 2020).

São narrados também Encontros, Reuniões, Simpósios ligados a diferentes instituições, como a AMC (e.g., Guedes et al., 2006; Torres et al., 2020); SPRP/SBP (e.g., Borges, 1998; Feitosa, 2005, 2007; Landeira-Fernandez & Cruz, 2022; Lima, 1997; Souza, 2005); ABPMC (e.g., Malott, 2022; Vasconcelos et al., 2022). As menções a esses eventos são realizadas ao apresentarem, por exemplo, homenagens e outorga de títulos, participações especiais nesses eventos (e.g., Murray Sidman) ou mencionando-os como contexto de fomento ao debate de trabalhos analítico-comportamentais.

Histórias de Processos Sociais

Os *processos sociais*, como definidos no *Guia Temático*, são mais amplos do que os eventos. Nesse sentido, a demarcação temporal de tais processos é ainda mais imprecisa. Este tipo de história versa sobre fenômenos sociais complexos que se interrelacionam, explorando contextos sociais, tanto os mais amplos quanto àqueles especificamente científicos.

A análise desses aspectos sociais amplos, ligados, por exemplo, a macropolíticas estatais, pressupõe que as práticas científicas não acontecem apartadas do resto do mundo. A

contextualização histórica dos processos sociais vigentes em determinado tempo e espaço pode nos auxiliar a compreender contingências que, do ponto de vista estritamente científico, seriam ininteligíveis.

Como exemplo, a vinda dos Kellers ao Brasil pode ser contextualizada no cenário do pós-guerra e, por consequência, da Guerra Fria. Para além do subsídio direto, como o *Programa Fulbright* (e.g., Fagundes, 2017a; Frances, 2001; Kerbauy, 1996a; Todorov, 1996, 2003; Todorov & Hanna, 2010), a literatura apresenta outros *acordos* entre os governo do Brasil e Estados Unidos da América, como o Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (Pabaee), além de “acordos do Ministério da Educação e Cultura (MEC) brasileiro com a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (Usaid, na sigla em inglês)”⁶⁷ (Souza Júnior et al., 2018, p. 451). De acordo com Todorov e Hanna (2010), “a influência americana começou durante a II Guerra Mundial, e a Comissão Fulbright no MEC era parte de um acordo entre os governos do Brasil e dos EEUU⁶⁸” (Todorov & Hanna, 2010, p. 147).

Mas afinal, por que o governo estadunidense financiaria a vinda de um de seus professores ao Brasil? Em uma seção especificamente voltada à análise do “momento cultural e político” internacional, latino americano e brasileiro, Guedes et al. (2008) apresentam algumas respostas para tal pergunta. Nas palavras dos autores:

A história das relações internacionais dos quarenta anos que se seguiram ao final da Segunda Guerra Mundial foi ditada no contexto do confronto “nunca direto” de dois grandes blocos políticos e econômicos (Halliday, 1994): os Estados Unidos da América e a União Soviética, dando lugar à chamada Guerra Fria. Uma guerra que estabilizou o “equilíbrio de poder” internacional, deslocando as esferas de choque para a oposição entre os sistemas socialista (liderado pela União Soviética) e capitalista

⁶⁷ Segundo Bombarda (2019), os acordos MEC/USAID devem ser analisados no contexto da ditadura militar.

⁶⁸ Embora mais usual em língua espanhola, a sigla remete aos Estados Unidos da América (EUA).

(liderado pelos EUA), conformando conflitos e rivalidades da política mundial. Tal guerra também forjou um novo sistema internacional, cuja lógica articulou as relações entre as nações e constituiu-se num conflito ideológico que, propagando-se através da mídia, atingiu culturalmente a sociedade e sua conduta. (p. 48)

É nesse contexto que a Análise do Comportamento foi recepcionada e apropriada no Brasil. É sob esse contexto também que devemos compreender a sua aceitação ou rejeição. Como uma teoria eminentemente *estadunidense* parte da sua adesão ou de seu repúdio são explicadas para além dos aspectos teóricos, epistemológicos, lógicos, mas sim por meio da sua origem e suas representações. Essas contingências podem ser vistas, por exemplo, no relato de Todorov (1996), que propõe: “consideremos a situação: no início da década de 1960, depois da revolução cubana, o lema em toda a América Latina era ‘Yankee, vá para casa!’. O movimento político estudantil foi intenso” (p. 7).

Ainda que Bori (2001) não seja explícita ao falar sobre essa rejeição à Análise do Comportamento por conta de sua origem estadunidense, o seu relato apresenta alguns indícios de como tal repúdio ao Behaviorismo, no Brasil, está ligado a questões políticas diversas. Em suas palavras:

Nos anos 80, houve uma considerável diminuição no número de cursos de Análise do Comportamento no nível de graduação. Reações ao Behaviorismo Radical, expressas por grupos que tinham pouco contato com a Análise do Comportamento, tais como linguistas, historiadores, filósofos (e assim por diante) levantaram obstáculos à aceitação dos alunos em relação a esta opção. Uma conturbação política na Argentina causou o exílio de centenas de psicanalistas que se mudaram para o Brasil e para nossos cursos de graduação. (p. 303)

Mesmo que com uma relação direta com o cenário político internacional, é explicitado também o contexto mais estritamente brasileiro no âmbito do fomento à educação. Essa

conjuntura compõe o contexto da introdução da Análise do Comportamento no Brasil. Nas palavras de Souza Júnior et al. (2018),

A renovação educacional esteve particularmente ligada à promoção da universidade e, conseqüentemente, ao investimento na constituição de um campo de produção científica no país. Na década de 1930, as discussões sobre investimento materiais e simbólicos na universidade ganharam densidade.... A partir da década de 1950, fortaleceram-se compreensões pragmáticas e desenvolvimentistas da educação brasileira, capitaneadas, especialmente, pelo MEC.... Esse cenário sociopolítico no campo educacional acentuou o foco nos métodos de ensino e no desenvolvimento de pesquisas no meio universitário brasileiro. (pp. 453-454)

É justamente nessa conjuntura de fomento à educação que a Análise do Comportamento surge no país. A expansão das IES para além dos grandes centros político-econômicos e a criação da nova capital brasileira, por exemplo, são temáticas interseccionais, que emergem na interface com esse *Cenário de Desenvolvimento Educacional Brasileiro*, e são fundamentais para a institucionalização da área. Segundo Torres et al. (2020), “a institucionalização da Análise do Comportamento compõe o cenário vivido pela Psicologia, no Brasil, à época. A década de 1960 marcou o crescimento na instalação de cursos de graduação” (p. 4).

Essa promoção do desenvolvimento educacional brasileiro, sobretudo do ensino superior, estabeleceu condições propícias para o reconhecimento profissional da Psicologia, que veio a ocorrer pela Lei nº 4.119/1962. Como resultado de um processo social, no âmbito da política estatal e da política científica, a *Regulamentação da Psicologia* deve ser compreendida a partir do contexto do final da década de 1950 e início da década de 1960, com os cursos de graduação em Psicologia ofertados pela PUC-RJ e a USP em 1958 (Matos,

1998b; Todorov & Hanna, 2010; Windholz, 1998). Formar-se-iam então não mais filósofos, educadores, fisiólogos etc., mas sim *psicólogos*.

A história da Análise do Comportamento se relaciona diretamente com tal cenário, uma vez que muitos dos alunos do *Curso de Keller* em 1961 são estudantes dessa primeira turma do curso de graduação em Psicologia da USP. Além disso, esse processo social de Regulamentação da Psicologia se relaciona com a área por meio da sua intersecção com a *História de Pessoas*. Embora Maria Amélia Matos também seja mencionada (e.g., Tomanari, 2005), é Carolina Bori a principal protagonista nas narrativas sobre tal temática (e.g., Borges, 2022; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Feitosa, 2005, 2007; Kerbauy, 2004; Matos, 1998a; Souza, 2005; Tomanari, 2005; Torres et al., 2020; Windholz, 1998).

Primeiramente, a Regulamentação da Psicologia precisa ser caracterizada como processo social complexo e, nesse sentido, contextualizada em suas relações políticas. Como proposto por Mouffe (2005), mais do que um espaço de debate e consenso, o político é o campo do *poder*, do *conflito* e do *antagonismo*⁶⁹. Nas palavras da autora,

O político diz respeito à dimensão do antagonismo constitutivo das sociedades humanas, ao passo que a política se refere ao conjunto de práticas e instituições por meio das quais uma ordem é criada, organizando a coexistência humana no contexto conflituoso produzido pelo político. (p. 9)

Com essa acepção, podemos compreender esse contexto da regulamentação da profissão. Borges (1998) versa sobre o “movimento pró reconhecimento da profissão no País. Esse movimento colocou em disputa dois polos centrais no desenvolvimento da psicologia no Brasil, Rio e São Paulo, e contou com a participação dos estudantes universitários” (p. 108).

Nesse embate, uma das principais representantes de São Paulo e, por consequência, da USP, da experimentação, da Análise do Comportamento, era Carolina Bori. Marcando o

⁶⁹ “Alguns teóricos, como Hannah Arendt, imaginam o político como um espaço de liberdade e deliberação pública, enquanto outros o veem como um espaço de poder, conflito e antagonismo” (Mouffe, 2005, p. 9).

caráter antagônico dessa disputa, Matos (1998a) explicita essa importância ao dizer que “Carolina Bori liderou um movimento de rejeição da proposta do Rio de Janeiro e de aprovação do estatuto que, ainda hoje, regulamenta o exercício profissional do psicólogo no Brasil” (p. 68). Embora não evidencie o conflito, Windholz (1998) também ressalta o papel ativo na disputa política dos rumos da Psicologia no Brasil quando menciona que “a Psicologia ainda não era reconhecida como profissão e em que ela [Carolina Bori] foi um dos membros da Comissão de Cinco que discutiu e elaborou o projeto da Lei do Psicólogo e lutou, junto com outros, pela sua aprovação” (p. 238). Já Souza (2005) diz que Carolina presidiu a comissão que elaborou o projeto de lei.

Decorrente da Regulamentação da Psicologia, narra-se também o estabelecimento do Código de Ética Profissional e da subsequente criação do Sistema de Conselhos, pela Lei nº 5.766/1971 (e.g., Albuquerque & Lemos, 2022; Alves et al., 2020; Borges, 2022; Cândido & Massimi, 2016; Kerbauy, 2004; Moraes & Rolim, 2022; Rafihi-Ferreira, 2016), ambas com um impacto direto, principalmente, na Análise Aplicada do Comportamento. Além de mencionar a importância de João Cláudio Todorov (e.g., Albuquerque & Lemos, 2022; Borges, 2022; Moraes & Rolim, 2022), a literatura ressalta a importância de Carolina Bori ao explicitar que o *registro número um* do Conselho de Psicologia no Brasil foi seu (e.g., Kerbauy, 2004). Ressalta-se que esse fato que pode estar relacionado diretamente com o poder político-institucional adquirido na disputa vitoriosa pela Regulamentação da Psicologia no país alguns anos antes.

Outro processo social que impactou diretamente a área, mais especificamente a Análise Experimental do Comportamento, é o *Movimento dos Direitos dos Animais*, que busca combater o “especismo” (Gotti et al., 2021, p. 25). Em interface com a *História de Disciplinas: AEC* e a *História de Métodos: Laboratório Operante*, a literatura apresenta acontecimentos, como a criação de Conselhos e Comissões, que impactaram a

regulamentação da utilização de animais em atividades de ensino e de pesquisa, por exemplo, a *Comissão de Ética no Uso de Animais* (CEUA); o *Comitê de Ética em Experimentação Animal* (CETEA); e o *Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal* (CONCEA). O maior impacto é atribuído às mudanças na legislação, principalmente pela Lei nº 6.638/1979, que impunha restrições, mas não limitava o laboratório operante (Gonçalves et al., 2020) e pela Lei nº 11.794/2008, também conhecida como Lei Arouca (e.g., Gonçalves et al., 2020; Gotti et al., 2021; Miranda et al., 2011; Strahel et al., 2021; Strapasson & De Luca, 2021). Em complemento, Cirino et al. (2010) dizem:

No nível federal, desde 1995, vêm tramitando projetos de lei específicos para a ética de tratamento de animais. O primeiro deles, de autoria do deputado Sérgio Arouca (PL 1.153-B/1995), teve como anexo o projeto de lei da deputada federal Iara Bernardi (PL 1.691/2003), cuja ementa *dispõe sobre o uso de animais para fins científicos e didáticos e estabelece a escusa de consciência à experimentação animal*. Um dos aspectos mais importantes desse projeto de lei é o fato de estarem vetadas práticas de laboratório com animais, cujos resultados já se sabe ou estão previstos pela literatura. (p. 22)

Como resultado dessas mudanças promovidas por esse processo social, não somente o laboratório didático precisou se adaptar às novas regras, mas também a pesquisa. Como já mencionado na *História de Tópicos de Pesquisa: Controle Aversivo*, as mudanças na legislação afetaram diretamente essa área de estudo (Moraes & Rolim, 2022; Sérgio & Micheletto, 2010). Nas palavras de Moraes e Rolim (2022), “o próprio Todorov afirma que os estudos sobre controle aversivo ‘praticamente pararam nos últimos 30 anos devido a diversas razões, que incluem controle ético mais estrito’” (Moraes & Rolim, 2022, p. 52).

Alguns textos exploram também questões relativas a debates sociais contemporâneos. Por exemplo, Silva et al. (2022) mostram que historicamente *questões raciais* são pouco

estudadas pela área no país. Um tema mais explorado na literatura são as *questões de gênero*, como a *participação de mulheres* na Análise do Comportamento brasileira (e.g., Akera, 2017; Cravo et al., 2022; Keller, 1988; Laurenti et al., 2019; Torres et al., 2020). Em uma narrativa voltada à institucionalização da área no país, em seus primeiros anos, Keller (1988) narra o impacto de algumas analistas do comportamento nesse processo ou, em suas palavras, “a história da participação das mulheres na Análise do Comportamento” (Keller, 1988, p. 43). Dentre as mulheres mencionadas estão: “Carolina, Maria Amélia, Maria Lúcia, Thereza, Maria Ignez, Nilce, Margarida, Geraldina, Rachel” (p. 43), além de, “Adélia, Aldair, Ana Maria, Deisy, Dircenea, Elenice, Lígia, Lúcia, Martha, Silvia, Tareia, Teresa, Vera...” (p. 45). Sendo que o autor destaca a importância de Carolina Bori, Dora Fix Ventura, Margarida Windholz, Maria Amélia Matos, Maria Ignez Rocha e Silva, Nilce Mejias e Rachel Kerbauy.

Outros textos apresentam análises quantitativas. Descreve-se, por exemplo, diferentes aspectos relacionados ao gênero, como a quantidade de publicação em periódicos; o número de mulheres que se tornam mestras e doutoras; a participação em editoriais de periódicos, na docência e como bolsistas produtividade (Laurenti et al., 2019; Torres et al., 2020).

Em uma análise específica da ReBAC, Curiel et al. (2021) descrevem a participação de mulheres em publicações no periódico desde a sua criação até 2021. Os dados mostram que a participação de homens e mulheres é aproximadamente igual e não apresentou uma tendência clara ao longo dos anos. Entretanto, é válido ressaltar que em alguns quesitos, como autoria única, existe uma tendência de homens terem mais publicações. Contudo, tendo em vista que 80% dos(as) profissionais cadastrados(as) nos Conselhos de Psicologia são mulheres (CFP, 2022), esse suposto equilíbrio pode ser visto por outro prisma. Curiel et al. (2021) destacam ainda que as mulheres com mais publicações na ReBAC até 2021 foram Deisy das Graças de Souza (24), Elenice Seixas Hanna (14), Maria Helena Leite Hunziker (11), considerando ambos os gêneros, elas estão em primeiro, quarto e sétimo lugar,

respectivamente (Curiel et al., 2021). Nesse sentido, devido à disparidade entre textos que aborda questões acerca de gênero e raça, podemos dizer que os debates, ao menos os históricos, sobre a Análise do Comportamento brasileira parece ser mais *gendrificados* do que *racializados*.

Ditadura Militar

Um processo social ao qual atribui-se um destaque na literatura analisada é a *Ditadura Militar*. Tendo em vista o seu caráter dinâmico, a própria demarcação de seu início e fim são questões debatidas por estudiosos do tema. A demarcação mais comum para o encerramento desse processo é 1985, com a eleição indireta para presidente, mas a literatura também apresenta outras datas, como 1979, quando se inicia um processo de transição à democracia, com o fim do AI-5 e a Lei de Anistia (nº 6.683/1979); e também 1988, com a nova Constituição (Melo, 2012).

Além da complexidade em estipular datas, a própria nomenclatura utilizada para se referir a esse processo também gera diversas discussões. Na contemporaneidade parte de tal debate gira em torno da utilização do termo “*ditadura civil-militar*”, que busca mostrar a participação da sociedade civil em tal processo⁷⁰. O envolvimento de não-militares nesse processo social é essencial para compreendê-lo (Dreifuss, 1981). Contudo, nem todos concordam sobre a necessidade de adicionar o termo *civil* para marcar tal conexão, bem como debate-se as implicações de tal adição (cf. Dreifuss, 1981; Melo, 2012; Netto, 2014).

⁷⁰ “O regime derivado do golpe do 1º de abril sempre haverá de contar, ao longo da sua vigência, com a tutela militar; mas constitui um grave erro caracterizá-la tão somente como uma ditadura militar - se esta tutela é indiscutível, constituindo mesmo um de seus traços peculiares, é inegavelmente indiscutível que a ditadura instaurada no 1º de abril foi o regime político que melhor atendia os interesses do grande capital: por isto, deve ser entendido como uma forma de *autocracia burguesa* (na interpretação de Florestan Fernandes) ou, ainda, como *ditadura do grande capital* (conforme a análise de Octávio Ianni). O golpe não foi puramente um golpe militar, à moda de tantas quarteladas latino-americanas (os *pronunciamientos* dos ‘gorilas’) – foi um golpe civil-militar e o regime dele derivado, com a instrumentalização das Forças Armadas pelo grande capital e pelo latifúndio, conferiu a solução que, para a crise do capitalismo no Brasil à época, interessava aos maiores empresários e banqueiros, aos latifundiários e às empresas estrangeiras (e seus agentes, ‘gringos’ e brasileiros)” (Netto, 2014, p. 57).

Nesse sentido, a opção por nomear este processo social como *Ditadura Militar* teve como principal controle os termos que são atribuídos pela própria literatura analisada. Poucos textos utilizaram o termo *civil* (e.g., Alves & Miranda, 2022; Lopes & Laurenti, 2023; Miranda & Strapasson, 2023). Embora variasse para além de *ditadura*, os termos mais utilizados normalmente acompanhavam o termo *militar* (e.g., golpe militar, intervenção militar, regime militar, cerco militar).

Contudo, tendo em vista a pluralidade terminológica para se referir a este processo social, ressalta-se que alguns textos não empregam termos relacionados ao *militarismo* (e.g., Keller, 1987, 1988, 1996c, 1999). Como exemplo, nas palavras de Keller (1999), “infelizmente, a experiência de Brasília sofreu interrupção brusca durante o segundo semestre de sua operação, devido a um clima de insatisfação geral dentro da Universidade, que culminou com o afastamento de mais de 200 professores” (p. 11).

Em detrimento da utilização de termos relacionados ao militarismo, uma outra forma de apresentação desse fenômeno é por meio da utilização do vocábulo *político*. Alguns exemplos são: “acontecimentos políticos brasileiros” (Fagundes, 2017a, p. 86); “atmosfera política” (Mejias, 1997, p. 10); “convulsão política” (Keller, 1988, p. 44, 1996c, p. 115, 2001, p. 463); “fatos políticos” (Feitosa, 2005, p. 265); “golpe governamental” (Keller, 2001, p. 463); “questão política” (Drachenberg, 1998, p. 263); “razões políticas” (Marinho, 2020, p. 5).

O golpe militar é caracterizado também por Keller (1987) como uma “revolução” (p. 199) e por Jardim como “tempo difícil, de intolerância” (pp. 119-120). Em relação à ingerência militar na UnB e as demissões, Ades (1998) menciona “o episódio da UnB” (p. 74). Nesse sentido, é necessário compreender tais narrativas não somente como fontes sobre o passado da área, mas também contextualizá-las historicamente, no momento de sua produção,

os condicionantes sociais desse tempo, bem como as relações políticas institucionais em que cada um dos autores e autoras estão inseridos(as).

Esse processo social é um dos temas mais mencionados na literatura. Ainda que não tenham narrativas cujo principal objetivo seja analisar esse período, as alusões a tal processo são diversas (e.g., Ades, 1998; Almeida, 2007; Alves & Miranda, 2022; Alves et al., 2022; Batista et al., 2005; Borges, 1998; Cândido, 2017a, 2017b; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Candotti, 1998; Carvalho et al., 1998f; Cianca et al., 2020; Cirino, 2001; Cunha, 1998; De Rose & Galvão, 2023; Drachenberg, 1998; Fagundes, 2017a; Feitosa, 2005; Feitosa & Mulholland, 2022; Ferrari, 2014; Gotti et al., 2021; Guedes, 1998, 2022; Guedes et al., 2006, 2008; Guilhardi & Madi, 1996; Hübner & Starling, 2019; Hunziker, 2005; Jardim, 1998; Keller, 1987, 1988, 1996c, 1999, 2001; Kerbauy, 1996; Lopes & Laurenti, 2023; Magalhães, 1998; Marinho, 2020; Matos, 1998b; Mejias, 1997; Mello, 1998; Miranda & Cirino, 2010b; Moraes, 1998; Pessotti, 1998; Pompermaier, 2023; Psicologia: Ciência e Profissão, 2010; Queiroz Neto, 1998; Rafihi-Ferreira, 2016; Salzano, 1998; Souza Júnior et al., 2018; Stamirowski, 1998; Todorov, 1996, 2003b; Todorov & Hanna, 2010; Torres et al., 2020; Tunes & Simão, 1998; Velho, 1998; Vilarés & Azoubel, 2023; Zannon & Bori, 1996).

Essas narrativas abordam diferentes aspectos desse processo social, desde contextos macropolíticos, como a Guerra Fria, passando pelas implicações de tal conjuntura especificamente no Brasil, abordando consequências diretas a pessoas ligadas à Análise do Comportamento etc. Partindo de aspectos macropolíticos, Guedes et al. (2008) contextualizam a ditadura militar:

A América Latina, que era vista pelos Estados Unidos como território para exercer sua hegemonia e evitar ameaça à sua soberania, foi submetida a uma condição de pressão direta do governo ianque. Neste contexto, irromperam na região diversos regimes ditatoriais no período. No Brasil, um golpe militar se concretiza, após alguns anos de

conflito social. Movimentos de esquerda pediam uma política mais alinhada ao modelo socialista e adesão ao bloco comunista. Concomitantemente, movimentos de direita também reivindicavam uma postura política do Brasil, de adequação ao modelo capitalista encabeçado pelos Estados Unidos. (p. 48)

Os autores também exploram conjunturas da política nacional envolvidas com esse cenário mais amplo. Explicitam relações entre a sociedade civil e o golpe, mencionando, por exemplo, a *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* (Guedes et al., 2008; Keller, 1987), que é caracterizada por Keller (1987) como “um protesto de direita contra as ações recentes de João Goulart” (p. 199). Nessa perspectiva da política estatal nacional, Guedes et al. (2008) dizem:

Após o governo Juscelino Kubishek [sic] (responsável por projetos grandes, como a construção de Brasília e instalação no país da indústria automobilística), Jânio Quadros e seu vice João Goulart propunham reformas de base que incomodavam vários setores da elite brasileira, que viam em suas propostas perigosa aproximação a uma configuração socialista... Alinhado aos Estados Unidos, os militares coordenaram um “contra-golpe” para tomada do poder no Brasil, acreditando que Jango poderia instituir uma ditadura comunista. (pp. 48-49)

Indo ao encontro do excerto supracitado, Ferrari (2014) relata:

Este período é denotado como um período de dias e noites difíceis sob o governo militar ditatorial que foi imposto ao povo brasileiro como uma reação a uma suposta ameaça de uma influência política de esquerda que poderia levar a um regime comunista. Este governo autoritário foi anunciado como transitório, mas teve uma duração mais longa do que o previsto, o que afetou tragicamente os direitos humanos e a liberdade de expressão de todas as formas de pensamento e organização social. (p. 102)

Salienta-se que as narrativas selecionadas que mencionam a ditadura militar não têm como foco central a análise de seus condicionantes históricos, mas o seu impacto na Análise do Comportamento brasileira. De forma geral, as narrativas que abordam a intervenção militar estão na interface com a *História de Instituições: UnB* e a *História de Eventos: Plano de Brasília* (e.g., Almeida, 2007; Batista et al., 2005; Borges, 1998; Cândido, 2017b; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Cianca et al., 2020; Cunha, 1998; De Rose & Galvão, 2023; Feitosa & Mulholland, 2022; Ferrari, 2014; Gotti et al., 2021; Guedes, 2022; Guedes et al., 2006; Moraes, 1998; Miranda & Cirino, 2010b; Pessotti, 1998; Psicologia: Ciência e Profissão, 2010; Pompermaier, 2023; Rafihi-Ferreira, 2016; Salzano, 1998; Soares, 1998; Todorov, 1996, 2003b; Todorov & Hanna, 2010; Vilares & Azoubel, 2023; Zannon & Bori, 1996).

Buscando ilustrar tais narrativas, alguns trechos serão utilizados como exemplos da forma como a literatura apresenta a intervenção militar na UnB, e decorrente dessa ingerência marca-se o fim do Plano de Brasília. Segundo Moraes (1998), “aconteceu o desmantelamento do belo projeto de tantos cientistas e intelectuais” (p. 113).

Para além da brutalidade relatada nos diversos textos, conta-se também uma postura de enfrentamento, de oposição. Borges (1998), por exemplo, afirma que a Universidade “soube reagir à brutalidade do regime militar que tentou destruí-la de todas as formas, tanto pela ocupação armada de seu campus, como pela expulsão de professores e a nomeação de um militar para dirigi-la” (p. 103). De Rose e Galvão (2023) dizem que “a UnB tinha sido um experimento educacional revolucionário, que foi depois contido pela truculência da ditadura militar. Mas é provável que alguma coisa da UnB inicial ainda persistisse em alguns nichos, e que a psicologia fosse um desses nichos” (p. 104). Tal postura também fica retratada nas palavras de Matos (1998b):

O golpe militar no país; a implantação da ditadura; as cassações de professores e, finalmente, a intervenção na Universidade de Brasília em novembro de 1965; o fim de

um sonho Mas a História é mais forte que o sonho e a Ciência, que os quartéis. (pp. 94-95)

Das diversas intervenções que a ditadura militar realizou na Universidade de Brasília, a Análise do Comportamento foi afetada em diferentes âmbitos. Em interface com a *História de Pessoas*, algumas das pessoas mencionadas que tiveram suas vidas afetadas, direta ou indiretamente pela ditadura militar, são Alcides Gadotti, Carolina Bori, Isaías Pessotti, Luiz Otávio de Seixas Queiroz e Mário Guidi (e.g., Feitosa & Mulholland, 2022; Pessotti, 1998; Mello, 1998). Contudo, a intervenção mais mencionada aconteceu em 1965, com a demissão compulsória de diversos professores por parte do governo militar⁷¹.

Independentemente do número exato de professores demitidos, a Análise do Comportamento tem aqui uma consequência direta da ditadura militar, uma vez que uma dessas pessoas demitidas foi Rodolpho Azzi (Cândido, 2017b; Cândido & Massimi, 2016; Gotti et al., 2021; Guedes et al., 2006; Psicologia: Ciência e Profissão, 2010; Todorov, 1996; Todorov & Hanna, 2010). Em protesto, mais de 200 professores, de todas as áreas, pediram demissão, dentre eles os professores do Departamento de Psicologia (De Rose & Galvão, 2023; Guedes, 2022; Keller, 1999; Zannon & Bori, 1996). Nas palavras de Todorov e Hanna (2010):

Em outubro de 1965, a UnB passou por uma das maiores crises que a afetaram durante a ditadura militar. Nove professores de diversos departamentos, incluindo Rodolpho Azzi, foram demitidos por motivos políticos. Em protesto, mais de 200 professores, representando mais de 90% do corpo docente da UnB, pediram demissão. (p. 147)

Segundo Guedes (2022), um “pedido de demissão que mais de duzentos professores já contratados assinaram. Um ato ético-político, todos reconhecemos” (p. 90). A atribuição de um valor ético-político nesse pedido de demissão por parte dos professores nos leva a analisar

⁷¹ Segundo Todorov e Hanna (2010), foram nove professores. Entretanto, o site da Universidade de Brasília apresenta que 15 professores foram demitidos.

a permanência relatada na literatura de um único professor no Departamento de Psicologia (e.g., De Rose & Galvão, 2023; Gotti et al., 2021; Guedes et al., 2008; Hübner & Starling, 2019; Todorov, 2003b; Todorov & Hanna, 2010). De acordo com Todorov e Hanna (2010), “dos professores de psicologia então em exercício, só Robert Berryman permaneceu” (p. 147). Ou então, segundo De Rose e Galvão (2023), “o Prof. Robert Berryman tinha ido há alguns anos para a UnB, indicado por Fred Keller, e não acompanhou os 223 professores que se demitiram em 1965, em protesto contra a interferência da ditadura militar na universidade” (p. 104).

Guedes et al. (2008) trazem luz a essa questão, dizendo que tal posição adotada por Robert Berryman estava ligada a uma tentativa de manutenção do Plano de Brasília e da Análise Experimental do Comportamento. Nas palavras dos autores: “e o Departamento de Psicologia só não é fechado porque o professor Robert Berryman, um estadunidense que viera para trabalhar com a equipe, fica na cidade e passa a comandar o curso de Psicologia” (p. 50).

Ainda que a narrativa de Guedes et al. (2008) apresente uma certa continuidade naquele Departamento, além de De Rose e Galvão (2023) afirmarem que Robert Berryman ajudou a criar um ambiente experimental propício na UnB, mesmo após a demissão em massa dos professores em 1965, o relato de Keller (2001) parece destoar dessas perspectivas. Em suas palavras,

Infelizmente, em 1965, uma convulsão na Universidade acabou com todos os cursos, como talvez se lembrem os membros desta Associação [ABPMC]. O novo procedimento, nessa época, havia sido usado com sucesso por dois semestres, e outros departamentos estavam expressando interesse a respeito, mas ele não foi retomado quando a Universidade reabriu, com uma liderança diferente e com uma equipe de professores diferente. (p. 463)

Fred Keller, que chegou no Brasil junto de sua esposa um mês antes do golpe militar para participar da implementação do Plano de Brasília, apresenta outros relatos sobre tal período, alguns com base em seu diário da época (e.g., Keller, 1987). Em suas palavras, “a *revolução* [ênfase adicionada] está terminada! ... Parece que o golpe foi triunfante, mas nosso futuro sob o novo regime não é certo” (p. 199). Tal passagem nos mostra os impactos do golpe militar até mesmo em Fred Keller. Esse impacto é relatado também por Kerbauy (1996a), que diz “a angústia de Keller com o que se passava na UnB naquele fatídico segundo semestre” (p. 236). Guilhardi e Madi (1996) são ainda mais explícitos na descrição desses efeitos. Segundo os autores, “a mudança de governo ocorrida em 1964 fez com que o Prof. Keller voltasse para os EUA seis meses antes do previsto” (p. 114).

Como mencionado, apenas Robert Berryman permaneceu, já as outras pessoas que fizeram parte do grupo envolvido na elaboração e implementação do Departamento de Psicologia da UnB se dispersaram pelo Brasil. Esse movimento é intitulado em alguns textos como a *Diáspora da Análise do Comportamento*⁷², responsável pela difusão da área para as mais diversas regiões do país (e.g., Guedes, 2022; Guedes et al., 2006; Miranda & Strapasson, 2023; Todorov & Hanna, 2010).

Para além da dispersão de pessoas, Matos (1998b) apresenta outras consequências do regime militar na Análise do Comportamento, explicitando, por exemplo, que algumas áreas se desenvolveram mais do que outras durante esse período, trazendo a intersecção desta temática com a *História de Disciplinas: Análise Aplicada do Comportamento*. Segundo a autora:

⁷² Evidencia-se que o termo *Diáspora* também é utilizado para se referir a um segundo momento na história na UnB, no qual houveram outras perseguições políticas e demissões compulsórias. Nas palavras de De Rose e Galvão (2023), “a diáspora de 1972, quando o reitor da UnB, Capitão da Marinha, demitiu diversos professores do departamento, alguns dos quais se mudaram para a Universidade Estadual de Londrina, para onde foi, também, o recém-formado Zé Antonio [Abib]” (p. 104).

Durante a ditadura militar que tomava conta do país e sob as conseqüentes restrições pessoais, políticas e econômicas impostas a todos, os analistas do comportamento voltaram-se para o ensino e para a aplicação clínica, bem como para sua organização interna. Com a volta dos militares a seus quartéis e o cancelamento das restrições xenófobas quanto a viagens para o exterior, quanto à compra de livros estrangeiros, quanto à vinda de professores de outros países, quanto à importação de equipamentos científicos etc., as universidades ensaiaram renascer. (p. 98)

Saindo do âmbito dos acontecimentos que afetaram a UnB e o Plano de Brasília entre 1964 e 1965, são narradas outras conseqüências da ditadura militar em todo o período que o regime durou. Rodolpho Azzi, por exemplo, que teve a sua carreira universitária interrompida na UnB continuou a ser perseguido, tendo sido preso duas vezes durante a década de 1970 (Cândido & Massimi, 2016; Psicologia: Ciência e Profissão, 2010).

Outra pessoa mencionada é Luiz Otávio de Seixas Queiroz, que foi demitido juntamente a 40 outros professores na PUC-Campinas em 1969 (Batista et al., 2005). Mesmo que com algumas inconsistências⁷³, Meijas (1997) relata esse acontecimento. Segundo ela,

Nesse mesmo ano, porém, um ano difícil, em que foi baixado o AI-5 [1968], o novo Reitor da Universidade entrou em conflito com um grupo de professores, entre os quais Luiz Octavio que, foco principal desses conflitos, teve que deixar a Universidade em agosto daquele mesmo ano. Foram 50 os professores que, então, se afastaram da Universidade. (p. 12)

As ingerências da ditadura militar nas diversas instituições científicas são mencionadas na literatura, como é o caso da SBPC (e.g., Candotti, 1998; Magalhães, 1998; Queiroz Neto, 1998; Salzano, 1998; Zannon & Bori, 1996). Nessa interface, retrata-se também o papel de enfrentamento de Carolina Bori (e.g., Candotti, 1998; Feitosa, 2005;

⁷³ Observa-se divergências entre datas (i.e., 1968 e 1969); entre as formas de grafia do nome próprio (i.e., Luiz Otávio e Luiz Octavio); entre a quantidade de professores (i.e., 40 e 50) (cf. Batista et al., 2005; Meijas, 1997).

Queiroz Neto, 1998; Salzano, 1998; Velho, 1998). Além dela, destaca-se também o papel de Celso Pereira de Sá, que produziu uma *Cartilha de Contracontrole Social* (1985), para educar a população a resistir à ditadura militar (Alves & Miranda, 2022).

Ademais, dentre os diversos períodos da Ditadura Militar, a literatura retrata o momento de maior repressão do regime, marcado pelo decreto do *Ato Institucional nº 5* (AI-5) em 1968 (e.g., Ades, 1998; Cunha, 1998; Mello, 1998). O momento é retratado por Mello (1998), que diz: “dentro da Universidade vivíamos o fracionamento simbólico do país como uma verdadeira guerra civil, mantida pelo servilismo político e pelo terror militar” (p. 221).

Esse momento histórico em que o AI-5 é decretado é importante para compreender o processo social da *Reforma Universitária*. Mesmo sendo um processo que depende de relações muito além daquelas estabelecidas com a Análise do Comportamento, essa temática aparece em diversos textos que versam sobre a história da área no Brasil, sobretudo em sua intersecção com a *História de Instituições: FFCL/USP* e com a *História de Pessoas: Carolina Bori*. Essa segunda, inclusive, sendo bastante relevante para a compreensão de tais menções, já que a grande maioria dos materiais que versam sobre a Reforma Universitária são textos que compõem o número especial em sua homenagem.

O processo da Reforma Universitária, que culminou na Lei nº 5.540/1968, conhecida como Lei da Reforma Universitária (Ades, 1998; Guedes et al., 2006), é caracterizado por Barros (1998) como uma “reformulação ampla de toda a política universitária” (p. 79). Em relação à USP, as narrativas exploram os impactos da Reforma: o fim das FFCL e a extinção das Cátedras; a criação de Departamentos e Institutos (e.g., Ades, 1998; Engelmann, 1998; Carvalho et al., 1998a; Cunha, 1998). Essas narrativas exploram diversas nuances da política institucional, dos debates e episódios envolvidos nesse processo.

Algo que chama a atenção nas diferentes narrativas acerca da Reforma Universitária é que as possibilidades de interpretação sobre esses processos são amplas. Para retratar essas

perspectivas, tomemos como exemplo a caracterização da Reforma estabelecida por Carvalho et al. (1998a): “movimento pela democratização da Universidade em 1968” (p. 43). Magaldi (1998) retrata o momento dizendo que “discutia-se sobre a necessidade de melhoria do ensino, da busca de uma Universidade mais democrática e formadora de bons cidadãos” (p. 81). Ou então Cunha (1998), que diz: “quando veio o AI-5, em 1968, água na fervura do movimento universitário, os estudantes se retraíram. A Reforma Universitária tomou um outro rumo” (p. 57). Se, por um lado, o foco está na caracterização desse processo como um movimento de democratização, por outro, ele também é retratado pela contraposição por parte do governo militar.

Dos impactos da Reforma Universitária na Análise do Comportamento, o principal deles se dá pela departamentalização da USP. Tal mudança abriu mais espaço para práticas analítico-comportamentais na instituição, visto que o sistema até então vigente dava a(o) catedrática(o) amplo poder de decisão sobre a área⁷⁴ e, naquele caso, a Cátedra de Psicologia era regida por Annita de Castilho e Marcondes Cabral, que não era uma analista do comportamento (Carvalho et al., 1998a; Stamirowski, 1998). Os impactos da Reforma também são mencionados no âmbito do incentivo à pós-graduação. Esse fomento afetou a área, sobretudo com o *Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental* (PSE) da USP, que foi fundamental na formação de analistas do comportamento nas décadas de 1970 e 1980 (Bori, 2001; Fagundes, 2017b; Matos, 1996, 1998b; Micheletto et al., 2004; Sérgio & Micheletto, 2010; Tomanari & Debert, 2010).

Contemplando o fim desse processo social, a literatura menciona brevemente o processo de redemocratização e a Lei nº 6.683/1979, ou também, Lei da Anistia (e.g., Alves et al., 2022; Feitosa & Mulholland, 2022). Contudo, o enfoque acerca desse final da ditadura militar na literatura se dá no âmbito institucional. Mais especificamente, na Universidade de

⁷⁴ “O professor catedrático era o próprio senhor feudal” (Stamirowski, 1998, p. 255).

Brasília. Feitosa e Mulholland (2022) descrevem o decreto nº 92.768, de 9 de junho de 1986, que estipula: “é concedida anistia a todos os servidores públicos civis da Administração direta e indireta e militares, punidos por atos de exceção, institucionais ou complementares” (p. 65).

Os autores caracterizam tal processo da seguinte forma:

A análise dos casos de anistia durou cerca de dez anos, perpassando três reitorias e foram anistiados no total 276 pessoas, sendo 248 professores e 28 funcionários. Se na primeira etapa prevaleceu a análise dos casos de demissão por razões políticas, nas duas etapas posteriores foram agregados casos de demissão por problemas de política interna da UnB. (p. 65)

Essa anistia afeta diretamente a Análise do Comportamento, uma vez que contemplou diversos professores demitidos em 1964 e 1965. Nas palavras dos autores:

Os professores da Psicologia beneficiados com a anistia, na primeira etapa do processo, embora nem todos tenham sido reintegrados, por razões próprias às suas trajetórias de vida. Foram eles: Alcides Gadotti, Álvaro Marchi, Carolina Martuscelli Bori, Isaias Pessotti, Luiz Otávio de Seixas Queiroz e Mário Arturo. (p. 65)

Nota-se a ausência de Rodolpho Azzi nesse excerto, tendo em vista que ele foi um dos personagens envolvidos na demissão compulsória, que levou a demissão em massa de professores, dentre os quais estão os mencionados no trecho supracitado. Contudo, embora não tenha sido mencionado diretamente, podemos deduzir que ele pode estar dentre os mencionados no trecho: “embora nem todos tenham sido reintegrados”. Trazendo luz a tal questão, a homenagem publicada pela Psicologia: Ciência e Profissão (2010) apresenta uma passagem elucidativa:

Já no período da redemocratização do País, apesar de reiterados convites formais, não se reintegrou à universidade. Em uma dessas ocasiões, sua filha lhe entregou carta

enviada pela UnB convidando-o a reintegrar-se ao corpo docente, e ele a rasgou sem abrir, exclamando que nada havia feito que requeresse anistia. (p. 228)

Histórias de Métodos

Os *métodos*, conforme definido no *Guia Temático*, remetem às formas de produção do conhecimento. As narrativas que abordam esta temática descrevem a evolução de tais táticas, buscando, por exemplo, as diferentes estratégias adotadas, a necessidade de mudança nos sujeitos/participantes dos estudos, a construção de ambientes e aparatos propícios para a aplicação do método etc. Nesse sentido, uma primeira categoria que se intersecciona amplamente com este tipo de temática é a *História de Aparatos*.

No caso da Análise do Comportamento, sobretudo se contextualizarmos a institucionalização da área como Análise Experimental do Comportamento, uma outra sobreposição que se destaca é com da *História de Métodos* a *História de Disciplinas: AEC*. Como estratégia metodológica, a experimentação na Análise do Comportamento tem como principal característica as práticas laboratoriais.

Nesse sentido, o *Laboratório Operante com Animais* é uma prática importante para a Análise do Comportamento, não apenas como um método de pesquisa, de produção do conhecimento, mas também como um método de ensino, cumprindo diversas funções didático-pedagógicas (e.g., Cirino, 2001; Cirino et al., 2010, 2012; Gonçalves et al., 2020; Gotti et al., 2021; Lopes et al., 2008 Miranda & Cirino, 2010a, 2012b; Miranda et al., 2011; Strapasson & De Luca, 2021). Como descrito por Cirino et al. (2010), “via de regra, o laboratório didático de análise do comportamento constitui-se como um laboratório animal operante” (p. 16).

Acerca da consolidação do laboratório operante, alguns textos apresentam descrições desses laboratórios, principalmente o da USP e da UnB, exibindo relatos, fotos,

representações esquemáticas etc. (e.g., Alves et al., 2019; Cirino et al., 2012; Fernandes et al., 2015; Matos, 1996, 1998b; Miranda & Cirino, 2010b). São descritos materiais utilizados (e.g., cartolina), instrumentos construídos (e.g., caixas operantes adaptadas), manuais elaborados (e.g., Exercícios de Laboratório em Psicologia), inovações procedimentais (e.g., utilização de abelhas) etc. Também são descritas práticas que aconteciam em tais ambientes. Nas palavras de Matos (1998b),

Em 1961, com os recursos de que dispúnhamos, a realização de experimentos somente era possível com um animal por vez, e mesmo assim com o monitoramento contínuo pelo experimentador. Não havia formadores de pulso em quantidade suficiente, nem gerador de som, nem misturador de polaridade para choque elétrico, nem marcadores de passo, etc. Estas contingências determinaram que, nos primeiros estudos de laboratório, se estudassem variáveis temporais bem como alguns esquemas básicos, esta última opção perdurando por muito tempo entre nossos pesquisadores. (p. 95)

Em certa medida, narrar a evolução do Laboratório Operante é também discorrer acerca da história do principal método de ensino e pesquisa da Análise do Comportamento. Nesse sentido, encontra-se na literatura o estabelecimento de diversos Laboratórios pelo Brasil durante as décadas de 1960 e 1970. Destaca-se a FFCL-Rio Claro e o envolvimento de Carolina Bori (e.g., Cândido, 2017a; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Guedes et al., 2006; Matos, 1996, 1998b; Rafihi-Ferreira, 2016); o Laboratório montado para o *Curso de Keller* em 1961 (e.g., Almeida, 2007; Bori, 1996; Cirino et al., 2012; Matos, 1998b; Miranda & Cirino, 2010b; Tomanari, 2001); o Laboratório da UnB (e.g., Cândido, 2017b; Cirino et al., 2012; Matos, 1998b; Miranda & Cirino, 2010b); o Laboratório de Análise Experimental do Comportamento da PUC-Campinas, montado na década de 1960 por Luiz Otávio de Seixas Queiroz (e.g., Batista et al., 2005); as práticas laboratoriais com Caixas de Skinner e registradores cumulativos na FFCL-RP, com Luiz Marcellino de Oliveira (Ferrari, 2014); e os

Laboratórios de Análise do Comportamento da UFMG (e.g., Alves et al., 2019, 2020; Cirino et al., 2012; Miranda & Cirino, 2010a; Polanco & Miranda, 2014).

Em relação às práticas laboratoriais, as narrativas apresentam procedimentos com diferentes sujeitos experimentais, em sua grande maioria, *animais não humanos*. Assim como em outros lugares do mundo, a Análise do Comportamento brasileira também tem forte tradição experimental que tem como principal sujeito o *rato branco* (albino) (Gonçalves et al., 2020; Matos, 1996, 1998b; Mejias, 1997). Nas palavras de Miranda et al. (2011), o rato albino é o “sujeito experimental primordialmente utilizado” (p. 199). Essa identificação do laboratório experimental operante com procedimentos que utilizam ratos albinos está na base de preconceitos atribuídos à área, como a pejorativa intitulação de “ratologia” (Cirino et al., 2010, p. 21; Gotti et al., 2021, p. 23). Resultado de tais práticas, Ribes-Iñesta (2022) apresenta um relato acerca da sua experiência na UnB, que é marcado pelas intersecções de temáticas, como a *História de Processos Sociais: Movimento de Direitos dos Animais*. Em suas palavras:

Naquela ocasião vi alguns ratos albinos circulando pela grama do terraço, e todos rimos quando um de nossos amigos brasileiros nos contou que ratos de laboratório não eram sacrificados quando envelheciam, mas eram soltos... Tenho certeza de que Brasília era a única cidade do mundo com ratos albinos selvagens nos parques. (p. 95)

Além de procedimentos envolvendo ratos, são narradas também práticas com outros animais. Com destaque, a utilização de pombos no laboratório animal operante é narrada em diversos textos. Destaca-se a inovação de Rachel Kerbauy ao criar laboratório de pombo na *Sedes Sapientiae* (e.g., Alves et al., 2019; Guedes et al., 2006; Keller, 1988; Kerbauy, 1996a; Mejias, 1997). Além dela, são mencionadas Elenice Aparecida Moraes Ferrari (Hunziker, 2015), Lígia Maria Machado (Medeiros, 1999) e Maria Amélia Matos (Tomanari & Debert,

2010); além de João Cláudio Todorov e a experimentação em controle aversivo com pombos (Hanna et al., 2022; Moraes & Rolim, 2022). Segundo Todorov e Hanna (2010),

Esses trabalhos foram inicialmente motivados por questionamentos sobre a generalidade dos resultados obtidos com animais, especialmente pombos, baseados na dificuldade de se estabelecer a resposta de bicar como esquivo. Os resultados dos estudos comprovaram a sensibilidade do bicar às contingências aversivas. (p. 149)

Também são narrados procedimentos de estudo de pressão à barra com abelhas, conduzidos por Isaías Pessotti no início da década de 1960, retratado na literatura como pioneiro (e.g., Cândido, 2017a; Cândido & Massimi, 2016; Guedes et al., 2006; Lopes, 2023; Moraes, 2023; Otero, 2006). Segundo Moraes (2023), “Isaias buscou diferenças e semelhanças na aprendizagem de mamíferos e insetos e, de maneira inovadora demonstrou que as mesmas técnicas de condicionamento eram também eficazes com abelhas” (p. 260). Para tanto, construiu o primeiro aparato para abelhas em 1961. Otero (2006) descreve com detalhes o procedimento inovador desenvolvido por Isaías Pessoti. Em síntese, a autora narra: “ao estudar o comportamento de abelhas, o professor Isaias trouxe um novo olhar metodológico e iniciou uma linha de pesquisa em Análise Experimental do Comportamento” (p. 10).

São mencionados na literatura, de maneira menos detalhada, procedimentos com primatas (e.g., Todorov & Hanna, 2010); e também com aranhas (Jardim, 1998; Miranda & Cirino, 2010a). Além dos procedimentos que utilizam animais não humanos e caixas operantes, menciona-se também a utilização de outros instrumentos, como é o caso do *Implicit Relational Assessment Procedure* (IRAP) (e.g., Gonçalves et al., 2020; Gotti et al., 2021).

Ressalta-se que as práticas laboratoriais operantes com animais não humanos, ainda que sejam o principal método utilizado pela Análise do Comportamento, entrou em declínio

na contemporaneidade. Gotti et al. (2021) dizem que esse decréscimo coincide com o falecimento de Carolina Bori em 2004. Contudo, outros acontecimentos, como descrito na *História de Processos Sociais: Movimento de Direitos dos Animais* parecem ter afetado diretamente essa prática. Nesse sentido, a evolução dos métodos utilizados no ensino e na pesquisa em Análise do Comportamento, sobretudo no campo Experimental, podem ser vistas em narrativas que abordam as tensões que envolvem essa temática (e.g., Cirino et al., 2010; Gonçalves et al., 2020; Lopes et al., 2008; Miranda et al., 2011; Strahel et al., 2021).

Contextualizado em diferentes temáticas, as narrativas históricas versam sobre essas formas de produção de conhecimento em Análise Experimental do Comportamento, utilizando à princípio ratos e chegando, na sua evolução ao longo dos anos, na necessidade de reformulações metodológicas. De acordo com Lopes et al. (2008), “argumenta-se, sobretudo, que novas configurações para o Laboratório de Análise do Comportamento devem ser concebidas e concretizadas, para além do Laboratório Animal Operante” (p. 77). Uma dessas alternativas é a utilização de aparatos contemporâneos, como os *softwares* que emulam animais não humanos.

Histórias de Aparatos

Os aparatos podem ser compreendidos como diversos instrumentos, equipamentos e ferramentas utilizadas no fazer científico. Enquanto uma Escola de Psicologia inerentemente experimental, a Análise do Comportamento tem em sua tradição a utilização de muitos aparatos, em diferentes graus tecnológicos, ao longo da sua história.

Na contemporaneidade, são mencionados aparatos virtuais, como *softwares* para o estudo do comportamento verbal (e.g., *Verbal 1.51, 1.6, 1.62, 2.52*) (e.g., Gotti et al., 2021) e emuladores de ratos virtuais (e.g., *Sniffy Pro* e *CyberRat*) (e.g., Cirino et al., 2010; Gonçalves et al., 2020; Gotti et al., 2021; Lopes et al., 2008; Miranda et al., 2011; Tomanari, 2001). Tais

aparatos são fruto do processo histórico de evolução das práticas da Análise Experimental do Comportamento, compreendendo tal desenvolvimento de uma forma não linear e teleológica.

Assim como os *softwares* mencionados, os métodos analítico-comportamentais dependem, em muitos casos, da utilização de aparatos para a observação, controle, medição do comportamento. Um exemplo relatado na literatura é a “caixa experimental para abelhas” construída por Isaías Pessotti (e.g., Cândido, 2017a; Cândido & Massimi, 2016; Gotti et al., 2021; Guedes et al., 2006; Lopes, 2023; Moraes, 2023; Otero, 2006). Descrito por Cândido (2017a), o aparato consistia em uma “caixa experimental que permitia a apresentação do reforço para a resposta de pouso sobre um dos lados” (p. 140).

Além de novos aparatos, um importante fator histórico para a institucionalização e desenvolvimento da Análise Experimental do Comportamento no Brasil foi a construção de instrumentos, equipamentos e ferramentas já tradicionalmente utilizados na área, por exemplo, nos Estados Unidos da América. Visto as dificuldades de importação, especialmente no início das décadas de 1960 e 1970, retrata-se na literatura a importância da construção desses aparatos em território nacional. Como exemplo, temos a construção do *registrador cumulativo* por Isaías Pessotti (e.g., Cândido, 2017a; Moraes, 2023).

Seguramente, o aparato mais importante na história da Análise do Comportamento é a *Caixa Operante*. Utilizando a proposição de Miranda e Cirino (2010b), utilizar-se-á tal termo como sinônimo de *Caixa de Skinner*, *Caixa de Condicionamento Operante*; além de que *caixa* também pode ser substituída por *câmara*. A sua importância se faz presente não somente pelo impacto na própria área, mas por ser um aparato que afetou o desenvolvimento da Psicologia Experimental como um todo. Segundo Stamirowski (1998), “laboratórios de Psicologia Experimental surgiram por toda a parte com as Caixas-de-Skinner mudando o conceito de ensino da Psicologia Experimental” (p. 256).

Estabelecendo uma descrição mais cronológica, as Caixas Operantes são mencionadas já nos primórdios da área no Brasil, uma vez que Fred Keller trouxe consigo um desses equipamentos quando veio ministrar o *Curso* em 1961. Uma informação interessante é a apresentação do nome da fabricante do equipamento: *Grason & Stadler Company* (e.g., Bori, 1996; Cândido, 2017a; Fernandes et al., 2005; Gotti et al., 2021; Matos, 1996, 1998b; Miranda & Cirino, 2010b). Como exemplo, nas palavras de Bori (1996), “poucos dias depois de sua chegada, ele já havia montado seu escritório e seu laboratório. Ele trouxera ... uma unidade básica de *Grason & Stadler*” (p. 189). A retratação de que a Caixa Operante que Fred Keller trouxe ao Brasil havia sido fabricada industrialmente é importante no contraste com as condições materiais brasileiras apresentadas na literatura.

Ao descrever tal contexto, Tomanari (2001) diz: “na época [1961], as câmaras de condicionamento que equipavam o Laboratório eram construídas artesanalmente” (p. 71). Essa descrição vai ao encontro do que é relatado por Keller (1996a), que narra: “construímos gaiolas para nossos ratos (do Butantã) e compramos uma peça de equipamento para pesquisas avançadas” (p. 8).

Ainda que no mesmo período temporal, mas em outro contexto, Cândido (2017a) relata que a configuração do laboratório na FFCL-Rio Claro seguia uma lógica parecida com essa descrição sobre o laboratório montado para o *Curso de Keller* em 1961. Nas palavras do autor, “o laboratório de Rio Claro, então, pode ser descrito como composto por dois grupos de equipamentos: 1) aparelhos construídos por brasileiros e usados para fins didáticos e de pesquisa; e 2) aparelhos importados da *Grason-Stadler* e usados em pesquisas” (p. 140).

A construção e adaptação de aparatos, explicitadas nos excertos apresentados, principalmente com a finalidade de ensino, são narrados em diversos textos (e.g., Cândido & Massimi, 2016; Cirino et al., 2012; Fernandes et al., 2015; Kerbauy, 1996a; Keller, 1988; Matos, 1996, 1998b; Miranda & Cirino, 2010b), sendo que alguns deles apresentam

representações imagéticas, como desenhos e fotos (e.g., Alves et al., 2019; Cirino et al., 2012; Fernandes et al., 2015; Hübner & Starling, 2019; Matos, 1996, 1998b; Miranda & Cirino, 2010b).

Essa construção significava de fato a confecção de paredes de *papelão*, que se transformaram em Caixas Operantes utilizadas principalmente com pombos (e.g., Alves et al., 2019; Kerbauy, 1996a; Mejjias, 1997; Miranda & Cirino, 2010a); mas também a modificação de aparatos originalmente com outras funções, como as *gaiolas de pássaros*. Como exemplo, Guilhardi e Madi (1996) discorrem sobre “gaiola de passarinho transformaram-se em gaiolas-viveiros e em caixas experimentais” (p. 114); e Todorov e Hanna (2010) versam sobre um “experimento [que] foi realizado com uma gaiola de pássaros como câmara experimental” (p. 147). Com mais detalhes, Matos (1998b) apresenta uma descrição de tais Caixas Operantes adaptadas:

Rodolpho havia improvisado um pequeno laboratório didático com quatro ou cinco unidades de “caixas de Skinner”, e que na verdade funcionava muito bem. Adaptara, a uma das paredes de gaiolas comuns de passarinho, placas de metal com uma perfuração redonda no meio. Por essa perfuração passava uma vareta de metal de cerca de 30 cm de comprimento, dobrada numa das extremidades como se fora um cabo de guarda-chuva. Cerca de 10 cm da extremidade reta da vareta entravam pela perfuração da placa de metal, enquanto a extremidade curva ficava do lado de fora da gaiola. Quando a parte reta da vareta (“a barra”) era deslocada para baixo, a parte curva deslocava-se para cima e batia na placa metálica produzindo o “barulho do bebedouro”. (p. 92)

Evidencia-se também que, mesmo com uma limitação material, com equipamentos adaptados etc., a Análise do Comportamento no Brasil se desenvolveu no âmbito do ensino e também da pesquisa. Como descrito por Todorov (2003), “Keller e seus primeiros alunos

brasileiros mostraram que era possível produzir dados confiáveis em um assunto relevante, mesmo com equipamento adaptado” (pp. 17-18).

Para além da confiabilidade dos resultados obtidos com tais aparatos adaptados, Fernandes et al. (2015) descrevem essa prática inicial de adaptação de equipamentos dentro do contexto social, cultural e econômico brasileiro. A partir da compreensão do *jeitinho brasileiro* como uma prática cultural, os autores buscam demonstrar essa prática justamente na modificação de objetos para contemplar as necessidades dos analistas do comportamento naquele momento histórico.

Acerca da construção e adaptação de equipamentos, além de Rodolpho Azzi, Isaías Pessoti e Andrés Aguirre, que são mencionados mais brevemente, a pessoa com maior destaque na literatura é Mario Guidi e seus equipamentos (e.g., Cândido & Massimi, 2016; Cirino et al., 2012; Drachenberg, 1998; Fagundes, 2017b; Gotti et al., 2021; Guedes et al., 2008; Jardim, 1998; Keller, 1987, 1996a; 1996c, 2001; Matos, 1998b; Miranda & Cirino, 2010a, 2010b; Miranda et al., 2020; Stamirowski, 1998; Todorov, 1996).

Em interface com a *História de Pessoas*, as narrativas exploram características pessoais que foram importantes para o desenvolvimento desses aparatos, como a “habilidade e criatividade de Mário Guidi” (p. 96), descritas por Matos (1998b). Ainda em suas palavras,

Carolina, que era Professora Titular da Cadeira de Psicologia Educacional na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro, e que lá desejava introduzir o curso de Psicologia Experimental, encomendou a Andrés Aguirre (um inventor muito criativo que se dedicava a construir aparelhos especiais para médicos ortopedistas) uma caixa protótipo, que reproduzisse as principais características da caixa importada da Grason-Stadler. Contudo, além de caro, o protótipo construído apresentava alguns problemas de funcionamento de difícil solução. Somente alguns anos depois o Prof. Mário A. A. Guidi outro inventor criativo, *factótum* da Psicologia Experimental no

Brasil, desenhou e construiu uma caixa experimental viável, que, embora necessite de manutenção constante, tem sido, até agora, em Psicologia, no país, a única peça de equipamento didático genuinamente de alcance nacional. (p. 93)

Um empreendimento que não foi individual. Nas palavras de Stamirowski (1998): “Mario Guidi montou sua oficina para produzir aparelhos e instrumentos e – imaginem – contratou um mecânico” (p. 254); e também em Fagundes (2017b), que diz: “suas habilidades em eletricidade e mecânica, auxiliado por seu técnico Silvano Scavazza, construiu os protótipos da Caixa de Skinner, Caixa de Mowrer” (p. 173).

Além da participação na construção e adaptação de aparatos por Mario Guidi no *Curso de Keller* em 1961, também é relatado o seu papel no *Plano de Brasília* em 1964. De acordo com Keller (2001), “Mario Guidi, um gênio com equipamentos, que montou nossa oficina e construiu aparelhos para nosso laboratório” (p. 463). Consonantemente, Drachenberg (1998) diz: “o professor Mário Guidi, que tinha um vasto conhecimento técnico e fora responsável pela instalação do equipamento e funcionamento do laboratório em Brasília” (p. 264).

Para além dessa sobreposição com os papéis das pessoas, esta temática também se intersecciona com a *História de Instituições*, uma vez que a produção de aparatos é dispendiosa. Nesse sentido, a participação de tais instituições na construção e adaptação de equipamentos se configura, sobretudo, pelo fomento financeiro. Uma primeira instituição mencionada é o Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC) (Cirino et al., 2012; Drachenberg, 1998; Matos, 1996, 1998b). Como descrito por Drachenberg (1998), “o IBECC já estava, sob a supervisão do Prof. Guidi, produzindo, em larga escala, caixas de condicionamento operante” (p. 264), ou ainda, como dito por Matos (1998b), “foi firmado um convênio com o IBECC que assumiu a tarefa de reproduzir e construir esses protótipos” (p. 96).

A literatura também destaca outra instituição com importante papel na construção desses aparatos, a Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências (FUNBEC) (e.g., Batista et al., 2005; Cirino et al., 2012; Fagundes, 2017a, 2017b; Miranda & Cirino, 2010b; Miranda et al., 2020; Polanco & Miranda, 2014; Souza Júnior et al., 2018; Stamirowski, 1998). Conforme Stamirowski (1998), “logo o FUNBEC produziria a ‘nossa’ bem brasileira Caixa de Skinner que iria revolucionar o ensino da Psicologia Experimental no Brasil” (p. 254).

Para além da importância desse aparato no início da institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil, a Caixa Operante também é retratada com um importante papel no desenvolvimento da área ao longo das décadas. De Rose e Galvão (2023), por exemplo, apresentam o contexto da UnB, na década de 1970, que oferecia uma disciplina de “Psicologia Geral e Experimental, com 10 câmaras experimentais para estudo de comportamento operante” (De Rose & Galvão, 2023, p. 103). O relato dessa evolução também fica marcado, por exemplo, nas palavras de Tomanari (2001):

Na época [de sua fundação], as câmaras de condicionamento que equipavam o Laboratório eram construídas artesanalmente. Hoje, o Laboratório conta com câmaras de condicionamento industrializadas, interligadas a computadores, permitindo-nos afirmar, com segurança, que o curso de graduação do Instituto de psicologia da USP possui um Laboratório moderno, bem equipado, como poucas instituições de ensino no Brasil e no mundo possuem. (p. 71)

Dessa forma, a história das *Caixas Operantes* no Brasil deve ser contextualizada em diferentes âmbitos. No quesito temporal, o advento da tecnologia deve ser considerado, tendo tornado mais barato a aquisição de equipamentos. Além disso, a facilidade de acesso, tanto por meio da importação de equipamentos quanto pelos esforços para produzir equipamentos

nacionais, permitiu que as *Caixas Operantes* estivessem presentes em muitas Instituições de Ensino Superior.

Contudo, ainda que em um relato datado, ainda do fim do século passado, Matos (1998b) narra que, mesmo com esse advento da tecnologia, a dificuldade com os aparatos se mantiveram presentes desde o início da institucionalização da área. Em suas palavras, “durante muito tempo, até hoje na verdade, o problema de equipamento para uso didático permaneceu um entrave para o ensino da Análise do Comportamento no Brasil” (p. 92).

Histórias de Textos

A *História de Textos*, como o título sugere, tem por objetivo analisar historicamente *materiais escritos*. Na história da Análise do Comportamento brasileira podemos encontrar menções a diferentes textos, nacionais e internacionais, que estiveram presentes no desenvolvimento da área no país. Esses materiais citados na literatura serão apresentados agrupados como *traduções, produções nacionais relevantes e manuais de laboratório*, seguindo uma ordem cronológica. Ressalta-se que um mesmo texto pode ser classificado em mais de uma dessas divisões (e.g., ser um manual de laboratório traduzido).

Dos textos produzidos em língua inglesa que foram, mesmo que informalmente, traduzidos, os primeiros deles identificados foram *The Definition of Psychology: An Introduction to Psychological Systems* (Keller, 1937) (e.g., Carvalho et al., 1998f; Gotti et al., 2021; Guedes et al., 2008; Matos, 1998b); *The psychology curriculum at Columbia College* (Keller & Schoenfeld, 1949) (e.g., Gonçalves et al., 2020); e, o principal deles, *The Principles of Psychology: A Systematic Text in the Science of Behavior* (Keller & Schoenfeld, 1950) (e.g., Cândido, 2017a, 2017b; Cândido & Massimi, 2012; Drachenberg, 1998; Guedes et al., 2006; Guilhardi, 2003; Keller, 1987; Kerbauy, 1998; Matos, 1996, 1998b; Meijas, 1997; Miranda & Cirino, 2010b; Miranda & Strapasson, 2023; Todorov, 1990; Todorov & Hanna,

2010), todos tendo Fred Keller como primeiro autor. Salienta-se que o último desses materiais, tratado também como K&S, é o texto com mais menções. Além disso, Todorov (1990) tem como principal objetivo apresentar o impacto desse texto no Brasil.

Juntamente a K&S, outra importante obra traduzida foi um livro de B. F. Skinner. Nas palavras de Todorov e Hanna (2010):

O livro “Princípios de Psicologia” (Keller & Schoenfeld, 1950/1868) foi um marco na história da Análise do Comportamento, tendo preparado o terreno para “Ciência e Comportamento Humano” (Skinner, 1953/1967). Naturalmente, esses livros foram os primeiros a serem traduzidos para o português. (p. 146)

Outras obras ressaltadas pela literatura, sobretudo por terem sido traduzidas em um momento ainda inicial da área, também são obras de B. F. Skinner. São elas: *Science and Human Behavior* [Ciência e Comportamento Humano] (Skinner, 1953) (e.g., Cândido & Massimi, 2016; De-Farias et al., 2021; Guedes et al., 2006; Hübner & Starling, 2019; Lopes & Laurenti, 2023; Miranda & Strapasson, 2023; Todorov, 1996, 2003b; Todorov & Hanna, 2010; Vasconcelos et al., 2022); *Verbal Behavior* [Comportamento Verbal] (Skinner, 1957) (e.g., Fidalgo & Banaco, 2014; Stamirowski, 1998); e *The Analysis of Behavior: Program for self-instruction* (Holland & Skinner, 1961) (e.g., Alves et al., 2019; Cândido & Massimi, 2016; Guilhardi, 2003; Matos, 1996; Miranda & Strapasson, 2023; Polanco & Miranda, 2014; Souza Júnior et al., 2018). Das três obras, a maior ênfase apresentada na literatura está no CCH, com uma obra que analisa especificamente a sua tradução para o português (i.e., Todorov, 2003b), além de uma Seção Especial em homenagem aos 70 anos da obra, publicada pela Revista *Perspectivas em Análise do Comportamento* (v.14, n.2), tendo dois textos selecionados que versam sobre a história desse texto no Brasil (i.e., Lopes & Laurenti, 2023; Miranda & Strapasson, 2023).

Das produções que tiveram brasileiros como autores, duas publicações são ressaltadas pela literatura como importantes textos, visto que, no momento de suas publicações, a Análise do Comportamento estava ainda no seu início no país. Os textos mencionados são *Suggested Portuguese translations of expressions in operant conditioning* (Azzi, Rocha e Silva, Bori, Fix, & Keller, 1963) (e.g., Guedes et al., 2006; Hübner & Starling, 2019; Miranda & Cirino, 2010b; Miranda & Strapasson, 2023; Todorov, 2003a, 2003b; Todorov & Hanna, 2010) e *Exteroceptive control of response under delayed reinforcement* (Azzi, Fix, Rocha e Silva, & Keller, 1964) (e.g., Todorov, 2003a; Todorov & Hanna, 2010). Outro texto produzido em um momento e contexto histórico distinto que é mencionado na literatura é a *Cartilha de Contracontrole Social* (Sá, 1985) (e.g., Alves & Miranda, 2022; Alves et al., 2022).

Um terceiro tipo de material que é frequentemente mencionado na literatura são os manuais de laboratório. Listados cronologicamente, eles são: *Exercícios de laboratório em Psicologia* (Guidi & Bauermeister, 1968) (e.g., Cândido, 2017a; Cândido & Massimi, 2016; Cirino et al., 2010; Fagundes, 2017b; Gonçalves et al., 2020; Gotti et al., 2021; Miranda & Cirino, 2010b; Miranda et al., 2011); *Análise Experimental do Comportamento: Exercícios de laboratório com pombos* (Kerbaux, 1970) (e.g., Alves et al., 2019; Gonçalves et al., 2020; Miranda & Strapasson, 2023; Miranda et al., 2011; Polanco & Miranda, 2014); *Análise Experimental do Comportamento: Manual de laboratório* (Gomide & Weber, 1985) (e.g., Cirino et al., 2010; Gonçalves et al., 2020; Gotti et al., 2021); *O trabalho de laboratório na formação em Análise Experimental do Comportamento* (Banaco, 1990) (e.g., Cirino et al., 2010; Gonçalves et al., 2020); *A Análise do Comportamento no laboratório didático* (Matos & Tomanari, 2002) (e.g., Cirino et al., 2010; Gonçalves et al., 2020; Gotti et al., 2021; Tomanari, 2005); e *Princípios Básicos de Análise do Comportamento* (Moreira & Medeiros, 2007) (e.g., Moreira, 2022b). Tendo em vista a quantidade de manuais de laboratórios

apresentados nas narrativas analisadas, algumas temáticas emergem, como a *História de Disciplinas: AEC* e *História de Métodos: Laboratório Operante*.

Histórias de Debates

Como apresentada no *Guia Temático*, a *História de Debates* versa sobre controvérsias dentro da área, sobre conceitos, métodos etc. Embora nenhum texto tenha sido classificado nesta categoria, isso não atesta a ausência de narrativas que abordam algumas dessas tensões, muito menos significa que esses conflitos não existam⁷⁵. Uma postura mais cautelosa seria compreender que esses embates, de fato, ainda não foram narrados; ou então que problemas metodológicos ou de vieses desta pesquisa não contemplaram tais narrativas.

Evidencia-se ainda que, a partir da leitura de fontes sobre outras temáticas, como a *História de Disciplinas: AEC*, a *História de Métodos: Laboratório Operante* e a *História de Aparatos: Emuladores de Ratos Virtuais* podemos encontrar análises sobre as tensões em relação ao Laboratório Didático Operante e à ética na utilização de animais em práticas experimentais (e.g., Cirino et al., 2010; Gonçalves et al., 2020; Gotti et al., 2012; Miranda et al., 2011; Strahel et al., 2021). Nas palavras de Cirino et al. (2010), “a discussão sobre o laboratório experimental como recurso didático faz parte das preocupações da área há algum tempo” (p. 16). O debate no campo analítico-comportamental é retratado por Miranda et al. (2011) que dizem:

Entende-se que a utilização de animais no laboratório didático de Análise do Comportamento, para a demonstração e replicação de conceitos previamente conhecidos em aulas teóricas, pode não se sustentar, uma vez que o propósito mencionado nos manuais é passível de ser alcançado por meio de métodos alternativos à experimentação animal. (p. 203)

⁷⁵ Alguns exemplos desses debates são sobre os *eventos privados*, o *controle aversivo*, o *indeterminismo* e até mesmo a própria noção de *comportamento*.

Multiplicidade Temática como Diretriz Historiográfica

Como enunciado, este trabalho objetivou defender a multiplicidade temática como diretriz historiográfica para a História da Análise do Comportamento. Para compreender as implicações de tal tese, precisamos retomar o caráter polissêmico que o conceito *história* carrega. Analisemos então essa pluralidade em três âmbitos: (i) da *historiografia* (produtos/resquícios históricos); (ii) da *prática historiográfica* (fazer historiográfico); (iii) e da *Historiografia* (área do conhecimento que reflete acerca das práticas historiográficas)⁷⁶.

Em uma primeira acepção, a *história* pode ser entendida como os produtos ou resquícios históricos passíveis de serem acessados nos dias atuais. No caso deste trabalho, que teve como foco os produtos escritos, pode-se utilizar também o termo *historiografia*. Como exemplos dessa acepção: “podemos encontrar detalhes sobre Carolina Bori na *historiografia* da Análise do Comportamento”, ou então, “podemos encontrar detalhes sobre Carolina Bori em *textos sobre a história* da Análise do Comportamento”. Poderíamos substituir ainda por *discursos/narrativas históricas*. Ressalta-se, nessa acepção, o caráter passado desses produtos do comportamento verbal, narrativas já acabadas.

Nesse sentido, a multiplicidade temática se configura como diretriz historiográfica na leitura das narrativas históricas que versam sobre a Análise do Comportamento brasileira. Assim, a definição dessas temáticas pode auxiliar o leitor, seja ele um historiador, analista do comportamento ou entusiasta, em uma compreensão mais detalhada dos objetos descritos e analisados na historiografia da área.

Para além de auxiliar o entendimento do texto histórico, as diferentes categorias temáticas também podem servir como ferramenta metodológica, no sentido de auxiliar na identificação das lacunas e incipiências sobre determinados objetos; focalizar uma

⁷⁶ Trataremos das implicações da adoção das categorias temáticas como diretrizes historiográficas no âmbito epistemológico, metodológico e axiológico. Um quarto âmbito poderia ser analisado ainda, o ontológico. Nesse sentido, deveria se considerar a possibilidade de as categorias serem aplicadas à natureza dos eventos históricos. Contudo, a discussão desse âmbito está para além do escopo desta tese.

determinada categoria temática e analisá-la com mais detalhes, buscando as congruências e contradições acerca de um assunto; comparar a forma como as temáticas se interrelacionam, se são mais ou menos narradas etc. Essa compreensão ultrapassa os limites da *história* como um produto finalizado (e.g., texto histórico), mas contempla também a forma como se produz tais narrativas, a *prática historiográfica*.

Nesse sentido, a multiplicidade temática serve de diretriz historiográfica para quem irá produzir narrativas históricas, sejam historiadores ou não. Partindo de definições dessas categorias temáticas, ao produzirem seus textos, autores(as) podem se atentar a fenômenos diversos. Ademais, essa multiplicidade pode auxiliar não somente na escrita de narrativas, mas também no processo de decisão acerca da temática investigada ou, em outras palavras, na própria definição do objeto de pesquisa. A partir de levantamentos que contemplem as incipiências, esquecimentos e contradições específicas das categorias temáticas, uma historiografia ampliada da Análise do Comportamento no Brasil deveria preencher tais lacunas, buscar soluções para essas dissonâncias, trazer luz a questões pouco abordadas etc.

No terceiro âmbito, *história* pode ser tomada como uma área do conhecimento (i.e., História), contemplando tanto os produtos históricos quanto o fazer historiográfico. Abrange também uma subárea, relativa às reflexões acerca da própria área, a *Historiografia*. A partir das proposições desse campo do conhecimento, poderíamos analisar as narrativas históricas e as práticas que as produziram por diferentes vieses historiográficos. Tradicionalmente, a Historiografia reflete sobre as *fontes históricas* utilizadas (e.g., primária, secundária; oral, textual, iconográfica; direta, indireta; cronológica); a *noção de evolução* adotada (e.g., progressista, adaptativa); a *referência temporal* do historiador (e.g., presentista, historicista); a *fonte de mudança* atribuída ao processo histórico (e.g., Grandes Homens, *Zeitgeist*); o *foco de interpretação* utilizado na narrativa (e.g., internalista, externalista).

Para além dessas, outra forma de refletir sobre as narrativas históricas e práticas historiográficas, defendida por este trabalho, é por meio das categorias temáticas. Salienta-se que esta proposta não se contrapõe em nenhum sentido às diferentes análises mencionadas. Pelo contrário, a compreensão das temáticas na interface com propostas historiográficas de análise de fontes, da compreensão das noções de evolução, da referência temporal etc., só enriqueceriam as narrativas e a área como um todo. Dessa forma, compreendemos que a multiplicidade temática não é *suficiente*, porém é *necessária*.

Com isso, precisamos refletir sobre algumas implicações da defesa dessa *multiplicidade temática*, em especial porque alguns textos não apresentam essa pluralidade em suas narrativas. Para tanto, devemos considerar o texto em dois domínios: (i) *texto isoladamente* e (ii) *texto como parte integrante de um todo*. Defender que a multiplicidade temática deve estar presente nas narrativas que versam sobre a história da Análise do Comportamento no Brasil, como um imperativo absoluto, resultaria em alguns problemas.

Analisando um texto de maneira unitária, poderíamos questionar se ele cumpre a proposição desta tese. Nesse sentido, poderíamos verificar se esse texto, mesmo que tenha um foco narrativo principal voltado a uma temática específica, a contempla em suas diferentes interfaces. A resposta negativa a essa questão nos leva, a princípio, a um problema, uma vez que tal conclusão se opõe à tese aqui defendida. Tomemos então um texto isoladamente que tenha um enfoque temático específico, mas que não estabelece interfaces com outras temáticas. Mesmo que ele cumpra seu objetivo ao analisar o objeto em questão, a ausência de intersecções temáticas nessa narrativa resulta em uma compreensão limitada do tema analisado.

Podemos utilizar alguns exemplos para averiguar esses problemas. Uma *História de Instituições* que não apresente intersecções com a *História de Pessoas*, nos diz pouco sobre quem ocupou cargos importantes ao longo dos anos na sua estrutura hierárquica. Ao

desconsiderar, por exemplo, a *História de Processos Sociais*, essa narrativa ignora contingências amplas que fizeram a área se fortalecer em algumas regiões em detrimento de outras (e.g., contexto econômico, político, social). Da mesma forma, uma *História de Debates* será mais ampla se apresentar também nuances da *História de Conceitos* ou da *História de Textos* que permeiam tal embate; uma *História de Métodos* será mais abrangente se contemplar a interface com a *História de Aparatos*; e assim por diante.

Um último exemplo, provavelmente da temática mais impactada por essa característica monotemática, são as *Histórias de Pessoas*. A sua descrição, sem a apresentação de intersecções (e.g., instituições das quais a pessoa participou, tópicos de pesquisa que desenvolveu, eventos em que esteve envolvida, materiais que produziu etc.), se configura pela descrição de características pessoais. Primeiramente, como problema historiográfico, essa narrativa pode recair em uma perspectiva de Grandes Homens⁷⁷. Em segundo lugar, do ponto de vista comportamentalista radical, essa explicação internaliza essas características, descontextualizando-as das relações que viabilizam a sua compreensão.

Ademais, tendo em vista que o objetivo deste trabalho está voltado à História de uma Escola de Psicologia (i.e., História da Análise do Comportamento no Brasil), a multiplicidade temática, até mesmo no domínio de um *texto isolado*, é fundamental para que se compreenda de forma mais abrangente não somente a história da temática específica, mas também a história da Análise do Comportamento brasileira. Entretanto, ainda que um texto em particular não apresente uma narrativa multitemática, trazendo fragilidades e uma compreensão limitada de seu objeto, esse não é um problema em definitivo. Isso porque

⁷⁷ Ressalta-se que parece haver uma sobreposição entre narrativas que tem por objeto exclusivamente a *História de Pessoas* e a abordagem de Grandes Homens. Contudo, apresentar uma narrativa multitemática não garante que esse problema seja resolvido, pois as diversas intersecções não excluem a possibilidade dessas narrativas terem a função de exaltar uma pessoa. Inclusive, a menção a diferentes temáticas pode cumprir justamente a função de engrandecer a pessoa analisada pelo texto.

textos não devem ser tomados apenas de forma isolada, mas sim como *parte integrante de um todo* (i.e., da historiografia da área).

Na esteira desse argumento, se a literatura sobre a história da Análise do Comportamento no Brasil contemplar, ainda que de maneira isolada, as diversas categorias (i.e., textos exclusivamente sobre a *História de Pessoas*, textos unicamente sobre a *História de Conceitos*, textos somente acerca dessa *História de Instituições* etc.), poderemos dizer que a História da Escola Psicológica apresenta nuances de uma historiografia ampliada. Contudo, essa historiografia será mais frágil e menos abrangente do que uma historiografia que não seja apenas multitemática no todo, mas que as partes que a compõem também o sejam.

Por outro lado, se a historiografia da área abordar diversas categorias em sua totalidade, mas apresentar uma minoria dos temas como linhas narrativas principais, enquanto menciona a maioria das outras temáticas apenas tangencialmente, ela também terá fragilidades. Esses outros temas, apresentados de forma tangencial, ainda que estejam presentes e cumpram parte da função de tornar a historiografia da área mais ampla, não são de fato analisados na sua própria complexidade.

Por exemplo, o *texto A* tem como principal temática a *História de Pessoas: João Cláudio Todorov*, além de passar rapidamente por outras temáticas, como *História de Instituições: USP-RP*, *História de Tópicos de Pesquisa: Estudos Culturais*, *História de Eventos: Curso de Keller em 1961*. Seguindo o mesmo padrão, o *texto B* narra a história de João Cláudio Todorov, apresentando brevemente outras temáticas (e.g., *História de Instituições: UnB*, *História de Disciplinas: AEC*, *História de Eventos: Plano de Brasília*). Similarmente, o *texto C* aborda objetos tangencialmente para versar sobre João Cláudio (e.g., *História de Disciplinas: AEC*, *História de Eventos: Curso de Keller em 1961*). Continuamos com diversos outros textos que seguem essa mesma lógica (e.g., *texto D*, *Texto E*, *texto F* ...).

Nesse exemplo, podemos dizer que, em relação à *História de Pessoas*, a historiografia da área contempla João Cláudio de uma perspectiva ampliada. Entretanto, do ponto de vista da *História de Instituições*, da *História de Disciplinas*, da *História de Tópicos de Pesquisa* e da *História de Eventos*, ainda faltariam narrativas complementares para que se pudesse entender, por exemplo, os acontecimentos relativos à *USP-RP*, à *UnB*, à *AEC*, aos *Estudos Culturais*, ao *Curso de Keller em 1961* e ao *Plano de Brasília*. A partir desse exemplo, é plausível questionarmos se uma historiografia que se configure dessa forma seria de fato ampliada.

Dessa forma, a multiplicidade temática defendida como diretriz historiográfica nesta tese deve ser situada em diferentes níveis. Além de ser contextualizado em seu próprio domínio (i.e., apresentação de intersecções temáticas por uma mesma narrativa), um texto também deve ser entendido em relação aos outros textos sobre a história da área (e.g., as principais temáticas analisadas pelos diferentes textos, as temáticas incipientes na historiografia da área, as ausências temáticas). Ademais, uma historiografia ampliada deveria buscar examinar o máximo de temáticas possíveis como objetos centrais, e não apenas mencioná-los tangencialmente. Assim, para além de uma análise do particular para o geral, também devemos examinar temáticas que parecem ser contempladas no todo, analisando *se e como* elas são apresentadas na historiografia da área de forma mais específica.

A partir dessas reflexões, podemos sair do campo dos exemplos genéricos e analisar amostras da literatura selecionada. Elegendo a *História de Textos*, podemos analisá-la com base no debate realizado até aqui. De um ponto de vista ampliado, observamos diversos *textos* mencionados nas narrativas acerca dos mais diferentes temas, desde *História de Pessoas*, passando pela *História de Disciplinas*, pela *História de Eventos* etc. (e.g., Alves et al., 2019; Cândido & Massimi, 2016; Gonçalves et al., 2020; Guedes et al., 2006; Guilhardi, 2003; Matos, 1996, 1998b; Todorov & Hanna, 2010).

Além disso, observou-se ainda uma pluralidade em relação à quantidade de *textos* mencionados (e.g., Análise Experimental do Comportamento: Exercícios de laboratório com pombos; Cartilha de Contracontrole Social; *Suggested Portuguese translations of expressions in operant conditioning*; *The Analysis of Behavior*; *The Definition of Psychology: An Introduction to Psychological Systems*; *The Principles of Psychology*). Nesse sentido, olhando para a historiografia da Análise do Comportamento no Brasil, podemos dizer que as narrativas sobre outras temáticas que exploram a interface com a *História de Textos* estabelecem um ponto de vista ampliado dos seus objetos de investigação.

Para além dessa contextualização geral, podemos analisar essa categoria temática de maneira mais particular, olhando para os materiais que a analisam de forma primária. Quatro textos selecionados apresentam *textos* como objetos centrais de estudo (i.e., Lopes & Laurenti, 2023; Miranda & Strapasson, 2023; Todorov, 1990, 2003b).

Um desses materiais narra a *História de Textos: K&S* (i.e., Todorov, 1990). Partindo de um ponto de vista pessoal, de quem participou da institucionalização da área no país, o autor descreve a importância do livro de Keller e Schoenfeld (1950) para o estabelecimento da Análise do Comportamento no Brasil. Ainda que em uma narrativa breve, que apresenta na seção de referências apenas o próprio livro K&S, Todorov (1990) constrói uma narrativa que perpassa outras temáticas, como *Histórias de Pessoas: Carolina Martuscelli Bori, Dora Fix Ventura, Fred Simmons Keller, João Cláudio Todorov, John Gilmour Sherman, Maria Amélia Matos, Rodolpho Azzi*; *Histórias de Instituições: UnB, USP*; *História de Disciplinas: AEC*; *História de Eventos: Curso de Keller em 1961*.

Outros três materiais discorreram acerca da *História de Textos: CCH*. O primeiro deles foi escrito por Todorov (2003b), que realizou a tradução, sob supervisão de Rodolpho Azzi. Já os outros dois materiais foram veiculados em 2023, devido aos 70 anos da publicação original (i.e., Lopes & Laurenti, 2023; Miranda & Strapasson, 2023). Com uma

multiplicidade temática maior do que ele apresentou na narrativa sobre K&S, Todorov (2003b) passa por algumas temáticas para contar sobre o CCH. Como exemplo, algumas intersecções são *Histórias de Pessoas: Carolina Martuscelli Bori, Fred Simmons Keller, João Cláudio Todorov, John Gilmour Sherman, Robert Berryman, Rodolpho Azzi*; *Histórias de Instituições: UnB, USP*; *História de Disciplinas: AEC*; *História de Tópicos de Pesquisa: Programação de Ensino*; *História de Eventos: Curso de Keller em 1961*; *Histórias de Processos Sociais: Cenário de Desenvolvimento Educacional, Ditadura Militar*.

Dos materiais publicados em função dos 70 anos do CCH, um dos textos analisa aspectos relativos à tradução brasileira. Embora Lopes e Laurenti (2023) tenham analisado mais propriamente aspectos filosóficos da tradução, os autores apresentam uma introdução sobre a *História de Textos: CCH*. Para tanto, percorrem outros temas para compor essa narrativa, como *Histórias de Pessoas: João Cláudio Todorov, Rodolpho Azzi*; *História de Instituições: UnB*; *História de Eventos: Plano de Brasília*; *História de Processos Sociais: Ditadura Militar*.

Por fim, o último texto é de Miranda e Strapasson (2023). Mais amplo do que as narrativas anteriores, o texto abordou o contexto inicial da Análise do Comportamento no Brasil, no qual o CCH começou a circular e auxiliou na formação dos primeiros analistas do comportamento no país. Os autores dividem a apresentação em dois principais momentos. Primeiro, no subtópico intitulado *Recepcionando a Análise do Comportamento (1961-1962)*, são apresentadas algumas intersecções com a *História de Eventos: Curso de Keller em 1961*. Já um segundo momento é intitulado como *Circulando a Análise do Comportamento (1962-1965)*, que foi denominado nesta tese de *História de Eventos: Plano de Brasília*.

Para além da menção tangencial desses temas, eles são explorados a partir da interrelação com diferentes temáticas, como outras *Histórias de Textos: K&S, The Analysis of Behavior*. Além dessas, Miranda e Strapasson (2023) também perpassam *Histórias de*

Pessoas: Carolina Martuscelli Bori, Darcy Ribeiro, Fred Simmons Keller, Hélio José Guilhardi, João Cláudio Todorov, John Gilmour Sherman, Luiz Marcellino de Oliveira, Luiz Otávio de Seixas Queiroz, Myrthes Rodrigues do Prato, Paulo Sawaya, Rachel Kerbauy, Rodolpho Azzi; Histórias de Instituições: UnB, USP; História de Disciplinas: AEC; História de Aparatos: Caixa Operante; Histórias de Processos Sociais: Cenário de Desenvolvimento Educacional, Ditadura Militar, Regulamentação da Psicologia.

Olhando então apenas para a *História de Textos*, podemos concluir que as narrativas escritas contemplam o seu objeto de forma ampliada, se amparando em outras temáticas para construir uma narrativa composta por diferentes nuances do *texto* analisado. Ao mesmo tempo, também vemos que poucos são os *textos* tomados como objeto de análise (i.e., K&S e CCH). Nesse sentido, os outros textos mencionados brevemente na historiografia também poderiam ser analisados como objetos centrais, mantendo esse caráter ampliado já estabelecido pelas narrativas sobre essa categoria temática.

Uma segunda temática a ser analisada é a *História de Instituições*, um dos temas mais tomados como foco central pelas narrativas selecionadas. Dentre os diferentes tipos de instituições, as mais examinadas foram as *Universidades*, seguidas pelas *Associações/Sociedades*, depois pelos *Periódicos* e, por fim, pelos *Grupos de Estudo/Trabalho/Pesquisa*, sendo que essas narrativas se configuram em diferentes formas.

Uma característica relevante pode ser observada por meio da relação entre o objeto principal descrito na narrativa, o veículo de publicação e a instituição que publicou o material, que nos dá indícios acerca da função que essas narrativas exercem. Podemos encontrar editoriais que apresentam breves narrativas sobre a história da instituição, muitos deles marcando datas comemorativas para a instituição pela qual a publicação está sendo veiculada (e.g., Amaral, 2009; Cirino, 2006; Kerbauy, 2001; Martone, 2010; Ramozzi-Chiarottino, 2016).

Comumente, os periódicos veiculam materiais que contam a sua própria história, seja por ocupantes de cargos hierárquicos ou membros proeminentes ligados àquela instituição (e.g., Botomé, 2006, 2017; Hübner, 2006; Windholz, 2017). Por exemplo, narrativas acerca da história da RBTCC, da ABPMC e do Boletim Contexto são veiculadas pela própria *RBTCC* (e.g., Amaral, 2009; Assaz et al., 2022; Botomé, 2006, 2017; Hübner, 2006; Kerbauy, 2001; Tourinho, 2006; Windholz, 2017); as narrativas sobre a PUC-SP e seu PPG pela *Behaviors: Ciência Básica e Ciência Aplicada* (e.g., Andery, 2004; Andery et al., 2005; Felício et al., 2009; Marinho, 2020); a narrativa sobre a *Psicologia USP* foi veiculada no próprio periódico (e.g., Ramozzi-Chiarottino, 2016).

É importante marcar que essa vinculação com a instituição não restringe necessariamente a abrangência temática que a narrativa irá explorar. Entretanto, o enfoque que esses textos trazem circunscreve, até certo ponto, a multiplicidade da temática principal a ela própria. Por exemplo, ainda que uma narrativa sobre a *História de Instituições* apresente intersecções com outras temáticas (e.g., *História de Pessoas*, *História de Disciplinas*), elas tendem a não mencionar *Histórias de Instituições* que não são diretamente relacionadas a ela.

Temos também narrativas com o foco principal em *Histórias de Instituições* que buscam, por meio de práticas historiográficas, investigar uma ou mais instituições (e.g., Cândido, 2017a; Guedes et al., 2005, 2007; Micheletto et al., 2004; Strapasson et al., 2017; Torres et al., 2020). Nesses casos, podemos observar uma grande multiplicidade temática apresentada por esses materiais.

Alguns exemplos podem ser elencados. Primeiramente, Guedes et al. (2007), ao descreverem a importância da ABPMC para a consolidação da Análise do Comportamento no Brasil, passam por diferentes outras temáticas (e.g., *História de Pessoas*, *História de Instituições*, *História de Disciplinas*, *História de Eventos*). Além da multiplicidade temática, ressalta-se também a diversidade de recursos utilizados na narrativa para apresentar as

intersecções, tais como tabelas que expõem os ocupantes de cargos institucionais. Não somente uma *História de Instituições: ABPMC* em si, também são apresentados dados sobre a RBTCC, Sobre Comportamento e Cognição e alguns eventos organizados pela instituição, bem como os editores do periódico, os organizadores da coletânea. Além disso, são analisados os conteúdos expostos nesses veículos.

Outro material que apresenta uma perspectiva ampla do seu objeto é o texto de Cândido (2017a). Ao construir uma narrativa sobre a *História de Instituições: FFCL-Rio Claro*, o autor discorre sobre muitas outras temáticas tangenciais, expandindo a compreensão de contingências sutis relacionadas ao seu objeto. Algumas das categorias apresentadas são *Histórias de Pessoas: Andrés Aguirre, Carolina Martuscelli Bori, Fred Simmons Keller, Geraldina Witter, Herma Drachenberg, Isaías Pessotti, John Gilmour Sherman, Luiz Marcellino de Oliveira, Maria Amélia Matos, Nilce Mejias, Rodolpho Azzi; Histórias de Instituições: UnB, USP, USP-RP; História de Disciplinas: AEC; História de Tópicos de Pesquisa: Programação de Ensino; Histórias de Eventos: Curso de Keller em 1961, Plano de Brasília; Histórias de Processos Sociais: Cenário de Desenvolvimento Educacional, Ditadura Militar; Histórias de Textos: Exercícios de laboratório em Psicologia, K&S, The Analysis of Behavior; Histórias de Aparatos: Caixa Operante, Registrador Cumulativo; História de Métodos: Procedimentos com Abelhas*. Evidencia-se também que são utilizadas diferentes ferramentas na constituição da narrativa, como a apresentação de um trecho escaneado de uma carta e uma foto de uma câmara operante para abelhas.

Um terceiro exemplo de uma narrativa ampliada é Torres et al. (2020). Ao descreverem a *História de Instituições: AMC*, para além de aspectos estritamente relativos à Associação, os autores passam por múltiplas temáticas. Algumas delas são *Histórias de Pessoas: Carolina Martuscelli Bori, Charles Ferster, Donald Baer, Fred Simmons Keller, Gary Martin, Hélio Guilhardi, João Cláudio Todorov, John Gilmour Sherman, Luiz Otávio*

de Seixas Queiroz, Maria Amélia Matos, Rodolpho Azzi, Rachel Rodrigues Kerbauy, Sérgio Luna; Histórias de Instituições: FFCL-Rio Claro, Modificação do Comportamento, PUC-Campinas, PUC-SP, SBP, SPRP, UnB, USP, USP-RP; Histórias de Disciplinas: ACA, AEC; História de Tópicos de Pesquisa: Programação de Ensino; Histórias de Eventos: Curso de Keller em 1961, Plano de Brasília; Histórias de Processos Sociais: Ditadura Militar, Questões de Gênero, Regulamentação da Psicologia. Assim como os dois exemplos anteriores, Torres et al. (2020) também utilizam diversas ferramentas historiográficas para compor a narrativa.

Antes de passar propriamente para a análise do próximo exemplo, que será a *História de Pessoas*, podemos analisar uma interface entre essa temática e a *História de Instituições*. Como enunciado, as instituições tendem a veicular narrativas que contam as suas próprias histórias. Nesse sentido, muitos desses materiais, como podemos observar nos exemplos acima, contemplam *Histórias de Pessoas*. Evidenciam-se, sobretudo, as homenagens à Carolina Bori pela *Psicologia USP*; à Fred Keller pela *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, periódico veiculado pela UnB, instituição em que ele teve uma importante participação; à João Cláudio Todorov pela *ReBAC*, periódico criado por ele.

Tomemos como exemplo, então, a *História de Pessoas*, a categoria mais abordada. De um ponto de vista geral, a literatura menciona muitas pessoas brevemente (ver Lista 2), em intersecção com todas as outras temáticas. Tendo em vista que são os indivíduos que se comportam (Skinner, 1953/1965), não os grupos, as instituições, os textos etc., podemos compreender a presença de pessoas envolvidas com os mais diferentes objetos. Em outras palavras, os conceitos foram estudados, as instituições criadas, as disciplinas ministradas, os tópicos de pesquisa investigados, os aparatos construídos, os textos escritos, todos por pessoas.

Olhando mais especificamente para esses textos, além de permear outras temáticas, a *História de Pessoas* também é tomada como foco central por mais do que a metade dos materiais selecionados (52,7%), sendo que 17 pessoas foram foco de uma ou mais narrativas⁷⁸. Devido à quantidade de narrativas sobre Carolina Bori, ela será tomada como o principal exemplo dessa categoria.

Uma amostra da importância de contextualizar o texto, e não o analisar de forma unitária, está em algumas das narrativas acerca de Carolina Bori, na homenagem publicada pela *Psicologia USP*. Isso porque alguns dos textos que não apresentam tantas intersecções com outras temáticas da História da Análise do Comportamento no Brasil de fato não tinham essa função. Caracterizados como *História de Pessoas*, alguns dos textos nem foram escritos por analistas do comportamento. Nesse sentido, os(as) autores(as) objetivavam narrar diferentes aspectos de Carolina Bori, enfoques importantes para a compreensão da pessoa como um todo, mas sem qualquer compromisso com a prática de uma história ampliada sobre a Análise do Comportamento (e.g., Ab'Saber, 1998; Almeida, 1998; Barros, 1998; Magaldi, 1998; Mello, 1998; Ormastroni, 1998; Queiroz, 1998; Sala, 1998). Tais textos apresentam a *História de Pessoas: Carolina Bori* na interface com a *História de Processos Sociais: Reforma Universitária* e com a *História de Instituições: SBPC*.

Por outro lado, a homenagem também é constituída por narrativas amplas, que perpassam outras diferentes temáticas. Ressalta-se que tais narrativas foram escritas por proeminentes membros da comunidade analítico-comportamental e que estabeleceram relações diretas com Carolina Bori. Apresentaremos três textos que se enquadram nessa descrição. Drachenberg (1998), por exemplo, ao narrar a *História de Pessoas: Carolina Bori*,

⁷⁸ Carolina Martuscelli Bori [67], João Cláudio Todorov [22], Fred Simmons Keller [11], Maria Amélia Matos [5], Isaias Pessotti [4], José Antônio Damásio Abib [3], Luiz Marcellino de Oliveira [3], Elenice Aparecida Moraes Ferrari [2], Luiz Otávio de Seixas Queiroz [2], Margarida Hofmann Windholz [2], Celso Pereira de Sá [1], Lígia Maria de Castro Marcondes Machado [1], Lincoln da Silva Gimenes [1], Marcelo Beckert [1], Maria Helena Leite Hunziker [1], Maria Teresa Araujo Silva [1] e Rodolpho Azzi [1].

passa por *Histórias de outras Pessoas*; *Histórias de Instituições: FFCL-Rio Claro, PUC-SP, UnB*; *História de Disciplinas: AEC*; *História de Tópicos de Pesquisa: Programação de Ensino*; *História de Processos Sociais: Ditadura Militar*; *Histórias de Aparatos*; *História de Textos: K&S*.

No segundo exemplo, Kerbauy (1998) aborda interfaces com *Histórias de outras Pessoas*; *História de Instituições: UnB*; *História de Disciplinas: AEC*; *História de Tópicos de Pesquisa: Programação de Ensino*; *Histórias de Eventos: Curso de Keller em 1961, Plano de Brasília*; *História de Textos: K&S*. Por sua vez, no terceiro exemplo, Matos (1998a) apresenta múltiplas temáticas ao versar sobre Carolina Bori, dentre elas, *Histórias de outras Pessoas*; *Histórias de Instituições: FFCL-Rio Claro, USP, UnB*; *História de Disciplinas: AEC*; *História de Tópicos de Pesquisa: Programação de Ensino*; *História de Processos Sociais: Regulamentação da Psicologia*.

Nesse sentido, podemos entender que tais narrativas contemplam Carolina Bori de forma ampliada, tal qual defendido neste trabalho. Ademais, para além da multiplicidade temática, esses materiais também devem ser examinados a partir de outros critérios historiográficos. A fim de exemplo, investigações que busquem compreender quais as fontes utilizadas por tais narrativas auxiliariam na elucidação de aspectos importantes desses textos.

Seguindo o padrão das categorias temáticas anteriormente exploradas, as *Histórias de Pessoas* também são produtos de práticas historiográficas. Outros quatro exemplos serão aqui mencionados. Primeiramente, Guedes (1998) apresenta uma narrativa sobre Carolina Bori. Para tanto, a autora discorre também acerca de *Histórias de outras Pessoas*; *Histórias de Instituições: IBECC, PUC-SP, SBP, SBPC, SPRP, UnB*; *História de Disciplinas: AEC*; *História de Tópicos de Pesquisa: Programação de Ensino*; *História de Eventos: Plano de Brasília*; *História de Processos Sociais: Ditadura Militar*. Além de multitemático, o texto de Guedes (1998) ainda exhibe fotografias como um recurso narrativo.

Dois outros textos são de Cândido e Massimi (2012, 2016). Ambos versando acerca de Carolina Bori na década de 1950 e início da década de 1960, os autores abordam uma pluralidade de temas nas narrativas. Cândido e Massimi (2012) exploram: *Histórias de outras Pessoas*; *Histórias de Instituições: FFCL-Rio Claro, SBPC, USP, UnB*; *História de Disciplinas: AEC*; *História de Tópicos de Pesquisa: Programação de Ensino*; *Histórias de Eventos: Curso de Keller em 1961, Plano de Brasília*; *Histórias de Processos Sociais: Ditadura Militar, Regulamentação da Psicologia*; *História de Aparatos: Caixa Operante*; *História de Textos: K&S*. Por sua vez, Cândido e Massimi (2016) discorrem sobre *Histórias de outras Pessoas*; *Histórias de Instituições: FFCL-Rio Claro, USP, UnB*; *História de Disciplinas: AEC*; *História de Tópicos de Pesquisa: Programação de Ensino*; *Histórias de Eventos: Curso de Keller em 1961, Plano de Brasília*; *Histórias de Processos Sociais: Cenário de Desenvolvimento Educacional, Ditadura Militar, Regulamentação da Psicologia*; *História de Aparatos: Caixa Operante*; *História de Métodos: Procedimentos com Abelhas*; *Histórias de Textos: CCH, Exercícios de laboratório em Psicologia, The Analysis of Behavior*.

Poderíamos ainda fazer o mesmo movimento anterior e olhar para cada uma das pessoas que foram tomadas como foco central de narrativas. Olhando especificamente para os textos, encontramos narrativas monotemáticas, que circunscrevem as descrições a características pessoais, como a homenagem a Fred Keller (e.g., Pessotti, 1996); a João Cláudio Todorov (e.g., Casalecchi, 2022; Eckerman, 2022); e a Maria Amélia Matos (e.g., Assis et al., 2005). Em contrapartida, podemos encontrar histórias multitemáticas acerca de outras pessoas, como Celso Pereira de Sá (e.g., Alves & Miranda, 2022); Luiz Marcellino de Oliveira (e.g., Peron et al., 2015); e Luiz Otávio de Seixas Queiroz (e.g., Batista et al., 2005).

Tomando agora a *História de Eventos: Curso de Keller em 1961* como exemplo, temos um dos temas mais mencionados na literatura. Alusões a essa temática podem ser

encontradas em textos que apenas evocam o evento para estabelecer o início da Análise do Comportamento no país (e.g., Feitosa, 2005; Hanna et al., 2022; Kienen et al., 2021; Todorov, 2003a), até narrativas que, mesmo tendo outro objeto como foco, discorrem com mais detalhes sobre os acontecimentos estipulados como *Curso de Keller* (e.g., Bori, 1996; Hunziker, 1998; Keller, 1996a; Matos, 1996, 1998b; Miranda & Strapasson, 2023; Todorov, 2006; Todorov & Hanna, 2010).

Nesse sentido, tendo em vista a quantidade de textos que mencionam esse evento, poderíamos dizer que a historiografia da Análise do Comportamento brasileira contempla a *História de Eventos: Curso de Keller em 1961*. Contudo, nenhuma das narrativas selecionadas têm como foco central esse objeto. Mencionadas tangencialmente, essas informações esparsas, muitas vezes, se contradizem ou são imprecisas. Dessa forma, enfatiza-se a necessidade não somente de breves menções sobre uma temática, mas análises consistentes que explorem as nuances desse objeto, também o relacionando com outros temas.

O entendimento acerca da incipiência de narrativas sobre esse evento nos permite traçar possíveis caminhos que busquem preencher tais lacunas. Por exemplo, solucionando discrepâncias sobre os papéis executados pelos participantes; mencionando com mais precisão os envolvidos no *Curso*; expandindo as fontes tradicionalmente utilizadas (e.g., recuperando documentos institucionais).

Uma última temática a ser analisada será a *História de Processo Sociais*. Mais especificamente, um subtópico dessa temática que é mencionado em muitos textos. Embora a *História de Processo Sociais: Ditadura Militar* esteja presente em interface com as mais diferentes temáticas, não foram selecionados textos que examinassem especificamente esse objeto. A ampliação da compreensão acerca desse tema por meio de investigações centralizadas nele, auxiliaria também no entendimento de outros temas diretamente ligados a ele.

Por exemplo, investigações centralizadas nesse processo social enriqueceriam o conhecimento que temos da *Diáspora da Análise do Comportamento*, processo de *difusão* da área para diferentes regiões do país. Nesse sentido, outras temáticas tangenciais à *Diáspora* também se beneficiariam dessa ampliação. Investigações que contemplassem essa interface favoreceriam a História da Análise do Comportamento no Brasil, elucidando, por exemplo, a trajetória de pessoas que sofreram perseguição por parte da ditadura militar; as Universidades que sofreram ingerências e também que receberam essas pessoas perseguidas; os eventos afetados por tal processo social etc. Uma análise sobre a *História de Processos Sociais: Ditadura Militar* que a contemplasse de forma multitemática poderia auxiliar em uma compreensão de outros temas. Por exemplo, poderíamos expandir o que sabemos sobre a *História de Pessoas: Rodolpho Azzi*; sobre a *História de Instituições: UEL*⁷⁹, *UFPA*; sobre a *História de Eventos: Plano de Brasília*.

À guisa de conclusão, devemos olhar para a proposta da *multiplicidade temática* atentando-nos a algumas questões. Primeiramente, podemos examinar um texto em relação à *centralidade* ou *tangencialidade* de um tema. Em segundo lugar, podemos examinar o enfoque de um tema no domínio do *próprio texto* ou contextualizar uma temática como *parte de um todo*.

Compreender se um tema é central ou tangencial em um texto favorece o entendimento de quais são as intersecções apresentadas. A partir da elucidação do tema enfocado, podemos elencar outra(s) temática(s) perpassada(s) pela narrativa, bem como a ausência dessa(s) interrelação(ões). Os textos que apresentam intersecções entre um tema

⁷⁹ Embora não tenha sido contemplada nesta tese por ter sido publicada recentemente, uma narrativa sobre a história da Análise do Comportamento na Universidade Estadual de Londrina foi encontrada (Souza et al., 2024). Tal narrativa pode ser delimitada entre a *História de Instituições: UEL* e a *História de Processos Sociais: Questões de Gênero*. Nesse sentido, para os fins do argumento em questão, narrativas sobre a *História de Instituições: UEL* que apresentem a interface com a *História de Processos Sociais: Ditadura Militar* seriam necessárias e complementares para uma melhor compreensão da *História de Processos Sociais: Diáspora da Análise do Comportamento*.

principal e outras temáticas tangenciais podem, então, ser considerados multitemáticos. Essa análise considera o texto em seu próprio domínio.

No entanto, podemos considerar essa centralidade ou tangencialidade de uma temática também no domínio do texto como parte de um todo. Nesse caso, as temáticas narradas pelos diversos textos precisam ser avaliadas em termos de quais são aquelas contempladas de forma central e/ou tangencial. Essa ponderação deve levar em conta não somente as menções a um determinado objeto, mas também as análises que o tomam como foco. Dessa forma, mesmo que um tema seja muito aludido na literatura, se as menções forem apenas tangenciais, esse tema específico precisaria de mais investigações para ser melhor compreendido. Ademais, temáticas muito exploradas, mas que tomam como foco poucos objetos também precisariam ser expandidas, explorando subtópicos ainda incipientes.

Por fim, a multiplicidade temática pode ser uma diretriz historiográfica para a Análise do Comportamento na medida em que auxilia na identificação de lacunas, incipiências, contradições, permitindo que investigações possam preenchê-las e discuti-las. Assim, narrativas que se complementam, se interrelacionam, favorecem com que os diferentes temas sejam compreendidos de forma plural. Para tanto, esse entendimento é possibilitado a partir de narrativas multitemáticas que articulem diferentes fenômenos, evidenciando importantes relações para a sua compreensão, que, de outro modo, não estariam facilmente acessíveis aos interessados na história da Análise do Comportamento no Brasil.

Considerações Finais

Tomando como ponto de partida o *Guia Temático*, as categorias foram utilizadas na análise de uma amostra da literatura sobre história da Análise do Comportamento no Brasil. A partir desse procedimento, foi possível observar que algumas narrativas apresentam seus objetos interrelacionados com diferentes temas, enquanto outras restringem o foco narrativo a uma ou poucas temáticas.

Das 11 temáticas abordadas neste capítulo, pudemos identificar que todas são ao menos mencionadas na historiografia da área. Alguns desses temas são mais recorrentemente tomados como foco de investigação. Esses são os casos das *Histórias de Pessoas*, *Histórias de Tópicos de Pesquisa*, *Histórias de Instituições*, *Histórias de Disciplinas* e *Histórias de Métodos*. Por outro lado, observamos que embora não sejam tomadas como objeto central de análise, outras temáticas são usualmente evocadas em narrativas sobre a história da área, como é o caso da *História de Eventos: Curso de Keller em 1961* e da *História de Eventos: Plano de Brasília*.

De todas as temáticas, a que chama mais a atenção é a *História de Pessoas*. A discrepância entre a quantidade de textos identificada nessa categoria com o restante dos temas mostra uma tendência de a história da Análise do Comportamento brasileira ser narrada por meio de um olhar biográfico. Quando olhamos para as pessoas que têm suas histórias contadas, podemos verificar que poucos são os indivíduos focalizados. As narrativas sobre Carolina Bori, João Cláudio Todorov e Fred Keller constituem mais de três quartos das *Histórias de Pessoas*.

As definições do *Guia* serviram não apenas como controle de estímulos na identificação dos objetos principais dos textos, mas também na identificação dos temas secundários e, conseqüentemente, das intersecções temáticas apresentadas. Essa intersecção das categorias nos indica relações entre diferentes pessoas, fenômenos, acontecimentos. Por

exemplo, Carolina Bori e João Cláudio Todorov estão presentes em praticamente todas as outras temáticas, enquanto Fred Keller é mencionado nos primeiros eventos ocorridos na década de 1960 e na Programação de Ensino.

A partir da leitura e análise da historiografia, percebemos que narrativas que apresentam uma multiplicidade temática facilitam a compreensão dos acontecimentos históricos. Essa diversidade de temas ajuda o leitor a contextualizar o objeto analisado para além dele mesmo. Além dessa pluralidade de temas em uma mesma narrativa, argumentamos que a multiplicidade deve estar presente também na historiografia da área como um todo, buscando sempre expandir os diferentes objetos historiografados.

Ademais, entendemos que a proposição de categorias temáticas apresenta certas limitações. Primeiramente, as categorias aqui apresentadas não devem ser tomadas de forma rígida e inflexível, ignorando as nuances e complexidades apresentadas nos textos históricos. Nesse sentido, marcamos a importância de debates sobre as definições apresentadas, buscando um refinamento de tais proposições, reestruturações e reagrupamentos; adição de novos temas etc.

Ressaltamos também que há um certo nível de arbitrariedade nas classificações dos objetos nessas temáticas. Por exemplo, alguns temas são mais facilmente distinguidos entre si, embora tenham intersecções (e.g., *História de Disciplinas: AEC* e *História de Aparatos: Caixa Operante*; *Histórias de Tópicos de Pesquisa: Controle Aversivo* e *História de Pessoas: Maria Amélia Matos*). Por outro lado, algumas das temáticas foram apresentadas separadamente, mas se sobrepõem em muitos aspectos, podendo até mesmo argumentar-se que elas compõem um mesmo fenômeno (e.g., *História de Disciplinas: AEC* e *História de Métodos: Laboratório Operante*; *História de Tópicos de Pesquisa: Programação de Ensino* e *História de Eventos: Plano de Brasília*).

Tendo isso em vista, salientamos que a divisão temática aqui apresentada, sobretudo das subcategorias, não tem a pretensão de estabelecer uma nomenclatura absoluta para os fenômenos, mas sim agrupar diferentes acontecimentos narrados de forma a facilitar a compreensão do processo histórico da Análise do Comportamento no Brasil. Como constructo teórico, tais categorias não são parâmetros definitivos de conceituação. Assim, o debate sobre esse arranjo certamente refinaria tais agrupamentos, abrindo o flanco para novas compreensões desses fenômenos.

Outro aspecto importante em relação às definições é a necessidade constante de sua revisão. Por exemplo, com o advento das mídias digitais, eventos, debates, conceituações etc., podem ser realizados virtualmente (e.g., videoconferência), tornando possível uma categoria que analise outras formas de narrativas que estão para além da *História de Textos*.

Essa ampliação da categoria para além de fontes textuais pode ser aplicada ao próprio método desta pesquisa, uma vez que foram contemplados apenas materiais escritos. Entretanto, entendemos também que essa é a forma pela qual a história da Análise do Comportamento é mais divulgada. Com uma forte tradição científica, a área tende a contar a sua história por meio dessas publicações.

Para além de trabalhos historiográficos que busquem debater as categorias temáticas propostas, também são fundamentais investigações que analisem com mais especificidade as narrativas sobre cada uma das categorias. Assim, salientamos a importância de trabalhos que sistematizem essas temáticas, apresentando o nome de pessoas, instituições, tópicos de pesquisa, aparatos etc. Pesquisas sob controle de uma única temática poderiam analisar nuances que certamente não foram contempladas nesta pesquisa, devido ao seu escopo amplo.

Como exemplo, a coletânea de livros com autobiografias de analistas do comportamento brasileiros, *História da Análise do Comportamento no Brasil em Autobiografias*, pode auxiliar o pesquisador na identificação de importantes pessoas para a

área. A consulta, por exemplo, aos índices remissivos dessas obras amplia ainda mais essa possibilidade. Assim como as Listas 2 e 3 desta tese, a sistematização das temáticas pode auxiliar, por meio da nomeação dos objetos, que os pesquisadores tenham ao menos um ponto de partida mais consistente. Dessa forma, podemos compreender que definições temáticas, bem como a nomeação de objetos, podem servir como controle de estímulos para o leitor e também pesquisador interessado na história da Análise do Comportamento.

Para além do caráter multitemático defendido nesta tese, realçamos a necessidade de debates historiográficos complementares sobre as narrativas. Ainda que o entrelaçamento temático possibilite uma melhor compreensão do fenômeno descrito, essa multiplicidade não garante que a narrativa seja construída de acordo com outros critérios historiográficos. Afinal, como defendido anteriormente, a multiplicidade temática é necessária, porém não é suficiente. A título de exemplo, uma narrativa pode ser multitemática, mas só trabalhar com fontes indiretas, secundárias; recorrer a diversas temáticas para exaltar uma pessoa; versar acerca de um progresso intrínseco e necessário de um objeto etc.

Dessa forma, um esforço historiográfico coletivo, que contemple diferentes estratégias, pode nos dar parâmetros mais consistentes sobre os fenômenos narrados pela historiografia da área. Não somente acerca de seu conteúdo, mas também dos processos e procedimentos pelos quais essas narrativas foram construídas. Em última instância, esse empenho historiográfico nos permite compreender quais são as funções que a História exerce na Análise do Comportamento brasileira, ou então, quais são as finalidades dessas narrativas.

Na esteira desse argumento, observamos, ainda que de uma forma assistemática, que a historiografia da área é composta tanto por narrativas embasadas em práticas historiográficas quanto por textos com um caráter mais memorial. Não pretendemos atribuir maior ou menor valor a nenhuma delas, mas destacar que foram produzidas por meio de procedimentos distintos, sendo que ambas são necessárias para a compreensão do passado da área.

Se por um lado temos fontes primárias, escritas por membros da comunidade que participaram dos acontecimentos narrados; por outro temos membros da comunidade que buscam dar inteligibilidade às informações apresentadas pelas fontes primárias, sejam elas os textos com caráter mais memorial, outros documentos, depoimentos orais etc. Dessa forma, em um processo de retroalimentação, ambas as formas narrativas são essenciais para a historiografia da área.

Por fim, ressaltamos que os esforços historiográficos precisam ser acompanhados de um movimento de conservação histórica. Reiterando a Resolução CFP nº 01/2023, que prevê ações para identificar, catalogar e preservar arquivos no campo da Psicologia, o trabalho historiográfico necessita dos vestígios do passado. Nas palavras de Araujo (2021),

Carecemos no Brasil de uma verdadeira cultura de preservação histórica nos moldes existentes em diversos países.... Assim, muitos documentos relevantes são ou descartados na lata de lixo (literalmente) ou destruídos pela ação do tempo, o que dificulta sobremaneira – ou até mesmo inviabiliza – o trabalho do historiador. (p. 10)

Assim, sobretudo no âmbito de outras fontes para além do texto publicado, a preservação histórica permite a expansão das possibilidades dos(as) historiadores(as) da Análise do Comportamento brasileira contemplarem as temáticas de formas mais amplas, recorrendo aos mais diversos vestígios do passado.

Referências⁸⁰

- Associação Brasileira de Ciências do Comportamento. (n. d.). Comportamento em foco. *ABPMC*. <https://abPMC.org.br/comportamento-em-foco/>
- Abrantes, A. C. S. D., & Azevedo, N. (2010). O Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura e a institucionalização da ciência no Brasil, 1946-1966. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 5, 469-492. <https://doi.org/10.1590/S1981-81222010000200016>
- Araujo, S. F. (2016). Toward a philosophical history of psychology: An alternative path for the future. *Theory and Psychology*, 27(1), 87-107. <https://doi.org/10.1177/0959354316656062>
- Araujo, S. F. (2021). Prefácio. In B. A. Strapasson, A. Dittrich & R. N. Cruz (Orgs.), *História da Análise do Comportamento no Brasil em autobiografias* (Vol. 1, pp. 9-11). Editora UFPR.
- Bombarda, A. R. (2019). A Influência das Agências Internacionais no Brasil: Os acordos MEC/USAID no contexto da ditadura militar de 1964. *Revista Educação e Emancipação*, 12(3), 246-268. <http://dx.doi.org/10.18764/2358-4319.v12n3p246-268>
- Borba, A. (2024). Pesquisas interpretativas. In C. Laurenti & C. E. Lopes (Orgs.), *Pesquisa Teórica em Análise do Comportamento: Aspectos filosóficos e metodológicos* (pp. 79-97). Instituto Par.
- Botomé, S. P. (2022). *60 anos de Análise Experimental do Comportamento no Brasil*. Instituto Par.
- Cândido, G. V. (2014). *O desenvolvimento de uma cultura científica no Brasil: Contribuições de Carolina Martuscelli Bori* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Recuperado de <https://doi.org/10.11606/T.59.2014.tde-28102014-093710>

⁸⁰ As referências dos textos selecionados para análise estão listadas no Apêndice B e não aparecem nesta lista.

- Cândido, G. V. (2020). *Obra comentada de Carolina Martuscelli Bori*. Rio Preto.
- Carrara, K. (2004). Causalidade, relações funcionais e contextualismo: Algumas indagações a partir do Behaviorismo Radical. *Interações*, 9(17), 29-54.
- Carvalho Neto, M. B. (2002). Análise do Comportamento: Behaviorismo Radical, Análise Experimental do Comportamento e Análise Aplicada do Comportamento. *Interação em Psicologia*, 6(1), 13-18. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v6i1.3188>
- Conselho Federal de Psicologia. (2022). *Quem faz a psicologia brasileira? Um olhar sobre o presente para construir o futuro: Formação e inserção no mundo do trabalho*. CFP.
- Cruz, R. N. (2016). Biografia científica e pesquisa teórica da historiografia da psicologia. In C. Laurenti, C. E. Lopes & S. F. Araujo (Orgs.), *Pesquisa teórica em Psicologia: Aspectos filosóficos e metodológicos* (pp. 147-165). Hogrefe.
- Cruz, R. N. (2019). *B. F. Skinner: Uma biografia do cotidiano científico*. Artesã.
- Cruz, R. N., Strapasson, B. A., & Dittrich, A. (2021). História autobiográfica da Análise do Comportamento brasileira. In B. A. Strapasson, A. Dittrich & R. N. Cruz (Orgs.), *História da Análise do Comportamento no Brasil em autobiografias* (Vol. 1, pp. 15-29). Editora UFPR.
- Custódio, E. M. (2016). Os 70 anos da Associação de Psicologia de São Paulo antiga Sociedade de psicologia de São Paulo. *Boletim de Psicologia*, 66(144), 1-6.
- Dantes, M. A. M. (2001). Introdução: Uma história institucional das ciências no Brasil. In M. A. M. Dantes (Ed.), *Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930* (pp. 13-22). Editora FIOCRUZ. <https://doi.org/10.7476/9786557081570.0002>
- Dreifuss, R. (1981). *1964: A conquista do estado, ação política, poder e golpe de classe*. Vozes.
- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. (n.d.). História da FFCL. *FFLCH*.

<https://www.fflch.usp.br/historia#:~:text=Originalmente%20Faculdade%20de%20Filosofia%2C%20Ci%C3%A7%C3%A2ncias,de%20unifica%C3%A7%C3%A3o%20dos%20interesses%20sociais>

Hayes, S. C. (1978). Theory and technology in behavior analysis. *The Behavior Analyst*, 1, 25-33. <https://doi.org/10.1007/BF03392370>

Keller, F. S. (1937). *The Definition of Psychology: An Introduction to Psychological Systems*. Appleton-Century-Crofts.

Keller, F. S., & Schoenfeld, W. N. (1950). *Principles of psychology: A systematic text in the science of behavior*. Appleton-Century-Crofts. <https://doi.org/10.1037/11293-000>

Laurenti, C. & Lopes, C. A. (2008). Uma explicação não-causal do comportamento no behaviorismo radical. *Acta Comportamental*, 16(3), 379-397. <https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/18120>

López, D. B. (2023). *Lugar de fala e Comportamentalismo Radical: Explorando a dimensão política do comportamento verbal* [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Londrina]. Repositório UEL. <https://www.uel.br/pos/pgac/wp-content/uploads/biblioteca/Tese%20Denisse%20Brust%20Lopez.pdf>

Matos, M. A. (1999). Prefácio. Em R. A. Banaco (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição* (2ª ed., Vol. 1, pp. III-IV). ARBytes.

Melo, D. B. (2012). Ditadura “civil-militar”?: Controvérsias historiográficas sobre o processo político brasileiro no pós-1964 e os desafios do tempo presente. *Espaço Plural*, 27(2), 39-53. <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/8574>

Miranda, D. B., & Pereira, M. D. N. F. (1996). O periódico científico como veículo de comunicação: uma revisão de literatura. *Ciência da Informação*, 25(3), 375-382. <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v25i3.636>

- Moore, J., & Cooper, J. O. (2003). Some proposed relations among the experimental analysis of behavior, applied behavior analysis, and service delivery. *The Behavior Analyst*, 26, 69-84. <https://doi.org/10.1007/BF03392068>
- Mouffe, C. (2005). *On the political*. Routledge.
- Netto, J. P. (2014). *Pequena história da ditadura militar brasileira (1964-1985)*. Cortez.
- Pereira, L. M. L. (2000). Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *História Oral*, 3, 117-127. <https://doi.org/10.51880/ho.v3i0.26>
- Programa Fulbright. (n.d.). Quem somos. *Fulbright*. <https://fulbright.org.br/quem-somos/>
- Santos, B. C. (2017). *O conceito de punição na obra de B. F. Skinner: Uma análise histórico-conceitual (1930-1990)* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Pará]. Repositório UFPA. <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/10471>
- Sério, (1990). *Um caso na história do método científico: Do reflexo ao operante* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUCSP. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/17365>
- Skinner, B. F. (1965). *Science and human behavior*. The Free Press. (Original publicado em 1953)
- Skinner, B. F. (1983). *A matter of consequences: Part three of an autobiography*. Alfred A. Knopf.
- Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. (n.d.). História. *SBPC*. <https://portal.sbpcnet.org.br/a-sbpc/historico/historia/>
- Souza, A. A., Souza, S. R., Murari, S. C., & Haydu, V. B. (2024). The Pioneering Role of Women from Universidade Estadual de Londrina in the Dissemination of Behavior Analysis in Brazil. *Behavior Analysis in Practice*, 1-9. <https://doi.org/10.1007/s40617-024-00947-9>

- Strapasson, B. A., Dittrich, A., & Cruz, R. N. (2021). *História da Análise do Comportamento no Brasil em autobiografias* (Vol. 1). Editora UFPR.
- Strapasson, B. A., Magalhães, F. G., & Custódio, J. K. (2013). Comunicação entre a pesquisa básica, aplicada e teórica na Análise do Comportamento no Brasil: Uma análise bibliométrica. *Interação em Psicologia*, 17(1), 117-128.
<http://dx.doi.org/10.5380/psi.v17i1.26496>
- Strapasson, B. A., Zuge, P. R., & Cruz, R. N. (2017). O isolamento da Análise do Comportamento no Brasil: Uma análise bibliométrica. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(1), 94-114. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v19i1.954>
- Tourinho, E. Z. & Sério, T. M. A. P. (2010). Definições contemporâneas da análise do comportamento. Em E. Z. Tourinho & S. V. Luna (Orgs.), *Análise do comportamento: Investigações históricas, conceituais e aplicadas* (pp. 1-13). Roca.
- Tourinho, E. Z. (1999). Estudos conceituais na análise de comportamento. *Temas em Psicologia*, 7, 213-222. <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v7n3/v7n3a03.pdf>
- Tourinho, E. Z. (2003). A produção de conhecimento em psicologia: A análise do comportamento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23, 30-41.
<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v23n2/v23n2a06.pdf>
- Witter, G. P. (2007). Importância das sociedades/associações científicas: Desenvolvimento da ciência e formação do profissional-pesquisador. *Boletim de Psicologia*, 57(126), 1-14.
<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v57n126/v57n126a02.pdf>
- Zilio, D. (2012). Relacionismo substancial: A ontologia do comportamento à luz do behaviorismo radical. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(1), 109-118.
<https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000100014>

Zilio, D. (2019). O que nos torna analistas do comportamento? A teoria como elemento integrador. *Acta Comportamentalia*, 27(2), 233-247.

<https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/69862>

Apêndices

Apêndice A

Guia de Leitura Original Fornecido por S. R. Coleman

1

Categories in Survey of History of Psy. Lit., 1975-1986

TOPICAL CATEGORIES: P, I, C, M, T, S, D, X, A, B, E, R, Q.

The interest here is in what ~~KIND OF ARTICLE~~, what kind of approach, what object is of primary interest.

Generally the readers accepted the author(s)' definition of the category, accepting "Movement" if that is what the author calls the psychoanalytic entity under study, as opposed to "Discipline" or even "Technique/procedure." Authors are not always so explicit, in which case the reader must determine how "psychoanalysis" is being used: as a theory, a therapeutic school, a discipline, or a method/procedure.

Two topical categories are ordinarily used: the Primary ("Pri") category is the most central, the Secondary ("Sec") is clearly identifiable. Two categories are ordinarily designated; but some articles may require a third category ("Ter"), in the sense that classification of the article demands a third category, such as may happen in the case of an article about a theorist (R), and his/her most important publication (B), and its place in such-and-such school (S) of psychology.

P = Person-oriented article.

The article includes essential biographical material, uses a biographical approach. The person is ordinarily specified in the title or in the abstract. This category is not indicated if the person's name is in the title and abstract, but the article does

not employ in a major, important, essential, or lengthy fashion the biographical approach or a person-oriented narrative; in that case, any biographical info is inessential. The person-oriented article may be an obituary, an appreciation, a biographical sketch, a study of an incident involving the person (e.g., Skinner's choosing psychology), and so on, but the essential thing is that the person is important as such and is not just the human who happened to propose that theory or do that particular research or start that particular organization. If two persons are involved (as in the Freud-Jung relationship) then enter the first name under P1 and the second as P2.

The following rule is useful as a basis for decision: "The article is personal, if the person's development, personal qualities, or experience are given more than perfunctory treatment... as opposed to a treatment in which the person is only the frequently referenced mouthpiece (a "mere hero") for the ideas in which the author of the article is primarily and exclusively interested."

I = institutional history.

The institution is of primary interest, e.g., the Psychology Department at Johns Hopkins University, the Chicago Psychoanalytic Institute, the APA, Titchener's Experimentalists, and so on. There is an "organizational" emphasis and a specific organization is usually indicated, although this category should also be chosen in the case of "disciplinary histories" which list a number of institutions (in which case the entry would be:

"Several insts."). The History of Psychology course is also included in this category.

C = conceptual history, history of an idea.

A concept is of primary concern, and its evolution is ordinarily the basis for the narrative. It may be an "ism" (e. g., Darwinism) or just a concept ("borderline syndrome"); IT IS CRUCIAL that the approach is "intellectualistic" and that the publication contains "philosophical" discussion of the meaning of the concept rather than being primarily factual: for example, the changing meaning of "neurosis" would provide the basis for a CONCEPTUAL paper, but an article that summarized research into the causes of neurosis or into the personality traits of neurotics would be "R"-type article, because "neurosis" forms a research topic and the author shows no interest in its conceptual evolution as such. Judgment is required to differentiate C from R (research topic), from D (discipline that examines neuroses), and from T (theories of neurosis or theories in which "neurosis" is a concept).

M = Movement.

This category is reserved for temporally dynamic social phenomena, such as the child-study movement, Prohibition, logical positivism as a philosophical movement (rather than as a set of final prescriptions, in which case "logical positivism" might be characterized as a theory {T}), or other movements that involve people and extend over time. If the author treats something as a

movement, that will be our cue to do the same: e.g., the psychoanalytic movement; otherwise, Psychoanalysis might be treated as a discipline (D) or as a school (S) of psychology, as is done in the traditional framework of schools. See comments under "Discipline," below, for differentiation.

T = Theory/hypothesis.

This category is larger than concept--it is superordinate to concept--and is often identified with a particular person, e.g., Jung's theory of self, Adler's theory of inferiority. The essential thing to distinguish C and T is that the concept is an isolated, limited idea, and conceptual history is "intellectualistic" and concerned with meaning of a concept. Theory is broader and is usually called "theory." It is much more common for a theory to be identified by the name of its author than it is for a concept to be so identified. Readers should make the judgment themselves as to whether the item of primary interest is a concept or a theory. (Obviously both could be used in the categorization.)

D = Discipline, a broad specialty area of research or of application, larger than a research specialty (R).

A discipline is a recognized specialty or practice, and it usually has a journal for work in the area; it has members; and the members may actually have an institution (e.g., Division 25 of the APA is the Institution which includes members who adhere to the school of Radical Behaviorism and who call their

discipline Behavior Analysis.). Experimental psychology, psychoacoustics, psychopharmacology, and so on are examples of disciplines. A discipline is an attained or completed state, typically modern, in the sense that writers presently include various disciplines in historical discussions; and in the sense that it is often from the standpoint of a present-day discipline that a historical development is seen as constituting the development of a discipline.

Consequently, DISCIPLINE IS OFTEN PROJECTED BACK IN TIME as the author of a historical article examines the roots or development of a present-day discipline. We might, as historians, feel that the author is really describing a movement, but we will go along with the terms the author uses, because this practice of writing about the historical roots of a present-day discipline is a well established "presentist" practice and we will not attempt to make classifications that violate an established and actually utilized practice. A discipline has a more formal and "attained" status than does a movement, which is less formal, less mature, and more unpredictable, changing, "dynamic."

S = School of Psychology.

Several schools of psychology and of therapy and psychiatry are to be distinguished. The essential thing about a School is that it includes several individuals and is marked by promulgation of a theory or approach that is distinctive and defining. Often a particular person is noted, as in Titchener's Structuralism (S). School is superordinate to theory and concept and research topic.

There is a social element that makes a school different from a theory; a school is a group of persons that present a united front by means of a theory or set of theories. If one person is the object of study in the article (e.g., Freud) the reader would not automatically include his school (Freud's school "P") unless the existence of his group of disciples and followers were a topic of coverage in the article.

The list below includes schools and category headings.

- A: associationism
- B: behaviorism (simply)
- C: cognitivism (if so called)
- DP: dialectical psychology (esp that of Klaus Riegel)
- EP: existential/phenomenological
- F: functionalism
- G: gestalt
- GT: gestalt therapy
- H: humanistic
- HP: history of psychology
- I: individual psy (Adler)
- IB interbehaviorism (Kantor)
- J: Jungian
- M: Marxist-Leninist
- MB: methodological behaviorism (Hull, Tolman, etc.)
- N: neo-Freudian/ego psy/ object relations, etc.
- P: Freudian Psychoanalytical
- RB: radical behaviorism

S: structuralism

W: Wurzburg school

X = methodology or procedure.

This category is reserved for articles about procedures (e.g., the psychoanalytic interview, control groups, etc.), methods (e.g., ways to measure eminence in the History of Psychology), statistical procedures (analysis of variance), but not apparatus or psychological tests. Historiographical issues in HP are a frequently seen example of X in the HP literature.

A = apparatus, psych test, instrument, tool.

This is the category for physical instruments; it is obvious that the analysis of variance is, not a physical instrument, so it belongs under X above. In this category are tachistoscopes, Skinner box, runway, T-maze, personality tests, craniometers, Hipp chronoscope, eyelid-conditioning pickups, etc. etc.

B = book or journal or article. Manuscript or publication.

Only in the case in which the organizational apparatus of a journal is emphasized would a journal be called institutional. The primary interest is in the book or journal as such (e.g., its influence, its peculiar publication history, its significance as a landmark of a specialty, etc.). Merely to use a specific publication as a primary source of information about the author does NOT qualify for category B.

E = an event; incident; a particular happening delimited in time. History is often concerned with unique events, such as the split of Freud and Jung, the psychotic episode of King Don Fernando of Spain, a suicide on a psychiatric ward, a serious public embarrassment of some psychiatrist, etc. A friendship (e.g., Freud and Fliess) would also qualify, as a relationship.

R = Research topic.

This is narrower than a discipline, and there is no organizational emphasis. This category is appropriate for articles concerned with the history of fairly narrow research specialties committed to a particular topic or object of study. There is no emphasis on a concept as such; the paper does not have an intellectualistic emphasis but rather a factual emphasis. The paper is NOT about the evolution of the meaning of a concept, but it might be about the accumulation of evidence regarding color vision. A paper on the history of research into multiple personality would qualify, so long as there was not a preponderance of discussion of the changing meaning of the concept of "multiple personality." Finally, the article should not be about a discipline (typically a larger enterprise, such as psychiatry or psychiatric diagnosis) that includes the study of multiple personality among its objects of interest.

Q = Quality or characteristic.

A property of a group or person, particularly if measurable. Obviously this is not a concept, and not a history of a research

area, nor a theory, etc. The historical pattern of change in some characteristic would be a typical study; so would measurement of some property in the present, such as the perceived eminence of historical figures as measured in 1989. Measurement of the quality involves a procedure, but X (Technique) would not be the right category UNLESS the author's interest were in the technique considered in its own right, for instance, criticized for its psychometric shortcomings.

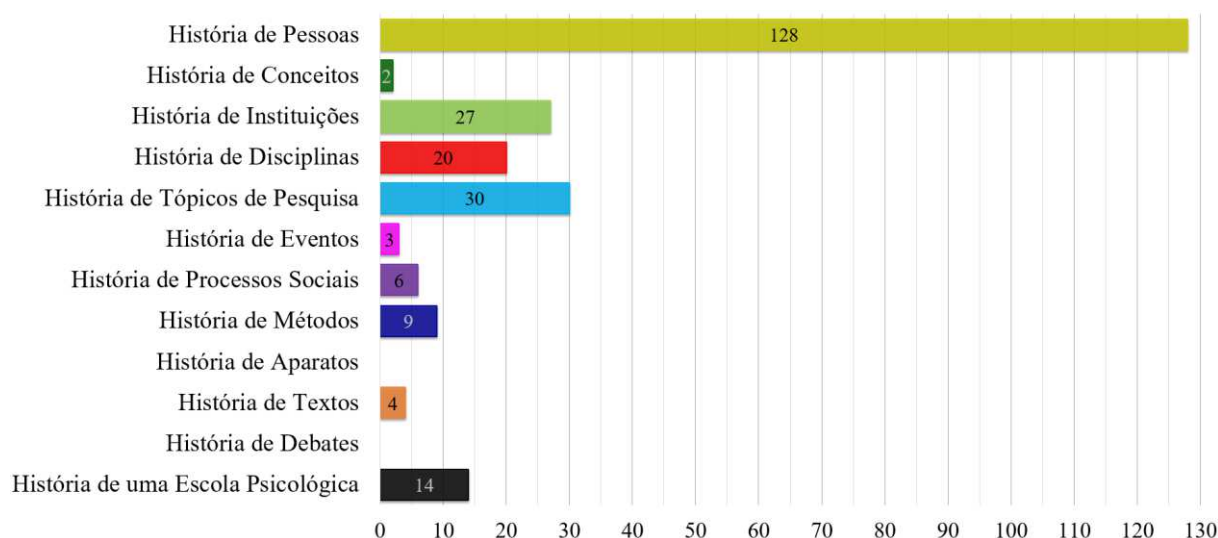
Is = Issue, Debate, or argument.

An issue or debate is typically a pair of opposed views which endure through time and retain the original name. The author should explicitly note the endurance of the issue. Examples are nativism-empiricism, rationalism-empiricism, the issue of lay analysis (in psychoanalysis), reductionism vs. emergence, etc. A short-term debate, especially if it is particular to a place and time, would be classified as an episode (E). If the author treats a real or potentially enduring issue as an episode, without reference to other (earlier or later) examples of the issue, the article should be classified as E (episode or event). Issues that are defined as School #1 vs. School #2 will be identified using the S (schools) category, unless the debate is larger or part of a larger debate. For instance, "Behaviorism vs. humanistic psychology" might be presented by the author as a modern continuation of an older issue of "scientific vs. humanistic" attitudes regarding methods for the study of mankind.

Apêndice B

Divisão dos Textos por Categorias Temáticas

Esta divisão toma por base a linha narrativa principal de cada texto para a sua classificação nas diferentes categorias temáticas.



História de Pessoas

- Ab'Saber, A. N. (1998). Carolina Bori: A essência de um perfil. *Psicologia USP*, 9(1), 35-36.
- Ades, C. (1998). Lembranças e respeito de Carolina. 1968. *Psicologia USP*, 9(1), 71-77.
- Albuquerque, A. R., & Lemos, R. F. (2022). Análise de contingências em leis e documentos: Contribuições de João Claudio Todorov. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 30-42.
- Almeida, M. J. P. M. (1998). Professora Carolina Martuscelli Bori. *Psicologia USP*, 9(1), 149-150.
- Almeida, S. S. (2007). Luiz Marcellino de Oliveira: Aprendendo e ensinando Análise do Comportamento. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 3(2), 299-303.
- Alves, R. G., & Miranda, R. L. (2022). Mapeando Celso Pereira de Sá: Itinerários de sua atividade intelectual (1970-1990). *Interamerican Journal of Psychology*, 56(1), 1-14.
- Andery, M. A. P. A., & Sério, T. M. A. P. (2005). Maria Amélia Matos (1939-2005).
-

- Behaviors: Ciência Básica e Ciência Aplicada*, 9(1), 29.
- Assis, F. R. P., Delitti, M., & Lima, M. V. O. (2005). Homenagem a Maria Amélia Matos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7(1), 1-3.
- Barros, E. M. R. (1998). Carolina M. Bori. *Psicologia USP*, 9(1), 79-80.
- Batista, C. G., & Moraes, A. B. A. (2015). Elenice Aparecida de Moraes Ferrari: Analista do comportamento e neurocientista. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 11(1), 101-103.
- Batista, C. G., Ferrari, E. A. M., & Laloni, D. T. (2003). Notícia: Ao mestre Luiz Otávio de Seixas Queiroz, com carinho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(2), 193-194.
- Batista, C. G., Ferrari, E. A. M., & Laloni, D. T. (2005). Memórias - Luiz Otávio de Seixas Queiroz: Um pioneiro da Análise do Comportamento no Brasil. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 1(2), 269-273.
- Beraldo, W. T. (1998). Foto. *Psicologia USP*, 9(1), 187.
- Borges, M. M. (1998). Carolina Martuscelli Bori e a UnB. *Psicologia USP*, 9(1), 101-104.
- Borges, M. M. (2022). João Cláudio Todorov e o Sistema Conselhos de Psicologia. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 108-109.
- Bori, C. M. (1996). Chapters in the life of Fred S. Keller. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 12(3), 189-190.
- Bori, C. M. (1998). Entrevista concedida a Maria Amélia Matos (Instituto de Psicologia, USP) e Vera Rita da Costa (Ciência Hoje). In V. M. Carvalho & V. R. Costa (Eds.). *Cientistas do Brasil: depoimentos* (pp. 781 - 794). Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.
- Cândido, G. V., & Massimi, M. (2012). Contribuição para a formação de psicólogos: Análise de artigos de Carolina Bori publicados até 1962. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(num. esp.), 246-263.
- Cândido, G. V., & Massimi, M. (2016). Psicologia como ciência do comportamento na atuação e obra de Carolina Martuscelli Bori: Décadas de 1950 e 1960. *Revista Argentina de Ciencias del Comportamiento*, 8(2), 30-38.
- Candotti, E. (1998). Carolina em 20 anos. *Psicologia USP*, 9(1), 211-215.
- Carvalho, A. M. A., Matos, M. A., Tassara, E. T. O., Rocha e Silva, M. I., & Souza, D. G. (1998a). A afirmação da Psicologia na universidade e na sociedade. *Psicologia USP*, 9(1), 41-48.
- Carvalho, A. M. A., Matos, M. A., Tassara, E. T. O., Rocha e Silva, M. I., & Souza, D. G. (1998b). Além da universidade: Educação e formação de professores - A ciência no cotidiano das instituições de ensino. *Psicologia USP*, 9(1), 131-132.
- Carvalho, A. M. A., Matos, M. A., Tassara, E. T. O., Rocha e Silva, M. I., & Souza, D. G. (1998c). Carolina Bori, Psicologia e ciência no Brasil. *Psicologia USP*, 9(1), 25-30.
- Carvalho, A. M. A., Matos, M. A., Tassara, E. T. O., Rocha e Silva, M. I., & Souza, D. G. (1998d). Ciência e política no Brasil das últimas décadas. *Psicologia USP*, 9(1), 181-183.
-

- Carvalho, A. M. A., Matos, M. A., Tassara, E. T. O., Rocha e Silva, M. I., & Souza, D. G. (1998e). "Dona" Carolina. *Psicologia USP*, 9(1), 223.
- Carvalho, A. M. A., Matos, M. A., Tassara, E. T. O., Rocha e Silva, M. I., & Souza, D. G. (1998f). Inovações: Análise Experimental do Comportamento no Brasil. *Psicologia USP*, 9(1), 85-87.
- Carvalho, A. M. A., Matos, M. A., Tassara, E. T. O., Rocha e Silva, M. I., & Souza, D. G. (1998g). O início: A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. *Psicologia USP*, 9(1), 31-33.
- Carvalho, A. M. A., Matos, M. A., Tassara, E. T. O., Rocha e Silva, M. I., & Souza, D. G. (1998h). Produção na universidade: Os frutos da pós-graduação. *Psicologia USP*, 9(1), 269-273.
- Carvalho, A. M. A., Matos, M. A., Tassara, E. T. O., Rocha e Silva, M. I., Souza, D. G., & Machado, L. M. C. M. (in memoriam). (1998i). Apresentação. *Psicologia USP*, 9(1), 19-23.
- Carvalho, M. C. C., & Moraes, E. S. D. (1998). Carolina Bori e a criação do curso de Psicologia da UFBA. *Psicologia USP*, 9(1), 109-111.
- Casalecchi, J. G. (2022). Prof. Todorov: O professor/orientador. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 84-85.
- Cunha, W. H. A. (1998). Carolina Martuscelli Bori e a Psicologia na USP. *Psicologia USP*, 9(1), 49-60.
- De Rose, J. C., & Galvão, O. F. (2023). Memórias de quando o Abib ainda era o Zé Antonio. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Homenagem ao Abib*, 102-106.
- De-Farias, A. K. C. R., Fonseca, F. N., Ney, L. B., Valcacer-Coelho, A. E., Coelho, C., Pedroso, R., Fonseca, S. A., Andrade, M., Silva, B. A. G., Gomes, K. C. N. F., Almeida, L. E. R., Ormand, H., Figueiredo, V., & Sperandio, V. A. P. (2021). Uma homenagem a João Cláudio Todorov: O luto e a morte na perspectiva da Análise do Comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 23, 1-16.
- Drachenberg, H. B. (1998). Dona Carolina. *Psicologia USP*, 9(1), 261-267.
- Eckerman, D. E. (2022). Remembering JCT. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 93-94.
- Engelmann, A. (1998). Carolina Martuscelli Bori. *Psicologia USP*, 9(1), 61-65.
- Fagundes, A. J. F. M. (2017). Tributo para Dra. Margarida H. Windholz (Maggi), por suas contribuições para a Análise Comportamental no Brasil. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(1), 168-175.
- Fagundes, A. J. F. M. (2017a). Obituário - Dra. Margarida H. Windholz deixou legado extraordinário. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 13(1), 85-88.
- Feitosa, M. A. G. (2005). Carolina Bori recebe o título de doutora honoris causa pela Universidade de Brasília. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 1(2), 263-267.
- Feitosa, M. A. G. (2007). Doutora Honoris Causa Carolina Martuscelli Bori (1924-
-

- 2004). *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(n. especial), 25-28.
- Feitosa, M. A. G., & Mulholland, T. M. (2022). Liderança administrativa e política na Universidade de Brasília. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 63-70.
- Ferrari, E. A. M. (2014). A contribuição pioneira de Luiz Marcellino de Oliveira à Análise Experimental do Comportamento e investigações psicológicas no Brasil. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 10(2), 101-105.
- Fonseca, V. L. I. (1998). Carolina Bori. *Psicologia USP*, 9(1), 155.
- Freire-Maia, A. (1998). Carolina SBPC Bori. *Psicologia USP*, 9(1), 189-190.
- Glenn, S. S. (2022). Memories of João Claudio Todorov. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 79-81.
- Goldemberg, J. (1998). Sobre Carolina Bori. *Psicologia USP*, 9(1), 199.
- Gorayeb, R. (1996). Introdução ao texto de Fred Keller "Imagens da Vida de um Professor". *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 12(1), 3-4.
- Gorayeb, R. (2022). Lembranças pessoais de João Cláudio Todorov. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 110-112.
- Guedes, M. C. (1998). Carolina Bori: Retratos. *Psicologia USP*, 9(1), 225-236.
- Guedes, M. C. (2004a). Carolina Martuscelli Bori - 1924-2004. *Behaviors: Ciência Básica e Ciência Aplicada*, 8(1), 21.
- Guedes, M. C. (2004b). Memorável Carolina Martuscelli Bori (1924-2004). *Memorandum*, 7, 189-195.
- Guedes, M. C. (2022). João Cláudio, mais um irmão onde havia muitos. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 90-92.
- Guilhardi, H. J., & Madi, M. B. B. P. (1996). Professor Keller disse sim... *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 12(2), 113-114.
- Hanna, E. S., Souza, D. G., & Barros, R. (2022). Ao mestre, com carinho. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 1-5.
- Hunziker, M. H. L. (2005). Quase memórias. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 1(1), 97-103.
- Hunziker, M. H. L. (2015). Obituário: Elenice Aparecida de Moraes Ferrari. *Acta Comportamental*, 23(2), 101-102.
- Hunziker, M. H. L. (2022). João Claudio Todorov: Um mestre na ciência e no afeto. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 99-102.
- Jardim, J. B. (1998). Carolina em Belo Horizonte. *Psicologia USP*, 9(1), 117-120.
- Keller, F. S. (1996a). Imagens da vida de um Professor. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 12(1), 5-10.
- Kerbaux, R. R. (1996a). O cientista que ensinava. *Psicologia USP*, 7(1/2), 225-245.
- Kerbaux, R. R. (1996b). Reflexões sobre a obra publicada de Fred S. Keller. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 12(3), 199-203.
- Kerbaux, R. R. (1998). Depoimento sobre Carolina Bori. *Psicologia USP*, 9(1), 105-107.
- Kerbaux, R. R. (2004). A presença de Carolina Martuscelli Bori na Psicologia. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 6(2), 159-164.
-

- Krieger, E. M. (1998). Carolina Martuscelli Bori. *Psicologia USP*, 9(1), 191-192.
- Lagoa, V. (1998). Aprendendo a compreender minha ação numa pré-escola montessoriana. *Psicologia USP*, 9(1), 173-179.
- Ladeira-Fernandez, J., & Cruz, A. P. D. M. (2022). Ao Todorov, com carinho. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 86-88.
- Laurenti, C., & Lopes, C. E. (2023). José Antônio Damásio Abib: Um “pensador antropofágico”. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Homenagem ao Abib*, 5-7.
- Lavras, A. A. C. (1998). Carolina Martuscelli Bori: Uma vida com repercussão nas gerações vindouras. *Psicologia USP*, 9(1), 205-206.
- Lopes, C. E. (2023). Por que rir da Análise do Comportamento? *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 19(2), 253-257.
- Magaldi, M. C. (1998). Professora Carolina. *Psicologia USP*, 9(1), 81-83.
- Magalhães, L. E. (1998). Carolina Bori. *Psicologia USP*, 9(1), 195-197.
- Malavasi, A. (1998). Depoimento sobre a professora Carolina Martuscelli Bori. *Psicologia USP*, 9(1), 201-203.
- Malott, M. E. (2022). Behavior Analysis ambassador: In honor of João Claudio Todorov. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 71-75.
- Matos, M. A. (1998a). Carolina Bori: A Psicologia brasileira como missão. *Psicologia USP*, 9(1), 67-70.
- Medeiros, J. G. (1999). Em memória de Lígia Maria de Castro Marcondes Machado: Homenagem póstuma à professora Lígia. *Estudos de Psicologia*, 16(2), 65-67.
- Mejias, N. P. (1998). A importância de Carolina em minha vida acadêmica. *Psicologia USP*, 9(1), 241-242.
- Mello, S. L. (1998). Carolina. *Psicologia USP*, 9(1), 221-222.
- Menezes, L. C. (1998). Além da ciência. *Psicologia USP*, 9(1), 161-162.
- Moraes, A. B. A. (2023). Isaias Pessotti: Sempre mestre. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 19(2), 258-262.
- Moraes, A. B. A., & Rolim, G. S. (2022). Contribuição experimental e teórica de João Claudio Todorov para o estudo de controle aversivo. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 43-56.
- Moraes, G. S. (1998). Carolina Bori, presença no Nordeste. *Psicologia USP*, 9(1), 113-116.
- Moreira, M. B. (2022a). João Claudio Todorov: Do e-mail impresso a influenciador digital. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 82-83.
- Nale, N. (1998). Programação de Ensino no Brasil. O papel de Carolina Bori. *Psicologia USP*, 9(1), 275-301.
- Ormastroni, M. J. S. (1998). Será que eu contei tudo? *Psicologia USP*, 9(1), 133-135.
- Otero, V. R. L. (2006). Homenagem a sócio honorário: Isaias Pessotti. *Temas em Psicologia*, 14(1), 9-11.
- Pacca, J. L. A. (1998). Há vinte anos. *Psicologia USP*, 9(1), 137-139.
- Pacheco Filho, R. A. (1998). A influência de Carolina Bori no CENAFOR: Uma semente que germinou. *Psicologia USP*, 9(1), 163-171.
-

- Pardo, M. B. L. (1998). Depoimento sobre Carolina Bori. *Psicologia USP*, 9(1), 151.
- Patitucci, W. S. (1998). A confiança de Dona Carolina. *Psicologia USP*, 9(1), 247-249.
- Peron, S., Nogueira, E., Cândido, G. V., & Massimi, M. (2015). Luiz Marcellino de Oliveira: Um protagonista da psicologia brasileira: Organização de acervo documental e análise histórica. *Memorandum*, 29, 86-111.
- Pessotti, I. (1996). Fred Keller: Um mestre, meu mestre. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 12(1), 1-2.
- Pessotti, I. (1998). Minha chefe, Dona Carolina. *Psicologia USP*, 9(1), 243-246.
- Pessotti, I. (2022). Sobre João Claudio Todorov. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 89.
- Pompermaier, H. M. (2023). Isaias: Escavador de conceitos, contador de histórias. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 19(2), 249-252.
- Psicologia: Ciência e Profissão. (2010). Rodolpho Azzi. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(1), 228.
- Queiroz Neto, J. P. (1998). A Dona Carolina que conheci. *Psicologia USP*, 9(1), 207-209.
- Queiroz, M. I. P. (1998). Uma cientista ímpar. Carolina Martuscelli Bori. *Psicologia USP*, 9(1), 37-39.
- Ribes-Iñesta, E. (2022). Joao Claudio Todorov: Remembrances. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 95-96.
- Rocha e Silva, M. I. R. (1998). E a caminhada valeu. *Psicologia USP*, 9(1), 157-159.
- Sala, O. (1998). Carolina M. Bori. *Psicologia USP*, 9(1), 185-186.
- Salzano, F. M. (1998). Depoimento: Carolina M. Bori. *Psicologia USP*, 9(1), 193-194.
- Sério, T. M. A. P., & Micheletto, N. (2010). Maria Amélia Matos e o estudo do controle aversivo: Uma contribuição exemplar. *Psicologia USP*, 21(2), 241-251.
- Shull, R. L. (2022). Some memories of João Claudio Todorov at Arizona State University, 1965-1969. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 76-78.
- Silva, J. A. (2022). A lei de potência, a lei de igualação e seus desassossegos? *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 97-98.
- Silva, M. T. A. (2006). Olhando para trás. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 2(1), 111-114.
- Silva, W. C. M. P. (2005). O vendedor de sonhos. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 1(1), 28.
- Silveira, M. V. (2023). Editorial. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Homenagem ao Abib*, 1-3.
- Soares, V. (1998). Professora Carolina Bori. *Psicologia USP*, 9(1), 145-147.
- Sobral, F. A. F. (2022). João Claudio Todorov: Sua contribuição para a UnB e para a ciência brasileira. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 106-107.
-

- Souza, D. G. (1998). O percurso de uma nova área de pesquisa na UFSCar. *Psicologia USP*, 9(1), 121-129.
- Souza, D. G. (2005). Saudade de Carolina. *Boletim Contexto*. 1-6.
- Souza, E. C. B. M. (2022). Psicologia no IESB: O legado deixado pelo Professor Doutor João Cláudio Todorov. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 103-105.
- Stamirovski, O. L. (1998). Prolegômenos ao conhecimento de uma Carolina Bori. *Psicologia USP*, 9(1), 251-260.
- Tassara, E. T. O. (1998). Carolina Bori: A abertura de novos espaços. *Psicologia USP*, 9(1), 153-154.
- Tassara, M. G. (1998). Um modelo de comportamento acadêmico. *Psicologia USP*, 9(1), 219-220.
- Todorov, J. C. (1996). Goodbye teacher, goodbye old friend. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 66(1), 7-9.
- Todorov, J. C. (2003a). O legado de Fred S. Keller. In *Sobre Comportamento e Cognição* (vol. 11, pp. 15-20).
- Todorov, J. C. (2016). Memórias: Lincoln da Silva Gimenes (1958-2016). *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 12(1), 1-2.
- Tomanari, G. Y. (2005). Notícia: Maria Amelia Matos (1939- 2005): Generosidade, competência, liderança. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 255-256.
- Tomanari, G. Y., & Debert, P. (2010). Apresentação do dossiê em homenagem à Maria Amélia Matos. *Psicologia USP*, 21(2), 235-239.
- Tunes, E., & Simão, L. M. (1998). Sobre análise do relato verbal. *Psicologia USP*, 9(1), 303-324.
- Vasconcelos, L. A., Malott, M. E., Glenn, S. S., Tourinho, E. Z., & Andery, M. A. P. A. (2022). Think tanks on cultural studies: Tribute to João Claudio Todorov. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 16-29.
- Velho, G. (1998). O humanismo de Carolina Bori. *Psicologia USP*, 9(1), 217.
- Villani, A. (1998). Uma professora com competência dialógica. *Psicologia USP*, 9(1), 141-145.
- Windholz, M. H. (1998). Carolina. *Psicologia USP*, 9(1), 237-240.
- Zannon, C. M. L. C. (1996). Um tributo a Fred Keller (Editorial). *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 12(1), iii-iv.
- Zannon, C. M. L. C., & Bori, C. M. (1996). SBPC, 1972: “Relato do Plano Brasília” por Fred S. Keller. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 12(3), 191-192.

História de Conceitos

- Alves, R. G., Miranda, R. L., & Córdova, L. F. (2022). A produção e a recepção do controle e contracontrole social em James G. Holland e Celso Pereira de Sá. *Acta Comportamental*, 30(2), 341-359.
- Santos, B. C., & Pereira, M. E. M. (2016). Análise de definições de punição em teses e dissertações brasileiras: Condições sobre simetria e assimetria. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 12(2), 117-125.

História de Instituições

- Amaral, V. L. A. R. (2009). Editorial – Dez anos da Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva Profissão, pesquisa e dedicação. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 11(1), 1-2.
- Andery, M. A. P. A. (2004). Cinco anos de PEXp: Alguns comentários. *Behaviors: Ciência Básica e Ciência Aplicada*, 8(1), 18-20.
- Andery, M. A. P. A., Abdelnur, A., Queiroz, A. B. M., & Alves, C. A. (2005). Construindo nossa história. *Behaviors: Ciência Básica e Ciência Aplicada*, 9(1), 28.
- Assaz, D. A., Moraes, P. E. H., & Reis, C. S. (2022). As funções do Boletim Contexto ao longo da história da Análise do Comportamento no Brasil (1993-2020). *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 24, 1-20.
- Barbosa, J. I. C., Costa, N., Ulian, A. L. A. O., & Lima, L. S. (2017). Memórias da Análise do Comportamento no nordeste - Bahia, Ceará e Maranhão. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(1), 61-70.
- Botomé, S. P. (2006). Contribuições, participação, organização e representação da Análise Experimental do Comportamento nos eventos e na organização da Psicologia no Brasil: A ABPMC como condição e ponto de partida. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(2), 217-231.
- Botomé, S. P. (2017). Responsabilidade de uma associação científico-profissional quanto às relações entre ciência, comportamento e cultura para um desenvolvimento social sustentável. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(1), 155-167.
- Cândido, G. V. (2017a). Introdução da Análise do Comportamento no Brasil: a Cadeira de Psicologia de Rio Claro (1962-1963). *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 8(1), 135-143.
- Cirino, S. D. (2006). Editorial. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(2), 1-2.
- Cury, S. (1997). Garry Martin e a experiência da PUC/SP. In *Sobre Comportamento e Cognição* (vol. 2, pp. 24-28).
- Felício, A. C. G., Bellodi, A. C., Silva, C. S., Leite, F. V. S., Fontaneli, F. D., Moreira, J. B., Costa, L., & Guedes, M. C. (2009). Sobre as dissertações defendidas em dez anos do PEXp:AC: Primeiros resultados. *Behaviors: Ciência Básica e Ciência Aplicada*, 13, 26-35.
- Guedes, M. C., Guimarães, T. A., & Queiroz, A. B. M. (2007). A ABPMC e a institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil. *Behaviors: Ciência Básica e Ciência Aplicada*, 11, 28-36.
- Guedes, M. C., Silva, C. B., Queiroz, A. B. M., Rosenthal, B., Leite, F. G., Klukiewicz, P., Neri, S. S., Panetta, P., Pereira, M. E. M., & Micheletto, N. (2005). A produção de teses e dissertações em Análise do Comportamento no Brasil: Caracterização e comparação com outras produções escritas. *Behaviors: Ciência Básica e Ciência Aplicada*, 9(1), 2-8.
- Hübner, M. M. C. (2006). Relações entre a Sociedade Brasileira de Psicologia e a Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental. *Revista*
-

- Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(2), 237-241.
- Kerbaux, R. R. (2001). ABPMC – Dez anos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 3(2), 67-69.
- Marinho, V. D. (2020). Um preâmbulo: A história da AC na PUC-SP. *Behaviors: Ciência Básica e Ciência Aplicada*, 24, 3-6.
- Martinelli, J. C. M., Chequer, M. A. A., & Damázio, M. A. C. L. (2006). Análise de Comportamento e prática cultural ACPC: A experiência do Núcleo de Estudos em Análise do Comportamento e Prática Cultural. In *Sobre Comportamento e Cognição* (vol. 17, pp. 282-288).
- Martone, R. C. (2010). Editorial. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 1(1), 1-2.
- Micheletto, N., Guedes, M. C., Maestrello, A. P., Sousa, A., Perroni, C., Belotto, C., Madeiros, M., Galindo, M., Sales, T., Echagüe, V., & Sério, T. M. A. P. (2004). Alguns aspectos da produção de dissertações e teses em análise do comportamento em três centros de formação da área no Brasil. *Behaviors: Ciência Básica e Ciência Aplicada*, 8(1), 2-6.
- Ramozzi-Chiarottino, Z. (2016). 25 anos da revista Psicologia USP. *Psicologia USP*, 27(1), 156-159.
- Silva, R. M. S. (2021). História e ensino da Análise do Comportamento na Bahia: Da criação do laboratório experimental à formação dos primeiros analistas do comportamento na FFCH/UFBA (1968/1980). *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 23, 1-23.
- Souza, V. H., Freitas, L. A. B., & Amorim, V. C. (2018). Difusão da Análise do Comportamento por meio de um grupo de estudos. In D. L. O. Vilas Boas, F. Cassas, H. L. Gusso & P. C. M. Mayer (Orgs.), *Comportamento em Foco* (vol. 7, pp. 35-49). ABPMC.
- Strapasson, B. A., Zuge, P. R., & Cruz, R. N. (2017). O isolamento da Análise do Comportamento no Brasil: Uma análise bibliométrica. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(1), 94-114.
- Tomanari, G. Y. (2001). Inauguração do laboratório “F. S. Keller” de estudos do comportamento operante. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 3(2), 71.
- Torres, J. A., Cândido, G. V., & Miranda, R. L. (2020). Associação de Modificação do Comportamento: Contingências para a institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 11(1), 1-16.
- Tourinho, E. Z. (2006). Organização e representação da comunidade científica em Análise do Comportamento no Brasil. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(2), 232-236.
- Windholz, M. H. (2017). Passos para o futuro XXV Encontro da ABPMC – Foz do Iguaçu, 07/09/2016. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(1), 176-179.

- Alves, R. G., Costa, A. S., Rohden, R. F. S., & Miranda, R. L. (2020). Do behaviorismo radical ao ecletismo teórico: A recepção da Terapia Comportamental em Belo Horizonte. *Acta Comportamentalia*, 28(3), 375-390.
- Ardila, R. (1982). International developments in behavior therapy in Latin America. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 13(1), 15-20.
- Cassas, F. A., & Luna, S. V. (2018). Aspectos históricos da terapia analítico-comportamental a partir da contribuição de Skinner e Ferster. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 20(4), 63-80.
- Guilhardi, H. J. (2003). *Tudo se deve às conseqüências.... Instituto TCR*. 1-24.
- Henklain, M. H. O., & Carmo, J. S. (2011). Produção analítico-comportamental sobre ensino-aprendizagem de habilidades matemáticas: Dados representativos de eventos científicos brasileiros. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 2(2), 179-191.
- Leonardi, J. L. (2015). O lugar da terapia analítico-comportamental no cenário internacional das terapias comportamentais: Um panorama histórico. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 6(2), 119-131.
- Leonardi, J. L., & Cândido, G. V. (2022). The history of behavior therapy in Brazil and its relationship with the three waves. In W. O'Donohue & A. Masuda (Eds.), *Behavior Therapy: First, Second, and Third Waves* (pp. 723-741). Springer International Publishing.
- Lima, M. V. O. (1997). A trajetória de um terapeuta comportamental. In *Sobre Comportamento e Cognição* (vol. 2, pp. 18-23).
- Mejias, N. P. (1997). A história da modificação de comportamento no Brasil. In *Sobre Comportamento e Cognição* (vol. 2, pp. 8-17).
- Moraes, B. A., Malavazzi, D. M., Souza, F. O., Rocha, T. C., Regis Neto, D., Luppi, A., Figueiredo, G. M., Angelo, H., Fink, J. D., Camargo, M. I. P., Feijoo, M. T., Lacerda, L., & Guedes, M. C. (2012). Análise do Comportamento Aplicada no Brasil: Um resumo. *Behaviors: Ciência Básica e Ciência Aplicada*, 16, 52-59.
- Moraes, P. E. H., & Silveira, J. M. (2019). Prática baseada em evidências e produção brasileira em Análise do Comportamento Clínica. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 21(4), 472-486.
- Nascimento, E. H. A., & Henklain, M. H. O. (2020). Análise do Comportamento nas Organizações: Dados quantitativos da produção brasileira. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 11(2), 162-176.
- Nicolino, V. F., & Zanotto, M. L. B. (2011). Trabalhos de Análise do Comportamento na área de educação em periódicos brasileiros no período de 1961 a 2006. *Acta Comportamentalia*, 19(3), 343-358.
- Pessotti, I. (2023). Alguns problemas técnicos em terapia de reforçamento. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 19(2), 236-244.
- Polanco, F. A., & Miranda, R. L. (2014). Recepción del conductismo en Argentina y Brasil: Un estudio de dos universidades, 1960-1970. *Universitas Psychologica*, 13(5), 2035-2045.
- Queiroz, L. O. S., Guilhardi, H. J., Martin, G. L., & Guedes, M. C. (1976). A
-

- university program in Brazil to develop psychologists with specialization in behavior modification. *The Psychological Record*, 26(2), 181-188.
- Rafihi-Ferreira, R., Santos, D. R., Alckmin-Carvalho, F., & Soares, M. R. Z. (2016). Clínica analítico-comportamental no Brasil: Histórico, treinamento e supervisão. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 7(2), 183-196.
- Rodrigues, B. S., & De Luca, G. G. (2019). Ensino de terapia analítico-comportamental: Uma revisão sistemática da literatura. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 21(4), 503-523.
- Strapasson, B. A., & De Luca, G. G. (2021). Avaliação de professores sobre a participação de animais em atividades didáticas de Análise Experimental do Comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 23, 1-21.
- Vilares, J. E. C., & Azoubel, M. S. (2023). O primeiro relato de intervenção comportamental publicado no Brasil: Visitando Pessotti. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 19(2), 245-248.

História de Tópicos de Pesquisa

- Akera, A. (2017). Bringing radical behaviorism to revolutionary Brazil and back: Fred Keller's Personalized System of Instruction and Cold War engineering education. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 53(4), 364-382.
- Azoubel, M. S., & Abbud, G. M. (2017). (Im)posturas jornalísticas: Incompreensões da Revista Veja sobre B. F. Skinner. *Temas em Psicologia*, 25(1), 181-192.
- Azoubel, M. S., & Micheletto, N. (2020). A presença de Skinner nas referências de periódicos analítico-comportamentais brasileiros disponíveis digitalmente. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 22, 1-12.
- Azoubel, M. S., Rodrigues Neto, J. M., Alves, H. F. R., & Bruno, G. C. (2023). A presença de Skinner em artigos analítico-comportamentais brasileiros (1961-1998). *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 25, 1-15.
- Bori, C. M. (1974). Developments in Brazil. In F. S. Keller, J. G. Sherman, & C. M. Bori (Eds.), *PSI: The Keller Plan Handbook* (pp. 65-72). W. A. Benjamin.
- Cândido, G. V. (2017b). Novas perspectivas para a história do Sistema Personalizado de Ensino: Seus fundadores. *Memorandum*, 33, 51-67.
- Cianca, B. C., Panosso, M. G., & Kienen, N. (2020). Programação de Condições para Desenvolvimento de Comportamentos: Caracterização da produção científica brasileira de 1998-2017. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 11(2), 114-136.
- De Paula, J. B. C., & Haydu, V. B. (2010). Revisão bibliográfica de pesquisas brasileiras sobre equivalência de estímulos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 281-294.
- Fidalgo, A. P., & Banaco, R. A. (2014). O estudo do comportamento verbal no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(3), 347-355.
- Fumo, V. M. S., Manolio, C. L., Bello, S., & Hayashi, M. C. P. I. (2009). Produção científica em habilidades sociais: Estudo bibliométrico. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 11(2), 246-266.

- Keller, F. S. (1974). Ten years of Personalized Instruction. *Teaching of Psychology, 1*(1), 4-9.
- Keller, F. S. (1996b). Report on the Brasília Plan. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 12*(3), 193 - 197.
- Keller, F. S. (1996c). What happened to the Brasilia Plan in the United States? *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 12*(2), 115-119.
- Keller, F. S. (1999). Adeus, Mestre! *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 1*(1), 9-21.
- Keller, F. S. (2001). O que aconteceu ao plano de Brasília nos Estados Unidos? In *Sobre Comportamento e Cognição* (vol. 8, pp. 462-469).
- Kienen, N., Panosso, M. G., Nery, A. G. S., Waku, I., & Carmo, J. S. (2021). Contextualização sobre a Programação de Condições para Desenvolvimento de Comportamentos (PCDC): Uma experiência brasileira. *Perspectivas em Análise do Comportamento, 12*(2), 360-390.
- Kubo, O. M. (2005). Análise do Comportamento e desenvolvimento de uma tecnologia para o ensino: Superação de preconceitos e perspectivas de avanços para o século XXI. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 7*(2), 267-270.
- Marinho, V. D., & Guedes, M. C. (2021). Sistema Personalizado de Ensino e os cursos online abertos e massivos: Aspectos históricos e conceituais. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 23*, 1-19.
- Martins, J. C. T., & Leite, F. L. (2016). Metacontingências e macrocontingências: Revisão de pesquisas experimentais brasileiras. *Acta Comportamentalia, 24*(4), 453-469.
- Mendes, R., Brino, A. L. F., Goulart, P. R. K., & Calcagno, S. (2021). O Sistema Personalizado de Ensino adaptado ao ensino de Análise do Comportamento em uma universidade pública: Histórico, potencialidades e dificuldades. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 23*, 1-24.
- Moreira, M. B. (2004). “Em casa de ferreiro, espeto de pau”: O ensino de Análise Experimental do Comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 6*(1), 73-80.
- Moreira, M. B. (2022b). Quarenta anos depois: O Sistema Personalizado de Ensino de volta a Brasília. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento, 18*(1), 57-62.
- Oliveira Junior, A., Benitez, P., & Souza, N. G. S. (2021). Tendência de pesquisa sobre equivalência de estímulos para o ensino de matemática em teses e dissertações brasileiras. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 23*, 1-23.
- Santos, B. C., & Pereira, M. E. M. (2015). O estudo do controle aversivo no Brasil com base em teses e dissertações: Uma caracterização. *Acta Comportamentalia, 23*(3), 289-306.
- Santos, E. A. P., Garbelotti, C. S., & Lopes, C. E. (2016). O impacto da proposta política de Holland na literatura especializada brasileira. *Revista Brasileira de*
-

Terapia Comportamental e Cognitiva, 18(Número Especial), 61-72.

- Silva, C. H. S. (2020). Esquizofrenia: o que analistas do comportamento têm feito no Brasil? *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 11(2), 137-151.
- Souza Júnior, E. J., Miranda, R. L., & Cirino, S. D. (2018). A recepção da instrução programada como abordagem da análise do comportamento no Brasil nos anos 1960 e 1970. *História, Ciências, Saúde*, 25(2), 449-467.
- Teixeira, A. M. S. (2005). Análise de Contingências em Programação de Ensino: Legado de Carolina Martuscelli Bori. In *Sobre Comportamento e Cognição* (vol. 15, pp. 7-17).
- Todorov, J. C., Baia, F. H., Freitas-Lemos, R., Borba, A., Melo, C. M., & Sampaio, A. A. S. (2021). A brief history of the behavioral analysis of culture in Brazil. *Behavior and Social Issues*, 30(1), 397-427.
- Todorov, J. C., Moreira, M. B., & Martone, R. C. (2009). Sistema Personalizado de Ensino, educação à distância e aprendizagem centrada no aluno. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(3), 289-296.

História de Eventos

- Frances, D. (2001). “Quarenta anos atrás”. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 3(2), 73-78.
- Keller, F. S. (1987). O nascer de um departamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 3(3), 198-205.
- Koeke, M. U. (2007). Produzindo documentos para a história da AC no Brasil: Os vídeos apresentados em 2004 no Encontro Anual da ABPM. *Behaviors: Ciência Básica e Ciência Aplicada*, 11, 50-52.

História de Processos Sociais

- Cravo, F. A. M., Almeida-Verdu, A. C. M., & Costa-Junior, F. M. (2022). Revisão de literatura da produção analítico-comportamental nacional sobre gênero e sexualidade. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 13(2), 247-265.
- Curiel, H., Curiel, E. S. L., Rizzi, G., & Poling, A. (2021). Gender of authors in the Brazilian Journal of Behavior Analysis. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 17(2), 264-271.
- Keller, F. S. (1988). Mulheres analistas do comportamento no Brasil (passado e presente). *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 4(1), 43-46.
- Laurenti, C., Jesus, L. S., Nogueira, L. N., Sales, S. C., Risolia, I. W., & Strapasson, B. A. (2019). Participação das mulheres em atividades acadêmico-científicas de Análise do Comportamento no Brasil. *Acta Comportamentalia*, 27(2), 251-265.
- Silva, T. S., Flandoli, B. R. G. X., & Mizael, T. M. (2022). Questões raciais na análise do comportamento: Uma análise preliminar sobre a baixa produção da área. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Ed. Especial*(Estresse de Minorias), 371-385.
- Zamignani, D. R., & Rocha, G. M. (2022). Sobre a Resolução 001/1999 do CFP e o atendimento com vistas à reorientação sexual: Registro de uma luta permanente. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Ed. Especial*(Estresse de Minorias), 120-128.

História de Métodos

- Alves, R. G., Torres, J. A., Cirino, S. D., & Miranda, R. L. (2019). Enseñanza de análisis de la conducta con recursos limitados en Brasil: una historia con palomas, cartón y creatividad. *Revista de Psicología, 28*(1), 1-5.
- Cirino, S. D. (2001). Repensando o ensino de Análise do Comportamento. In *Sobre Comportamento e Cognição* (vol. 6, pp. 81-88).
- Cirino, S. D., Miranda, R. L., Gonçalves, A. L., Miranda, J. J., Vieira, R. D., & Nascimento, S. S. (2010). Refletindo sobre o laboratório didático de Análise do Comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento, 1*(1), 15-27.
- Gonçalves, F. L., Huziwara, E. M., Popowicz, G. C. C., Strahel, H., Bortoloti, R., Cirino, S. D., Oliveira, T. P., & Rico, V. V. (2020). O laboratório didático na Análise Experimental do Comportamento: Desafios e possibilidades. In C. A. A. Rocha, B. C. Santos & H. M. Pompermaier (Orgs.), *Comportamento em Foco* (vol. 12, pp. 78-96). ABPMC.
- Keiner, S. A., Marinho, V. D., & Malerbi, F. E. K. (2020). Revisão sistemática dos estudos experimentais publicados na “Perspectivas em Análise do Comportamento” de 2010 a 2018. *Perspectivas em Análise do Comportamento, 11*(2), 206-219.
- Lopes, M. G., Miranda, R. L., Nascimento, S. S., & Cirino, S. D. (2008). Discutindo o uso do laboratório de Análise do Comportamento no ensino de Psicologia. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 10*(1), 67-79.
- Miranda, J. J., Gonçalves, A. L., Miranda, R. L., & Cirino, S. D. (2011). Ética em experimentação animal: Reflexões sobre o laboratório didático de Análise do Comportamento. *Psicologia: Teoria e Prática, 13*(1), 198-212.
- Miranda, R. L., & Cirino, S. D. (2010a). Os laboratórios de Análise do Comportamento na Universidade Federal de Minas Gerais. *Psicologia Da Educação, 30*(1), 97-112.
- Straehl, H., Huziwara, E. M., & Oliveira, T. P. (2021). Do laboratório com animais não humanos para onde? Análise retrospectiva das práticas pedagógicas em AEC. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 23*, 1-20.

História de Aparatos

História de Textos

- Lopes, C. E., & Laurenti, C. (2023). Sobre a tradução brasileira de Science and Human Behavior. *Perspectivas em Análise do Comportamento, 14*(2), 48-57
- Miranda, R. L., & Strapasson, B. A. (2023). A recepção inicial de Ciência e Comportamento Humano no Brasil. *Perspectivas em Análise do Comportamento, 14*(2), 36-47.
- Todorov, J. C. (1990). The K & S in Brazil. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 1990*, 151-152.
- Todorov, J. C. (2003b). Science and Human Behavior translated into Portuguese: Ciência e Comportamento Humano. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 80*(3), 341-343.
-

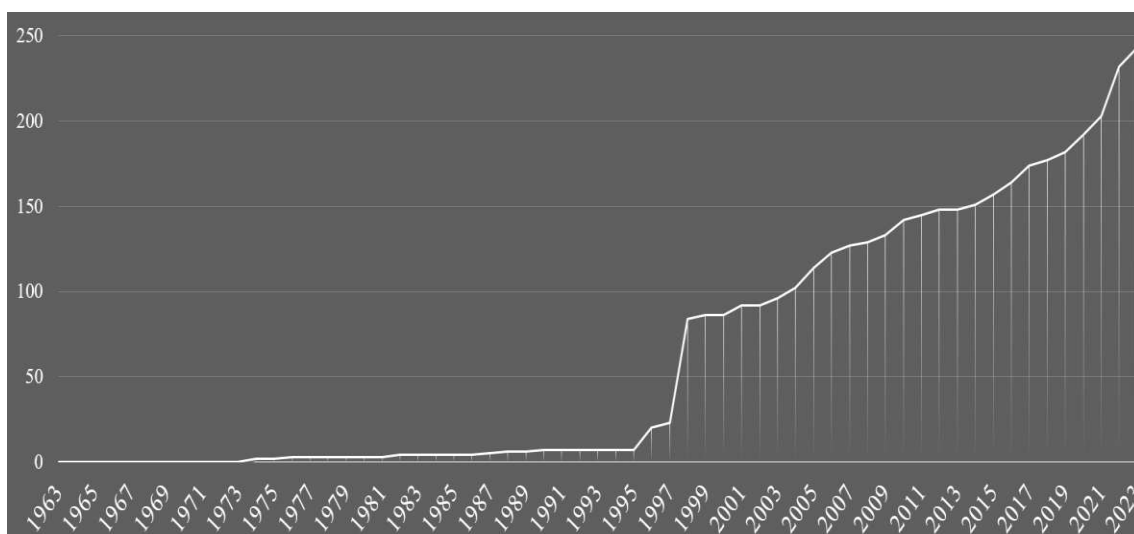
História de Debates

História de uma Escola Psicológica

- Bori, C. M. (2001). A difusão da Análise do Comportamento no Brasil. In *Sobre Comportamento e Cognição* (vol. 4, pp. 302-304).
- Cirino, S. D., Miranda, R. L., & Cruz, R. N. (2012). The beginnings of behavior analysis laboratories in Brazil: A pedagogical view. *History of Psychology, 15*(3), 263-272.
- Fernandes, D. M., Perallis, C. G., & Pezzato, F. A. (2015). Creativity, Brazilian “jeitinho”, and cultural practices: A behavioral analysis. *Behavior Analysis: Research and Practice, 15*(1), 28-35.
- Gotti, E. S., Argondizzi, J. G. F., Oliveira, E. A., Siqueira, D. I., & Ormelesi, M. F. (2021). Breve histórico das práticas experimentais no laboratório didático: Percalços e inovações. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 23*, 1-35.
- Guedes, M. C., Cândido, G. V., Bellodi, A. C., Carvalho, J. C., Giolo, C. C., Vieira, M. C., Matheus, N. M., Miguel, R. R., & Gurgel, T. G. (2008). A introdução da Análise do Comportamento no Brasil: Vicissitudes. *Behaviors: Ciência Básica e Ciência Aplicada, 12*, 41-57.
- Guedes, M. C., Queiroz, A. B. M., Campos, A. C. H. F., Fonai, A. C. V., Silva, A. P. O., Sampaio, A. A. S., Lacerda, D. F., Pereira, J. M. C., Vedova, J. O., Araújo, S. L., Guimarães, T. A., & Pinto, V. J. C. (2006). Institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil: Uma perspectiva histórica. *Behaviors: Ciência Básica e Ciência Aplicada, 10*, 17-29.
- Hübner, M. M. C., & Starling, R. (2019). La diseminación del análisis de la conducta en Brasil: una breve historia y avances recientes. In C. J. F. Aguirre & L. R. M. Morfín (Coords.), *Recuento histórico del análisis de la conducta* (pp. 121-140). Universidad de Guadalajara.
- Hunziker, M. H. L. (1998). Notes on Behavior Analysis in Brazil. *Revista Mexicana de Análisis de la Conducta, 24*, 231-256.
- Matos, M. A. (1996). Contingências para a Análise Comportamental no Brasil: Fred S. Keller. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 12*(2), 107-111.
- Matos, M. A. (1998b). Contingências para a Análise do Comportamento no Brasil. *Psicologia USP, 9*(1), 89-100.
- Miranda, R. L., & Cirino, S. D. (2010b). Os primeiros anos dos laboratórios de Análise do Comportamento no Brasil. *Psychologia Latina, 1*, 79-87.
- Miranda, R. L., Torres, J. A., Alves, R. G., & Cirino, S. D. (2020). Indigenization of Behavior Analysis in Brazil. In *Oxford Research Encyclopedia of Psychology* (pp. 1-26). Oxford University Press.
- Todorov, J. C. (2006). Behavior analysis in Brazil. *Avances en Psicología Latinoamericana, 24*, 29-36.
- Todorov, J. C., & Hanna, E. S. (2010). Análise do Comportamento no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 26*(n. especial), 143-153.
-

Apêndice C

Frequência Acumulada dos Textos por Ano



Apêndice D

Index

História de Pessoas

“Contrariamente a Skinner que, em sua autobiografia, se propôs ‘escrever mais a partir dos registros do que a partir da memória’, ao lembrar de Carolina, no ano de 1968, uso mais a memória. É uma pena não haver preocupações em conservar os documentos, os relatos, as fotos, os ofícios, as atas, enfim, tudo o que permitisse ter uma crônica dos momentos relevantes” (Ades, 1998, p. 71)

- Coletânea de depoimentos sobre Carolina Bori na Psicologia USP são “fragmentos de memória” (Carvalho et al., 1998, p. 131)

Fred Simmons Keller:

- “Podemos dizer que a história da análise do comportamento tem um marco inicial: a presença no país de Fred Keller, no início da década de 60 (primeiro na Universidade de São Paulo e mais tarde na Universidade de Brasília)” (Andery & Sérgio, 2005, p. 29) (Moraes, 2023; Moraes & Rolim, 2022; Vasconcelos et al., 2022; Vilarés & Azoubel, 2023)

- “Se falamos com carinho do Professor Keller como ‘pai’ da Análise Experimental do Comportamento no Brasil, o papel de ‘mãe’, sem dúvida alguma, pertence a Carolina Bori” (Windholz, 1998, p. 237)

- Características pessoais:

- Amigo e colaborador de Skinner (Fagundes, 2017b)

- Extrovertido (Bori, 1996); carismático (Fagundes, 2017a)

- Aspectos da vida pessoal e profissional do Keller durante a estadia no Brasil (Keller, 1987; Kerbaudy, 1996a)

- “Estes efeitos foram concomitantes e interligados e indiscutivelmente se deveram à inquestionável habilidade de ensino do Professor Keller” (Bori, 2001, p. 303)

- “Keller era carismático, fator que favoreceu seu papel de principal assentador das bases e divulgador da Análise Comportamental (AC), entre os estudiosos da Psicologia, no Brasil” (Fagundes, 2017a, p. 86)

- “Fred se tornou brasileiro” (Todorov, 1996, p. 8)

- “Fred Keller se fez, e assim se considerava, também brasileiro: por afiliação institucional à Universidade de São Paulo e à Universidade de Brasília, na década de sessenta, dedicação a um projeto brasileiro de ensino, e filiação afetiva, desde então” (Zannon, 1996, p. iii)

- “O participar e o viver no Brasil foram demonstrados não somente no aprendizado da língua, pois falava português, mas no ler Guimarães Rosa, Jorge Amado e mesmo Machado de Assis” (Kerbaudy, 1996a, pp. 226-227) (Todorov, 1996)

- Fez um curso de Português antes de vir ao Brasil em 1961 (Frances, 2001)

- “O lendário Keller” (Kerbaudy, 1996a, p. 241)

- “Fomos envolvidos pelo magic spell que Keller exerceu sobre todo o grupo” (Windholz, 1998, p. 239)

- Pessotti (1996) expõe que Fred Keller foi, para ele, mais do que um professor, mas um mestre, um guia, um sábio, um amigo

- Primeiros Cursos de Keller no Brasil (mito fundador):

- Primeiro curso em 1961 (Batista et al., 2005; Bori, 1996; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Cirino, 2001; Guedes et al., 2006; Hanna et al., 2022; Mejias, 1997; Keller, 1996a; Kerbaudy, 1996a; Matos, 1996, 1998b; Feitosa, 2005; Todorov, 1996; Tomanari, 2005)

- Em 1961, Paulo Sawaya, diretor da FFCL da Universidade de São Paulo efetivou o convite de vir ao Brasil a Keller (Engelmann, 1998; Frances, 2001; Keller, 1996a; Matos, 1996, 1998b; Carvalho et al., 1998f; Fagundes, 2017b)

- Keller e Mrs. Frances Keller chegam ao Brasil em fevereiro de 1961, recebidos no aeroporto por Sawaya, Mário Guimarães Ferri, Carolina Bori e Azzi (Matos, 1996, 1998b; Carvalho et al., 1998f)

- “A história da Análise do Comportamento em nosso país começou com as aulas do professor Keller, na Universidade de São Paulo” (Bori, 2001, p. 302)

- “O exercício da Análise do Comportamento no Brasil iniciou-se em 1961 com as aulas do Prof. Keller na Universidade de São Paulo” (Matos, 1998b, p. 89) (Matos, 1996)

- Keller e a montagem do Laboratório de Condicionamento Operante da USP (Bori, 1996; Tomanari, 2001)

- “A implementação no Brasil do laboratório de análise do comportamento é atribuída a Keller ...” (Cirino et al., 2010, p. 20)

- “Poucos dias depois de sua chegada, ele já havia montado seu escritório e seu laboratório. Ele trouxera livros, reimpressões, apostilas, guias de estudo e uma unidade básica de Grason & Stadler” (Bori, 1996, p. 189)

- Em homenagem a Keller, o Laboratório de Condicionamento Operante da USP foi renomeado para Laboratório F. S. Keller de Estudos do Comportamento Operante (Tomanari, 2001)

- “Chegava ao seu escritório, todos os dias da semana, às oito horas da manhã, e ali permanecia o dia todo, treinando seus auxiliares e acompanhando o progresso dos alunos. Essa atitude de respeito que ele demonstrava com seu trabalho e com seus alunos estabeleceu um padrão que mudou profundamente o ensino de psicologia no Brasil. Os resultados tiveram um efeito duradouro” (Bori, 1996, p. 189)

- “A old gang como éramos chamados pelo Prof. Keller estava formada: Rodolpho, Carolina, eu, Maria Inês e Dora (embora eu tenha minhas dúvidas se o Prof. Keller não incluiria também o Seu Chico da cantina como um membro honorário)” (Matos, 1998b, p. 92) (Matos, 1996)

- Plano de Brasília:

- Um dos idealizadoras do PSI / Plano de Brasília (Almeida, 2007; Batista et al., 2005; Bori, 1996; Borges, 1998; Cândido, 2017b; Cianca et al., 2020; Feitosa, 2007; Ferrari, 2014; Hanna et al., 2022; Kienen et al., 2010; Cunha, 1998; Keller, 1987, 1996a, 1996b, 1999, 2001; Marinho, 2020; Mejias, 1997, 1998; Moreira, 2004, 2022b; Rocha e Silva, 1998; Nale, 1998; Kerbauy, 1996a, 1998; Teixeira, 2005; Todorov et al., 2009; Psicologia: Ciência e Profissão, 2010; Shull, 2022)

- Keller e Bori participaram do “experimento pioneiro” na UnB (Villani, 1998, p. 141)

- “Convite-desafio” de Darcy Ribeiro a Keller e Bori para construir um Departamento de Psicologia na UnB (Kerbauy, 1996a, p. 236)

- Carolina Bori estendeu o convite recebido de Darcy Ribeiro para elaborar um Departamento de Psicologia na Universidade de Brasília a Fred Keller, Rodolpho Azzi e Gil Sherman (Cândido & Massimi, 2012, p. 249)

- “O retorno dos Kellers ao Brasil em 1964 para tentar o novo projeto de ensino em Brasília” (Matos, 1998b, p. 94) / Relato detalhado com base em seu diário (Keller, 1987)

- Keller deu aulas em português em 1964 em Brasília (Kerbauy, 1996a)

- “Hoje comecei a dar aulas - a minha primeira tentativa na língua portuguesa” (Keller, 1987, p. 202)

- Keller, em 1965, e os acontecimentos relacionados à ditadura militar: “a angústia de Keller com o que se passava na UnB naquele fatídico segundo semestre [1965]” (Kerbaury, 1996a, p. 236)

- “Muita conversa política que nós não entendemos, e não queremos entender. Estou aqui só como professor. O trabalho com o equipamento não avança. Dizem que alguns professores e alunos estão presos em Brasília” (Keller, 1987, p. 200)

- Outras atividades:

- Participou das reuniões da SBPC na década de 1960, a XIII realizada em Poços de Caldas e a XVI, em Ribeirão Preto e em 1972, da 24ª Reunião Anual (Zannon & Bori, 1996, p. 191)

- Traduções:

- Tradução de expressões analítico-comportamentais em 1963 (Guedes et al., 2006; Todorov, 2003; Todorov & Hanna, 2010)

- Impacto das suas obras:

- (cf. História de Textos)

- Kerbaury (1996b) expõe e discute as obras de Fred Keller

- “Professor Honoris Causa, da Universidade de Brasília (1987)” (Todorov, 2003, p. 17; Kerbaury, 1996a, p. 236; Zannon, 1996, p. iii)

- Homenagem da SBPC a Keller nas décadas de 1960 e 1970 (Zannon, 1996, p. iii)

- Homenagem da SPRP / SBP a Keller na década de 1980 (Zannon, 1996, p. iii)

- Homenagem da ABPMC a Keller na década de 1990 (Zannon, 1996, p. iii)

- “O Volume 12 de Psicologia: Teoria e Pesquisa, além dos artigos regulares, traz uma seção especial de homenagem em memória de Fred Simmons Keller, psicólogo e pesquisador norte-americano, um Professor” (Zannon, 1996, p. iii)

Dona Frances Keller:

- “Kellers” (Hanna et al., 2022; Matos, 1996, 1998b; Todorov, 1996)

- Gorayeb (1996) que diz: “tenho que falar do casal Fred e Frances, da família Keller” (p. 3)

- “Os Kellers” (os inseparáveis Fred e ‘Dona’ Frances’)” (Hanna et al., 2022, p. 1)

- Frances (2001) relata com mais detalhes a primeira visita dos Kellers ao Brasil em 1961

- Relato detalhado com base em seu diário de 1964 (Keller, 1987)

- “O retorno dos Kellers ao Brasil em 1964 para tentar o novo projeto de ensino em Brasília” (Matos, 1998b, p. 94)

- Acompanhou Keller nas visitas ao Brasil, interagia com os alunos e também foi contexto para o desenvolvimento da área (e.g., aceitando ficar no Brasil) (Kerbaury, 1996a)

- “Os Keller falavam nossa língua, liam nossos romances, apreciavam nossa música, aprendiam a preparar nossas bebidas (das quais gostavam especialmente), comiam nossa comida e viajavam muito pelo Brasil para dar discursos inspiradores e discutir planos para novos cursos e laboratórios” (Bori, 1996, p. 189)

- “O Prof. Keller chega ao Brasil acompanhado de Mrs. Frances Keller, que se tornaria a indispensável Dona Frances, grande amiga de todos nós e a fortaleza do Prof. Keller” (Matos, 1998b, p. 89)

- “Da. Frances começou a ensinar um curso informal de conversação em inglês, a pedido dos bolsistas” (Keller, 1987, p. 203)

- “Um agradecimento especial é devido a Dona Frances Keller, que acolheu carinhosamente nossa sugestão desta homenagem. Ainda agora ela mantém sua posição de colaboradora discreta. Os brasileiros também aprenderam lições que ela propiciava, como

um modelo, de presença e atenção cuidadosa, de muito bom humor, em apoio ao bem estar do seu companheiro e ao conforto daqueles amigos e alunos que se aproximavam do Professor” (Zannon, 1996, p. iv)

Carolina Bori:

- *“Se falamos com carinho do Professor Keller como ‘pai’ da Análise Experimental do Comportamento no Brasil, o papel de ‘mãe’, sem dúvida alguma, pertence a Carolina Bori” (Windholz, 1998, p. 237)*

- *“Desde o princípio Carolina foi a grande benéfica presença intermediando contatos com a administração, conseguindo as condições para a liberação de equipamentos e livros na alfândega, verbas para material de custeio e/ou compra de equipamento, levando os Kellers pelo Brasil afora para apresentações em congressos, participação breve em cursos, ministração de conferências, participação em debates e, de modo geral, espalhando os princípios e o método da Análise Experimental do Comportamento no Brasil” (Matos, 1998b, p. 91)*

- *“As contingências introduzidas pelo Prof. Keller e mantidas por Dona Carolina continuam a frutificar” (Matos, 1998b, p. 99)*

- Características pessoais:

- *Muitas características de Bori (Carvalho et al., 1998e; Kerbauy, 2004; Freire-Maia, 1998; Goldemberg, 1998; Magaldi, 1998; Souza, 2005; Velho, 1998)*

- *“Dona Carolina” tem como uma das principais característica a “exigência”*

- *“Dama de Ferro do Instituto de Psicologia” (Cunha, 1998, p. 59)*

- *Carolina Bori entre os “primeiros mestres” da Análise do Comportamento no Brasil (Kubo, 2005, p. 270)*

- *“Múltiplas presenças: como pesquisadora, educadora, cientista e, sobretudo, exercendo atividades de liderança” (Carvalho et al., 1998b, p. 131)*

Modelo de pessoa:

- *Carolina Bori “É, respeitável, porque digna, leal, competente... Ela implica, é claro, competência de liderar, mas implica também lealdade, coerência e, muitas vezes, coragem” (Pessotti, 1998, pp. 243-244)*

- *“Encontra-se permeada por uma constante preocupação no sentido de despertar e apoiar a responsabilidade de nossos intelectuais em relação às grandes questões sociais brasileiras” (Carvalho et al., 1998b, p. 131)*

- *“Uma figura extraordinariamente íntegra, dona de seus pensamentos, que jamais se curvou voluntariamente a qualquer situação que não considerasse ética. Uma pessoa delicada, mas nem um pouco frágil, uma mulher ativa, mas nem um pouco arrogante, uma professora interessada em fazer de cada aluno um profissional consciente” (Magaldi, 1998, p. 82)*

- *“Ela jamais aceitou que a chamasse de ‘minha chefe’.... virou provocação, porque ela rejeita o papel, ou pelo menos o tratamento de chefe” (Pessotti, 1998, p. 243)*

- *“Mas Carolina é a lógica, a racionalidade, a clareza, a reflexão, a precisão. Nem é preciso conhecê-la. Basta analisar sua letra: organizada, precisa, clara, assertiva, apesar da contenção controlada, original e... emotiva” (Windholz, 1998, pp. 239-240)*

- *“A Professora Carolina era àquela época, por assim dizer, a alma do local. Sua presença, física e espiritual, fazia-se sentir fortemente como uma aura de luz e respeito, envolvendo uma imagem já legendária: a liderança ativa na construção e consolidação do Curso de Psicologia no Brasil, como uma área científica de estudos universitários, e a preocupação em nortear suas decisões na política científica e educacional com base em critérios de relevância social” (E. T. O. Tassara, 1998, p. 153)*

- *“O comprometimento irrestrito de Dona Carolina com os problemas político-sociais de nosso país, principalmente aqueles que afetam a pesquisa científica e o ensino de ciências” (Patitucci, 1998, p. 247)*

Modelo institucional:

- *“Os interesses institucionais do ‘seu’ departamento, ou instituto ou faculdade, são assumidos quase como interesses pessoais... ela ‘briga’ pelos projetos de seu departamento ou instituto” (Pessotti, 1998, p. 243)*

Modelo de professora:

- *“Acima de tudo, Carolina Bori era uma Professora. E porque era uma grande Professora, deixa discípulos” (Guedes, 2004b, p. 192)*

- *“O comportamento da Professora Carolina pode ser considerado como um notável exemplo de competência dialógica, caracterizada por uma disponibilidade para receber o outro, um esforço para entrar e compreender o campo do outro, uma atenção para escutar o discurso do outro, um cuidado para não desviar o processo do outro e, finalmente, uma capacidade para questionar e orientar o trabalho do outro” (Villani, 1998, p. 143)*

- *“Sua ampla visão das questões ligadas ao ensino, sua dedicação às causas da educação, sua força e dignidade em vencer obstáculos e superar dificuldades emprestaram, sempre, características especiais aos projetos de Carolina Bori” (Rocha e Silva, 1998, p. 157)*

- *“[Carolina Bori] ela indica caminhos, interroga, dá sugestões. O trabalho fica com você!” (Windholz, 1998, p. 238)*

- *“Ela não falava muito, não fornecia respostas prontas nem simples” (Souza, 1998, p. 121)*

Modelo de atuação política:

- *“É só vê-la atuando numa reunião científica, num debate. Lógica, racional, exprimindo-se com clareza, capaz de pôr ordem na multitude de ideias calorosamente colocadas..., mas também com paixão, emoção, assertividade, envolvimento total na sua atuação. Em todos os cargos honrosos e de destaque que ocupou, e foram tantos, sempre o fez com a mesma racionalidade e paixão, envolvimento, dedicação. Responsável pela formação qualitativa, além de quantitativa, de um contingente imenso de professores e pesquisadores, para mim Carolina é representante brilhante e ímpar da ciência no Brasil!” (Windholz, 1998, p. 240)*

- *“Foi uma crítica ferrenha do regime político militar e uma incansável defensora da democracia e dos direitos humanos” (Feitosa, 2005, p. 267)*

- *“Carolina encarna admiravelmente o papel de intelectual humanista cuja atividade é inseparável de uma visão ética de mundo. Sua atuação no período do regime militar foi sempre uma referência de ponderação e firmeza. Nos anos que se seguiram, manteve uma postura de democrata independente, voltada para a atividade científica, mas jamais desligada da questão social” (Velho, 1998, p. 217)*

- História progressa:

- *Graduou-se em Pedagogia em 1947 pela Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de São Paulo. Foi contratada pela USP, em 1948, como Professora Assistente de Annita de Castilho e Marcondes Cabral no curso de Filosofia, além de também ter sido professora no curso de Pedagogia na década de 1950 (Engelmann, 1998; Cândido & Massimi, 2012; Carvalho et al., 1998a, 1998c, 1998g; Feitosa, 2005; Guedes, 2004b; Souza, 2005)*

- *Referências à Teoria da Gestalt de Kurt Lewin (Cândido & Massimi, 2012, 2016; Kerbauy, 1998; Cunha, 1998; Feitosa, 2005, 2007; Marinho, 2020; Souza, 2005) e Psicologia Social (Kerbauy, 1998)*

- “Em nenhum momento presenciei a Professora Carolina se pronunciar contra o ensino da psicanálise e nem contra qualquer dos docentes dessa área, como é as vezes sugerido. Ao contrário, Carolina se posicionou por um ensino que deixasse claro de um lado a abordagem das ciências humanas e de outro aquela mais fundamentada na metodologia das ciências biológicas. Dentro dessa perspectiva Carolina favoreceu a presença do ensino da psicanálise, como uma matéria introdutória, nos primeiros anos do curso” (Barros, 1998, p. 80)

- “De modo bem diferente de outras pessoas de orientação operante, o interesse principal de Carolina era ... por toda a psicologia experimental, e não apenas na teoria de Skinner... Em primeiro lugar, ela é psicóloga... Dentro das diversas correntes teóricas, prefere a do behaviorismo radical” (Engelmann, 1998, p. 64)

- “Carolina, inicialmente gestaltista, mudou sua orientação teórica na psicologia. Tomou-se behaviorista operante. Achou que a explicação skinneriana era melhor para o avanço da psicologia científica” (Engelmann, 1998, p. 62)

- “Considero que Carolina defendia a psicologia experimental e não somente a análise do comportamento” (Kerbaux, 2004, p. 160)

- “A atuação fundamental de Carolina Bori é em Análise do Comportamento: ela marcou e foi marcada por essa área de investigação profundamente” (Carvalho et al., 1998i, p. 21)

- “Primeiro contato com a obra de Skinner em 1948 ... e veio a intensificar seu contato com o behaviorismo com a primeira vinda de Fred Keller ao Brasil em 1961” (Feitosa, 2005, p. 265)

- FFCL-Rio Claro:

- “... em 1962, enquanto na FFCL de Rio Claro, no curso Pedagogia, Isaías Pessotti e Geraldina Witter iniciam curso de AEC” (Guedes et al., 2006, p. 20) (Cândido, 2017a; Cândido & Massimi, 2012; Pessotti, 1998)

- Professora na FFCL-Rio Claro, mas parou de dar aulas na instituição quando foi para Brasília (Cândido & Massimi, 2016; Drachenberg, 1998)

- Bori foi responsável pela Cadeira de Psicologia Educacional na FFCL-Rio Claro (Cândido 2017a; Mejias, 1998; Cândido & Massimi, 2012; Carvalho et al., 1998a; Feitosa, 2005)

- Curso de Keller em 1961:

- “... Carolina Martuscelli Bori e Rodolpho Azzi, designados para exercer a função de assistentes de Keller” (Torres et al., 2020, p. 4) (Rafîhi-Ferreira et al., 2016; Fagundes, 2017b; Silva et al., 2022; Rocha e Silva, 1998; Todorov, 1996; Todorov & Hanna, 2010; Windholz, 1998)

- “Old gang” (Matos, 1996, p. 107, 1998b, p. 92)

- Bori realizou todos os experimentos planejados no curso de 1961 (Keller, 1988; Matos, 1998b)

- Plano de Brasília:

- Preocupações dos alunos da USP no início da década de 1960 com a possibilidade de Carolina Bori ir para Brasília (Borges, 1998)

- Uma das idealizadoras do PSI / Plano de Brasília (Almeida, 2007; Batista et al., 2005; Cândido, 2017b; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Cunha, 1998; Cianca et al., 2020; Ferrari, 2014; Guedes et al., 2008; Nale, 1998; Keller, 1987, 1996b, 1996c, 1988, 1999; Feitosa, 2007; Kerbaux, 1996a, 1998, 2004; Marinho, 2020; Mejias, 1998; Moraes, 2023; Moreira, 2004, 2022b; Rocha e Silva, 1998; Keller, 2001; Teixeira, 2005; Soares, 1998; Todorov, 1996; Todorov et al., 2009; Psicologia: Ciência e Profissão, 2010)

- “Em 1962, Darcy Ribeiro convidou Carolina Bori para elaborar e dar início ao Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB), na recente capital brasileira. Bori, por sua vez, estendeu o convite a Rodolpho Azzi, Gil Sherman e Keller” (Cândido & Massimi, 2012, p. 249) (Keller, 1988, 1996c)

- Keller e Bori participaram do “experimento pioneiro” na UnB (Villani, 1998, p. 141)

- “Convite-desafio” de Darcy Ribeiro a Keller e Bori para construir um Departamento de Psicologia na UnB (Kerbaux, 1996a, p. 236) (Cândido & Massimi, 2016; Keller, 2001; Matos, 1996, 1998b; Vasconcelos et al., 2022)

- Carolina Bori assessorou a idealização da estrutura dos cursos da UnB (Matos, 1998a)

- Voltou para a USP depois do golpe militar e das consequências dos fatos ocorridos na UnB (Keller, 1988)

- Bori é membro do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília (Borges, 1998; Feitosa, 2005; Souza, 2005)

- Título de Doutora Honoris Causa pela UnB em 2000 (Feitosa, 2005, 2007)

- Primeira mulher a ser agraciada com o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade de Brasília” (Feitosa, 2005, p. 267)

- Programação de Ensino:

- Keller (1988) se refere à Carolina Bori em seu primeiro encontro, no aeroporto em 1961, como uma “psicóloga educacional” (Keller, 1988, p. 43)

- Bori como uma das criadoras da metodologia de ensino individualizado e promotora de sua expansão e difusão (Feitosa, 2007; Pacheco Filho, 1998)

- Carolina Bori é responsável diretamente pela indigenização do PSI no Brasil, a evolução da área, as adaptações ao contexto brasileiro etc. (Carvalho et al., 1998h; Cianca et al., 2020; Kubo, 2005; Matos, 1998a; Nale, 1998)

- “... a história de desenvolvimento de uma proposta brasileira de programação de ensino, originalmente desenvolvida por Carolina Bori ...” (Kienen et al., 2021, p. 373)

- Programas construídos com base na Programação de Ensino em cursos de Psicologia, Biologia, Física, Matemática, Engenharia, Arquitetura, Química, Agricultura, Zootecnia, Economia e Administração Rural, com a influência de Bori (Keller, 2001; Matos, 1998b; Guedes, 2004b; Nale, 1998; Pacca, 1998; Pacheco Filho, 1998; Rocha e Silva, 1998; Soares, 1998; Tunes & Simão, 1998; Villani, 1998)

- Análise do Comportamento em diferentes regiões do país:

- Impacto da Análise Experimental do Comportamento, introduzida por Carolina Bori, em Minas Gerais (Jardim, 1998)

- Impacto de Carolina Bori no Nordeste; curso ministrado na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe em 1967 (Moraes, 1998)

- Carolina Bori ministrou cursos na UFBA na década de 1970 (Moraes, 1998)

- Curso criado em 1968 na UFBA “contou desde cedo com a inestimável e relevante participação da Professora Carolina Martuscelli Bori” (Carvalho & Moraes, 1998, p. 109)

- Formação de analistas do comportamento:

- “A formação básica do psicólogo brasileiro sofreu grande influência da atuação de Carolina Bori” (Todorov & Hanna, 2010, p. 148)

- “Se pegarmos o fio condutor vamos quase sempre chegar a Carolina, já que na grande maioria das vezes são trabalhos de seus orientandos ou de orientandos desses” (Nale, 1998, p. 289)

- “A professora Carolina M. Bori foi um nome bastante importante para a área ... além de ter sido uma das pioneiras da área no país, foi também a primeira orientadora de doutorado da área” (Silva et al., 2022, pp. 378-379)
- “Ao longo de seus 28 anos de atividades na pós-graduação, Carolina orientou 51 dissertações de mestrado e 53 teses de doutorado – uma média surpreendente de 3,7 trabalhos por ano! ... o maior volume de teses e dissertações orientadas por Carolina Bori concentrou-se no período de 1969 a 1982” (Carvalho et al., 1998h, p. 269)
- “Apenas na Universidade de São Paulo, 49 dissertações de Mestrado e 47 teses de Doutorado” (Carvalho et al., 1998i, p. 20)
- Orientação em diferentes abordagens (Guedes, 2004b)
- **Análise Experimental do Comportamento:**
- “A influência de Carolina Bori, responsável pela implementação das práticas na década de 1960 ..., parece ter colocado a presença de laboratórios como um dos itens importantes na infraestrutura do curso de psicologia” (Gonçalves et al., 2020, p. 82) (Cândido & Massimi, 2016; Carvalho et al., 1998i; Todorov & Hanna, 2010)
- “O ensino e a pesquisa básica muito devem a Carolina M. Bori” (Rocha e Silva, 1998, p. 157)
- “desenvolvimento da Psicologia Experimental e de outros laboratórios” (Kerbaux, 1998, p. 105)
- **Instituições:**
- SBPC; SBP; IBECC; ANPEPP; AMC; CENAFOR
- “Carolina SBPC Bori” (Freire-Maia, 1998)
- Professora Emérita pela Universidade de São Paulo (Carvalho et al., 1998i; Patitucci, 1998; Souza, 2005; Mello, 1998)
- Carolina Bori foi professora dos professores da PUC-SP (Pacheco Filho, 1998)
- Introduziu a Análise do Comportamento no curso de Psicologia da PUC-SP em 1966 (Marinho, 2020)
- A importância de Carolina Bori na USP (Rocha e Silva, 1998)
- “A Psicologia era sua paixão e a USP, sua casa” (Souza, 2005, p. 2)
- A importância de Carolina Bori na Universidade Federal de São Carlos na segunda metade da década de 1970 (Souza, 1998)
- Importância de Bori na criação do periódico **Psicologia** (De Rose & Galvão, 2023)
- **Regulamentação da Psicologia no Brasil:**
- Participou da regulamentação da Psicologia em 1962 (Torre et al., 2020; Windholz, 1998; Feitosa, 2007; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Souza, 2005)
- Carolina Bori foi o registro número um no Conselho de Psicologia no Brasil (Kerbaux, 2004)
- “Carolina Bori liderou um movimento de rejeição da proposta do Rio de Janeiro e de aprovação do estatuto que, ainda hoje, regulamenta o exercício profissional do psicólogo no Brasil” (Matos, 1998a, p. 68)
- “A Psicologia ainda não era reconhecida como profissão e em que ela [Carolina Bori] foi um dos membros da Comissão de Cinco que discutiu e elaborou o projeto da Lei do Psicólogo e lutou, junto com outros, pela sua aprovação” (Windholz, 1998, p. 238)
- **Reforma Universitária:**
- O impacto de Carolina Bori na Reforma Universitária na USP: “Carolina defendia a ideia de departamento e, através desta ideia, a renovação do ensino da psicologia” (Ades, 1998, p. 74) (Feitosa, 2005)
- “Realmente advogou a defesa da transformação da Universidade, no sentido de ser mais democrática, organizada em departamentos” (Cunha, 1998, p. 56)

- Atuação política:

- *“Lembro de Carolina em 76 na Reunião Anual de Brasília, com urna moção nas mãos pedindo o fim do AI-5” (Candotti, 1998, p. 211) (Feitosa, 2005; Queiroz Neto, 1998; Salzano, 1998; Velho, 1998)*

- *Recebeu anistia, em 1986, pelo decreto nº 92.768, após as demissões no período de 1964-1965 (Feitosa & Mulholland, 2022)*

- *“Sempre acreditei que a SBPC deveria se manter fora de disputas políticas e não aderir à tentação - popular na época - de criticar tudo e a todos... Carolina Bori me apoiou irrestritamente no esforço de trazer a SBPC para seu leito natural, que é de uma associação de cientistas e não de cidadãos, para os quais já havia espaço nos partidos políticos e outras organizações” (Goldemberg, 1998, p. 199)*

- Traduções:

- *Tradução de livros para a formação de alunos (Kerbaudy, 2004)*

- *Tradutora, com Azzi, do manual de Keller & Schoenfeld (Cândido & Massimi, 2012; Guedes et al., 2006; Kerbaudy, 1998)*

- *Tradutora, em colaboração com Rodolpho Azzi, de Comportamento Humano Complexo de Staats e Staats (Kerbaudy, 1998)*

- *Tradução de expressões analítico-comportamentais em 1963 (Guedes et al., 2006; Todorov, 2003; Todorov & Hanna, 2010)*

- Aposentadoria:

- *Aposentadoria compulsória aos 70 anos (Guedes, 2004b)*

- *“Expulsória” em 1994: “aposentadoria compulsória – sistema segundo o qual a USP automaticamente elimina do quadro de ativos um dos seus quando septuagésimo aniversário” (Guedes, 2004b, p. 190)*

- História pessoais e a relação com Carolina Bori:

- *(Ab’Saber, 1998; Almeida, 1998; Barros, 1998; Krieger, 1998; Lagoa, 1998; Malavasi, 1998; Mello, 1998; Menezes, 1998; Ormastroni, 1998; Pardo, 1998; Queiroz, 1998; Sala, 1998)*

- Homenagem Psicologia USP:

- *“Tornaram este fascículo material de referência” (Feitosa, 2007, p. 25)*

- *“A organização de uma coletânea de depoimentos sobre Carolina Bori constitui uma das possíveis maneiras de se conduzir o leitor a representar sua biografia, levando-o a navegar pelos ambientes acadêmicos, científicos e educacionais desta nação. Assim, a leitura desta sequência de fragmentos de memória” (Carvalho et al., 1998b, p. 131)*

- *“Embora tenham sido solicitados a discorrer principalmente sobre um aspecto particular de sua interação com Carolina, a maior parte dos depoentes não resistiu à tentação de se estender também sobre as qualidades pessoais dessa interação e sobre outros aspectos da atuação de Carolina” (Carvalho et al., 1998i, p. 20)*

- *Lista de cargos e atividades desenvolvidas por Carlina Bori (Carvalho et al., 1998c; Kerbaudy, 2004), “súmula do currículo” (Feitosa, 2007)*

- Aspectos historiográficos:

- *Diferença entre os textos publicados no volume especial da Psicologia USP e o texto de Cândido e Massimi (2016): descrição da metodologia baseada em história oral; entrevista com diversos colaboradores de Carolina Bori nas décadas de 1950 e 1960; análise de fontes primárias escritas*

- *Análise das publicações de Carolina Bori até 1962 (Cândido & Massimi, 2012) e, por meio de entrevistas, de sua atuação nas décadas de 1950 e 1960 (Cândido & Massimi, 2016)*

Rodolpho Azzi:

- *Rodolpho e Rodolfo* (Guedes et al., 2006; Keller, 2001)
- “*Rodolpho era um poeta*” (Matos, 1996, p. 108, 1998b, p. 91)
- Keller escreveu sobre Azzi para Skinner, dizendo que ele era “talvez o mais brilhante aluno que tive. Ele é o guia espiritual para um novo grupo de aproximadamente 6 jovens promissores que encontraram uma nova razão de viver no nosso estilo de Teoria do Reforço” (Kerbaudy, 1996a, p. 244)⁸¹ (*Psicologia: Ciência e Profissão*, 2010)
- **História progressa:**
- *Professor do curso da USP no início da década de 1960* (Mejias, 1997)
- **Curso de Keller em 1961:**
- “*Encantado com o livro e com suas ideias, Rodolpho traduzira extensos trechos que usava em suas aulas. Sabedora do fato a Profa. Carolina, quando consultada pelo Prof. Sawaya, indicara sem hesitar o nome de Rodolpho para o cargo de primeiro assistente*” (Matos, 1998b, p. 91)
- *Primeiro assistente de Keller em 1961 na USP* (Matos, 1996, 1998b)
- *Professor assistente de Keller em 1961 na USP* (Todorov, 1996)
- “... Carolina Martuscelli Bori e Rodolpho Azzi, designados para exercer a função de assistentes de Keller” (Torres et al., 2020, p. 4) (Guedes et al., 2006; Rafihi-Ferreira et al., 2016; *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2010; Frances, 2001; Silva et al., 2022; Keller, 1996c; Rocha e Silva, 1998; Todorov & Hanna, 2010; Guedes, 2022)
- *Atividades do primeiro semestre do curso de 1961 consistia em discutir detalhadamente K&S com Rodolpho Azzi* (Matos, 1996, 1998b)
- *Foi preparado por Keller em 1961 para ajudá-lo no segundo semestre no curso de Análise Experimental do Comportamento* (Guedes et al., 2006)
- “*Old gang*” (Matos, 1996, 1998b, p. 92)
- **Plano de Brasília:**
- *Um dos idealizadores do PSI / Plano de Brasília* (Almeida, 2007; Batista et al., 2005; Borges, 1998; Cunha, 1998; Cândido, 2017b; Cândido & Massimi, 2012; Cianca et al., 2020; Ferrari, 2014; Guedes, 2022; Guedes et al., 2008; Keller, 1987, 1996b, 1996c, 2001; Mejias, 1997, 1998; Marinho, 2020; Moreira, 2004; Nale, 1998; Kerbaudy, 1996a, 1998; Kienen et al., 2010; Teixeira, 2005; Carvalho et al., 1998f; Todorov, 1996; Todorov et al., 2009)
- *Carolina Bori estendeu o convite recebido de Darcy Ribeiro para elaborar um Departamento de Psicologia na Universidade de Brasília a Fred Keller, Rodolpho Azzi e Gil Sherman* (Cândido & Massimi, 2012, p. 249)
- *Um dos encarregados pelo Ensino no Plano de Brasília* (Guedes, 2022)
- “*A forma e o conteúdo do primeiro curso foram preparados, principalmente por Rodolfo [sic], de acordo com nosso plano inicial; no período letivo seguinte, ele foi oferecido a 50 ou 60 estudantes do primeiro ano de Psicologia da Universidade... Havia 12 experimentos no curso de Rodolfo [sic]*” (Keller, 2001, p. 463)
- “*Rodolpho Azzi, mais um da equipe de Bori (na verdade o principal, conforme descobri em pesquisa sobre a recepção de Keller no Brasil)*” (Guedes, 2022, p. 91)
- “*Demitido da UnB por motivos políticos*” (Gotti et al., 2021, p. 22) (Guedes et al., 2006; Todorov & Hanna, 2010)
- “*Teve sua carreira universitária interrompida pelo regime militar em decorrência de suas convicções e militância políticas... Em 1965, foi sumariamente demitido da UnB e posteriormente preso*” (*Psicologia: Ciência e Profissão*, 2010, p. 228)

⁸¹ Citação original de Skinner (1983, p. 231), “*Matter of consequences*”.

- “Cabe lembrar que Rodolfo Azzi (então Professor Assistente) está entre os nove professores que tiveram seus contratos rescindidos pelo Reitor, em 1965, ao tomar “todas as medidas” que considerou “necessárias à reabertura dos cursos e à normalidade da vida universitária, afetada pela greve iniciada por professores e instrutores...” (Salmerón, op. cit., p. 231), deflagrada em solidariedade aos Coordenadores dos Institutos Centrais, que se demitiam “por uma questão de dignidade” (p. 211), após o Reitor pro-tempora expulsar em 1964, “por conveniência da administração” (p. 171), esses nove primeiros professores” (Guedes et al., 2006, p. 21)

- “No período do Regime Militar, devido a posições políticas, passou por dois períodos de prisão” (Cândido & Massimi, 2016, p. 34)

- “Sua vida seguiu rumos de trabalho menos organizados após dois períodos de prisão ocorridos na década de 70, sob o regime militar” (Psicologia: Ciência e Profissão, 2010, p. 228)

- Rodolpho Azzi “lecionava Psicologia Educacional na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto (interior de São Paulo), onde pregava a revolução” (Matos, 1996, 1998b, p. 91)

- “Rodolpho Azzi, então membro do Partido Comunista Brasileiro” (Todorov, 1996, p. 7)

- “Já no período da redemocratização do País, apesar de reiterados convites formais, não se reintegrou à universidade” (Psicologia: Ciência e Profissão, 2010, p. 228)

- Traduções:

- Responsável pelas traduções (Keller, 1987)

- “Foi um dos principais tradutores das obras de B. F. Skinner e de Fred Keller” (Psicologia: Ciência e Profissão, 2010, p. 228)

- Tradução de expressões analítico-comportamentais em 1963 (Guedes et al., 2006; Todorov, 2003; Todorov & Hanna, 2010)

- Tradutor de “Princípios de Psicologia” (Keller & Schoenfeld, 1950), CCH (Skinner, 1953); Tecnologia do Ensino (Skinner, 1968) (Cândido, 2017b; Guedes et al., 2006) e Verbal Behavior (Stamirowski, 1998)

- Supervisionou a tradução do CCH (Todorov, 1996)

- Tradutor, em colaboração com Carolina Bori, de Comportamento Humano Complexo de Staats e Staats (Kerbaui, 1998)

John Gil Sherman:

- Carolina Bori estendeu o convite recebido de Darcy Ribeiro para elaborar um Departamento de Psicologia na Universidade de Brasília a Fred Keller, Rodolpho Azzi e Gil Sherman (Cândido & Massimi, 2012, p. 249)

- Citado por participar da construção do Curso de Psicologia da UnB e PSI, ao lado de Carolina Bori, Rodolpho Azzi e Fred Keller (Almeida, 2007; Batista et al., 2005; Borges, 1998; Cândido, 2017b; Cândido & Massimi, 2012; Cianca et al., 2020; Ferrari, 2014; Guedes et al., 2008; Kerbaui, 1996a, 1998; Keller, 1987, 1996a, 1996b, 1996c, 1999; 2001; Kienen et al., 2010; Moreira, 2004; Rocha e Silva, 1998; Marinho, 2020; Mejias, 1997, 1998; Nale, 1998; Shull, 2022; Teixeira, 2005; Todorov & Hanna, 2010; Todorov, 1996; Todorov et al., 2009; Psicologia: Ciência e Profissão, 2010)

- O sucesso de seu trabalho [Fred Keller] levou ao convite de um segundo Fulbright Scholar, John (Gil) Sherman, na época um jovem PhD da Universidade de Columbia” (Todorov & Hanna, 2010, p. 147)

- Indicado por Keller para ser professor visitante da USP em 1962 (Guedes et al., 2006; Keller, 1988, 1996a, 1996c; Mejias, 1997; Cândido & Massimi, 2012; Todorov, 1996)

- Quando Keller volta para os Estados Unidos, Gil Sherman vem para dar continuidade ao seu trabalho em 1962 (Matos, 1996, 1998b; Keller, 1996c)
- “Discípulo do prof. Keller” (Mejias, 1997, p. 11, 13)
- Voltou aos EUA no meio de 1964 (Keller, 1987)
- “Desde o início, o Gil tinha tido um papel importante no desenvolvimento do programa, e era muito estimado” Keller, 1987, p. 203)

Isaiás Pessotti:

- História de vida (Moraes, 2023)
- Formado em Filosofia na Maria Antônio (USP) nos anos 1950 (Lopes, 2023; Moraes, 2023; Otero, 2006)
- Sua Carreira acadêmica centralizou-se sobretudo na USP-RP, mas Pessotti também tem participação em Universidades como a UFSCar (Otero, 2006)
- Primeira geração de analistas do comportamento brasileiros (Lopes, 2023)
- Aluno do curso de Keller em 1961 (Vilares & Azoubel, 2023)
- Vencedor do prêmio Jabuti de Literatura (Lopes, 2023; Otero, 2006)
- Construtor de equipamentos (Lopes, 2023)!!!
- “... em 1962, enquanto na FFCL de Rio Claro, no curso Pedagogia, Isaiás Pessotti e Geraldina Witter iniciam curso de AEC” (Guedes et al., 2006, p. 20) (Cândido, 2017a; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Moraes, 2023; Pessotti, 1998; Vilares & Azoubel, 2023)
- Fundou laboratórios operantes (Lopes, 2023)
- “Um protótipo do PSI foi desenvolvido por Isaiás Pessotti e Herma Drachenberg na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro, em 1962, sob a supervisão de Carolina Bori, a partir de suas discussões com Fred Keller sobre a nova modalidade de ensino” (Todorov & Hanna, 2010, p. 147) (Moraes, 2023)
- Isaiás Pessotti vai para FFCL de RP (Guedes et al., 2006; Moraes, 2023)
- Relação entre Bori e Pessotti (Pessotti, 1998; Moraes, 2023)
- A estrutura do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da UFSCar foi inicialmente concebida por Carolina Bori, Isaiás Pessotti e Larry Williams (Souza, 1998)
- Ao falar de Fred Keller, Pessotti (1996) o trata como um mestre, e diz “desde que assisti seus cursos, nos anos sessenta, fui e permaneci um discípulo dele... Mas nunca fui seu aluno. (Creio, até, que em nenhum registro oficial de seus muitos alunos brasileiros, conta meu nome)” (Pessotti, 1996, p. 1) (Moraes, 2023)
- Parte da equipe de Carolina Bori para a implementação do Plano de Brasília (Guedes, 2022; Lopes, 2023; Moraes, 2023; Pompermaier, 2023)
- “Em seguida, em 1965 com o regime militar já instalado no país, foi convidado pela professora Carolina Bori para lecionar na Universidade de Brasília como professor assistente. Com a carta convite, recebeu passagem e cópia de chave de um apartamento dentro da UNB, o que foi considerado por ele um grande privilégio. Pessotti juntou-se ao grupo em Brasília ainda no ano de 1965” (Moraes, 2023, p. 259)
- Pessotti esteve ligado a transposição dos princípios da Análise Experimental do Comportamento para a Análise Aplicada do Comportamento no Brasil (Vilares & Azoubel, 2023)
- “Vez ou outra um professor de Rio Claro, Isaiás Pessotti, vinha discutir com o Professor Keller sobre suas ideias de pesquisa e, então, participava saborosamente” (Matos, 1996, p. 109)
- das aulas”
- **Abelhas:**

- *Pioneiro no estudo da aprendizagem com abelhas (Cândido & Massimi, 2016; Lopes, 2023; Otero, 2006)!!!*

- *Isaiás construiu o primeiro aparato para abelhas e também o primeiro registrador cumulativo automático no país em 1961 (Moraes, 2023)*

- *“Ele foi ‘capa’ da revista Scientific American no início da década de 1970, em função da importância de sua obra científica resultante de seus trabalhos pioneiros de pesquisa em aprendizagem de abelhas” (Otero, 2006, p.)10*

- Ditadura:

- *Recebeu anistia, em 1986, pelo decreto nº 92.768, após as demissões no período de 1964-1965 (Feitosa & Mulholland, 2022)*

- *“Isaiás Pessotti [e Maria Helena] – dois entre os poucos realmente demitidos entre os Instrutores que, em 1964, estavam já contratados” (Guedes, 2022, p. 91)*

- Instrumentos:

- *Fez manualmente as caixas de Skinner utilizadas no curso de Keller de 1961 (Vilares & Azoubel, 2023)*

Maria Amélia Matos:

- Características pessoais:

- *“Genial, geniosa, exigente, brava, competente, comprometida, atenciosa, disponível, enxada, mandona, contingente, reforçadora, carinhosa, risonha, alegre, incansável, brilhante, companheira...” (Assis, 2005, p. 1)*

- *“Simplicidade, generosidade, lealdade e humildade” (Assis, 2005, p. 2)*

- *“Miss Matos” (Assis, 2005, p. 1)*

- *Maria Amélia Matos entre os “primeiros mestres” da Análise do Comportamento no Brasil (Kubo, 2005, p. 270)*

- Curso de Keller em 1961:

- *Aluna da primeira turma de Psicologia formada pela USP em 1962 (Andery & Sérgio, 2005; Batista et al., 2005; Fagundes, 2017b; Guedes et al., 2006; Keller, 1988; Windholz, 1998; Matos, 1998a; Tomanari, 2005; Tomanari & Debert, 2010; Rafihi-Ferreira, 2016; Todorov, 1996; Todorov & Hanna, 2010)*

- *Foi segunda assistente de Keller em 1961 por recomendação de Carolina Bori (Guedes, 2022; Keller, 1988)!!!*

- *Old gang (Matos, 1996, 1998b, p. 92)*

- *“No 1º semestre: Psicologia Comparada e História da Psicologia, enquanto preparava Rodolpho Azzi e Maria Amélia Matos para o segundo semestre, para ajudá-lo no primeiro curso programado de AEC” (Guedes et al., 2006, p. 22)*

- *Maria Amélia Matos “possivelmente sua amiga mais próxima [Carolina Bori]” (Guedes, 2004b, p. 190) (Tomanari, 2005)*

- *“Maria Amélia foi uma das pioneiras da Psicologia no Brasil” (Tomanari, 2005, p. 255)*

- UNB:

- *Uma das encarregadas pelo Ensino no Plano de Brasília (Guedes, 2022)*

- Formação profissional:

- *Matos: “coube a ela parte da tarefa de formar as primeiras gerações de mestres e doutores brasileiros” (Tomanari & Debert, 2010, p. 235)*

- *A importância de Matos na formação de pós-graduação de analistas do comportamento brasileiros (Sério & Micheletto, 2010; Tomanari, 2005; Andery & Sérgio, 2005)*

- *Seminários de Programação de Cursos de Análise do Comportamento ministrados em 1971 por Maria Amelia Matos em Minas Gerais (Jardim, 1998)*

- *“Alguns alunos mais adiantados voltariam à universidade [USP] para consolidar aquilo que Carolina Bori iniciara. Maria Amelia Matos, Dora Fix, João Cláudio Todorov se uniram a Mário Guidi, Walter Hugo Cunha, Arno Engelman, César Ades, Raquel Kerbauy” (Stamirowski, 1998, p. 256)*

- Instituições:

- *Importância de Matos na criação do periódico **Psicologia** (De Rose & Galvão, 2023)*

- *Ligação entre CENAFOR e as aplicações da Programação de Ensino no curso de Física, assessorado por Carolina Bori e Maria Amelia Matos (Pacheco Filho, 1998)*

- *“Na USP, [Maria Amelia Matos] instalou o primeiro laboratório de Análise Experimental do Comportamento do país” (Tomanari & Debert, 2010, p. 235) (Tomanari, 2005)*

- *Primeira editora de língua portuguesa da Acta Comportamentalia (Rafih-Ferreira, 2016; Todorov & Hanna, 2010, p. 150)*

- *Professora visitante na UFBA e PUC-SP (Tomanari, 2005)*

- Áreas de estudo:

- *Matos, expoente no estudo do controle aversivo no Brasil (Keller, 1988; Sérgio & Micheletto, 2010; Tomanari, 2005)*

- *Estudo de equivalência de estímulos, comportamental verbal, comportamento governado por regras (Tomanari, 2005)*

- *Contribuições experimentais, mas também teóricas (Tomanari, 2005)*

Dora Selma Fix Ventura:

- *Dora Selma Ribeboim Fix (Matos, 1996, 1998b)*

- *Old gang (Matos, 1996, 1998b, p. 92)*

- *Aluna do curso do Keller de 1961 ministrado na USP (Fagundes, 2017b; Guedes et al., 2006; Keller, 1988; Todorov, 1996; Todorov & Hanna, 2010; Windholz, 1998; Matos, 1996, 1998b)*

- *Tradução de expressões analítico-comportamentais em 1963 (Guedes et al., 2006; Todorov, 2003; Todorov & Hanna, 2010)*

- *“Alguns alunos mais adiantados voltariam à universidade [USP] para consolidar aquilo que Carolina Bori iniciara. Maria Amelia Matos, Dora Fix, João Cláudio Todorov se uniram a Mário Guidi, Walter Hugo Cunha, Arno Engelman, César Ades, Raquel Kerbauy” (Stamirowski, 1998, p. 256)*

- *Uma das encarregadas pela Pesquisa Experimental no Plano de Brasília (Guedes, 2022)*

Margarida Hofmann Windholz (Maggi):

- *1926-2018*

- *Nascida na Alemanha, fugiu do regime nazista em 1936 para o Brasil, junto com a família, tendo se naturalizado brasileira. Foi morar em Israel no fim de sua vida (Fagundes, 2017b)*

- *Inconsistências nas datas, uma vez que o volume 13, número 1, da ReBAC foi publicado em 2017, mas o próprio obituário publicado data o falecimento em 2018 (Fagundes, 2017a)*

- *Aluna da primeira turma de Psicologia da USP (Fagundes, 2017a, 2017b)!!!*

- *Manteve um contato próximo com Fred Keller, tendo visitado ele nos EUA (Fagundes, 2017b)*
- *Aluna do curso do Keller de 1961 ministrado na USP (Fagundes, 2017a, 2017b; Keller, 1988; Todorov & Hanna, 2010; Windholz, 1998)*
- *Convidada por Carolina Bori para ser professora no Departamento de Psicologia Experimental da Universidade de São Paulo (Fagundes, 2017b; Windholz, 1998)*
- *Foi contratada em 1969 por Carolina Bori para fomentar a Psicologia Experimental Aplicada (Fagundes, 2017a, 2017b)*
- *Windholz como promotora da Análise Aplicada do Comportamento no Brasil (Fagundes, 2017b; Windholz, 1998, 2017) / Modificação do Comportamento (Fagundes, 2017b; Keller, 1988)*
- *“Pioneirismo em vários setores e seu pioneirismo em Psicologia Aplicada, evidenciando sua importância para o desenvolvimento, consolidação e divulgação da Análise Comportamental no Brasil” (Fagundes, 2017b, p. 169)*
- *“Maggi também foi pioneira na aplicação da Análise Comportamental em educação especial” (Fagundes, 2017b, p. 171)*
- *Orientações no IP-USP (Fagundes, 2017b)*
- *Cursos para outras áreas, como Fonoaudiologia e Fisioterapia; orientações para escolas, professores (Fagundes, 2017b)*
- *Homenageada pela ABPMC no XXV Encontro da ABPMC em 2016 (Windholz, 2017)*

Maria Ignez Rocha e Silva:

- *Aluna do curso do Keller de 1961 ministrado na USP (Rafih- Fagundes, 2017b; Ferreira, 2016; Todorov, 1996; Todorov & Hanna, 2010; Windholz, 1998; Matos, 1996, 1998b)*
- *Adaptação do Plano de Brasília para o Departamento de Física da USP, juntamente a Carolina Bori (Keller, 1988; 2001; Rocha e Silva, 1998; Villani, 1998)*
- *Tradução de expressões analítico-comportamentais em 1963 (Guedes et al., 2006; Todorov, 2003; Todorov & Hanna, 2010)*
- *Old Gang (Matos, 1996, 1998b, p. 92)*

João Cláudio Todorov:

- *1941-2021*
- *Livro virtual de visitas (De-Farias et al., 2021)*
- *“Sua relevância como psicólogo, analista do comportamento, professor, gestor, divulgador e defensor da ciência é indiscutível” (De-Farias et al., 2021, p. 2)*
- *Influenciado por Rodolfo Azzi, Carolina Bori e Fred Keller (Moras & Rolim, 2022)*
- *“Ainda como aluno, foi figura atuante junto ao prof. Fred S. Keller no alvorecer da Análise Comportamental no Brasil, em 1961 e 1965, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e na UnB” (Moras & Rolim, 2022, p. 44)*
- *“Com essa disposição para enfrentar problemas, ele ocupou serenamente e sem vaidades o papel de guia ou líder da Análise do Comportamento no Brasil. Uma liderança amplamente reconhecida e acatada” (Pessotti, 2022, p. 89)*
- *Apresentação do Blog de João Cláudio Todorov como um repositório de suas ideias (De-Farias et al., 2021; Moreira, 2022a)*
- **Características pessoais:**
- *Características pessoais (Gorayeb, 2022; Hunziker, 2022)*

- “Conviver com o Prof. Todorov era conviver com a história viva da Psicologia, em especial da Análise do Comportamento. Entre um café e outro, ele sempre tinha uma história, uma ideia ou um comentário fantástico, dignos de nota, sobre o passado, o presente e o futuro da Análise do Comportamento” (Moreira, 2022a)

- “Foi sem dúvida um líder proeminente da análise do comportamento no Brasil e no exterior” (Malott, 2022, p. 71)

- Guardava uma foto de Che Guevara, que Eckerman (2022) acredita ser dos tempos em que Todorov era um líder estudantil

- Atividades de política acadêmica / política científica (Feitosa & Mulholland, 2022; Hunziker, 2022; Moras & Rolim, 2022)

- Sete brasileiros foram ao congresso Second European Meeting on The Experimental Analysis of Behavior (1988), chamados por Hunziker (2022) de “os sete de Liège” (p. 100): Lincoln S. Gimenes, Elenice Ferrari, Antonio Bento A. de Moraes, Maria Helena Hunziker, João Claudio Todorov, Elenice Hanna e Celso Goyos

- “João Cláudio Todorov - João para alguns, João Cláudio para outros, ou simplesmente Todorov, como o chamávamos – foi, com todos os méritos, um grande cientista” (Landeira-Fernandez & Cruz, 2022, p. 86)

- “Um dos principais pensadores da Análise Experimental do Comportamento (AEC) do Brasil” (Moras & Rolim, 2022, p. 44)

- “João Claudio: sua inarredável fidelidade aos princípios da Análise do Comportamento” (Pessotti, 2022, p. 89)

- “Ser humano notável, homem/mentor/mestre inesquecível, homem de bom coração, generosidade notável, inspirador, líder, pesquisador prolífico, estudioso, cientista rigoroso, fidelidade inabalável aos princípios da Análise do Comportamento, um impulsionador de mudanças, um promotor (de estudantes, jovens talentos, colegas, instituições), um desbravador de barreiras, de vanguarda, movido por desafios, comprometido em tornar o mundo um lugar melhor, um gigante no campo da Análise do Comportamento, dedicado a criar oportunidades para os outros, altamente produtivo, enérgico e entusiasmado, com uma capacidade especial de ouvir e respeitar vozes diferentes, aberto e amigável com alunos e colegas...” (Hanna et al., 2022, p. 5)

- USP:

- Formado pela USP em 1962 (Borges, 2022; De-Farias et al., 2021)

- Se formou na USP em 1963 (Malott, 2022; Moras & Rolim, 2022)

- Aluno do Sherman na USP em 1962 (Moras & Rolim, 2022; Todorov, 1996)

- Participou do curso ministrado por Keller em 1961 na USP (Windholz, 1998)?

- UnB:

- Aluno em Brasília (Cunha, 1998; Keller, 1996c)

- Instrutor na UnB em 1964 e 1965 (De-Farias et al., 2021; Guedes, 2022)

- “Todorov era então aluno de mestrado e instrutor do curso de graduação da UnB” (Hanna et al., 2022, pp. 1-2)

- Auxiliou na implementação do Plano de Brasília (Borges, 1998; Keller, 1987, 1996c, 2001; Guedes, 2022; Moreira, 2022b; Moraes & Rolim, 2022; Shull, 2022; Todorov, 1996; Vasconcelos et al., 2022)

- “Professor assistente” em 1964 e 1965 (Malott, 2022)

- “Alguns alunos mais adiantados voltariam à universidade [USP] para consolidar aquilo que Carolina Bori iniciara. Maria Amelia Matos, Dora Fix, João Cláudio Todorov se uniram a Mário Guidi, Walter Hugo Cunha, Arno Engelman, César Ades, Raquel Kerbaury” (Stamirowski, 1998, p. 256)

- Rato Brasilino (encadeamento longo) (Guedes, 2022; Pessotti, 2022)!!!

- *Professor na UnB em 1974 (De-Farias et al., 2021)*
- *Reitor da UnB (Feitosa & Mulholland, 2022; Hanna et al., 2022; Hunziker, 2022)*
- *Reitor da UnB (1985-1989; 1989-1993) (Moraes & Rolim, 2022)*
- *Reitor da UnB (1989-1992; 1993-1996) (De-Farias et al., 2021)*
- *Reitor em Exercício em 1989*
- *Reitor da UnB entre 1993 e 1997 (Albuquerque & Lemos, 2022; Feitosa & Mulholland, 2022)*
- *Vice-reitor 1985-1989 (Feitosa & Mulholland, 2022)*
- *Ajudou a construir a UnB, “ainda como um jovem pesquisador, atuando em uma jovem universidade, na nova capital do país” (Albuquerque & Lemos, 2022, p. 31)*
- *Todorov retomou o PSI no ensino de diferentes disciplinas no curso de Psicologia da Universidade de Brasília nos anos 2000 (Moreira, 2022b)*
- *Título de professor emérito pela UnB em 2006 (De-Farias et al., 2021)*
- *Título de Doutor Honoris Causa em 2018 (De-Farias et al., 2021)*
- *Título de Doutor Honoris Causa em 2019 (Feitosa & Mulholland, 2022)*
- **Instituições:**
- *Professor da USP (Moras & Rolim, 2022)*
- *Professor da USP-RP (Gorayeb, 2022; Hanna et al., 2022; Malott, 2022; Moras & Rolim, 2022; Ribes-Iñesta, 2022)*
- *Professor da PUC-GO (2000-2009) (De-Farias et al., 2021; Malott, 2022; Moreira, 2022b)*
- *Professor na UnB (Malott, 2022; Feitosa & Mulholland, 2022; Hanna et al., 2022; Moras & Rolim, 2022; Ribes-Iñesta, 2022)!!!*
- *A importância de Todorov na política institucional da UnB, sobretudo a partir da década de 1980 (Feitosa & Mulholland, 2022)*
- *Foi indicado para chefe de Departamento na UnB por duas vezes durante a ditadura militar, mas foi preterido em ambos os casos pelo Reitor, José Carlos Azevedo, um militar, que tinha desafeto político por João Cláudio Todorov (Feitosa & Mulholland, 2022)*
- *Todorov foi um membro ativo da ABAI (Hanna et al., 2022; Malott, 2022)*
- *“Em fins de 1969, o professor João Cláudio Todorov voltou dos Estados Unidos, onde fizera seu doutoramento e iniciou as atividades de grupo de pesquisa na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, hoje a atual USP-RP” (Rafih-Ferreira, 2016, p. 187) (Hanna et al., 2022)*
- *“A Revista Brasileira de Análise do Comportamento publica também artigos na língua inglesa e foi criada por João Claudio Todorov em 2005” (Todorov & Hanna, 2010, p. 150) (Rafih-Ferreira, 2016; Guedes, 2022)*
- *ReBAC: Editor geral do primeiro volume da ReBAC e responsável por seu ISSN (Hanna et al., 2022)*
- *Importante figura para o desenvolvimento da Análise do Comportamento em Minas Gerais (Jardim, 1998)*
- *Passou um ano na National Autonomous University of México (UNAM) 1977-1978 (Malott, 2022; Moraes & Rolim, 2022; Ribes-Iñesta, 2022)*
- *Importante figura para fundação e desenvolvimento da SPRP (Moraes & Rolim, 2022; Pessotti, 2022)*
- *Atuou na criação do primeiro Conselho Regional de Psicologia (CRP 01) e do Conselho Federal de Psicologia (Borges, 2022; Moras & Rolim, 2022)*
- **Formação de analistas do comportamento:**

- “A USP-RP foi, no final da década de 60 e início da década de 70 do século passado, um centro de pesquisa em controle aversivo liderado por J. C. Todorov” (Todorov & Hanna, 2010, p. 149) (Hanna et al., 2022)

- “A pesquisa, a partir de meados dos anos 70 e os anos 80 do século passado, foi dominada por investigações sobre esquemas de reforçamento, comportamento de escolha e quantificação da lei do efeito (e.g., Todorov, 1971, 1973), com o grupo da UnB liderado por J. C. Todorov ...” (Todorov & Hanna, 2010, p. 149)

- *Orientações metacontingências e práticas culturais* (De-Farias et al., 2021)

- *Orientações em controle aversivo* (Hanna et al., 2022; Moraes & Rolim, 2022)

- *Elenice Hanna e Jorge Mendes de Oliveira-Castro como os principais colaboradores de Todorov* (Hanna et al., 2022)

- Temas de estudo:

- *Publicou mais de 170 artigos e capítulos e foi (co)autor de oito livros* (Malott, 2022), *sendo 139 artigos científicos* (Moraes & Rolim, 2022)

- *Análise histórica dos estudos sobre controle aversivo produzidos e orientados por João Cláudio Todorov* (Moraes & Rolim, 2022)

- *Importante no estudo de metacontingências no Brasil* (Albuquerque & Lemos, 2022; Glenn, 2022; Hanna et al., 2022; Moraes & Rolim, 2022; Malott, 2022; Vasconcelos et al., 2022)

- *Importância na formação de neurocientistas do comportamento, João Cláudio Todorov foi homenageado em 2011 pelo Instituto Brasileiro de Neuropsicologia e Comportamento (IBNeC)* (Landeira-Fernandez & Cruz, 2022)

- *Estudos sobre controle aversivo* (Hanna et al., 2022; Hunziker, 2022; Landeira-Fernandez & Cruz, 2022; Moraes & Rolim, 2022)

- *Procedimentos com pombos* (Hanna et al., 2022)!!!

- Premiações/Homenagens:

- *CRP (6ª Regional): Medalha Centenário da Psicologia Científica (1979)* (Malott, 2022)

- *Doutor Honoris Causa pelo Instituto de Ensino Superior de Brasília em 2015* (Souza, 2022)

- *Ministério das Relações Exteriores do Governo Brasileiro com a Ordem do Rio Branco (1994)* (Malott, 2022)

- *Sociedade Brasileira de Psicologia SBP com uma Homenagem (2000)* (Malott, 2022)

- *Ibero- Federação Americana de Associações Psicológicas pelas suas contribuições internacionais* (Malott, 2022)

- *“Todorov recebeu o status de ABAI Fellow em 2015”* (Malott, 2022, p. 74)

- *“Naquele ano, o Prof. Todorov receberia uma homenagem da Association for Behavior Analysis International (ABAI) por suas contribuições para a disseminação da Análise do Comportamento”* (Moreira, 2022a)

- *“Ele obteve o Prêmio SABA [Society for the Advancement of Behavior Analysis] de 2009 para Disseminação Internacional de Análise do Comportamento”* (Malott, 2022, p. 74)

- *“Em 2020, Todorov recebeu o mais alto reconhecimento da SABA [Society for the Advancement of Behavior Analysis], o Prêmio por Serviços Distintos em Análise do Comportamento”*

- Traduções:

- *CCH traduzido por Todorov em 1967* (De-Farias et al., 2021; Guedes et al., 2006; Keller, 1987; Todorov, 1996; Vasconcelos et al., 2022)!!!, *a pedidos de Carolina Bori* (Cândido & Massimi, 2016;)

- Homenagem ReBAC (v.18, n.1):

- *“O volume foi organizado com 6 artigos sobre as temáticas de pesquisa, seguidos por 16 depoimentos que tratam dos mais diversos aspectos das múltiplas facetas de atuação de João Claudio, em diferentes esferas da vida profissional (Hanna et al., 2022, p. 4)*

Mario Arturo Alberto Guidi:

- USP:

- *Aluno do curso do Keller de 1961 ministrado na USP (Todorov & Hanna, 2010; Windholz, 1998)*

- *“Mario Guidi participou do 2º curso de AC, dado por Keller na USP, em 1962” (Fagundes, 2017b, p. 173)*

- *“Alguns alunos mais adiantados voltariam à universidade [USP] para consolidar aquilo que Carolina Bori iniciara. Maria Amelia Matos, Dora Fix, João Cláudio Todorov se uniram a Mário Guidi, Walter Hugo Cunha, Arno Engelman, César Ades, Raquel Kerbauy” (Stamirowski, 1998, p. 256)*

- UnB:

- *Auxiliou no Plano de Brasília (Keller, 1987, 1996c, 2001; Borges, 1998; Todorov, 1996)*

- *Aluno em Brasília (Cunha, 1998)*

- Equipamentos:

- *Conseguiu adaptar uma “caixa experimental viável” (Gotti et al., 2021; Matos, 1998)*

- *Mario Guidi era quem inventava “novos registradores” (Guedes et al., 2008, pp. 50-51)*

- *Equipamentos de Mario Guidi (Jardim, 1998; Keller, 1996c; Todorov, 1996)*

- *“Mario e os ajudantes trabalham bem com o equipamento” (Keller, 1987, p. 199)*

- *“Mario Guidi, um gênio com equipamentos, que montou nossa oficina e construiu aparelhos para nosso laboratório” (Keller, 2001, p. 463)*

- *“O professor Mário Guidi, que tinha um vasto conhecimento técnico e fora responsável pela instalação do equipamento e funcionamento do laboratório em Brasília” (Drachenberg, 1998, p. 264)*

- *“Mario Guidi montou sua oficina para produzir aparelhos e instrumentos e – imaginem – contratou um mecânico” (Stamirowski, 1998, p. 254)*

- *“Habilidade e criatividade de Mário Guidi” (Matos, 1998b, p. 96)*

- *“Somente alguns anos depois o Prof. Mário A. A. Guidi outro inventor criativo, factótum da Psicologia Experimental no Brasil, desenhou e construiu uma caixa experimental viável, que, embora necessite de manutenção constante, tem sido, até agora, em Psicologia, no país, a única peça de equipamento didático genuinamente de alcance nacional” (Matos, 1998b, p. 93)*

- *“Suas habilidades em eletricidade e mecânica, auxiliado por seu técnico Silvano Scavazza, construiu os protótipos da Caixa de Skinner, Caixa de Mowrer” (Fagundes, 2017b)*

“Mário Arturo Alberto Guidi foi um aluno de Carolina Bori e responsável pela construção de alguns equipamentos de laboratório. Em colaboração com Herma Bauermeister, publicou o livro Exercícios de Laboratório em Psicologia em 1968 e, anos depois, dedicou-se à áreas como Cinema e Fotografia” (Cândido & Massimi, 2016, p. 34)

- Manual:

- *Coautor do primeiro manual de laboratório para demonstração de princípios básicos da AC (Fagundes, 2017b)*

- “Deve-se considerar que, tanto Guidi quanto Bauermeister, autores do manual de 1968, acompanharam Fred Keller no Brasil. O primeiro, desde 1961 e a segunda, em 1964” (Cirino et al., 2010, p. 20)

- Instituições:

- A pedido de Carolina Bori, Mario Guidi foi a UFBA para instalar o laboratório de Psicologia Experimental em 1971 (Carvalho & Moraes, 1998)

- “O IBECC já estava, sob a supervisão do Prof. Guidi, produzindo, em larga escala, caixas de condicionamento operante” (Drachenberg, 1998, p. 264)

- Ditadura:

- Recebeu anistia, em 1986, pelo decreto nº 92.768, após as demissões no período de 1964-1965 (Feitosa & Mulholland, 2022)

Luiz Otávio de Seixas Queiroz:

- (1938-2003)

- “Luiz Octavio de Seixas Queiroz” [sic] (Mejias, 1997)

- “Luiz Otávio Seixas de Queiroz” [sic] (Borges, 1998; Keller, 1996c)

- “Luiz Otávio de Seixas Queiroz” [sic] (Batista et al., 2005; Feitosa & Mulholland, 2022; Guedes, 2022)

- “Luiz Octávio Seixa de Queiroz” (Alves et al., 2020, p. 381)

- “Luiz Octávio Seixas Queiroz” [sic] (Guedes et al., 2006)

- “Luís Otávio” (Windholz, 1998)

- “Foi um pioneiro da Análise do Comportamento no Brasil” (Batista et al., 2005, p. 269)

- Montagem de laboratórios e implantação de cursos (Batista et al., 2005)

- Curso em 1961:

- Participou do curso ministrado por Keller em 1961 na USP (Windholz, 1998)

- Foi aluno da segunda turma do curso de Psicologia da USP, o primeiro curso de graduação em Psicologia implantado no Brasil” (Batista et al., 2005, p. 269)

- Contato com a Análise Experimental do Comportamento no início da década de 1960 no Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da USP (Mejias, 1997; Batista et al., 2005)

- Plano de Brasília:

- Auxiliou na implementação do Plano de Brasília (Batista et al., 2005; Borges, 1998; Guedes, 2022; Keller, 1987, 1996c, 2001)

- Monitor na UnB (Batista et al., 2005)

- Convidado pela Bori para terminar o curso de Psicologia em Brasília (Mejias, 1997)

- Convite de Bori para “atuar como membro da equipe que iniciaria uma experiência pioneira no Brasil [UnB]” (Batista et al., 2005, p. 270)

- Keller sobre a participação de Luiz Otávio em 1964 na UnB: “ajudando em toda parte” (Keller, 1987, p. 204)

- Modificação do Comportamento:

- Ligação com a história da modificação do comportamento no Brasil (Batista et al., 2005; Mejias, 1997)

- “Luiz Otávio criou, então, a supervisão de estágio em Modificação de Comportamento, sendo um pioneiro na formação do Terapeuta Comportamental nos cursos de Psicologia no Brasil” (Batista et al., 2005, p. 271)

- Organizou o curso de Modificação do Comportamento na Universidade Católica de Campinas em 1969 (Batista et al., 2005; Mejias, 1997; Torres et al., 2020)

- Criou, em 1969, um estágio supervisionado em *Modificação do Comportamento* na Universidade Católica de Campinas (Batista et al., 2005; Guedes et al., 2006; Leonardi, 2015)

- Criação de um Programa de Modificação do Comportamento na PUC-SP com auxílio de Garry Martin (indicado por Jack Michael), solicitado por Maria do Carmo Guedes, Hélio Guilhardi e Luiz Otávio de Seixas Queirós, Sérgio Luna, Maria Lucia Dantas Ferrara (Tutu) e Sandra Cury (Cury, 1997)

- Participação de Luiz Otávio Queiroz na *Análise do Comportamento Aplicada no Brasil* (Batista et al., 2005; Guedes, 2022; Guedes et al., 2006)

- Instituições:

- Primeiro presidente da Associação de Modificação de Comportamento (Mejias, 1997)

- Participou da criação da Associação de Modificação de Comportamento (Batista et al., 2005)

- Criou, junto com Hélio Guilhardi e outros alunos, “... a primeira clínica do Brasil com tratamentos embasados na análise do comportamento” (Leonardi, 2015, p. 126) / *Clínica de Modificação do Comportamento* (Cury, 1997)

- Experiência docente na PUC-SP com terapia comportamental (Batista et al., 2005)

- Ditadura militar:

- “Nesse mesmo ano, porém, um ano difícil, em que foi baixado o AI-5, o novo Reitor da Universidade entrou em conflito com um grupo de professores, entre os quais Luiz Octavio que, foco principal desses conflitos, teve que deixar a Universidade em agosto daquele mesmo ano. Foram 50 os professores que, então, se afastaram da Universidade” (Mejias, 1997, p. 12)

- Demissão coletiva de 40 professores da PUC-Campinas em 1969, dentre eles Luiz Otávio (Batista et al., 2005)

- Depois da intervenção militar na UnB, voltou para São Paulo e foi docente no curso de Pedagogia na FFCL-Rio Claro (Batista et al., 2005)

- Recebeu anistia, em 1986, pelo decreto nº 92.768, após as demissões no período de 1964-1965 (Feitosa & Mulholland, 2022)

Luiz Marcellino de Oliveira:

- 1939-2008

- Começou sua formação acadêmica na FFCL-Rio Claro (Almeida, 2007; Cândido, 2017a)

- Foi professor da FFCL-Ribeirão Preto (Almeida, 2007; Cândido, 2017a; Ferrari, 2014)

- Auxiliou na implementação do Plano de Brasília (Almeida, 2007; Borges, 1998; Ferrari, 2014; Keller, 1987, 1996c, 2001)

- Nosso primeiro aluno em Brasília (Keller, 1987)

- Responsável pelo viveiro na UnB em 1964 (Keller, 1987)

- Proposta de Carolina Bori a três alunos de Rio Claro, para transferir o curso de Pedagogia para Psicologia na UnB: Herma Drachenberg, Luiz de Oliveira e Edda Schlenchter (Edda Quirino Simões)

- Importante na formação profissional em âmbito de graduação e pós-graduação (Almeida, 2007)

- Sócio-fundador da SPRP (Almeida, 2007)

Herma Brigitte Drachenberg:

- Anteriormente, Herma Brigitte Bauermeister (Cândido, 2017a)
- “Herma Bauermeister Drachemberg foi, entre outras coisas, coautora do primeiro manual de laboratório para alunos de graduação, com práticas em *Análise Experimental do Comportamento*” (Cândido, 2017a, p. 141)
- “Um protótipo do PSI foi desenvolvido por Isaias Pessotti e Herma Drachemberg na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro, em 1962, sob a supervisão de Carolina Bori, a partir de suas discussões com Fred Keller sobre a nova modalidade de ensino” (Todorov & Hanna, 2010, p. 147)
- “Deve-se considerar que, tanto Guidi quanto Bauermeister, autores do manual de 1968, acompanharam Fred Keller no Brasil. O primeiro, desde 1961 e a segunda, em 1964” (Cirino et al., 2010, p. 20)
- Levada da “Pedagogia de Rio Claro para monitora em Brasília” (Guedes et al., 2006, p. 20)
- Parte da equipe de Carolina Bori para implementação do Plano de Brasília (Guedes, 2022)
- Convidada por Carolina Bori para participar das correções dos exames do primeiro vestibular da UnB
- Proposta de Carolina Bori a três alunos de Rio Claro, para transferir o curso de Pedagogia para Psicologia na UnB: Herma Drachemberg, Luiz de Oliveira e Edda Schlenchter (Edda Quirino Simões)

Nilce Pinheiro Mejias:

- Foi assistente de Carolina Bori na FFCL Rio Claro por um curto período de tempo (Cândido, 2017a; Cândido & Massimi, 2016; Mejias, 1997, 1998; Moraes, 2023)
- Quando Bori vai para Brasília, deixa Nilce Mejias “responsável pela Cadeira de Psicologia Educacional, em Rio Claro” (Mejias, 1998, p. 242)
- Ligação com a história da modificação do comportamento no Brasil (Keller, 1988; Mejias, 1997)

Geraldina Porto Witter:

- Professora, juntamente com Isaias Pessotti e Carolina Bori, no curso de Pedagogia da FFCL Rio Claro (Cândido, 2017a; Cândido & Massimi, 2016; Moraes, 2023; Rafihi-Ferreira, 2016)
- “... em 1962, enquanto na FFCL de Rio Claro, no curso Pedagogia, Isaias Pessotti e Geraldina Witter iniciam curso de AEC” (Guedes et al., 2006, p. 20) (Cândido, 2017a; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Moraes, 2023; Pessotti, 1998)
- Uma das encarregada pelo Ensino no Plano de Brasília (Guedes, 2022)

Rachel Rodrigues Kerbauy:

- Presidente da ABPMC que afiliou a sociedade científica à SBPC (Hübner, 2006)
- Presidente da ABPMC (1998-1999)
- Primeira editora da RBTCC (Cirino, 2006)
- “A primeira a ser criada foi a Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, publicada pela ABPMC, criada por Rachel Kerbauy em 1999” (Todorov & Hanna, 2010, p. 150) (Rafihi-Ferreira, 2016; Amaral, 2009)
- “A atitude reforçadora da Rachel no comando da Revista foi elemento decisivo para o início de uma história de sucesso” (Cirino, 2006, p. i)
- “Em 1969, a professora Rachel Rodrigues Kerbauy, aluna do professor Sherman, levou a AEC (*Análise Experimental do Comportamento*) e ACC (*Análise Comportamental*)

Clínica) para a Faculdade Sedes Sapientiae, dando início ao curso” (Rafih-Ferreira, 2016, p. 187)

- *Ligação com a história da modificação do comportamento no Brasil (Keller, 1988; Mejias, 1997)*

- *Participação de Kerbauy na Análise do Comportamento Aplicada no Brasil (Guedes et al., 2006)*

- *Rachel Kerbauy iniciou a primeira turma da especialização de Modificação de Comportamento no Instituto de Psicologia Sedes Sapientiae da PUC (Cury, 1997)*

- *Auxiliou na implementação do Plano de Brasília (Keller, 1987, 1996c, 1988, 2001; Todorov, 1996)*

- *Keller sobre a participação de Kerbauy em 1964 na UnB: “ajudando em toda parte” (Keller, 1987, p. 204)*

- *Aluna do curso de Brasília em 1964 (Keller, 1996c; Kerbauy, 1996a; Borges, 1998)*

- *“Naquela Universidade [UnB], teve a oportunidade de não apenas assistir aos cursos do prof. Keller, como de ser sua monitora, além de assistir a aulas de alguns especialistas que lá estavam, então, como professores visitantes” (Mejias, 1997, p. 10)*

- *Inovação ao criar laboratório de pombo (Guedes et al., 2006; Keller, 1988)*

- *“Alguns alunos mais adiantados voltariam à universidade [USP] para consolidar aquilo que Carolina Bori iniciara. Maria Amelia Matos, Dora Fix, João Cláudio Todorov se uniram a Mário Guidi, Walter Hugo Cunha, Arno Engelman, César Ades, Raquel Kerbauy” (Stamirowski, 1998, p. 256)*

Maria do Carmo Guedes:

- *Criação de um Programa de Modificação do Comportamento na PUC-SP com auxílio de Garry Martin (indicado por Jack Michael), solicitado por Maria do Carmo Guedes, Hélio Guilhardi e Luiz Otávio de Seixas Queirós, Sérgio Luna, Maria Lucia Ferrara e Sandra Cury (Cury, 1997)*

- *Maria do Carmo Guedes foi coordenadora da especialização em Modificação do Comportamento da PUC-SP (Pacheco Filho, 1998)*

Deisy das Graças de Souza:

- *“Deisy das Graças de Souza e Julio C. Coelho de Rose, da UFSCar, iniciaram interações com pesquisadores de diferentes universidades brasileiras (USP-SP, UFPA, UnB, UNESP) e americana (University of Massachussetts Medical School)” (Todorov & Hanna, 2010, p. 149)*

- *Importante na área de Programação de Ensino (Nale, 1998)*

Maria Helena Leite Hunziker:

- *“Os sete de Liège” (Hunziker, 2022)*

Hélio José Guilhardi:

- *(cf. História de uma Disciplina: Terapias Comportamentais)*

- *Participação do início da ABPMC, e foi presidente entre 1994-1995 e 2000-2001 (Kerbauy, 2001)*

- *Um dos pioneiros em Análise do Comportamento Clínica (Alves et al., 2020)*

- *Criou, junto com seu professor Luiz Otávio de Seixas Queiroz e outros alunos, “... a primeira clínica do Brasil com tratamentos embasados na análise do comportamento” (Leonardi, 2015, p. 126) / Clínica de Modificação do Comportamento (Cury, 1997)*

- *Criação de um Programa de Modificação do Comportamento na PUC-SP com auxílio de Garry Martin (indicado por Jack Michael), solicitado por Maria do Carmo Guedes, Hélio Guilhardi e Luiz Otávio de Seixas Queirós, Sérgio Luna, Maria Lucia Dantas Ferrara (Tutu) e Sandra Cury (Cury, 1997)*

Elenice Aparecida de Moraes Ferrari:

- 1946-2015
- *Primeira orientanda de Todorov (Hunziker, 2015; Moraes & Rolim, 2022)*
- *Orientada por Todorov em controle aversivo no mestrado e doutorado (Hanna et al., 2022; Moraes & Rolim, 2022)*
- *Trabalhos na interface da Análise do Comportamento com as neurociências (Batista & Moraes, 2015)*
- *“Os sete de Liège” (Hunziker, 2022)*

Ricardo Gorayeb:

- *Fundador da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto (SPRP)*

Myrthes Rodrigues Prado:

- *Aluna que foi para os EUA e entrou em contato com Keller*
- *“Myrthes Rodrigues do Prado” (Marinho, 2020)*
- *“Mirtes Rodrigues Prado” (Matos, 1996, 1998b)*
- *Mirtes Rodrigues do Prado frequentou as aulas de Keller na Columbia University em 1959 (Matos, 1996, 1998b)*

Paulo Sawaya:

- *Em 1960, Paulo Sawaya, diretor da FFCL da Universidade de São Paulo efetivou o convite de vir ao Brasil a Keller (Matos, 1996, 1998b; Fagundes, 2017b; Carvalho et al., 1998f)*
- *Apresenta uma cópia do telegrama que Sawaya envia para Keller (Matos, 1996)*

Darcy Ribeiro:

- *Reitor da UnB*
- *Primeiro presidente da UnB (Todorov, 1996)*
- *Fundador da UnB (Feitosa & Mulholland, 2022)*
- *Coordenador da Implementação da UnB (Guedes, 2022)*
- *“o principal autor sobre uma universidade especial para o Brasil” (Guedes, 2022, p. 92)*
- *“... Darcy analisava a educação e, em especial, o ensino superior brasileiro, de um jeito que me conquistou para a área e para o tema” (Guedes, 1998, p. 226)*
- *“Em 1962, Darcy Ribeiro, antropólogo social e educador, uma figura de destaque na Universidade de Brasília, desde o seu início, convidou Carolina Martuscelli Bori para chefiar o novo Departamento de Psicologia daquela instituição” (Keller, 2001, p. 462) (Matos, 1996, 1998b; Carvalho et al., 1998a)*
- *“Convite-desafio” de Darcy Ribeiro a Keller e Bori para construir um Departamento de Psicologia na UnB (Kerbaui, 1996a, p. 236) (Keller, 1996c)*
- *“O projeto da UnB, liderado pelo Prof. Darcy Ribeiro, congregou intelectuais das mais diversas áreas do conhecimento que tomaram para si a difícil tarefa de pensar uma universidade, que nasceria como universidade, que ousaria ser singular e inovadora. Que*

seria um modelo de universidade pra o Brasil. Assim nasceu a UnB, organizada por área do conhecimento, sem cátedras” (Borges, 1998, p. 102)

- *“Universidade de Brasília, a universidade sonhada como centro de excelência de ensino e pesquisa por Darcy Ribeiro” (Carvalho et al., 1998a) (Todorov, 1996; Guedes, 2022)*

- *“Universidade revolucionária, a Universidade de Brasília, orientada pela concepção de Darcy Ribeiro de uma universidade reformada, com um curso básico para todos os cursos e depois com matérias diferenciadas” (Cunha, 1998, p. 56)*

- *Darcy Ribeiro foi assessorado por Carolina Bori na idealização da estrutura dos cursos da UnB (Matos, 1998a)*

- *Expulso da UnB pela ditadura militar (Stamirowski, 1998)*

- *Doutor Honoris Causa pela UnB em 1995 (Feitosa & Mulholland, 2022)*

Robert Berryman:

- *O professor que permaneceu após a Diáspora (De Rose & Galvão, 2023; Gotti et al., 2021, p. 23; Guedes et al., 2008; Todorov & Hanna, 2010)*

- *“E o Departamento de Psicologia só não é fechado porque o professor Robert Berryman, um estadunidense que viera para trabalhar com a equipe, fica na cidade e passa a comandar o curso de Psicologia” (Guedes et al., 2008, p. 50)*

- *Professor visitante na UnB (Mejias, 1997)*

- *“O Prof. Robert Berryman tinha ido há alguns anos para a UnB, indicado por Fred Keller, e não acompanhou os 223 professores que se demitiram em 1965, em protesto contra a interferência da ditadura militar na universidade. Berryman permaneceu na UnB até o ano anterior à nossa entrada na psicologia [1970]” (De Rose & Galvão, 2023, p. 104)*

- *Robert Berryman ajudou a criar um ambiente experimental propícia UnB, mesmo após a demissão em massa dos professores em 1965 (De Rose & Galvão, 2023, p. 104)*

- *Antigo aluno de Keller que aceitou o convite do professor para uma visita à UnB (Keller, 1987)*

Celso Pereira de Sá:

- *“... Sá nos parece um exemplo de psicólogo brasileiro que se interessou por uma leitura analítico-comportamental dos fenômenos sociais. Sobretudo, da Análise do Comportamento como ferramenta de transformação social para grupos em risco político-social” (Alves et al., 2022)*

- *Propostas analítico-comportamentais com ênfase em compromissos sociais (Alves & Miranda, 2022)*

- *Professor da UERJ desde 1995 (Alves & Miranda, 2022)*

- *Reconhecido como Psicólogo Social (Alves & Miranda, 2022)*

- *Cartilha de Contracontrole Social (1985)*

- *As obras de Sá são marcadas pelos seus compromissos políticos com a “transformação da sociedade brasileira no que tange a emergência de um estado democráticos de direito” (Alves & Miranda, 2022)*

- *Buscou afastar a Análise do Comportamento dos rótulos de Psicologia com ideologia política de direita e conservadora (Alves & Miranda, 2022)*

José Antonio Damásio Abib:

- *Trabalhos experimentais com pombos no início da carreira*

- *“Abib, eminente filósofo da análise do comportamento uma figura dominante na Filosofia do Behaviorismo” (De Rose & Galvão, 2023, p. 103)*

- Ao falar de Abib, ou Zé Antonio, como os autores enfatizam, a utilização da memória fica marcada no texto. Os autores salientam que, “cerca de 50 anos depois de termos conhecido o Zé Antonio, não podemos garantir que nosso comportamento de lembrar dele seja inteiramente acurado” (De Rose & Galvão, 2023, p. 103)

- *Diáspora de 1972*: “a diáspora de 1972, quando o reitor da UnB, Capitão da Marinha, demitiu diversos professores do departamento, alguns dos quais se mudaram para a Universidade Estadual de Londrina, para onde foi, também, o recém-formado Zé Antonio” (De Rose & Galvão, 2023, p. 104)

- “Foi aí que o já então Abib orientou vários alunos brilhantes que, junto com o mestre, promoveram um grande crescimento na reflexão filosófica sobre Behaviorismo” (De Rose & Galvão, 2023, p. 105)

- “Zé Antonio e o Abib: o primeiro preparou o segundo, deu a ele a base científica necessária para sua marcante atuação como filósofo da ciência” (De Rose & Galvão, 2023, p. 105)

- “Contribuiu muito para colocar o Brasil uma posição muito avançada na produção acadêmica sobre filosofia do behaviorismo” (De Rose & Galvão, 2023, p. 105)

- *Abib como um promotor da Filosofia do Comportamentalismo* (De Rose & Galvão, 2023; Laurenti & Lopes, 2023; Silveira, 2023)

Sérgio Vasconcelos de Luna:

- Autor que tecia críticas a forma como a AC (não) tratava de questões sociais já na década de 1980 (Alves et al., 2022)

- Editor do primeiro número do periódico *Modificação de Comportamento: Pesquisa e Aplicação* (Torres et al., 2020)

- Criação de um Programa de Modificação do Comportamento na PUC-SP com auxílio de Garry Martin (indicado por Jack Michael), solicitado por Maria do Carmo Guedes, Hélio Guilhardi e Luiz Otávio de Seixas Queirós, Sérgio Luna, Maria Lucia Ferrara e Sandra Cury (Cury, 1997)

Silvio Paulo Botomé:

- Estudos desenvolvidos na década de 1970 por Botomé em OBM (Nascimento & Henklain, 2020)

- Importante na área de Programação de Ensino (Nale, 1998; Pacheco Filho, 1998)

Ione Scarpelli Pereira:

- Professoras da UFMG ligadas à Instrução Programada (Souza Júnior et al., 2018)

- Juntamente com Helvécio Pereira, escreveram uma adaptação do livre de auto instrução de Holland e Skinner (1961)

- (cf. História de um Texto: Holland & Skinner, 1961)

Helvécio Pereira:

- Professoras da UFMG ligadas à Instrução Programada (Souza Júnior et al., 2018)

- Juntamente com Ione Pereira, escreveram uma adaptação do livre de auto instrução de Holland e Skinner (1961)

- (cf. História de um Texto: Holland & Skinner, 1961)

Sônia dos Santos Castanheira:

- Professoras da UFMG ligadas à Instrução Programada (Souza Júnior et al., 2018)

Maria José Esteves de Vasconcellos:

- Professora da UFMG ligada à Instrução Programada (Souza Júnior et al., 2018)

Andrés Aguirre:

- Construtor de diversos equipamentos utilizados para a composição do laboratório experimental da FFCL Rio Claro, por pedido de Carolina Bori (Cândido, 2017a; Matos, 1996, 1998b)

- Bori encomendou a Andrés Aguirre caixas experimentais para a FFCL-Rio Claro: “Andrés Aguirre (um inventor muito criativo que se dedicava a construir aparelhos especiais para médicos ortopedistas) uma caixa protótipo, que reproduzisse as principais características da caixa importada da Grason-Stadler. Contudo, além de caro, o protótipo construído apresentava alguns problemas de funcionamento de difícil solução” (Matos, 1998b, p. 93)

- (cf. História de um Aparato)

Vera Otero:

- Importância clínica (Rafih-Ferreira, 2016)

- UFBA (Carvalho & Moraes, 1998)

Roberto Alves Banaco:

- Organizou a primeira edição de *Sobre Comportamento e Cognição* (Rafih-Ferreira, 2016; Todorov & Hanna, 2010)

- Presidente da ABPMC de 1996-1997

- Roberto Banaco assumiu a editoria da RBTCC em 2002, levando a revista a uma “posição de destaque nacional” (Cirino, 2006, p. i)

Denis Zamignani:

- ABPMC se manifestou contra a Ação Popular nº 101118979.2017.4.01.3400 que “propunha uma reinterpretação da Resolução do Conselho Federal de Psicologia CFP nº 001/1999 (CFP, 1999), visando permitir ao psicólogo a promoção de estudos científicos e o atendimento profissional com vistas à reorientação sexual” (Zamignani & Rocha, 2022, p. 122)

- “Foi então que, em 25 de setembro de 2017, foi elaborado pelo psicólogo e ex-presidente da ABPMC, Dr. Denis Zamignani, a pedido da diretoria da ABPMC – ora Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental, o documento ... que foi publicado na ocasião pela Associação, em uníssono com outras instituições da Psicologia e da Ciência brasileiras contra a retrógrada e absurda decisão” (Zamignani & Rocha, 2022, p. 122)

- Presidente da ABPMC (Fagundes, 2017a)

Vera Konigsberger:

- Aluna do curso do Keller de 1961 ministrado na USP (Todorov & Hanna, 2010)!!!

Maria Martha Hübner:

- Presidente da ABPMC (Todorov & Hanna, 2010)

Julio C. Coelho de Rose:

- “Deisy das Graças de Souza e Julio C. Coelho de Rose, da UFSCar, iniciaram interações com pesquisadores de diferentes universidades brasileiras (USP-SP, UFPA, UnB,

UNESP) e americana (University of Massachusetts Medical School)” (Todorov & Hanna, 2010, p. 149)

- *A estrutura do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da UFSCar foi inicialmente concebida por Carolina Bori, Isaias Pessotti e Larry Williams. A reorganização da década de 1990 foi resultado do trabalho de Júlio de Rose (Souza, 1998)*

Maria Lucia Ferrara:

- *Criação de um Programa de Modificação do Comportamento na PUC-SP com auxílio de Garry Martin (indicado por Jack Michael), solicitado por Maria do Carmo Guedes, Hélio Guilhardi e Luiz Otávio de Seixas Queirós, Sérgio Luna, Maria Lucia Ferrara e Sandra Cury (Cury, 1997)*

- *“A pesquisa, a partir de meados dos anos 70 e os anos 80 do século passado, foi dominada por investigações sobre esquemas de reforçamento, comportamento de escolha e quantificação da lei do efeito (e.g., Todorov, 1971, 1973), com o grupo da UnB liderado por J. C. Todorov que interagia com M. L. D. Ferrara e seus alunos da USP” (Todorov & Hanna, 2010, p. 149)*

- *“Neste evento a maioria das comunicações era sobre experimentos com animais (pesquisadores como Maria Amélia Matos, Isaias Pessotti, Maria Lúcia Ferrara, João Cláudio Todorov, Suzana S. Prado, Cesar Ades, entre outros); três era de modificação do comportamento com excepcionais e quatro de modificação do comportamento na escola” (Lima, 1997, p. 20)*

Sandra Cury:

- *Criação de um Programa de Modificação do Comportamento na PUC-SP com auxílio de Garry Martin (indicado por Jack Michael), solicitado por Maria do Carmo Guedes, Hélio Guilhardi e Luiz Otávio de Seixas Queirós, Sérgio Luna, Maria Lucia Ferrara e Sandra Cury (Cury, 1997)*

César Ades:

- *Trabalho com aranhas de César Ades (Jardim, 1998)*

- *“Alguns alunos mais adiantados voltariam à universidade [USP] para consolidar aquilo que Carolina Bori iniciara. Maria Amélia Matos, Dora Fix, João Cláudio Todorov se uniram a Mário Guidi, Walter Hugo Cunha, Arno Engelman, César Ades, Raquel Kerbauy” (Stamirowski, 1998, p. 256)*

Lígia Maria de Castro Marcondes Machado:

- *Memorial / Homenagem póstuma (Medeiros, 1999)*

- *Professora no IPUSP (Medeiros, 1999)*

- *Importante figura na formação profissional analítico-comportamental no Brasil (Medeiros, 1999)*

- *Lígia Maria Machado foi o “fruto mais exemplar da riqueza desse desenvolvimento” experimental promovido por Carolina Bori em Minas Gerais (Jardim, 1998, p. 120)*

Anamália Araújo de Carvalho:

- *Anamália Araújo de Carvalho concluiu o doutorado na USP e foi instalar o Laboratório de Psicologia Experimental na UFBA (Jardim, 1998; Moraes, 1998)*

Marcelo Beckert:

- *(1972-2004)*

- *Homenagem póstuma*

- *“Vendedor de sonhos”* (Silva, 2005)

Lincoln da Silva Gimenes:

- 1958-2016
- *Memorial / Homenagem póstuma*
- *“Os sete de Liège”* (Hunziker, 2022)

Alcides Gadotti:

- *Recebeu anistia, em 1986, pelo decreto nº 92.768, após as demissões no período de 1964-1965* (Feitosa & Mulholland, 2022)

Murray Sidman:

- *“As visitas de Murray Sidman nos anos 80 e 90 do século passado às universidades brasileiras e a divulgação da relação entre comportamento simbólico e seu modelo sobre equivalência de estímulos (Sidman & Tailby, 1982) modificaram o perfil da pesquisa no Brasil”* (Todorov & Hanna, 2010, p. 149) / *“Especialmente importantes foram os seis meses de estadia do Professor Murray Sidman, na Universidade de São Paulo; ele nos abriu toda uma nova área de pesquisa”* (Bori, 2001, p. 303)

- *Presente na XV Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto em 1985* (Landeira-Fernandez & Cruz, 2022)

Garry Martin:

- *“[Garry Martin] Esteve conosco em quatro períodos diferentes: abril de 1973; outubro de 1974; abril de 1975 e novembro de 1978, permanecendo entre nós cerca de um mês em cada uma das experiências”* (Cury, 1997, p. 24)

- *Professor visitante PUC-SP em 1973*

- *Criação de um Programa de Modificação do Comportamento na PUC-SP* (Cury, 1997)

- *“[Garry Martin] colaborou também com o grupo que na ocasião organizava a AMC”* (Cury, 1997, p. 25)

Charles Ferster:

- *Professor visitante da USP em 1973* (Mejias, 1997)

- *Curso de Análise do Comportamento Aplicada em 1974* (Alves et al., 2020)

- *“Em julho de 1974, Ferster e Donald Baer estiveram no Brasil, em Belo Horizonte e em São Paulo”* (Torres et al., 2020, p. 8)

- *Ferster recebeu, em 1963, Carolina Bori e Rodolpho Azzi no Institute for Behavioral Research em que era o coordenador e aceitou colaborar com os pesquisadores do Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília* (Rocha e Silva, 1998, p. 157)

História de Conceitos

- Controle e Contracontrole Social:

- *Cartilha de Contracontrole Social* (Alves et al., 2022; Alves & Miranda, 2022)

- *Impactos de Holland na forma como o contracontrole é estudado no Brasil* (Santos et al., 2016)

- *Importância de Celso Pereira de Sá no estudo com controle e contracontrole social no Brasil (Alves & Miranda, 2022)*

- Punição:

- *Santos e Pereira (2016) mostram que, historicamente, o conceito de punição vem sendo no Brasil desde 1978, tendo um pequeno aumento a partir dos anos 1996, e com um crescimento ainda maior após 2006*

- *As instituições que mais estudam o conceito são UFPA, UnB, USP, PUC-GO, UEL e PUC-SP (Santos & Pereira, 2016)*

- Programação de Ensino:

- *Evolução do conceito de Programação de Ensino para Análise de Contingências para Programação de Ensino (Teixeira, 2005)*

- *“... a proposição de Bori (1974), aqui denominada Análise de Contingência em Programação de Ensino, constitui, sem dúvida, uma contribuição e um avanço promissor em relação às formulações anteriores da Instrução Programada (Skinner, 1954, 1958, 1972) e do Sistema de Ensino Personalizado (Keller, 1968)” (Teixeira, 2005, p. 13)*

História de Instituições

“Contrariando a ideia de institucionalização apenas como burocratização e conservação, o termo foi assumido com a ideia de afirmação de movimentos de algum modo bem sucedidos, por sua vez ponto de partida para novos movimentos que, como os anteriores, apenas a história subsequente permite analisar” (Guedes et al., 2006, p. 17)

“No Brasil, a história da área é extensamente discutida, principalmente no que se refere aos seus anos iniciais de institucionalização. Os temas estudados são variados, como os primeiros cursos de Análise do Comportamento (Cândido, 2017a; Cirino, Miranda & Cruz, 2012; Cirino, Miranda & Souza Júnior, 2012; Guedes et al., 2006; Matos, 1998; Miranda, 2010; Todorov, 2006; Todorov & Hanna, 2010), a aplicação na educação (Akerá, 2017; Cândido, 2017b; Nale, 1998; Souza Júnior, Miranda & Cirino, 2018), a contribuição de personagens (Cândido & Massimi, 2016; Peron, Nogueira, Cândido, & Massimi, 2015; Tomanari, 2005) e a circulação da Análise do Comportamento em diferentes estados (Souza, 2011; Val, 2013)” (Torres et al., 2020, p. 3)

(i) Universidades:

- USP:

- *Criação do curso de graduação em Psicologia em 1958 (Guedes et al., 2008; Todorov & Hanna, 2010)*

- *“Em 1958, entrava a primeira turma. Seus professores eram os então docentes da Cadeira de Psicologia Educacional, ligada ao curso de Pedagogia, e da Cadeira de Psicologia, ligada ao curso de Filosofia” (Engelmann, 1998, p. 61)*

- *Curso de 1961 realizado na USP (Guedes et al., 2006; Kienen et al., 2021; Frances, 2001; Leonardi, 2015; Silva et al., 2022; Todorov & Hanna, 2010)*

- *“A história da Análise do Comportamento em nosso país começou com as aulas do professor Keller, na Universidade de São Paulo” (Bori, 2001, p. 302)*

- “O exercício da Análise do Comportamento no Brasil iniciou-se em 1961 com as aulas do Prof. Keller na Universidade de São Paulo” (Matos, 1998b, p. 89)

- Em 1960, Paulo Sawaya, diretor da FFCL da Universidade de São Paulo efetivou o convite de vir ao Brasil a Keller (Fagundes, 2017b; Matos, 1996, 1998b; Carvalho et al., 1998f)

- Reforma Universitária (cf.)

- “A partir de 1970, de volta a São Paulo, Carolina Bori comanda, na Universidade de São Paulo, o maior centro de formação em análise do comportamento, na Universidade de São Paulo (incluindo o campus de Ribeirão Preto), até os anos 90 ...” (Todorov & Hanna, 2010, p. 148)

- A importância de Carolina Bori na USP (Rocha e Silva, 1998; Carvalho et al., 1998h)

- Entre as décadas de 1980 e 1990 o fortalecimento da pós-graduação com ênfase em Análise do Comportamento (Bori, 2001)

- USP-RP:

- (cf. História Biográfica: João Cláudio Todorov)

- (cf. História Institucional: Associações: SPRP)

- (cf. História Institucional: Associações: SBP)

- Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

- “... a professora Carolina Bori retornou a São Paulo, desenvolvendo na USP (Campus de São Paulo e Ribeirão Preto) e na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) um dos maiores núcleos de formação em Análise do Comportamento” (Rafih-Ferreira, 2016, p. 187)

- “A partir de 1970, de volta a São Paulo, Carolina Bori comanda, na Universidade de São Paulo, o maior centro de formação em análise do comportamento, na Universidade de São Paulo (incluindo o campus de Ribeirão Preto), até os anos 90 ...” (Todorov & Hanna, 2010, p. 148)

- USP-RP e João Cláudio Todorov (Gorayeb, 2022; Hanna et al., 2022; Moraes & Rolim, 2022; Ribes-Iñesta, 2022)

- “A USP-RP foi, no final da década de 60 e início da década de 70 do século passado, um centro de pesquisa em controle aversivo liderado por J. C. Todorov” (Todorov & Hanna, 2010, p. 149) (Hanna et al., 2022)

- Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto

- Relação entre FFCL-Ribeirão Preto (USP-RP) e UFBA: professores foram para a UFBA em 1971 e 1972 (Carvalho & Moraes, 1998)

- Relação entre USP-Ribeirão Preto (USP-RP) e UFMG, sobretudo por meio de João Cláudio Todorov (Jardim, 1998)

- FFCL:

FFCL-USP:

- “Projeto do então diretor da FFCL da USP de incrementar a pesquisa experimental em todas as áreas de conhecimento de sua faculdade (tanto é que estudantes de biologia vão frequentar também o curso de Keller em 1961)” (Guedes et al., 2006, p. 22)

- “Fundada em 1934, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo foi calcada no modelo europeu, marcado por humanismo e progressismo e pela abertura de espaço para as ciências humanas a partir de uma formação fortemente filosófica” (Carvalho et al., 1998g, p. 31)

- “Dentro da Reforma Universitária, a Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras deixava de existir” (Engelmann, 1998, p. 63)

- “Após vinte e cinco anos de existência, observa-se em sua história uma primeira transformação, pois com a “Reforma Universitária” de 1960/70, os antigos cursos de Física, Química, Matemática, Estatística, Biociências, Geociências, Psicologia e Pedagogia separaram-se da FFCL para se constituírem em Institutos e/ou Faculdades autônomas” (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, n. d.).

FFCL-Rio Claro:

- Curso de Pedagogia (Cândido, 2017a, 2017b; Cândido & Massimi, 2012; Guedes et al., 2006; Rafihi-Ferreira, 2016; Drachenberg, 1998)

- Cadeira de Psicologia (Cândido, 2017a; Cândido & Massimi, 2012; Matos, 1996, 1998b; Carvalho et al., 1998a)

- Bori foi responsável pela Cadeira de Psicologia Educacional (Carvalho et al., 1998a; Mejias, 1998)

- “Primeiro laboratório de AEC no Brasil, no curso de Pedagogia” (Rafihi-Ferreira, 2016, p. 186) (Guedes et al., 2006)

- Caixa de condicionamento operante no curso em Rio Claro - (Cândido & Massimi, 2012, p. 249), feitas no Brasil (Cândido & Massimi, 2016)

- Preocupações dos alunos da USP no início da década de 1960 com a possibilidade de Carolina Bori ir para Brasília (Borges, 1998)

- “Ainda sobre sua formação, em 1960 ele e outros colegas (Nilce Mejias, Geraldina Witter) passaram a ensinar psicologia na Faculdade de Filosofia de Rio Claro - SP, trabalhando com Carolina Bori. Um ponto em comum desses novos assistentes vinculados à Cadeira de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro, é que tinham sido alunos de graduação de Bori, na USP. Nilce, Geraldina e Isaias permaneceram como assistentes até 1963” (Moraes, 2023, p. 259)

- Professores Geraldina Witter, Isaias Pessotti e Nilce Mejias (Cândido & Massimi, 2016)

- Quando Bori vai para Brasília, deixa Nilce Mejias “responsável pela Cadeira de Psicologia Educacional, em Rio Claro” (Mejias, 1998, p. 242)

- Isaias Pessotti contratado na FFCL-Rio Claro em 1960 por Carolina Bori (Pessotti, 1998)

- Carolina Bori era professora em Rio Claro e na USP e ainda assim assistiu todas as aulas do curso de Keller em 1961 e realizou todas as atividades experimentais solicitadas (Matos, 1998b)

- “... em 1962, enquanto na FFCL de Rio Claro, no curso Pedagogia, Isaias Pessotti e Geraldina Witter iniciam curso de AEC” (Guedes et al., 2006, p. 20) (Cândido, 2017a; Cândido & Massimi, 2012; Pessotti, 1998; Vilarés & Azoubel, 2023)

- Protótipo do PSI desenvolvido por Pessotti e Drachenberg em Rio Claro em 1962 (Moraes, 2023)

- Depois da intervenção militar na UnB, Luiz Otávio Seixas Queiroz voltou para São Paulo e foi docente no curso de Pedagogia na FFCL-Rio Claro (Batista et al., 2005)

FFCL-Sedes Sapientiae:

- FFFCL - São Paulo - São Bento (Guedes et al., 2006)

- FFCL - São Paulo - Sedes Sapientiae (Alves et al., 2020; Guedes et al., 2006; Leonardi, 2015; Rafihi-Ferreira, 2016)

- “... Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Sedes Sapientiae (que mais tarde se tornaria PUC-SP)” (Leonardi, 2015, p. 126)

- FFCL Sedes Sapientiae + FFCL São Bento = PUC-SP (1974) (Mejias, 1997)

- *Laboratório de Psicologia Experimental na FFCL Sedes Sapientiae tinha “caixas de papelão montadas por eles e que eram ‘aparelho’ no qual condicionavam os pombos e assim realizavam os exercícios de laboratório” (Kerbauly, 1996a, p. 227)*

FFCL-Outras:

- *FFCL - São José do Rio Preto (Cândido, 2017b; Guedes et al., 2006; Guedes et al., 2008, p. 42)*

- UnB:

- *(cf. História de um Processo Social: Cenário de desenvolvimento educacional)*

- *(cf. História de um Processo Social: Ditadura militar)*

- *“É preciso dizer também algo muito importante sobre o projeto de Anísio Teixeira: que no início se contratasse apenas ‘Instrutores’, reservando o cargo de ‘Professor’ para mais tarde, depois da aprovação do Projeto da UnB no Senado e estando mais adiantada a construção da UnB” (Guedes, 2022, p. 91)!!!*

- Inovação / Darcy Ribeiro:

- *“Universidade revolucionária, a Universidade de Brasília, orientada pela concepção de Darcy Ribeiro de uma universidade reformada, com um curso básico para todos os cursos e depois com matérias diferenciadas” (Cunha, 1998, p. 56) (Todorov, 1996)*

- *“O projeto da UnB, liderado pelo Prof. Darcy Ribeiro, congregou intelectuais das mais diversas áreas do conhecimento que tomaram para si a difícil tarefa de pensar uma universidade, que nasceria como universidade, que ousaria ser singular e inovadora. Assim nasceu a UnB, organizada por área do conhecimento, sem cátedras” (Borges, 1998, p. 103)*

- *“Universidade de Brasília, a universidade sonhada como centro de excelência de ensino e pesquisa por Darcy Ribeiro” (Carvalho et al., 1998a, p. 42) / “revolucionário e moderno” (Vasconcelos et al., 2022)!!!*

- *Keller e Bori participaram do “experimento pioneiro” na UnB (Villani, 1998, p. 141)*

- Keller e Bori:

- *“Em 1962, Darcy Ribeiro, antropólogo social e educador, uma figura de destaque na Universidade de Brasília, desde o seu início, convidou Carolina Martuscelli Bori para chefiar o novo Departamento de Psicologia daquela instituição” (Keller, 2001, p. 462)*

- *“Convite-desafio” de Darcy Ribeiro a Keller e Bori para construir um Departamento de Psicologia na UnB (Kerbauly, 1996a, p. 236)*

- *Estruturação de um curso que seria modelo para outros cursos da UnB (Matos, 1996, 1998b)*

- *“[Keller] Em 1987 recebeu o título de Professor Honoris Causa da UnB” (Kerbauly, 1996a, p. 236) (Souza, 2005; Zannon, 1996)*

- *Bori é membro do “Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília” (Borges, 1998, p. 103; Souza, 2005)*

- *“Primeira mulher a ser agraciada com o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade de Brasília” (Feitosa, 2005, p. 267)*

- Todorov:

- *Importância de Todorov (Feitosa & Mulholland, 2022; Hanna et al., 2022)!!!*

- PSI:

- *“As experiências de ensino individualizado foram implantadas em Brasília não só nas disciplinas de conteúdo psicológico. A experiência de ensino de Física com o Método Keller produziu as primeiras dissertações do mestrado em Física da UnB” (Borges, 1998, p. 103)*

- *A instituição na qual o PSI foi implementado pela primeira vez (Moreira, 2022b)*

- Ditadura militar:

(cf. *História de Processos Sociais: Ditadura militar*)

- *O impacto da ditadura no projeto da UnB (Moraes, 1998)*

- *“Infelizmente, o sonho de Darcy Ribeiro de tomar a Universidade de Brasília algo único fracassou” (Salzano, 1998, p. 193)*

- *“[Universidade de Brasília] soube reagir à brutalidade do regime militar que tentou destruí-la de todas as formas, tanto pela ocupação armada de seu campus, como pela expulsão de professores e a nomeação de um militar para dirigi-la” (Borges, 1998, p. 103)*

- *“A UnB tinha sido um experimento educacional revolucionário, que foi depois contido pela truculência da ditadura militar. Mas é provável que alguma coisa da UnB inicial ainda persistisse em alguns nichos, e que a psicologia fosse um desses nichos” (De Rose & Galvão, 2023, p. 104)*

- *“Uma iniciativa universitária que fora interrompida pela intolerância daqueles que não suportavam espaços de liberdade, mesmo sendo este ao nível acadêmico, como foi o projeto inicial da Universidade de Brasília” (Soares, 1998, p. 146)*

- *“A decisão de montar um Departamento de Psicologia modelar em Brasília, em plena ditadura, sabendo que, se não ousasse então, talvez nunca mais se poderia fazê-lo. A organização desse departamento na Universidade de Brasília foi uma demonstração cabal de competência e ética: de autêntica chefia, como a defini acima. Mais ainda, quando foi preciso defender a obra começada, e o nosso ideal de Universidade e liberdade de pensamento, durante o cerco militar e a desativação da UnB” (Pessotti, 1998, p. 244)*

- *“O Prof. Robert Berryman tinha ido há alguns anos para a UnB, indicado por Fred Keller, e não acompanhou os 223 professores que se demitiram em 1965, em protesto contra a interferência da ditadura militar na universidade. Berryman permaneceu na UnB até o ano anterior à nossa entrada na psicologia [1970]” (De Rose & Galvão, 2023, p. 104)*

- *Durante a década de 1970 teve como Reitor um militar, que interferia diretamente na política institucional, escolhendo e preterindo chefes de departamento (Feitosa & Mulholland, 2022)*

- Análise do Comportamento na UnB:

- *“O curso de psicologia da UnB era o único curso do Brasil inteiramente voltado pra essa abordagem, a análise experimental do comportamento” (De Rose & Galvão, 2023, p. 103)*

- *“O primeiro centro de formação de analistas do comportamento foi a Universidade de Brasília” (Todorov & Hanna, 2010, p. 148)*

- *A UnB, na década de 1970, oferecia uma disciplina de “Psicologia Geral e Experimental, com 10 câmaras experimentais para estudo de comportamento operante” (De Rose & Galvão, 2023, p. 103)*

- *Entre as décadas de 1980 e 1990 o fortalecimento da pós-graduação com ênfase em Análise do Comportamento (Bori, 2001)*

- *Pós-graduação na UnB em Análise do Comportamento em 1974 (Matos, 1996, 1998b)*

- PUC-SP:

- (cf. *História Institucional: Universidades: FFCL Sedes Sapientiae*)

- *“... Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Sedes Sapientiae (que mais tarde se tornaria PUC-SP)” (Leonardi, 2015, p. 126)*

- *FFCL Sedes Sapientiae + FFCL São Bento = PUC-SP (1974) (Mejias, 1997)*

- *Inserção da Análise do Comportamento na PUC-SP pela Carolina Bori em 1966*

- "... essa experiência foi decisiva no estabelecimento de uma formação mais ampla, em *Modificação do Comportamento*, que aconteceria, anos mais tarde, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)" (Torres et al., 2020, p. 4) (Rafih-Ferreira, 2016)

- "Desde os anos 90, foram criados novos cursos de pós-graduação com um interesse muito forte em *Análise do Comportamento* na Universidade Federal do Pará, na Universidade Federal de Minas Gerais, na Universidade Católica de Goiás e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo" (Bori, 2001, p. 303)

- Criação de um Programa de Modificação do Comportamento na PUC-SP com auxílio de Garry Martin (indicado por Jack Michael), solicitado por Maria do Carmo Guedes, Hélio Guilhardi e Luiz Otávio de Seixas Queirós, Sérgio Luna, Maria Lucia Ferrara e Sandra Cury (Cury, 1997)

- Rachel Kerbauy iniciou a primeira turma da especialização de Modificação de Comportamento no Instituto de Psicologia Sedes Sapientiae da PUC (Cury, 1997; Guedes et al., 2006)

- "Aquela instituição [PUC-SP] estaria concedendo, a seus professores, condições para a realização de novas experiências – condições essas que estariam ainda favorecendo a grande produção pessoal de cada um, inclusive quanto a publicações" (Mejias, 1997, p. 15)

- Carolina Bori foi professoras dos professores da PUC-SP (Pacheco Filho, 1998)

- Pós-graduação na PUC-SP em *Análise do Comportamento* em 1972 (Matos, 1996, 1998b)

- Maria Amélia Matos foi professora visitante (Tomanari, 2005)

- A importância do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental (PEXP) na formação de analistas do comportamento (Andery, 2004; Andery et al., 2005; Marinho, 2020)

- UFSCar:

- Universidade Federal de São Carlos

- "... a professora Carolina Bori retornou a São Paulo, desenvolvendo na USP (Campus de São Paulo e Ribeirão Preto) e na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) um dos maiores núcleos de formação em *Análise do Comportamento*" (Rafih-Ferreira, 2016, p. 187)

- Entre as décadas de 1980 e 1990 o fortalecimento da pós-graduação com ênfase em *Análise do Comportamento* (Bori, 2001)

- Importantes Universidades na história recentes da *Análise do Comportamento* no Brasil em estudos relacionados à Programação de Ensino, sobretudo à PCDC (Cianca et al., 2020; Nale, 1998)

- O impacto de Carolina Bori na pós-graduação (Carvalho et al., 1998a, 1998h)

- Bori Idealizou e organizou o Curso de Mestrado em Educação Especial da UFSCar no começo da década de 1980 (Matos, 1996, 1998a, 1998b; Carvalho et al., 1998a; Feitosa, 2005)

- Carolina Bori foi Diretora do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos na segunda metade da década de 1970 (Souza, 1998; Feitosa, 2005)

- A estrutura do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da UFSCar foi inicialmente concebida por Carolina Bori, Isaías Pessotti e Larry Williams (Souza, 1998; Feitosa, 2005). A reorganização da década de 1990 foi resultado do trabalho de Júlio de Rose (Souza, 1998)

- *Departamento de Fundamentos Filosóficos e Científicos da Educação (DEFUCIFE): - Importância do departamento para o fomento de debates teóricos em Análise do Comportamento (De Rose & Galvão, 2023, p. 105)*

- PUC-Campinas:

- *Universidade Católica de Campinas (UCC)*
- *Luiz Otávio de Seixas Queiroz criou um estágio supervisionado em Modificação do Comportamento em 1969 nessa instituição (Batista et al., 2005; Leonardi, 2015; Mejias, 1997; Torres et al., 2020)*
- *Disciplina de Análise do Comportamento em Clínica (Guedes et al., 2006; Mejias, 1997)*
- *Laboratório de Análise Experimental do Comportamento da Universidade Católica de Campinas montado por Luiz Otávio Seixas Queiroz com caixas de Skinner da FUNBEC (Batista et al., 2005)*
- *“Nesse mesmo ano, porém, um ano difícil, em que foi baixado o AI-5, o novo Reitor da Universidade entrou em conflito com um grupo de professores, entre os quais Luiz Octavio que, foco principal desses conflitos, teve que deixar a Universidade em agosto daquele mesmo ano. Foram 50 os professores que, então, se afastaram da Universidade [Católica de Campinas]” (Mejias, 1997, p. 12) / (Batista et al., 2005; Hunziker, 2005)*

- UFMG:

- *“... visita de diferentes comportamentalistas a Belo Horizonte, tais como Carolina Bori, João Cláudio Todorov e Maria Amélia Matos” (Alves et al., 2020) (Jardim, 1998)*
- *“As fontes sugerem que, para aqueles envolvidos com a recepção da Terapia Comportamental em Belo Horizonte, em nome da utilidade na prática clínica, haveria uma ausência de compromisso epistemológico com apenas uma escola psicológica, possibilitando o entendimento do comportamento por meio de diferentes vieses” (Alves et al., 2020, p. 385)*
- *“Desde os anos 90, foram criados novos cursos de pós-graduação com um interesse muito forte em Análise do Comportamento na Universidade Federal do Pará, na Universidade Federal de Minas Gerais, na Universidade Católica de Goiás e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo” (Bori, 2001, p. 303)*
- *“O behaviorismo ainda passava longe da Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas da Universidade Federal de Minas gerais naquele começo do ano de 1969 (Jardim, 1998, p. 117)*
- *Impacto da Análise Experimental do Comportamento, introduzida por Carolina Bori, em Minas Gerais (Jardim, 1998)*

- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais:

- *Impacto da Análise Experimental do Comportamento, introduzida por Carolina Bori, em Minas Gerais (Jardim, 1998)*

- UFPA:

- *Universidade Federal do Pará*
- *“Desde os anos 90, foram criados novos cursos de pós-graduação com um interesse muito forte em Análise do Comportamento na Universidade Federal do Pará, na Universidade Federal de Minas Gerais, na Universidade Católica de Goiás e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo” (Bori, 2001, p. 303)*

- “UFPA abre, em 1985, um primeiro Programa que se compromete, já no nome, com a Análise do Comportamento, ainda que no sentido mais amplo da expressão” (Guedes et al., 2006)

- O impacto de Carolina Bori na pós-graduação (Carvalho et al., 1998h)

- Participou das discussões da criação do Curso de Mestrado em Análise do Comportamento na UFPA em 1987 (Matos, 1996, 1998a, 1998b; Feitosa, 2005)

- Hospedam a ReBAC (Hanna et al., 2022)

- UEL:

- Universidade Estadual de Londrina

- “Cursos mais curtos, voltados para praticantes em Análise do Comportamento também foram criados na Universidade Estadual de Londrina e no Instituto de Análise do Comportamento, em Campinas” (Bori, 2001, p. 303) (Matos, 1996, 1998b)

- Importantes Universidades na história recentes da Análise do Comportamento no Brasil em estudos relacionados à Programação de Ensino, sobretudo à PCDC (Cianca et al., 2020)

- Diáspora de 1972: “a diáspora de 1972, quando o reitor da UnB, Capitão da Marinha, demitiu diversos professores do departamento, alguns dos quais se mudaram para a Universidade Estadual de Londrina, para onde foi, também, o recém-formado Zé Antonio” (De Rose & Galvão, 2023, p. 104)

- O impacto de Carolina Bori na pós-graduação (Carvalho et al., 1998h)

- UFSC:

- Universidade Federal de Santa Catarina

- “Primeira linha de pesquisa em ACO [Análise do Comportamento nas Organizações] foi concebida em um programa de Pós-graduação no Brasil específica em Análise do Comportamento em Organizações, Trabalho e Aprendizagem na Universidade Federal de Santa Catarina” (Nascimento & Henklain, 2020, pp. 165-166)

- Importantes Universidades na história recentes da Análise do Comportamento no Brasil em estudos relacionados à Programação de Ensino, sobretudo à PCDC (Cianca et al., 2020)

- Universidade Católica de Goiás:

- “Desde os anos 90, foram criados novos cursos de pós-graduação com um interesse muito forte em Análise do Comportamento na Universidade Federal do Pará, na Universidade Federal de Minas Gerais, na Universidade Católica de Goiás e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo” (Bori, 2001, p. 303)

- Aula de Todorov para a pós-graduação a partir de 2000 (De-Farias et al., 2021; Malott, 2022; Moreira, 2022b)

- Apoio da PUC-GO na criação do Think Tank on Cultural Studies (Malott, 2022)

- Universidade Federal da Bahia (UFBA):

- Curso criado em 1968 “contou desde cedo com a inestimável e relevante participação da Professora Carolina Martuscelli Bori” (Carvalho & Moraes, 1998, p. 109) (Feitosa, 2005)

- A pedido de Carolina Bori, Mario Guidi foi a UFBA para instalar o laboratório de Psicologia Experimental em 1971 (Carvalho & Moraes, 1998).

- Relação entre o Departamento de Psicologia Experimental da USP e UFBA: “Assim, ao longo dos anos, o quadro do Departamento de Psicologia da UFBA foi

enriquecido com vários mestres e doutores formados no Departamento de Psicologia Experimental da USP” (Carvalho & Moraes, 1998, p. 111).

- Implementação da matéria de Psicologia Geral e Experimental na UFBA, com enfoque em conteúdos de princípios básicos derivados da Análise Experimental do Comportamental, seguindo os “moldes do que já havia na Universidade de São Paulo” (Carvalho & Moraes, 1998, p. 109)

- Relação entre FFCL-Ribeirão Preto e UFBA: professores foram para a UFBA em 1971 e 1972 (Carvalho & Moraes, 1998).

- Carolina Bori ministrou cursos na UFBA na década de 1970 (Moraes, 1998)

- Maria Amélia Matos foi professora visitante (Tomanari, 2005)

Departamentos de Psicologia ligados à Análise do Comportamento (laboratórios de departamentos):

- Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da USP (PSE):

- Criação em 1958 (Ades, 1998; Engelmann, 1998; Cunha, 1998; Matos, 1998a)

- História do Instituto de Psicologia da USP (Ramoszi-Chiarottino, 2016)

- Como ocorreu os debates da Reforma Universitária na USP e na criação do Instituto de Psicologia e a participação de Carolina Bori nesses diálogos (Ades, 1998)

- A Reforma Universitária e os impactos na nova estruturação da USP: fim das FFCL, criação de Institutos e Departamentos (Ades, 1998; Engelmann, 1998; Cunha, 1998; Carvalho et al., 1998a; Feitosa, 2005)

- “analistas do comportamento ‘bedesianos’ ... que passaram pela pós-graduação em psicologia Experimental quando esta era ministrada no Famoso Bloco 10, sede do Departamento de Psicologia Experimental da USP” (Matos, 1998b, p. 95)

- O impacto de Carolina Bori na pós-graduação (Carvalho et al., 1998a, 1998h)

- Sólida pós-graduação na USP em Análise do Comportamento desde 1970 (Matos, 1996, 1998b)

- A importância de Matos e no IP-USP e na formação de mestres e doutores em Análise do Comportamento (Tomanari & Debert, 2010; Sérgio & Micheletto, 2010)

- A importância de Margarida Windholz e na formação de mestres e doutores em Análise do Comportamento Aplicada (Fagundes, 2017b)

- Carolina Bori era “a alma do local” (E. T. O. Tassara, 1998, p. 153)

- Fundado por Keller em 1961: Laboratório de Condicionamento Operante do IP-USP (Tomanari, 2001) → Laboratório F. S. Keller (Almeida, 2007)

- “Na época [de sua fundação], as câmaras de condicionamento que equipavam o Laboratório eram construídas artesanalmente. Hoje, o Laboratório conta com câmaras de condicionamento industrializadas, interligadas a computadores, permitindo-nos afirmar, com segurança, que o curso de graduação do Instituto de psicologia da USP possui um Laboratório moderno, bem equipado, como poucas instituições de ensino no Brasil e no mundo possuem” (Tomanari, 2001, p. 71)

- Departamento de Psicologia UnB:

- (cf. História de um Evento: O plano de Brasília)

- “Laboratório de Brasília” – atual Instituto de Psicologia (Borges, 1998)

- Criação do Departamento de Psicologia em 1962-1963, solicitado por Darcy Ribeiro (Borges, 1998; Guedes, 2022; Guedes et al., 2008; Keller, 1999, 2001; Matos, 1998a; Feitosa, 2005)

- “Convite-desafio” de Darcy Ribeiro a Keller e Bori para construir um Departamento de Psicologia na UnB (Kerbaui, 1996a, p. 236)

- Isaias Pessotti contratado em Rio Claro em 1960 por Carolina Bori e contratou novamente “à revelia, enquanto eu estava em Milão, desempregado e com medo dos militares, para o departamento da Universidade de Brasília” (Pessotti, 1998, p. 243)

- Ferster recebeu, em 1963, Carolina Bori e Rodolpho Azzi no Institute for Behavioral Research em que era o coordenador e aceitou colaborar com os pesquisadores do Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília (Rocha e Silva, 1998)

- “Em 2018, o Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento, Instituto de Psicologia, da Universidade de Brasília recebeu o Prêmio SABA [Society for the Advancement of Behavior Analysis] por Contribuições Programáticas para a Análise do Comportamento” (Malott, 2022, p. 74)

- Transição de Departamento de Psicologia para Instituto de Psicologia (Feitosa & Mulholland, 2022)

- Departamento de Fundamentos Filosóficos e Científicos da Educação (DEFUCIFE):

- Importância do departamento para o fomento de debates teóricos em Análise do Comportamento (De Rose & Galvão, 2023, p. 105)

- “Ali conviviam, nem sempre amigavelmente, psicólogos, sociólogos, antropólogos, filósofos, etc.” (De Rose & Galvão, 2023, p. 105)

- Laboratório de Análise Experimental do Comportamento em Rio Claro:

- Construído em 1961, alguns Aparatos foram construídos nesse local, assim como Métodos de condicionamento de abelhas, principalmente por Isaias Pessotti (Cândido, 2017a, p. 140)

- Laboratório de Estudos Históricos em Análise do Comportamento (LeHac-PUC/SP):

- Ainda que não se faça história sobre este laboratório, ele é fonte de muitas pesquisas analisadas

(ii) Associações / Sociedades:

- SBPC:

- Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

- Carolina presidente (1985-1989) (Feitosa, 2005)

- Carolina presidente (1986-1989) (Guedes, 2004a, 2004b)

- Carolina presidente de honra, desde 1989 (Feitosa, 2005)

- “20,3% dos trabalhos em psicologia apresentados entre 1982 e 1985 nas Reuniões Anuais da SBPC são em AC Esta expressiva presença poderia bem explicar a criação, em 1983, de uma subseção Análise do Comportamento na classificação dos trabalhos apresentados à SBPC” (Guedes et al., 2006, pp. 22-23)

- A AMC organizou um simpósio para a SBPC sobre Terapia Comportamental e Cognitiva (Guedes et al., 2006)

- Encontros Anuais fomentaram os trabalhos em Programação de Ensino (Nale, 1998)

- “Carolina SBPC Bori” (Freire-Maia, 1998)

- Carolina Bori é Presidente de Honra em uma “votação histórica” (Freire-Maia, 1998, p. 189)

- Carolina Bori (Cândido & Massimi, 2012; Carvalho et al., 1998c, 1998d, 1998f; Cunha, 1998; Pacheco Filho, 1998; Keller, 1988; Kerbauy, 2004; Goldemberg, 1998; Guedes, 2004a, 2004b; Feitosa, 2005; Krieger, 1998; Lavras, 1998; Magalhães, 1998; Soares, 1998; Malavasi, 1998; Queiroz, 1998; Queiroz Neto, 1998; Candotti, 1998; Sala, 1998; Velho, 1998)

- *Homenagem a Keller nas décadas de 1960 e 1970* (Zannon, 1996, p. iii)

- “A Reunião da SBPC, como o congresso científico nacional de maior importância, ocorria sob grande pressão e vigilância das autoridades governamentais durante o regime de ditadura militar” (Zannon & Bori, 1996, p. 191) (Candotti, 1998; Magalhães, 1998; Queiroz Neto, 1998; Salzano, 1998)

- SPRP:

- (cf. *História Institucional: Associações / Sociedades: SBP*)

- *Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto*

- “Outro evento no país, frequentado, à época, regularmente pelos analistas de comportamento era o Encontro Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, desde seu início em 1972” (Guedes et al., 2006, p. 23)

- “... Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto (SPRP), hoje Sociedade Brasileira de Psicologia” (Torres et al., 2020, p. 4) (Landeira-Fernandez & Cruz, 2022; Rafi-Ferreira, 2016; Moraes & Rolim, 2022; Todorov & Hanna, 2010)

- *Ligação entre SPRP e AMC* (Gorayeb, 2022; Torres et al., 2020, p. 4)

- *Divisões dos Encontros Anuais da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto: Análise Experimental do Comportamento; Modificação do Comportamento; Análise do Comportamento Humano; Análise do Comportamento* (Guedes et al., 2006)

- *Encontros Anuais fomentaram os trabalhos em Programação de Ensino* (Nale, 1998)

- *Homenagem a Keller em 1978* (Kerbauy, 1996a)

- *Homenagem a Keller na década de 1980* (Zannon, 1996, p. iii)

Importância da SPRP para a Análise do Comportamento (Hunziker, 2022; Landeira-Fernandez & Cruz, 2022)!!!

- “Esses congressos de Ribeirão [SPRP] ficaram históricos: pode-se dizer que todas as pessoas que hoje são referência na AC no Brasil participavam desses encontros nos bares e nas conversas informais que aconteciam pós palestras” (Hunziker, 2022, pp. 99-100)

- SBP:

- (cf. *História Institucional: Associações / Sociedades: SPRP*)

- *Sociedade Brasileira de Psicologia*

- Carolina Bori participou da criação (Carvalho et al., 1998c)

- Carolina Bori primeira presidente (1992-1993) (Feitosa, 2005)

- “A atual Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP), criada em 1970 como Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto (SPRP), foi criada e teve suas primeiras reuniões organizadas por presidentes científicos que eram analistas do comportamento (entre eles Todorov e Ricardo Gorayeb). Dos 18 presidentes que a SBP teve até hoje, 50% são analistas do comportamento. Essas reuniões foram os principais fóruns de discussão e divulgação científica da análise do comportamento no Brasil e, apesar da criação da ABPMC, a SBP continua até hoje sendo um espaço importante de intercâmbio científico do grupo” (Todorov & Hanna, 2010, p. 149) (Matos, 1998b)

- Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação (ANPEPP)

- Carolina Bori fundadora e primeira presidente (1984-1986) (Carvalho et al., 1998c; Feitosa, 2005)

- ABPMC:

- Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental (ABPMC)
 - Associação Brasileira de Ciências do Comportamento
 - Kerbauy (2001) narra a história da ABPMC, que completava 10 anos de sua fundação, ainda como Sociedade Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental, no Rio de Janeiro. A Sociedade teve como seu primeiro presidente Bernad Rangé (1992-1993). Em 1993, o Encontro da ABPMC foi realizado em Campinas, organizado por Hélio Guilhardi e teve como convidado Fred Keller (Kerbauy, 2001). A partir de 1994, os presidentes da ABPMC são todos analistas do comportamento: Hélio José Guilhardi (1994-1995); Roberto Alves Banaco (1996-1997); Rachel Rodrigues Kerbauy (1998-1999); Hélio José Guilhardi (2000-2001); Maria Zilah de Silva Brandão (2002-2003). Kerbauy (2001) também apresenta os Encontros V, VI, VII e VIII, realizados pela Associação, bem como alguns de seus convidados.

- “No ano seguinte houve a fundação por delegação, pelo grupo do Rio de Janeiro, da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental (ABPMC), com Bernad Rangé e Geraldo Lanna como presidente e vice presidente respectivamente” (Rafíhi-Ferreira, 2016, p. 188)

- “A primeira a ser criada foi a Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, publicada pela ABPMC, criada por Rachel Kerbauy em 1999” (Todorov & Hanna, 2010, p. 150) (Rafíhi-Ferreira, 2016; Amaral, 2009)

- ABPMC se manifestou contra a Ação Popular nº 101118979.2017.4.01.3400 que “propunha uma reinterpretação da Resolução do Conselho Federal de Psicologia CFP nº 001/1999 (CFP, 1999), visando permitir ao psicólogo a promoção de estudos científicos e o atendimento profissional com vistas à reorientação sexual” (Zamignani & Rocha, 2022, p. 122)

- “Foi então que, em 25 de setembro de 2017, foi elaborado pelo psicólogo e ex-presidente da ABPMC, Dr. Denis Zamignani, a pedido da diretoria da ABPMC – ora Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental, o documento ... que foi publicado na ocasião pela Associação, em uníssono com outras instituições da Psicologia e da Ciência brasileiras contra a retrógrada e absurda decisão” (Zamignani & Rocha, 2022, p. 122)

- Discussão sobre o laboratório didático operante junto ao órgão CONCEA (Gonçalves et al., 2020)

- Principal Associação de Análise do Comportamento no Brasil (Guedes et al., 2006; Malott, 2022)

- Relação com Sobre o Comportamento e Cognição (Guedes et al., 2006)

- Homenagem a Keller na década de 1990 (Zannon, 1996, p. iii)

- O Think Tank on Cultural Studies surgiu da Segunda Conferência Internacional da ABAI, em parceria com o 13º Encontro da ABPMC (Malott, 2022; Vasconcelos et al., 2022)

- Tratada como ABA-Brasil (Vasconcelos et al., 2022)

- “E seria justo reconhecer que a ABPMC, embora com perfil próprio expresso nos Encontros anuais, teve sua concepção original na bagagem do Professor Keller” (Guilhardi & Madi, 1996, p. 113)

- AMC:

- (cf. *História Institucional: Periódicos: Modificação de Comportamento: Pesquisa e Aplicação*)
- (cf. *História Institucional: Associações / Sociedades: ABAC*)
- *Associação de Modificação do Comportamento*
- 1974-1984
- *Primeira Associação na área* (Batista et al., 2005; Guedes et al., 2006)
- “*Criação, em 1975, da Associação de Modificação do Comportamento, a primeira sociedade científica do Brasil voltada para a Análise Aplicada do Comportamento*” (Batista et al., 2005, p. 271)
- “[*Carolina Bori*] *Foi ainda presidente da Associação de Modificação do Comportamento, de 1969 a 1973*” (Feitosa, 2005, p. 265)
- “*Associação de Modificação do Comportamento (uma sociedade científica criada alguns anos antes por iniciativa de docentes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)*” (Matos, 1998b, p. 97)
- “*Fundada em 1974 e extinta em 1984, com sede e foro no estado de São Paulo, a AMC teve como objetivo a promoção da modificação do comportamento como campo científico e profissional. Reuniu associados, promoveu eventos e publicou revistas especializadas*” (Torres et al., 2020, p. 1)
- *Primeiro presidente: L. O. S. Queiroz* (Mejias, 1997)
- *Ligação entre SPRP e AMC* (Torres et al., 2020, p. 4)
- Torres et al. (2020, p. 5) *descrevem aspectos institucionais: organização; hierarquias; votos; número de assinantes e associados; estatuto; objetivos; criação de periódicos*
- “*... Associação de Modificações de Comportamento (AMC), no qual visava atender ao profissional em Análise do Comportamento*” (Rafih-Ferreira, 2016, p. 187)
- “*Posteriormente, no ano de 1985, buscando ampliar e continuar os trabalhos da AMC e com o objetivo de abarcar as contribuições da Análise do Comportamento tanto em nível de pesquisa básica como aplicada, a proposta da associação foi reafirmada passando de uma sociedade local (São Paulo) para nacional, surgindo a Associação Brasileira de Análise do Comportamento (ABAC)*” (Rafih-Ferreira, 2016, pp. 187-188) (Torres et al., 2020)
- “*Em 1981, no 5º Mini-Congresso da ACM – Associação de Modificação do Comportamento, intitulado Terapia Comportamental Cognitiva ...*” (Lima, 1997, p. 22)
- “[*Garry Martin*] *colaborou também com o grupo que na ocasião organizava a AMC*” (Cury, 1997, p. 25)
- *A AMC organizou um simpósio para a SBPC sobre Terapia Comportamental e Cognitiva* (Guedes et al., 2006)
- “*A Associação de Modificação do Comportamento mudou seus objetivos e seu nome para Sociedade Brasileira de Análise do Comportamento, mas, por razões que não cabem aqui discutir, desapareceu*” (Matos, 1996, p. 110, 1998b, p. 98)

- ABAI:

- *MidWestern Association for Behavior Analysis (MABA)*
- *Association for Behavior Analysis (ABA)*
- *Association for Behavior Analysis International (ABAI)*
- *ABA Brasil*
- *Ligação com o TTCS* (Malott, 2022; Vasconcelos et al., 2022)

- ABAC:

- (cf. *História Institucional: Associações / Sociedades: AMC*)
- *Associação Brasileira de Análise do Comportamento*
- *Criada em 1985 (Guedes et al., 2006)*

- CENAFOR:

- *Centro Nacional de Formação Profissional*
- *Implementação da Análise do Comportamento e do Ensino Programado Individualizado no CENAFOR (Pacheco Filho, 1998; Nale, 1998)*
- *“No CENAFOR uma série de projetos de aplicação dos conhecimentos da Análise Experimental do Comportamento (AEC) no desenvolvimento de novas metodologias educacionais” (Pacheco Filho, 1998, p. 165)*
- *Ligação entre CENAFOR e as aplicações da Programação de Ensino no curso de Física, assessorado por Carolina Bori e Maria Amelia Matos (Pacheco Filho, 1998; Matos, 1998b)*

(iii) Periódicos:

- *Outros periódicos: Psicologia: Teoria e Pesquisa; Psicologia: Reflexão e Crítica; Temas em Psicologia; Psicologia (USP) (Rafih-Ferreira, 2016; Todorov & Hanna, 2010; Matos, 1996, 1998b)*

- Modificação do Comportamento: Pesquisa e Aplicação:

- (cf. *História Institucional: Associações / Sociedades: AMC*)
- 1976-1977
- *Primeiro periódico específico da área no Brasil (Guedes et al., 2006)*
- *Editada pela AMC (Mejias, 1997; Matos, 1996, 1998b; Torres et al., 2020)*
- *“Em 1976 outra revista (Modificação do Comportamento) foi criada pela Associação de Modificação do Comportamento... essa revista circulou durante três anos e foi substituída, em 1981, por outra publicação (Cadernos de Análise do Comportamento)” (Matos, 1998b, p. 97) (Martone et al., 2010)*
- *Exposição dos editores do periódico; gênero dos autores; temas de publicação; vínculos institucionais dos autores; discussões sobre o perfil dos leitores (Torres et al., 2020)*
- *“... em outubro de 1976, foi publicado o periódico científico intitulado Modificação de Comportamento: Pesquisa e Aplicação. Sua vigência foi curta, com apenas dois números publicados, sendo um ainda em 1976 e o segundo, em abril de 1977” (Torres et al., 2020, p. 5)*
- *“A Modificação de Comportamento: Pesquisa e Aplicação foi uma revista científica editada pela AMC e publicada pela Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (HUCITEC)” (Torres et al., 2020, p. 5)*
- *“Assim, notou-se que o conjunto de autores que publicava na Modificação de Comportamento: Pesquisa e Aplicação parecia se preocupar, predominantemente, com temas educacionais, com destaque para a diminuição de frequência de comportamentos inadequados. Para tanto, o foco esteve no desempenho acadêmico.... Os trabalhos fora, majoritariamente, do tipo experimental e todos apresentaram natureza aplicada” (Torres et al., 2020p, p. 11)*
- *“A presença de artigos que relatam pesquisa básica é quase ausente, o que poderia revelar projetos editoriais que poderia revelar projetos editoriais voltados às duas ‘novidades’ do período: a pesquisa de intervenção ... e a pesquisa teórico-conceitual” (Guedes et al., 2006, p. 23)*

- Cadernos de Análise do Comportamento:

- 1981-1986
- 1981-1985 (Martone et al., 2010)
- Segundo periódico específico da área no Brasil (Guedes et al., 2006)
- “A presença de artigos que relatam pesquisa básica é quase ausente, o que poderia revelar projetos editoriais que poderia revelar projetos editoriais voltados às duas ‘novidades’ do período: a pesquisa de intervenção ... e a pesquisa teórico-conceitual” (Guedes et al., 2006, p. 23)
- “Os editoriais dos Cadernos de Análise do Comportamento, entretanto, lançados pela mesma Associação, deixam claro seu enfoque: publicar prioritariamente artigos (de pesquisa), críticas, revisões e novas propostas” (Guedes et al., 2006, p. 27)
- “Privilegiava a divulgação, aos interessados, de material estrangeiro traduzido” (Guedes et al., 2006, p. 23)
- “Em 1976 outra revista (Modificação do Comportamento) foi criada pela Associação de Modificação do Comportamento... essa revista circulou durante três anos e foi substituída, em 1981, por outra publicação (Cadernos de Análise do Comportamento)” (Matos, 1998b, p. 97) (Martone et al., 2010)

- Sobre Comportamento e Cognição:

- 1997
- “A série Sobre Comportamento e Cognição, inicialmente organizada por Roberto Alves Banaco, se tornou um periódico e está em seu 24º volume” (Todorov & Hanna, 2010, p. 151) (Rafih-Ferreira, 2016)
- Relação com ABPMC (Guedes et al., 2006; Martone et al., 2010)

- Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva (RBTC):

- “A primeira a ser criada foi a Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, publicada pela ABPMC, criada por Rachel Kerbauy em 1999” (Todorov & Hanna, 2010, p. 150) (Martone et al., 2010; Rafih-Ferreira, 2016)
- “Podemos afirmar, com toda segurança, que desde seus primeiros números a RBTC se configura como um dos principais veículos de publicação em Análise do Comportamento no Brasil” (Cirino, 2006, p. i)
- “Neste ano de 2008 [sic] completamos dez anos da RBTC” (Amaral, 2009, p. i)

- Revista Brasileira de Análise do Comportamento (ReBAC):

- “A Revista Brasileira de Análise do Comportamento publica também artigos na língua inglesa e foi criada por João Claudio Todorov em 2005” (Todorov & Hanna, 2010, p. 150) (Hanna et al., 2022; Rafih-Ferreira, 2016; Guedes, 2022)
- Todorov foi o primeiro Editor Geral e responsável pelo ISSN do periódico no seu primeiro volume (Hanna et al., 2022)
- “A Revista Brasileira de Análise do Comportamento (ReBAC)⁸² ... é outro importante periódico analítico-comportamental com sede fora dos Estados Unidos” (Curiel et al., 2021, p. 265)
- Análise da participação de mulheres em publicações na ReBAC desde a sua criação até 2021, e os dados mostram que a participação de homens e mulheres é aproximadamente igual e não apresentou uma tendência clara ao longo dos anos (Curiel et al., 2021)
- Autores que mais publicaram na ReBAC até 2021: Deisy das Graças de Souza (24); Romariz da Silva Barros (23); João Cláudio Todorov (19); Elenice Seixas Hanna (14); Luiz

⁸² No original o termo utilizado foi *Brazilian Journal of Behavior Analysis (BJBA)*.

Marcellino de Oliveira (12); Sebastião Sousa Almeida (12); e Maria Helena Leite Hunziker (11)

- “A proposta inicial era incluir temas que mostrassem suas contribuições como pesquisador, e em atividades voltadas para o coletivo e a organização da ciência, em conselhos, sindicatos, associações científicas, gestão em universidades, formação de pesquisadores, alunos e grupos de pesquisa” (Hanna et al., 2022, p. 4)

- “Por último, agradecemos ao Programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento e à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Federal do Pará (UFPA), por hospedarem a revista no ‘Portal de Periódicos da UFPA’ e pelo amplo e continuado apoio para prover as condições necessárias para esta publicação” (Hanna et al., 2022, p. 5)

- Perspectivas em Análise do Comportamento:

- “Recentemente, o Núcleo Paradigma iniciou sua publicação intitulada Perspectivas em Análise do Comportamento” (Todorov & Hanna, 2010, p. 150) (Martone et al., 2010; Rafihi-Ferreira, 2016)

- Acta Comportamentalia:

- “A Acta Comportamentalia é um periódico da Universidad de Guadalajara que publica artigos em línguas latinas, do qual Maria Amélia Matos foi a primeira editora de língua portuguesa” (Todorov & Hanna, 2010, pp. 150-151) (Rafihi-Ferreira, 2016)

- Psicologia:

- Importância de Bori e Matos na criação do periódico **Psicologia** em 1975 (De Rose & Galvão, 2023; Matos, 1996, 1998b; Souza, 2005)

- Em seus 15 anos, cerca de 70% das publicações eram de pesquisa em Análise do Comportamento (Matos, 1996, 1998b)

(iv) Grupos de Trabalho (GT):

- Grupo de Estudos e Difusão da Análise do Comportamento (GEDAC):

- Criado em 2012 na Universidade Federal do Mato Grosso (Souza et al., 2018)

- Análise Comportamental de Processos Simbólicos:

- “Análise comportamental de processos simbólicos, coordenado por Deisy das Graças de Souza)” (Todorov & Hanna, 2010, p. 150)

- Comportamento Verbal e Produção de Tecnologias de Intervenção e de Prevenção em Psicologia e Educação:

- “Comportamento verbal e produção de tecnologias de intervenção e de prevenção em psicologia e educação, criado recentemente e coordenado por Verônica Bender Haydu)” (Todorov & Hanna, 2010, p. 150)

- Investigações Conceituais e Aplicadas em Análise do Comportamento:

- “Investigações conceituais e aplicadas em análise do comportamento, sob a coordenação de Maria Amália Andery)” (Todorov & Hanna, 2010, p. 150)

- Grupo de Interesse Especial (GIE) em OBM:

- Grupo de Interesse Especial em OBM, criado em 2010, nos Encontros Anuais da ABPMC (Nascimento & Henklain, 2020)

- Núcleo de Estudos em Análise do Comportamento e Prática Cultural (Núcleo ACPC):

- "... é um Grupo de Pesquisa criado no ano de 2002, e certificado pela Univale (Universidade Vale do Rio Doce)" (Martinelli et al., 2002, p. 282)

- Think Tank on Cultural Studies (TTCC):

- (cf. *História de Linhas de Pesquisa: Metacontingência*)
- Think Tank of Cultural Studies (Malott, 2022)
- Think Tank on Cultural Studies (Malott, 2022; Vasconcelos et al., 2022)
- *Inconsistência entre TTCS1: 2004 ou 2005?* (Vasconcelos et al., 2022)
- *Surgiu da Segunda Conferência Internacional da ABAI, em parceria com o 13º Encontro da ABPMC* (Vasconcelos et al., 2022)
- *Papel importante de Todorov na formação do Think Tank* (Hanna et al., 2022; Malott, 2022; Vasconcelos et al., 2022)
- *Apoio da PUC-GO, ABPMC e IBAC* (Malott, 2022; Vasconcelos et al., 2022)
- *Alguns dos brasileiros participantes João Cláudio Todorov, Deisy das Graças de Souza, Maria Amália Andery* (Malott, 2022; Vasconcelos et al., 2022)
- *Lista dos participantes de cada um dos TTCS, desde o primeiro em 2004 até o que aconteceu em 2021. Destaca-se a presença constante de João Cláudio Todorov nesses encontros, assim como Maria Amália Andery, Emmanuel Zagury Tourinho, Marcelo Benvenuti, Laércia Abreu Vasconcelos, Angelo Sampaio, Aécio Borba Neto, Roberta Lemos, Fábio Henrique Baia, Felipe Lustosa Leite, Marcelo Borges Henrique, Camila Muchon de Melo, Lucas Couto Carvalho, Roberta Freitas Lemos* (Vasconcelos et al., 2022)
- *Vasconcelos et al. (2022) mostram a grande presença de analistas do comportamento brasileiros nos encontros do Think Tank*
- *Até 2022 houveram sete encontros do TTCS, sendo que o TTCS1 (2004) aconteceu no Brasil; o TTCS2 (2007) na Noruega; o TTCS3 (2015) no Brasil; o TTCS4 (2016) nos EUA; o TTCS5 (2018) nos EUA; o TTCS6 (2019) aconteceu no Brasil; o TTCS7 (2021) aconteceu de forma online* (Vasconcelos et al., 2022)

(v) Institutos / Núcleos / Centros:

- Clínica do Comportamento:

- *Clínica de Luiz Otávio Seixas Queirós, em Campinas*
- *"Instituto de Análise do Comportamento, em Campinas"* (Bori, 2001, p. 303)
- *"No fim desse ano [1969], Luiz Otávio de Seixas Queiroz e seus alunos Hélio Guilhardi, Ana Teresa de Abreu Ramos, Maria Elisa Cardoso Guimarães, Erb Luis Lente Cruz e Ilka da Veiga Moroni fundaram a primeira clínica do Brasil com tratamentos embasados na análise do comportamento"* (Leonardi, 2015, p. 126)
- *Discussões com Garry Martin na clínica de Modificação do Comportamento* (Cury, 1997)
- *Dissolvida em 1979* (Mejias, 1997)

- Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento (IBAC):

- *Apoio do IBAC na criação do Think Tank on Cultural Studies* (Malott, 2022; Vasconcelos et al., 2022)

- Instituto Par:

- “Recentemente, o Núcleo Paradigma iniciou sua publicação intitulada *Perspectivas em Análise do Comportamento*” (Todorov & Hanna, 2010, p. 150) (Rafíhi-Ferreira, 2016)

- IBECC:

- “O IBECC já estava, sob a supervisão do Prof. Guidi, produzindo, em larga escala, caixas de condicionamento operante” (Drachenberg, 1998, p. 264)

- “Foi firmado um convênio com o IBECC que assumiu a tarefa de reproduzir e construir esses protótipos” (Matos, 1996, p. 110, 1998b, p. 96)

- Carolina Bori (Souza, 2005)!!!

- Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT):

- “... primeiro Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) da psicologia, coordenado por Deisy no período 2008-2011. O INCT constituiu-se em uma rede multi-institucional e multirregional, com foco na ciência e tecnologia comportamental, que trata do funcionamento simbólico e de seus déficits funcionais, particularmente em crianças” (Todorov & Hanna, 2010, p. 149)

- “Compõem o INCT sobre Comportamento, Cognição e Ensino, pesquisadores da Escola Experimental de Primatas da UFPA, coordenada por Olavo F. Galvão e Romariz da Silva Barros” (Todorov & Hanna, 2010, p. 149)

História de Disciplinas

- Análise Experimental do Comportamento:

Keller:

- “Se falamos com carinho do Professor Keller como ‘pai’ da Análise Experimental do Comportamento no Brasil” (Windholz, 1998, p. 237)

- Tomanari (2001) afirma que com a vinda de Fred Keller ao Brasil em 1961, e ao montar o Laboratório de Condicionamento Operante da Universidade de São Paulo, “a Psicologia Experimental brasileira nasceu naquele instante”

- A importância de Keller para AEC no Brasil (Kerbaudy, 1996a)

- “Também é digno de nota que a implementação no Brasil do laboratório de análise do comportamento é atribuída a Keller ...” (Cirino et al., 2010, p. 20)

- “Ainda hoje, analisando os manuais de laboratório mais usados no Brasil, é interessante observar as consonâncias com as recomendações iniciais de Keller e Schoenfeld (1949)” (Gonçalves et al., 2020, p. 80)

Bori:

- “O papel de ‘mãe’, sem dúvida alguma, pertence a Carolina Bori” (Windholz, 1998, p. 237)

- A importância de Bori para AEC no Brasil (Cândido & Massimi, 2012; Kerbaudy, 1998; Rocha e Silva, 1998; Matos, 1996, 1998a, 1998b)

- “[Carolina Bori] sedimentou e consolidou o ensino da Análise Experimental do Comportamento no Brasil, criando e promovendo condições para seu desenvolvimento” (Windholz, 1998, p. 239) (Carvalho et al., 1998a)

Todorov:

- A importância de Todorov para a AEC (Moraes & Rolim, 2022)

Instituições:

- “Na USP, [Maria Amelia Matos] instalou o primeiro laboratório de Análise Experimental do Comportamento do país” (Tomanari & Debert, 2010, p. 235) (Tomanari, 2005)

- Criação de cursos com ênfase na construção de uma Psicologia Experimental / Análise Experimental do Comportamento (e.g., FFCL Rio Claro, UnB) (Cândido, 2017a)

- Laboratório de Psicologia Experimental na FFCL Sedes Sapientiae tinha “caixas de papelão montadas por eles e que eram ‘aparelho’ no qual condicionavam os pombos e assim realizavam os exercícios de laboratório” (Kerbaury, 1996a, p. 227)

- Implementação da matéria de Psicologia Geral e Experimental na UFBA, com enfoque em conteúdos de princípios básicos derivados da Análise Experimental do Comportamental, seguindo os “moldes do que já havia na Universidade de São Paulo” (Carvalho & Moraes, 1998, p. 109)

- PUC-SP com um viés em Análise Experimental do Comportamento (Marinho, 2020)

- Impacto da Análise Experimental do Comportamento, introduzida por Carolina Bori, em Minas Gerais (Jardim, 1998)

- Curso com base na Análise Experimental do Comportamento na PUC-Campinas (Batista et al., 2005)

- Luiz de Oliveira é um dos pioneiros no ensino da Análise Experimental do Comportamento no Brasil, aplicando o PSI para o ensino da AEC na FFCL-RP (Ferrari, 2014)

- Predominância de pesquisas experimentais em publicações da revista da AMC (Torres et al., 2020)

Práticas didáticas:

- Laboratório animal operante como uma prática histórica importante de ensino de Análise do Comportamento (Cândido & Massimi, 2016; Cirino, 2001; Todorov & Hanna, 2010; Patitucci, 1998; Gonçalves et al., 2020)!!!!

- “Observa-se que, tradicionalmente o ensino de análise do comportamento em laboratório experimental caracteriza-se pelo uso do laboratório animal operante para o trabalho com princípios comportamentais básicos em cursos de graduação” (Cirino et al., 2010, p. 16)

- “... o uso do laboratório experimental tornou-se uma tradição no ensino de psicologia e, particularmente, no ensino de análise do comportamento, sendo que em tal abordagem o laboratório animal operante passou a ser quase sua ‘marca registrada’” (Cirino et al., 2010, p. 16)

- “Principal método de ensino nos cursos de psicologia experimental nas décadas de 1960 e 1970” (Cianca et al., 2020, p. 116) (Nale, 1998)

- “A influência de Carolina Bori, responsável pela implementação das práticas na década de 1960 ..., parece ter colocado a presença de laboratórios como um dos itens importantes na infraestrutura do curso de psicologia” (Gonçalves et al., 2020, p. 82)

- Dificuldades das práticas laboratoriais em Análise Experimental do Comportamento com questões financeiras e práticas: custo de manutenção de um biotério e espaço para manter o laboratório com instrumentos adequados (Gonçalves et al., 2020)

- “Laboratórios de Psicologia Experimental surgiram por toda a parte com as Caixas-de-Skinner mudando o conceito de ensino da Psicologia Experimental” (Stamirowski, 1998, p. 256)

- “Essas duas primeiras e fortes condições iniciais marcaram a prática da Análise do Comportamento no Brasil pelos próximos quinze anos: pesquisa básica com animais e pesquisa aplicada, voltada para o ensino” (Matos, 1998b, p. 96)

- “Durante muito tempo, até hoje na verdade, o problema de equipamento para uso didático permaneceu um entrave para o ensino da *Análise do Comportamento no Brasil*” (Matos, 1998b, 92)

- “Predominância da pesquisa básica até 1982” (Guedes et al., 2006, p. 22)

- *Queda de pesquisas básicas a partir de 1980: “A presença de artigos que relatam pesquisa básica é quase ausente, o que poderia revelar projetos editoriais que poderia revelar projetos editoriais voltados às duas ‘novidades’ do período: a pesquisa de intervenção ... e a pesquisa teórico-conceitual”* (Guedes et al., 2006, p. 23)

Cursos de AEC:

- São Paulo (1961):

- “No 1º semestre: *Psicologia Comparada e História da Psicologia*, enquanto preparava Rodolpho Azzi e Maria Amélia Matos para o segundo semestre, para ajudá-lo no primeiro curso programado de AEC” (Guedes et al., 2006, p. 22)

- *Psicologia Comparada e Animal* (USP, 1961)

- *Psicologia Experimental* (USP, 1961)

- “Projeto do então diretor da FFCL da USP de incrementar a pesquisa experimental em todas as áreas de conhecimento de sua faculdade (tanto é que estudantes de biologia vão frequentar também o curso de Keller em 1961)” (Guedes et al., 2006, p. 22)

- Brasília (1964):

- *Disciplinas IAEC na UnB* (Guedes, 2022; Mejias, 1997; Todorov & Hanna, 2010)

- Guedes (2022) diz que Carolina Bori, ao conceber o Plano de Brasília, reservou uma parte para a pesquisa, “um laboratório como a primeira etapa de qualquer curso” (p. 91)

- *Introdução à Análise Experimental do Comportamento 1 (IAEC 1)* (UnB, 1964): “O primeiro semestre (IAEC-1) era basicamente o curso como originalmente planejado por Keller e Schoenfeld na Universidade de Columbia, usando o livro *Princípios de Psicologia* como texto. O curso foi adaptado para um sistema personalizado de ensino ...” (Todorov & Hanna, 2010, p. 147)

- *Introdução à Análise Experimental do Comportamento 2 (IAEC 2)* (UnB, 1964): “O segundo semestre do curso introdutório, o IAEC 2, incluía apenas leituras, demonstrações e experimentos relacionados ao comportamento humano, com traduções para o português de alguns dos primeiros (e agora clássicos) trabalhos de análise experimento do comportamento humano” (Todorov & Hanna, 2010, p. 147) / Rodolpho Azzi deixa Isaías Pessotti responsável pela disciplina (Moraes, 2023)

- Robert Berryman ajudou a criar um ambiente experimental propícia UnB, mesmo após a demissão em massa dos professores em 1965 (De Rose & Galvão, 2023, p. 104)

- “O grupo originalmente liderado por Fred Keller e Carolina Bori se dissolveu, mas o IAEC 1, o semestre introdutório para o qual o PSI foi desenvolvido, sobreviveu. Hoje em quase todos os cursos de psicologia no Brasil há alguma versão dele” (Todorov & Hanna, 2010, p. 147)

- Na década de 1970, “O curso de psicologia da UnB era o único curso do Brasil inteiramente voltado pra essa abordagem, a análise experimental do comportamento” (De Rose & Galvão, 2023, p. 103)

- A UnB, na década de 1970, oferecia uma disciplina de “*Psicologia Geral e Experimental*, com 10 câmaras experimentais para estudo de comportamento operante” (De Rose & Galvão, 2023, p. 103)

- “Um curso introdutório era planejado pelo Rodolfo” (Keller, 1996a, p. 9)

PSI:

- “Nas décadas de 60 e 70, os cursos de *Psicologia Experimental* eram dados em todo o país de maneira programada” (Nale, 1998, pp. 294-295)

- *Tecnologia de ensino com base na AEC (Nale, 1998)*
- “[*Programação de Ensino*] uma técnica de ensino que fosse, mais do que as disponíveis até então, coerente com a metodologia e os princípios da *Análise Experimental do Comportamento*” (Patitucci, 1998, p. 248) (Rocha e Silva, 1998)

- Análise Aplicada do Comportamento:

Modificação do Comportamento:

- *Modificação do Comportamento [Behavior Modification] (Batista et al., 2005; Alves et al., 2020; Cury, 1997; Guedes et al., 2006; Leonardi, 2015; Mejias, 1997; Rafihi-Ferreira et al., 2016; Torres et al., 2020)*

- *Virada dos anos 1960 para 1970 como a mudança para uma Análise do Comportamento Aplicada (Guedes et al., 2006)*

- *Maria do Carmo Guedes foi coordenadora da especialização em Modificação do Comportamento da PUC-SP (Pacheco Filho, 1998)*

- *Rachel Kerbauy iniciou a primeira turma da especialização de Modificação de Comportamento no Instituto de Psicologia Sedes Sapientiae da PUC (Cury, 1997)*

- *Curso de “Treino em Modificação de Comportamento” dirigido por Kerbauy teve assessoria constante de Azzi (1973-1974) (Mejias, 1997, p. 11)*

- *Participação de Kerbauy (Guedes et al., 2006)*

- *Luiz Otávio Seixas Queiroz participou de um curso na Universidade Católica de Campinas voltado a pesquisa aplicada (Batista et al., 2005; Guedes et al., 2006)*

- *Participação de Margarida Windholz (Fagundes, 2017a, 2017b)*

- *Windholz e a introdução da Análise do Comportamento Aplicada no programa de pós graduação da USP, com as disciplinas de Psicologia Experimental Aplicada: Observação do Comportamento Humano; e Modificação do Comportamento (Fagundes, 2017b)*

- *“Dentre os trabalhos realizados por ele [Isaías Pessotti] nessa época, encontra-se um que envolveu a transposição dos princípios da AEC para a aplicação num período em que a área hoje conhecida como Análise do Comportamento Aplicada ainda não havia sido apresentada formalmente” (Vilares & Azoubel, 2023, p. 246)*

- *Narra a “história da modificação do comportamento no Brasil” por meio de trajetórias pessoais de R. R. Kerbauy, L. O. S. Queiroz, N. P. Mejias (própria trajetória) e relaciona as histórias de vida dessas pessoas (Mejias, 1997)*

- Terapia analítico-comportamental / Análise do Comportamento Clínica:

- *Ondas terapêuticas (Alves et al., 2020; Cassas & Luna, 2018; Leonardi & Cândido, 2022; Rafihi-Ferreira et al., 2016)*

- *“Revolução cognitiva” (Leonardi, 2015, p. 124)*

- *“Clínica Analítico-Comportamental” (Rafihi-Ferreira et al., 2016)*

- *“Terapia Comportamental” (Alves et al., 2020; Leonardi, 2015; Rafihi-Ferreira et al., 2016)*

- *“Análise Comportamental Clínica” / “Análise do Comportamento Clínica” (Leonardi, 2015; Rafihi-Ferreira, 2016)*

- *“Terapia por Contingências de Reforçamento” (Leonardi, 2015)*

- *“É possível encontrar na literatura, tanto nacional quanto internacional, nomes como modificação do comportamento, análise do comportamento aplicada, terapia cognitivo-comportamental, terapia comportamental-cognitiva, psicoterapia analítica funcional, terapia de aceitação e compromisso, terapia de ativação comportamental, terapia comportamental dialética” (Leonardi, 2015, p. 121)*

- *Terapia comportamental como “termo guarda-chuva” que tem como fundamento diversos Behaviorismos (se aproximando também do cognitivismo?) (Alves et al., 2020; Leonardi, 2015; Rafihi-Ferreira et al., 2016)*

- *Terapia Comportamental para além de Skinner (Alves et al., 2020; Leonardi, 2015)*

- *“Terapia analítico-comportamental (TAC)” seria a “... melhor denominação para qualificar sua prática profissional, por especificar, já em seu nome, as bases filosóficas, conceituais e metodológicas que a sustentam” (Leonardi, 2015, p. 127)*

- *“Em conclusão, a metáfora das três ondas não representa o desenvolvimento da terapia comportamental no Brasil. Por outro lado, as terapias comportamentais da terceira onda influenciaram a construção do modelo brasileiro de terapia comportamental (TAC) que, do ponto de vista conceitual, é fortemente fundamentado na análise do comportamento e no behaviorismo radical e, do ponto de vista prático, está aberta a novos desenvolvimentos de diferentes terapias comportamentais” (Leonardi & Cândido, 2022, p. 736)*

- *“Pode-se observar, portanto, que a história das terapias comportamentais no Brasil seguiu um percurso diferente em relação ao desenvolvimento dos modelos terapêuticos de origem internacional” (Leonardi, 2015, p. 126)*

- *“Além disso, o último quarto do século XX testemunhou a criação e o desenvolvimento de uma prática clínica exclusivamente brasileira, chamada (atualmente) de terapia analítico-comportamental (TAC)” (Leonardi, 2015, p. 121)*

- *“A terapia que se praticava no Brasil, então, teve uma história singular, e foi apenas em 2001 que apareceu uma referência a uma expressão específica para designar esse tipo de intervenção brasileira: terapia analítico-comportamental (TAC)” (Cassas & Luna, 2018, p. 75)*

- *“Por fim, deve-se destacar que o termo criado no Brasil para identificar a terapia comportamental de base behaviorista radical – terapia analítico-funcional – é desconhecido no resto do mundo” (Leonardi, 2015, p. 127)*

- *Nomes citados: Diana Laloni, Edwiges Ferreira de Mattos Silveiras, Fátima Conte, Hélio José Guilhardi, Jaide Regras, Luc Vandenberghe, Mally Delitti, Maria Luisa Guedes, Miriam Marinotti, Rachel Kerbaui, Regina Christina Wielenska, Roberto Alves Banaco, Sonia Beatriz Meyer, Vera Otero, Vera Raposo do Amaral, Yara Ingberman (e.g., Leonardi, 2015; Rafihi-Ferreira, 2016)*

- *Importância de Arnold Lazarus, Garry Martin, Montrose Wolf, Charles Ferster e Donald Baer (e.g., Alves et al., 2020; Cury, 1997; Leonardi & Cândido, 2022; Mejias, 1997; Rafihi-Ferreira, 2016; Torres et al., 2020)*

- *A AMC organizou um simpósio para a SBPC sobre Terapia Comportamental e Cognitiva (Guedes et al., 2006)*

- *Luiz Otávio, pioneiro na formação de terapeutas analítico-comportamentais no Brasil (Batista et al., 2005)*

- *Luiz Otávio e a experiência docente na PUC-SP com terapia comportamental na década de 1970 (Batista et al., 2005)*

- *Windholz como promotora da Análise Aplicada do Comportamento no Brasil, tanto na prática clínica quanto na prática escolar (Windholz, 1998, 2017)*

- *Aumento no número de clínicas e analistas do comportamento no Brasil (Windholz, 2017)*

- *Durante a ditadura militar, os analistas do comportamento se voltaram a aplicação clínica (Matos, 1996, 1998b)*

- Análise do Comportamento Aplicada à Educação:

- “Essas duas primeiras e fortes condições iniciais marcaram a prática da Análise do Comportamento no Brasil pelos próximos quinze anos: pesquisa básica com animais e pesquisa aplicada, voltada para o ensino” (Matos, 1998b, p. 96)

- Programação de Ensino como uma área de aplicação da Análise Experimental do Comportamento (Nale, 1998)

- “Apesar da grande preocupação com problemas educacionais, o que se observa é o debate de temas que vão além daqueles ligados aos métodos de ensino, como no Personalized System of Instruction, ensino programado” (Torres et al., 2020, p. 11)

- Modificação do Comportamento voltada à Educação (Mejias, 1997)

- Caracteriza os trabalhos realizados na Análise do Comportamento na área da educação em periódicos brasileiros entre 1961 e 2006 (Nicolino & Zanotto, 2011)

- Windholz como promotora da Análise Aplicada do Comportamento no Brasil, tanto na prática clínica quanto na prática escolar (Fagundes, 2017a, 2017b; Windholz, 1998, 2017)

- Sobre as publicações nos periódicos na década de 1970 e 1980: “A presença de artigos que relatam pesquisa básica é quase ausente, o que poderia revelar projetos editoriais que poderia revelar projetos editoriais voltados às duas ‘novidades’ do período: a pesquisa de intervenção ... e a pesquisa teórico-conceitual” (Guedes et al., 2006, p. 23)

- “Apesar de haver um grande número de artigos sobre educação, aqueles publicados nessa revista não mais focavam o método de ensino em si, mas incluíam problemas individuais que interferiam na aprendizagem” (Torres et al., 2020, p. 9)

- “A apreciação dos temas tratados em Modificação do Comportamento: Pesquisa e Aplicação aponta a Educação como uma grande área de interesse, dando continuidade ao que se vinha diligenciando em Análise do Comportamento, no país, naquela época” (Torres et al., 2020, p. 10)

- “No CENAFOR uma série de projetos de aplicação dos conhecimentos da Análise Experimental do Comportamento (AEC) no desenvolvimento de novas metodologias educacionais” (Pacheco Filho, 1998, p. 165)

- A importância da ABPMC e SBP na divulgação de pesquisas relacionadas à educação, sobretudo no ensino de matemática, tendo como destaque a UFSCar, UFPA e UEL (Henklain & Carmo, 2011)

- Educação Especial:

- Programa de Pós-Graduação em Educação Especial UFSCar (Fagundes, 2017b; Feitosa, 2005; Mattos, 1996, 1998a, 1998b; Souza, 1998)

- A Escola da Carminha, “primeira escola, que pretendia se guiar pelas propostas da Análise Comportamental, aplicando-as a um grupo de crianças e jovens com déficits moderados a severos de desenvolvimento” (Windholz, 2017, p. 176) (Fagundes, 2017b)

- Escola de Carminha: “Fred S. Keller, Charles B. Ferster, Donald M. Baer, Sidney W. Bijou, Jack Michael e Robert Vance Hall” (Fagundes, 2017b, p. 171)

- “Em 1977, [Margarida Windholz] foi cofundadora e ministrou cursos no que se tornou o Programa de Pós-graduação em Educação Especial, na Universidade Federal de São Carlos, que foi o primeiro, e, até 2004, era o único existente no País, totalmente voltado para essa área” (Fagundes, 2017b, p. 169)

- Importância de Margarida Windholz como uma pioneira na área (Fagundes, 2017a, 2017b)

- Organizacional:

- OBM [Organizational Behavior Management] / ACO (Análise do Comportamento nas Organizações)

- *Estudos desenvolvidos na década de 1970 por Botomé em OBM (Nascimento & Henklain, 2020): “primeira intervenção utilizando os conceitos, princípios e procedimentos da AC em organizações e que foi amplamente divulgada no país” (p. 165)*

- *Relações entre a OBM e Programação de Ensino no Brasil (Nascimento & Henklain, 2020)*

- *“Primeira linha de pesquisa em ACO [Análise do Comportamento nas Organizações] foi concebida em um programa de Pós-graduação no Brasil específica em Análise do Comportamento em Organizações, Trabalho e Aprendizagem na Universidade Federal de Santa Catarina” (Nascimento & Henklain, 2020, pp. 165-166)*

- *Grupo de Interesse Especial em OBM, criado em 2010, nos Encontros Anuais da ABPMC (Nascimento & Henklain, 2020)*

- Análise Teórica do Comportamento:

- *Comportamentalismo Radical / Behaviorismo Radical*

- *Sobre as publicações nos periódicos na década de 1970 e 1980: “A presença de artigos que relatam pesquisa básica é quase ausente, o que poderia revelar projetos editoriais que poderia revelar projetos editoriais voltados às duas ‘novidades’ do período: a pesquisa de intervenção ... e a pesquisa teórico-conceitual” (Guedes et al., 2006, p. 23)*

- *Cadernos de Análise do Comportamento: “Privilegiava a divulgação, aos interessados, de material estrangeiro traduzido” (Guedes et al., 2006, p. 23)*

- *Abib como um promotor da Filosofia do Comportamentalismo (De Rose & Galvão, 2023; Laurenti & Lopes, 2023; Silveira, 2023)*

- *“Foi aí que o já então Abib orientou vários alunos brilhantes que, junto com o mestre, promoveram um grande crescimento na reflexão filosófica sobre Behaviorismo” (De Rose & Galvão, 2023, p. 105)*

- *Maria Amélia Matos também contribuiu para as reflexões teóricas da Análise do Comportamento brasileira (Tomanari, 2005)*

- *“João Claudio não se eximiu de pensar teoricamente a realidade, bem como, de provocar pesquisadores, colegas e a comunidade científica. Os artigos teóricos sobre controle aversivo, pelo menos considerados assim nesse texto, são exemplos da preocupação do professor-pesquisador com relação à sistematização não apenas dos dados, mas com a própria teoria comportamental” (Moraes & Rolim, 2022, p. 52)*

História de Tópicos de Pesquisa

- Programação de Ensino:

- *(cf. História de Eventos: O plano de Brasília)*

- *(cf. História de Processos Sociais: Indigenização)*

- *“Uma das contribuições da Análise do Comportamento (AC) para a Educação é conhecida como Programação de Ensino ...” (Kienen et al., 2021, p. 372)*

- *“O Personalized System of Instruction (PSI) é um modelo ... alternativo ao ‘modelo tradicional de ensino’” (Cândido, 2017b, p. 51)*

- *PSI foi usado pela primeira vez por Keller em 1968 (Cândido, 2017b, p. 56)*

- Conceitos:

- *Análise de Contingências em Programação de Ensino (e.g., Kienen et al., 2021; Matos, 1998a; Teixeira, 2005)*

- *Análise e Programação de Condições de Ensino* (e.g., Kienen et al., 2021)
- *Curso Programado Individualizado* (e.g., Jardim, 1998; Kubo, 2005)
- *Ensino Programado Individualizado* (e.g., Pacheco Filho, 1998)
- *Instrução Programada (IP)* (e.g., Keller, 1987; Kienen et al., 2021; Souza Júnior et al., 2018)
- *Planejamento de Curso Individualizado* (e.g., Cândido, 2017b)
- *Programação de Condições de Desenvolvimento de Comportamentos (PCDC)* (e.g., Cianca et al., 2020; Kienen et al., 2021; Mendes et al., 2021; Nale, 1998)
- *Programação de Condições de Ensino* (Nale, 1998)
- *Programação de Ensino Individualizado* (e.g., Patitucci, 1998; Villani, 1998; Souza, 2005)
- *Sistema de Ensino Personalizado* (e.g., Teixeira, 2005)
- *Sistema de Ensino Programado Individualizado* (e.g., Ades, 1998)
- *Sistema Personalizado de Ensino* (e.g., Cianca et al., 2020; Kienen et al., 2021; Marinho & Guedes, 2021; Mendes et al., 2021; Moreira, 2022b; Nale, 1998; Souza Júnior et al., 2018; Todorov et al., 2009)
- *Sistema Personalizado de Instrução* (e.g., Moreira, 2004, 2022b)
- *Personalized System of Instruction (PSI)* (e.g., Bori, 1974; Cândido, 2017b; Cianca et al., 2020; Keller, 1974, 1996b, 1996c, 1999, 2001; Kienen et al., 2021; Kubo, 2005; Marinho e Guedes, 2021; Souza Júnior et al., 2018; Teixeira, 2005; Todorov et al., 2009)
- **Origem:**
- Bori, Keller, Azzi e Sherman (Almeida, 2007; Batista et al., 2005; Bori, 1996; Nale, 1998; Ferrari, 2014; Keller, 1996a, 1996b, 1987, 1996, 1999; Kerbauy, 1996a, 1998; Rocha e Silva, 1998; Cianca et al., 2020; Carvalho et al., 1998f; Marinho, 2020; Moreira, 2004; Todorov et al., 2009; *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2010; Todorov, 1996)!!!
- *Nasceu na visita de Bori e Azzi aos EUA, recepcionados pelos Kellers (Bori, 1996, p. 189) (Todorov, 1996; Todorov et al., 2009)*
- *“O PSI foi, a seguir, completamente desenvolvido pelos quatro autores que discutiram em Nova Iorque a ideia original (Gil Sherman, Keller, Carolina Martuscelli Bori e Rodolfo Azzi)” (Todorov & Hanna, 2010, p. 147)*
- *“Ao fim daquela visita, nasceu um método novo de ensinar, hoje conhecido em toda a parte como instrução programada” (Keller, 1987, p. 198)*
- *“Essa história começou em 1962, quando dois psicólogos brasileiros, juntamente com dois psicólogos norte-americanos, tentaram organizar um Departamento de Psicologia na Universidade de Brasília” (Keller, 1999, p. 10)*
- *“Colaborei com Dona Carolina, Rodolfo Azzi, e Gil Sherman na invenção de um sistema de ensino” (Keller, 1996a, p. 9)*
- *Liderado por Carolina Bori e Fred Keller (Moreira, 2022b)!!! (cf. Guedes, 2022)*
- *Fred Keller e Gil Sherman iniciaram o desenvolvimento do PSI no Brasil, com a ajuda de Todorov, não menciona nem Bori nem Azzi (Shull, 2022)!!!*
- *“Concordei em participar do grupo durante o ano de 1964, último ano antes de minha aposentadoria de Colúmbia, e eles três decidiram vir aos Estados Unidos, em 1963, para comprar livros e equipamentos de laboratório e para discutir o futuro programa para a UnB. Foi durante essa visita que nós quatro concordamos, depois de muita discussão, em introduzir um método de instrução revolucionário no Departamento de Psicologia de Brasília - um método que refletisse melhor os novos desenvolvimentos na ciência do Comportamento” (Keller, 2001, p. 462) (Keller, 1996a, 1996c; Todorov et al., 2009)*
- *“E, em suas origens, é meio-brasileiro” (Keller, 1996b, p. 193)*

Plano de Brasília:

- “Método Keller” (Borges, 1998; Villani, 1998; Matos, 1996, 1998b; Carvalho et al., 1998f)

- “Plano Keller” (Malott, 2022; Nale, 1998; Keller, 1996b; Moreira, 2022b; Todorov, 1996; Todorov et al., 2009)

- “Keller batizou o projeto de Plano Brasília. O mundo hoje, o conhece como Plano Keller” (Kerbaux, 1996a, p. 236) (Todorov et al., 2009)

- “A versão Arizona do plano de Brasília de Personalized System of Instruction ou, simplesmente, PSI” (Keller, 2001, p. 463) / “nossa versão Arizona do Plano de Brasília” (Keller, 2001, p. 465) (Keller, 1996c)

- Evolução:

- “O PSI foi possível porque a Universidade de Brasília deu à ‘turma’ [gang] as condições necessárias, mas se espalhou pelos Estados Unidos, Brasil, Canadá, México, Índia, Reino Unido, Itália, Alemanha, Venezuela, Peru, Bélgica, Colômbia e muitos outros países, graças ao Professor Keller e aos seus sonhos” (Bori, 1996, p. 189)

- “Observando que considera que o primeiro curso de ensino programado foi dado por Carolina em Rio Claro, e não em Brasília” (Moraes, 2023, p. 260)

- “Destacam-se que o Personalized System of Instruction teria sido a proposta de Keller, nos Estados Unidos, enquanto que, no Brasil, teria surgido a ‘Programação de Ensino’ ... ou a ‘Análise de Contingências em Programação de Ensino’” (Cândido, 2017b, p. 64)

- “A proposta de Brasília resultou, nos Estados Unidos, no PSI The Personalised System of Instruction (Keller & Sherman, 1974), e, no Brasil, na Análise de Contingências em Programação de Ensino (Bori, 1974)” (Matos, 1998b, p. 95)

- “... diferenças entre a proposição do PSI e o trabalho desenvolvido por Bori, usando a expressão Análise de Contingências em Programação de Ensino (ACPE) para designá-lo” (Teixeira, 2005, p. 11)

- “Dona Carolina tornou-se uma ponta de lança de um movimento educacional na América Latina, e o Gil e eu espalhamos as notícias nos Estados Unidos” (Keller, 1987, p. 205) (Keller, 1988)

- “Carolina e Rodolpho foram cocriadores do PSI (Personalized System of Instruction), também conhecido como Método Keller e, posteriormente desenvolvido, com as contribuições pessoais de Carolina, como Programação de Ensino” (Carvalho et al., 1998f)

- “Sistema Personalizado de Ensino (PSI) um novo e inteiramente diferente rumo: A Análise de Contingências na Programação de Ensino” (Matos, 1998a, p. 70)

- “a ênfase da Programação de Ensino passa a ser não apenas na transformação de cursos tradicionais em cursos programados individualizados, mas em todo o processo envolvido no desenvolvimento de comportamento” (Kienen et al., 2021, p. 374)

- Instrução Programada como precursora do PSI (Keller, 1999; Kienen et al., 2021; Souza Júnior et al., 2018)

- Programação de Ensino para PCDC (Cianca et al., 2020; Kienen et al., 2021)

- “A história de desenvolvimento de uma proposta brasileira de programação de ensino, originalmente desenvolvida por Carolina Bori, também conhecida como Análise e Programação de Condições de Ensino e, posteriormente, conhecida mais amplamente como PCDC” (Kienen et al., 2021, p. 373)

- “... PCDC como uma tecnologia de ensino... Por tecnologia educacional entende-se uma área de investigação e de desenvolvimento de ferramentas tecnológicas voltadas à promoção de ensino e de aprendizagem” (Cirino et al., 2021 p. 372)

- BORI:

- *“Talvez mais do que qualquer outra evidência, um confronto entre o que ocorreu nos Estados Unidos e no Brasil, no que se refere a aplicações da Análise do Comportamento ao ensino, pode mostrar o significado da contribuição de Carolina”* (Nale, 1998, p. 294)

- *Bori como uma das criadoras da metodologia de ensino individualizado e promotora de sua expansão e difusão* (Cândido & Massimi, 2016; Pacheco Filho, 1998; Kubo, 2005)

- *“Em grande parte, essa permanência de trabalhos de programação de ensino e o fato de muitos estudos significativos terem-se desenvolvido deve-se à influência de Carolina”* (Nale, 1998, p. 295)

- *Carolina Bori e as orientações em Programação de Ensino* (Carvalho et al., 1998h, 1998i)

- *Bori e Botomé como divulgadores da Programação de Ensino na América Latina* (Souza, 2005)

- *Sherman, mesmo que ignorado em alguns casos, tem um subtópico específico para sua colaboração no texto de Cândido* (2017b)

- AEC:

- *Tecnologia de ensino com base na AEC* (Drachenberg, 1998; Ferrari, 2014; Matos, 1998a; Nale, 1998; Patitucci, 1998; Stamirowski, 1998)

- *“[Programação de ensino] uma técnica de ensino que fosse, mais do que as disponíveis até então, coerente com a metodologia e os princípios da Análise Experimental do Comportamento”* (Patitucci, 1998, p. 248)

- *A importância do PSI na expansão da Análise do Comportamento no Brasil* (Bori, 2001; Nale, 1998; Zannon & Bori, 1996)

- *“Nas décadas de 60 e 70, os cursos de Psicologia Experimental eram dados em todo o país de maneira programada”* (Nale, 1998, pp. 294-295)

- *“Principal método de ensino nos cursos de psicologia experimental nas décadas de 1960 e 1970”* (Cianca et al., 2020, p. 116)

- *“Gradualmente o ensino de Psicologia Experimental tomou-se quase que sinônimo de ensino de Análise Experimental do Comportamento e espalhou-se por todo o país; o Sistema Individualizado de Ensino tomou-se a maneira tradicional de ensinar nestes cursos e muitos estudos foram realizados por orientandos de Carolina para investigar aspectos específicos dessa técnica”* (Matos, 1998b, p. 96)

- *Aplicação do PSI no ensino de AEC por Luiz Marcellino de Oliveira na FFCL-RP* (Ferrari, 2014)

- Instituições:

- *“Um protótipo do PSI foi desenvolvido por Isaias Pessotti e Herma Drachenberg na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro, em 1962, sob a supervisão de Carolina Bori, a partir de suas discussões com Fred Keller sobre a nova modalidade de ensino”* (Todorov & Hanna, 2010, p. 147)

- *Importantes Universidades na história recentes da Análise do Comportamento no Brasil em estudos relacionados à Programação de Ensino, sobretudo à PCDC: UEL, UFSC e UFSCar* (Cianca et al., 2020)

- *Programas construídos com base na Programação de Ensino em cursos de Psicologia, Biologia, Física, Matemática, Engenharia, Arquitetura, Química, Agricultura, Zootecnia, Economia e Administração Rural, com a influência de Bori* (Nale, 1998; Keller, 1996b; Rocha e Silva, 1998; Villani, 1998; Pacca, 1998; Pacheco Filho, 1998; Matos, 1998b; Soares, 1998; Tunes & Simão, 1998; Zannon, 1996)

- *“As experiências de ensino individualizado foram implantadas em Brasília não só nas disciplinas de conteúdo psicológico. A experiência de ensino de Física com o Método*

Keller produziu as primeiras dissertações do mestrado em Física da UnB” (Borges, 1998, p. 103)

- *Implementação da Análise do Comportamento e do Ensino Programado Individualizado no CENAFOR (Pacheco Filho, 1998)*

- Outros tópicos relacionados:

- *Relações entre a OBM e Programação de Ensino no Brasil (Nascimento & Henklain, 2020)*

- Comportamento verbal:

- *Estudos dos relatos verbais por Carolina Bori (Carvalho et al., 1998h, 1998i)*

- *Primeira dissertação de mestrado sobre comportamento verbal encontrada por Fidalgo & Banaco (2014) foi orientada por Carolina Bori em 1969. Até 1979, os seis trabalhos encontrados sobre o tema foram todos orientados por Carolina Bori na USP.*

- *Aumento nos estudos durante a década de 1980 devido a Maria Amélia Matos e Rachel Kerbauy passarem a orientar trabalhos sobre comportamento verbal (Fidalgo & Banaco, 2014)*

- *Importância de Maria Amélia Matos no estudo do comportamento verbal no Brasil (Tomanari, 2005; Tomanari & Debert, 2010)*

- *Importantes orientadores em comportamento verbal: “Deisy das Graças Sousa, Emmanuel Tourinho, Maria Amália Andery, Roberto Banaco, Maria Amélia Matos, Antônio Ribeiro e Júlio de Rose” (Fidalgo & Banaco, 2014, p. 354)*

- *As instituições que mais publicaram sobre comportamento verbal foram: USP, PUC-SP, UFPA, UnB, UFSCar, UEL e UCG (Fidalgo & Banaco, 2014)*

- *Década de 1990 aumentaram as orientações de trabalhos na UnB, UFPA e UFSCar (Fidalgo & Banaco, 2014)*

- Regras:

- *Importância de Maria Amélia Matos (e.g., Tomanari, 2005; Tomanari & Debert, 2010), Carla Paracampo e Luiz Carlos Albuquerque no estudo de comportamento governado por regras no Brasil (e.g., Tomanari & Debert, 2010)*

- Controle Aversivo:

- *Maria Amélia Matos (Keller, 1988; Santos & Pereira, 2015; Sérgio e Micheletto, 2010; Tomanari, 2005; Tomanari & Debert, 2010)*

- *Materiais de estudo de Maria Amélia Matos sobre controle aversivo: “Arquivo Maria Amélia e revelou que 152 textos eram sobre controle aversivo” (Sérgio e Micheletto, 2010, p. 242)*

- *“Observa-se que duas de suas orientandas [Maria Amélia Matos] que estudaram controle aversivo também orientaram trabalhos na área: Maria Lucia Dantas Ferrara e Maria Helena Leite Hunziker” (Sérgio e Micheletto, 2010, p. 244)*

- *Maria Helena Leite Hunziker (Hunziker, 2022)*

- *Tereza Maria Pires Sérgio (Tomanari & Debert, 2010; Sérgio & Micheletto, 2010)*

- *Nilza Micheletto no estudo do controle aversivo no Brasil (Tomanari & Debert, 2010; Sérgio & Micheletto, 2010)*

- *João Cláudio Todorov (Hanna et al., 2022; Hunziker, 2022; Landeira-Fernandez & Cruz, 2022; Moraes & Rolim, 2022; Todorov & Hanna, 2010)*

- *“A USP-RP foi, no final da década de 60 e início da década de 70 do século passado, um centro de pesquisa em controle aversivo liderado por J. C. Todorov” (Todorov & Hanna, 2010, p. 149)*

- *Análise histórica dos estudos sobre controle aversivo produzidos e orientados por João Cláudio Todorov (Moraes & Rolim, 2022)*

- *Autores que mais publicaram: Maria Helena Leite Hunziker; Maria Amelia Matos; Carolina Bori; João Cláudio Todorov; Marcus Bentes de Carvalho Neto; Josele Abreu Rodrigues; Roberto Banaco; Maria Teresa Araújo Silva; Tereza Maria A. P. Sério; e Maura A. N. Gongora (Santos & Pereira, 2015)*

- *Instituições com mais trabalhos: USP, PUC-SP, UnB, UFPA, USP-RP e UEL (Santos & Pereira, 2015)*

- *Análise da produção sobre o tema controle aversivo: quantidade por década, teses ou dissertações por década, instituições por década, autores por década, viés de estudo (e.g., incontrollabilidade, punição, esquiva, supressão condicionada), procedimentos (i.e., humanos e não humanos) (Santos & Pereira, 2015)*

- *Aumento em pesquisas teórico-conceituais sobre o tema a partir de 2007 (Santos & Pereira, 2015)*

- *“Os estudos sobre controle aversivo sofreram uma diminuição durante os últimos anos do século XX” (Moraes & Rolim, 2022, p. 52)*

- *Dificuldades em se estudar o controle aversivo no Brasil (Moraes & Rolim, 2022; Sério e Micheletto, 2010)*

- *Equipamentos importados (caixas operantes) da Grason-Stadler com a ajuda da FAPESP para uma pesquisa “uma análise do comportamento de esquiva” (Cândido, 2017a, p. 139)*

- Equivalência de estímulos:

- *“Comportamento simbólico” (Todorov & Hanna, 2010)*

- *“As visitas de Murray Sidman nos anos 80 e 90 do século passado às universidades brasileiras e a divulgação da relação entre comportamento simbólico e seu modelo sobre equivalência de estímulos (Sidman & Tailby, 1982) modificaram o perfil da pesquisa no Brasil” (Todorov & Hanna, 2010, p. 149) / “Especialmente importantes foram os seis meses de estadia do Professor Murray Sidman, na Universidade de São Paulo; ele nos abriu toda uma novo área de pesquisa” (Bori, 2001, p. 303)*

- *“O tema ‘equivalência de estímulos e sua relação com comportamento simbólico’ despertou o interesse também de pesquisadores da UFSC e da UEL, entre outras” (Todorov & Hanna, 2010, p. 150)*

- *Importância de Maria Amelia Matos no estudo da equivalência de estímulos no Brasil (Tomanari, 2005; Tomanari & Debert, 2010)*

- *Análise da produção brasileira sobre equivalência de estímulos, aumento a partir do final da década de 1990. Análise de publicações em periódicos, congressos, Universidade; teses e dissertações; características das pesquisas (e.g., faixa etária dos participantes, temáticas de ensino) – UFSCar, UFPA e UEL (De Paula & Haydu, 2010)*

- Estudos culturais:

- *(cf. História Institucional: Think Tank on Cultural Studies)*

- *Metacontingências aplicadas em leis e documentos (Albuquerque & Lemos, 2022; Hanna et al., 2022; Malott, 2022; Vasconcelos et al., 2022)*

- *Metacontingências e Práticas culturais (Albuquerque & Lemos, 2022; Vasconcelos et al., 2022)*

- *Metacontingências e Ciências culturo-comportamentais [Culturo-behavior science] (Glenn, 2022; Malott, 2022; Vasconcelos et al., 2022)*

- “Por exemplo, uma nova rede multi-institucional se formou nos últimos anos com o objetivo de desenvolver conceitualmente, descrever e estudar empiricamente práticas culturais, tendo como base os conceitos de metacontingência e macrocomportamentos. O grupo é composto por pesquisadores da PUC-SP, UFPA, UnB e University of North Texas (USA)” (Todorov & Hanna, 2010, p. 150)

- A importância da PUC-SP, UFPA e UnB no estudo da metacontingência (Martins & Leite, 2016) PUC-GO (Malott, 2022)

- Aumento nas publicações a partir de 2008 (Martins & Leite, 2016)

- A importância de Todorov para o tema (Albuquerque & Lemos, 2022; De-Farias et al., 2021; Glenn, 2022; Hanna et al., 2022; Pessotti, 2022; Malott, 2022; Moraes & Rolim, 2022; Todorov & Hanna, 2010; Vasconcelos et al., 2022)

- Habilidades sociais:

- Principal instituição no estudo de Habilidades Sociais é a UFSCar (Fumo et al., 2009)

História de Eventos

- Primeiro Curso de Keller no Brasil:

- (cf. *História de um Processo Social: Cenário de desenvolvimento educacional*)

- Mito fundador:

- “O exercício da Análise do Comportamento no Brasil iniciou-se em 1961 com as aulas do Prof. Keller na Universidade de São Paulo” (Matos, 1996, p. 107, 1998b, p. 89) / (Vilares & Azoubel, 2023)!!!

- “A história da Análise do Comportamento em nosso país começou com as aulas do professor Keller, na Universidade de São Paulo” (Bori, 2001, p. 302)

- “Até essa época, pouco se sabia sobre behaviorismo, análise do comportamento ou análise experimental do comportamento no Brasil” (Cândido & Massimi, 2012, p. 249)

- Convite:

- Myrtes Rodrigues do Prado frequentou as aulas de Keller na Columbia University em 1959 (Matos, 1996, 1998b; Marinho, 2020)!!!

- Keller como professor visitante (Kerbauly, 1996a)

- Paulo Sawaya convidou Keller para dar o curso em 1961 (Engelmann, 1998; Carvalho et al., 1998f; Fagundes, 2017a, 2017b)

- “Era uma viagem que tinha tudo para não acontecer. O primeiro contato foi informal, feito por pessoa sem qualquer ligação com a universidade. O contato foi seguido e mantido pelo Diretor da FFCL [Paulo Sawaya], sem participação de professores do Curso de Psicologia” (Todorov, 2003, p. 17)

- “Projeto do então diretor da FFCL da USP de incrementar a pesquisa experimental em todas as áreas de conhecimento de sua faculdade (tanto é que estudantes de biologia vão frequentar também o curso de Keller em 1961)” (Guedes et al., 2006, p. 22)

- Fundação Fulbright (Fagundes, 2017; Todorov, 1996, 2003; Todorov & Hanna, 2010; Frances, 2001; Kerbauly, 1996a)

- Keller:

- Keller e Mrs. Frances Keller chegam ao Brasil em fevereiro de 1961, recebidos no aeroporto por Sawaya, Mário Guimarães Ferri e Carolina Bori (Matos, 1996, 1998b; Carvalho et al., 1998f; Frances, 2001)

- Disciplinas:

- Disciplinas: *Psicologia Comparada e Animal; História da Psicologia; Psicologia Experimental* (Guedes et al., 2006; Matos, 1996, 1998b)

- “No 1º semestre: *Psicologia Comparada e História da Psicologia, enquanto preparava Rodolpho Azzi e Maria Amélia Matos para o segundo semestre, para ajudá-lo no primeiro curso programado de AEC*” (Guedes et al., 2006, p. 22) (Matos, 1998b)

- “Trabalhando no Departamento de Fisiologia da faculdade por falta de laboratório no Departamento de Psicologia, sem equipamentos adequados e em precárias condições, Keller conseguiu ensinar com exercícios práticos ...” (Todorov & Hanna, 2010, p. 147) (Engelmann, 1998; Guedes et al., 2006; Kerbauy, 1996a; Matos, 1996, 1998b; Rafihi-Ferreira, 2016; Todorov, 2003; Todorov & Hanna, 2010)

- *Montagem do primeiro Laboratório de Condicionamento Operante do país* (Bori, 1996; Tomanari, 2001)

- “Na USP, Keller ensinou o primeiro curso de análise do comportamento da América Latina, na disciplina *Psicologia Experimental, oferecida no terceiro ano da graduação. Esse curso tinha o objetivo de dar aos problemas da psicologia moderna um tratamento experimental do ponto de vista da teoria do reforçamento*” (Todorov & Hanna, 2010, p. 147)

- “Tínhamos uma sala de aula e um escritório com um telefone, três carteiras, e uma estante de livros. Não precisávamos de mais nada” (Keller, 1996a, p. 8)

- “As aulas eram expositivas, em inglês, e extremamente difíceis de acompanhar, tanto pela língua como pelo tema, mas principalmente pela ausência de material bibliográfico” (Matos, 1998b)

- “Suas aulas eram em inglês, com algumas frases em português espalhadas (geralmente, as piadas). Mas ele certificou-se absolutamente de que todas as suas apostilas e guias de estudo estivessem em português” (Bori, 1996, p. 189)

- “Aulas para um grupo de quinze alunos e três professores universitários” (Bori, 1996, p. 189)

- “Uma dezenas de outros alunos” (Fagundes, 2017b)

- Professores e Assistentes/Monitores:

- Rodolpho Azzi e Carolina Bori como professores no curso de 1961 (Fagundes, 2017a, 2017b; Keller, 1996a; Todorov, 1996; Windholz, 1998)

- Rodolpho Azzi como assistente (Frances, 2001; Guedes, 2022; Guedes et al., 2006; Keller, 1996a, 1996c, 1999, 2001; Matos, 1996, 1998b; *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2010; Rafihi-Ferreira et al., 2016; Rocha e Silva, 1998; Silva et al., 2022; Todorov, 1996; Torres et al., 2020)

- Carolina Bori assistente (Hanna et al., 2022; Rafihi-Ferreira et al., 2016; Rocha e Silva, 1998; Silva et al., 2022; Todorov, 1996; Todorov & Hanna, 2010; Torres et al., 2020; Windholz, 1998)

- Rodolpho Azzi e Maria Amélia Matos como monitores (Guedes et al., 2006)

- Alunos:

- “Um grupo coesivo gradualmente tomou forma. Incluía Dra. Carolina Martuscelli Bori (já Professora na Faculdade), Rodolfo Azzi (o meu primeiro assistente), Maria Amélia Matos (a minha segunda), Dora S. R. Fix, Mário Guidi, Isaias Pessotti, Maria-Inês Rocha e Silva, Margarida Windholz e poucos outros que juntavam-se à turma de vez em quando” (Keller, 1996a, p. 8)

- Aula para alunos do 3º e do 4º ano (Engelmann, 1998)

- *Alunos do terceiro ano: Maria Amelia Matos, Dora Fix Ventura, Maria Ignez Rocha e Silva, Margarida Windholz (Fagundes, 2017a, 2017b; Keller, 1996a; Windholz, 1998; Todorov, 1996)*

- *Alunos de outras turmas: Luís Otávio de Seixas Queiroz, Mario Guidi, João Cláudio Todorov, Maria Helena Raimo, Marília Ancona Lopez e Carlos Prósperi (Batista et al., 2005; Fagundes, 2017b; Keller, 1996a; Matos, 1996; Todorov, 1996; Windholz, 1998)*

- *Isaias Pessotti (Keller, 1996a; Vilares & Azoubel, 2023)*

- Segundo curso em 1962:

- *Mario Guidi (Keller, 1996a; Fagundes, 2017b)*

- *“Em 1962, durante o primeiro semestre, Rodolpho e eu enfrentamos sozinhos o curso de Psicologia Experimental: Rodolpho com a parte teórica e eu com a parte prática. Entre os alunos: João Cláudio Todorov, Luiz Otávio Seixas de Queiroz, e Marília Ancona Lopez” (Matos, 1996, p. 109)*

- Plano de Brasília:

- *(cf. História de Tópicos de Pesquisas: Programação de Ensino)*

- *(cf. História de Processos Sociais: Ditadura militar)*

- *(cf. História de Processos Sociais? CAPITAL)*

- *1963-1965 (Miranda & Cirino, 2010b)*

- Conceitos:

- *“Plano Keller”⁸³ ou “Plano Brasília” (Gotti et al., 2021; Cândido, 2017b; Nale, 1998; Kerbaudy, 1996a; Malott, 2022; Moreira, 2022b; Keller, 1996b, 2001; Todorov, 1996)*

- *“Keller batizou o projeto de Plano Brasília. O mundo hoje, o conhece como Plano Keller” (Kerbaudy, 1996a, p. 236)*

- Contexto:

- *“Em 1962, Darcy Ribeiro convidou Carolina Bori para elaborar e dar início ao Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB), na recente capital brasileira. Bori, por sua vez, estendeu o convite a Rodolpho Azzi, Gil Sherman e Keller” (Cândido & Massimi, 2012, p. 249) (Keller, 1996c, 1999)*

- *“De repente recebi três cartas do Brasil de Dona Carolina, Gil Sherman, e Rodolfo. A mensagem era simples: faça o favor de acompanhar-nos na formação dum departamento de psicologia na Universidade nova de Brasília. Nós temos um convite do Reitor e gostamos muito da ideia do projeto. Grande amplitude de ação está garantida. É uma oportunidade rara para fazer alguma coisa importante no desenvolvimento duma ciência do comportamento no Brasil” (Keller, 1996a, p. 8)*

- *“Em 1962, Darcy Ribeiro, antropólogo social e educador, uma figura de destaque na Universidade de Brasília, desde o seu início, convidou Carolina Martuscelli Bori para chefiar o novo Departamento de Psicologia daquela instituição” (Keller, 2001, p. 462) (Borges, 1998; Cândido & Massimi, 2016)*

- *“curso inovador”, “modelo para os demais cursos em Ciências Humanas naquela Universidade” (Matos, 1998b, p. 94) (Carvalho et al., 1998a)*

- *Projeto revolucionário e moderno (Cândido & Massimi, 2012; Vasconcelos et al., 2022)*

- *Segundo Keller (1987), o plano de Brasília tem como marco inicial a visita de Rodolpho Azzi, Carolina Bori e Gil Sherman aos EUA em 1963, para discutir a criação do novo Departamento de Psicologia na UnB, comprar livros e equipamentos de laboratório*

⁸³ “Plano Keller” aparece na literatura mais relacionado a organização do curso de Psicologia em Brasília, enquanto a utilização de “Método Keller” descreve a lógica de organização, procedimentos de ensino, concepção de educação referentes a Programação de Ensino (Carvalho et al., 1998f).

- “Descobri que Bori ... pensava bem grande: devia pensar num campo disciplinar completo para o Departamento de Psicologia na UnB. Além de começar ao mesmo tempo Graduação, Mestrado e Doutorado (exigência de Darcy Ribeiro, agora Coordenador da Implantação da UnB, para que pesquisa fosse ensinada desde a graduação)” (Guedes, 2022, p. 91)

- Estadia nos EUA para planejar o curso, comprar equipamentos, livros etc. (Keller, 1996a, 1996c, 2001; Todorov et al., 2009)

- “Não hesitei muito antes de aceitar o convite. Os meus colegas vieram à Nova Iorque para comprar equipamento, coletar livros, solicitar conselhos, e, ao fim, preparar um curso introdutório para a UnB” (Keller, 1996a, p. 8 p. 8)

- Relato detalhado de Keller (1987) sobre o período que os Kellers vieram ao Brasil para organizar o curso em Brasília

- Disciplinas:

- “Nossa Coordenadora, Dona Carolina, um departamento era estabelecido, com um laboratório, um viveiro, uma biblioteca, salas de aulas, e escritórios para todo o pessoal. O Mário montou uma oficina mecânica e começou a construção de um aparelho novo. Um curso introdutório era planejado pelo Rodolfo” (Keller, 1996a, p. 9)

- “A forma e o conteúdo do primeiro curso foram preparados, principalmente por Rodolfo [sic], de acordo com nosso plano inicial; no período letivo seguinte, ele foi oferecido a 50 ou 60 estudantes do primeiro ano de Psicologia da Universidade... Havia 12 experimentos no curso de Rodolfo [sic]” (Keller, 2001, p. 463) (Keller, 1996c)

- “Haviam planejado 9 aulas, 16 demonstrações, 15 experimentos, 9 seminários e a exigência de 50 a 100 horas de leitura” (Cândido, 2017b, p. 56)

- Keller deu aulas em português em 1964 em Brasília (Kerbaudy, 1996a)

- Aprendizagem sem erros, aproveitamento integral, utilização de processos de aprendizagem (Cândido, 2017b; Keller, 2001; Silva et al., 2022)

- Rodolpho Azzi encarregou Isaías Pessotti do curso IAEC2 (Moraes, 2023)

- Professores, Alunos e Ajudantes:

- Carolina Bori teve a ajuda de Fred Keller, Rodolpho Azzi e Gilmour Sherman (Cianca et al., 2020; Cunha, 1998; Keller, 2001; Mejias, 1997, 1998; Kerbaudy, 1998) (Cunha, 1998, e Guedes, 2022, por exemplo, não cita Sherman; Hanna et al., 2022; Malott, 2022 e Moreira, 2022b não citam Azzi e Sherman; Shull, 2022 não cita Azzi nem Bori)

- Alunos: Guidi e Todorov (Cunha, 1998; Keller, 1996a) / Todorov aluno de mestrado (Hanna et al., 2022) / Luiz Marcellino de Oliveira aluno de mestrado (Keller, 1996a)

- Alunos que vieram da USP (Drachenberg, 1998)

- Todorov como “professor assistente” (Malott, 2022)

- Isaías convidado em 1965 por Carolina Bori para ser professor assistente na UnB (Moraes, 2023)

- Outros ajudantes / integrantes da equipe de Carolina Bori: Matos, Herma Drachenberg, Isaías Pessotti, Maria Helena (?), Geraldina Witter, Dora Fix Ventura, Todorov, Luiz Seixas de Queiroz, Kerbaudy, Luiz Marcelino de Oliveira e Mario Guidi (Borges, 1998; De-Farias et al., 2021; Keller, 1996a; 2001; Guedes, 2022; Moraes & Rolim, 2022; Moreira, 2022b)

- Ditadura militar:

- O curso teve início em agosto de 1964 e foi interrompido em 1965 pela ditadura militar (Almeida, 2007; Batista et al., 2005; Cândido & Massimi; Cunha, 1998; Cianca et al., 2020; Feitosa & Mulholland, 2022; Todorov & Hanna, 2010; Zannon & Bori, 1996)!!!

- *Demissão de Rodolpho Azzi (Cândido, 2017b; Cândido & Massimi, 2016; Gotti et al., 2021; Guedes et al., 2006; Psicologia: Ciência e Profissão, 2010; Todorov, 1996; Todorov & Hanna, 2010)*

- *Demissão de Isaías Pessotti e Maria Helena (?), que eram Instrutores (Guedes, 2022)*

- *“Uma das vítimas institucionais desse estado político de restrição à liberdade foi o colapso da recém-nascida Universidade de Brasília, quando em 1965 houve a demissão da grande maioria dos professores e pesquisadores. Este manifesto contra a interferência política abusiva na universidade teve um impacto muito elevado como uma interrupção abrupta das estratégias educativas e científicas desenhadas para o curso de Psicologia daquela universidade, bem como das carreiras pessoais, dos planos de vida e familiares de muitos investigadores, professores e estudantes” (Ferrari, 2014, p. 102)*

- Curso de Modificação do Comportamento na USP (sem data):

- *“Neste período [década de 1970], a professora Thereza Mettel ministrou na Universidade de São Paulo, o primeiro curso de Modificação do Comportamento, em nível de pós-graduação no Brasil” (Rafih-Ferreira, 2016, p. 187)*

- Curso de Modificação do Comportamento em 1969:

- *(cf. História Institucional: Associações: AMC)*

- *Curso de “Análise Experimental do Comportamento Aplicada” (Mejias, 1997, p. 12)*

- *Organizado por Luiz Otávio Seixas Queiroz e realizado na Universidade Católica de Campinas (Mejias, 1997; Torres et al., 2020)*

- *“O conteúdo incluía as dimensões da Análise do Comportamento Aplicada (em inglês, Applied Behavior Analysis – ABA), associando procedimentos clínicos e pesquisa experimental” (Torres et al., 2020, p. 4)*

- *Encerrado depois de conflitos entre L. O. S. Queiroz e o reitor, com uma relação direta ao AI-5 (Mejias, 1997)*

- Curso de Modificação do Comportamento em 1973:

- *Ministrado por Gary Martin (University of Manitoba, Canada) (Cury, 1997; Mejias, 1997)*

- *Aconteceu na USP*

- Curso de Modificação do Comportamento em 1974:

- *Ministrado por Gary Martin (University of Manitoba, Canada) (Cury, 1997)*

- *Aconteceu na PUC*

- *“Em outubro de 1974, o Professor Martin retorna ao Brasil. Ministra um curso de Modificação do Comportamento para alunos da PUC, outro para profissionais interessados em Modificação do Comportamento em Excepcionais” (Cury, 1997, p. 25)*

- Treino de Modificação do Comportamento (1973-1974):

- *Curso de “Treino em Modificação de Comportamento” dirigido por Kerbauy teve assessoria constante de Azzi (1973-1974) (Mejias, 1997, p. 11)*

- Curso de Análise do Comportamento Aplicada em 1974:

- *Informação conflitante: Torres et al. (2020) afirmam que o curso foi em 1974 (Alves et al., 2020; Guedes et al., 2006) dizem que o curso foi em 1975*

- *Ministrado por Donald Baer e C. B. Ferster (Alves et al., 2020)*

- *Simpósios e conferências na UFMG (Alves et al., 2020)*
 - *“Em julho de 1974, Ferster e Donald Baer estiveram no Brasil, em Belo Horizonte e em São Paulo” (Torres et al., 2020, p. 8)*

- Curso de Modificação do Comportamento em 1975:

- *(cf. História Institucional: Associações / Sociedades: AMC)*
 - *(cf. História de uma Disciplina: Terapia Comportamental)*
 - *Ministrado por Gary Martin (University of Manitoba, Canada) (Alves et al., 2020; Cury, 1997)*

- *Organizado por Hélio José Guilhardi, Luiz Octávio Seix de Queiroz, Maria Amália Andery, Maria do Carmo Guedes (Alves et al., 2020; Cury, 1997; Rafihi-Ferreira, 2016; Torres et al., 2020)*

- *“... nota-se a influência de Garry Martin junto ao grupo que estava à frente da AMC” (Torres et al., 2020, p. 8)*

- Curso 1983:

- *Curso em São Paulo a convite da AMC com participação de Jack Michael (Guedes et al., 2006)*

- Simpósio sobre Terapia Comportamental e Cognitiva em 1985:

- *A AMC organizou um simpósio para a SBPC sobre Terapia Comportamental e Cognitiva (Guedes et al., 2006)*

- 1ª Reunião Anual de Psicologia, em Ribeirão Preto, em 1971:

- *“Neste evento a maioria das comunicações era sobre experimentos com animais (pesquisadores como Maria Amélia Matos, Isaias Pessotti, Maria Lúcia Ferrara, João Cláudio Todorov, Suzana S. Prado, Cesar Ades, entre outros); três era de modificação do comportamento com excepcionais e quatro de modificação do comportamento na escola” (Lima, 1997, p. 20)*

- XXIV Reunião Anual de Psicologia em Ribeirão Preto (1994):

- *Sessão de homenagem à Carolina Bori (Borges, 1998)*

- Seminários de Programação de Cursos de Análise do Comportamento (1971):

- *Seminários de Programação de Cursos de Análise do Comportamento ministrados em 1971 por Maria Amélia Matos em Minas Gerais (Jardim, 1998)*

- XXX Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia:

- *Outorga do título de Doutora Honoris Causa a Carolina Bori em 2000 (Feitosa, 2005, 2007; Souza, 2005)*

- XXX Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia:

- *Participação de Murray Sidman (Landeira-Fernandez & Cruz, 2022)*

- Second ABAI International Conference / 13º Encontro da ABPMC (2004):

- *ABAI e ABPMC organizaram conjuntamente um congresso no Brasil, sendo contexto para a formação do Think Tank on Cultural Studies (Malott, 2022; Vasconcelos et al., 2022)*

História de Processos Sociais

- Cenário político internacional:

- Segunda Guerra Mundial
- Guerra Fria
- “Consideremos a situação: no início da década de 1960, depois da revolução cubana, o lema em toda a América Latina era ‘Yankee, vá para casa!’. O movimento político estudantil foi intenso” (Todorov, 1996, p. 7)
- “... acordos do Ministério da Educação e Cultura (MEC) brasileiro com a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (Usaid, na sigla em inglês)” (Souza Júnior et al., 2018, p. 451)
- Programa de Assistência Brasileiro-americana ao Ensino Elementar (Pabae) (Souza Júnior et al., 2018)

- Cenário de desenvolvimento educacional:

- “A renovação educacional esteve particularmente ligada à promoção da universidade e, conseqüentemente, ao investimento na constituição de um campo de produção científica no país. Na década de 1930, as discussões sobre investimento materiais e simbólicos na universidade ganharam densidade.... A partir da década de 1950, fortaleceram-se compreensões pragmáticas e desenvolvimentistas da educação brasileira, capitaneadas, especialmente, pelo MEC” (Souza Júnior et al., 2018, p. 453)
- “A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP tinha menos de 30 anos e ainda respirava a marcada influência dos professores europeus que vieram nos anos 30. A influência americana começou durante a II Guerra Mundial, e a Comissão Fulbright no MEC era parte de um acordo entre os governos do Brasil e dos EEUU” (Todorov & Hanna, 2010, pp. 146-147) (Frances, 2001; Todorov, 1996) / Fulbright (Fagundes, 2017a)!!!
- “Esse cenário sociopolítico no campo educacional acentuou o foco nos métodos de ensino e no desenvolvimento de pesquisas no meio universitário brasileiro” (Souza Júnior et al., 2018, p. 454)
- “A institucionalização da Análise do Comportamento compõe o cenário vivido pela Psicologia, no Brasil, à época. A década de 1960 marcou o crescimento na instalação de cursos de graduação...” (Torres et al., 2020, p. 4)

- Ditadura militar / Golpe militar / AI-5:

- (cf. História de Eventos: Plano de Brasília)
- **1964-1985**
- É possível encontrar na literatura outras datas, como 1979, quando se inicia um processo de transição à democracia, com o fim do AI-5 e a Lei de Anistia (nº 6.683/1979), e também se apresenta o seu fim em 1988, com a nova Constituição (Melo, 2012)
- **Ditadura / Intervenção militar:**
- “Regime militar” (Carvalho et al., 1998f; Tunes & Simão, 1998, p. 305; Velho, 1998, p. 217)
- “Ditadura civil-militar” (Alves & Miranda, 2022, p. 10)
- “Totalitarismo” (Mello, 1998, p. 221)
- “Aconteceu o desmantelamento do belo projeto de tantos cientistas e intelectuais” (Moraes, 1998, p., 113)

- “Este período é denotado como um período de dias e noites difíceis sob o governo militar ditatorial que foi imposto ao povo brasileiro como uma reação a uma suposta ameaça de uma influência política de esquerda que poderia levar a um regime comunista. Este governo autoritário foi anunciado como transitório, mas teve uma duração mais longa do que o previsto, o que afetou tragicamente os direitos humanos e a liberdade de expressão de todas as formas de pensamento e organização social.” (Ferrari, 2014, p. 102)

- *Intervenção militar na UnB em 1964-1965* (Almeida, 2007; Batista et al., 2005; Borges, 1998; Cândido, 2017b; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Cianca et al., 2020; Cunha, 1998; De Rose & Galvão, 2023; Feitosa & Mulholland, 2022; Ferrari, 2014; Gotti et al., 2021; Guedes, 2022; Guedes et al., 2006; Moraes, 1998; Pessotti, 1998; *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2010; Pompermaier, 2023; Rafihi-Ferreira, 2016; Salzano, 1998; Soares, 1998; Todorov, 1996; Todorov & Hanna, 2010; Vilares & Azoubel, 2023; Zannon & Bori, 1996)

- “A UnB tinha sido um experimento educacional revolucionário, que foi depois contido pela truculência da ditadura militar. Mas é provável que alguma coisa da UnB inicial ainda persistisse em alguns nichos, e que a psicologia fosse um desses nichos” (De Rose & Galvão, 2023, p. 104)

- “[Universidade de Brasília] soube reagir à brutalidade do regime militar que tentou destruí-la de todas as formas, tanto pela ocupação armada de seu campus, como pela expulsão de professores e a nomeação de um militar para dirigi-la” (Borges, 1998, p. 103)

- “O golpe militar no país; a implantação da ditadura; as cassações de professores e, finalmente, a intervenção na Universidade de Brasília em novembro de 1965; o fim de um sonho Mas a História é mais forte que o sonho e a Ciência, que os quartéis” (Matos, 1998b, pp. 94-95)

- “A decisão de montar um Departamento de Psicologia modelar em Brasília, em plena ditadura, sabendo que, se não ousasse então, talvez nunca mais se poderia fazê-lo. A organização desse departamento na Universidade de Brasília foi uma demonstração cabal de competência e ética: de autêntica chefia, como a defini acima. Mais ainda, quando foi preciso defender a obra começada, e o nosso ideal de Universidade e liberdade de pensamento, durante o cerco militar e a desativação da UnB” (Pessotti, 1998, p. 244)

- “Em outubro de 1965, a UnB passou por uma das maiores crises que a afetaram durante a ditadura militar. Nove professores de diversos departamentos, incluindo Rodolpho Azzi, foram demitidos por motivos políticos. Em protesto, mais de 200 professores, representando mais de 90% do corpo docente da UnB, pediram demissão” (Todorov & Hanna, 2010, p. 147)

- Cerca de 200 professores pediram demissão em protesto a ocupação militar na UnB (Zannon & Bori, 1996)

- “Pedido de demissão que mais de duzentos professores já contratados assinaram. Um ato ético-político, todos reconhecemos” (Guedes, 2022, p. 90)

- Robert Berryman como único professor permaneceu na UnB após a intervenção militar na universidade (De Rose & Galvão, 2023; Gotti et al., 2021; Guedes et al., 2008; Todorov & Hanna, 2010)

- “Dos professores de psicologia então em exercício, só Robert Berryman permaneceu” (Todorov & Hanna, 2010, p. 147)

- “O Prof. Robert Berryman tinha ido há alguns anos para a UnB, indicado por Fred Keller, e não acompanhou os 223 professores que se demitiram em 1965, em protesto contra a interferência da ditadura militar na universidade. Berryman permaneceu na UnB até o ano anterior à nossa entrada na psicologia [1970]” (De Rose & Galvão, 2023, p. 104)

- “Infelizmente, em 1965, uma convulsão na Universidade acabou com todos os cursos, como talvez se lembrem os membros desta Associação. O novo procedimento, nessa

época, havia sido usado com sucesso por dois semestres, e outros departamentos estavam expressando interesse a respeito, mas ele não foi retomado quando a Universidade reabriu, com uma liderança diferente e com uma equipe de professores diferente” (Keller, 2001, p. 463)

- Consequências:

- “Até hoje, bem depois que a ditadura dispersou o grupo de Brasília, e que nossas carreiras e instituições de trabalho se separaram, ainda a chamo de minha chefe’ [Carolina Bori]” (Pessotti, 1998, p. 243)

- Com a intervenção militar, vários professores voltaram para a USP (Stamirowski, 1998)

- *Diáspora da Análise do Comportamento* (Guedes et al., 2006; Todorov & Hanna, 2010)!!!

- “Diáspora da Universidade de Brasília” (Guedes, 2022, p. 90)

- *Diáspora de 1972*: “a diáspora de 1972, quando o reitor da UnB, Capitão da Marinha, demitiu diversos professores do departamento, alguns dos quais se mudaram para a Universidade Estadual de Londrina, para onde foi, também, o recém-formado Zé Antonio” (De Rose & Galvão, 2023, p. 104)

- “Durante a ditadura militar que tomava conta do país e sob as consequentes restrições pessoais, políticas e econômicas impostas a todos, os analistas do comportamento voltaram-se para o ensino e para a aplicação clínica, bem como para sua organização interna. Com a volta dos militares a seus quartéis e o cancelamento das restrições xenófobas quanto a viagens para o exterior, quanto à compra de livros estrangeiros, quanto à vinda de professores de outros países, quanto à importação de equipamentos científicos etc., as universidades ensaiaram renascer” (Matos, 1998b, p. 98)

- Rodolpho Azzi:

- *Rodolpho Azzi um dos nove professores demitidos da UnB* (Cândido, 2017b; Cândido & Massimi, 2016; Gotti et al., 2021; Guedes et al., 2006; *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2010; Todorov, 1996; Todorov & Hanna, 2010)

- *Rodolpho Azzi foi preso pela ditadura na década de 1970* (*Psicologia: Ciência e Profissão*, 2010)

- *Preso duas vezes durante a ditadura militar* (Cândido & Massimi, 2016)

- Luiz Otávio Seixas Queiroz:

- “Nesse mesmo ano, porém, um ano difícil, em que foi baixado o AI-5, o novo Reitor da Universidade entrou em conflito com um grupo de professores, entre os quais Luiz Octavio que, foco principal desses conflitos, teve que deixar a Universidade em agosto daquele mesmo ano. Foram 50 os professores que, então, se afastaram da Universidade” (Mejias, 1997, p. 12) (Batista et al., 2005)

- *Recebeu anistia, em 1986, pelo decreto nº 92.768, após as demissões no período de 1964-1965* (Feitosa & Mulholland, 2022)

- “Quando o grupo de professores de Brasília se dissolveu, Luiz Octavio voltou para São Paulo” (Mejias, 1997, p. 11)

- Keller:

- *Um mês depois de Keller e Dona Frances chegarem no Brasil, no dia 2 de março, aconteceu o golpe civil-militar em 1964. Keller (1987) relata com detalhes esses momentos, amparado por seu diário.*

- “A revolução está terminada! ... Parece que o golpe foi triunfante, mas nosso futuro sob o novo regime não é certo” (Keller, 1987, p. 199)

- “A mudança de governo ocorrida em 1964 fez com que o Prof. Keller voltasse para os EUA seis meses antes do previsto” (Guilhardi & Madi, 1996, p. 114)

- Keller, em 1965, e os acontecimentos relacionados à ditadura militar: “a angústia de Keller com o que se passava na UnB naquele fatídico segundo semestre” (Kerbaux, 1996a, p. 236)

- Outros:

- “Carolina e a Universidade de Brasília também foram atingidas pela cegueira bruta do totalitarismo” (Mello, 1998, p. 221)

- Isaias Pessotti contratado em Rio Claro em 1960 por Carolina Bori e contratou novamente “à revelia, enquanto eu estava em Milão, desempregado e com medo dos militares, para o departamento da Universidade de Brasília” (Pessotti, 1998, p. 243)

- A marcha da Família com Deus pela Liberdade (Guedes et al., 2008; Keller, 1987): “Um protesto de direita contra as ações recentes de João Goulart” (Keller, 1987, p. 199)

- Produção de uma Cartilha de contracontrole social por Sá (1985), com base na Análise do Comportamento, para educar a população a resistir à ditadura militar (Alves & Miranda, 2022)

- Instituições: interferência da ditadura militar na SBPC (Candotti, 1998; Magalhães, 1998; Queiroz Neto, 1998; Salzano, 1998; Zannon & Bori, 1996)

- Reforma Universitária:

- Repressão do “regime” na USP na década de 1960, por exemplo, com o AI-5 (Ades, 1998) / perseguição a professores pelo “governo militar” (Mello, 1998, p. 221)

- “Dentro da Universidade vivíamos o fracionamento simbólico do país como uma verdadeira guerra civil, mantida pelo servilismo político e pelo terror militar” (Mello, 1998, p. 221)

- Lei 5.540/1968 (Lei da Reforma Universitária) (Ades, 1998; Guedes et al., 2006)

- “Reformulação ampla de toda a política universitária” (Barros, 1998, p. 79)

- A Reforma Universitária e os impactos na nova estruturação da USP: fim das FFCL, extinção das Cátedras, criação de Institutos e Departamentos (Ades, 1998; Engelmann, 1998; Carvalho et al., 1998a; Cunha, 1998)

- “Dada a Reforma Universitária, foi necessária uma reunião que transformasse a Cadeira de Psicologia num Departamento” (Engelmann, 1998, p. 62)

- “Dentro da Reforma Universitária, a Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras deixava de existir” (Engelmann, 1998, p. 63)

- “A extinção das Cátedras e transformação das Cadeiras em Departamentos” (Cunha, 1998, p. 54) (Carvalho et al., 1998a)

- “O professor catedrático era o próprio senhor feudal” (Stamirowski, 1998, p. 255) (Carvalho et al., 1998a)

- “Movimento pela democratização da Universidade em 1968” (Carvalho et al., 1998a)

- “Quando veio o AI-5, em 1968, água na fervura do movimento universitário, os estudantes se retraíram. A Reforma Universitária tomou um outro rumo” (Cunha, 1998, p. 57)

- Anistia:

- Lei nº 6.683/1979, Lei da Anistia

- Redemocratização e a Lei da Anistia (Alves et al., 2022; Feitosa & Mulholland, 2022)

- Decreto nº 92.768, de 9 de junho de 1986, que afirma: “é concedida anistia a todos os servidores públicos civis da Administração direta e indireta e militares, punidos por atos de exceção, institucionais ou complementares” (Feitosa & Mulholland, 2022, p. 65)

- Anistia aos professores demitidos no período de 1964-1965: “os professores da Psicologia beneficiados com a anistia, na primeira etapa do processo, embora nem todos

tenham sido reintegrados, por razões próprias às suas trajetórias de vida. Foram eles: Alcides Gadotti, Álvaro Marchi, Carolina Martuscelli Bori, Isaias Pessotti, Luiz Otávio de Seixas Queiroz e Mário Arturo” (Feitosa & Mulholland, 2022, p. 65)

“A análise dos casos de anistia durou cerca de dez anos, perpassando três reitorias e foram anistiados no total 276 pessoas, sendo 248 professores e 28 funcionários. Se na primeira etapa prevaleceu a análise dos casos de demissão por razões políticas, nas duas etapas posteriores foram agregados casos de demissão por problemas de política interna da UnB” (Feitosa & Mulholland, 2022, p. 65)

- É interessante a ausência de Rodolpho Azzi no texto de Feitosa e Mulholland (2002), uma vez que ele é uma das pessoas mais citadas por outros textos como personagem importante das demissões da UnB

- Não utilização de ditadura / intervenção militar:

- Keller não utiliza o termo militar ou qualquer variação da palavra (e.g., Keller, 1987, 1988, 1999, 1996c)

- “Atmosfera política” (Mejias, 1997, p. 10)

- “Questão política” (Drachenberg, 1998, p. 263)

- “Convulsão política na Universidade” (Keller, 1996c, 1988, 2001)

- “Interrompido por fatos políticos” (Feitosa, 2005, p. 265)

- “Cancelada logo no ano seguinte de sua implementação, por razões políticas” (Marinho, 2020, p. 5)

- “Acontecimentos políticos brasileiros” (Fagundes, 2017a, p. 86)

- “Revolução” (Keller, 1987, p. 199)

- “O episódio da UnB” (Ades, 1998, p. 74)

- “Houve tempos difíceis, de intolerância” (Jardim, 1998, pp. 119-120)

- “Infelizmente, a experiência de Brasília sofreu interrupção brusca durante o segundo semestre de sua operação, devido a um clima de insatisfação geral dentro da Universidade, que culminou com o afastamento de mais de 200 professores” (Keller, 1999, p. 11)

- “Uma iniciativa universitária que fora interrompida pela intolerância daqueles que não suportavam espaços de liberdade, mesmo sendo este ao nível acadêmico, como foi o projeto inicial da Universidade de Brasília” (Soares, 1998, p. 146)

- Estabelecimento de relação entre Análise do Comportamento e ditaduras militares, políticas de direita e intenções ditatoriais (Cirino, 2001, p. 82)

- Regulamentação da Psicologia em 1962:

- Lei nº 4.119/1962

- PUC-RJ e USP ofereceram cursos de Psicologia em 1958 (Todorov & Hanna, 2010) / USP em 1958 (Windholz, 1998; Matos, 1998b)

- Contextualização da Psicologia brasileira antes da década de 1960 (Cândido & Massimi, 2012; Guedes et al., 2008)

- “Movimento pró reconhecimento da profissão no País. Esse movimento colocou em disputa dois polos centrais no desenvolvimento da psicologia no Brasil, Rio e São Paulo, e contou com a participação dos estudantes universitários” (Borges, 2022, p. 108)

- “A Psicologia ainda não era reconhecida como profissão e em que ela [Carolina Bori] foi um dos membros da Comissão de Cinco que discutiu e elaborou o projeto da Lei do Psicólogo e lutou, junto com outros, pela sua aprovação” (Windholz, 1998, p. 238)

- “Carolina Bori liderou um movimento de rejeição da proposta do Rio de Janeiro e de aprovação do estatuto que, ainda hoje, regulamenta o exercício profissional do psicólogo no Brasil” (Matos, 1998a)

- Bori presidiu a comissão que elaborou o projeto de lei (Souza, 2005)
 - Carolina Bori (Borges, 2022; Cândido & Massimi, 2012, 2016; Feitosa, 2005, 2007; Kerbauy, 2004; Matos, 1998a; Souza, 2005; Tomanari, 2005; Torres et al., 2020; Windholz, 1998)
 - Matos (Tomanari, 2005)
 - Estabelecimento do Código de Ética Profissional (Alves et al., 2020; Cândido & Massimi, 2016; Rafihi-Ferreira, 2016)
 - A criação subsequente do Sistema de Conselhos (Alves et al., 2020; Borges, 2022; Cândido & Massimi, 2016; Rafihi-Ferreira, 2016)
- Criação do Sistema de Conselhos de Psicologia:**
- Lei nº 5.766/1971
 - A criação do Sistema de Conselhos (Alves et al., 2020; Borges, 2022; Rafihi-Ferreira, 2016)
 - Carolina Bori foi o registro número um no Conselho de Psicologia no Brasil (Kerbauy, 2004)
 - Participação de Todorov (Albuquerque & Lemos, 2022; Borges, 2022; Moraes & Rolim, 2022)
- Movimento dos Direitos dos Animais:**
- (cf. História de Disciplinas: AEC)
 - (cf. História de Métodos: Laboratório didático)
 - “Especismo” (Gotti et al., 2021, p. 25)
 - Mudanças na legislação sobre o uso de animais no laboratório em atividades didáticas e de pesquisa (Gonçalves et al., 2020; Strapasson & De Luca, 2021)
 - Lei nº 6.638/1979 (impunha restrições, mas não limitava o laboratório operante) (Gonçalves et al., 2020)
 - Lei nº 11.794/2008 (Lei Arouca) (Gonçalves et al., 2020; Strapasson & De Luca, 2021)!!!
 - Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (CONCEA): órgão responsável pela formulação e cumprimento de normas para o uso de animais em atividades de ensino e pesquisa (Gonçalves et al., 2020; Strapasson & De Luca, 2021)!!!
 - Comissão de Ética no Uso de Animais (CEUA): comissões obrigatórias em instituições que utilizam animais em ensino e pesquisa (Gonçalves et al., 2020)
 - “Guia de Princípios Éticos para o uso de Experimentação Animal (s.d.), do Comitê de Ética em Experimentação Animal da Universidade Federal de Minas Gerais (CETEA/UFMG) (Cirino et al., 2010, pp. 22-23)
 - “No nível federal, desde 1995, vêm tramitando projetos de lei específicos para a ética de tratamento de animais. O primeiro deles, de autoria do deputado Sérgio Arouca (PL 1.153-B/1995), teve como anexo o projeto de lei da deputada federal Iara Bernardi (PL 1.691/2003), cuja ementa dispõe sobre o uso de animais para fins científicos e didáticos e estabelece a escusa de consciência à experimentação animal. Um dos aspectos mais importantes desse projeto de lei é o fato de estarem vetadas práticas de laboratório com animais, cujos resultados já se sabe ou estão previstos pela literatura” (Cirino et al., 2010, p. 22)
 - “O próprio Todorov afirma que os estudos sobre controle aversivo ‘praticamente pararam nos últimos 30 anos devido a diversas razões, que incluem controle ético mais estrito’” (Moraes & Rolim, 2022, p. 52)

- Criação da nova capital brasileira: (EVENTO?)

- “Como parte de um grandioso plano para o Brasil, a nova capital deveria ser uma ruptura com o passado, uma ponta de lança para o desenvolvimento de vastas áreas do interior brasileiro” (Todorov, 1996, p. 7)

- Isolamento da Análise do Comportamento:

- *Isolamento da Análise do Comportamento em relação à outras áreas da Psicologia* (Strapasson et al., 2017)

- Gênero / Participação das mulheres na Análise do Comportamento:

- Keller (1988) descreve o impacto de algumas analistas do comportamento, como Carolina Bori, Maria Amélia Matos, Dora Fix Ventura, Maria Ignez Rocha e Silva, Margarida Windholz, Nilce Meijas e Rachel Kerbauy

- “A história da participação das mulheres na Análise do Comportamento” (Keller, 1988, p. 43): “Carolina, Maria Amélia, Maria Lúcia, Thereza, Maria Ignez, Nilce, Margarida, Geraldina, Rachel” (Keller, 1988, p. 43)

- Ainda menciona rapidamente outras analistas do comportamento: “Adélia, Aldair, Ana Maria, Deisy [das Graças de Souza], Dircenea, Elenice [Aparecida de Moraes Ferrari], Lígia [Maria Machado?], Lúcia, Martha [Hübner?], Silvia, Tareia, Teresa [de Araújo Menezes?], Vera [Otero?]...” (Keller, 1988, p. 45)

- “Quanto ao gênero das autorias, de um total de 21 autores e coautores, a maioria referia-se a nomes atribuídos a mulheres (n=13)... esse resultado coaduna com o perfil tradicionalmente feminino na Psicologia, no Brasil” (Torres et al., 2020, p. 7)!!!

- Laurenti et al. (2019) apresentam, por meio das defesas de teses e dissertações, a presença de mulheres na Análise do Comportamento brasileira. É a partir da primeira década de 2000 que a produção de homens passa a aumentar no mestrado, e é a partir de 2007 que aumentam as produções de homens em nível de doutorado.

- Análises de quantidade de mestres(as) e doutores(as), quantidade de pessoas por gênero em publicações em periódicos especializados, editoriais, docência e bolsistas produtividade (Laurenti et al., 2019)

- Mulheres com mais publicações na ReBAC até 2021 foram Deisy das Graças de Souza (24), Elenice Seixas Hanna (14), Maria Helena Leite Hunziker (11), estando em primeiro, quarto e sétimo lugar, respectivamente (Curiel et al., 2021)

- Análise da participação de mulheres em publicações na ReBAC desde a sua criação até 2021, e os dados mostram que a participação de homens e mulheres é aproximadamente igual e não apresentou uma tendência clara ao longo dos anos (Curiel et al., 2021). É válido ressaltar que em alguns quesitos, como autoria única, existe uma tendência de homens terem mais publicações. Tendo em vista que a maioria dos psicólogos formados são mulheres, esse suposto equilíbrio pode ser visto por outro prisma

- Indigenização:

- INDIGENIZAÇÃO (Araujo, 2016, p. 2) – Texto sobre Nova História

- “... análise das formas de recepção e circulação dos conhecimentos psicológicos em relação às condições de cada localidade” (Souza Júnior et al., 2018, p. 450)

- Ainda que Leonardi (2015) e Silva et al. (2022) não utilizem o conceito “Indigenização”, os textos buscam estabelecer um caminho específico que a comunidade analítico-comportamental clínica tomou (e.g., explorando como a clínica comportamental se desenvolveu no Brasil em uma relação estreita com o Comportamentalismo Radical skinneriano; como o isolamento da AC foi diferente no Brasil e EUA)

- “A partir da sua utilização, surgiram algumas variações nesse método, como consequência de questionamentos de Carolina Bori a respeito de limitações presentes no PSI” (Cianca et al., 2020, p. 116): *Adaptação do PSI ao contexto brasileiro e sua evolução para a PCDC (Carvalho et al., 1998f)*

- Vinda de psicanalistas argentinos para o Brasil e o enfraquecimento da Análise do Comportamento:

- “Nos anos 80, houve uma considerável diminuição no número de cursos de Análise do Comportamento no nível de graduação. Reações ao Behaviorismo Radical, expressas por grupos que tinham pouco contato com a Análise do Comportamento, tais como linguistas, historiadores, filósofos (e assim por diante) levantaram obstáculos à aceitação dos alunos em relação a esta opção. Uma conturbação política na Argentina causou o exílio de centenas de psicanalistas que se mudaram para o Brasil e para nossos cursos de graduação” (Bori, 2001, p. 303)

História de Métodos

- Laboratório operante com animais:

- (cf. *História de uma Disciplina: Análise Experimental do Comportamento*)
- (cf. *História de um Processo Social: Movimento de direito dos animais*)
- *Método de pesquisa, mas também de ensino (Cirino, 2001; Gonçalves et al., 2020; Lopes et al., 2008)*
- *Laboratório animal operante como uma prática histórica importante de ensino de Análise do Comportamento (Cirino, 2001; Lopes et al., 2008) / “cumprir uma série de funções didático-pedagógicas” (Gonçalves et al., 2020; Miranda & Cirino, 2010a; Strapasson & De Luca, 2021)*
- *“Via de regra, o laboratório didático de análise do comportamento constitui-se como um laboratório animal operante” (Cirino et al., 2010, p. 16)*
- *Fred Keller montou o laboratório de pesquisa com uma caixa da Grason-Stadler para o curso de 1961 (Cirino et al., 2012; Matos, 1996, 1998b; Miranda & Cirino, 2010b)*
- *“Rodolpho havia improvisado um pequeno laboratório didático com quatro ou cinco unidades de ‘caixas de Skinner’, e que na verdade funcionava muito bem” (Matos, 1998b, p. 92)*
- *“Em 1961, com os recursos de que dispúnhamos, a realização de experimentos somente era possível com um animal por vez, e mesmo assim com o monitoramento contínuo pelo experimentador. Não havia formadores de pulso em quantidade suficiente, nem gerador de som, nem misturador de polaridade para choque elétrico, nem marcadores de passo, etc. Estas contingências determinaram que, nos primeiros estudos de laboratório, se estudassem variáveis temporais bem como alguns esquemas básicos, esta última opção perdurando por muito tempo entre nossos pesquisadores” (Matos, 1998b, p. 95)*
- *Luiz Otávio montou o Laboratório de Análise Experimental do Comportamento na PUC-Campinas na década de 1960 (Batista et al., 2005)*
- *Práticas laboratoriais com caixas de Skinner e registradores cumulativos na FFCL-RP com Luiz Marcellino de Oliveira (Ferrari, 2014)*
- *Miranda e Cirino (2010b) e Cirino et al. (2012) apresentam fotos dos laboratórios tanto da USP quanto da UnB*

- *Descrições dos laboratórios (Cirino et al., 2012; Miranda & Cirino, 2010b; Matos, 1998b)*

- *“Argumenta-se, sobretudo, que novas configurações para o Laboratório de Análise do Comportamento devem ser concebidas e concretizadas, para além do Laboratório Animal Operante” (Lopes et al., 2008, p. 77)*

- *Declínio das práticas com modelos animais após o falecimento de Carolina Bori em 2004 (Gotti et al., 2021, p. 25)*

- Procedimento com ratos:

- *Preconceitos em relação à AC: “ratologia” (Cirino et al., 2010, p. 21; Gotti et al., 2021, p. 23)*

- *Uso especialmente do rato branco como sujeito experimental (Gonçalves et al., 2020; Matos, 1996, 1998b)*

- *Rato albino como “sujeito experimental primordialmente utilizado” (Miranda et al., 2011, p. 199)*

- *Laboratório com ratos e pombos (Mejias, 1997)*

- *“Naquela ocasião vi alguns ratos albinos circulando pela grama do terraço, e todos rimos quando um de nossos amigos brasileiros nos contou que ratos de laboratório não eram sacrificados quando envelheciam, mas eram soltos... Tenho certeza de que Brasília era a única cidade do mundo com ratos albinos selvagens nos parques” (Ribes-Iñesta, 2022, p. 95)*

- *Rato Brasilino: “Um rato de João Claudio que encadeava dezenas de respostas para obter acesso a um bebedouro” (Guedes, 2022; Pessotti, 2022, p. 89)!!!*

- Procedimento com pombos:

- *“Esses trabalhos foram inicialmente motivados por questionamentos sobre a generalidade dos resultados obtidos com animais, especialmente pombos, baseados na dificuldade de se estabelecer a resposta de bicar como esquiva. Os resultados dos estudos comprovaram a sensibilidade do bicar às contingências aversivas” (Todorov & Hanna, 2010, p. 149)*

- *Inovação de Kerbauy ao criar laboratório de pombo na Sedes Sapientiae (Alves et al., 2019; Guedes et al., 2006; Keller, 1988; Kerbauy, 1996a; Mejias, 1997)*

- *Matos e experimentação com pombos (Tomanari & Debert, 2010)*

- *Lígia Maria Machado e experimentos com pombos (Medeiros, 1999)*

- *João Cláudio Todorov e a experimentação em controle aversivo com pombos (Hanna et al., 2022; Moraes & Rolim, 2022)*

- Procedimento com abelhas:

- *Estudo de pressão à barra em abelhas por Isaias Pessotti no início da década de 1960 (Moraes, 2023)*

- *“Isaias buscou diferenças e semelhanças na aprendizagem de mamíferos e insetos e, de maneira inovadora demonstrou que as mesmas técnicas de condicionamento eram também eficazes com abelhas” (Moraes, 2023, p. 260)*

- *Isaias construiu o primeiro aparato para abelhas em 1961 (Moraes, 2023)*

- *Descrição detalhada do procedimento inovador desenvolvido por Pessotti no início da década de 1960 (Otero, 2006)*

- *“Ao estudar o comportamento de abelhas, o professor Isaias trouxe um novo olhar metodológico e iniciou uma linha de pesquisa em Análise Experimental do Comportamento” (Otero, 2006, p. 10)*

- Procedimento com primatas:

- “Esse laboratório [Escola Experimental de Primatas da UFPA] desenvolve estudos com o objetivo de identificar a rota de ensino e os procedimentos necessários para a obtenção de classes de estímulos equivalentes em animais não-humanos, principalmente primatas” (Todorov & Hanna, 2010, p. 150)

- Procedimento com aranhas:

- Trabalho com aranhas de César Ades (Jardim, 1998; Miranda & Cirino, 2010a)

- Procedimento com IRAP (*Implicit Relational Assessment Procedure*):

História de Aparatos

- Caixas operantes:

- Caixa de Skinner: “Utilizaremos como sinônimos de ‘caixa de condicionamento operante’ os termos: ‘caixa de Skinner’ e ‘caixa ou câmara operante’” (Miranda & Cirino, 2010b, p. 80)

- “Poucos dias depois de sua chegada, ele já havia montado seu escritório e seu laboratório. Ele trouxera ... uma unidade básica de Grason & Stadler” (Bori, 1996, p. 189)

- “Equipamentos importados da Grason-Stadler com a ajuda da FAPESP para uma pesquisa “uma análise do comportamento de esquiva” (Cândido, 2017a, p. 139) (Matos, 1996, 1998b)

- Fred Keller montou o laboratório de pesquisa com equipamentos da Grason & Stadler Company para o curso de 1961 (Fernandes et al., 2005; Matos, 1996, 1998b; Miranda & Cirino, 2010b)

- Laboratório F. S. Keller em 1961: “Na época [de sua fundação], as câmaras de condicionamento que equipavam o Laboratório eram construídas artesanalmente. Hoje, o Laboratório conta com câmaras de condicionamento industrializadas, interligadas a computadores” (Tomanari, 2001, p. 71)

- “Construímos gaiolas para nossos ratos (do Butantã) e compramos uma peça de equipamento para pesquisas avançadas” (Keller, 1996a, p. 8)

- “O laboratório de Rio Claro, então, pode ser descrito como composto por dois grupos de equipamentos: 1) aparelhos construídos por brasileiros e usados para fins didáticos e de pesquisa; e 2) aparelhos importados da Grason-Stadler e usados em pesquisas” (Cândido, 2017a, p. 140)

- Caixas de Skinner adaptadas (Cândido & Massimi, 2016; Cirino et al., 2012; Fernandes et al., 2015; Kerbaudy, 1996a; Keller, 1988; Matos, 1996, 1998b; Miranda & Cirino, 2010b)

- Laboratório de Psicologia Experimental na FFCL Sedes Sapientiae tinha “caixas de papelão montadas por eles e que eram ‘aparelho’ no qual condicionavam os pombos e assim realizavam os exercícios de laboratório” (Kerbaudy, 1996a, p. 227)

- Caixas de papelão (Alves et al., 2019; Kerbaudy, 1996a; Meijas, 1997; Miranda e Cirino, 2010a)

- “Gaiola de passarinho transformaram-se em gaiolas-viveiros e em caixas experimentais” (Guilhardi & Madi, 1996, p. 114)

- “Rodolpho havia improvisado um pequeno laboratório didático com quatro ou cinco unidades de ‘caixas de Skinner’, e que na verdade funcionava muito bem. Adaptara, a uma das paredes de gaiolas comuns de passarinho, placas de metal com uma perfuração redonda no meio. Por essa perfuração passava uma vareta de metal de cerca de 30 cm de comprimento, dobrada numa das extremidades como se fora um cabo de guarda-chuva. Cerca de 10 cm da extremidade reta da vareta entravam pela perfuração da placa de metal, enquanto a extremidade curva ficava do lado de fora da gaiola. Quando a parte reta da vareta (“a barra”) era deslocada para baixo, a parte curva deslocava-se para cima e batia na placa metálica produzindo o ‘barulho do bebedouro’” (Matos, 1998b, p. 92)

- “O experimento foi realizado com uma gaiola de pássaros como câmara experimental” (Todorov & Hanna, 2010, p. 147)

- “Keller e seus primeiros alunos brasileiros mostraram que era possível produzir dados confiáveis em um assunto relevante, mesmo com equipamento adaptado” (Todorov, 2003, pp. 17-18)

- “Para tanto, montou, então, numa sala, um laboratório com pombos, utilizando-se de caixas de papelão descritas por Skinner e construídas pelos próprios alunos. Mais tarde essas caixas foram substituídas por caixas de Skinner padrão, os pombos, por ratos” (Mejias, 1997, p. 10)

- Isaías Pessotti:

- (cf. *História Biográfica: Isaías Pessotti*)!!!

- Mario Guidi:

- *Equipamentos de Mario Guidi* (Cirino et al., 2012; Jardim, 1998; Keller, 1996a; 1996c; Miranda & Cirino, 2010a, 2010b; Todorov, 1996)

- “Mario Guidi montou sua oficina para produzir aparelhos e instrumentos e – imaginem – contratou um mecânico” (Stamirowski, 1998, p. 254)

- “Mario Guidi, um gênio com equipamentos, que montou nossa oficina e construiu aparelhos para nosso laboratório” (Keller, 2001, p. 463)

- “O professor Mário Guidi, que tinha um vasto conhecimento técnico e fora responsável pela instalação do equipamento e funcionamento do laboratório em Brasília” (Drachenberg, 1998, p. 264)

- Instituições:

- IBECC (Cirino et al., 2012; Drachenberg, 1998; Matos, 1996, 1998b)

- “Foi firmado um convênio com o IBECC que assumiu a tarefa de reproduzir e construir esses protótipos” (Matos, 1998b, p. 96)

- “O IBECC já estava, sob a supervisão do Prof. Guidi, produzindo, em larga escala, caixas de condicionamento operante” (Drachenberg, 1998, p. 264)

- *Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências (FUNBEC)* (Cirino et al., 2012; Fagundes, 2017a, 2017b; Miranda & Cirino, 2010b; Miranda et al., 2020; Souza Júnior et al., 2018; Stamirowski, 1998)

- “Logo o FUNBEC produziria a ‘nossa’ bem brasileira Caixa de Skinner que iria revolucionar o ensino da Psicologia Experimental no Brasil” (Stamirowski, 1998, p. 254)

- *Laboratório de Análise Experimental do Comportamento da Universidade Católica de Campinas* montado por Luiz Otávio Seixas Queiroz com caixas de Skinner da FUNBEC (Batista et al., 2005)

- *Caixa de condicionamento operante no curso em FFCL-Rio Claro* (Cândido & Massimi, 2012, p. 249), com caixas operantes feitas no Brasil (Cândido & Massimi, 2016)

- *Caixa de Skinner e registradores cumulativos utilizados na FFCL-RP* (Ferrari, 2014)

- *A UnB, na década de 1970, oferecia uma disciplina de “Psicologia Geral e Experimental, com 10 câmaras experimentais para estudo de comportamento operante” (De Rose & Galvão, 2023, p. 103)*

- “[Carolina Bori] criou o primeiro, e talvez o único, projeto para o planejamento e construção de equipamento nacionais para uso em laboratórios didáticos em psicologia” (Carvalho et al., 1998a)

- Bori encomendou a Andrés Aguirre caixas experimentais para a FFCL-Rio Claro: “Andrés Aguirre (um inventor muito criativo que se dedicava a construir aparelhos especiais para médicos ortopedistas) uma caixa protótipo, que reproduzisse as principais características da caixa importada da Grason-Stadler. Contudo, além de caro, o protótipo construído apresentava alguns problemas de funcionamento de difícil solução. Somente alguns anos depois o Prof. Mário A. A. Guidi outro inventor criativo, factótum da Psicologia Experimental no Brasil, desenhou e construiu uma caixa experimental viável, que, embora necessite de manutenção constante, tem sido, até agora, em Psicologia, no país, a única peça de equipamento didático genuinamente de alcance nacional” (Matos, 1998b, p. 93)

- “Laboratórios de Psicologia Experimental surgiram por toda a parte com as Caixas-de-Skinner mudando o conceito de ensino da Psicologia Experimental” (Stamirowski, 1998, p. 256)

- “Durante muito tempo, até hoje na verdade, o problema de equipamento para uso didático permaneceu um entrave para o ensino da Análise do Comportamento no Brasil” (Matos, 1998b, 92)

- Registrador cumulativo:

- “... registrador cumulativo que estava sendo construído no Brasil por Isaias Pessotti no final de 1961” (Cândido, 2017a, p. 137) (Moraes, 2023)

- “Dois novos registradores tinham sido inventados e um terceiro estava a caminho. Um foi desenvolvido por Isaias Pessotti ...” (Cândido, 2017a, p. 140)

- Câmara operante para abelhas:

- “Caixa experimental para abelhas” (Gotti et al., 2021, p. 19)

- “Caixa experimental que permitia a apresentação do reforço para a resposta de pouso sobre um dos lados” (Cândido, 2017a, p. 140)

- Verbal 1.51 / 1.6 / 1.62 / 2.51:

- Software de computador (Gotti et al., 2021)

- Emulador de rato virtual:

- Softwares virtuais (Sniffy Pro / CybetRat)

- Troca de ratos para ratos virtuais

História de Textos

- The Definition of Psychology: An Introduction to Psychological Systems (Keller, 1937):

- Primeiro contato de Azzi com Keller foi lendo o livro de 1937

- “Encantado com o livro e com suas ideias, Rodolpho traduzira extensos trechos que usava em suas aulas. Sabedora do fato a Profa. Carolina, quando consultada pelo Prof. Sawaya, indicara sem hesitar o nome de Rodolpho para o cargo de primeiro assistente” (Matos, 1998b, p. 91) (Carvalho et al., 1998f)

- The psychology curriculum at Columbia College (Keller & Schoenfeld, 1949):

- “Ainda hoje, analisando os manuais de laboratório mais usados no Brasil, é interessante observar as consonâncias com as recomendações iniciais de Keller e Schoenfeld (1949)” (Gonçalves et al., 2020, p. 80)

- The Principles of Psychology: A Systematic Text in the Science of Behavior (Keller & Schoenfeld, 1950):

- “O livro ‘Princípios de Psicologia’ (Keller & Schoenfeld, 1950/1868) foi um marco na história da Análise do Comportamento, tendo preparado o terreno para ‘Ciência e Comportamento Humano’ (Skinner, 1953/1967). Naturalmente, esses livros foram os primeiros a serem traduzidos para o português” (Todorov & Hanna, 2010, p. 146)

- Traduzido por Bori e Azzi pela Editora Herder (Cândido & Massimi, 2012; Guedes et al., 2006; Matos, 1996; Mejias, 1997; Kerbauy, 1998)

- Atividades do primeiro semestre do curso de 1961 consistia em discutir detalhadamente K&S com Rodolpho Azzi (Matos, 1996, 1998b)

- Utilizado na UnB em 1964 (Keller, 1987)

- Ciência e Comportamento Humano (Skinner, 1953):

- “O livro ‘Princípios de Psicologia’ (Keller & Schoenfeld, 1950/1868) foi um marco na história da Análise do Comportamento, tendo preparado o terreno para ‘Ciência e Comportamento Humano’ (Skinner, 1953/1967). Naturalmente, esses livros foram os primeiros a serem traduzidos para o português” (Todorov & Hanna, 2010, p. 146)

- “Todorov ... enquanto ainda estava em São Paulo, seus deveres incluíam a tradução de material a ser usado no curso em Brasília. Science and Human Behavior (Skinner, 1953) foi parte desse material. Todorov traduzia os textos e os passava para Rodolpho Azzi, tradutor experimentado, que fazia a revisão” (Todorov & Hanna, 2010, p. 147)

- CCH traduzido por Todorov em 1967, com a revisão de Rodolpho Azzi, e publicado pela Editora UnB (Guedes et al., 2006; Todorov, 1996; Vasconcelos et al., 2022)

- CCH traduzido por Todorov com auxílio de Azzi e publicado pela Martins Fontes (De-Farias et al., 2021)

- Bori solicitou que Todorov traduzisse o CCH (Cândido & Massimi, 2016)

- The Analysis of Behavior: Program for self-instruction (Holland & Skinner, 1961):

- Teve uma tradução (“adaptação”) realizada por Ione Pereira para utilizar no curso da UFMG (Souza Júnior et al., 2018, p. 459)

- Era utilizado no curso de 1961, além de ter sido traduzido por Carolina Bori e Rodolpho Azzi (Matos, 1996)

- Suggested Portuguese translations of expressions in operant conditioning (Azzi, Rocha e Silva, Bori, Fix, & Keller, 1963):

- “Nesse primeiro ano, Keller ainda trabalhou no primeiro dicionário inglês-português de terminologia operante, primeiro passo em uma longa sequência de traduções de artigos e livros” (Todorov & Hanna, 2010, p. 147) (Guedes et al., 2006)

- *Tradução de expressões analítico-comportamentais* (Guedes et al., 2006; Todorov, 2003; Todorov & Hanna, 2010)

- Exercícios de laboratório em Psicologia (Guidi & Bauermeister, 1968):

- "... primeiro manual de laboratório para alunos de graduação, com práticas em *Análise Experimental do Comportamento*" (Cândido, 2017a, p. 141) (Fagundes, 2017b)

- "*Manuais brasileiros que nortearam o planejamento das atividades nos laboratórios didáticos no país*" (Gonçalves et al., 2020, p. 79)

- Análise Experimental do Comportamento: Exercícios de laboratório com pombos (Kerbaux, 1970):

- "*Manuais brasileiros que nortearam o planejamento das atividades nos laboratórios didáticos no país*" (Gonçalves et al., 2020, p. 79)

- Análise Experimental do Comportamento: Manual de laboratório (Gomide & Weber, 1985):

- "*Manuais brasileiros que nortearam o planejamento das atividades nos laboratórios didáticos no país*" (Gonçalves et al., 2020, p. 79)

- O trabalho de laboratório na formação em Análise Experimental do Comportamento (Banaco, 1990):

- "*Manuais brasileiros que nortearam o planejamento das atividades nos laboratórios didáticos no país*" (Gonçalves et al., 2020, p. 79)

- A Análise do Comportamento no laboratório didático (Matos & Tomanari, 2002):

- "*Manuais brasileiros que nortearam o planejamento das atividades nos laboratórios didáticos no país*" (Gonçalves et al., 2020, p. 79) (Tomanari, 2005)

- Princípios Básicos de Análise do Comportamento (Moreira & Medeiros, 2007):

- *Produzido com base no PSI* (Moreira, 2022b)

- Comportamento Verbal (Skinner):!!!

- "*Tradução do livro Verbal Behavior para o português, em 1978, iniciativa que aproximou os pesquisadores brasileiros da nova área de investigação proposta por Skinner*" (Fidalgo & Banaco, 2014, p. 351)

- *Tradução* (Stamirowski, 1998)

- Cartilha de Contracontrole Social (Sá, 1985):

- "*A Cartilha de contracontrole social compôs parte da pesquisa de doutoramento de Sá em 1985 a qual se consistiu por um instrumento de educação popular de resistência à ditadura militar baseado nos princípios da Análise do Comportamento*" (Alves & Miranda, 2022, p. 8) (Alves et al., 2022).